



JESSIKA  
ASSIZ

NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO  
E O PODCAST VOZES DOCENTES: UMA CONVERSA ENTRE  
BELÉM DO PARÁ E A ILHA DO MARAJÓ



BELÉM DO PARÁ  
2024





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS A ENSINO E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO EM  
METODOLOGIAS DO ENSINO SUPERIOR  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO**

**JESSIKA DE ASSIZ DA SILVA**

**NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA  
ALFABETIZAÇÃO E O PODCAST VOZES DOCENTES:  
uma conversa entre a Ilha do Marajó e Belém do Pará**



**BELÉM - PARÁ  
2024**

Jessika de Assiz da Silva

**NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA  
ALFABETIZAÇÃO E O PODCAST VOZES DOCENTES: uma  
conversa entre a Ilha do Marajó e Belém do Pará**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Metodologias de Ensino-Aprendizagem. Linha de Pesquisa: Inovações Metodológicas do Ensino Superior.

Orientador(a): Profa. Dra. Elizabeth Orofino Lucio.

BELÉM – PARÁ  
2024



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
Autor(a)**

---

A848n ASSIZ DA SILVA, Jessika de.  
NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA  
ALFABETIZAÇÃO E O PODCAST VOZES DOCENTES:  
uma conversa entre a ilha do Marajó e Belém do Pará /  
Jessika de ASSIZ DA SILVA. 2024.  
507 f. : it. color. + 1 podcast

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Orofino Lucio  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará,  
Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e  
Extensão, Programa de Pós-Graduação Criatividade e  
Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Belém, 2024.

Acompanhado do podcast: Vozes Docentes

Acesso: <https://open.spotify.com/show/5yYa2gKFCxrACDM020Ygs3?si=4d2eb0188b3645bc>

1. Pesquisa narrativa 2. Escrita autobiográfica 3. Indução pedagógica  
4. Alfabetização 5. Podcast. I. Título. II Título: PODCAST VOZES DOCENTES

CDD 370

---



Jessika de Assiz da Silva

# NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO E O PODCAST VOZES DOCENTES: uma conversa entre a Ilha do Marajó e Belém do Pará

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Metodologias de Ensino-Aprendizagem. Linha de Pesquisa: Inovações Metodológicas do Ensino Superior.

Orientador(a): Profa. Dra. Elizabeth Orofino Lucio

RESULTADO: ( x ) Aprovado ( ) Reprovado  
DATA: 14/06/2024.

## COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente

gov.br

ELIZABETH OROFINO LUCIO

Data: 12/03/2025 09:03:04-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora Profa. Dra. Elizabeth Orofino Lucio –PPGCIMES/UFPA

Examinadora interna Profa. Dra. Cristina Lúcia Dias Vaz –  
PPGCIMES/UFPA

Documento assinado digitalmente

gov.br

CRISTINA LUCIA DIAS VAZ

Data: 12/03/2025 12:35:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora interna Profa. Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas –  
PPGCIMES/UFPA

Documento assinado digitalmente

gov.br

NETILIA SILVA DOS ANJOS SEIXAS

Data: 12/03/2025 17:31:42-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora externa Profa. Dra. Daniele Dorotéia Rocha da Silva de Lima  
– PPEB/UFPA

Documento assinado digitalmente

gov.br

DANIELE DOROTEIA ROCHA DA SILVA DE LIMA

Data: 12/03/2025 12:05:12-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora externa

Profa. Dra. Márcia Regina do Nascimento Sambugari – Pós-Graduação em  
Educação/CPAN/UFMS

Documento assinado digitalmente

gov.br

MARCIA REGINA DO NASCIMENTO SAMBUGARI

Data: 12/03/2025 14:55:24-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora externa

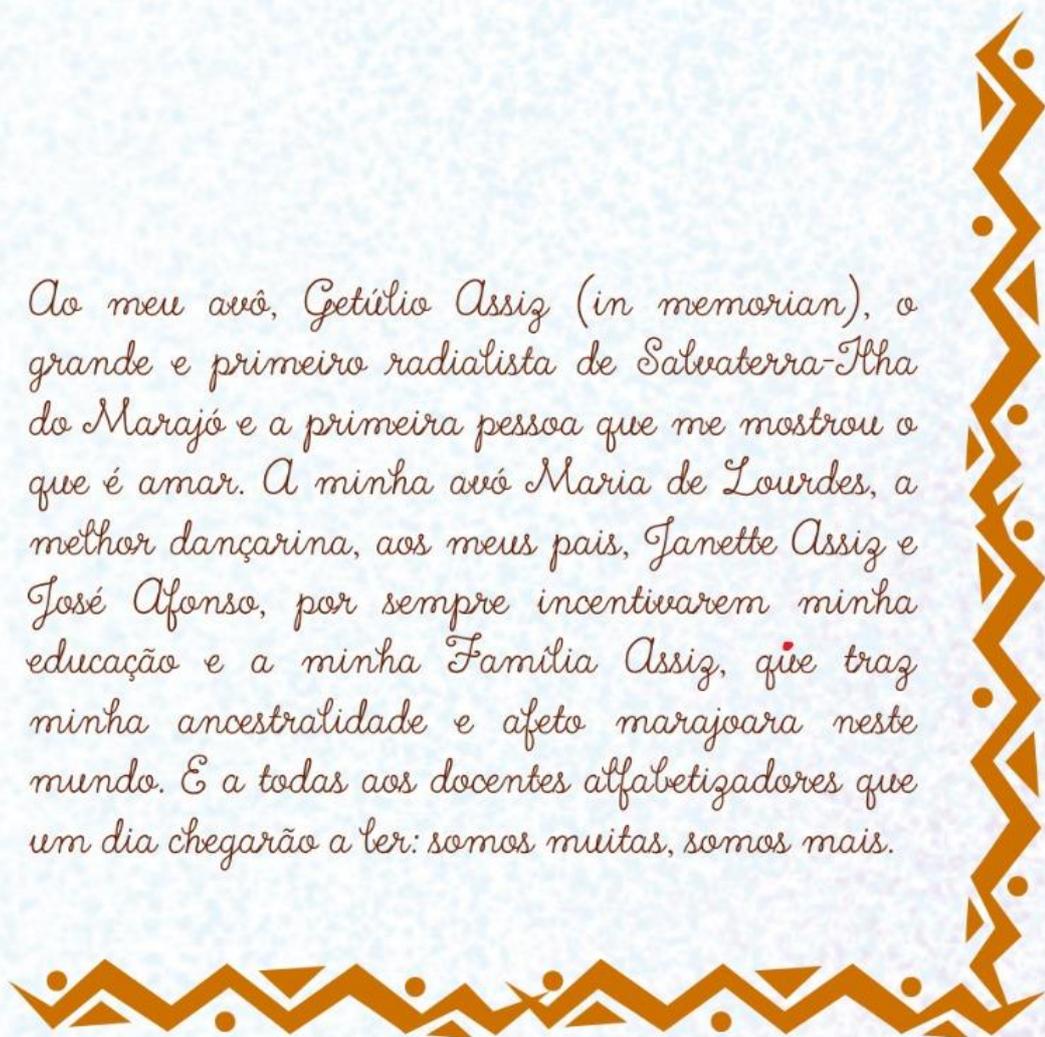
BELÉM – PARÁ

2024





Ao meu avô, Getúlio Assiz (in memoriam), o grande e primeiro radialista de Salvaterra-Ilha do Marajó e a primeira pessoa que me mostrou o que é amar. A minha avó Maria de Lourdes, a melhor dançarina, aos meus pais, Janette Assiz e José Afonso, por sempre incentivarem minha educação e a minha Família Assiz, que traz minha ancestralidade e afeto marajoara neste mundo. E a todas as docentes alfabetizadoras que um dia chegarão a ler: somos muitas, somos mais.





## Agradecimentos

A Deus e a espiritualidade em suas diversas formas, que me sustentam e me guiam por essa jornada de vida. Há quem agradeço por tudo que sou, tenho e vivo.

A mim, por antes de mais nada, acreditar que sou capaz e que não estou sozinha.

Ao meu avô e avó, Gétulio Assiz e Maria de Lourdes, que me incentivam e me ensinam a viver esta vida.

Aos meus pais, Janette Assiz e Afonso Pantoja, que fazem o seu melhor para que eu pudesse chegar até aqui e para além daqui. Amo vocês, daqui até o fim dos tempos.

A minha família Assiz, em especial meu tio Janney Assiz, minha irmã Josanne Assiz e meus sobrinhos Gustavo Palheta e Jonas Gomes, que são colo e força para mim. E aos filhotes de quatro patas: Lupi e meu filhote Lio, que chegou para me dar o amor necessário nesta reta final e que sempre esperei chegar em minha vida.

A minha amiga Ceres Macias, e também a Sofia Sadalla, Marcelo Sadalla e Anne Berguer, por serem minha família também.

Ao PPGCI MES em nome dos professores e funcionários, em especial as professora Fernanda Chocron, e Mariane Eliasquevici, e a Michele Miranda, por todo incentivo acadêmico e pessoal nessa trajetória.

As minhas amigas de mestrado e vida, Camila Mendes e Jaqueline Figueiredo, por segurarem a minha mão e não soltarem, nos bons e maus momentos. Vocês são presentes que Deus dá nessa vida.

A minha orientadora, professora doutora Elizabeth Orofino Lucio, pela acolhida intelectual e afetiva em minha trajetória acadêmica desde 2019, onde por meio de seu abraço, senti que sou muito mais capaz de ir aonde me falaram que não podia ir por ser uma alfabetizadora. Minha gratidão, a senhora, estimada professora, orientadora e amiga.

Aos colegas da turma 2022, especialmente Antônio Junior, Jordana, Juliene e Grasianno, que iniciaram comigo e viveram momentos únicos nessa trajetória que somente nós sabemos.

A minha irmã de orientação, mestra Natália Lameira que, desde o primeiro momento, me acolheu, compartilhou comigo seus saberes e me ouviu. Tu és preciosa.

Aos companheiros de programa, os ppgcirmers, aqui crepresentados por Layanne, Natália, , Rafaela, Mônica, Bruno, Adriana, Lívia, Cici (Jocielma), Lana, Nara, Nádia e Lorena, pela troca de nos reconhecermos uns com os outros.





## Agradecimentos

As minhas amigas de trabalho, mestrado e vida, Nádia Pantoja e Adriana Rodrigues, por estarem comigo em tantos momentos dessa vida, especialmente agora, sendo eu T22 vendo vocês como T23 e T24 em nosso mestrado.

Aos meus colegas, companheiros e amigos da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EALFPA) em especial a Lívia Bentes, minha amiga de trabalho e vida, que compartilha sobre a experiência, natureza e me apresentou o podcast, produto tão afetivo e qualitativo deste trabalho.

As crianças da EALFPA, que dia após dia, me ensinam sobre como ser uma professora alfabetizadora pesquisadora.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório Sertão das Águas, que me faz navegar nesse Coletivo Encantado de Professores Narradores do Portal da Amazônia desde 2019.

A banca de avaliação em nome das profa.dras Márcia Sambugari, Netília Seixas, Daniele Dorotéia e Cristina Vaz, que contribuíram imensamente com a melhoria deste trabalho.

A cada estudante do curso de pedagogia do ano que participou deste grupo

Ao chef Everton Santos, Fernanda Beatriz e Yeontam, que acolhimento, leveza, incentivo e amor nessa jornada.

Aos lugares, atos e escolhas que mesmo não sendo pessoas físicas, foram meu incentivo e me ajudaram neste processo de não me perder de mim dentro da dissertação: a dança, a arte, terapia, a Sala Criativa, o Cantinho do Café (veropesinho) e as plantinhas, que me deram leveza em tantos momentos de tensão.

E aos livramentos, vistos e não vistos, que Deus me oportunizou não viver durante essa jornada.

Nesta tessitura e enredo de vida-dissertação não tem uma ordem de importância, pois cada um, a sua maneira, ao seu jeito, ao seu subjetivo e autoral modo de existência, teve uma contribuição única para que eu seguisse e conseguisse chegar até ti, me lê por meio dessas palavras escritas.





“ Para quem não me conhece, eu vou logo me apresentar. Me chamo Jessika Assiz, e a história de uma professora da rede pública de ensino, eu vou falar. Como pessoa e professora eu aprendi a me reinventar. Além de professora e narradora, passei a me enxergar como alfabetizadora e pesquisadora. Com a Ilha do Marajó e Belém do Pará, construí minha experiência. Com a EAUFA e o GEPASEA, encontrei minha autoria docente durante a vivência. E com o PPGCIMES uma pesquisa, para fora da caixinha, experienciei dentro da ciência.”  
(Jessika Assiz, 2024).



**Como citar:** ASSIZ DA SILVA, Jessika de. **Narrativas de Indução Pedagógica na Alfabetização e o Podcast Vozes Docentes:** uma conversa entre a Ilha do Marajó e Belém do Pará. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

## RESUMO

O narrar formativo de si durante a indução pedagógica dentro do campo da alfabetização significa perceber-se no entremeio do eu, dos outros e da formação. Experenciar os caminhos formativos com autoria docente, base teórica e imersão na realidade escolar é desafiador nessa trajetória de vida-pesquisa-formação. Um mergulho subjetivo, coletivo e irrepitível no viver a experiência de maneira autobiográfica, narrativa e larrosiana. Assim, teci essa conversa entre a Ilha do Marajó (Salvaterra) e Belém do Pará por meio de uma narrativa amazônica, vivenciada no processo de indução pedagógica na alfabetização. Esta viagem seguiu o curso do rio da metodologia de escrita da pesquisa narrativa criativa (Lucio, 2020) que conflui em sua nascente a dimensão autobiográfica, na sua foz a dimensão ficcional e na sua margem a dimensão autoformativa. Enredei este trabalho com a minha autobiografia marajoara, a ficcional de uma menina e uma alfabetizadora da década de 60 e a autoformativa na pesquisa sobre indução pedagógica. Um transfluir da narradora, alfabetizadora e pesquisadora que se encontra com a formação dentro de um campo ainda pouco estudado que é a indução docente e o *podcast* como recurso pedagógico que potencializou a formação dos graduandos de Pedagogia. Meu objetivo com esta viagem foi construir um *podcast* como produto educacional formativo da indução pedagógica na alfabetização. Para navegar pela Baía do Guajará às margens da Universidade Federal do Pará, nas águas da Amazônia, alicercei-me, como metodologia, na pesquisa narrativa (Clandinin; Connely, 2015). Nesse navegar, sobem ao navio importantes tripulantes: na proa, estão nossas referências teóricas com Clandinin e Connely (2015), Lucio (2016, 2020), Nogaro, Kuhn e Moreira (2021), Larrosa (2002), Suarez (2017), Smolka (2012) e Santos (2014). Na cabine, estão os autores sujeitos da pesquisa: estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará na imersão dentro da Escola de Aplicação da UFPA, situada em Belém-PA. Para construção dos dados que abasteceram este navio temos: a bombordo uma Revisão Sistemática da Literatura de 10 anos em 10 diretórios, a estibordo temos a



elaboração de um projeto piloto de indução, no porão temos a análise de cartas como documentação pedagógica narrativa e na escotilha o *podcast* Vozes Docentes. Diante disso, o casco desse navio (nossas considerações) mostram que ao mediar um processo formativo na indução pedagógica, por meio do *podcast*, tenho que assumir uma postura política, epistemológica e metodológica em que considero os sujeitos como autores inventivos da sua história cultural a partir de suas próprias vozes. Não é falar *de* ou *para*, é falar *com*. Durante todo o processo de indução pedagógica implicado na realidade social dos amazônidas que está alicerçado na experiência como aquilo que nos toca e nos atravessa, são ressaltadas, por meio da voz escrita nas cartas – as quais transpasso para as vozes ditas no *podcast* – a experiência, a alteridade, a afetividade e a relação estudante-docente-estudante como premissas substanciais para o formar do estudante dentro da indução pedagógica na alfabetização.

**Palavras-chave:** Pesquisa narrativa; Escrita autobiográfica; Indução pedagógica; Alfabetização; *Podcast*.



## ABSTRACT

Narrating oneself during training in pedagogical induction, within the field of literacy, means perceiving oneself in the midst of the self, others and training. Experiencing formative paths with teacher authorship and a theoretical basis, immersed in school reality, was challenging in this life-research-training trajectory. A subjective, collective and unrepeatable dive into living the experience in an autobiographical, narrative and Larrosian way. Thus, I wove this conversation between the island of Marajó (Salvaterra) and Belém do Pará through an Amazonian narrative, experienced in the process of pedagogical induction in literacy. This journey followed the course of the river of the creative narrative research writing methodology (Lucio, 2020), which converges at its source the autobiographical dimension, at its mouth the fictional dimension and on its bank the self-formative dimension. I entangled this work with my Marajoara autobiography; the fictional one of a girl and a literacy teacher from the 1960s and the self-formative one in the research on pedagogical induction. A transfluence of the narrator, literacy teacher and researcher who finds herself with training in a field that is still little studied: teacher induction and the podcast, as a pedagogical resource that has enhanced the training of Pedagogy undergraduates. My aim with this trip was to build a podcast as a formative educational product of pedagogical induction in literacy. In order to navigate Guajará Bay on the shores of the Federal University of Pará, in the waters of the Amazon, my methodology was based on narrative research (Clandinin; Connelly, 2015). On this voyage, important crew members are boarding the ship. In the bow are our theoretical references: Clandinin and Connelly (2015), Lucio (2016, 2020), Nogaro, Kuhn and Moreira (2021), Larrosa (2002), Suarez (2017), Smolka (2012) and Santos (2014). The authors are the subjects of the research: students on the Pedagogy course at the Federal University of Pará, immersed in the UFPA School of Application, located in Belém. To build the data that fueled this ship, on the port side we have a systematic review of the literature over 10 years, on the starboard side we have the development of a pilot induction project, and in the hold we have the analysis of letters as narrative pedagogical documentation and in the hatch we have the Vozes Docentes podcast. In view of this, the hull of this ship (our considerations) shows that, when mediating a training process in pedagogical induction, through the podcast, I have to take a political, epistemological and methodological stance, in



which I consider the subjects as inventive authors of their cultural history from their own voices. It's not talking about, it's talking with. Throughout the pedagogical induction process involved in the social reality of the Amazonians, which is based on experience as that which touches us and runs through us, the voices written in the letters – which I transpose into the voices spoken in the podcast – emphasize experience, alterity, affectivity and the student-teacher-student relationship as substantial premises for the student's formation within pedagogical induction in literacy.

**Keywords:** Narrative research; Autobiographical writing; Pedagogical induction; Literacy; Podcast.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os retirantes.....	29
Figura 2 – Xilogravura da festa junina em Salvaterra, Ilha do Marajó com o Búfalo-Bumbá.....	46
Figura 3 – Amarelinha da Escolinha.....	61
Figura 4 – Cartões da Escolinha .....	62
Figura 5 – Logo da Biblioteca Pública Municipal Prof. Jaime Corrêa de Assis .....	78
Figura 6 – Mapa do continente Africano.....	80
Figura 7 – Mapa do Egito .....	80
Figura 8 – Ideia de como seria a biblioteca de Alexandria .....	82
Figura 9 – Linha do tempo sobre a história da rádio .....	110
Figura 10 – Linha do tempo sobre a história da rádio (parte 2).....	111
Figura 11 – Linha do tempo sobre a história da rádio (final) .....	112
Figura 12 – Jornal Central do Povo.....	115
Figura 13 – Mapa mental sobre o protocolo da Revisão Sistemática da Literatura.....	124
Figura 14 – Mapa mental sobre os diretórios da Revisão Sistemática de Literatura .....	127
Figura 15 – Quantitativo geral dos trabalhos publicados e pesquisados de cada diretório de 2013 a 2023 .....	131
Figura 16 – Mapa mental 2 sobre os diretórios com trabalhos encontrados .....	132
Figura 17 – Quantidade de trabalhos que não apresentam as informações pesquisadas nos resumos.....	135
Figura 18 – Concepções encontrada nos resumos dos trabalhos sobre indução docente .....	138
Figura 19 – Referenciais teóricos encontrados nos resumos dos trabalhos docente .....	138
Figura 20 – Metodologias encontradas nos resumos dos trabalhos sobre indução docente .....	139
Figura 21 – Objetivos encontrados nos resumos dos trabalhos sobre indução docente .....	140
Figura 22 – Resumo geral sobre o objetivo, concepção, referencial teórico e metodologia.....	141



Figura 23 – Mapeamento da concepção, referencial teórico e metodologia sobre os trabalhos referentes a indução na alfabetização .....	143
Figura 25 – Bilhete deixado por Jessika Assiz .....	155
Figura 26 – Objetivo geral da pesquisa.....	163
Figura 27 – Objetivos específicos da pesquisa .....	164
Figura 28 – Cenário de professoras alfabetizadoras que atuaram na pesquisa.....	166
Figura 29 – Fronteiras da Pesquisa Narrativa (Clandinin; Connely, 2015).....	174
Figura 30 – Fronteiras e tensões da Pesquisa Narrativa (Clandinin; Connely, 2015) .....	175
Figura 31 – Tensões criadas quando a experiência vira objeto de pesquisa .....	179
Figura 32 – Mapa mental sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa .....	184
Figura 32 – Proposta de novos termos para os itens de um projeto de acordo com o vocabulário paraense e marajoara .....	196
Figura 33 – Mapeamento geral da vivência dentro do projeto piloto da pesquisa...203	
Figura 34 – Mapa mental com os eixos do encontro formativo enredado .....	204
Figura 35 – Quantitativo de cada eixo dos encontros formativos enredados .....	208
Figura 36 – Perguntas realizadas para as alfabetizadoras durante as entrevistas .218	
Figura 37 – Poema do Manoel de Barros “Língua de brincar” .....	241
Figura 38 – Planejamento do encontro de encerramento do projeto piloto na EAUFPA.....	250
Figura 39 – O que mais os graduandos destacaram no eixo vivenciar? .....	262
Figura 40 – Relatos dos graduandos no encerramento do projeto piloto na EAUFPA .....	263
Figura 41 – Cartas escritas entre as crianças no encerramento do projeto na EAUFPA.....	265
Figura 42 – Segundo poema de Manoel de Barros “Borboletas” .....	266
Figura 43 – Poema sobre o encerramento do projeto piloto na EAUFPA .....	276
Figura 44 – Mapeamento Quantitativo da documentação narrativa -cartas- por vivência .....	292
Figura 45 – Categoria Relação estudante-docente-estudante .....	308
Figura 46 – Perguntas impulsionadoras da categoria experiência .....	319
Figura 47 – Temáticas expressadas na última carta e quantidade de estudantes que mencionaram.....	339



Figura 48 – Resultado sobre os princípios formativos do projeto piloto na pesquisa .....	342
Figura 49 – Linha do tempo do <i>podcasting</i> , mostrando as principais datas geralmente reconhecidas na história do <i>podcasting</i> . (tradução nossa).....	381
Figura 50 – Mapa mental referente os critérios criativos do podcast .....	392
Figura 51 – Modelo 1. Mapa mental sobre a configuração do podcast .....	398
Figura 52 – Modelo 2. Mapa mental sobre a configuração do podcast .....	399
Figura 53 – Logo do podcast Vozes .....	402
Figura 54 – Paleta de cores da logo do podcast vozes .....	403
.....	410
Figura 55 – Capas dos episódios do podcast vozes docentes .....	410



## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – A filha e o genro de seu Getúlio Assiz na “Rua Cearense ou terceira rua” .....	31
Fotografia 2 – Getúlio Assiz criança em frente à sua casa .....	32
Fotografia 3 – Osmarina de Melo Fortuna (primeira Diretora da Escolinha) .....	65
Fotografia 4 – Fachada do antigo Núcleo Pedagógico Integrado da UFPA .....	68
Fotografia 5 – Prédio do Ensino Médio no antigo Núcleo Pedagógico Integrado da UFPA.....	68
Fotografia 6 – Entrada da Biblioteca Pública Municipal Prof. Jaime Corrêa de Assis .....	77
Fotografia 7 – Dona Raimunda e seus 4 filhos.....	92
Fotografia 8 – Seu Joaquim Corrêa de Assis .....	93
Fotografia 9 – Senhor Mário Couto .....	94
Fotografia 10 – Festa Baile das Flores.....	96
Fotografia 11 – Festa na Vila de Jubim .....	96
Fotografia 12 – Edeltrudes Corrêa de Assiz (Getúlio), jovem .....	97
Fotografia 13 – Maria de Lourdes Alves Modesto, jovem .....	97
Fotografia 14 – Maria de Lourdes e Getúlio Assiz em Salvaterra, Ilha do Marajó....	98
Fotografia 15 – Maria de Lourdes Alves Modesto sorrindo .....	99
Fotografia 16 – Maria de Lourdes no búfalo na praia do Pesqueiro (Soure-Ilha do Marajó) .....	100
Fotografia 17 – Presença da rádio Sonoro Couto na inauguração.....	101
Fotografia 18 – Inauguração da Usina de Energia Elétrica .....	101
Fotografia 19 – Getúlio Assiz e o primeiro equipamento da rádio Sonoro publicidade, em 1947 .....	103
Fotografia 20 – Emancipação de Salvaterra a município .....	105
Fotografia 21 – Transmissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré de Belém do Pará.....	105
Fotografia 22 – Um dos lugares de Salvaterra, Ilha do Marajó .....	106
Fotografia 24 – Nova orla da Praia Grande, Salvaterra, Ilha do Marajó .....	107
Fotografia 25 – Porto Camará de Salvaterra, Ilha do Marajó-PA .....	107
Fotografia 26 – Vista aérea da Praça Magalhães Barata de Salvaterra, Ilha do Marajó .....	108



Fotografia 27 – Estabelecimento na Ilha do Combu - Pará.....	136
Fotografia 28 – Pintura indígena em estabelecimento na Ilha do Combu - Pará ...	137
Fotografia 29 – Flor amarela no chão da Escola de Aplicação da UFPA.....	155
Fotografia 30 – Flor de Lótus .....	190
Fotografia 31 – Vitória-Régia.....	190
Fotografia 32 – Encontro formativo durante a entrevista na UFPA .....	217
Fotografia 33 – Primeiro encontro formativo entre alfabetizadoras na sala do GEPASEA/ICED/UFPA .....	230
Fotografia 35 – Escrita da palavra Ester na atividade no quadro da sala de aula...	240
Fotografia 36 – Criança com Transtorno do Espectro do Autismo na casa literária	243
Fotografia 37 – Crianças na casa literária .....	244
Fotografia 38 – Crianças do 1º ano na sala de aula com o livro Kabá Darebu de Daniel Munduruku .....	245
Fotografia 39 – Crianças e o graduando na aula passeio a partir da história literária .....	245
Fotografia 40 – Convite construído pelas crianças a partir do livro .....	246
Fotografia 41 – Atividade com desenhos de folhas a partir do livro .....	247
Fotografia 42 – Crianças, graduandos e professora no encerramento da atividade na sala de aula .....	247
Fotografia 43 – Livro da vida confeccionado pela professora e pelas crianças .....	279



## LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 – Ilustração de Getúlio Assiz, radialista e criador da primeira rádio na Ilha do Marajó .....	51
Desenho 2 – Ilustração de Maria de Lourdes.....	52
Desenho 3 – Ilustração real da alfabetizadora marajoara da menina Jaiara com seu nome fictício de Júlia Ruana .....	52
Desenho 4 – Ilustração e nomes fictícios baseados em uma das primeiras alfabetizadoras da Escolinha Primária da UFPA.....	53
Desenho 5 – Ilustração da narradora, alfabetizadora e pesquisadora Jessika Assiz .....	53
Desenho 6 – Ilustração da menina Jaiara .....	54
Desenho 7 – Vozes que nos constituem: autores-sujeitos.....	54
Desenho 8 – Ilustração real do radialista e tio da menina Jaiara, Janney Assiz .....	55
Desenho 9 – Ilustração real da orientadora desta pesquisa experiência, Elizabeth Orofino Lucio.....	55
Desenho 10 – Ilustração real da podcaster criadora do podcast Vozes docentes: Jessika Assiz.....	56
Desenho 11 – Ilustração das encantas que cocreadoras desta pesquisa: a garça Jaiara, a boiúna Elizabeth e a iara Jessika .....	56
Desenho 12 – Ilustração real de umas das primeiras professoras alfabetizadoras da Escolinha Primária da UFPA, Ruth Bompert de Araújo, grande inspiração e também motivação para esta pesquisa.....	57
Desenho 13 – Mapa mental sobre a criação conceitual da UFPA .....	90
Desenho 14 – Anagrama da palavra <i>podcast</i> .....	389



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Frente da Escola Municipal Professora Oscarina Santos (Salvaterra, Marajó) .....	38
Imagem 2 – Vista da Escola de Aplicação da UFPA pelo satélite do <i>google maps</i>	151
Imagem 3 – Vista da rua principal onde fica a Escola de Aplicação da UFPA .....	152
Imagem 4 – Revelação do(a) orientador(a) no Acolhimento do PPGCIMES 2022 .	191
Imagem 5 – Foto das alfabetizadoras durante a entrevista na EAUFPA .....	228
Imagem 6 – Primeira foto com alguns dos estudantes de pedagogia no primeiro encontro formativo coletivo na EAUFPA .....	237
Imagem 7 – Montagem com fotos do encerramento do projeto na EAUFPA sobre o ambiente alfabetizador .....	254
Imagem 8 – Montagem com fotos do encerramento do projeto na EAUFPA sobre o história contadas e encantadas .....	259
Imagem 9 – Montagem com fotos do encerramento do projeto na EAUFPA pesquisadora, a professora, e a narradora .....	267
Imagem 10 – Montagem com a foto de Jessika Assiz e o poema no encerramento projeto piloto na EAUFPA.....	268
Imagem 9 – Foto com todos do projeto piloto no dia do encerramento na EAUFPA .....	277
Imagem 12 – Fotografia com os autores-sujeitos da pesquisa no encerramento da pesquisa .....	312
Imagem 13 – Fotografia de Jorge Larrosa .....	317
Imagem 14 – Primeira turma de alfabetização da Escolinha Primária da UFPA em 1963 .....	347
Imagem 15 – Posse do terreno do Núcleo Pedagógico Integrado (Avenida Perimetral, déc.70) .....	348
Imagem 16 – Espaço do Núcleo Pedagógico Integrado visto por fora e por dentro (déc. 80) .....	349
Imagem 17 – Áreas internas do Núcleo Pedagógico Integrado .....	350
Imagem 18 – Espaços internos do Núcleo Pedagógico Integrado .....	351
Imagem 19 – Montagem da área externa do N.P.I chamado Bosquinho (antigamente e atualmente) .....	352



Imagem 20 – Fotografia da área do Bosquinho atualmente no encerramento da pesquisa (2023).....	353
Imagem 21 – Montagem com os prints da tela de pesquisa de podcast no Spotify	370
Imagem 22 – Criadores do podcast .....	379
Imagem 23 – Primeiro podcast no Brasil.....	380
Imagem 24 – Ilustração da Ruth Butantã Araruna, possivelmente chegando a EAUFGPA.....	427



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Títulos dos trabalhos encontrados sobre indução profissional docente (2013 a 2023).....	133
Quadro 2 – Mapeamento detalhado dos trabalhos encontrados sobre alfabetização na indução docente.....	145
Quadro 3 – Etapas de fabricação de uma cerâmica marajoara dentro da olaria.....	183
Quadro 4 – Organização da entrevista por meio de perguntas.....	213
Quadro 5 – Trechos das vozes durante a entrevista (diálogo).....	215
Quadro 6 – Trechos das vozes durante a entrevista (diálogo).....	216
Quadro 7 – Trechos das vozes das alfabetizadoras.....	219
Quadro 8 – Trechos das vozes das alfabetizadoras (pergunta b).....	221
Quadro 9 – Trechos das vozes das alfabetizadoras (pergunta c).....	225
Quadro 10 – Trecho da voz de um graduando de pedagogia (autor-sujeito da pesquisa).....	235
Quadro 11 – Trecho da voz da alfabetizadora sobre o processo de leitura e escrita.....	239
Quadro 12 – Trechos da voz da alfabetizadora sobre literatura.....	242
Quadro 13 – Modelo de categorização dos trechos das cartas.....	295
Quadro 14 – Categorias dentro da Vivência Poranga: narrar, entoar e caminhar..	296
Quadro 15 – Categorias dentro da Vivência Igarite: Narrar, viver e conhecer .....	297
Quadro 16 – Categorias dentro da Vivência Cuíra: narrar, acompanhar e ensinar..	298
Quadro 17 – Categorias dentro da Vivência Nem te conto: narra, aprender e formar.....	299
Quadro 18 – Legenda do mapeamento das categorias por cor .....	300
Quadro 19 – Trechos das falas dos autores-sujeitos sobre a categoria Covid-19 e ERE.....	301
Quadro 20 – Trechos da voz do autor-sujeito sobre a categoria família-escola.....	302
Quadro 21 – Trecho da voz do autor-sujeito sobre a categoria Atividade de diagnose.....	303
Quadro 22 – Trecho das vozes dos autores-sujeitos sobre a categoria Múltiplas linguagens.....	303
Quadro 23 – Mapeamento geral das categorias nas 4 vivências.....	305



Quadro 24 – Quantitativo geral das categorias presentes nas cartas ao longo do processo da pesquisa .....	307
Quadro 25 – Quadro com as categorias encontradas em todas as 4 vivências .....	313
Quadro 26 – Conglutinação das perguntas similares dentro das 4 categorias selecionadas .....	315
Quadro 27 – Trechos das vozes dos autores-sujeitos nas cartas sobre experiência como ato irrepitível .....	320
Quadro 28 – Trechos das vozes dos autores-sujeitos nas cartas sobre experiência como ato de compartilhar .....	322
Quadro 29 – Trechos das vozes sobre a relação estudante-docente-estudante na categoria experiência .....	325
Quadro 30 – Trechos das vozes sobre a potencialidade da relação estudante-docente-estudante .....	329
Quadro 31 – Trechos das vozes sobre o que atravessou cada um durante a pesquisa .....	336
Quadro 32 – Trechos das vozes sobre os princípios formativos da pesquisa .....	340
Quadro 33 – Revisão da literatura narrativa sobre o podcast dentro da indução pedagógica na alfabetização .....	360
Quadro 34 – Revisão da literatura narrativa da ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação- REGIÃO NORTE .....	363
Quadro 35 – Revisão da literatura narrativa do Congresso Brasileiro de Alfabetização – Conbalf .....	364
Quadro 36 – Revisão da literatura narrativa da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPA .....	364
Quadro 37 – Revisão da literatura narrativa do Banco de dados do Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior/PPGCIMES/UFPA .....	365
Quadro 38 – Resultado geral da revisão da literatura narrativa sobre podcast .....	368
Quadro 39 – Resultado geral na plataforma de áudio Spotify .....	369
Quadro 40 – Dimensões conceituais do podcast como produto educacional .....	386
Quadro 41 – Organização geral dos episódios do podcast vozes docentes .....	407





# SUMÁRIO

<b>CARTA ABERTA: Por isso é que eu canto, não posso parar. Por isso essa voz tamanha.....</b>	<b>26</b>
<b>EPISÓDIO 1 – AO SOM DA LAMPARINA, EU CHEGO ATÉ TI.....</b>	<b>27</b>
<b>EPISÓDIO 2 – E COMO ASSIZ QUE SOU, EU DIGO: É HORA DE SINTONIZAR A ILHA DO MARAJÓ E BELÉM DO PARÁ.....</b>	<b>59</b>
<b>2.1 Está no ar o relicário da saudade: vamos recordar de tudo!.....</b>	<b>63</b>
<b>2.2 Nossos ouvintes, a rádio conta uma história.....</b>	<b>91</b>
<b>EPISÓDIO 3 – ESTAÇÕES SINTONIZADAS: AS PAISAGENS MAGNÉTICAS DA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA.....</b>	<b>120</b>
<b>3.1 Estação 1: produções acadêmicas sobre indução profissional docente.....</b>	<b>123</b>
<b>3.2 Estação 2: debate sobre indução profissional docente.....</b>	<b>141</b>
<b>EPISÓDIO 4 – SINTONIZANDO A OLARIA METODOLÓGICA: OS SONS QUE HABITAM A METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>149</b>
<b>4.1 O emanar, o escutar e o caminhar com as vozes.....</b>	<b>150</b>
4.1.1 O emanar do contexto: (re)conhecer a si e a Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará.....	150
4.1.2 O escutar da pesquisa: questão foco, objetivos e trajeto da pesquisa.....	159
4.1.3 O caminhar com as vozes: autores-sujeitos da pesquisa.....	165
<b>4.2 As vozes da pesquisa narrativa: o lugar entre eu, você, e nós.....</b>	<b>170</b>
4.2.1 A pesquisa narrativa e a experiência.....	170
4.2.2 A pesquisa narrativa e a simbiose de nós.....	173
4.2.3 A pesquisa narrativa: experienciar ou não experienciar?.....	177
<b>4.3 A olaria metodológica da pesquisa: os grafismos do percurso.....</b>	<b>182</b>

<b>EPISÓDIO 5 – UM, DOS, TRÊS, EI SOM, TESTANDO: AS NARRATIVAS DE INDUÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO QUE GUIAM O INÍCIO DO PODCAST VOZES DOCENTES.....</b>	<b>187</b>
<b>5.1 As estrelas d'águas: as vozes que encantam juntas.....</b>	<b>189</b>
<b>5.2 As experiências enredadas: o que vemos na margem da pesquisa de campo implicada em um projeto de ensino piloto.....</b>	<b>193</b>
5.2.1 Os rios da cocriação: eu digo sobre coisas do lugar de onde falo.....	195
5.2.2 As narrativas que entoam um projeto experiencial.....	201
5.2.3 As narrativas que formam os encontros.....	204
<b>5.3 Causo 1 – a vivência poronga e as conversas sem fim da entrevista....</b>	<b>209</b>
5.3.1 A roda da entrevista formativa com os estudantes.....	211
5.3.2 A roda da entrevista formativa com as alfabetizadoras.....	217
<b>5.4 Causo 2 – a vivência igarite e a rádio escolar anunciam novos tempos.....</b>	<b>229</b>
5.4.1 Caros ouvintes, é hora de um inovador anarquista conhecer. Com vocês, Freinet.....	229
5.4.2 Ouvindo o chamado da rádio escolar, Freinet nos faz chegar na EAUFPA.....	233
<b>5.5 Causo 3 – a vivência cuíra e a codocência.....</b>	<b>238</b>
5.5.1 Tia, brinca comigo? Professora, eu também posso? E que tal todos brincarmos?.....	238
5.5.2 Na casinha de papelão, cabe eu, você e a nossa imaginação.....	242
<b>5.6 Causo 4 – a vivência nem te conto! e o narrar de quem estamos sendo.....</b>	<b>248</b>
5.6.1 Ao Pôr-do-sol, eu vou te dizer.....	249
5.6.2 Eu estava na beira da praia ouvindo a sereia cantar.....	252
<b>5.7 As vozes que chamam o podcast: uma conversa entre nós.....</b>	<b>278</b>
<b>EPISÓDIO 6 – A MAIS PEDIDA: CARTAS, O PULSAR DA DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA.....</b>	<b>282</b>
<b>6.1 Cartas: as vozes que nos atravessam e nos avessam.....</b>	<b>286</b>

<b>6.2 As cartas falam comigo.....</b>	<b>294</b>
6.2.1 Os contextos entremeados nas cartas.....	295
6.2.2 A potência das vozes e das cartas: as categorias de indução pedagógica	310
6.2.2.1 As vozes das cartas: para onde nos convidam a ir?.....	311
6.2.2.2 Categoria Formativa Experiência: a paragem com Jorge Larrosa e as Vozes.....	316
 <b>EPISÓDIO 7 – NOVA FREQUÊNCIA SINTONIZADA: FEITO CHUVA DA TARDE, CHEGA O PODCAST VOZES DOCENTES.....</b>	 <b>356</b>
<b>7.1 Lá vem ela, ops, ele: as coisas que ouço sobre podcast.....</b>	<b>358</b>
7.1.1 Um chuveiro de Revisão Narrativa da Literatura sobre podcast.....	358
7.1.2 Chuvas e chuvaradas: as TDICs e os podcast.....	372
<b>7.2 Lá vem ele: o chegar do podcast vozes docente.....</b>	<b>384</b>
7.2.1 Podcast: um produto educacional dialógico e implicado.....	385
7.2.2 Criatividade e o <i>podcast</i> : a podcriatividade.....	388
7.2.3 Criar e roteirizar.....	396
<b>7.3 Com vocês, no ar, os episódios do podcast vozes docentes: na escola, entre o céu e o chão, acontece a formação!.....</b>	<b>402</b>
 <b>EPISÓDIO 8 – ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO.....</b>	 <b>412</b>
 <b>REFERÊNCIAS (INTERLOCUTORES).....</b>	 <b>428</b>
 <b>APÊNDICE.....</b>	 <b>442</b>



## Carta aberta:

“Por isso é que eu canto, não posso parar.  
Por isso essa voz tamanha.”

(Caetano Veloso, 1978)

Ilha do Marajó e Belém do Pará, 16 de maio de 2024

Querido ouvinte, querido leitor,

Caros amigos e companheiros de saudade, muito bom dia, tarde e noite.

Aqui estamos novamente juntos para com a mesma finalidade, procedermos nossa imaginária caminhada pelos caminhos da saudade. Essa, que buscamos todas as manhãs/tardes/noites, com nossa simples e humilde comunicação. Meu prezado e minha querida amiga, devemos a esses minutos de boas e antigas recordações ao patrocínio do comércio das mais destacadas firmas de todo o Pará.

A concepção deste programa é uma produção em parceria de Jessika Assiz e Elizabeth Orofino. A fonte de dados é uma construção entre estudantes da graduação em pedagogia na UFPA e professoras alfabetizadoras da EAU/PA.

A Assessoria é de Janney Assiz e Maria de Lourdes. Com maestria, grande tino, controle e escolha de sucessos, na discoteca a menina Jaiara e Júlia Ruana. Comandando o áudio deste equipamento sonoro conto com Elizabeth Orofino. E o roteiro e apresentação são meus, Jessika Assiz, a pesquisadora.

Esse é um oferecimento de Sonoros publicidade, o sistema de som correto e definido com 2.500 watts estéreo. Sonoros Publicidade, o sistema pioneiro do Marajó. e do Podcast Vozes Docente: narrativas de indução pedagógica na alfabetização, um novo jeito de experienciar a formação.

E como Assiz que sou, eu digo: na escola, entre o céu e o chão, acontece a formação. Tudo pronto, abrimos o nosso relicário de histórias e vamos recordar de tudo...



# EPISÓDIO 1

AO SOM DA LAMPARINA,  
EU CHEGO ATÉ TI...



*“O tanto que a gente aprende  
no percurso faz valer a pena”  
(Jaqueline Figueiredo) *



## AO SOM DA LAMPARINA EU CHEGO ATÉ TI....

Salve o Norte.

Salve Belém do Pará.

Salve o Marajó.

Salve Salvaterra.

Salve PPGCIMES.



A cada pôr do sol, bem perto de chegar a hora do crepúsculo, ao cheiro da lamparina e do som dos grilos, junto aos seus avós, tio e familiares, a menina chamada Jaiara se sentava na frente de casa para ouvir o locutor do rádio e o vento falarem. Eram muitas vozes que por ali passavam, mas todas, em algum momento, ali se eternizavam. Daquelas vozes, tinha uma que sempre chamava mais a sua atenção: era a voz da rádio Publicidade Couto, ou melhor, era a voz do seu avô Getúlio Assiz. Como podia seu avô hora estar do seu lado e hora estar dentro da rádio?

Sua mãe e irmã sempre perguntavam o que tinha de tão especial naquele aparelho. E Jaiara sempre respondia: vozes. Essas vozes presentes na rádio ecoavam do município de Salvaterra situado na Ilha do Marajó, um lugar de encantarias e resistências de vários povos<sup>1</sup>.

Princesa marajoara, princesa ceramista, princesa da etnia Sacaca ou Aruans que com seus esplendorosos termos linguísticos e arte em cerâmica fizeram deste chão que a menina tanto percorreu descalça, um lugar de asas livres, como ela costuma dizer. Sua escadaria e seu Camará conectam essa “Terra Salva” com outros 16 municípios, que mais do que vizinhos, são filhos da mesma terra: a Ilha do Marajó. Assim, as vozes que a menina ouvia, iam tecendo os enredos de sua vida e educação.

---

<sup>1</sup> Que originalmente desde o ano de 1901, de acordo com o site da prefeitura municipal de Salvaterra, era um distrito do município de Soure. E ao chegar o ano de 1961, enquanto Brasil, após a renúncia de Jânio Quadros, ganhava um novo presidente, Salvaterra passou a ser elevada à categoria de município pelo então governador do estado do Pará Aurélio Corrêa do Carmos, de acordo com a Lei n.º 2.460, de 29 de dezembro de 1961, ecoando por outros lugares como a Princesa do Marajó (História, [20–]).



História esta que tem como fonte inicial as vozes dos bisavós de Jaiara: seu Joaquim e dona Raimunda. Eles vieram ainda pequenos para a Ilha do Marajó com suas famílias, por volta dos seus 6 a 7 anos de idade. Seu Joaquim e sua família vindos do Rio Grande do Norte e Dona Raimunda da Vila do Trairi – Ceará, assim como outras famílias do Rio Grande do Norte, no início do século XX.

Os retirantes do Norte e os retirante do nordeste, assim como a pintura de Cândido Portinari de 1944, chamada “Os retirantes”, causa grande comoção. De um chão de terra para um chão de águas eles aprenderam a andar sobre as águas e a navegar pelas terras. Sair do seu chão, do seu lugar e das suas raízes jamais será uma escolha fácil, principalmente por se tratar de questões de sobrevivência e de existência. E foi isso que eles, assim como muitos nordestinos, escolheram: existir.

Figura 1 – Os retirantes



Fonte: Portinari (1944).

Uma forma de existir e resistir dentro de um mundo que nem sempre oferece as melhores condições. Mas reagir é necessário. E nessa nova forma de existência banhada pelas águas da Ilha do Marajó, após muitas luas, quando já adultos, a maré



dessas águas fez com que seu Joaquim e dona Raimunda se conhecessem e se casassem no município de Caju-Una (Ilha do Marajó).

Foi então, que novas águas cresceram nesta terra marajoara, seus quatro filhos: Edeltrudes (Vô Getúlio), Jaime (Tio Jaime), Lucy (Vó Lucy), Elizabeth (Tia Beth) que aprenderam a serem marajoaras, nordestinos e nortistas. Esta família então, precisava procurar águas conhecidas, mas também para se banharem. Assim, esta família de retirantes resolveu seguir os cursos d'água da Ilha e chegam até o município de Salvaterra.

Os bisavós e tataravós da menina vieram para a Ilha do Marajó porque segundo o governo de Paes de Carvalho<sup>2</sup> fora prometido terra boa para a produção agrícola às famílias que quisessem fazer morada nesta terra.

De acordo com Silva e Miranda (2011, p. 14), em Salvaterra, criou-se a Colônia Agrícola Paes de Carvalho:

Segundo Edeltrudes Corrêa de Assis, filho de nordestinos emigrados e conhecido na cidade de Salvaterra como 'Seu Getúlio Assis', a Colônia era distribuída em 45 lotes com aproximadamente 45.554 m<sup>2</sup> no total, contando com uma estrutura em que cada lote possuía as seguintes construções: uma casa residencial de madeira coberta com cavacos também de madeira, uma casa de forno coberta com palhas de anajazeiro, destinada também à fabricação de farinha de mandioca, e um poço de água potável do tipo boca aberta.

Neste período de 1900, Salvaterra tinha apenas três ruas e três travessas, conhecidas hoje como ruas "10 de março, 29 de dezembro e Cearense; e as travessas, Beira-mar, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> travessa, essa chamada atualmente de Avenida Victor Engelhard. A Colônia Paes de Carvalho ficava localizada a 3 km da vila" (Silva; Miranda, 2011, p. 14). Foram ao total 45 famílias assentadas na colônia, sob o comando do Sr. José Corrêa de Lima (imigrante do Ceará) e depois substituído pelo Sr. Macário Silva, ambos ordenados pelo coronel Bezerra.

Porém, a Colônia entrou em processo de decadência com o passar dos anos. Segundo Getúlio Assis, em entrevista encontrada na obra de Silva e Miranda (2011, p. 15), tiveram fatores principais para isso:

---

<sup>2</sup> As famílias que vinham à Ilha do Marajó, desembarcaram no porto da Ilha de Outeiro e de lá eram encaminhadas para Salvaterra por volta de 1937.



Para ele, os principais motivos que contribuíram para isso foram: as constantes brigas entre os imigrantes e os nativos; as mortes nas famílias por motivo de aclimação; o medo das consequências climáticas decorrentes da passagem do cometa Halley, na noite de 18 de maio de 1910; mudança no Governo do Estado, pois o Governador Augusto Montenegro priorizava; os meios de transporte e não a agricultura e os assentamentos de imigrantes; o fim, após dois anos, da ajuda com o 'rancho' (cesta básica mensal); enchentes na área, ocorridas nos invernos mais cavernosos (inverno rigoroso).

Muitos desses colonos construíram suas moradias na terceira rua, bem próxima do litoral. Além de suas casas, plantaram muitas mangueiras nesta rua, fazendo delas uma das grandes marcas identitárias de Salvaterra. A fotografia abaixo, mostra uma das mangueiras mais conhecidas da cidade que ficava na terceira rua ou rua cearense<sup>3</sup>.

Fotografia 1 – A filha e o genro de seu Getúlio Assiz na “Rua Cearense ou terceira rua”



Fonte: Acervo pessoal de Janette Assiz e José Afonso (1998).

Inclusive, muitas pessoas, incluindo a mãe de Jaiara, dizem que ali era onde a Matinta Perera morava. E quando eles voltavam das festas, ela sempre assobiava para quem olhasse para os galhos da árvore. É história de memória ancestral que fala sobre uma mulher que sofre uma metamorfose onde a noite ela se transforma em uma idosa ou feiticeira que ao assobiar, se a pessoa responder, ela oferece algo

<sup>3</sup> Grande parte das pessoas parava nesta rua para tirar foto com a árvore, a qual resistiu por muitos anos ao processo de asfaltamento da rua e matança de muitas árvores em nome do (des)progresso. Segundo Janney Assiz, “quando ouvia histórias de Salvaterra, papai ou a tia Lucy mencionaram muitas coisas, acho que chegaram a falar sobre esta mangueira. Até quem plantou mas não tenho isso na minha memória. Agora que posso te falar é que não era uma e sim duas mangueiras ali. Isso eu vivi e lembro”.



que a pessoa queira e pede algo em troca, sem lhe dizer o que será. A pessoa que fizer esse acordo, terá que cumprir. Então sempre foi aconselhável não responder ao assobio da Matinta.

Como forma de imortalizar a relevância do povo para o progresso, cultura e história de Salvaterra, em 1990 foi homologado por Lei Municipal que esta rua ficasse conhecida como “Rua Cearense”, entre a Avenida Victor Engelhard e a Avenida Beira-Mar, espaço batizado pelos moradores locais de “Bairro dos Cearenses”, conforme Silva e Miranda (2011). Dona Raimunda, seu Joaquim e seus 4 filhos foram uma dessas famílias.

Fotografia 2 – Getúlio Assiz criança em frente à sua casa



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([1937?]).

Vemos, na fotografia acima, na janela ainda menino, por volta dos seus 8 anos de idade, Getúlio Assiz com sua família e amigos em frente a sua primeira casa em Salvaterra, Ilha do Marajó. Casa que eles criavam cabras (para tomar o leite todos os dias) e outros animais e que até hoje continua a existir no mesmo lugar com a fundação de barro, mesmo após a reforma.

Desde que chegaram lá, muitas coisas passaram por eles e lhes tocaram, e duas delas referem-se à Festividade de Nossa Senhora da Conceição e à Festa do Círio, que acontecem todo ano. Segundo Jaime Assis (o Tio Jaime), em seu livro “Menina Moça”, a partir da década de 30, a Vila iniciou um dos grandes marcos



culturais: a Festa do Círio e a Festividade de N. S.<sup>a</sup> da Conceição, padroeira do município, conforme trecho a seguir:

Nessa época as festas dançantes eram promovidas pelos 'Jazes' em sedes sociais convites especiais, na maior ordem pelos organizadores. Os grupos da quadra junina, muito interessantes fazendo parte do folclore local. Durante a quadra seus responsáveis distribuíam cartões para as exibições a domicílio. Quem aceitava o cartão, esperava à noite o grupo em sua casa, à luz da fogueira, onde as crianças e jovens se divertiam com jogos e adivinhações, saboreando mingau de milho branco servido na cuia e o aluá de milho, bebida típica dessa época (Assis, 199-, p. 33).

Este marco fazia com que Salvaterra, que até então era distrito de Soure, caminhasse para sua emancipação. Enquanto tentava se estabelecer e solidificar como Município, no contexto brasileiro as mudanças também aconteciam rapidamente causando grande interferência social.

Getúlio, seu avô, fazia da rádio não apenas um meio de comunicação, mas um meio de zelar pelas memórias e pelas histórias de um povo, ao mesmo tempo que as construía do território local e nacional. Tinha fascínio em compartilhar com seus ouvintes sobre histórias que lera em livros, ouvia das pessoas, do seu irmão Jaime e as que criava em sua mente. Encontrou em um dos seus acervos, um bilhete e resolveu compartilhar com o povo salvaterrense:

Programa Crepúsculo, a volta dos sucessos que marcaram época. Apresentação Getúlio Assiz: Caro amigo e companheiro da saudade, muito boa tarde. Aqui estamos novamente juntos para com a mesma finalidade, procedermos nossa imaginária caminhada pelos caminhos da saudade. Atenção, caros ouvintes, este é o momento de nossa história, momento da memória marajoara. Encontrei em meus acervos, um bilhete, e como Assiz que sou, digo a vocês o que nele estava escrito: em 1961, Jânio Quadros renuncia a seu cargo de presidente, sendo assumido temporariamente por Ranieri Mazzilli e, após a Campanha da Legalidade e a aprovação da Emenda Constitucional nº 4 que estabelece o Parlamentarismo pelo Congresso Nacional do Brasil, João Goulart toma posse como o 24º presidente do Brasil (Carvalho; Armani, 2012). João Goulart, presidente do Brasil, e José Herculano da Silva, prefeito de Salvaterra.

Talvez a menina, que ouvira sobre essas histórias na rádio, não tivesse dimensão da grandeza desses acontecimentos e o quanto eles, de certa forma, estavam interligados. Mas sentia, que aquela cidade, aparentemente isolada do resto do Brasil, também era um grande acontecimento para o país.

Na hora do crepúsculo, sua cabeça sempre borbulhava de perguntas: *será que as pessoas de outros lugares sabem o que aconteceu e acontece por aqui?*



*Será que sabem que somos a Princesa do Marajó? E se estamos numa ilha, cercada por água, por que não afundamos? Será que estamos navegando ou tem algum fio que prende a gente? Tchaaa, mergulhar nessas respostas seria mais intenso do que nadar dando a volta nesta ilha.*

Jaiara sempre ouvira do locutor da rádio que aquela não era qualquer ilha: é a maior ilha fluviomarítima (cercada por rio e mar) do mundo! Suas águas vêm do Oceano Atlântico e rios Amazonas, Pará e Baía do Marajó. E sua força vem dos quilombos, dos povos, da sua cultura e dos seus saberes (Schaan; Martins, 2010).

Salvaterra, lugar de encantaria e força, traz no seu solo a resistência do povo quilombola, com atualmente cerca de 13 quilombos (Siricari, Mangueiras, Salvá, Deus Ajude, Providência, Bacabal, Bairro Alto, Paixão, Boa Vista, Caldeirão, Campina/Vila União, Santa Luzia e Pau Furado). Quilombo vem do idioma banto, fazendo uma alusão a “guerreiro da floresta”. Permeados por esses guerreiros das florestas e das águas, este lugar de refúgio dos escravos na Amazônia, semeia nos seus a raça do povo ancestral e marajoara (Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, 2006).

Este chão, protegido pela água, possui cerca de “[...] dezesseis municípios que compõem a Região Marajó, sendo eles: Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Curralinho, Gurupá, Melgaço, Muaná, Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista e Soure” (Pará, 2016, não paginado).

Toda esta mistura de saberes faz da Ilha do Marajó a Ilha dos Encantos, onde desde a viagem com aproximadamente 3h30 de barco de Belém, capital do Estado do Pará, revela atrações imperdíveis. O poema de Jetro Fagundes, o Farinheiro Marajoara, enaltece um pouco dessa beleza:

*Ilha onde vemos singela harmonia  
entre pessoas que vivem a cantar  
e Vento que na cadência da poesia  
encanta o tempo inteiro a soprar.*

Um dos poemas favoritos que a menina amava ouvir antes de dormir. Depois, deixara o silêncio da noite dizer. Nele, podia ouvir o que o vento lhe dizia em cada espaço que tocava: na janela, no jardim, no corredor e nos seus pés.



Pela manhã, junto ao nascer do sol, uma espécie de ritual era realizado pela menina e sua avó no silenciar das palavras e no falar dos gestos. Entre as falas do locutor da rádio, a menina ouvia as vozes de sua avó. Era como se dona Maria soubesse exatamente o que seu Getúlio falaria. Uma conversa entre a rádio e sua avó acontecia ali, bem em frente aos seus olhos e bem pertinho dos seus ouvidos. Foi nesse momento que a menina aprendeu a ouvir: a voz daqueles que a cuidavam, ensinavam coisas que só poderia saber quem sabe ouvir a voz da experiência.

Seus avós representam, além de tantas outras coisas, a voz da experiência. Esta que, segundo Larrosa (2002, p. 21), “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca [...]”. Ou seja, está em nós, ela somos nós, portanto, singular e repleta de subjetivação, a qual, expressamos bem com as palavras.

Os avós da menina conheciam sobre coisas. Sobre lugares. Sobre pessoas. Sobre a forma de ser e estar neste mundo. Mas eles não estavam cheios de informação, de opinião, de falta de tempo ou de excesso de trabalho. Eles eram cheios da vida que os acontecia, por isso eram cheios de experiência, sujeitos de experiência (Larrosa, 2002). Eram e continuam sendo sujeitos de sorte. Como diz a música de um cantor que gostavam muito, chamado Belchior: “Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte. Porque apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte” (Sujeito..., 1976, não paginado).

Sujeitos de sorte e acima de tudo de experiência porque eles sentem. Sentem o tempo que passa e os atravessa. Sente o tempo. Sentem o silêncio. Sentem a memória. São sujeitos que sentem. Sujeitos que sabem parar: para ver o outro que está a sua frente, para ouvir o outro que está ao seu lado e para ouvir aquilo que está dentro de si. Para ouvir, ver, sentir e refletir a vida que os atravessa e os acontece. O que Larrosa (2002, p. 24) declama lindamente:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.



E assim gostavam de ser sujeitos de muita sorte. Sujeitos da experiência. E que por ela, compreendiam o quanto esta palavra em si significava muito. Eles gostavam da palavra. A avó da menina transformou-a em dança, cantoria e conselhos. O avô transformou-a em rádio.

Eles adoravam um trecho deste autor Larrosa (2002), que fazia uma espécie de juramento. Anotaram em um saco de pão. Seu avô, em especial, guardava-o dentro de sua carteira, e sua avó dentro do pote de arroz (no pote costumam ficar grandes riquezas, desde antigamente). Amassado pelo tempo, mas com grande valia por causa dele, o bilhete dizia o seguinte:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente 'raciocinar' ou 'calcular' ou 'argumentar', como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (Larrosa, 2002, p. 20-21).

Se colocar diante de nós e dos outros com as palavras, principalmente, era algo que seus avós, magnificamente, adoravam fazer como família. No entardecer, sentados em frente à casa, eles conseguiam personificar as palavras que vinham, passavam e teciam. A avó da menina gostava de dar uma pequena pausa na conversa para que o café, o pão caseiro, o queijo do marajó e o abacaxi se tornassem o centro das atenções, afinal aquela cidade era a maior produtora destes dois últimos alimentos.

Mas a pausa nunca de fato era uma pausa, porque as vozes que por ali passavam tinham seu próprio ritmo de chegada e partida. E ao se despedirem, banhados pelos encantos deste lugar, costumavam dizer "Salve Terra!". A menina, sem entender muito bem o que aquilo significava, respondia: Salvaterra!

Até que um dia, de vela na mão e sapato no chão, como seu avô dizia na rádio, chegou um forasteiro que quis ficar, e antes que percebesse uma nova história da sua vida passou a começar. Ele disse para ela que as histórias e caminhos nessa vida são incontáveis e incomparáveis.



Aquilo reverberou por muito tempo em sua mente. Ela, que amava poder subir nas árvores, mergulhar na Praia Grande, comer manga com seu avô, dançar com sua avó e perguntar as coisas para seu tio Janney, sabia que um outro mundo também existia para além dali.

Foi então, que em uma manhã escutou no rádio um fato importante marcado na história e perpetuado na memória do Norte e da cidade de Belém do Pará:

*– Bom dia, meu prezado e minha querida amiga, devemos a esses minutos, de boas e antigas notícias, ao patrocínio do comércio das mais destacadas firmas de todo o Pará. São exatamente 7h da manhã do dia 07 de março de 2023 e como Assiz que sou, eu digo: neste ano, a atual Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará completa 60 anos de existência. Foi inaugurada em 07 de março de 1963 como a Escola primária da Universidade Federal do Pará, a Escolinha da UFPA, pelo então reitor da instituição, José Rodrigues da Silveira Neto. Para quem não sabe, os Colégios de Aplicação foram criados com a função específica de ser um tipo de Estabelecimento de Ensino em que os próprios alunos dos Cursos de Licenciatura fizessem a aplicação, numa situação real de ensino-aprendizagem dos conhecimentos técnicos adquiridos no seu Curso. Os objetivos dos Colégios de Aplicação são a experimentação, aplicação e demonstração (Correia, 2017). Isso mesmo, meus caros ouvintes, é a Universidade também dentro da escola, e a escola dentro da Universidade! Logo mais, traremos mais informações sobre isso. Fiquem agora com nossos patrocinadores.*

Seus primeiros passos de leitura e escrita tinham sido ali, em Salvaterra, na mesma escola em que sua avó trabalhava. Estava sendo alfabetizada em uma das escolas públicas da cidade. Ela acreditava que a escola poderia ser maior e caber mais gente, e olha que apesar das dificuldades enfrentadas por ser uma escola pública em um município da Ilha do Marajó, a Escola Municipal Professora Oscarina Santos<sup>4</sup>, localizada entre a sétima e oitava rua, era uma verdadeira potência, não só para ilha, mas também para a menina.

---

<sup>4</sup> A nível de registro escolar de alfabetização, eu fui matriculada na Escola de 1º e 2º Grau Ademar Nunes de Vasconcelos e recebi o diploma em 1996, porém o prédio desta escola estava em reforma grande, por isso estudávamos na Escola Professora Oscarina Santos.



Imagem 1 – Frente da Escola Municipal Professora Oscarina Santos (Salvaterra, Marajó)



Fonte: *Google Maps* (2024).

Potência, pois como escola pública, esta é primordialmente uma instituição de educação em que seu significado como reivindicação das classes populares necessita ser garantido. Como corrobora um senhor, de cabelos brancos, barba inesquecível e visão vista a quatro olhos, Paulo Freire, em sua carta intitulada “Aos que fazem a educação conosco em São Paulo”, revela princípios educacionais cruciais para a perspectiva pública de educação. Em um trecho desta carta, Freire (1989, p. 8-9) manifesta:

[...] Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses de toda a sociedade. A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la. A escola é também um espaço de organização política das classes populares. A escola como um espaço de ensino-aprendizagem será então um centro de debates de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. O filho do trabalhador deve encontrar nessa escola os meios de auto-emancipação intelectual independentemente dos valores da classe dominante. A escola não é só um espaço físico. É um clima de trabalho, uma postura, um modo de ser.

Esta escola pública representava não somente um modo de ser: era uma alternativa de existências outras em seu processo de aprendizagem, sendo muitas sem deixar de ser a mesma. Ter possibilidades. Ter oportunidades. Ter chances. Esta escola pública em uma cidade rodeada por água e muitas vezes esquecida



pelo poder público, representava sua descoberta em relação ao mundo, especialmente ao mundo da cultura escrita. Era sua forma de esperar.

Esse esperar vindo de Paulo Freire, em um mundo da escrita, faz um forte diálogo entre este autor e Ana Luiza Bustamante. A compreensão que tinha era a de escola pública enquanto ato de esperar e de alfabetização enquanto processo discursivo, apoiando-se em Smolka (2012, p. 13):

Quando, há três décadas, argumentei sobre o modo de conceber a alfabetização como processo discursivo, as ideias que ancoravam essa concepção se aproximavam do que tem sido designado como letramento, implicando, portanto, as condições concretas de imersão dos sujeitos no mundo da escrita, das práticas de leitura e escrita em uso e em transformação, incluindo as práticas midiáticas e a informatização. Destacava nessa proposta, três pontos principais: os modos de participação das crianças na cultura; os diversos modos de apropriação da forma escrita de linguagem pelas crianças; as relações de ensino.

Por isso a relação com sua professora Júlia Ruana, com seus amigos, com os funcionários da escola era tão significativa para ela. Arrumar as mesas formando uma grande mesa e colocar as cadeiras envoltas para que os amigos se sentassem e assim, a brincadeira do desfile, onde quem quisesse poderia subir, desfilar e ser aplaudido, causava a mesma sensação de felicidade e poder, quando uma nova palavra era aprendida a ser lida, escrita e utilizada. Muitas eram as vivências e as perguntas que aquele lugar lhe trazia:

*– Quem será esta mulher, Oscarina Santos, para ter o seu nome em uma escola? Será que as coisas que aprendo aqui, com meus amigos, outras crianças, em outras escolas também aprendem? Será que outras escolas também têm nomes de mulheres e professoras? E porque aqui não se chama Universidade Professora Oscarina Santos? Eu ouvi no rádio meu avô falando sobre isso, a Universidade...TCHABA! O que será isso? Universidade é um universo cheio de cidade? E a escola será um mundo que cabe dentro de sacola?*

Aquilo ficou intrigado em sua mente: Universidade. Era preciso conhecer mais sobre isso! Foi então que resolveu iniciar sua mais nova aventura em busca de respostas para todas suas infinitas perguntas...uma aventura difícil, mas ela se propôs a este desafio.



Como primeira ideia, recorreu aos mais antigos da cidade, afinal, quem morava ali há tantos anos, certamente saberia o que é uma Universidade e como ela estava virando escola. A primeira, a quem procurou, foi sua avó, a melhor contadora de histórias da cidade. Porém, a resposta que encontrou não foi a que esperava. Sua avó Maria fez até a 3ª série do primário (fundamental).

A menina ficou encucada de como sua avó, tão sábia com os conselhos, com as experiências, com as histórias e com a vida poderia não ter o diploma que todos cobiçavam? Esta informação a deixou ainda mais motivada. Agora ela precisava encontrar a resposta para ajudar, quem sabe, sua vó Maria e outras tantas por aí.

O próximo a tentar foi seu tio Jaime, ele era um grande encantador de palavras, fazia textos, música, poemas e livros com elas. Parecia que tinha um poço no quintal de casa cheio delas. Jaime respondeu conforme os livros que tinha lido:

*– Ah minha menina perguntadora, é muito simples, mas preste bem atenção no que vou lhe dizer, e se possível, anote para você não esquecer:*

As universidades se caracterizam pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão. São instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por: I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural quanto regional e nacional; II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado; e III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral. § 1º A criação de universidades federais se dará por iniciativa do Poder Executivo, mediante projeto de lei encaminhado ao Congresso Nacional. § 2º A criação de universidades privadas se dará por transformação de instituições de ensino superior já existentes e que atendam ao disposto na legislação pertinente (Brasil, 2006, não paginado).

Bom, realmente ele era um encantador de palavras, porque na cabeça da menina, nada do que disse fez muito sentido. Mas ela sentia que a Universidade fazia algo muito importante para a sociedade.

Resolveu então pedir ajuda aos livros, afinal, seu tio Jaime falava muito sobre eles. Mas onde ela poderia encontrá-los? Perguntando por uma estudante que passava na rua com caderno na mão, a moça respondeu:

*– Ah menina, é só você ir à Biblioteca Municipal de Salvaterra Prof. Jaime Corrêa de Assis (Biblioteca JCA). Segue reto, no final, dobra para direita, conta*



*3 ruas e na quarta você já chegou, é bem ali (apontando com o bico que fez com a boca).*

Chegando lá, ela, juntando todas as letras e lendo o que havia escrito na placa, percebeu:

*– ‘Ei, eu conheço esse nome! Nossa, ele realmente consegue encantar as palavras e as pessoas com elas’. Na sua escola havia livros. Mas não como neste lugar. Sua pesquisa de um dia, se tornou pesquisa de dias e semanas. Até que, encontrou um documento, que dizia o seguinte: o Decreto Federal nº 9.053 de 12 de março de 1946, pelo atual Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, criou os Ginásios de Aplicação nas Faculdades de Filosofia do país: aplicação destinado à prática docente dos alunos matriculados nos cursos de Didática. Este documento continha informações muito semelhantes com as que seu avô disse na rádio naquele dia, afinal, este decreto oficializou o início da parceria da Universidade com a escola básica (Correia, 2017).*

Tempos depois, enquanto ajudava sua avó a preparar o café da tarde, ouvi seu avô contando mais sobre aquele acontecimento:

*– Boa tarde, caros ouvintes, nesta tarde chuvosa, trago mais notícias sobre a criação dos Colégios de Aplicação. Foi comprovado que em 1948 nasceu, como pioneiro, surge no Rio de Janeiro, sendo este uma grande referência na formação docente e suas práticas pedagógicas, o que inclusive, gerou o surgimento de outras escolas semelhantes. Com isso, novas práticas de ensino e experimentação foram desenvolvidas (Correia, 2017). Agora, ouçam a música que você pode dedicar ao seu amor.*

Com toda a certeza, esta informação mexeu ainda mais com a curiosidade da menina. Práticas de ensino, estágio, Rio de Janeiro, Colégio de demonstração... foram palavras que ecoaram na sua mente:

*– Por que eu nunca ouvi isso na minha escola? Ninguém fala sobre estágio, apesar de eu ter aprendido que Rio de Janeiro é um estado, como Pará, o*



*estado que a Ilha do Marajó está. Bom, é preciso novamente ir à Biblioteca JCA.*

Na biblioteca, sua busca não iniciou tão rápido quanto esperava, é que tinha um búfalo passando pela rua e resolveu comer mato bem na frente da biblioteca, e este animal, mesmo convivendo aos montes com os moradores, sempre faz com que todos parem para admirá-lo. Quando ela percebeu, já estava na hora de ir embora. Afinal, de noite, a Matinta às vezes gosta de sair para pedir seu tabaco.

Chegando à casa dos seus avós, resolveu perguntar ao seu avô se ele sabia de algo a mais, e se poderia lhe contar. Ele lhe entregou uns papéis soltos, mas todos em ordem, e pediu para a menina que estava aprendendo a ler e escrever, tentasse descobrir sobre o que falava aquilo, e qualquer dúvida que tivesse, era só lhe perguntar. E, se tinha algo que ela sabia fazer era perguntar.

Com os dias passando, a leitura daqueles papéis e as explicações de seu Getúlio, foram tornando a compreensão mais rápida e fácil. Ela conseguiu compreender, por exemplo, que os Colégios de Aplicação foram vistos durante muito tempo como escola para a elite, praticamente inacessíveis para a maioria da população de classe popular e média, por isso não tinha ouvido falar na sua escola, e que, para reverter isso, o Conselho Federal de Educação (CFE), por meio da Lei n.º 4.024/61, da LDBEN, e do Parecer do CFE n.º 292/62, as práticas de ensino deveriam acontecer de preferência em escolas da comunidade (Correia, 2017).

Neste momento, a menina pensou que, quem sabe um dia, na Ilha do Marajó, também tivesse um Colégio de Aplicação da Universidade do Marajó. Foi então que nas letras miúdas, ela percebe que em a partir de 1970, segundo Correia (2017) há uma mudança no padrão e objetivo dos colégios de aplicação: agora estavam voltados para a formação em serviço, ou seja, somente para a função de Colégio de Aplicação, de produção, de construção de saberes e novas práticas pedagógicas.

Esta informação lhe intrigou e resolveu ir até seu avô. Ele disse que mais adiante nos papéis vem explicando que a partir da década de 80 os CAPS passam a ter uma outra função: agora se assumem como um lugar de pensamento crítico, experimentação, percursos metodológicos e didáticos, entre outros (Correia, 2017) . Era, de fato, o início de uma nova era para os Colégios, para as escolas, para a educação, para a pesquisa de Jaiara, e para ela mesma.



Essa menina, chamada Jaiara, inicia uma nova era na sua vida e na trajetória de sua aprendizagem, pois traz suas raízes a existência marajoara. Como uma pesquisadora, ou melhor, uma aventureira de histórias, Jaiara entende que sua dimensão autobiográfica interfere em sua dimensão autoformativa. Assim, conforme Moraes (2024, p. 11) a dimensão autobiográfica é repleta, como um banquete, de “memórias das experiências vividas na tessitura reflexiva da consciência, provocadora de emoções e (trans)formações que entrelaça passado, presente e futuro em um mesmo acontecimento”. Pesquisa e vida não se separam, se entrelaçam.

E a vida dela, se entrelaça com a minha, professora, alfabetizadora e pesquisadora desta história. Jaiara foi alfabetizada em uma escola pública da rede estadual em Salvaterra, na Ilha do Marajó, e eu também. O contexto de alfabetização dela foi marcado pelos acontecimentos pessoais e familiares e permearam sua vida, e o meu também.

Ela sempre se inquietou, diante das coisas que via passando pelos seus olhares que afetam a formação docente, especialmente na alfabetização, que lida com tantas peculiaridades e que por si só, já é um caminho bem complexo de se viver, mas totalmente possível, e eu também me inquieto.

Jaiara vê que a escola, independe a qual esfera pertença, é lugar de construção de saber, de autoria docente, de formação qualitativa, e eu também. Ela entende que não se faz pesquisa sobre os outros, se faz pesquisa com os outros, e eu também. Gosta de, dentro da pesquisa narrativa baseada em Clandinin e Connelly (2015), na indução docente com Nogaro, Kuhn e Moreira (2021) e alfabetização discursiva com Smolka (2012) traçar diálogos que vão da teoria para prática e para teoria. E eu também gosto.

Jaiara me relembra, quase como se fosse em tom suave de voz, as coisas que me mobilizam e me inquietam na jornada docente dentro da alfabetização, dentro do ensino, dentro da pesquisa e dentro da extensão. Elos que estão enredados uns com os outros. Acreditamos, posso dizer assim por mim e por ela, que existem formas outras de se experienciar a formação dentro da indução docente.

Assim, após nosso diálogo, Jaiara e eu, tratamos de organizar em um caderninho todos os pensamentos, objetivos e justificativa do porquê e para que estava fazendo esta busca, é o que lhe motivava a seguir com ela. Após ter



finalizado, mostrou para sua avó, seu avô, seu tio, e sua professora alfabetizadora. Com a ajuda da sua professora, Jaiara e ela conversavam até chegaram a um acordo. Jaiara ia dizendo e a professora, como sua escriba, colocava no caderno de caligrafia. Então, elas anotaram os seguintes pontos:

- **A grande pergunta impulsionadora (ou questão problema):**

De que forma é possível construir um processo formativo de indução pedagógica no campo da alfabetização alicerçado na experiência e na perspectiva discursiva?

- **Objetivo Geral:**

Construir um podcast como recurso pedagógico de formação docente dentro da indução pedagógica na alfabetização.

- **Objetivos Específicos:**

- a) Realizar uma Revisão Sistemática da Literatura sobre indução profissional docente a nível nacional e regional, no período de 2013 a 2023.
- b) Desenvolver uma pesquisa implicada entre a Educação Básica e o Universidade dentro de um processo formativo de indução pedagógica na alfabetização;
- c) Proporcionar encontros formativos para os estudantes da graduação em pedagogia baseado nas concepções de experiência larrosiana, na alfabetização discursiva, pedagogia freinetiana, e nos princípios formativo de Lucio (2016) e na metodologia da pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2021);
- d) Identificar e analisar quais categorias formativas permeiam a formação docente na indução dentro da alfabetização por meio das cartas;
- e) Desenvolver um produto educacional que alcance o maior quantitativo de estudantes no processo de indução pedagógica na alfabetização construído a partir das experiências durante a vivência do projeto piloto.

Essa grande aventura, ou melhor, pesquisa, torna-se relevante pelo fato de que, a indução profissional docente, como é conhecida em muitos estudos, é um campo ainda novo, mas que exige muito compromisso e dedicação daqueles que o vivem.

Desta forma, essa pesquisa traz o caráter inovador dentro da indução pedagógica na alfabetização quando olhamos para o contexto nacional, principalmente regional, especificamente na região norte, no que compete a



formação de professores dentro da indução pedagógica na alfabetização, a construção de um projeto inicial de ensino para este campo específico de formação, a metodologia da pesquisa alicerçada na pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015) e a pesquisa narrativa criativa de Lucio (2020, no prelo), e o podcast como materialização e recurso formativo educacional, como será visto mais adiante.

Assim, após elas finalizarem isso, traçaram então como gostariam de percorrer esta aventura, ou melhor, como Jaiara poderia construir seus passos autorais como pesquisadora iniciante, assim posso dizer. Então, novamente com a ajuda da sua professora alfabetizadora Júlia Ruana, elas traçam um mapa, um esquema, em forma de brincadeira, para cada coisa que gostariam de viver.

Como era a quadra junina, a melhor época do ano, escolherem a brincadeira do boi bumbá, que foi adaptada para Búfalo-Bumbá (uma versão autoral marajoara do mestre Damasceno)<sup>5</sup>, uma das brincadeiras mais típicas do Marajó. A brincadeira consiste em o Mestra ou a Mestra, montarem uma peça com o Búfalo-Bumbá, e irem de casa em casa, onde as famílias faziam mingau, apresentarem a peça, cantarem, e seguirem o cortejo cantando entoadas e carimbó.

O povo ia se unindo à medida que o búfalo-bumbá vai parando nas casas. Depois do trajeto finalizado, todos se reúnem em algum espaço para continuarem. De acordo com Dário Pedrosa no documentário “O Boi-Bumbá de Salvaterra e suas Comunidades Quilombolas”, de 2023, outros animais também eram representados nessa brincadeira, em Cordões, como “Cordões de pássaro”, Jacuraru (uma espécie de lagarto), orangotango e tamanduá.

Assim, seguindo as palavras do Mestre Zampa, do Quilombo de Salvaterra, que diz “A gente faz tanta coisa na vida, mas no futuro ninguém sabe né o que a fez e o que a gente foi”, elas resolveram então narrar cada passo dessa história, que será apresentada em episódios, com a apresentação da peça feita pelo búfalo-bumbá, que indo de casa em casa, nessa brincadeira da festa junina, não apenas junta pessoas como também junta histórias. E são essas histórias, que elas desenharam abaixo:

---

<sup>5</sup> Para saber mais, assista ao documentário “O Boi-Bumbá de Salvaterra e suas Comunidades Quilombolas”, de Guto Nunes (2023): <https://www.youtube.com/watch?v=MEVyZurqrpK>



Figura 2 – Xilogravura da festa junina em Salvaterra, Ilha do Marajó com o Búfalo-Bumbá



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

## EPISÓDIO 1 – AO SOM DA LAMPARINA, EU CHEGO ATÉ TI

Aqui te apresentamos a contextualização desta história, as motivações, quem somos e o que nos fizeram chegar nesta aventura, especialmente por trazer a história

de Salvaterra na Ilha do Marajó entremeada com a história de nossos personagens e de nossa pesquisa. Além de te apresentar a questão problema e nossos objetivos de forma a te mostrar que a escrita autobiográfica, pesquisa narrativa e a pesquisa narrativa criativa interferem e impulsionam o processo de formação.

## **EPISÓDIO 2 – E COMO ASSIZ QUE SOU, EU DIGO: É HORA DE SINTONIZAR A ILHA DO MARAJÓ E BELÉM DO PARÁ**

Aqui, te apresentamos um pouco mais sobre a história de Salvaterra na Ilha do Marajó, a ancestralidade afetiva da família Assiz e os primeiros diálogos tecidos entre o Marajó e Belém do Pará por meio da educação e da comunicação, com a criação dos Colégios de Aplicação e a história da rádio, a qual informa sobre esta relação.

## **EPISÓDIO 3 – ESTAÇÕES SINTONIZADAS: AS PAISAGENS MAGNÉTICAS DA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA**

Aqui te apresentamos, de forma detalhada, um levantamento dentro da revisão sistemática da literatura que foi realizado no período de onze meses, em 9 diretórios, sobre quais produções temos acerca da indução profissional docente dentro do campo da alfabetização na formação de professores. Foi uma viagem longa, semelhante as viagens de navio da Ilha do Marajó a Belém do Pará. E nessa viagem, cada paisagem que se modifica representa um desses diretórios pesquisados.

## **EPISÓDIO 4 – SINTONIZANDO A OLARIA METODOLÓGICA: OS SONS QUE HABITAM A METODOLOGIA DA PESQUISA**

Aqui te apresentamos de forma minuciosa a contextualização de nossa pesquisa de campo e de estudo, ou seja, o lugar, os sujeitos, a questão foco, a concepção metodológica adotada da pesquisa narrativa e os passos para construção deste projeto de pesquisa que tem como principal objetivo a construção de um podcast;

## **EPISÓDIO 5 – UM, DOS , TRÊS, EI SOM, TESTANDO: AS NARRATIVAS DE INDUÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO QUE GUIAM O INÍCIO DO PODCAST VOZES DOCENTES**

Aqui te apresentamos um passo importante para a realização do nosso produto educacional: as experiências vividas e enredadas durante a pesquisa de pesquisa de campo que foram criadas para que delas saíssem as temáticas dos episódios do nosso podcast de forma implicada e não aplicada.

### **EPISÓDIO 6 – A MAIS PEDIDA: CARTAS, O PULSAR DA DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA**

Aqui, nessa parte da história, te convidamos a olhar para aquilo que mais procurávamos saber e responder diante de nossas perguntas: o que os autores sujeitos falam sobre o seu processo de formação pelas cartas. Quais são as suas experiências que lhe atravessaram e lhe tocaram, para que pudéssemos finalmente entender, quais as categorias formativas fazem parte do processo de formação dentro da indução dita por eles, e não por nós.

### **EPISÓDIO 7 – NOVA FREQUÊNCIA SINTONIZADA: FEITO CHUVA DA TARDE, CHEGA O PODCAST VOZES DOCENTES**

Aqui, nessa parte da aventura, surge algo pensado e estruturado como produto educacional: o podcast. O que foi vivido e construído era para nos embasar conforme a concepção metodológica, de ser um recurso pedagógico formativo criado com as narrativas dos estudantes da graduação sobre aquilo que mais lhe ressaltaram os olhos diante do seu processo de formação na indução pedagógica. Iniciamos com uma breve Revisão da Literatura do tipo narrativa, depois para concepção de podcast, sua relação com as TDICS, a estrutura de roteirização de um podcast e por fim, a apresentação do podcast em 6 episódios.

### **EPISÓDIO 8 – ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO**

Aqui, a última parte dessa grande aventura, socializamos contigo as reflexões, aprendizagens e pretensões que emergiram desta pesquisa para a professora, a alfabetizadora, e a pesquisadora que conversou e brincou contigo durante toda a história.

Neste enredo, como grandes amigos, escolho te contar a história desta pesquisa por meio de metáforas e analogias utilizando o contexto das viagens marítimas que faço pela Baía do Guajará nos rios da Amazônica, pelo contexto da



rádio e do podcast, a arte da cerâmica marajoara, e as encantarias da cultura paraense e marajoara no solo amazônica.

Início esse conto para ti, a partir de uma narrativa autobiográfica, desde a infância e o processo de alfabetização na Ilha do Marajó até a fase adulta na cidade de Belém do Pará, trazendo as memórias familiares que fomentam minha justificativa pessoal e autoral para a escolha e encontro com esta pesquisa, os quais, são os primeiros motivadores.

Ressalto para vocês, conforme Moraes (2024, p. 11), que a escolha por uma narrativa autobiográfica é um “gesto de ousadia, mas uma abertura, exposição e disponibilidade para se (auto)conhecer permanentemente. Além do mais, [...] como um processo de se permitir a outros horizontes de possibilidades [...]”. Por isso, tanto a introdução quanto o primeiro capítulo desta que minha história que compartilho com vocês, trazem de forma tão acentuada este tipo de abordagem autobiográfica.

Um ato que, antes e mais nada, mexe comigo, de quem poderia ter sido, de quem fui, quem estou sendo e quem pretendo ser (talvez). Segundo o autor, ao escrevermos desta forma, não conseguimos ter exata noção de quanto afetamentos iram ocorrer processo, especialmente para mim, pois faço para mim a mesma pergunta que ele se faz “o que faço com o que sinto e penso ao narrar?” (Moraes, 2024, p. 11). Bom, posso responder para vocês, que o que eu faço é libertar e compartilhar. A história de cada pessoa, merece e precisa ser contada por ela mesma, por isso, escrevê-la é tão importante quanto vivê-la. Por isso conto e escrevo a você, a minha história. Ou melhor, a nossa.

Mas escrever de forma narrativa autobiográfica não é tarefa fácil ou feita de qualquer modo. Segundo Moraes (2024, p. 12), esse tipo de prática de vida e dispositivo metodológico “precisa expressar um conjunto de sensibilidades que embalam e movem o (a) narrador (a), em função dos acontecimentos por si vividos, e, portanto, extrapola as dimensões científicas, puramente metódicas [...]”. Se não me movo e sou embalada pelos acontecimentos que vivi, certamente não terei como motivar vocês.

Deste modo, não é um ato elementar de se escrever e compartilhar, pois nesta escrita, ao revistar suas memórias, todo o ser se debruça sobre aquilo e um apanhado de expressões comportamentais acontecem e revelam. Além do mais, “as histórias de si são disparadoras de um conjunto de sensibilidades, emoções, aprendizados e conhecimentos que extrapolam a escala do dizer sobre isso (Moraes,



2024, p. 17). Ou seja, as vezes faltam palavras para expressar os afetamentos<sup>6</sup> e atravessamentos que são vividos nessa formação de vida, educação e pesquisa.

Por isso, Morais (2024) inspirado em três autores, sendo eles: Walter Benjamin, Jorge Larrosa e Marcos Villela Pereira, traz três pontos para uma melhor compreensão da escrita autobiográfica ligada a cada um desses autores, respectivamente. Assim, compreende que este tipo de escrita é uma dimensão formada que valoriza o dia a dia pois se constrói nas sabedorias do povo que feito arte sabem contar suas histórias. Também percebe que nessa dimensão, o sujeito além de ser afetado, se permite ser afetado por aquilo que enquanto experiencia, lhe atravessa e sente, se deixa ser afetado por aquilo que lhe acontece. E por último, destaca a escrita como uma microestética, pois permeado de subjetividade, o próprio autor cria suas marcas que não podem ser repetidas pelo outro ou se repetem no outro, tornando então, algo único.

Desta forma, trago as falas do autor citado acima para ratificar um dos propósitos e características deste escrito:

A proposta desse texto se configura como um ensaio hermenêutico-reflexivo-narrativo, pelo fato de me colocar em primeira pessoa falando de mim, do que penso e sinto (por isso narrativo autobiográfico) no modo de interpretação e compreensão das experiências vividas por mim ao longo dos itinerários trilhados (por isso hermenêutico), e que se delinea em tomadas de consciência desse movimento de narrar e perceber as dimensões (trans)formadoras, conhecedoras e aprendentes com a narração de histórias de mim, do outro, do mundo (por isso reflexivo) (Morais, 2024, p. 12).

Desta forma, neste que também posso chamar de ensaio hermenêutico-reflexivo-narrativo, vejo que as narrativas aqui vividas, escritas e contadas são “como artes (trans)formadoras da existência. Essa sentença, leva em consideração um projeto de (re)invenção de si, na qual se revela como um processo autopiético<sup>7</sup>, porque criativo, inventivo e possibilitar de (re)criação do sujeito consigo próprio [...]” (Morais, 2024, p. 14). O que para o autor é também uma forma de olhar a sua

---

<sup>6</sup> Termo que li no trabalho de Morais (2024).

<sup>7</sup> “A autopoiese é um conceito criado a década de 1970 pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, significando a capacidade de um sistema de se autorganizar e ser auto-suficiente. No campo da educação, e mais precisamente no campo da pesquisa narrativa (auto)biográfica, entendo que esse conceito condiz como um modo de o sujeito produzir a sua própria existência, conhecimento, aprendizagem e formação, transformando-se pelas experiências que se tecem em uma reflexividade narrativa e conscientizadora” (Morais, 2024, p. 14).



existência em toda a complexidade que lhe atravessa, seja consigo, com o mundo, e com o outro ou outros.

Assim, caminho com vocês nesta escrita autopiética, criativa, inventiva e recriadora de uma formação docente que está para além de uma pesquisa acadêmica. Nesta tessitura autobiográfica, encaro e apresento-a para vocês como “[...] o processo pelo qual o sujeito mobiliza na vida vivida modos de compreensão de si, o que viveu e da própria realidade em suas multidimensionalidades são construções que o potencializam como ser histórico e de linguagem” (Morais, 2024, p. 16). Sendo ser histórico e de linguagem, apresento para vocês cada um dos personagens mais marcantes dessa história:

Desenho 1 – Ilustração de Getúlio Assiz, radialista e criador da primeira rádio na Ilha do Marajó



GÉTULIO ASSIZ  
(EDELTRUDES ASSIZ)

Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).



Desenho 2 – Ilustração de Maria de Lourdes



MARIA  
DE  
LOURDES

Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).

Desenho 3 – Ilustração real da alfabetizadora marajoara da menina Jaiara com seu nome fictício de Júlia Ruana



ALFABETIZADORA  
MARAJOARA  
JÚLIA RUANA

Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).



Desenho 4 – Ilustração e nomes fictícios baseados em uma das primeiras alfabetizadoras da Escolinha Primária da UFPA



**ALFABETIZADORA  
DA ESCOLINHA  
PRIMÁRIA DA  
UFPA (1963)**

**RUTH BOCAIÚVA DE  
ARARUNA**

Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).

Desenho 5 – Ilustração da narradora, alfabetizadora e pesquisadora Jessika Assiz



**ALFABETIZADORA  
JESSIKA ASSIZ**

Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).



Desenho 6 – Ilustração da menina Jaiara



Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).

Desenho 7 – Vozes que nos constituem: autores-sujeitos



Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).



Desenho 8 – Ilustração real do radialista e tio da menina Jaiara, Janney Assiz



**RADIALISTA E TIO  
DA MENINA  
JAIARA:**

**JANNÉY ASSIZ**

Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).

Desenho 9 – Ilustração real da orientadora desta pesquisa experiência, Elizabeth Orofino Lucio



**ORIENTADORA  
DESTA PESQUISA  
E CRIADORA DA  
METODOLOGIA  
PESQUISA  
NARRATIVA  
CRIATIVA,**

**ELIZABETH  
OROFINO LUCIO**

Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).



Desenho 10 – Ilustração real da podcaster criadora do podcast Vozes docentes: Jessika Assiz



## PODCASTER JESSIKA ASSIZ

Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).

Desenho 11 – Ilustração das encantadas que cocradoras desta pesquisa: a garça Jaiara, a boiúna Elizabeth e a iara Jessika



## AS ENCATADAS QUE POSSIBILITARAM A EXSITÊNCIA DESTA PESQUISA NARRATIVA CRIATIVA:

GARÇA ( MENINA JAIARA ),  
BOIÚNA ( ORIENTADORA ELIZABETH )  
IARA ( PROFESSORA JESSIKA )

Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).



Desenho 12 – Ilustração real de umas das primeiras professoras alfabetizadoras da Escolinha Primária da UFPA, Ruth Bompert de Araújo, grande inspiração e também motivação para esta pesquisa



Fonte: Jaqueline Figueiredo, ilustradora (2024).

Nesta pesquisa experiência, a partir da metodologia criada pela orientadora Elizabeth Orofino (pesquisa narrativa criativa), encontro-me e crio alguns personagens fictícios que inspiraram esta pesquisa, um abraço entre o passado, presente e futuro que não seguem a linearidade humana, e sim sua existência nata: um eterno ciclo não palpável, onde o que foi já está sendo e vira a ser. Desta forma, a menina Jaiara sou eu criança (este seria o nome que minha mãe iria me dar), inspirada em mim, Jessika Assiz, e na minha fase criança, no tempo que morei e existo até hoje no Marajó, em tudo que aprendi ali, por meio de toda minha ancestralidade familiar, chão, águas e ventos que me acolheram muito antes de eu nascer.

A alfabetizadora Ruth Butantã de Araruna, inspirada em uma das primeiras professoras alfabetizadoras da Escolinha Primária da UFPA em seu ano de inauguração em 1963, uma mulher que se chama Ruth Bompert de Araújo (Tito Barata, aluno da primeira turma de alfabetização da escolinha no ano de 1963, em



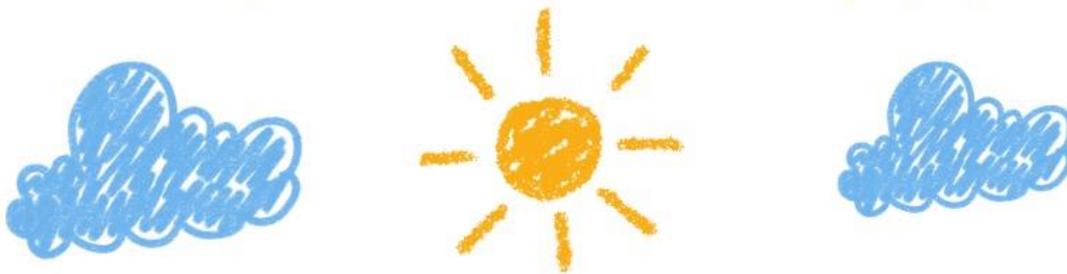
entrevista no whatsapp por Jessika Assiz, 2024) uma pessoa que me vejo no passado, e que suas cartas, escritas por mim de modo ficcional, trazem todas as problemáticas atuais da docência. A alfabetizadora Jessika Assiz, eu, narradora, pesquisadora e escritora desta pesquisa, que encontro-me com minha criança interior, um eu do meu passado bem distante e um eu do meu futuro, que sente à docência e suas veias na pele.

E por fim, as encantarias do ser amazônida, que me possibilitaram buscar: na leveza, liberdade, graça e determinada da Garça minha criatividade, beleza e força para escrever esta dissertação. Na grandiosidade, força sabedoria da Boiúna, bisquei meu aprofundamento teórico, meu domínio e meu empoderamento como pesquisadora para seguir esta escrita. E na beleza, encantamento e alegria da lara, busquei minha no reflexo das águas me olhar para nunca esquecer o porquê maior de navegar por esta pesquisa, do porquê me tornar uma pesquisadora, para que eu contemplo o que é belo, me encante e encante com as palavras e sinta felicidade por ter aprendido e compartilhado com vocês.

Jaiara tem muito de mim e eu tenho muito dela. Isso não tenho como negar. Desta forma, ela continua sua jornada, e eu continuo a minha. Às vezes estamos juntas, outras separadas, mas sempre conectadas. Te convido a continuar acompanhando as aventuras que ela, ou melhor, nós, vivemos.

Um convite que também é feito por aqueles que vieram antes de mim e pelos que estão comigo nesta jornada, por isso, ao iniciar cada capítulo trago as vozes de pessoas que foram essenciais para que esta jornada acontecesse, onde cada capítulo dessa história tem muito delas, de mim e dos autores sujeitos: as vozes que constituem essa pesquisa.

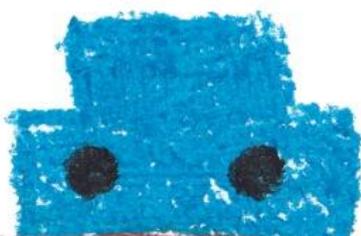




## EPISÓDIO 2

É COMO ASSIZ QUE SOU, EU DIGO:  
É HORA DE SINTONIZAR A ILHA DO  
MARAJÓ E BELÉM DO PARÁ

*“Tudo pronto, abrimos nosso relicário  
de histórias e vamos recordar de  
tudo...” (Getúlio Assiz)*



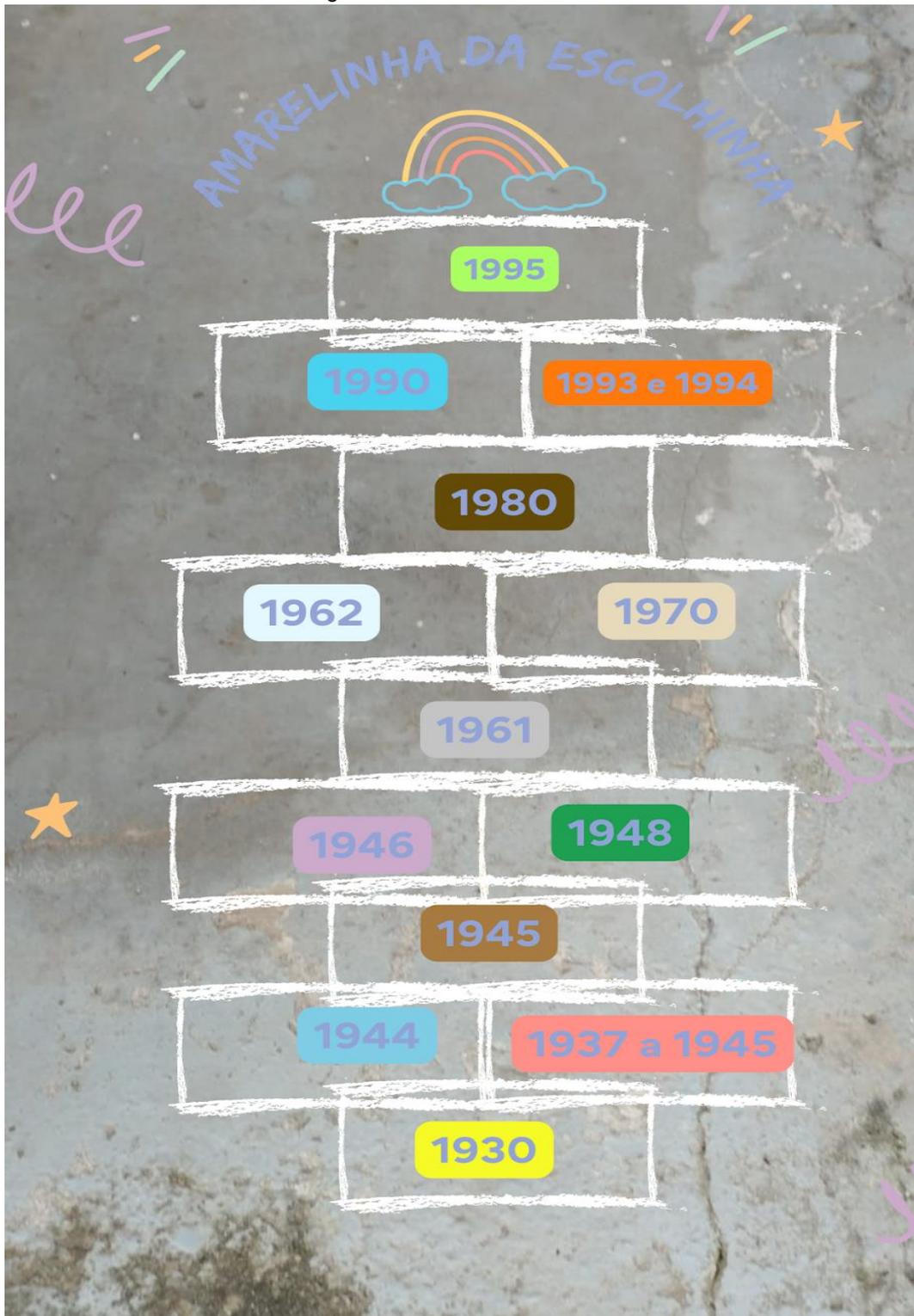
## EPISÓDIO 2 E COMO ASSIZ QUE SOU, EU DIGO: É HORA DE SINTONIZAR A ILHA DO MARAJÓ E BELÉM DO PARÁ.

O avô de Jaiara, uma semana depois, chega com pouco a dizer e muito a mostrar, convidando-a para brincar de amarelinha. Ela era toda baseada nos acontecimentos importantes que estavam conversando, para que a menina tentasse compreender melhor os acontecimentos:

- *Branquela, bora aprender brincando?*
- *Oba, vamos vovô! Mas vamos brincar de quê?*
- *De amarelinha do tempo. Você irá desenhar no chão com este giz 15 casas e dentro delas vai colocar as datas que vou te dizendo.*
- *E como vamos brincar? E como vou saber o que significa essas datas? E quem vai ganhar? E como vou aprender?*
- *Respira, menina! Vamos brincar e na brincadeira você vai percebendo. Mas vai ser muito simples, a dinâmica vai ser essa: eu fiz cartões aqui por cores, está vendo?! Cada cartão desse corresponde a uma data que estará na amarelinha. Esses cartões contêm informações importantes sobre este período. Um de cada vez, jogará a pedrinha, na casa em que cair, você pega a pedrinha, retira o cartão na mesma cor e vai colecionando. Ao final, quem chegar ao céu com mais cartões e com o maior número de informações, ganha.*
- *Ahhhh, agora entendi, vovô Getúlio. Então tá, vou começar a desenhar. Mas ó, eu vou demorar um pouquinho, mas vou fazer todinha a amarelinha. Ah, inclusive essa amarelinha vou chamar de Amarelinha da Escolinha, porque achei bonito esse nome e também é uma homenagem para a escolinha da UFPA.*



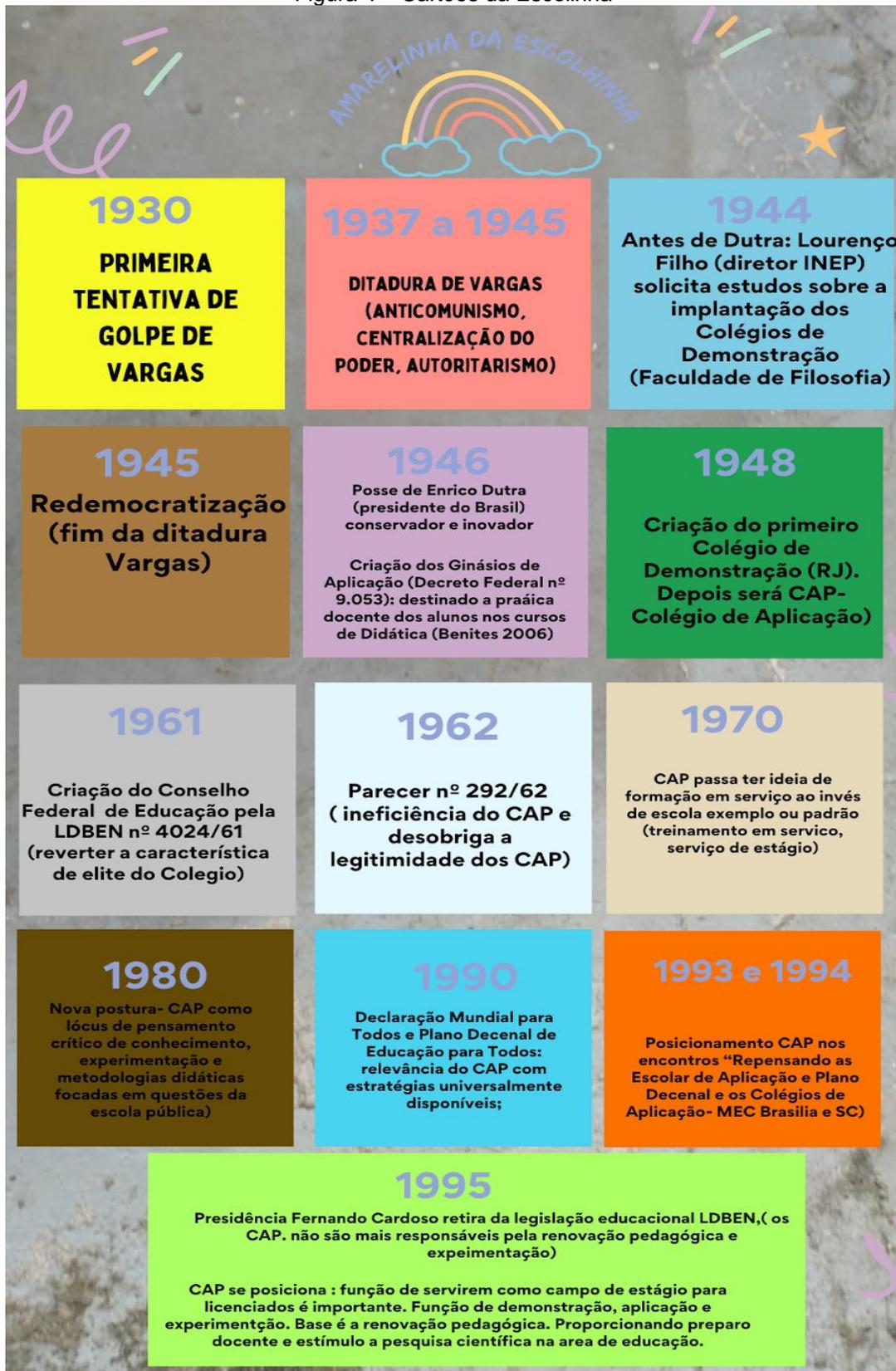
Figura 3 – Amarelinha da Escolinha



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Figura 4 – Cartões da Escolinha



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Pronto, agora sim, ela conseguia compreender bem melhor todo aquele contexto. A brincadeira durou a tarde inteira. Quando que ela imaginaria que um dia, em uma simples tarde, poderia aprender tanto! E ainda por cima, pôde brincar com seu avô, alguém que ela tanto ama!

Mapas, linhas do tempo, trilhas, brincadeiras, lhe fascinavam tanto, que era praticamente impossível não encontrar um que fosse dentro da sua mochila. Seu avô realmente lhe conhecia bem. Realmente momentos como estes marcam também a história de vida de uma pessoa.

Ao chegar na escola no outro dia, seus amigos lhe perguntaram o que tinha de tão especial nessa história, e ela respondia que enxergava ali a sua chance de realizar seu sonho em ser professora aventureira. Ela queria ser professora em um lugar que priorizasse o ensino, a pesquisa e extensão, com qualidade. Suas bonecas que lhe perdoassem, mas era preciso ensinar gente viva também!

## **2.1 Está no ar o relicário da saudade: vamos recordar de tudo!**

Sua avó, ouvindo uma de suas aulas repletas de bonecas, resolveu lhe entregar algumas cartas que havia encontrado ainda mocinha. Era de uma mulher que escreveu para sua família quando foi trabalhar, em 1963, na Escola Primária da Universidade Federal do Pará.

Sua intenção ao lhe dar essa carta era que, de alguma forma, a menina compreendesse que o sonho de ser professora é lindo, mas que vem carregado de lutas e desafios. A mulher, chamada Ruth Bocaiúva de Araruna, dizia assim em sua primeira carta:





Belém do Pará, 10 de abril de 1963

Da professora, Ruth Bocaiúva de Araruna para sua família, em Salvaterra, Ilha do Marajó.

Querida família, como estou com saudade de vocês! Aqui na cidade de Belém as coisas são bem diferentes do que aí em praticamente tudo. Os búfalos aqui são os trens que passam pelo meio da rua, energia elétrica tem todo dia, mas barulho também. Temos que ter cuidado com nossas coisas, infelizmente tem muitas pessoas que pegam pertences que não devem, é uma verdadeira violência! Mulheres, como eu, temos que tomar bastante cuidado ao sair pelas ruas, principalmente à noite. Mas enfim, não quero contar para vocês apenas coisas ruins, quero contar do meu novo emprego, e só reforçar que estou morrendo de saudade de vocês!

A Escola da UFPA é linda! O nome dela oficial é Escola Primária da Universidade Federal do Pará, mas nós, professores e os estudantes, gostamos de chamá-la carinhosamente de Escolinha Primária ou Escolinha da UFPA. Ela fica situada em uma avenida muito chique e conhecida daqui a Avenida Nazaré. Inclusive, ao andarmos pelas ruas aqui, o povo diz que estamos em Paris do Brasil! Tchaaaba, vocês precisam ver como se vestem aqui, como são as construções aqui, tudo me parece que foi inspirado e ficou conhecido como Belle Époque (EAUFPAA60ANOS, 2022).

Sobre as construções das casas e prédios, égua, vocês precisam ver! É uma coisa mais majestosa que a outra, com detalhes na frente, um jardim, grades parecem feitas à mão. Uma riqueza só. Assim também é frente da escola, na verdade é um casarão. Aqui, tem uma grade comprida e alta, com formato de seta bem nas pontas (EAUFPAA60ANOS, 2022).

Tem também uma árvore, que fica bem ao lado, além de linda e dá muita sombra, não encobre a fachada da escola. Aqui são dois andares, e olhando de frente, parece que é dividida em 3 partes retangulares, com janelas impetuosas nos dois andares, com um total de cinco, sendo duas delas em formato circulares. Pai, tem um chafariz bem na entrada e mano, tem um tio que vende um suco com salgado que é uma delícia! E bem no centro tem uma janela na parte de cima com varanda e na parte de baixo, uma escada que dá acesso a porta (EAUFPAA60ANOS, 2022).

Meu Deus, mãe, que formosura! A senhora acredita que tem uma magnífica escada de caracol em madeira, que fica bem no meio do salão! O difícil acho que é limpá-la né. A





propósito, o chão precisa estar sempre limpo, tem desenhos ou pinturas que parecem ser feitos a mão. Outros espaços, como as salas de aula, tem um piso de madeira que brilha tanto, que conseguimos ver nossos pés refletidos nele. Tudo aqui ocorre na mais perfeita ordem (EAFPA60ANOS, 2022).

Sobre a minha adaptação, confesso que está sendo mais difícil do que imaginava. As pessoas me tratam bem, até já estou fazendo amizades com outros como, a diretora Osmarina de Melo Fortuna, a Nazita secretária, o Edmee, Concita, Cleonice, Clelia, Rita Nery, Nazaré Carrera, Rosalina, Candida, acho que posso ter esquecido alguns. Ah, tem a dentista Alderina e os senhores Amadeu, e Alfredo (EAFPA60ANOS, 2022).

Jardim da infância com a professora Neuza e a professora Eunice do Ó. Na alfabetização tem a professora Cleia Faciola e a professora Ruth. E ao longo de todo o primário, a Eunice e Neuza também dão aula, tem a Oneia Gama Costa, professora Cleonice, professora Sarah, professora Terezinha, professora Jenir, no primário, que é até a quinta série.

Ah, já ia me esquecendo, a diretora aqui mora numa rua chamada Domingos Marreiros, um lugar muito chique, tem uma única filha, e é casada com seu fortuna, que é dentista) (entrevista com Tito Barata<sup>8</sup>, abril de 2024). Essa aqui embaixo é uma fotografia dela, olhem só:

Fotografia 3 – Osmarina de Melo Fortuna (primeira Diretora da Escolinha)<sup>9</sup>



A Profa. Osmarina Sampaio Fortuna foi a primeira Diretora da Escola Primária da Universidade.

<sup>8</sup> Tito Barata é jornalista, mora em Belém do Pará, é um dos primeiros alunos da escolinha primária da UFFPA no ano de 1963, ano de inauguração da mesma.

<sup>9</sup> Ela é casada com Frederico Sampaio Fortuna, secretário da antiga Faculdade de Direito e irmão de Maýr Sampaio Fortuna, autor do primeiro brasão da então Universidade do Pará — o brasão aparece em imagens do PDF na cerimônia de instalação no Theatro da Paz em 1959. FONTE: <https://fauuffpa.org/2012/07/11/ajuste-na-digitalizacao-do-uffpa-20-anos/>



Fonte: Laboratório Virtual da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA (2012).

Eu fico achando tudo isso incrível, uma mulher sendo diretora de uma escola da universidade! Assim, como acho incrível todas as outras professoras que vieram para trabalhar. Ao todo são 20 professoras alfabetizadoras e mais a diretora. Em média 330 crianças matriculadas, 46 no jardim de infância. Livros, materiais escolares e sapatos são ofertados gratuitamente para as crianças. E aqui trabalhamos com a Campanha do ABC. O reitor José Silveira Neto vem praticamente todos os dias aqui, acompanhar como está tudo. Aqui, como a escola foi criada para os filhos dos servidores, não existe distinção de classes, todos são atendidos, desde o mais categorizado ao mais humilde servidor. (Produção de M. Mendonça- Ponte Cinematográfica- Universidade do Pará inaugura escola primária)

Todo dia pela manhã, vamos junto com as crianças, cantar nosso hino nacional. O professor e diretor doutor José da Silveira Neto faz questão de estar sempre presente conosco, quando pode. Ele é uma pessoa bem séria, mas muito inteligente (ESCOLINHA..., 2022).

Assim que cheguei me explicou coisas importantíssimas sobre a escola, mas que contarei na próxima carta. Fiquem com meu abraço, meu cheiro e meu amor! E não esquecem de pedir para a dona Clotilde escrever para vocês a carta de volta para mim. Viu, dona Clotilde? (Sei que a senhora está lendo e obrigada por isso).

*Saudade grande.*

*Com amor, a filha e irmã professora de vocês*

*Da sua filha professora alfabetizadora da universidade, Ruth Butan*



Eu não consigo narrar para vocês o brilho que saltou dos olhos da menina quando ela finalmente conseguiu ler toda a carta. Demorou, mas cada palavra escrita ali representava uma vitória, uma saudade, um sentimento e muitas vidas. A história de alguém estava sendo contada e escutada por ela mesma. A história de uma professora, como ela queria ser.

Assim que acabou, como quem dobra um pano de seda, ela deixou a carta delicadamente dentro da sua caixa de cartas e saiu para abraçar sua avó. Encostando sua cabeça de lado, agarrando-a fortemente pela cintura, a menina apenas sorriu e sua avó sorriu de volta, inclinando sua cabeça em direção a menina.

No silêncio também se fala e se ouve.

Na manhã seguinte, quando estava a caminho da escola, como sempre fazia, as informações daquela carta não saíam da sua mente. E claro, ela precisava dar conta de ler as outras, mas precisava estudar também. Foi então que teve a ideia de conversar com sua professora, quem sabe ela, que conhecia sobre tantas coisas, também não conhecia sobre essa Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará.

Chegando à sua escola, tratou de arrumar seus pertences na cadeira e logo ir falar com a professora, dizendo que tinha algo muito importante para conversar com ela na hora do recreio. Quando tocou a sirene, a Jaiara logo perguntou:

*– Professora, a senhora por acaso sabe alguma coisa sobre a Escola Primária da Universidade Federal do Pará que está completando 60 anos e fica na cidade de Belém do Pará?*

*– Ah, o antigo NPI?*

*– Np o quê? Tchaba, o que isso professora?*

*– NPI é a sigla para Núcleo Pedagógico Integrado, esse foi o nome que conheci desta escola, mas hoje sei que tem o nome de Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Conheço sim, não muito, mas sei algumas coisas. Olhe esta foto que tenho guardada, imprimi lá casa da Tereza.*



Fotografia 4 – Fachada do antigo Núcleo Pedagógico Integrado da UFPA



Fonte: Escola... (2022).

Fotografia 5 – Prédio do Ensino Médio no antigo Núcleo Pedagógico Integrado da UFPA



Fonte: Site de pesquisa EAUFPA 60 ANOS [19??].



– Hum, isso é outra coisa que tenho que saber, mas nem te conto que esse tal de NPI nem foi o primeiro nome dessa escola, o primeiro nome dela foi Escola Primária da Universidade Federal do Pará, quem me contou isso foi a minha amiga Ruth de Araruna. Mas tá, deixa eu voltar, o que a senhora sabe desta escola, professora?

– Olha, vou querer saber mais sobre isso sim, mas tá, o que eu sei, pelos estudos que fiz que em um site oriundo do projeto de pesquisa Escola de Aplicação 60 anos: histórias, memórias e parcerias, coordenado atualmente pelo professor Thiago Broni de Mesquita, a EAUFPA foi fundada em 7 de março de 1963 como a Escola Primária da UFPA, por um senhor chamado de reitor José Rodrigues da Silveira Neto, amparada pela Lei de n.º... perai, me esqueci do nome mas anotei no meu caderno, já vou pegar pra ti. Mas antes, deixe eu ver aqueles dois ali que estão brigando. Carloooooos e Manoeeeeel.

– Égua, esse negócio de ser professora não é fácil, ela nem teve tempo de terminar nossa conversa. Bom, espero que no final da aula a gente possa conversar um pouco, mas eu quero mesmo é saber o tanto de coisa que deve ter escrito nesse caderninho dela.

Ao tocar o sino da campa de saída, a menina que já estava com todas suas coisas arrumadas, correu em direção à mesa da professora.

– Professora, a senhora pode me contar mais sobre a escola, o que tem no seu caderno?

– Claro, meu amor, só um instante, vou te mostrar as anotações que fiz, mas não vamos poder demorar, logo sua avó e irmã vem na sala para vocês irem embora almoçar.

Com um gesto muito firme, mas muito delicado, a professora abriu, com certa dificuldade devido ao tempo, a gaveta que tinha ao seu lado direito na mesa. A menina, cheia de curiosidade, olhou com muito cuidado e encantamento por tudo que tinha ali. Era como se estivesse vendo um próprio baú de tesouro bem diante de seus olhos. Tinha canetas diversas, papezinhos, fotografias, apagador, piloto, fotografias e três caderninhos. Um deles foi o que a professora retirou.



– Bom, é nesse caderno que escrevo as informações que acho valiosas sobre ser professora e sobre a educação. Lembro-me que quando soube desta escola, realmente acreditei ser um marco, por isso sua história também me fascina.

A professora encontrou esta informação no site da própria EAUFPA, fez suas anotações para que não esquecesse. E agora, estava compartilhando ao ler para a menina suas anotações:

A Escola de Aplicação da UFPA com este nome que conhecemos atualmente surgiu em 07 de março de 1963 a partir da Lei n.º 4.440 de 1963, a qual estimulava as empresas que tivessem mais de 100 funcionários a ofertar uma educação gratuita para os dependentes com o nome de Escola Primária da UFPA. Logo após, em 1964, foi criado o Colégio Universitário tendo como objetivo atender os estudantes do nível de 2º grau, mais conhecido neste período como curso ginásial (HISTÓRICO, 2022, não paginado).

Um outro documento legal importante é a Resolução n.º 272, de 2 de janeiro de 1975, a qual unifica a Escola Primário e o Colégio Universitário, originando o Núcleo Pedagógico Integrado - NPI, que ficou com este nome até 2006, quando foi renomeado como Escola de Aplicação da UFPA, nome que permanece atualmente (Histórico, 2022, não paginado).

Esta modificação não foi apenas na nomenclatura em 1975, houve a ampliação do campo de ação e o mesmo passou a assumir a função pedagógica de ser um campo de estágio e experimentação para os graduando dos Cursos de Licenciatura da Universidade Federal do Pará (Histórico, 2022, não paginado).

Como Escola de Aplicação da UFPA em 2006, criou-se uma unidade acadêmica especial, com estrutura administrativa autoral, que oferta à comunidade em geral todos os níveis da educação básica (Educação Infantil ao Ensino Médio) e não mais exclusivamente aos dependentes de servidores da UFPA. Assim, esta escola hoje tem um dos papéis fundamentais dentro da educação pública e gratuita belenense, especialmente porque a maioria de seus estudantes advém dos bairros populares do entorno da instituição (Histórico, 2022, não paginado).



Aquelas palavras continuavam ecoando na mente da menina na mesma medida em que novas dúvidas iam surgindo.

– *Isso te ajudou em algo?*

– *Sim, sim, professora. Quando eu crescer quero ser professora de uma escola tão grande, que nela caiba todo estilo de gente, de comida, de aprendizagem e principalmente, que seja de graça e boa. Consegui escrever algumas palavras no meu caderno, se tiver alguma dúvida, posso vir perguntar pra senhora de novo?*

– *Claro que pode! No que puder te ajudar, te ajudarei. Agora corre, se não sua avó vai ficar muito preocupada.*

A menina saiu correndo com seu caderninho de anotações em uma mão e sua manga na outra, ela sempre gostava de levar uma para comer de sobremesa após almoço. Uma não, umas... Quando chegou em casa, contou logo para sua família um pequeno resumo de suas descobertas. Ficaram espantados e encantados com suas descobertas, mas pediram para que a menina tivesse um pouco mais de calma nessa busca, pois nem todos os dias, ela conseguiria se dedicar a isso.

Na manhã do outro dia, a menina antes de tomar seu banho, tratou de ir até a cozinha com sua avó ouvir o que seu avô anunciava na rádio:

– *Meu prezado e minha querida amiga, muito boooooom dia. Caros e caras ouvintes, são exatamente 7 horas da manhã. Hoje o dia está repleto de novidades e curiosidades. A primeira delas é que teremos hoje a participação da senhora Elizangela Lima, a Lili da Farmácia do Povo. E a próxima, é que a escola professora Oscarina Santos será homenageada em nosso carnaval salvaterrense, pelo bloco ilha. E como Assiz que sou, eu digo: Educação é para todos. Devendo ser pública, gratuita e de qualidade! Este será o nosso samba enredo. E para começar, solta nossa vinheta!*



A frase “Educação é para todos. Devendo ser pública, gratuita e de qualidade”, foi a primeira vez que a menina tinha ouvido na vida! Sentia e entendia que a palavra “educação”, por si só, já carregava todos esses adjetivos: coletiva, pública, gratuita e de qualidade. “Porquê repetir algo que parecia tão óbvio?!” A menina perguntou e ela mesma respondeu:

*– Bom, parece que para muita gente não é tão óbvia assim, se não, meu avô não falaria isso na rádio para o povo do mundo inteiro ouvir e ver se aprende de uma vez por todas.*

É... a menina acreditava que rádio do seu avô alcançava o mundo inteiro e incontáveis pessoas, afinal, era um meio de comunicação para difundir informações sonoras por meio de ondas eletromagnéticas em diferentes frequências (ela achou isso escrito em um dos cadernos de anotação do seu avô). Da feita que você ia na rádio, falar sobre o assunto que fosse, pronto, automaticamente no outro dia todo mundo lhe conhecia.

Mas, não era qualquer pessoa que ia à rádio, nem qualquer assunto que se conversava ali, tudo era minuciosamente pensado, planejado e escolhido. Então, caros leitores, se você foi ou conhece alguém que já foi a uma rádio, saiba que algo de muito importante tinha ali.

A menina passou dias repetindo aquele conceito sobre rádio, sem compreender muito bem, mas com muito interesse e curiosidade. Pensou que precisava ter uma resposta rápida sobre aquilo, como se em um piscar de olhos a informação aparecesse bem a sua frente.

Resolveu perguntar para um outro tio seu, o Janney. Ela trabalhava com seu avô na rádio, sabia de muitas histórias sobre a cidade, sobre a rádio, sobre a família e outros assuntos também. Com certeza, iria lhe ajudar. E ela estava certa! Seu tio Janney lhe ensinou a usar um computador e a navegar pelo site. A menina que antes navegava apenas nas águas marajoaras, agora navegava pelas águas virtuais.

Águas silenciosas, sem cheiro, mas cheias de movimentos, de balanço e cores. Tudo estava ali, ao mesmo tempo, no mesmo espaço vindo de muitos lugares com a famosa internet. E ao aprender a se conectar, enfim encontrou um site que falava mais sobre a rádio: era o site do Senac RJ.



No site do Senac estava escrito que “[...] apesar de parecer complicado, ele é considerado o meio mais popular e o de maior capacidade de comunicação de massa mundialmente” (A História..., 2017, não paginado). Bingo! Ela estava certa! Seu avô realmente falava para o mundo inteiro ouvir.

A cada nova descoberta, a menina ficava extremamente feliz com a quantidade de fontes que tinham para aprender mais e mais: a sabedoria ancestral da experiência de sua avó Maria, a sabedoria da experiência e vivência do seu avô Getúlio, seus tios Jaime e Janney, a sabedoria escolar da sua professora e sabedoria científica e ficcional da Biblioteca, livros e cartas, sabedoria expansiva da internet e a sabedoria popular do rádio.

E para além disso, tinha a sua própria intuição, suas próprias análises e reflexões sobre aquilo que estava ao seu redor e vivenciava. A menina, não era unicamente menina, era uma pessoa, um ser que pensa, sente e diz.

E esse ser, tinha suas formas próprias de construir seus conhecimentos e aprendizagens. Já mencionei o quanto ela é encantada por vozes, certo? Para cada tipo de fonte, uma voz diferente ela conseguia ouvir, bem ao fundo, como se fosse uma eterna melodia.

Na rádio ouvia a voz do seu avô: doce e firme, especialmente quando exaltava a letra R nas palavras. Nas cartas, ouvia a voz de sua avó: forte e alegre. Na Biblioteca, ouvia a voz do tio Jaime: rebuscada e envolvente. No computador, a do tio Janney: justa e equilibrada. Na escola, a sua professora é encantadora e desafiadora. E a sua: uma voz saltitante e sensível.

Vozes que compõem a jornada desta menina de vida. Que compõem sua história e quem é. Para além dessas outras, existem mais e vamos conhecê-las nos próximos capítulos. Agora, precisamos voltar a busca dessa compreensão sobre a potência que existe na tão sonhada Escola de Aplicação da UFPA.

De fato, o acesso ao computador e a internet facilitaram muito o campo de pesquisa da menina, porém, como ela estava ainda neste processo de aprender a ler e escrever, ela sentia a necessidade de algo mais próximo, mais íntimo, mais humano, se assim posso dizer. Ouvindo com os olhos a aflição de sua neta, vó Maria então, resolveu lhe entregar outra carta da professora Ruth Araruna:





Belém do Pará, 15 de maio de 1963

Da professora Ruth Bocaiúva de Araruna para sua família, em Salvaterra, na Ilha do Marajó.

Oi, minha família!

Preciso começar dizendo que a saudade de vocês é irremediável, mas o sonho de estar aqui é insubstituível. Nossa, tem um pouco mais de um mês que estou aqui e já aprendi tanta coisa como professora e como pessoa.

O trabalho é árduo, mas gratificante. Assim como eu, todos que aqui estão, sentem-se maravilhados com nossa escola, sejam as crianças, os responsáveis ou os funcionários. Hoje, em especial, quero contar a vocês um pouco da história que descobri sobre a UFFPA, ou melhor, sobre a Universidade Federal do Pará. Foi a partir dela que esta escola foi criada e por isso recebe o nome Escola Primária da Universidade Federal do Pará, ou Escolinha (Correia, 2017). A palavra vem no diminutivo não por se tratar de algo pequeno e sim, porque aqui é um espaço acolhedor e intimista. Somos uma verdadeira família.

É encantador perceber e descobrir como as coisas funcionaram para que, eu, por exemplo, esteja fazendo e criando essa história também. É muito bom saber que faço parte de algo tão importante para a sociedade, voltado para a educação pública. E eu estou ajudando a construir esse legado.

Mas sim, sentem que lá vem história.

Quando comecei a ouvir sobre a criação da UFFPA, sempre me questionei como seria essa criação contada pelas vozes das pessoas que a conceberam, que viveram-na. Que elementos, fatos, acontecimentos fizeram questão de guardarem em suas memórias, tanto as coletivas como as individuais? Será que seriam contadas da mesma forma? Escrita com as mesmas palavras? Selecionados os mesmos fatos? Sentidas do mesmo jeito? É incrível como até a entonação de voz muda dependendo de quem narra a história e sua relação com ela.

As representações históricas dessa construção existem por vários motivos, são escolhidas por muitas concepções e com foco em objetivos muito bem delimitados, sejam de cunho pessoal quanto social.





Tanto as representações quanto os fatos estão mutuamente imbricados, um organiza o outro na mesma medida em que os alega. E muitas vezes percebemos isso por meio dessa narrativa oral, contado pelo povo, é como se os autores sociais finalmente pudessem ter suas vozes ouvidas (Portelli, 1997).

E essa história, eu ouvi de alguém muito importante aqui na escola: o diretor doutor José da Silveira Neto. égua, mas eu preciso primeiro falar para vocês um pouco dele, pelo menos a partir das coisas que me contam e vejo, assim vai ficar melhor para vocês entenderem todo o contexto.

O professor diretor doutor José da Silveira Neto (é assim que ele gosta de ser chamado) ou Silveira Neto para os íntimos é um homem surpreendente e batalhador, um legítimo visionário. Foi um dos atores principais para a existência da UFPA, porque ele tinha a visão do que seria uma universidade, seu foco estava no ensino (Reis, 2019).

Mas, preciso dizer que ele não era tão querido por muita gente, porque como a gente diz por aí, ele era uma verdadeira manga verde, travosso que só. As coisas só podem acontecer seguindo todo um padrão e regras, deusolivre se a gente não estiver todo o dia de manhã cedinho cantando o hino no horário. Uma vez uma professora se atrasou com uma turma, ele deu uma breve chamada antes para não atrasar ainda mais e outra chamada bem demorada depois. Chega a gente ficou mufino.

Mas, chego a pensar que talvez se ele junto com outros não tivessem lutado pela criação da UFPA, talvez eu nem estivesse aqui contando essa história que ouvi do Antônio Prince Bouez (amigo dele) para vocês (Reis, 2019).

Esse perfil militar dele realmente é bem complicado de lidar, porque ao mesmo tempo que muitas coisas são conquistadas nessa gestão militar, que segundo Reis (2019, p. 19) foram:

*A busca por recursos junto ao Ministério para construção do campus, o processo de 'universalização', criação de novos cursos (geologia, mecânica, engenharia elétrica, núcleo de física e matemática, arquitetura, teatro, inglês, francês), aumento do número de vagas, a reforma dos prédios onde funcionavam as aulas, instalação da Imprensa Universitária, construção do ginásio, construção da Casa do Estudante, construção da biblioteca central, etc.*

Porém, apesar dessas conquistas, soube de uma situação bem complicada envolvendo um antigo professor da própria universidade, o seu Ruy Guilherme Paranatinga Barata, que fazem-me questionar até que ponto realmente se trata de conquistas (Reis, 2019).





Segundo o filho dele, Ruy Antônio Barata, o seu pai vinha sofrendo perseguição política porque está sendo acusado de ser comunista, e inclusive dizem que a ideia é aposentá-lo compulsoriamente, mas se isso acontecer, significa que ele simplesmente vai parar de trabalhar quando ainda tem a vontade e o fôlego para continuar, ou seja, sem sua autonomia de escolher isso. E ao que tudo indica, isso não vai demorar a acontecer não, dizem que até 1968 isso acontece (Reis, 2019).

Realmente, segundo Reis (2019, p. 11), “compreender como o projeto autoritário afetou as universidades públicas é um caminho para uma melhor compreensão do impacto do regime civil-militar na sociedade brasileira de outrora”. Em outras palavras, é aquilo que vocês sempre me ensinaram: a política é uma poderosa fonte de conscientização do povo frente a sociedade que querem viver. Não é feita para o povo, é feita pelo povo.

E nem sempre devemos acreditar que o autoritarismo é sinônimo de uma sociedade democraticamente evoluída e organizada. E obrigada por me ensinarem isso.

Bem, agora vou precisar terminar, a carta já está cheia de informação. Saibam que estou bem e continuo cheia de saudade. Pedro, não esquece de pegar os bole-boles para mim e guardar dentro daquela minha caixa que deixei na primeira gaveta da cômoda, eu acabei esquecendo de trazer para cá.

Pai, cuida dessa dor na garganta, viu?! Andiroba e copaíba como a mamãe sempre diz. E mãe, cuida da senhora também, não esquece de fazer suas caminhadas regulares lá na orla ou então pegar a sua bicicleta e ir até a praça todos os dias.

*E dona Clotilde, mais uma vez, meu muito obrigada.*

*Abraços a todos!*

*Amo vocês*

*Da sua filha professora, Ruth de Araruna*



Foram 3 dias lendo a carta e mais 3 dias para relê-la. E talvez a vida inteira para guardá-la. Realmente sua avó Maria sabia como trazer para perto quem se está longe. A Professora Sarah é alguém que a menina nunca irá ver pessoalmente, mas de certo, é alguém que ela conhece.

Dizem que uma vez professor ou professora, para sempre será. As informações contidas na carta fizeram a curiosidade e vontade de aprender da menina aumentar. Antes ela achava que bastava conhecer primeiro tudo sobre a história da Escolinha Primária da UFPA (e realmente precisa). Mas agora ela compreende que precisa conhecer primeiramente tudo sobre a Universidade Federal do Pará.

Novamente lembrou-se da Biblioteca Municipal de Salvaterra Prof. Jaime Corrêa De Assis onde, indubitavelmente, encontraria algo sobre a UFPA. Após sua tradicional e primordial soneca da tarde, a menina arrumou-se em busca de novas aprendizagem rumo a Biblioteca, que carinhosamente nomeou de Biblioteca do tio JACA. Era incontrolável seu corpo com a cabeça não se inclinar para trás dando um giro de 180 graus sempre que colocava os pés na porta de entrada da biblioteca.

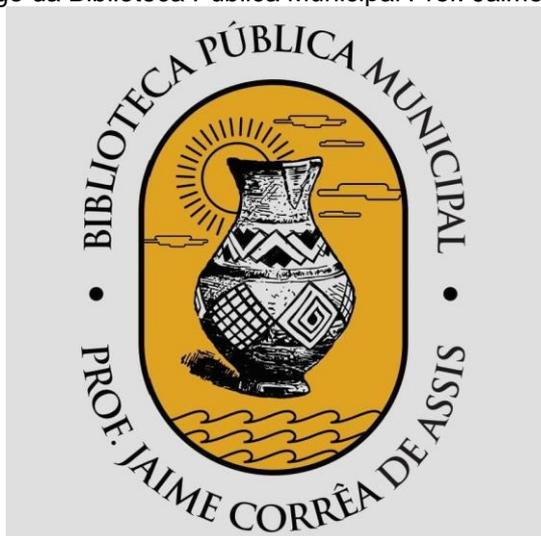
Fotografia 6 – Entrada da Biblioteca Pública Municipal Prof. Jaime Corrêa de Assis



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz (2024).



Figura 5 – Logo da Biblioteca Pública Municipal Prof. Jaime Corrêa de Assis



Fonte: Salvaterra (2024).

Assim, logo avistou a bibliotecária e perguntou como poderia fazer para, de forma independente, procurar os assuntos e livros que queria. A bibliotecária, chamada Josiane, explicou de forma bem cuidadosa e gentil que o armazenamento desses materiais depende de cada tipo documental. Por exemplo, os livros ficam nas estantes, os periódicos científicos e anais de eventos ficam em um outro setor específico para tal dentro da biblioteca, inclusive em armário apropriado. Já os artigos são bem difíceis de guardar impressos no acervo, geralmente ficam disponíveis para acesso em bases de dados, e podem ser consultados via dispositivo eletrônico ou algum terminal de pesquisa com acesso à internet (Caribé, 2019).

E sobre a classificação desses materiais informou que depende do foco do público-alvo que a biblioteca tem. A título de exemplo, se for uma biblioteca infantil tu podes usar o sistema de cores, colocar por tipo de assunto, mas se for uma biblioteca universitária ou especializada pode usar o sistema de classificação numérico (Caribé, 2019).

Esse sistema de classificação normalmente é a Classificação Decimal de Dewey (CDD) ou a Classificação Decimal Universal (CDU), que organizam o conhecimento de acordo com classes decimais, ou seja, transformam assuntos em números, o que facilita a organização do material nas estantes e conseqüentemente, torna o acesso à informação mais rápido. Mas isso também varia de acordo com o tamanho da biblioteca, ou melhor, com o espaço que tem disponível dentro dela e da própria gestão (Caribé, 2019).



Então, ela resolveu explicar:

– *Imagina que se tu tenhas periódicos (revistas), mas não tem como colocar de forma organizada numa estante só as revistas porque como elas são mais finas, acabam sendo moles e não conseguem ficar em pé por muito tempo, igual ficam os livros né?! Desse modo, tu podes ter um suporte que colocas como se fosse uma caixa e dentro delas põe as revistas. E essa caixa podes por em algum armário ou até mesmo em estante, dependendo se o acesso foi aberto ao público ou restrito aos funcionários (Caribé, 2019).*

– *Como assim restrito?*

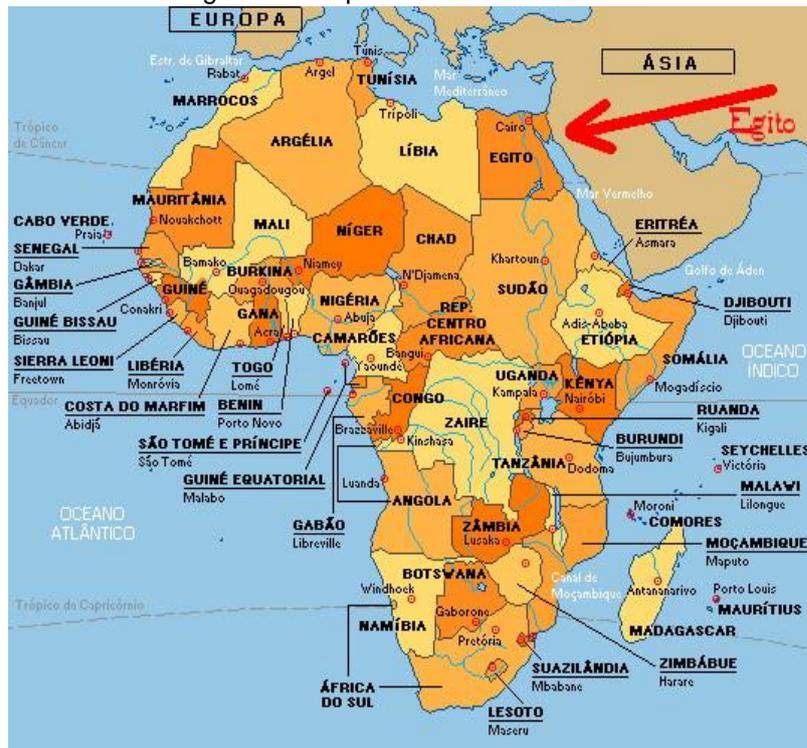
– *Ah, é porque existem obras (livros, textos, revistas) que são muito antigas e precisam de um cuidado todo especial, ou então são obras famosas, de grande autores e autoras que escreveram sobre assuntos que revolucionaram a humanidade e o modo de se estar nela. Todas as obras em uma biblioteca são preciosidades, mas tem umas que são extraordinárias! Tu conheces a história da biblioteca de Alexandria? (Caribé, 2019).*

– *Não, tia. Eu nem sabia que tinha outra. Tem outra?*

– *Tem várias! Disse a Josiane. Mas essa biblioteca tinha algo de especial. Era uma biblioteca muito antiga, fundada no século III antes de Cristo (a.C.), no império macedônico, na cidade de Alexandria, Egito. Funcionou plenamente durante seiscentos anos e foi destruída devastadoramente por volta dos anos 250 a 270. II a.C. Olha esse mapa que mostra onde fica o Egito no continente da Africano (Bezerra, [20–]):*



Figura 6 – Mapa do continente Africano



Fonte: Geografia... (2007).

Agora, presta atenção neste outro que mostra apenas o Egito e onde está a cidade de Alexandria:

Figura 7 – Mapa do Egito



Fonte: O Farol... (2018).

A biblioteca foi idealizada pelo primeiro rei grego Ptolomeu I, sucessor de Alexandre, o primeiro rei macedônio que fundou Alexandria. Inclusive, o rei grego criou o primeiro museu da história, chamado de museu em homenagem às Musas.



Segundo a professora de história Juliana Bezerra, ela não apenas guardava livros e publicações, tinha um instituto de pesquisa, dez laboratórios, zoológico, jardim botânico, observatório astronômico e locais de descanso (Bezerra, [20–]).

Tanto que muitos a conceituam como a primeira universidade do mundo. Todos os reis do Egito incentivaram generosamente a biblioteca com manuscritos e papiros em todos os idiomas vindo de vários lugares, até mesmo os mais distantes.

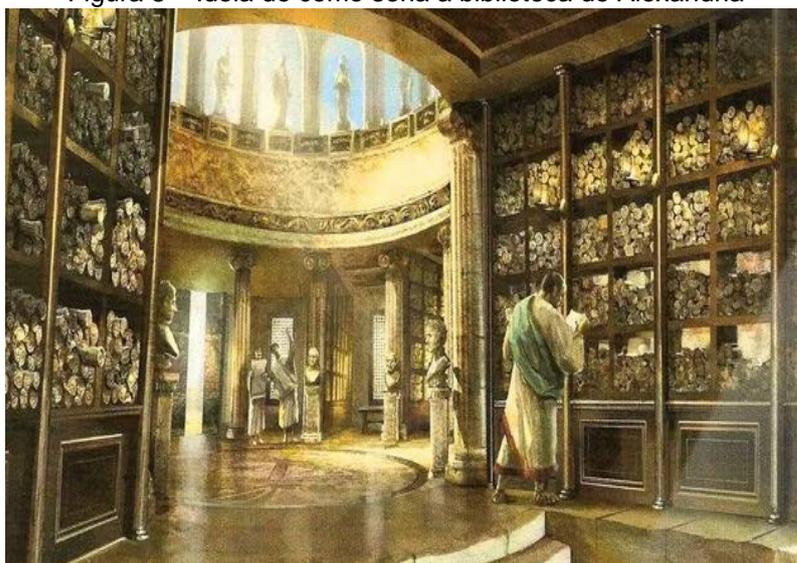
*– Tchaaaaaaaaaaaaaaaaa, professora, ops, bibliotecária. Eu estou encantada! Disse a menina em alguns tons vocais acima do normal. Uma biblioteca que se parecia com universidade, e naquela época, com tantos recursos a menos, e isso porque hoje em dia eu escuto os políticos falarem que estamos na era da evolução humana. Acho que tem alguma coisa estranha aí. Eu queria muito poder ter conhecido esta biblioteca. Mas sim, o que aconteceu com ela?*

*– Guerra! O grande mal da humanidade ou da falta dela. Com os olhos bem tristes, respondeu Joana. Por volta do ano de 48 a.C., o imperador Júlio César ordenou um grande ataque à cidade de Alexandria, ocasionando um grande incêndio na biblioteca. Mas antes disso, a biblioteca sofreu rebeliões populares, saque de outros imperadores romanos, e um terremoto que destruiu parte dos seus materiais e estrutura. Mas sem dúvida, o incêndio acabou com obras e uma beleza nunca mais recuperadas, como Peças teatrais de Ésquilo, Eurípedes e Aristofane, Eurípedes e Aristofane, obras do dramaturgo Sófocles e o Tratado de astronomia de Aristarco de Samos, o qual afirmava, de acordo com a historiadora, que a Terra era um dos planetas em órbita e que as estrelas estavam muito distantes de nós (Bezerra, [20–]).*

Hoje em dia, infelizmente, quase não temos vestígios dessa majestosa fonte de conhecimento. E por isso, apesar das ruínas, o que conseguimos é imaginar como seria esta esplendorosa e referência de biblioteca e quiçá Universidade.



Figura 8 – Ideia de como seria a biblioteca de Alexandria



Fonte: Bezerra ([20-]).

A conversa sobre a biblioteca de Alexandria durou alguns minutos, mas fizeram a mente da menina fervilhar por muito tempo. E de uma forma espetacular, ela pôde, por algum tempo, imaginar como seria estar dentro da Biblioteca de Alexandria. Foi então, que sua viagem foi interrompida por uma voz calma e sua vinda em sua direção.

– *Então, gostou de saber sobre a biblioteca de Alexandria?*

– *Égua, dona bibliotecária Joana, eu amei! Obrigada por me ajudar a conhecer outro lugar sem sair do lugar.*

– *De nada, minha flor. Contar histórias é uma das coisas que mais amo fazer na vida, por isso resolvi viver tão pertinho delas. Mas sim, continuando sobre a organização daqui. O que você precisa saber é que tudo vai depender do público que a biblioteca vai atender, para quem eu estou organizando esse acervo esse é o ponto de partida (Caribé, 2019).*

De fato, a explicação lhe ajudou bastante, mas como seu tempo era curto e muito ainda tinha que ser feito, a menina resolveu pedir ajuda da funcionária, afinal, Alexandria não sai da sua cabeça.

Alguns minutos depois, chegou com uma certa pilha de livros e textos soltos, que ela chamou de “artigos” para a menina ler. A biblioteca ainda contava com um sistema de armazenamento e classificação um pouco antigo, e por se tratar de uma



cidade consideravelmente pequena, o povo gostava de sentir cheiro de papel, de pegá-lo e tocá-lo.

Como quem sente o cheiro de peixe cozido a quilômetros de distância, Jaiara logo encontrou o sobrenome Reis. Nome este que estava presente na carta da professora Ruth. Ao puxar o texto, viu que se tratava de Reis (2019). Pediu então para levar para casa, para que junto ao seu outro tio Janney, pudesse melhor compreender o assunto.

Ao chegar em casa, seu tio Janney lhe falou que precisava de um tempo para ler o documento e compreender melhor o que estava escrito ali. Na outra semana, para sua grande surpresa, seu avô anunciava na rádio junto com o seu tio, a história da Universidade Federal do Pará:

*– Caros ouvintes, meu muito boa noite, povo salvaterrense! É chegada a hora do crepúsculo, hora em que nossa Matinta se apronta para sair. Mas antes que ela saia, deixo o trecho para vocês da oração de São Francisco de Assis: Senhor, Fazei de mim um instrumento de vossa paz! Onde houver ódio, que eu leve o amor, onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvida, que eu leve a fé. Onde houver o erro, que eu leve a verdade. Onde houver desespero, que eu leve a esperança. Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz! Ó Mestre, fazei que eu procure mais. Consolar, que ser consolado. Compreender, que ser compreendido. Amar que ser amado. Pois é dando, que se recebe. Perdoando, que se é perdoado e é morrendo, que se vive para a vida eterna! (Oração de São Francisco de Assis). E para amanhã, gostaria de avisar que teremos um momento muito especial: iremos conhecer um pouco sobre a história de uma das maiores e melhores referências de ensino superior do Brasil, a Universidade Federal do Pará. E como Assis que sou, eu digo um boa noite, princesa do Marajó.*

Dormir de fato seria uma palavra difícil de praticar naquela noite. Porém, a menina sabia que precisava estar descansada para estar atenta a tudo que seu avô lhe contaria naquele dia. Ao amanhecer, fez todo seu ritual e tratou de ouvir a rádio. Seu avô já anunciava:



– *Boooooom dia, caros e caras ouvintes. Meus companheiros da saudade, aqui quem vos fala é Getúlio Assiz, o veterano. Que nosso dia seja guiado pelas melhores ações que possamos ter e cercado por gente boa! Hoje as verduras do Retalhão estão fresquinhas, acabadas de chegar da capital Belém. Procurem o Ririco e tenham os melhores preços e alimentos. Hoje, faremos um dia muito singular, não só porque vou contar a presença do meu filho Janney conosco, mas porquê o que iremos falar aqui foi possível graças a uma menininha muito curiosa e aventureira, minha neta branquela Jessika Assiz, com K e Z no final, por favor, como ela gosta de dizer.*

Sim, ela foi anunciada na rádio, para todo mundo ouvir, e pelo seu avô! Foram os segundos mais lentos e felizes da sua vida. Agora ela sentia-se como se fosse a pessoa mais importante do mundo. Pelo menos do seu, ela era. Assim, seus pensamentos foram se distanciando ao ouvir mais fortemente a voz do seu avô:

– *Quantos de vocês já não ouviram falar sobre a Universidade Federal do Pará, certo? Uma das melhores universidades. De acordo com o site da própria instituição, “a mesma foi criada a partir da Lei n.º 3.191, de 2 de julho de 1957, pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Continha as sete faculdades federais, estaduais e privadas existentes em Belém: Medicina, Direito, Farmácia, Engenharia, Odontologia, Filosofia, Ciências e Letras e Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais. Também foi aprovada pelo Decreto nº 42.427, em 12 de outubro de 1957, o qual definiu o primeiro Estatuto da Universidade que continha a orientação da política educacional da Instituição e, desde 28 de novembro do mesmo ano, já estava em exercício o primeiro reitor, Mário Braga Henriques (nov. 1957 a dez. 1960). E no dia 31 de janeiro de 1959, ou seja, após mais de 18 meses, a Universidade foi solenemente instalada em sessão presidida no Teatro da Paz pelo então presidente do Brasil Juscelino Kubitschek, em um ato meramente simbólico (Histórico..., 2019).*

– *O interessante pai, é que em dezembro de 1960, após três anos da sua criação, tomou posse José Rodrigues da Silveira Netto, que ocupou o cargo de reitor por oito anos e meio (dez. 1960 a jul. 1969). Inclusive este homem foi um*



*dos grandes responsáveis pela criação da UFPA e foi ele quem fundou a Escola Primária da UFPA no ano de 1963, atualmente conhecida como Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Ademais, a primeira reforma estatutária da Universidade aconteceu em setembro de 1963, quando foi publicado o novo Estatuto no Diário Oficial da União. Ou seja, após 6 meses de existência da Escola, e isso significa que ela pode ter presenciado uma brusca mudança regimental referente a seu plano pedagógico (Histórico..., 2019).*

*– É meus ouvintes? A política realmente é fascinante. E cada ato é dado de forma bem articulada e pensada. Nem sei se é verdade, mas dizem que estes oito anos de gestão foram bem controversos, ora pelas ações inovadoras, ora pelo conservadorismo presente. A exemplo disto temos que após a reforma estatutária pela Lei nº 4.283, de 18 de novembro de 1963, foram implantados novos cursos e novas atividades básicas, com o objetivo de promover o desenvolvimento regional e, também, o aperfeiçoamento das atividades-fim da Instituição, de acordo com o site. A educação sofre mudanças durante toda sua existência, a fim de atingir os objetivos políticos de uma grande e importante parte da população. E um dos grandes marcos também é que após a posse do novo reitor da UFPA, Aloysio da Costa Chaves, o qual exerceu o cargo de 1969 a junho de 1973, um novo plano de reestruturação da Universidade foi aprovado, especialmente no ano de 69. E qual a importância disto? É que este decreto traz a criação dos Centros, com a extinção das Faculdades existentes, e a definição das funções dos Departamentos. Ou seja, a forma de organização e concepção de educação agora conta com uma nova configuração, o que impacta diretamente na contratação de novos profissionais e objetivos da instituição. Outras reformas também aconteceram no ano de 1977 (Histórico..., 2019).*

*– Bom, tantos nomes passaram pela gestão da UFPA, certo? Podemos destacar como Clóvis Cunha da Gama Malcher tomou posse em julho de 1973 (jul. 1973 a jun. 1977), seguido por Aracy Amazonas Barretto (jul. 1977 a jun. 1981) e Daniel Queima Coelho de Souza (jul. 1981 a jun. 1985). No exercício de 1985, o Regimento da Reitoria foi reformulado, após aprovação da Resolução n.º 549, do Conselho Universitário, em 9 de dezembro de 1985,*



*passando a vigorar até a presente data, ou seja, há em torno de 38 anos, o regimento da Ufpa segue sendo o mesmo, inclusive diante de tantas mudanças ocorridas bruscamente na sociedade e na educação. José Seixas Lourenço ocupou a Reitoria no período de julho de 1985 a junho de 1989, Nilson Pinto de Oliveira, de julho de 1989 a junho de 1993, Marcos Ximenes Ponte, de julho de 1993 a junho de 1997, e Cristovam Wanderley Picanço Diniz, de julho de 1997 a junho de 2001. Nos quadriênios de 2001/2005 e 2005/2009 o reitor foi o prof. Dr. Alex Bolonha Fiúza de Mello. Nos períodos de 2009 a 2013 e 2013 a 2016 foi reitor o prof. Carlos Edilson de Almeida Maneschky. Seu segundo mandato foi interrompido em 17/05/2016 quando então renunciou para concorrer ao cargo eletivo de prefeito do município de Belém. No curto período de 17/05/2016 a 05/10/2016 o vice-Reitor Horácio Schneider exerceu interinamente o cargo de Reitor da UFPA. E de 2016 até o presente momento, o reitor com reeleição é o prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho (Histórico..., 2019).*

*– Então, Janney, de 1957 a 2023, ou seja, durante 66 anos de existência, a UFPA teve 14 reitores, onde 3 deles conquistaram a reeleição, sendo que um renunciou em seu segundo mandato (Carlos Maneschky), um ficou durante 1 ano (Horácio), outro ficou 3 anos (o primeiro reitor Mário Braga), 8 exerceram por quatos cada (Aloysio, Clovis, Aracy, Daniel, José Lourenço, Nelson, Marcos, Cristovam) e 1 ficou por quase 9 anos na reitoria (José Netto)?*

*– É pai, haja gente!*

Naquele instante foi inevitável que da mente da Jaiara saltasse com uma pergunta:

*– Durante todos esses anos, nenhum nome de mulher foi dito? Será que as mulheres não quiseram se candidatar, não podiam se candidatar? A vovó e minha mãe sempre me ensinaram que ser mulher não é obstáculo na vida, mesmo que muitos usem isso como desculpa para seus reais medos. Sempre me incentivaram a estudar e buscar meus sonhos, a ser quem eu quiser ser. Como pode ter tanta professora mulher nas escolas, como minha professora sempre conta, e na Universidade, que é para TODOS, nunca ter tido uma*



*reitora? Enquanto o silêncio buscava uma resposta sem fim, a voz do seu tio ia novamente ganhando espaço em sua mente...*

Suas inquietações logo foram interrompidas pelo som que vinha da rádio:

*– É caros ouvintes, hoje vocês sabem como funciona a UFPA? A diferença de uma Universidade Estadual para uma Universidade Federal, por exemplo? Bom, tanto universidade federal quanto a estadual oferecem o ensino público e gratuito. A diferença está que as federais são regulamentadas e mantidas pelo governo federal através do Ministério da Educação (MEC) enquanto as estaduais são apenas regulamentadas Além de que os recursos oferecidos para manutenção, custeio e assistência estudantil vem do governo do estado para as estaduais, e do governo federal, para as federais. De forma bem sucinta e geral, a Estadual é alçada do governo do estado para gerenciar e a Federal é alçada do presidente do Brasil (Nascimento, 2018).*

*– Este é um dado muito importante, meu povo. Precisamos saber a quem devemos cobrar e colaborar para o bom funcionamento e garantia de nosso ensino superior público e gratuito. E falando nisso, o Janney mencionou sobre vocês saberem como a UFPA funciona hoje em dia. Bom, a instituição conforme dados do próprio site da UFPA “é constituída por 15 institutos, 8 núcleos, 36 bibliotecas universitárias, 2 hospitais universitários e 1 Escola de Aplicação. Segundo o Anuário Estatístico de 2018, ano base 2017, elaborado pela Pró-reitoria de Planejamento, o ensino de graduação alcançou a marca de 38.865 mil estudantes; a pós-graduação, em torno de 9.249 estudantes; o ensino fundamental e médio, 1.051 alunos. Há, ainda, 6.769 estudantes matriculados em cursos de ensino técnico e cursos livres das Escolas de Música, Teatro e Dança e de Línguas Estrangeiras. A maior universidade pública da Amazônia possui 4.411 alunos matriculados no mestrado; e 2.271, no doutorado. São 120 cursos, distribuídos por 40 doutorados, 58 mestrados acadêmicos e 22 mestrados profissionais. Dos 85 programas da UFPA, 12 estão em campi do interior do Estado” (Histórico..., 2019).*

*– Povo, pensem o tanto de gente que é beneficiada por esse sistema, por ter acesso ao ensino superior com condições satisfatórias, para terem um bom*



*desenvolvimento da sua trajetória de vida em nível profissional e pessoal. Não devemos esquecer que precisamos sempre ratificar a importância da díade acesso e permanência com qualidade! Realmente, o papo está muito bom, mas agora precisamos chamar nossos patrocinadores. Alô Açogue Geraldo!*

Os pensamentos saltavam da mente da menina como os grilos saltavam em noites frias. A caminho da escola, resolveu dar uma breve parada na Biblioteca JACA e conversar com a bibliotecária sobre a criação da UFPA. Algumas coisas ainda ficaram em dúvida na sua mente. Chegando lá, foi informada por outra funcionária, que por motivos de saúde a bibliotecária Joana iria passar 1 semana de atestado médico.

O caos se instalou em sua mente. Foi então que ouviu bem de longe a voz doce e forte de sua professora a chamando para irem juntas à escola. E como quem vê uma grande amiga de longa data, a menina saiu correndo em direção a professora dizendo.

*– Professora, professora, professora, a senhora sabe alguma coisa sobre a história da UFPA?*

*– Sei sim, mas só respondo se você antes responder: o que é o que é, uma menina saltitante que parece ter mola língua, asas nos pés e adora tomar banho em igarapés?*

*– Tchaaaaa, essa sou eu, professora.*

A adivinha era uma maneira que elas tinham criado para se cumprimentarem:

*– Agora sim, minha flor. Olha, lembra aquele meu caderno de anotações? Nele eu tenho um jogo de fotografias que vou mostrar. Foram fotografias que imprimi sobre assuntos que me fascinaram. A criação da UFPA tem por lá.*

Chegando à escola, como quem despetala uma flor, a professora foi abrindo seu caderno e trazendo à luz dos olhos das meninas suas preciosas anotações. Assim, dentre tantas, teve uma em especial que lhe marcou:

[...] Formou-se assim uma paisagem que podemos identificar como universitária, que criou em um bairro periférico da cidade um espaço de ciência e saber, indo de encontro ao que naturalmente seguiria a ocupação pelo centro da cidade [...] Não podemos esquecer que a construção da



UFPA não ocorre sem que haja uma intervenção na área que veria a ser usada para a construção da cidade universitária, pois [...] foram necessários que mais sete terrenos fossem desapropriados no entorno para incorporação ao patrimônio da universidade. [...] Era uma área totalmente alagada onde funcionavam uma olaria, logo o terreno havia sido cavado, e com as chuvas, surgiram várias lagoas, de modo que o terreno mais parecia um 'pântano' (Reis, 2019, p. 8-9).

Ao observar este precioso caderno, a menina de fato se assustou pois eram muitas palavras, frases e informações que ainda não tinha ouvido antes, mas por outro lado, a leitura da professora e sua explicação após cada frase, deixava tudo mais interessante e fácil de se compreender.

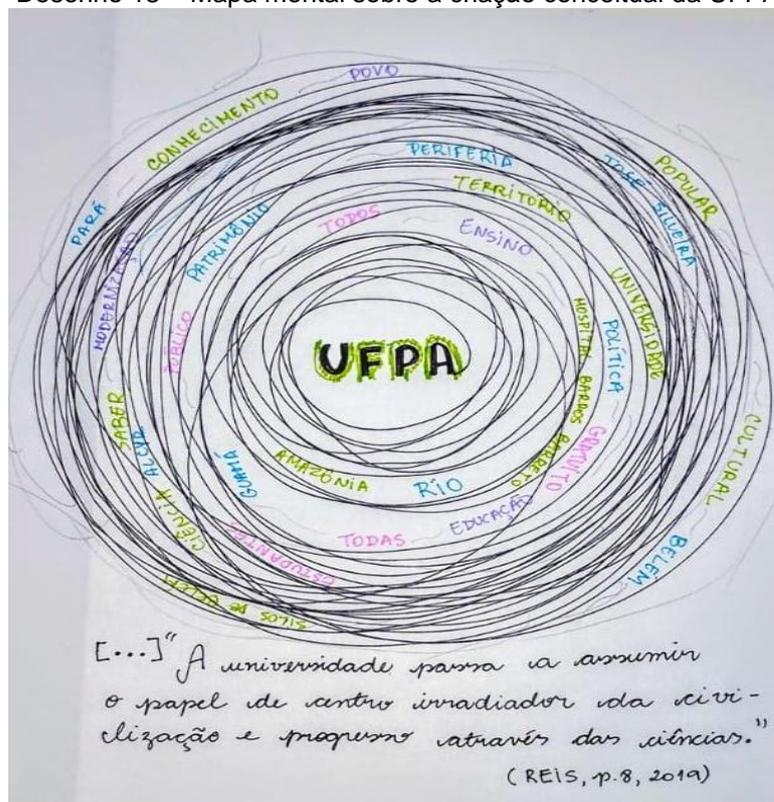
Foi então que, muito timidamente, por saber da importância daquele caderno, resolveu perguntar à professora se ela poderia lhe emprestar o seu caderno para que ela pudesse explorá-lo com mais calma e gentileza.

A professora concordou, com três combinados: 1º que o caderno fosse devolvido no prazo de 1 semana; 2º que suas condições estivessem ótimas; 3º que a menina entendesse o que; 4º que ela fizesse um desenho para representar o seu entendimento sobre o que estava escrito ali.

Após uma semana intensa de conversar com seu avô, seus tios, suas avós, mãe e irmã, e a bibliotecária, enfim, seus familiares e amigos mais próximos, a menina finalmente conseguiu fazer um desenho que representasse seu entendimento sobre as informações em relação a história da criação da maior universidade de Amazônia, a Universidade Federal do Pará (UFPA).



Desenho 13 – Mapa mental sobre a criação conceitual da UFPA



Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho, Jessika Assiz (2024).

Ser centro irradiador significava muito para ela, principalmente porque sempre ouvia seu avô dizer o poder que existe em irradiar as coisas, assim como o rádio, que irradia informação de forma instantânea em um alcance geográfico exemplar. Irradiar era uma palavra que fazia sentido para a Universidade e para a Rádio.

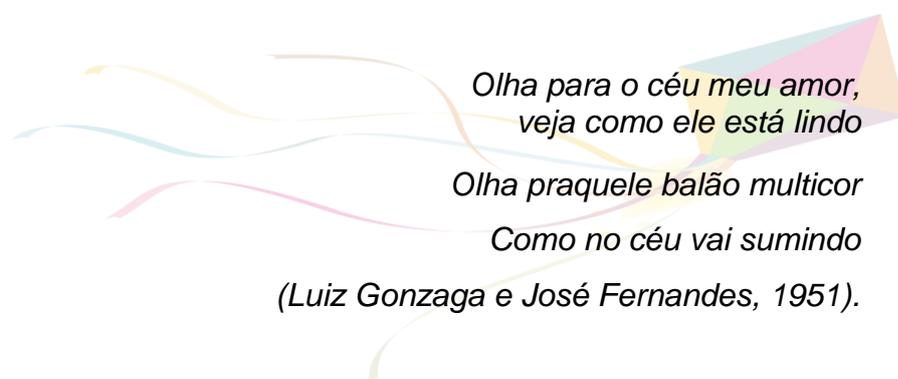
Foi então que se lembrou de um outro caderno de seu avô, um destinado com todo carinho e zelo para um dos seus maiores sonhos de vida: a Rádio de Salvaterra. Mas antes de falar deste grande sonho, vou falar sobre um grande homem.

Jaiara encontrou um álbum de fotografias bem antigo, porém, muito bem limpo, que sua avó estava gravada dentro do guarda-roupa. Entrar nos aposentos de seus avós somente era permitido com autorização deles. Dona Maria retirou um baú de dentro e disse que o álbum estava ali. Deixaria no quarto o tempo que quisesse para compreender um pouco de sua história. Com olhos gentis e sorriso largo a vó Maria disse:



– *Abra o baú e conheça muito sobre sua história e sobre aqueles que caminham junto com você.*

## 2.2 Nossos ouvintes, a rádio conta uma história



Nascido ao som de foguete, balão, estalinho e quadrilha, ao cheiro de canjica, paçoca e mingau de milho, no ritmo de quadrilha, arrasta pé e xaxado, em 23 de junho de 1929 como uma grande fogueira, nascia Edeltrudes Corrêa de Assiz, ou Getúlio é conhecido por muitos, ou Dedé conhecido pelos familiares, ou João, como os pais queriam, na pacata vila do Caju-Una no município de Soure, na Ilha do Marajó.

Na época de seu nascimento, era responsabilidade dos padrinhos batizarem seus afilhados. O que aconteceu foi que o padrinho, no momento do registro no cartório, teve uma confusão e não conseguia se lembrar do nome, que como escolha dos pais, seria João, por causa do nascimento perto do dia de São João.

Então, o padrinho pediu para que o escrivão olhasse na folhinha de santos que nome tinha, e aí viu que estava escrito Edeltrudes, assim, batizou com este nome. Porém, sempre houve uma grande dificuldade por todos em chamá-lo assim, e como Getúlio era um nome que seus pais também simpatizam, os amigos próximos deram este apelido.

Foi então como Getúlio que ele é admirado e amado por tantos: seu pai pescador e agricultor Joaquim e dona Raimunda Assis, sua esposa e companheira Maria de Lourdes Alves Modesto, e sua segunda esposa Nazaré, seus 8 filhos (Janyson, Janne, Janette, Jackeline, Janice, Martinho, Joaquim e Janney), seu netos (Jussarah, Josanne, Hyago, Hingred, Jumara, Naiade, Tuanne, Taianne, João, Janyson Filho, Júlio e Jessika) e pelos seus atuais bisnetos (Gustavo, Ravi, João Paulo, filhos Taiane, filhos da Naidade, filhos da Hyingred) e seus incontáveis e grandes amigos. Aos nove anos de idade, o seu pai, Joaquim, faleceu.



Ele então passa a ser o homem mais velho da família (tinha suas duas irmãs mais velhas, Elizabeth e Lucy, e seu irmão bebê Jaime). Nesta época, os filhos mais velhos passavam a ajudar no sustento da família. Assim, inicia de forma brusca e em busca de sobrevivência, sua jornada no mundo do trabalho.

Seu primeiro trabalho foi como vendedor de rua ambulante de comidas: canjica, cocada, suco, rosca de tapioca. Sua mãe Raimunda fazia e ele vendia, como muitas famílias faziam naquela época. Desde criança passou a se ver como o homem da casa, aquele que precisa cuidar de todos.

Fotografia 7 – Dona Raimunda e seus 4 filhos



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([entre 1960 e 1970]).



Fotografia 8 – Seu Joaquim Corrêa de Assis



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([1937?]).

Na fotografia 7, vemos Dona Raimunda sentada em uma cadeira, esposa do seu Joaquim, com seus 4 filhos, aos 90 anos de idade. Na fotografia 8, vemos Joaquim Corrêa de Assis, pescador e agricultor, esposo de dona Raimunda Corrêa de Assis e pai de Elizabeth Assis, Lucy Assis, Getúlio Assiz e Jaime Assis. Esta é a única foto, ou melhor, pintura que existe dele.

Logo após o falecimento de seu pai, foi apresentado a um homem conhecido como “Velho Mário Couto”, pai do Mario Couto Filho, ex-senador. Este homem resolveu chamar Getúlio para lhe ajudar no seu comércio de referência local, onde de tudo vendia.

Mas, Getúlio viu ali, a chance de ter um segundo pai. E assim foi. De um balcão de comércio iniciou uma relação de amizade que durou a vida inteira. Mário Couto era um homem que gostava de investir em novidades. De inovar. E isso Getúlio aprendeu com ele.



Fotografia 9 – Senhor Mário Couto



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([entre 1940 e 1950]).

Na fotografia acima, está agachado o Sr. Mário Couto. Ele comprou o primeiro equipamento em 1947 (Relato de Janney Assiz, filho de Getúlio Assiz). Alguns meses depois, Mário Couto resolveu comprar uma aparelhagem,<sup>10</sup> e deu para Getúlio, ainda com seus nove anos de idade, para que aprendesse a mexer. E assim Getúlio fez, aprendeu a manusear e amar todas as possibilidades vindas dos equipamentos.

Como sempre gostou de ser criativo e inovador, estudando e aprendendo sobre novas coisas, até mesmo coisas diferentes do seu habitual dia-a-dia, mas que de alguma forma serviram para a vida, alguém de fato muito inteligente, que sabia fazer de tudo! Assim, desafiava um dos grandes mitos da criatividade, pois segundo Ashton (2016, p. 15):

---

<sup>10</sup> Conjunto de aparelhos e acessórios de elétricos que envolve som.



O mito da criatividade implica que poucos indivíduos podem ser criativos, que qualquer criador bem sucedido experimentará grandes clarões de ideias e que criar tem mais a ver com magia do que com trabalho. Poucos e raros possuem o que é necessário, e para eles a coisa é fácil. Os esforços criativos de qualquer outra pessoa estão condenados.

E foi desafiando este mito, que em um determinado tempo de sua vida, entre um botão e outro da aparelhagem, comprou uma canoa e fazia frete, chamada freteiro<sup>11</sup> Ele pegava a mercadoria de Belém e vinha entregar por Salvaterra, percorrendo a costa todinha, chegou até ir para as bandas de Chaves. Certamente esta foi uma fase difícil, principalmente porque as tempestades do mar são imprevisíveis.

Neste meio tempo, resolveu também se alistar para o exército aéreo brasileiro, inclusive veio muitas vezes para a base da aeronáutica de Val de Cans. Mas foi então que soube que para seguir carreira, precisava fazer um curso no estado do Rio de Janeiro. Sua mãe, sem muitas delongas, lhe avisou que se ele fosse embora, ela não seria mais sua mãe.

Os motivos que a levaram dizer isso não sabemos, mas não estamos aqui para julgar. Assim, Getúlio resolveu permanecer ao lado de sua família e de Salvaterra, o chão que tanto ama. Tentou também um comércio local, que durou um bom tempo, colocando em prática tudo que aprendeu no comércio do Mário Couto, porém, por conta de muito fiado, o empreendimento faliu. Getúlio, assim como Mário Couto, é um visionário.

Foi então que resolveu seguir firme no ramo da aparelhagem. Assim, ele passou a levar a aparelhagem para os interiores. Com o passar dos tempos, utilizava as aparelhagens nas festas, nos bailes e tornou-se grande referência nos bailes mais famosos do Marajó.

---

<sup>11</sup> Embarcações destinadas ao transporte de mercadorias para a Ilha de Marajó (Silva; Miranda, 2011).



Fotografia 10 – Festa Baile das Flores



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz (1970)

Fotografia 11 – Festa na Vila de Jubim



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([entre 1960 e 1970]).

Nas fotografias acima, está Getúlio Assiz e sua aparelhagem. Na fotografia 10, é a festa mais importante daquela época: o Baile das Flores, realizado na Sede do Beneficente Avante Futebol Clube, em Salvaterra. Na fotografia 11, é a festa na Vila de Jubim quando Getúlio Assiz trabalhava dando festas. Nesta época, a rádio Sonoro Couto ainda não funcionava de forma fixa.

E foi pelas festas, pelas farras, pelas noites, onde na cidade pequena todo mundo conhece todo mundo, que estes dois filhos de pescadores e agricultores, se



conheceram e se apaixonaram: Getúlio Assiz e Maria de Lourdes Alves Modesto. Um relacionamento que durou em torno de 55 anos (Relato de Janney Assiz, filho de Getúlio Assiz e Maria de Lourdes, companheira de Getúlio).

Fotografia 12 – Edeltrudes Corrêa de Assiz (Getúlio), jovem



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([entre 1940 e 1950]).

Fotografia 13 – Maria de Lourdes Alves Modesto, jovem



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([entre 1950 e 1960]).



Fotografia 14 – Maria de Lourdes e Getúlio Assiz em Salvaterra, Ilha do Marajó



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz (2009).

Nas figuras acima, temos Getúlio Assiz (fotografia 12) e Maria Modesto (fotografia 13), na época em que se conheceram em Salvaterra e começaram seu relacionamento. Na fotografia 14, temos o casal, em um dia comemorativo na orla de Salvaterra. Este relacionamento foi marcado por muito amor, mas também por conflitos, o que ocasionou uma separação de 10 anos, onde Getúlio se casou novamente com dona Nazaré e teve seus outros 4 filhos. Após este período, Getúlio e Maria voltaram a ficar juntos, há uns 55 anos atrás.

Um fato marcante na vida do casal é que eles resolveram mudar a última letra do sobrenome: de Assis passou a ser Assiz, com Z no final. Isso aconteceu porque a vó Maria e a tia Dazinha, esposa do tio Jaime, são parentes distantes, mas ainda são parentes. E por isso os sobrenomes são os mesmos (Modesto). Como Getúlio e Maria não colocaram o sobrenome modesto nos filhos, para diferenciar dos filhos de seu irmão, mudaram o Assis para Assiz.

Dona Maria faz parte da história da Rádio Sonoro Couto. Ajudou a construir este sonho, pois de forma firme e serena, construiu sua família ao lado de Getúlio, dedicando-se integralmente ao trabalho de mãe e de merendeira na Escola Professora Oscarina Santos. É exemplo de força, de alegria e verdade no caminho que escolheu seguir: a de ser dona de casa, dona de uma família, dona de si.



Fotografia 15 – Maria de Lourdes Alves Modesto sorrindo



Fonte: Acervo pessoal de Jessika Assiz (2018).

Vó Maria tem alegria pela vida, pela dança, pela família. É dona de uma das risadas, ou melhor, gargalhadas, mais gostosas e contagiantes. Herdamos isso dela. E por saber das dores e da preciosidade da vida, o quanto ela é constituída por momentos que jamais voltam no tempo, quando ela começa a rir, demora a parar.

Entende como poucas vezes vi, o que significa ir: ir adiante, ir em frente, ir caminhando, ir se apaixonando, ir conquistando, ir vivendo, como quem sabe onde quer chegar mas que deixa a vida lhe mostrar que não sabe por onde vai se aventurar. Um ir consciente de cada passo, cada pisada, cada escolha, mesmo que nem sempre carregados de certeza.

Estudou a vida, pois a nível de educação formal, devido às condições financeiras e sociais da sua família, fez até a 3ª série do primário, hoje conhecido como a 3ª série do fundamental. Escrever e ler seu nome completo, é uma das maiores felicidades de sua vida.

Tem no sangue, no coração, nos pés e nas mãos a cultura indígena marajoara. Seus verbos de vida são lutar e rir. Costuma andar de mãos dadas com a verdade, sinceridade e honestidade. Diz o que pensa e o que sente, e dificilmente manda recado. Diz, pensa e sente não como quem é dona da razão, mas como quem tem uma sabedoria de vida que só quem a vive intensamente, poderia mostrar.



*Maria tem nome de ancestralidade.  
 Tem nome de povo e gente.  
 Tem nome de força e afeto.  
 Tem nome de alegria e gargalhada.  
 Tem nome de família e esperança.  
 Tem nome de experiência e sabedoria.  
 Tem nome indígena e marajoara.  
 Maria tem nome modesto, mas de alma grande.  
 Maria tem um nome e uma vida para chamar de  
 sua.  
 (Jessika Assiz, 2024).*

Fotografia 16 – Maria de Lourdes no búfalo na praia do Pesqueiro (Soure-Ilha do Marajó)



Fonte: Acervo pessoal de Jessika Assiz (2019).

Este poema, a propósito, lembra-me muito a dona Maria:

É a sua vida;  
 Vá, enfrente e em frente;  
 Faça aquilo que puder;  
 Aquilo que quiser;  
 Torne a vida  
 que você quer viver.  
 Autor (a) desconhecido (a)



Construir o que foi construído só possível graças a uma rede de apoio afetiva. Seja familiar ou de amigos. A rádio Sonoros Couto existia porque para além de seu idealizador/fundador e investidor, outras pessoas acreditavam na sua relevância social. Mesmo a rádio não funcionando em um espaço fixo, era notória a repercussão e referência que estava ganhando pelas terras marajoaras, primeiramente em Salvaterra, depois por Soure, Joanes, Caju-una e outros municípios. Não demorou muito para que vários serviços de transmissão de importantes fatos da história marajoara fossem contratados.

Aqueles equipamentos e a rádio eram inovadores para o povo e para a época. Uma junção que deu certo tanto na vida como no profissional entre Mário Couto como investidor e Getúlio Assiz como criador, fundador e manuseador. Vó Getúlio acreditou em seu potencial e alguém o reconheceu.

Fotografia 17 – Presença da rádio Sonoro Couto na inauguração



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([entre 1960 e 1970]).

Fotografia 18 – Inauguração da Usina de Energia Elétrica



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([entre 1960 e 1970]).



Na fotografia 17, temos a inauguração de alguma obra na vila de Condeixa, em Salvaterra. Quem está segurando e falando ao microfone é Getúlio Assiz. Na fotografia 18, dá para ver as caixas na frente do prédio, essa foi a inauguração da 2ª Usina de Energia Elétrica pertencente à antiga Rede Celpa de energia. Inclusive, ele foi a primeira pessoa no Marajó que falou em um microfone e nesses equipamentos de som.

Como sentia que algo a mais podia fazer, criar e inovar, Getúlio então teve a ideia de, a partir dos equipamentos da aparelhagem, criar uma rádio. Assim, com a ajuda financeira do senhor Mário Couto, Getúlio Assiz constrói, em 1947, a primeira rádio da Ilha do Marajó: Sonoros Couto. Há algumas pessoas que contrapõem esta afirmação, levando em vista que dentro do que conhecem como rádio, não foi desta forma que se iniciou a Sonoros Couto. Ponto que merece ser destacado e debatido, afinal, como boa locutora, dialogar é nossa principal missão.

Temos aqui um claro episódio de quando o saber popular e científico se encontra. De fato, a rádio de Salvaterra nesta década de 40 não teria como ser construída com bases nos modelos mais estruturada como a capital do Brasil tinha, por exemplo. Mas isso não significa que ela não existia. Um movimento que foi instaurado em nossa sociedade desde a época da colonização, onde os mesmos, tornaram a palavra do povo nula, para que apenas a sua prevalece ou existisse. (Silva, 2018). Mas a palavra e o saber do povo, resiste e existe.

Assim, socialmente, o povo de Salvaterra concebe esta como a primeira rádio de lá, pois a “oralidade e a memória estão presentes na construção dos modos de vida e saberes locais [...]” (Silva, 2018, p. 245) e fazem dessa dinâmica conceitual, o saber que é válido diante do povo e pelo povo. Saber não se constrói ou se firma sozinho, ele é concebido e solidificado nas relações sociais e culturais que o concebem.

Precisamos, mediante a isto, “[...] (re)descobrir experiências sociais, enfrentamentos políticos[...] vivenciados pelos construtores de uma outra história que não está contida no discurso oficial [...]” (Silva, 2018, p. 245). Getúlio Assiz e a primeira rádio de Salvaterra são uma história outra, oficial talvez não para os cientificistas, mas certamente oficial para o povo salvaterrense e para tantos outros acadêmicos.

Segundo Silva (2018), este saber é um enfrentamento ao monoculturalismo em prol do multiculturalismo como validação da história local, não apenas ao que tange



as divergências culturais, mas, aqui enfatizo, principalmente aos conhecimentos. Por isto, a academia:

[...] tem o desafio de na construção de suas agendas de pesquisas e nos debates, incorporar de maneira construtiva não apenas os saberes locais, mas os sujeitos construtores desses saberes, em razão da importância que podem assumir na formulação de epistemologias alternativas ao discurso hegemônico. Não podemos reproduzir a dimensão ideológica da globalização que reduz a compreensão do mundo à compreensão ocidental. [...] (Silva, 2018, p. 249).

Este marco, até hoje, é considerado dentro desta tradição social na Ilha do Marajó como parte dessa memória social<sup>12</sup>, repleta de orientações econômicas, sociais e simbólicos, conforme a autora. Desta forma, tanto a rádio Sonoros Couto em 11947 quanto Getúlio Assiz, fazem parte da construção radialística deste arquipélago marajoara.

Fotografia 19 – Getúlio Assiz e o primeiro equipamento da rádio Sonoro publicidade, em 1947



Fonte: Acervo pessoal de Janney Assiz (1947).

---

<sup>12</sup> Outro marco importante no contexto nortista é a inauguração da Rádio Clube de Santarém em 1948 (Rodrigues; Seixas, 2012)



Na fotografia acima, vemos Getúlio Assiz todo alinhado, em frente ao primeiro equipamento de som para transmissão da rádio em um local fixo. A modernização estava chegando à cidade de Salvaterra com a era da informação a larga escala por meio da transmissão de rádio. Ademais, conforme relato de muitos moradores de Salvaterra, Getúlio Assiz foi o primeiro da cidade a adquirir um aparelho de televisão. Dono de uma voz de grave forte e um português impecável, como diz Dário Pedrosa, Getúlio Assiz ama Salvaterra, sua família, sua vida e sua rádio como quem sabe a importância e efemeridade que tem nossa existência.

*É um homem que representa a personificação do que é o amor. Seu verbo de luta e presença é AMAR: a si, aos seus, aos sonhos, ao povo, a educação, a rádio e a vida. Sua voz, seu cheiro e seu afeto ecoam em nós de forma potente. Adora ouvir música e rádio, conversar e acenar para o povo que passa em frente à sua casa ou que senta alguns segundos para compartilhar a vida. Tem as brincadeiras mais criativas, divertidas e mirabolantes, ao mesmo tempo que tem a seriedade e rigidez apenas com o olhar. Mas tem o abraço que faz qualquer um se sentir amado ou amada, e em paz ficar. Vô Getúlio é amor, é porto, é água, é presença, é voz (Jessika Assiz, 2024).*

Grande comunicador e idealizador do Sonoros Couto na década de 60, depois transformada em Publicidade Couto no início dos anos 80, sendo agora a Sonoros Publicidade. Com tamanha relevância, é um dos personagens centrais no processo de emancipação política de Salvaterra, tendo participado ativamente dos primeiros períodos administrativos.



Fotografia 20 – Emancipação de Salvaterra a município



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz (1961).

Na fotografia 20, estão Getúlio Assiz, Dico Santos, Pinheirinho, Aluizio Gonçalves e outros durante o sancionamento da emancipação de Salvaterra enquanto município da ilha de Marajó. Professor na comunicação de muitos radialistas, entre eles Anselmo Assis, Raimundo Malato (*in memoriam*), Marcelo Nunes, Dário Pedrosa, Jorge Alves, Jota Romildo e muitos outros (segundo a palavra do então comunicador e aprendiz de Getúlio, Dário Pedrosa).

Fotografia 21 – Transmissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré de Belém do Pará



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([entre 1970 e 1980]).



Na fotografia acima, vemos a transmissão do Círio em Salvaterra. Nosso repórter era o Dário Pedrosa. Ele está de costas segurando um rádio transmissor. É o cabeludo (Relato de Janney Assiz, filho de Getúlio Assiz). O desenvolvimento da rádio elevou Salvaterra a um outro patamar enquanto sociedade em progresso. Possibilitou que as culturas, belezas e saberes, de um povo mesclado entre indígenas Marajoaras, Nordestinos e Quilombolas, construíssem a identidade de um povo rico em aconchego e paisagens culturais de forma original.

Fotografia 22 – Um dos lugares de Salvaterra, Ilha do Marajó



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([entre 1960 e 1970]).

Fotografia 23 – Um dos pontos principais de Salvaterra: a escada do mar



Fonte: Acervo pessoal da família Assiz ([19--]).

Na fotografia 22, observamos uma das paisagens mais características de Salvaterra: a vegetação junto com a urbanização, por volta da década de 80. Na fotografia 23, observamos a escada da praça Magalhães Barata, por volta da



década de 70. A escada em si não tem nome. Mas se for analisar como as pessoas falam, pode-se dizer que é: “escada do mar”, “escada do porto dos botes”, segundo Janney Assiz. Para a menina é a escadinha.

As duas próximas fotografias (24 e 25) já são de uma época mais atual, quando o governo do estado do Pará, com então governador Helder Barbalho, inaugura a nova orla de Salvaterra, onde fica uma das praias mais famosas do arquipélago marajoara, a Praia Grande. Essa iniciativa foi uma forma de cuidar e preservar este ponto de lazer e encontro do povo salvaterrense, estimulando e valorizando suas paisagens naturais. A arquitetura de Salvaterra segue um padrão típico de interior, mesmo com a nova era das construções modernas. O estilo Raio que o Parta e mosaicos compõem grande parte do cenário das infraestruturas, como podemos perceber pelo chão da orla.

Fotografia 24 – Nova orla da Praia Grande, Salvaterra, Ilha do Marajó



Fonte: Praia... (2022).

Fotografia 25 – Porto Camará de Salvaterra, Ilha do Marajó-PA



Fonte: Governador... (2019).



Fotografia 26 – Vista aérea da Praça Magalhães Barata de Salvaterra, Ilha do Marajó



Fonte: Stamm (2023).

Sua história de vida e seu projeto inovador da rádio estão imbricados com a história de vida de Salvaterra, em uma relação mútua de aprendizagem, saberes e afetos. Esse tipo de beleza que Getúlio se encanta, e encanta os outros quando fala sobre sua terra. A palavra está nele e por ela é constituído.

## Fa - bu- lo- so!

Esta foi a palavra que saiu em voz alta acompanhada de um largo sorriso e lágrimas nos olhos. A menina abraçou o álbum, passou a mão como um vento da manhã que toca o rosto, deu um beijo e disse: Obrigada! Pôs, com toda a leveza de uma pena, o álbum dentro do baú, fechou-o e o devolveu para seu lugar. Antes que pudesse pensar, desceu as escadas correndo e disse: Vô, eu te amo!

Ao entrar no seu quarto, gostava de ficar sentada na janela observando o jardim que sua vó cuidava todos os dias. De lá, podia ouvir o som da rádio e imaginar como seria um mundo se vivesse dentro de um jardim. Em meio aos seus pensamentos, veio a rádio. Lembrou-se da história que seu avô contou sobre a importância da rádio e sua história:

A história do rádio começou com Michael Faraday, que, em 1831, descobriu a indução magnética. Mas o princípio da propagação radiofônica veio mesmo em 1887, através de Henrich Rudolph Hertz. Com duas bolas de cobre separadas, ele conseguiu criar faíscas que atravessavam o ar, originando o princípio utilizado pelo meio de comunicação. A primeira companhia de rádio foi fundada em Londres, pelo cientista italiano Guglielmo Marconi, em 1896, com a emissão e recepção de sinais sem fio. No ano seguinte, Oliver Lodge inventou o circuito elétrico sintonizado, que possibilitou a mudança de sintonia selecionando a frequência desejada. No

Brasil, a primeira transmissão radiofônica foi em 1922, com o presidente Epitácio Pessoa, na Praia Vermelha (Rio de Janeiro), em comemoração ao centenário da Independência do Brasil. Para essa ocasião, foram importados 80 receptores de rádio (A História..., 2017, não paginado).

Abriu sua caixa de curiosidades e olhou um bilhete que seu avô fez, há um tempo, para lhe mostrar a linha do tempo da história da rádio:



Figura 9 – Linha do tempo sobre a história da rádio

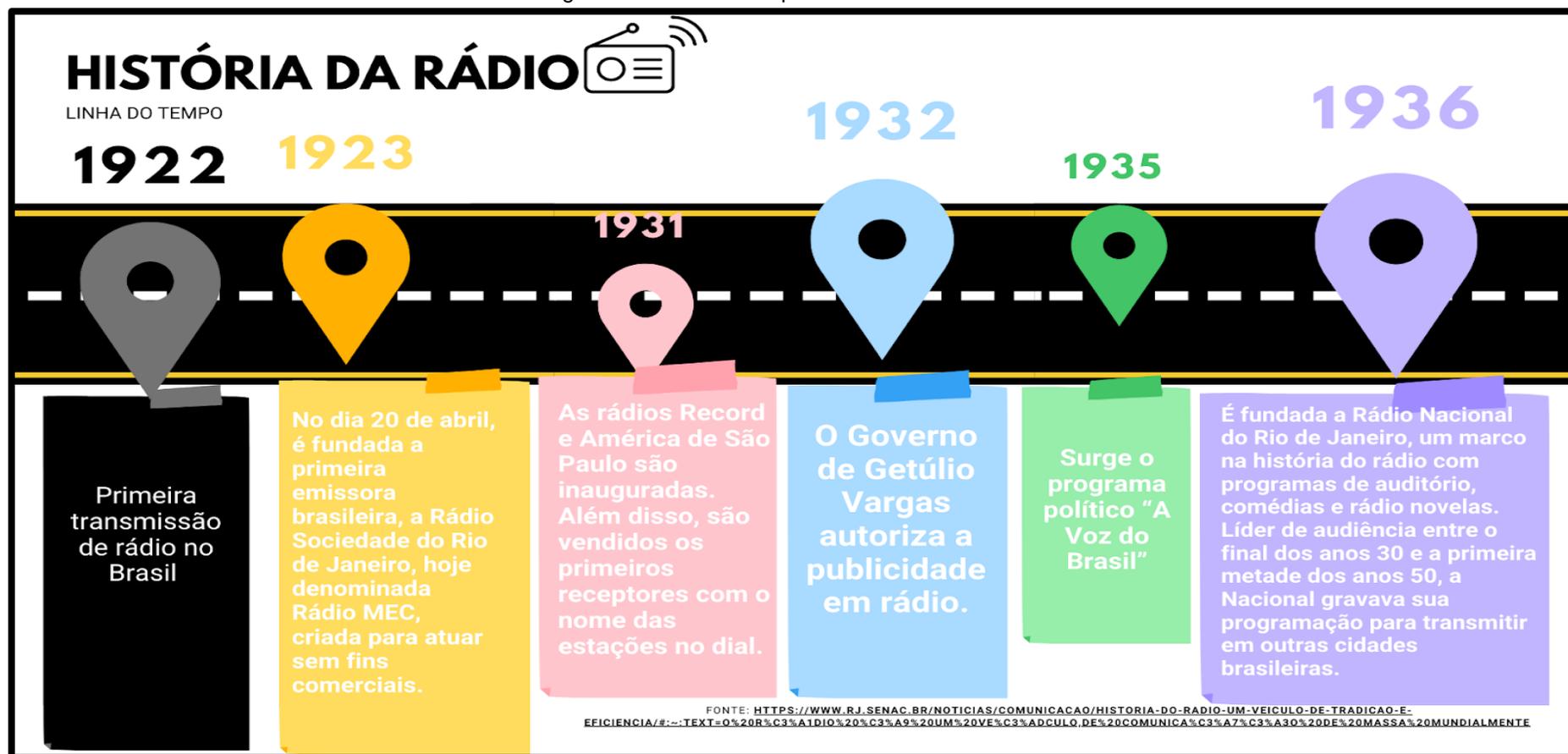


Figura 10 – Linha do tempo sobre a história da rádio (parte 2)

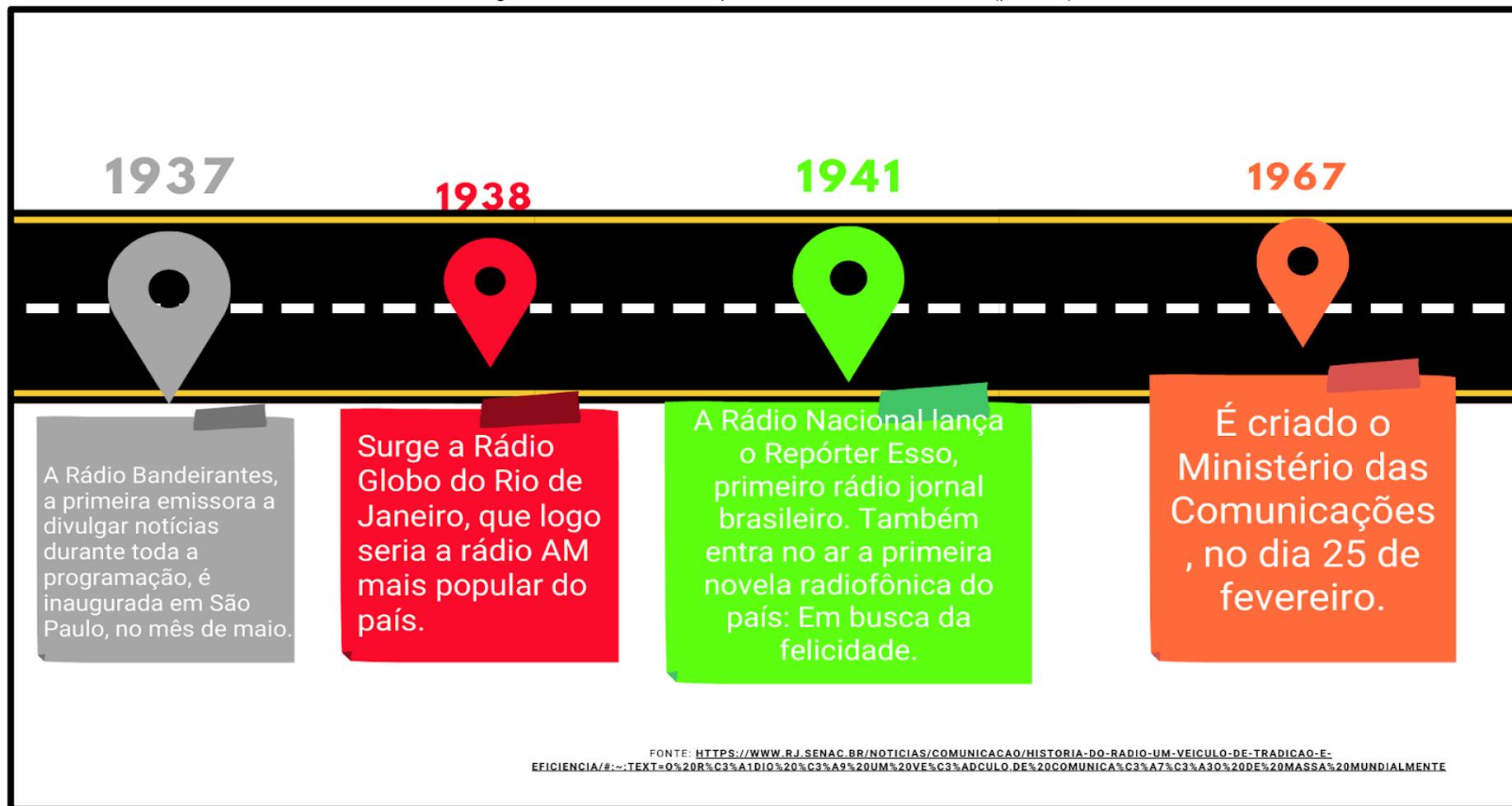


Figura 11 – Linha do tempo sobre a história da rádio (final)



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho (2024).

Percebeu o quanto era importante uma rádio para a propagação das informações, dos conhecimentos, das notícias do que se estava acontecendo e do que aconteceu no mundo. Automaticamente lembrou-se que soube da história da Escola de Aplicação da UFPA e da própria UFPA por meio da rádio, anunciada pelo seu avô.

Para sua surpresa, sua avó entra no quarto atravessando seus pensamentos como quem passa correndo no meio da chuva, e pergunta-lhe se não quer lancha. Durante o cafezinho, a menina compartilha com a sua avó os seus pensamentos referentes a como os conhecimentos podem ser compartilhados e construídos juntos, em larga escala, para alcançar o maior número de pessoas, independentemente de sua condição financeira ou classe social.

Neste momento um rosto formou-se imediatamente em sua mente: um menino de sua escola Prof.<sup>a</sup> Oscarina Santos que sentia vergonha de estar na escola por não possuir materiais escolares tão bons, novos ou modernos como outros, e que por conta disso, estava virando “piada” entre alguns meninos, o que vinha dificultando sua vontade de aprender, e de estar na escola.

Ao mesmo tempo que outra memória lhe atravessa a mente e coração: como as condições financeiras não eram as melhores da sua família, sua mãe comprava a baixo preço ou na maioria das vezes ganhava como doações os materiais escolares para suas duas filhas.

E tecendo uma peça delicada de crochet, mesmo exausta do trabalho, sua mãe passava horas e horas, no escuro e silêncio frio da noite, apagando as páginas e reencapando os materiais, com toda criatividade e afeto. Com o passar do tempo, aquilo tornou-se uma atividade em família. E de forma alguma foi motivo de vergonha para ela, pelo contrário, aquilo era motivo de admiração, cuidado e amor.

O perfume invadiu a cozinha. Sua mãe chegará de Belém de surpresa, vindo visitá-las. Eu já mencionei uma vez que no silêncio muito também se diz?! Pois é. O abraço falou o que o coração não conseguia dizer. Sua mãe precisou deixar suas filhas durante um tempo morando em Salvaterra com seus avós e tio para que conseguisse se reerguer financeiramente e emocionalmente após uma sofrida separação. E sempre que podia, vinha visitá-las. Este dia foi um dos dias possíveis.

De tarde chegou-se à noite, guiada pela voz da menina que contava à sua mãe toda a aventura que estava vivendo nessa descoberta da sua história familiar,



da rádio e do seu sonho em ser professora da universidade. E um sorriso largo espevitado surge do rosto da sua mãe.

– *Jaiara<sup>13</sup>, tua avó já te contou sobre a Ruth Bocaiúva de Araruna, né?*

– *Peraí, mãe, a senhora também conhece a professora Ruth de Araruna?*

– *Conheço sim, todos conhecemos por aqui...cidade pequena, lembra?! A Ruth foi um grande exemplo de professora, especialmente para nossa cidade, mas principalmente para a Escola Primária da Universidade Federal do Pará, hoje conhecida como...*

– *Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, mãe, eu aprendi.*

– *Isso mesmo! Olha só, vou te mostrar duas coisas que guardo aqui, no meu lugar secreto.*

Entre as madeiras da janela do quarto que a menina ficava, tinha uma abertura. De lá, sua mãe retirou dois papéis: um jornal antigo e uma carta. O jornal contava um pouco sobre a história de Ruth e a carta contava a sua história pela própria Ruth de Araruna.

– *Bom, esses dois papéis têm um valor sentimental muito grande pra mim. Eu sempre quis morar em Belém, conhecer outros lugares além de Salvaterra. A Ruth de Araruna foi uma inspiração de que era possível, mas que também não seria um conto de fadas. Mas amanhã eu te mostro, hoje já está tarde e vocês precisam dormir, inclusive sua irmã já está. Então CUIIIIIIDA!*

CUIIIIIIDA é a expressão favorita da sua mãe, para tudo ela diz: Cuida menina, tá na hora do almoço. Bora cuidar, que o sol já chegou. Tá na hora de cuidar que já está de noite. Cuida que se não a vida passa. A palavra cuida por um tempo foi sinônimo de pressa para a Jaiara. Hoje é sinônimo de viver a vida com esmero.

---

<sup>13</sup> Sua mãe gostava de chamar suas filhas pelo nome. A menina, ou melhor, Jaiara, tinha esse nome porque sua mãe achava lindo o nome Maiara, mas queria que fosse com J, para seguir a tradição de seus pais.



Quando foi a tarde do outro dia, sua mãe lhe mostrou o jornal e a carta de Ruth de Araruna. Sua mãe sempre teve grande apreço pelas informações, por compartilhar conhecimentos, construir novos e ser inventora. Ela sabe de tudo e de todos! As vezes fala com tanta proximidade das pessoas, que parece conhecê-las desde muito tempo. Assim, ela tinha um pequeno, mas extraordinário hábito de criar jornais com as informações mais preciosas que encontrasse.

Assim, mostrou para Jaiara um jornal que construiu quando ainda era adolescente sobre os grandes feitos da década de 60 aqui no Brasil. Reuniu , dentre tantas informações, aquelas que despertam sua curiosidade, sua criatividade e que pareciam ser inovadoras. Não só para a época, mas, como ela costuma dizer, para um modo ou melhor, modos de se viver. Sua mãe sempre soube o poder das palavras, e sabe usá-las com sabedoria, independente de suas falhas humanas.

Figura 12 – Jornal Central do Povo



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Ali, bem no finalzinho da página estava a mensagem sobre a escola Primária da UFPA. Uma pequena, porém, estrondosa notícia. Daquelas capazes de despertar em nós grandes sentimentos. Poucas linhas informavam sobre a escola, mas foi o suficiente para que a curiosidade de Jaiara salta-se de sua boca. E antes de conseguir terminar a primeira frase, sua mãe logo lhe entregou a carta da professora Ruth de Araruna:





Belém do Pará, 07 de março de 1965

Da professora Ruth Bocaiúva de Araruna para sua família, em Salvaterra, na Ilha do Marajó.

Oi, família... Hoje estou bem cansada.

Há um pouco mais de 1 ano que cheguei a Belém do Pará para ser professora na Escolinha da UFPA. Os dois primeiros meses aqui foram de puro encantamento e gratidão, o que de certa maneira, me fez encobrir algumas percepções que comecei a ter enquanto professora recém-chegada na docência. Percepções esta que me fizeram questionar a grande lacuna que existe entre a formação inicial e a formação continuada de professores.

Vocês são meu porto seguro, lugar onde me sinto livre para dizer o que penso e sinto. Vir para Belém, trabalhar nesta escola e conhecer outros lugares para além de Salvaterra é um sonho que nunca abri mãos. Só gostaria que alguém tivesse me contado que não seria tão fácil como eu imaginava.

A formação para ser professora que tive aí, como sabem, foi bem limitada. Pouco pude vivenciar a prática de sala de aula, enquanto estive nos meus anos de magistério. A teoria se fez presente praticamente durante todo o curso, mas a prática, alicerçada na prática-teoria-prática, foi praticamente inexistente. E para além disso, faltou uma formação omnilateral, ou seja: "[...] formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico [...]" (FRIGOTTO, 2012, p. 267).

Aqui me trataram, desde que iniciei, como se soubesse de tudo, como se meu contexto de vida não tivesse interferido no meu processo de formação docente. Eu precisava saber de tudo, para ontem. Tive que imediatamente saber fazer um planejamento docente, diário de classe, projetos, alfabetizar crianças, que muitas vezes, nem sabia qual era a função social da escola, e que inclusive vinham às vezes sem se alimentar ou extremamente desmotivadas, tanto por motivos pessoais como escolares.

Queria muito que minha formação docente tivesse percorrido caminhos que contemplassem a subjetividade, a criatividade, as experiências, heterogeneidade, complexidade e diversidade do ser humano e humana.





Um alto nível de resultado me foi cobrado: as crianças, independente de quem sejam, precisam saber ler e escrever até o final do ano. As apostilas, cópias do quadro no caderno, letra impecável, hino de cor e salteado, cabeças abaixadas, silêncio total e absoluto apareciam diversas vezes pelas entrelinhas. Eu era responsável por tudo e por todos. Tinha que dar conta de tudo e de todos: do que chorar, do que não aprende, do que teima, do que não quer, do que quer, do que precisa avançar, do que precisa ser desafiado... de tudo.

O meu contraturno destina-se a corrigir trabalhos. Infinitos trabalhos. Todos os dias. Os responsáveis me cobram dia após dia resultado: meu filho ainda não sabe ler, eu pago seu salário para você ensinar minha filha a ler e escrever, com certeza se não está fazendo seu trabalho corretamente, essa professora é muito boazinha, por isso ninguém a respeita, com certeza nem sabe o que é ser professora. E por aí vai.

Mas aqui, raros são os que me perguntam: “quem é você? de onde você vem? O que te traz até aqui? Qual é a sua história? Como você quer contribuir aqui?”. Não quero que me deem a voz. Quero que ouçam a minha voz. Afinal, ela é minha, então não há como alguém me dar. Goodson (2013) afirma que no processo de desenvolvimento docente o que está em falta é a voz do professor. Não falta diálogo sobre professores, falta diálogo entre professores e futuros professores.

Eu sei que a Escola acredita na perspectiva de que para existirmos temos que dialogar. Esta é nossa exigência existencial, ou seja, a medida em que dialogamos uns com os outros construímos de forma dialética nossas relações com o mundo e com os seres (FREIRE, 1996). O que eu penso, é que outros docentes e nosso projeto de formação inicial e continuada que muitas vezes não põem em prática isto.

Escolhi estar aqui porque esta instituição se baseia no tripé ensino-pesquisa-extensão tal como a universidade. Com base nesta fundamentação, a instituição apresenta uma característica favorável para uma formação docente permanente, tanto inicial quanto a continuada.

Ratificando esta justificativa, o Regimento da Universidade Federal do Pará em seu título III, capítulo III seção I, art. 173º diz que: “as atividades dos cursos de educação básica e profissional, na UFPA, constituir-se-ão em campo de estágio e experimentação, em especial para as licenciaturas” (Universidade Federal do Pará, 2006, p. 50), ou seja, proporciona um estreitamento das relações estabelecidas entre a escola e a UFPA.

Anseio que outros, que estejam em seu processo final de formação e processo inicial de atuação docente não passem pelo que estou passando. E para isso, é preciso sermos criativos e inovadores. “O desenvolvimento humano, educação e criatividade são fenômenos





mutuamente implicados e socialmente constituídos” (Neves-Pereira; Alencar, 2018, p. 4). Se a identidade do século é transformação, a ação é produzir criatividade.

Segundo as autoras “[...] criatividade é um valor humano imprescindível. Se não inventarmos formas de lidar com as dificuldades e problemas do dia-a-dia, não sobrevivemos” (Neves-Pereira; Alencar, 2018, p. 4). Desta forma é basilar que a formação docente proporcione de maneira intencional que os professores e os graduandos aprendam a inovar em suas práticas pedagógicas, especialmente as situadas na alfabetização, para que então após aprenderem, possam criar seus saberes docentes.

Por isso, preocupo-me sim, com aqueles que virão depois de mim. Jovens professores, sonhadores de uma prática docente humanizada, experienciada, dialógica e engajada que serão oportunizadas pelas experiências que tenham no campo acadêmico, pessoal e profissional. É indispensável exercer sua função ao mesmo tempo que a vivência, o que Larrosa (2002) complementa ao declarar que somos ‘sujeitos de experiências’.

Assim é primordial ter a consciência de que mudanças nas práticas de formação também acarretam mudanças nas práticas de ensino. Mas para isso, conforme Braun, Fialho e Gomez (2017) é preciso ir além do que se tem ido. A criatividade, especialmente dentro da sala de aula, nos impulsiona enquanto sujeitos a modificar nossas relações de ensino e aprendizagem uns com os outros.

Mas sempre me questiono quando penso que “[...] se queremos que sejam criativos eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.” (Morán, 2015, p. 18) Mas como exigir isso na sala de aula se os próprios professores não vivenciam as metodologias ativas nas suas formações?

Essa é a pergunta que tenho me feito desde que cheguei aqui. Desta forma, indago-me dia após dia: como esta escola, que por si só é um polo de referência educacional e criativa para o processo de ensino-aprendizagem pode fomentar que esta vivência seja implicada de uma formação docente que respeite esse tempo compreendido entre os anos finais de formação no curso e os cinco primeiros anos de atuação docente?

Não sei se alguém, algum dia, em algum tempo, terá essas respostas. Li uma vez, uma poetiza cearense chamada Laene Ribeiro, que disse o seguinte: Quando a vida pergunta, viver se faz resposta. Bem família, é isso que estou fazendo, vivendo este, que apesar dos conflitos, dos embates, ainda sim é meu sonho. Um abraço cheio de carinho e saudades em vocês. Dona Clotilde, hoje exagerei, mas precisava. E novamente, obrigada por isso.

*Da filha de vocês e irmã professora, Ruth de Araruna.*



Silêncio.

Mesmo com todos os reboiços causados pela fala de Ruth de Araruna o silêncio falava mais alto. Era como se, pela primeira vez, Jaiara escutasse a própria voz de Ruth de Araruna, bem na sua frente, de forma doce, pausada, mas forte e cheia de entonação. Assim como cheia de emoção, de sentimentos, de pensamentos, opiniões...cheia de vida.

Uma história tão importante assim precisaria de tempo e experiência para conseguir ser compreendida. Naquele instante, Jaiara, mesmo menina, sabia disso. Sabia, também, onde queria estar quando pudesse trabalhar como professora. E recordando a frase que tinha ouvido na carta de Ruth de Araruna, era preciso viver e esperar que a vida a guiasse e seguisse seu rumo.

O tempo precisa acontecer.

A vida precisa acontecer.

O percurso precisa acontecer.





# EPISÓDIO 3

## ESTAÇÕES SINTONIZADAS: AS PAISAGENS MAGNÉTICAS DA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

*“Bora, tá na hora de cuidar,  
menina!” (Janette Assiz) *



## ESTAÇÕES SINTONIZADAS: AS PAISAGENS MAGNÉTICAS DA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Passado algum tempo, chega a hora de retornar a Belém do Pará. Uma viagem conhecida por Jaiara, mas sempre nova de ser vivenciada. O navio era familiar. O tempo também, assim como o cheiro e o Porto Camará. Mas o percurso, jamais.

Navegar de volta à Belém do Pará não era voltar para o mesmo lugar. Muito menos percorrer as mesmas águas. Após tudo que tinha vivido, Jaiara não era a mesma e esta viagem era necessária. Porém, tão importante quanto navegar é apreciar o caminho por onde se navega, pois o caminho, em todas suas paisagens e nuances, nos trazem ensinamentos que, somente no contemplar, conseguimos nos apropriar. Uma escolha que requer sintonia, algo que se torna um desafio no início, mas uma grande conquista ao final.

Sintonizar as estações, perceber o que está em nossa volta, ver o que está sendo feito, produzido, o que está sendo discutido, como Getúlio dizia em sua rádio, é trabalho fundamental de um bom locutor, e no meu caso, uma boa pesquisadora e narradora.

Assim, não teria como deixar de comentar as grandes paisagens que Jaiara não apenas observou de neste percurso dentro da Baía do Guajará, mas que a mesma, apesar de criança, fez questão de tentar compreender.

Jaiara está sempre rodeada por pessoas sábias: algumas tinham sua sabedoria alicerçadas nas experiências de vida, outras nos estudos. E tinha aquelas que, de forma extraordinária, uniam as duas. Jaiara se espelhava em todas elas. E em uma dessas infinitas conversas, seu avô Getúlio lhe disse uma vez que para ser uma boa pesquisadora, ela sempre deveria fazer uma pesquisa minuciosa sobre o que gostaria de saber.

A menina acreditava que toda professora também é uma boa pesquisadora. E ser pesquisadora é ser como uma grande caçadora de tesouros, procurando dia após dia, seguindo várias trilhas, descobrindo terras, colecionando preciosidades. Mas que toda boa pesquisadora, assim como o capitão do navio, tem um mapa a seguir. Foi então que se lembrou do que sua professora na escola lhe falou sobre a Revisão Sistemática da Literatura (RSL):



[...] um tipo de texto que reúne e discute informações produzidas na área de estudo. Pode ser a própria revisão um trabalho completo, ou pode aparecer como componente de uma publicação, ou ainda organizadas em publicações que analisam o desenvolvimento de determinada área no período de um ano, os chamados *annual reviews* (Moreira, 2004, p. 22, grifos do autor).

Bom, ela ainda precisa compreender melhor sobre aquilo. E tinha na memória que sua professora havia lhe dado algumas de suas anotações, como presente para quando ela se tornasse professora de verdade. Abriu sua mochila, e encontrou as anotações:

*Esta revisão possui características próprias para ser realizada dentro da área de estudo selecionada, por isso tratamos de uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) e não apenas uma revisão da literatura. Como um verdadeiro diário de bordo que todo navegante precisa ter, a RSL “serve para posicionar o leitor do trabalho e o próprio pesquisador acerca dos avanços, retrocessos ou áreas envoltas em penumbra.[...] (Moreira, 2004, p.23 ).*

*Assim, o com a Revisão sistemática da literatura é poder ofertar aos pesquisadores, um panorama detalhado e geral das produções acadêmicas realizadas por vários pesquisadores em alguns determinados bancos de pesquisa.*

*Desde que Jaiara me contou sobre Ruth Bocaiúva de Araruna, suas cartas e suas inquietações sobre a formação docente, imediatamente relacionei ao meu processo formativo como professora alfabetizadora dentro do campo da indução profissional docente.*

*E passei, desde então, a pesquisar minuciosamente sobre isso. Um tema que de fato é novo, que me chama bastante atenção, e que é fundamental para se compreender o cenário de uma produção acadêmica. Tenho certeza, inclusive, que outra professora alfabetizadora, que tenha interesse em pesquisar sobre isso, poderá contribuir muito mais com esta pesquisa.*

*Minha amiga Jessika, professora alfabetizadora na EAUFPA, fez uma Revisão Sistemática da Literatura que esboça detalhadamente sobre este campo. Essa revisão que vem nas páginas a seguir:*

Antes que Jaiara conseguisse pegar as outras páginas, seu coração disparou. Como uma grande surpresa vinda do universo, ela tinha, em suas mãos, o nome de



uma professora alfabetizadora que atuava na Escola de Aplicação da UFPA, graças a sua professora Júlia Ruana. Uma gratidão que jamais conseguirá retribuir.

Ela sempre acreditou que professoras alfabetizadoras fazem parte de uma grande comunidade, uma grande rede, tecida por fios invisíveis e indissolúveis. Que estão juntas e se comunicam em prol de algo muito maior que as une. Aquelas anotações lhe demonstraram isso.

Após todos esses pensamentos, Jaiara pediu ajuda a seus pais e começaram a ler sobre a Revisão Sistemática da Literatura. Não se questionem, Jaiara é uma menina que tem gostos de leituras um tanto peculiares. E as 3h de viagem lhe dariam tempo suficiente para realizá-la.

### 3.1 Estação 1: produções acadêmicas sobre indução profissional docente

Logo na primeira página, havia um bilhete escrito de Jessika para Júlia Ruana, o qual dizia:

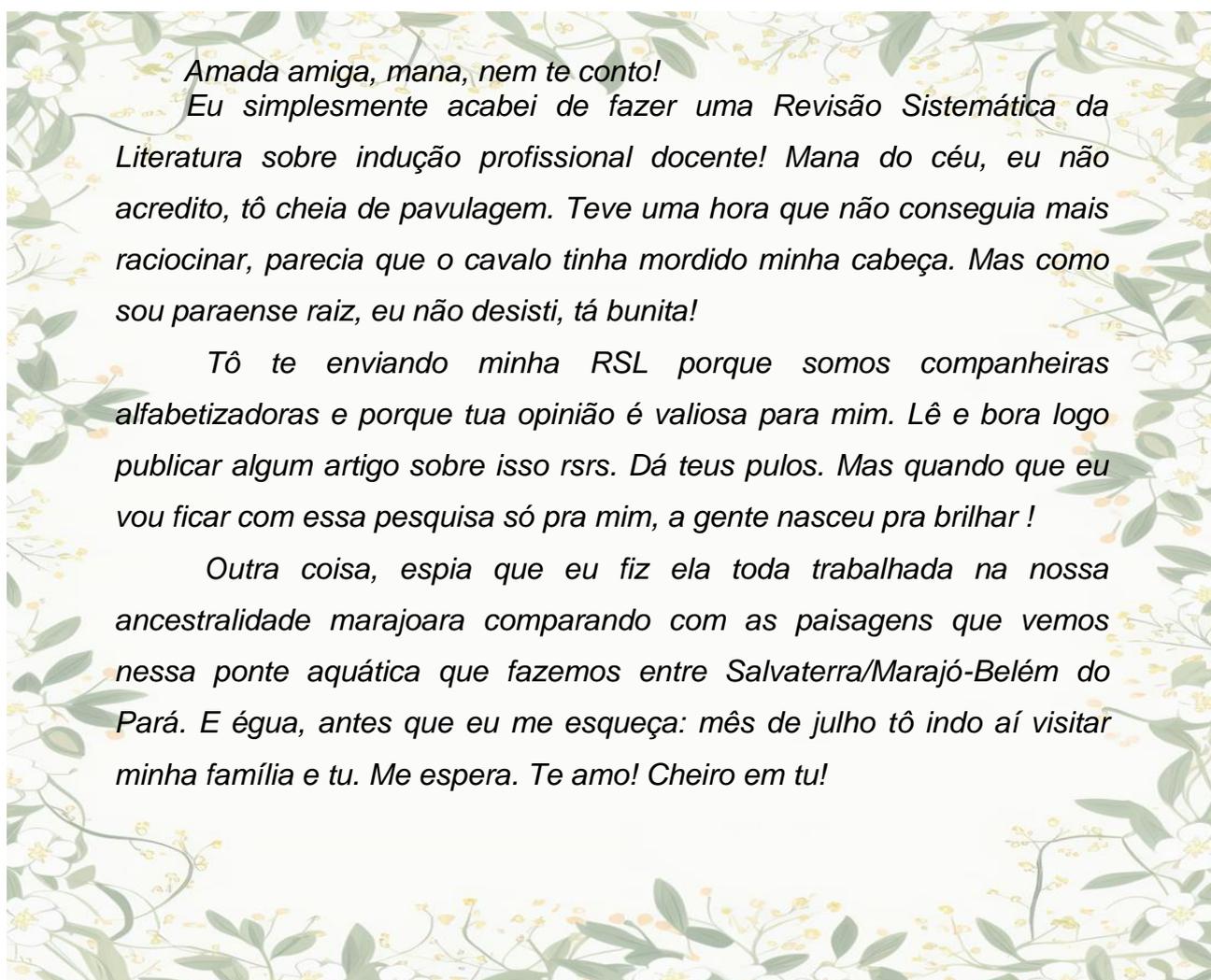
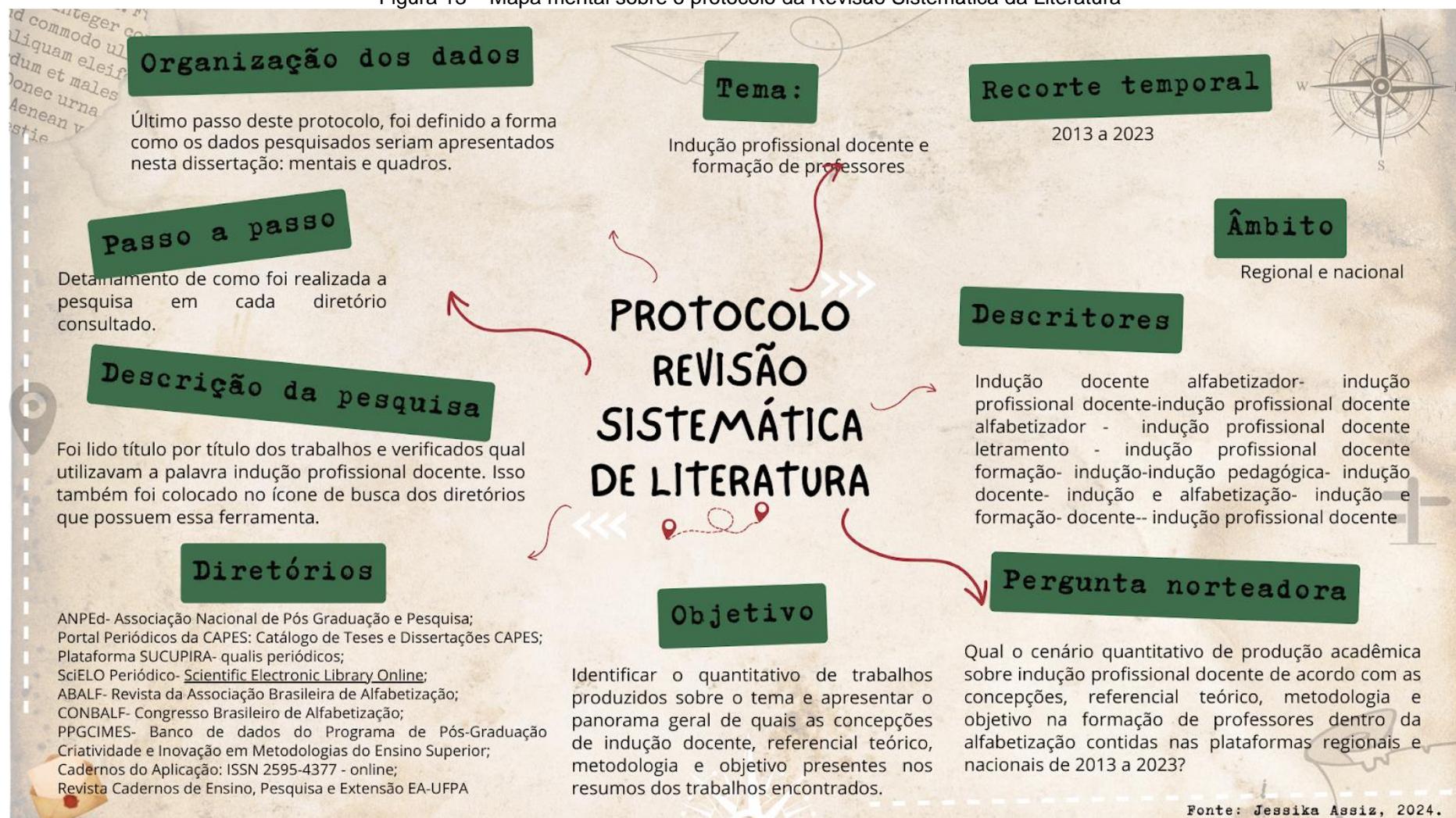


Figura 13 – Mapa mental sobre o protocolo da Revisão Sistemática da Literatura



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Como em qualquer navegação, mapas sempre trazem um norte importantíssimo para a viagem, seja o impresso, ou seja, o estelar. Por isso, dentro da RSL o primeiro passo foi construir o mapa que nos guiou por esta viagem, o qual chamamos de protocolo, como mostrado acima. Neste protocolo (o qual consta em anexo) seguimos os seguintes itens: tema, recorte temporal, âmbito, descritores, pergunta norteadora, objetivo, diretórios, descrição da pesquisa e passo a passo de como a revisão foi feita.

Como último passo deste protocolo, foi definido a forma como os dados pesquisados seriam apresentados nesta dissertação. Desta forma, escolhemos mapas mentais. Aliás, essa forma de apresentar, dialogar e criar sempre me fascinou. Acredito já terem percebido o quanto gosto de mapas mentais ao longo dessa nossa conversa.

Para esta tessitura, os mapas mentais apresentam uma visão mais ampla das informações aprendidas com a Revisão Sistemática da Literatura, trazendo para além disso, um pouco da cultura marajoara a que tanto me tem:

Mapa mental 1. Protocolo da Revisão Sistemática da Literatura;

Mapa mental 2. Diretórios da revisão sistemática de literatura;

Mapa mental 3. Diretórios com trabalhos encontrados sobre a temática;

Mapa mental 4. Concepções encontradas nos resumos dos trabalhos sobre indução profissional docente;

Mapa mental 5. Referenciais teóricos encontrados nos resumos dos trabalhos sobre indução profissional docente.

Mapa mental 6. Metodologias encontradas nos resumos dos trabalhos sobre indução profissional docente;

Mapa mental 7. Objetivos encontrados nos resumos dos trabalhos sobre indução profissional docente.

Feito isso, iniciei umas das maiores e mais desafiadoras aventuras que tive a oportunidade enquanto professora e pesquisadora de realizar. Foi 1 ano e 10 meses percorrendo a Revisão Sistemática da Literatura dentro do rio da indução profissional docente. Muito aprendi, desaprendi e ainda preciso aprender nesta trajetória. Mas, sem dúvida, contemplar o que cada um desses diretórios, ou melhor, destas paisagens me mostrou, certamente é o que o compensa toda a viagem.

Durante a navegação, recordei muito de minha infância pelas águas da Baía do Guajará saindo do porto hidroviário de Belém com destino ao porto Camará-



Salvaterra, na Ilha do Marajó. Minha infância foi sobre as águas, cercada pelos mistérios e belezas vindas da natureza que tem a água como um dos seus grandes elos de existência.

Pela janela do navio, paisagens exuberantes me eram apresentadas, eternizadas e incomparáveis. Todas, de alguma forma, deixaram marcas estéticas que só quem as contempla consegue sentir. E só quem as ouve consegue compreendê-las. Assim foi o sentimento advindo desta Revisão Sistemática da Literatura, onde pude apreciar nove paisagens, sendo elas:

Paisagem 1: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa (ANPEd) com GT 8 (Formação de professores), GT 10 (Alfabetização, leitura e escrita) e GT 13 Educação Fundamental;

Paisagem 2: Portal Periódicos da CAPES: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES;

Paisagem 3: Plataforma Sucupira (Qualis periódicos);

Paisagem 4: SciELO Periódico – *Scientific Electronic Library Online*;

Paisagem 5: Revista da Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf) – Qualis A2;

Paisagem 6: Anais do Congresso Brasileiro de Alfabetização-CONBALF;

Paisagem 7: Banco de dados do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior – PPGCIMES;

Paisagem 8: Revista Cadernos do Aplicação UFRGS (Nacional);

Paisagem 9: Cadernos de Ensino, Pesquisa e Extensão – COPEX EAUFPA (regional).

Paisagens que me fazem lembrar de um trecho poema do nosso fantástico Manoel de Barros, como esse abaixo: “*Beira de rio é uma coisa muito passarinho. Aqui o silêncio canta*”. Assim, à vista dessa margem, recordo-me das paisagens encontradas em minha viagem de veraneio á Salvaterra: a Baía do Guajará, a igreja Nossa Senhora da Conceição, a orla de Salvaterra, as ruínas de Joanes, a praia do Pesqueiro/Soure, a praia do Caju-Una, o búfalo do Marajó, o porto de Soure e a cerâmica marajoara. Paisagens que por si só nos dizem muito, mas que juntas nos fazem ir além de nossas expressões verbais.



Figura 14 – Mapa mental sobre os diretórios da Revisão Sistemática de Literatura



Fonte: Acervo pessoal da autora deste trabalho (2024).

De forma impactante e exuberante como a Baía do Guajará, um dos trajetos principais de nossa cultura, observo a primeira paisagem chamada ANPEd: os anais da ANPEd acontecem de 2011 a 2013 aconteciam 1 vez por ano. Depois, passou a acontecer de dois em dois anos, no caso 2015, 2017, 2019 e 2021. Assim, em seu GT 8 (Formação de professores) 199 trabalhos foram aprovados e publicados, e apenas dois (2) falam sobre indução profissional.

Em seu GT 10 (Alfabetização, leitura e escrita) de 122 trabalhos, nenhum fala sobre indução profissional docente. E no GT 13 (Educação Fundamental) 123 trabalhos foram publicados, e nenhum é sobre indução profissional docente. Essa paisagem me mostra que de 444 trabalhos publicados, apenas dois debatem sobre a temática desta revisão.

A segunda paisagem é Portal Periódicos da CAPES: catálogo de teses e dissertações, uma paisagem que possui na sua tradição a sua fortaleza, como a igreja de Nossa Senhora da Conceição/Salvaterra. Infelizmente, ainda há coisas que não conseguimos desvendar, e na década escolhida não aparece o quantitativo geral de produções por ano e década, mas foram encontrados 12 trabalhos sobre a temática.

Seguindo o olhar, vejo a terceira paisagem, com elementos novos e diferentes das demais, assim como a nova Orla de Salvaterra na Praia Grande. Trata-se da Plataforma Sucupira. Foram necessários realizar alguns filtros além das palavras-chave, como Classificação (Educação, A1 a A4, periódicos) e Quadriênios (2010-2012/ 2013-2016/ 2017-2020).

Por trabalhar com quadriênios, o ano de 2021 em diante não aparece vigente. Infelizmente, não é mostrado o quantitativo geral de trabalhos por ano, mas, ao inserir os descritores da RSL e os filtros, nenhum trabalho apareceu sobre indução profissional docente.

A quarta paisagem, tão misteriosa e forte como as ruínas de Joanes, é a base de dados *SciELO Periódico – Scientific Electronic Library Online*. Precisei usar, assim por dizer, um binóculo para poder enxergar as miudezas que a formam.

Utilizei os filtros da Coleção Brasil, Periódicos (Educação em revista, Ensaio Avaliação e Políticas públicas em educação, cadernos de pesquisa, educar em revista, revista brasileira de educação, revista brasileira de estudos pedagógicos) idioma (português), ano (2017, 2018, 2019, 2021, 2022 e 2023), Área temáticas (ciências humanas).



Como compreensão geral desta paisagem, apesar de não aparecer o quantitativo de tudo que procurei, 7 trabalhos sobre indução profissional foram vistos. Mas senti um cansaço, contemplar não significa apenas olhar. Precisei de um tempo para descansar.

Um descanso um tanto conturbado, pois devido à falta de políticas públicas, as cadeiras do navio não são tão confortáveis. Mas dentro do que era possível, naquele momento, dei uma pausa.

Ao amanhecer, em uma espécie de susto, esbarrei na quinta paisagem, a Revista da Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf), um lugar de grande preciosidade para alfabetização assim como a praia do Pesqueiro/Soure tem para os marajoaras. Desventuradamente, de 222 trabalhos observados, nenhum fala sobre indução profissional docente.

Um desânimo começou a tomar conta dos meus olhos, respirei, olhei em volta, olhei um pouco mais a frente e percebi que naquela mesma paisagem da ABALF havia outro caminho. Avistei assim a sexta paisagem, o Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF).

Esta paisagem apresenta elementos muito rústicos e peculiares percebido também na praia do Caju-Uma. Por exemplo, seu primeiro evento iniciou-se em 2013, onde a procura pelos trabalhos tornou-se uma grande aventura. Seu documento de artigos é um verdadeiro mergulho na Baía, pois não possui sumário para guiar.

A jornada aqui foi bem exaustiva, mas por fim pude encontrar que das de 3.258 páginas, nenhuma fala sobre indução profissional. E encontrei isto graças a lupa que usei: localizar palavras em PDF.

Seus eventos acontecem de dois em dois anos (2013, 2015, 2017, 2019, 2021 e 2023). Sendo que nos anos de 2013 e 2017 não aparece o quantitativo geral de trabalho. Mas, de 839 trabalhos publicados, foi encontrado 1 trabalho sobre indução docente.

Uma imagem, posso assim dizer, bem familiar para mim. Este trabalho, de forma honrada, foi escrito e apresentado por mim, aprovado e publicado pelo evento. De fato, uma das paisagens em que mais pude me reconhecer.

Interrompendo meus pensamentos, ouço um barulho bem forte e sinto cheiro de algo queimando. Era o motor do navio. Situação complicada, que divide nosso foco de atenção pois é tão importante quanto. Resolvido o problema, voltei



novamente minha atenção para as paisagens que minha vista estava sendo apresentada.

Já no entardecer, achando que pouco conseguiria contemplar, vejo uma paisagem que, aos meus olhos, tinha um brilho, uma composição de cores, de cheiros e elementos que jamais tinha visto em outrora, a não ser quando um búfalo do Marajó me encarava e encantava.

Era a sétima paisagem: o banco de dados do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior (PPGCIMES) – Dissertações. Neste encantamento, passei a observar cada detalhe, e apesar de encontrar 70 dissertações criativas e inovadoras no período de um quinquênio, nenhuma falava sobre indução profissional docente.

Porém, quando você encara o olhar de um búfalo é como se você estivesse encarando a vocês mesmo. E neste instante, como um mergulho dentro de mim, percebi ser necessário olhar ainda mais de forma endógena para onde, de fato, eu atuo como alfabetizadora e a rede a qual faz parte: Colégios de Aplicação.

Reconheci tendo a mesma visão do porto de entrada de Soure/Ilha do Marajó, em meio a tantas paisagens, a revista Cadernos do Aplicação/UFRGS. Nesta oitava paisagem, 397 trabalhos foram publicados na década, porém nenhum tem indução profissional docente como debate teórico.

E por último, meu olhar se tornou ainda mais intimista, olhei como quem olha para dentro de um caleidoscópio e avistei a nona e última paisagem: os Cadernos de Ensino, Pesquisa e Extensão da EAUFPA, meu chão de atuação, formação e motivação.

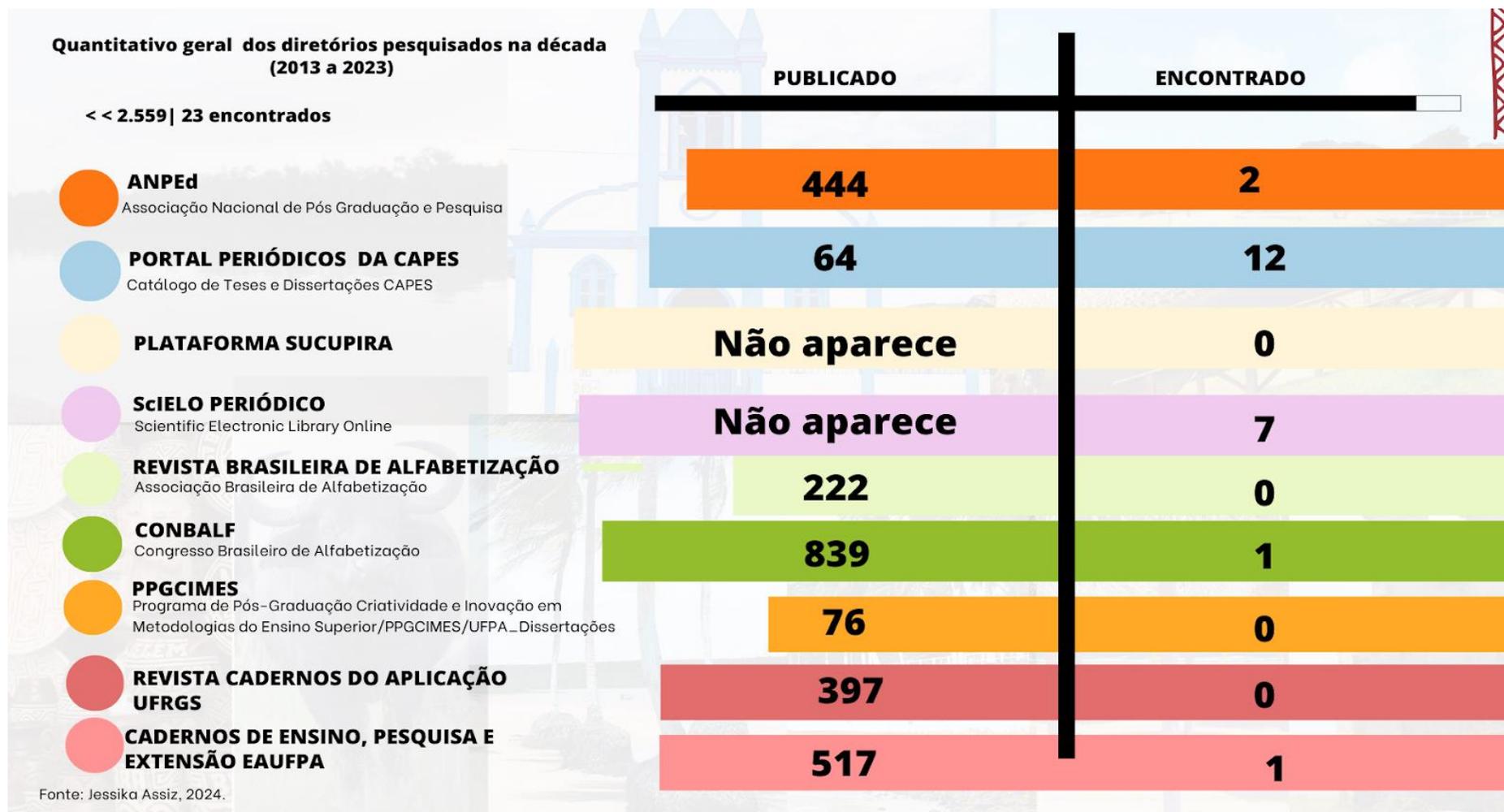
Em seus mais de 517 trabalhos publicados, apenas 1 discorre sobre a temática desta aventura chamada Revisão Sistemática da Literatura sobre indução profissional docente. Este olhar é, para mim, autoral, precioso, ancestral, afetivo e coletivo como a cerâmica marajoara.

Assim, anotei em meu diário de bordo e em minha memória fotográfica, o que todas estas nove paisagens me mostraram, cada uma dentro de sua peculiaridade científica.

Foram mais de 2.553 trabalhos publicados, número que não é exato pois no diretório da Plataforma Sucupira e no *Scielo* Periódicos não aparece o quantitativo de trabalhos publicados. Assim, apenas 23 deles abordam a temática da indução docente dentro da década de 2013 a 2023.



Figura 15 – Quantitativo geral dos trabalhos publicados e pesquisados de cada diretório de 2013 a 2023



Fonte: Elaboradora pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Como já disse anteriormente, contemplar está para além de apenas olhar. É preciso sentir com as imagens, ver com os cheiros, tocar com os sons e ouvir as texturas. Contemplando estas paisagens percebo que estes 23 trabalhos que versam sobre indução profissional docente encontram-se na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa, no Portal Periódicos da CAPES, no *Scielo* Periódicos, no Congresso Brasileiro de Alfabetização e nos Cadernos de Ensino, Pesquisa e Extensão da EAUFPA. Assim, uma nova paisagem se forma em minha mente:

Figura 16 – Mapa mental 2 sobre os diretórios com trabalhos encontrados



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Mas, ao observá-la, muitos questionamentos surgem em minha mente: o que de fato estes 23 trabalhos dizem a respeito da indução profissional docente? A qual filiação epistemológica os autores destes trabalhos estão vinculados? Quais os pontos relevantes estão sendo abordados em suas linhas? Qual cenário político, especialmente o relacionado à formação docente dentro da indução profissional estamos vivendo? O que essencialmente é de extrema relevância para que a indução docente seja um caminho prospero a realizar dentro da formação na alfabetização?

Certamente não darei conta de responder no momento. Porém ao ler os títulos dos trabalhos, muitos outros questionamentos, especialmente os ligados as

concepções de indução profissional docente, despertam meu interesse de pesquisa dentro desta Revisão Sistemática da Literatura:

Quadro 1 – Títulos dos trabalhos encontrados sobre indução profissional docente (2013 a 2023)

<b>Título dos trabalhos encontrados sobre indução profissional docente (2013 a 2023)</b>	
<b>Diretórios</b>	<b>Publicado/Encontrado</b>
<b>1.ANPED-</b> Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (gt8, gt10, gt 13)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inserção, indução profissional e formação continuada de professores em escolas da rede municipal do Rio de Janeiro;</li> <li>- A indução docente no Chile na visão de professores iniciantes e mentores.</li> </ul>
<b>Portal Periódicos da CAPES:</b> Catálogo de Teses e Dissertações CAPES	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Um passo importante no desenvolvimento profissional dos professores: o ano de indução;</li> <li>- Indução de professores iniciantes na República Dominicana. O Programa <i>Inductio</i>;</li> <li>- A Pesquisa sobre o trabalho do professor no início da carreira profissional;</li> <li>Indução profissional e o início do trabalho docente: debates e necessidades;</li> <li>- A narrativa (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa-formação na indução profissional docente;</li> <li>- Apoio ao docente em início de carreira: impactos na indução profissional de professores do programa residência docente do colégio pedro II;</li> <li>- Concepções dos professores de matemática em início de carreira;</li> <li>- Contribuições da professora Marli André para a produção de conhecimento sobre professores iniciantes;</li> <li>- Programa de mentoria online: uma proposta de indução docente;</li> <li>- Resenha do livro "<i>teacher preparation in scotland</i>" (formação de professores na escócia);</li> <li>- Professor iniciante, processo de indução e alfabetização: o que dizem os estudos;</li> <li>- Nada é novo, mas tudo mudou: A metamorfose da escola.</li> </ul>
<b>SciELO Periódico –</b> Scientific Electronic Library Online	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Políticas y programas de <i>inducción en la docencia en latinoamérica</i>;</li> <li>- Políticas de inserção profissional na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro: uma proposta em movimento;</li> <li>- Experiências de novos professores na transição</li> </ul>



	para o ensino; - Ser professor, uma construção em três atos: formação, indução e desenvolvimento na carreira; - Articulações entre estabelecidos e outsiders no contexto de uma comunidade de aprendizagem docente; - Indução docente em revisão: sentidos concorrentes e práticas prevaletentes; - Práticas formativas de uma professora experiente num programa de indução: um estudo de caso.
<b>CONBALF – Congresso Brasileiro de Alfabetização</b>	- Saberes tecidos em escritas e leituras: um caminho para indução pedagógica.
<b>Cadernos de Ensino, Pesquisa e Extensão da EAUFPA</b>	Entre o céu e o chão acontece a formação! Construção do projeto de indução pedagógica na alfabetização da Escola de Aplicação da UFPA.

Fonte: Produzido pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

É preciso então se focar no que realmente, para o momento, é o importante. Lembrei-me da voz de uma companheira de viagem me orientando sobre alguns caminhos dessa viagem. Foi então que, como um raio de sol refletido em meu rosto, o objetivo desta RSL resplandece em minha mente novamente: identificar o quantitativo de trabalhos produzidos sobre o tema e apresentar o panorama geral de quais as concepções de indução docente, referencial teórico, metodologia e objetivo presentes nos resumos dos trabalhos encontrados.

Esta viagem já tinha percorrido metade do seu objetivo. Mas ainda restava outra metade para seguir, e debruçar sobre elas era o necessário a se fazer. Neste momento, utilizei um binóculo para enxergar mais afundo sobre que características únicas estas paisagens nos revelam. Características estas relacionadas a concepção, referencial teórico, metodologia e objetivo.

Porém, nossa relação com a natureza, assim como a pesquisa, é processo respeitoso e longitudinal. De longe, olhando apenas para os títulos, não conseguiria compreender o que me propus a fazer. Mas por outro lado, não tinha como pedir para o navio parar, e adentrar-me em cada uma destas paisagens. O navio precisa seguir seu fluxo, em outro momento, seria oportuno, com mais tempo, aprofundar-me em todas as nuances da paisagem.

Então como poderia cumprir e compreender meu objetivo com esta viagem? O registro fotográfico foi uma excelente solução. Registrei essas 5 paisagens que



encontrei o que estava procurando sobre indução profissional docente: ANPEd (Baía do Guajará), Portal Periódicos Capes (Igreja Nossa Senhora da Conceição), *SciELO* Periódico (Orla de Salvaterra/Praia Grande), Congresso Brasileiro de Alfabetização (Praia do Caju-Uma) e os Cadernos de Ensino, Pesquisa e Extensão da EAUFPA.

Assim, mesmo sem conseguir parar o navio e ir conhecer afundo estes lugares, pude, olhando para o registro, ter uma dimensão geral do que aquela paisagem me mostrava. Foi por isso então, que foquei nos resumos dos trabalhos encontrados para ter uma visão geral. Aqui, as fotografias são analogias para os resumos.

Ao ler cada resumo dos trabalhos, fui mapeando em cada um, quais as concepções, referencial teórico, metodologia e objetivo eles apresentavam sobre indução profissional docente. Beber desta fonte é tão necessário para o bom desenvolvimento da pesquisa, como uma boa tigela com açaí é para nós, paraenses raiz, que desde pequenos saboreamos este fruto real de nossa culinária.

Figura 17 – Quantidade de trabalhos que não apresentam as informações pesquisadas nos resumos



Fonte: Produzido pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024)

Ao analisar as miudezas desses dados, que para alguns talvez passem despercebidos, dois fatos me chamam bastante a atenção: primeiro, em 15 dos 23 trabalhos, ou seja, a maioria, não apresentam referencial teórico sobre indução profissional docente dentro do seu resumo. Segundo, em 12 dos 23, ou seja, um a

mais da metade, não apresentam a concepção de indução profissional docente que estão alicerçados.

Tal fato é significativo para esse meu percurso pois concebo que tanto referencial teórico quanto concepção são dos campos ainda pouco aprofundados dentro da temática desta RSL. Dialogar com os autores, compreender os conhecimentos dentro da indução profissional docente e apresentá-los de forma clara, ainda é um campo complexo. Por isso, caros ouvintes e leitores, esta dissertação torna-se imprescindível para a expansão do que é a indução docente e suas contribuições para o campo da formação docente na alfabetização.

Desta forma, debruço-me cada vez mais, em dias corridos enquanto o navio segue seu próprio curso, a compreender as marcas que estas paisagens me mostram. Percebo então, que uma fotografia pode se transformar em muitas outras. Por exemplo, observem essa vista da Ilha do Combu, um dos lugares encantadores e fascinantes do Pará.

Fotografia 27 – Estabelecimento na Ilha do Combu - Pará



Fonte: Facebook da Ilha do Combu (2022).

Esta imagem nos traz um panorama bem geral e cheio de riquezas que compõem esta imagem, e a fazem ser do que jeito que a vemos. Mas cada elemento que aqui está presente, por si só, já é uma paisagem que muito tem a nos dizer. Por exemplo, observe o recorte abaixo:



Fotografia 28 – Pintura indígena em estabelecimento na Ilha do Combu - Pará



Fonte: Facebook da Ilha do Combu (2022).

Ao olhar para este recorte, percebemos outros detalhes que a compõem e fazem ser uma imagem por si só. Perceber os detalhes que compõem o colar indígena de Muiraquitã, a toalha branca e vermelha estampada estendida no varal, as tábuas de madeira que pintada que formam o desenho, entre outros, muito nos tem a dizer.

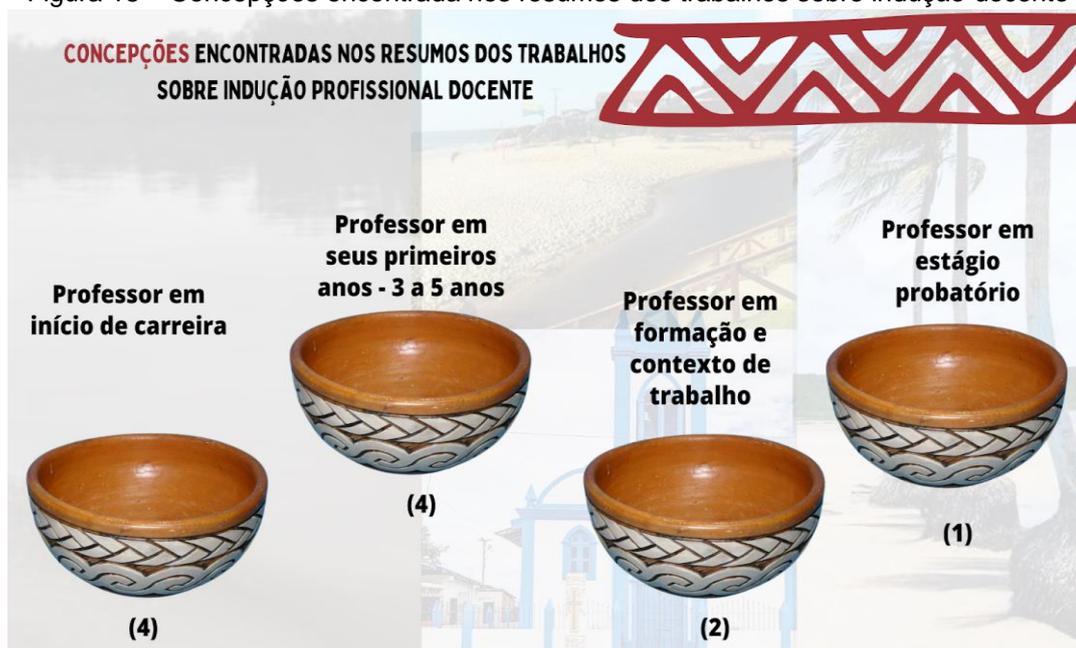
E é nessa tessitura que busquei trazer o recorte para os resumos dos trabalhos encontrados. Ele, diante do cenário acadêmico, é onde encontramos as informações mais importantes do trabalho de forma pontual. E a partir disso, conseguimos identificar tópicos específicos da Revisão Sistemática da Literatura (RSL).

Assim, após ler e mapear nos resumos dos trabalhos encontrados quais as concepções, referenciais teóricos, metodologias e objetivos presentes nos mesmos, temos, uma grande e nutritiva fonte de embasamento, fazendo uma alusão a uma das nossas comidas típicas mais valiosas e nutritiva conhecida como Açaí, o qual, em uma boa tigela de cerâmica, nos traz uma experiência alimentar.

E aqui, busquei trazer essa experiência acadêmica para a compreensão da indução profissional docente:



Figura 18 – Concepções encontrada nos resumos dos trabalhos sobre indução docente



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Nesta imagem sobre as concepções que versam sobre a indução docente, a maioria em um quantitativo de 8 trabalhos estão focalizadas em professor em início de carreira e seus primeiros anos de atuação (de 3 a 5 anos). Concepção ligada ao contexto de trabalho e estágio probatório também aparecem em três trabalhos. Assim, podemos também verificar quais referenciais teóricos são utilizados para esta leitura dentro do campo da indução profissional docente:

Figura 19 – Referenciais teóricos encontrados nos resumos dos trabalhos docente



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Muitos são os autores que chegam até esta história para dialogar conosco, porém, no que diz respeito aos referenciais teóricos presentes nos resumos, há uma grande variedade, o que faz com que poucos sejam de fato, encontrados em mais de trabalhos, por exemplo.

Outro ponto crucial é que nem todos os referenciais aqui tratam de conceito sobre indução profissional docente. Por isso, ao pegarmos as concepções e os referenciais teóricos apresentados nestes trabalhos, vimos que muito ainda se precisa caminhar diante do campo da indução profissional docente.

Desta forma, direcionarmos nosso olhar para as metodologias se faz necessário:

Figura 20 – Metodologias encontradas nos resumos dos trabalhos sobre indução docente

<b>METODOLOGIAS ENCONTRADAS NOS RESUMOS DOS TRABALHOS SOBRE INDUÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE</b>	
 <b>Quanto a abordagem</b>	<b>Abordagem/pesquisa quantitativa (1)</b> <b>Abordagem/pesquisa qualitativa (4)</b>
 <b>Quanto aos objetivos</b>	<b>Exploratória-descritiva (1)</b>
 <b>Quanto aos procedimentos</b>	<b>Pesquisa bibliográfica (9):</b> Consulta a documentos (2); Análise de produções acadêmicas e livro (2); Pesquisa bibliográfica(1); Revisão Sistemática da Literatura (2); Relatórios (1); Estudo (1). <b>Perspectiva (auto)biográfica(3):</b> narrativas (2); Relatos dos sujeitos (1) <b>Estudo de caso (2)</b> <b>Pesquisa-formação (1)</b>
 <b>Instrumentos utilizados para coleta de dados</b>	<b>Entrevistas (6)</b> <b>Questionário (3)</b> <b>Desenho investigativo (1)</b> <b>Intervenção (1)</b> <b>Ensaio teórico (1)</b> <b>Observações (1)</b>

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

As metodologias encontradas nos resumos nos chamam a atenção para um detalhe particular: a maioria apresenta uma abordagem qualitativa (4) e de acordo com os procedimentos, a pesquisa bibliográfica (9) que envolvem consulta a documentos, produções acadêmicas, pesquisa bibliográfica, relatórios, estudo de caso e apenas dois, destes 9, referem-se a uma Revisão Sistemática da Literatura dentro deste campo da indução docente.

Tal fato vem, feito maré, reafirmar novamente a relevância de se fazer esse estudo de RSL dentro dessa nossa conversa, observando nesta última década, as paisagens formadas por este campo. De tal modo, que como último suspiro de contemplação desta paisagem, nossos olhares voltam-se para os objetivos que essas produções acadêmicas apresentam:

Figura 21 – Objetivos encontrados nos resumos dos trabalhos sobre indução docente



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Quando iniciamos uma conversa ou história, certamente sabemos o que pretendemos com aquilo, mesmo que o desenrolar dela ainda seja misterioso e novos assuntos surjam. Mas sempre um motivo, um objetivo, nos fez iniciar a prosa. Assim percebo os objetivos destes trabalhos encontrados.

Todos, assim como esta viajam dentro do campo da Revisão Sistemática da Literatura possuem um objetivo inicial de existência. Visualizando sobre isso nos trabalhos, enxergamos que a maioria(6) se atenta a apresentar, relatar e situar os leitores sobre este campo da indução. Como se fosse ainda, uma primeira conversa sobre aquilo. Que mais a frente, será extremamente detalhada e desdobrada em outras.

Outros objetivos como analisar, investigar, compreender, refletir e problematizar apresentam-se nesse segundo ponto. Os trabalhos sobre esta

temática caminham em passos pequenos, porém fundamentais dentro da formação docente.

Figura 22 – Resumo geral sobre o objetivo, concepção, referencial teórico e metodologia



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Com isso, estas paisagens dão início a uma nova paisagem, feita de pequenos retalhos, porém, que como quebra-cabeça que costumo montar enquanto viajo, se formam em minha mente.

### 3.2 Estação 2: debate sobre indução profissional docente

A partir disto, não tem como não ser tocado, de algum modo, por esta paisagem. E o que surge, feito a luz do luar sobre as águas, é quanto ou quais destes trabalhos encontrados, dentro das concepções, referenciais teóricos, metodologias e objetivos falam sobre o processo de indução profissional docente dentro da formação no campo da alfabetização? Um brilho sútil, porém, marcante.

Passei noites a fio pensando sobre isso, recorria a tantos outros imagens que já tinha avistado, tantas conversas que tinha dialogado, tantos sons que já havia escutado. Parecia, como na lenda da Vitória-Régia, um encontro espetacular mais impossível de acontecer perante os outros.



Foi neste momento que mergulhei, feito a indígena Naia nas águas, nos trabalhos. Encontrei-me então com apenas três, mais imponentes trabalhos dentro da indução docente na alfabetização, sendo eles intitulados:

- a. “Professor iniciante, processo de indução e alfabetização: o que dizem os estudos” (Trevisan; Andrade; Aparicio, 2022);
- b. “Saberes tecidos em escritas e leituras: um caminho para indução pedagógica” (Silva, 2023);
- c. “Entre o céu e o chão acontece a formação! Construção do projeto de indução pedagógica na alfabetização da Escola de Aplicação da UFPA” (Silva; Lucio, 2023).



Figura 23 – Mapeamento da concepção, referencial teórico e metodologia sobre os trabalhos referentes a indução na alfabetização

 <b>“Professor iniciante, processo de indução e alfabetização: o que dizem os estudos (Trevisan; Andrade; Aparicio, 2022)”</b>	<b>CONCEPÇÃO</b>  Professor iniciante, apenas.	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>  Referencial teórico não mencionado no resumo	<b>METODOLOGIA</b>  Pesquisa bibliográfica de 2009 até 2019	<b>OBJETIVO</b>  Analisar dissertações e teses que tratam do processo de indução do professor iniciante alfabetizador, no banco de teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).
<b>“Saberes tecidos em escritas e leituras: um caminho para indução pedagógica (Silva, 2023)”</b>	Concepção não apresentada no resumo	Formação docente (NÓVOA 2004; 2012) e alfabetização discursiva (SMOLKA, 2012), indução profissional pedagógica (NOGARO, KUHN E MOREIRA, 2021).	Metodologia não apresentada no resumo	Evidenciar o processo de indução pedagógica por meio de um projeto interdisciplinar que auxilia na formação de professores no campo da alfabetização.
<b>Entre o céu e o chão acontece a formação! Construção do projeto de indução pedagógica na alfabetização da Escola de Aplicação da UFPA</b>	Concepção não apresentada no resumo	Nóvoa (2004), Clandinin e Connelly (2015) Lucio (2016) e Smolka (2012).	Metodologia não apresentada no resumo	Investigar a experiência do projeto pioneiro de indução pedagógica na alfabetização da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Estes trabalhos ecoam vozes, cores, cheiros, ideias que me fazem ver bem além da estrada. Mostram semelhanças e diferenças, mas que dentro do cenário da formação de professores no campo da indução pedagógica na alfabetização, três cenários, que por si só, já são repletos de sutilezas e potencias. Então, cabe me atentar aos objetivos que ambos pretendem.

O primeiro, do ano de 2022, está voltado para um objetivo de análise bibliográfica encontradas em um banco de dentro de bancos de teses e dissertações. O segundo, datado de 2023 preocupa-se em evidenciar o processo de indução dentro de um projeto interdisciplinar. E o terceiro, também de 2023, em investigar a experiência de um projeto pioneiro sobre indução na alfabetização. Posso dizer, a partir de minha leitura, que independente da forma como eles chegam aos seus resultados, um fato comum em seus objetivos é a palavra:

P - R - O - C - E - S - S - O.

Após isso, vemos então que uma outra paisagem se formou a nossa frente, como um aparecer de um arco-íris no céu, que ao nos darmos conta, ele já está lá. Assim, temos o quadro abaixo:



Quadro 2 – Mapeamento detalhado dos trabalhos encontrados sobre alfabetização na indução docente

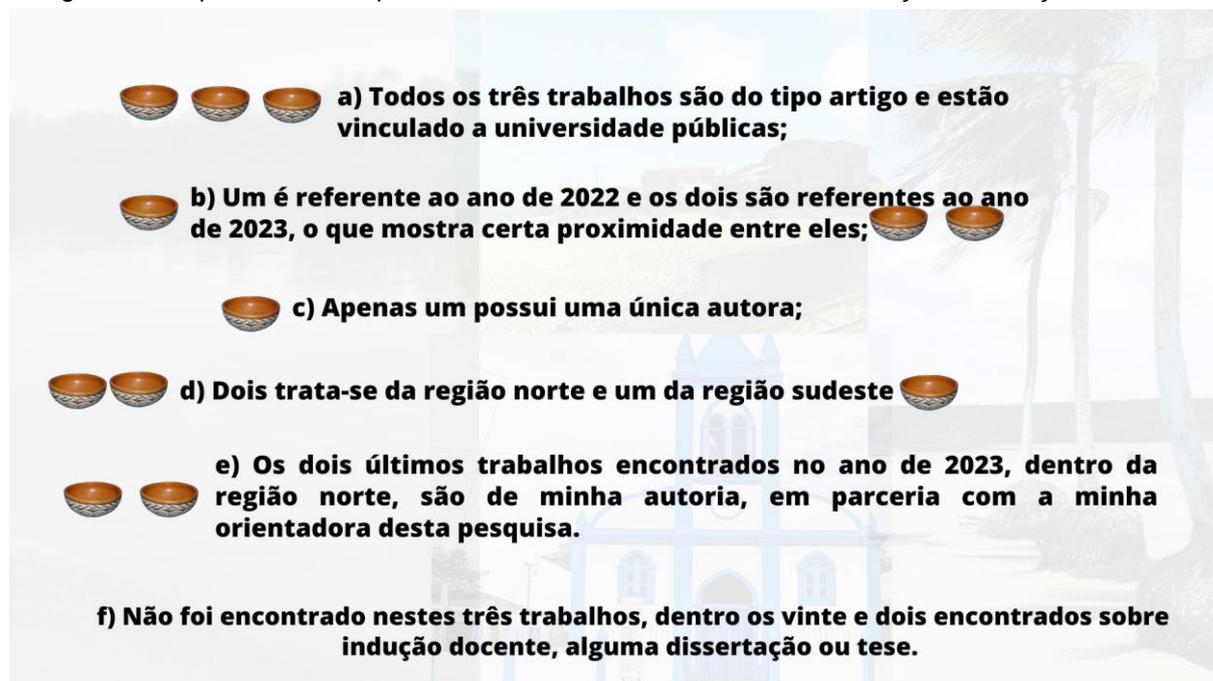
<b>TRABALHOS ENCONTRADOS SOBRE ALFABETIZAÇÃO NA INDUÇÃO DOCENTE</b>			
<b>ITENS</b>	<b>DIRETÓRIOS</b>		
	<b>PORTAL PERIÓDICOS DA CAPES: CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES CAPES</b>	<b>CONBALF- CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO</b>	<b>XII SEMINÁRIO DE INSTITUTOS, COLÉGIOS E ESCOLAS DE APLICAÇÃO</b>
<b>TIPO</b>	Artigo	Artigo	Artigo
<b>TÍTULO</b>	“Professor iniciante, processo de indução e alfabetização: o que dizem os estudos	Saberes tecidos em escritas e leituras: um caminho para indução pedagógica.	Entre o céu e o chão acontece a formação: projeto de indução pedagógica na alfabetização da Escola de Aplicação da UFPA
<b>AUTOR/ ANO</b>	Alexandra Aparecida Liberato Trevisan, Maria de Fátima Ramos Andrade e Ana Silvia Moço Aparicio (2022)	Jessika de Assiz da Silva (2023)	Jessika de Assiz da Silva e Elizabeth Orofino Lucio (2023)
<b>OBJETIVO</b>	Analisar dissertações e teses que tratam do processo de indução do professor iniciante alfabetizador no banco de teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Evidenciar o processo de indução pedagógica por meio de um projeto interdisciplina que auxilia na formação de professores no campo da alfabetização	Investigar a experiência do projeto pioneiro de indução pedagógica na alfabetização da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará
<b>PALAVRAS-CHAVE</b>	Professores iniciantes, Processo de indução, Alfabetização.	Formação docente; indução profissional pedagógica; alfabetização discursiva;	Formação Docente; Indução Pedagógica; Alfabetização
<b>IES</b>	Universidade Municipal de São Caetano do Sul	Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará	Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará
<b>TIPO DE INSTITUIÇÃO</b>	Pública	Pública	Pública
<b>PPG/REVISTA</b>	HOLOS, Ano 38, v.6, e12250, 2022	ANAIS do VI Congresso Brasileiro de Alfabetização	Anais do XII SICEA
<b>REGIÃO</b>	São Paulo- Sudeste	Pará- Norte	Pará- Norte

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Assim, conseguimos apreciar com o quadro abaixo que:

Figura 24 – Apontamentos após a análise dos trabalhos sobre alfabetização na indução docente



Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Seja dedicando documentos escritos ou a vivência dentro de um projeto, estes três trabalhos visam que é real a existência de um processo formativo dentro do campo da indução docente, ainda mais, no campo da alfabetização. Pois, tanto o processo da indução docente quanto a alfabetização não são unicamente resultados a serem cumpridos e objetificados, pelo contrário, requerem passos próprios e fortes. E nessa busca de passos próprios e fortes é que estamos a nos debruçar

Desta forma, em meio a tantos sentimentos, questionamentos e achados, compreendemos que as concepções sobre indução profissional docente são diversas, conforme por Nogaro, Kuhn e Moreira (2021, p. 4):

Várias expressões ou termos são utilizados por diferentes autores (GARCÍA, 1999; NÓVOA, 2017; DAY, 2001; PAPI; MARTINS, 2010) para referir-se à entrada e ao período inicial da profissão docente: ingresso na carreira, iniciação à docência, inserção profissional, professor principiante, indução profissional, dentre outros. Embora haja divergências quanto à utilização da denominação e ao tempo que cada um considera para esse período, há uma certa unanimidade de pensamento em torno da sua relevância e de que apresenta características específicas.

Mesmo com a variedade que permeia este campo, reconhecer a relevância e suas características específicas como dizem os autores faz toda a diferença. Pois assim como enxergamos que as plantas possuem folhas, podemos identificar que cada uma possui detalhes que a tornam únicas, assim é o vivenciar da formação dentro do processo de indução profissional docente: irrepetível.

Conhecer este leque de significados e perspectivas é substancial para que possamos conhecer qual delas melhor faz relação com a perspectiva de formação acreditamos. E acreditar, hoje em dia, é peça fina.

Por isso, aqui nesta nossa conversa, nesta nossa história, nesta nossa prosa e viagem, nos alicerçamos e dialogamos com a concepção de indução docente apresentada por estes mesmos autores, ao dizerem que o conceito faz referência ao:

[...] entre-lugar que simboliza a saída do espaço acadêmico de formação e ingresso na carreira. [...] do período final da formação inicial com os primeiros cinco anos de exercício profissional.” [...] não se trata, exclusivamente, de ocupar um espaço ou condição, mas de viver na dinâmica que envolve a transição de duas margens: formação-profissão, cada uma com suas especificidades, peculiaridades e exigências [...] A metáfora que ajuda a elucidar com maior propriedade o que o entre-lugar representa é a terceira margem do rio a que se refere Nóvoa (2020), ou seja, não está numa margem, nem noutra ou numa disputa entre elas, vive no meio onde convergem os dois sentidos, no curso do rio.[...] (Nogaro; Kuhn; Moreira, 2021, p. 2-3).

Esse curso de rio que permeia tanta gente, tantas culturas e tantos saberes, faz com que a formação e a profissional se afluem de modo que, apesar de sabermos que cada uma possui formas e jeitos específicos de existência, elas procuram na existência uma da outras novas possibilidades de se viver à docência para além de uma dicotomia, e sim, na interlocução de vivências.

Muito tenho aprendido com o rio, com essa viagem e comigo. Coisas que precisei deixar pra traz para que novas pudessem ter seus espaços. Coisas que precisei ressignificar diante de um olhar, que agora, está orientado por uma concepção, mesmo que saiba e reconheça a existência de outras. Coisas que nem sabia de sua existência, mas que agora, sem elas, não tenho como seguir viagem ser guiada por elas.

Estes saberes construídos a partir da contemplação dos 23 trabalhos encontrados, ressalta em mim um perfume já conhecido: era o cheiro do chão de Salvaterra/Ilha do Marajó que se agregara ao cheiro da minha escola.



Repentinamente, lembrei-me de um rosto de menina, ainda não nítido para mim, mas completamente amado por mim.

E foi neste momento, que consegui avistar vários outros navios. De tamanhos e cores diferentes, mas todos com uma beleza única. Estamos juntos no mesmo rio, mas estamos seguindo nossos próprios cursos d'água. E isso me dá a sensação de que não estamos sozinhos.

Foi então, que vi dois navios ancorados perto do meu. Um estava cheio de *lettering*, com palavras em inglês, feito obra de arte de quem dá identidade às palavras, em tom de calma e força incomparável. O outro era um navio com designer diferente, pomposo, e dentro dele, percebia que sempre havia espaço para outros navios.

Na terceira lua de semana, todos seguiram suas viagens. Em tempos e cursos diferentes, mas seguindo. Estabelecemos um código de ajuda, pois identifiquei, ouvindo de outros navios na rádio, que a escrita é sozinha, mas nunca solitária.

Cada pessoa possui uma voz inigualável. E foi retornando a Belém após esta longa viagem, que eu, reconheci a voz de um grupo de pessoas, e dentro dela, estava a voz de uma menina chamada Jaiara. Alguém que de certo modo, muito tinha a ver comigo e com os meus. E que em sua aventura de conhecer sobre a Escola Primária da Universidade, possuía muito mais afinidade comigo, esta narradora, do que vocês imaginam.





# EPISÓDIO 4

SINTONIZANDO À METODOLOGIA DA  
PESQUISA: OS SONS QUE FORMAM O  
PERCURSO

*“A força que me move”*

*(Céres Macias)*



## EPISÓDIO 4

### SINTONIZANDO A OLARIA METODOLÓGICA: OS SONS QUE HABITAM A METODOLOGIA DA PESQUISA

Ler sobre toda esta pesquisa fez Jaiara perceber que ela estava presenciando algo muito maior, como as cartas de Ruth de Araruna na década de 60, as infinitas horas de conversa com sua professora Júlia Ruana e seus familiares. Sentia que algo precisava ser vivido pelo seu corpo: ver com seus próprios olhos e sentir com sua própria pele. Assim, as águas da vida a levaram até a cidade de Belém do Pará, uma das metrópoles da Amazônia.

#### 4.1 O emanar, o escutar e o caminhar com as vozes

Chegaram a Belém do Pará, cidade das mangueiras, dos urubus, das garças, do Mercado do Ver-O-Peso, do REXPA, entre tantas outras coisas. Após se estabilizarem em sua moradia, finalmente se viu mais perto de poder conhecer pessoalmente a Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Jaiara, ao resgatar as vozes de Ruth de Araruna, seu avô Getúlio Assiz, sua avó Maria de Lourdes, seus tios Janney Assiz e Jaime Assis, e especialmente a voz do seu sonho, pediu à sua mãe que a levasse até a EAUFGPA.

##### 4.1.1 O emanar do contexto: (re)conhecer a si e a Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará

Colocou sua melhor roupa, seu melhor perfume e seu sorriso mais sincero. Saiu em direção a algo que não sabia o que iria encontrar, mas sabia que ali ela queria estar. Em uma manhã do dia 15 de maio de 2023 iniciou seu trajeto até a escola, carregando em seu peito as cartas da professora alfabetizadora Ruth de Araruna e seu sonho de se tornar uma professora.

Antes de saírem, lembrou-se de uma pesquisa que fez sobre onde está localizada a escola. Imprimiu a imagem e colou em seu caderno. Era uma imagem retirada do *google maps*, que a fez se debruçar por horas tentando compreender a mensagem que ela passava. Novamente, voltou-se a olhar aquela imagem:



Imagem 2 – Vista da Escola de Aplicação da UFPA pelo satélite do *google maps*

Fonte: Google Maps (2024).



Observar a paisagem que está ao redor da escola é também conhecer mais sobre esta escola, ou como ela merecia ser. Mas um olhar que sai do prisma do padrão, do mandado, do comum. De um lado, percebemos a escola rodeada por casas, ruas e pessoas. Do outro, rodeada por natureza, fauna e flora. Quanto dessas pessoas e dessa natureza existem nesta escola? Uma pergunta sem uma resposta exata. Mas o que a menina sabia era que certamente era uma escola permeada por vidas.

E de forma espetacular e cheia de resistência, Jaiara percebeu que a própria escola mantinha dentro de si ambas as paisagens, como se fosse um ponto de interlocução, de diálogo, de conexão. Um ponto de passagem e de permanência. Um lugar de travessia e raízes. Fechou seu caderno e guardou todos seus questionamentos em sua mente, levando-os dentro de si para seu encontro com a escola. Da janela do ônibus Curuçambá UFPA, ou “Curuçambala” como também era conhecido pelos estudantes, na avenida Perimetral, pôde enxergar uma parte da escola, com sua paisagem única: uma escola, uma mata e uma gente. No meio da periferia, tinha a universidade.

Foi inevitável lembrar-se de tudo que ouviu de seu avô na rádio. Com seus muros infinitos, suas árvores, suas janelas e as pequenas casas ao redor, povoada por uma gente que talvez entendesse muito mais daquele espaço do que outros. Que possivelmente estavam ali antes da escola e que com seus olhos, viram a escola se erguer do chão até o céu, os olhos de Jaiara se encontraram pela primeira vez com a escola.

Imagem 3 – Vista da rua principal onde fica a Escola de Aplicação da UFPA



Fonte: *Google Maps* (2024).



Desceram bem em frente à escola. Segurando na mão direita a sua mão de sua mãe, e na mão esquerda o seu sonho, elas puseram seus pés pela primeira vez ali. Jaiara, fechou os olhos, abriu um sorriso e no silêncio do seu choro, agradeceu à sua mãe por aquilo.

Ao se pôr diante da escola, enxergou um corredor, que dava passagem para que seu sonho pudesse ser percorrido. Assim, foi em direção há algo...

De repente, ouviram uma voz que passava pelo caminho, perguntando:

– *Oi, bom dia. Vocês precisam de ajuda?*

– *Oi, bom dia, precisamos sim! Me chamo Janette e minha filha, Jaiara, viemos conhecer a Escola de Aplicação da UFPA.*

Três olhares se conectaram. Dois deles imediatamente se reconheceram.

– *Ah, sejam muito bem vindas! Eu me chamo Jessika Assiz, e sou professora alfabetizadora da escola.*

Aquele nome lhe era familiar. O rosto e o cheiro também. Mas rapidamente Jaiara se deixou levar pela emoção de ter bem em sua frente uma professora alfabetizadora de verdade! Professora da EAUFPA! Professora de gente! ... era a única coisa que conseguia pensar. E instantaneamente, sua lembrança foi até sua professora no Marajó. E sem pensar muito, mas sentindo muito, deu um abraço na professora Jessika Assiz.

Dizem que certas coisas na vida são inexplicáveis. Mas que elas sempre são sentidas. Jessika sorriu e sentiu que (re) conhecia aquele abraço, de um tempo distante, mas ainda sim, muito presente.

No silêncio também se fala. Se ouve. Se sente.

Foi uma manhã encantadora, divertida e feliz, de reencontros e novos encontros. Jaiara e Jessika conheceram juntas a sua escola. Passaram pelo bloco de aulas do Ensino Fundamental 1 e 2, pela Coordenação de Educação Inclusiva, pela Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão, sala dos professores do F1, Trilha da Nascente, salão vermelho (refeitório), salão cinza, ensino médio, biblioteca.

Depois, seguiram para a Coordenação de Estágio, Laboratório de Informática, Refeitório, Cantina da Dona Rosa, Sala de dança, Coordenação de Educação Física, Laboratório de música, Educação Infantil, Complexo de Artes,



Ginásio de Esportes, Campo de areia, Campo de futebol, Parquinho, Direção, Biblioteca, Salão cinza, Secretaria, Prédio do Ensino Médio, Cantina do Ensino Médio, Bosquinho e o famoso Buraco da Bruxa.

Sentiram o cheiro do mato e do café. Ouviram o som do pássaro quero - quero. Observaram o vento passando. Ouviram crianças brincando, professores conversando. Se assustaram com a correria que derrubava gente. Sentiram o cheiro de um bom arroz com galinha. Ouviram risos, gritos, palavras. Viram amigos. Viram tristeza, ansiedade, medo. Tocaram em lágrimas e sentiram abraços. Observaram a vida passando bem em sua frente. E puderam senti-la ao seu lado.

Tantos espaços para guardar na mente. Tanta gente para guardar no coração. Jaiara e sua mãe, ou melhor, Jaiara, contaram um pouco da sua história de vida, das cartas de Ruth de Araruna, da rádio de Getúlio, de Salvaterra, da sua professora na escola Professora Oscarina Santos. Partilharam sonhos, sorrisos e devaneios.

E Jessika retribuindo a confiança, disse:

– *Eu vejo você.*

Eu sei que sou, porque nós somos. Somos uma parte finita deste grande parte infinita. Somos um universo de inúmeras possibilidades. Esta escola é feita por nós. Por gente.

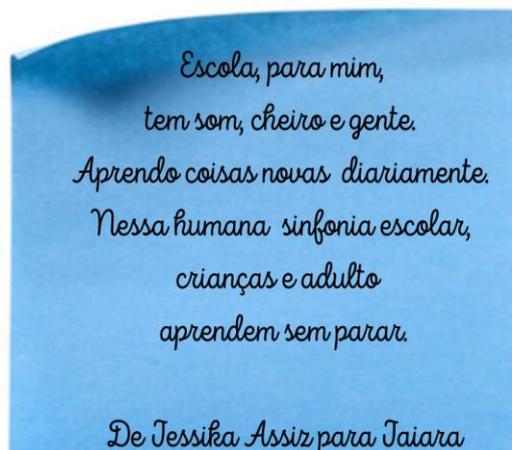
Naquele momento Jaiara não teve medo. Sentiu-se acolhida. Sentiu que poderia ser e fazer o que quisesse. Que um dia poderia ser professora naquela escola ou quem sabe em outra, e mesmo que em uma pequena parte, fazer a diferença na vida de alguém. Jaiara sentiu-se amada.

Enquanto sua mãe comprava um lanche, a conversa entre as duas não parava. Era como se muita coisa precisasse ser dita e lembrada. E no meio de tanto falatório ambas disseram: é porque eu gosto de fazer perguntas. A gargalhada soava familiar. E o tempo seguindo sorrindo. Mas avisando que precisava ir. Despediram-se.

E como forma de presenteá-la por ter vindo, de alguma forma, Jessika escreveu para Jaiara, em um *post it* que estava dentro do seu caderno.



Figura 25 – Bilhete deixado por Jessika Assiz



Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

E Jaiara presenteou a professora com uma florzinha, que viu caindo no pé de uma árvore, vindo do céu até o chão enquanto sentiam a escola juntas. Ao lhe entregar, disse:

*– Tia, resolvi lhe dar esta flor porque para mim a senhora me lembra uma. Mas a que me lembra eu não tenho como pegar e nem possa arrancar, porque isso não se pode fazer! Ela vive no meio dos rios, das águas, e suas pétalas brancas se abrem à noite, e meus pais não me deixam sair nesse horário. O nome dela é Vitória-Régia, a senhora conhece? Se não, um dia posso lhe levar até uma, inclusive tia, tem umas que até cabe uma criança dentro das folhas. Mas o cavalo não mordeu minha cabeça pra eu testar isso (risos). Mas fique com essa, que também é bonita.*

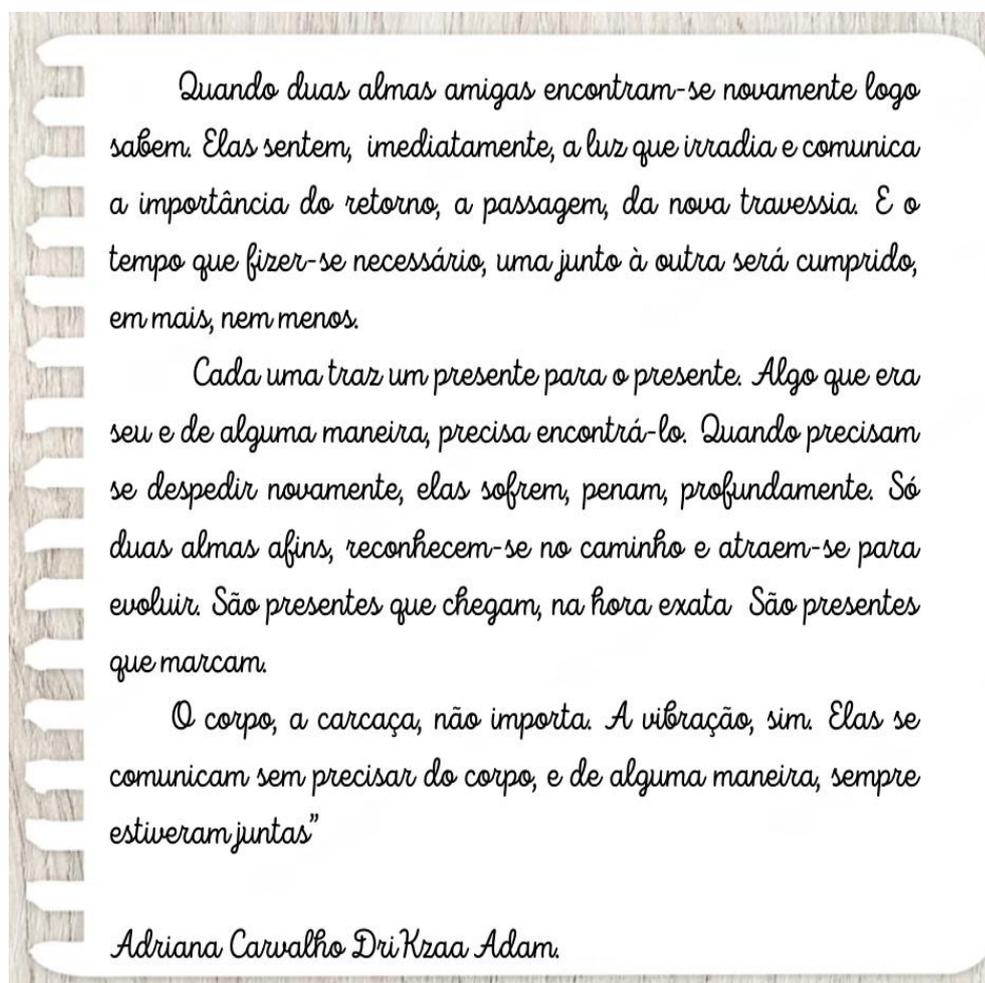
Fotografia 29 – Flor amarela no chão da Escola de Aplicação da UFPA



Fonte: Acervo pessoal da autora do trabalho, Jessika Assiz (2022).

Assim, seguindo pelo caminho que vieram nos corredores, Jaiara e sua mãe foram em direção ao seu lar. Não como quem nunca mais irá se ver, mas como quem, agora, precisa seguir seu próprio ritmo, de acordo com o que a vida está pedindo. E confiando que sempre estará ali, de alguma forma.

Jessika voltou para casa extremamente mexida com tudo que ouviu, sentiu e viveu. Jaiara, ao olhar aquela escola com tanto encantamento, tanto entusiasmo e paixão, visualizando no presente o seu futuro, fez refletir sobre o que lhe motivava a ser professora. Pensamentos que lhe acompanharam até sua casa, ao chegar, abriu seu caderno de anotação e releu um texto que muito lhe fazia sentido:



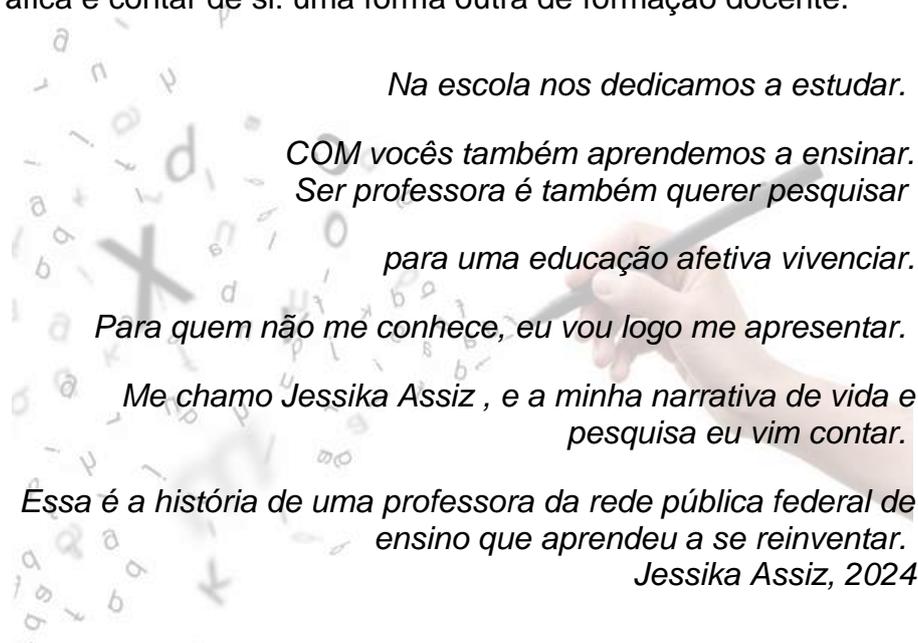
Elas se comunicaram. Uma parte de sua história de vida pessoal e profissional também é reconhecida ali, na história de vida de Jaiara. Sua justificativa pessoal do porquê ser servidora pública, professora, alfabetizadora e

pesquisadora na área da educação, do ensino superior e básico, também estavam ali.

Começou a problematizar suas vivências como professora alfabetizadora na Escola de Aplicação da UFPA. E uma de suas reflexões estava atrelada ao fato de o quanta sentia a necessidade de estar envolvida dentro de pesquisas acadêmicas, pois devido à sobrecarga de trabalho, a privilegiação de determinados grupos e a falta de consciência de autoria docente, não consegui as desenvolver.

Mas, então, após uma catarse enovas possibilidade, percebeu que estava preparada para seguir novos rumos. E esta narração, agora, precisa ser contada na primeira pessoa: a minha, Jessika Assiz, a história de uma professora alfabetizadora e pesquisadora .

a) A escrita autobiográfica e contar de si: uma forma outra de formação docente.



Sou apaixonada pela vida em todas as suas expressões, especialmente em forma de gente, de educação, de arte e dança. Defensora do serviço público e gratuito, tornei-me uma servidora pública federal. Fomentadora de uma educação de qualidade, escolhi ser docente na Escola de Aplicação da UFPA.

Desde menina pensava, quando ouvia minha avó cozinhar, meu avô narrar e minha mãe crocheter, como a gente simplesmente aprendia. Perguntas vinham à minha mente como pipoca estourando na panela e de minha boca saiam no mesmo pulo. Eu gosto de perguntar.



Perguntar, para mim, é ser ativo na vida, é ser autor da minha história, ter curiosidade de viver. Só pergunta quem está em estado de presença, quem ousa se arriscar, mesmo que a resposta venha acompanhada de risadas debochadas. Pergunta quem vive. Vive quem imprime sua voz.

Assim, no ano de 2014 passei a imprimir minha voz dentro do serviço público, atuando como professora alfabetizadora em uma escola de Belém do Pará, a EAUFPA. Desde minha graduação em Pedagogia pela UFPA, vivências formativas me atravessam constantemente sobre a educação pública.

Mas foi durante minha inserção profissional como alfabetizadora que passei a vivenciar experiências em turmas que trouxeram desafios e oportunidades em relação a minha formação que a graduação não possibilitou de forma satisfatória ao longo do curso. Foram poucas as oportunidades durante a formação inicial em que pude vivenciar a realidade complexa da escola, em específico, na alfabetização.

Sabia que o chamado da escola era potente. Sabia que era a escola a quem deveria escutar. Minha trajetória com a EAUFPA iniciou em 2008, por meio do meu estágio supervisionado, depois virei bolsista, professora substituta e professora efetiva, como permaneço até hoje. Um fluxo contínuo de atuação dentro da escola, anos após anos, onde cada fase proporcionava vivências únicas.

Neste local de formação e atuação profissional, por meio de uma colega de trabalho chamada Larissa Matias, ouvi falar sobre o Laboratório Sertão das Águas: Alfabetização, Leitura, Escrita, Literatura InfantoJuvenil, Cibercultura, Formação e Trabalho Docente/ UFPA (LASEA/UFPA) fundado e coordenado pela professora doutora Elizabeth Orofino. Era o ano de 2018.

Fazer parte de um grupo de pesquisa era algo que sempre almejei durante minha graduação em Pedagogia pela UFPA, mas que devido a diversos fatores não pude vivenciar. E em 2019 pude, finalmente, vivenciar esta experiência que tanto sonhei. Reconheço a importância do grupo porque foi com ele que aprendi a ser professora alfabetizadora enquanto sou professora pesquisadora.

E por isso, sou grata àqueles que escolhem caminhar ao meu lado, que abrem passagem e que nos impulsionam. A professora alfabetizadora Larissa Matias foi uma delas, e o seu nome sempre estará representado junto com o Gepasea para mim. Assim como minha grande parceira N.P que caminha junto a mim, embaixo de sol e debaixo de chuva.



A profa. Elizabeth, que acredita em mim. A cada companheiro deste grupo de pesquisa, que nominalmente, não conseguiria relatar, mas que reconheço o rosto de cada um. E por fim, aquela que dividia sonhos e recebia carona, nossa eterna estrelinha Dienne Farias (*in memoriam*).

Professora que se reconheceu alfabetizadora e pesquisadora a partir da inserção como membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório Sertão das Águas: Alfabetização, Leitura, Escrita, Literatura InfantoJuvenil, Cibercultura, Formação e Trabalho Docente/ UFPA (GEPASEA/LASEA/UFPA).

#### 4.1.2 O escutar da pesquisa: questão foco, objetivos e trajeto da pesquisa

Desde meu ingresso na escola, a formação docente e sua complexidade faziam parte das minhas inquietações formativas. Comecei a sentir, de forma mais intensa, a necessidade de investigar sobre a formação docente vinculada à realidade escolar e o Ensino Superior.

Observei que havia pouca interação com o(a) professor(a) orientador(a) devido a existência de uma construção social do diálogo hierarquizado no qual o(a) professor(a) falava e o graduando(a) escutava. Como consequência, pouco era o envolvimento construído com as crianças e suas atividades. Isso me indicou que os graduandos estavam ali apenas para cumprir uma carga horária exigida pelo currículo.

E como uma artista que uma obra singular e autoral quer criar, no ano de 2022 ingressei como mestranda no Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologia do Ensino Superior/ UFPA (PPGCIMES/NITAE/UFPA) .

A partir de trocas com os integrantes do grupo de pesquisa, com as formações no mestrado, passei a problematizar a formação inicial dentro da sala de aula na presença dos graduandos de pedagogia vindos da Universidade.

Pude me aprofundar em referenciais teóricos e ampliei minha rede formativa com docentes e com estudantes da graduação de cursos de licenciatura. Tais vivências inquietaram minha práxis pedagógica e me levaram a buscar outras maneiras de interação na formação inicial e continuada, ou melhor, permanente.

Assim, trago Nóvoa (2004) para embasar este conceito de Educação Permanente. Para o autor, este termo tem uma grande ênfase entre as décadas de 60 e 70, pois foi neste período que começaram a se intensificar as críticas ao



modelo escolar de formação instaurado. Desta forma, passava-se a compreender que a formação acontecia em todas as fases da vida e também em espaços sociais e culturais, sendo a escola, um destes espaços.

É compreender que a educação está presente no percurso da vida, que se formar, aprender, estudar, aprimorar é um trajeto feito de forma sem uma linha de chegada, e sim com pontos de chegada e pontos de partida, em linhas diversas e jamais retas. O que traz movimento e fluidez ao processo de formação docente e aos sujeitos envolvidos, onde para além de se ver, a gente pode enxergar uns aos outros, cada um no seu percurso.

Nesta tessitura, a formação docente pode possibilitar e garantir uma relação dialogada, refletida e (re)construída, pois é na prática docente baseada nos princípios dialógicos que as diferentes vozes dos sujeitos ligados ao processo educativo podem ser ouvidas (Libâneo, 2002).

É substancial ouvir as mínguas que a sociedade, especialmente a educacional, grita. As mudanças que a sociedade produz ao longo do tempo são marcas históricas, culturais e sociais que norteiam a educação. Estamos vivendo a era da informação e comunicação tecnológica.

Nesse caminho, a escola como instituição formadora e criadora de diálogos, pensamentos, culturas e conhecimentos deve acompanhar as mudanças na mesma medida em que as promove (Sores, 2021).

Richardson (2018), que há 22 anos atua na educação pública nos EUA, levanta alguns questionamentos importantes neste enredo perguntando: como as escolas podem ser interessantes neste novo contexto para a aprendizagem? Como vocês podem fazer seus trabalhos como educadores se vocês não entendem como as grandes mudanças estão alterando o mundo maior? O que as escolas poderiam ser? Qual o valor da escola hoje, em um mundo onde tudo o que você ensina está na internet?

Tais questionamentos não serão respondidos sem que antes sejam vividos pelo coletivo. A identidade do século XXI é transformação e estar nele significa desafiar o novo. Desta forma é primordial que busquemos formas outras de nos relacionarmos, de aprendermos, de nos formarmos e nos desenvolvermos.

Para a minha surpresa, um dia, Jaiara e sua mãe voltaram à escola. O motivo era eu. A menina quis muito me dar um outro presente. E o presente escolhido foi uma das cartas de Ruth, especificamente a última. Não sei se vocês acreditam em



coincidência, mas eu não. Ler o desabafo dela, me fez entender que as mazelas educacionais, principalmente ligadas à formação docente na alfabetização e a sua relação entre Educação Básica e o Ensino Superior são mais antigas do que pensamos. Aqueles trechos não saiam da minha mente:

*“A formação para ser professora que tive aí, como sabem, foi bem limitada. Pouco pude vivenciar a prática de sala de aula, enquanto estive nos meus anos de magistério. A teoria se fez presente praticamente durante todo o curso, mas a prática, alicerçada na prática-teoria-prática, foi praticamente inexistente.[...]”*

*“[...]Aqui me trataram, desde que iniciei, como se soubesse de tudo, como se meu contexto de vida não tivesse interferido no meu processo de formação docente. Eu precisava saber de tudo, para ontem.[...]”*

*[...] Queria muito que minha formação docente tivesse percorrido caminhos que contemplassem a subjetividade, a criatividade, as experiências, heterogeneidade, complexidade e diversidade do ser humano e humana. [...]*

*(Trechos da carta da professora Ruth de Araruna, 07 de março de 1965)*

Naqueles anseios escritos por Júlia Ruanna, enxerguei-me. Relembrei meus anos finais de formação na graduação da UFPA em Pedagogia e meus primeiros anos de exercício na docência dentro da escola como professora alfabetizadora.

Enxerguei-me como pesquisadora a partir do LASEA/GEPASEA. E no mestrado do PPGCIMES/UFPA pude enxergar uma oportunidade de, talvez não resolver estes anseios, mas amenizar e ter uma possibilidade outra de formação docente para aqueles que estão comigo e que virão depois de mim.

Sabe quando estamos tomando um tacacá bem quente, carregado na pimenta, e por mais que esteja quente e ardendo, a gente não consegue parar de tomar?! Pois bem, foi esta sensação que tive quando a questão de pesquisa, questão problema ou pergunta impulsionador surgiu novamente em minha mente: De que forma é possível construir um processo formativo de indução pedagógica no campo da alfabetização alicerçado na experiência e na perspectiva discursiva?

Quando a vida pergunta, viver se faz resposta, já disse a poetiza cearense Laene Ribeiro. Comecei então a vislumbrar as possibilidades e potencialidades que atravessam minha escola. Em minhas buscas formativas alicerçadas a minha práxis docente percebo e concebo que muitos caminhos me levaram a ressignificar minha



formação enquanto docente. Um mergulho profundo dentro de si e das concepções que me embasam.

Especialmente nas 10 proposições fundamentais para a formação docente construídas na tese de doutorado de Lucio (2016, p. 219-220, grifos do autor), sendo eles:

**1º** A formação é um Encontro e precisa ser construída de forma coletiva entre os docentes da Educação Básica e da Universidade. **2º** O currículo de formação deve ser implicado com as questões docentes e sociais. **3º** Cada professor é livre para ousar e ser autor da sua prática e não reprodutor de materiais instrucionais ou de “boas práticas”, procurando sempre proporcionar uma aprendizagem significativa para todos os alunos e alunas. **4º** Todos os docentes e discentes terão direito de ler e escrever em todos os gêneros discursivos, tendo, cada um, sua autoria e individualidades respeitadas. **5º** Considerando a escrita como uma aquisição histórica da sociedade, fica afirmado que a produção da escrita docente é o alicerce das atividades de formação. **6º** A leitura literária na formação é um direito docente por lançar pontes entre o mundo da vida e da cultura, unindo todos nós “por trás das línguas, crenças, dos usos, dos conceitos e preconceitos que nos separam” (LLOSA, 2010, p.8). **7º** É imprescindível ir ao encontro do processo de valorização docente, por meio do compartilhamento-publicização de seus saberes, qualificando experiências na escola pública como legítimos. **8º** A Universidade é um bem público e o local privilegiado da formação docente e da produção do conhecimento no campo pedagógico, sendo a potencializadora da publicização do discurso docente, propondo novos horizontes sociais e uma nova assunção de posicionamentos. **9º** Os docentes e discentes não podem ser impedidos de declarar seus valores axiológicos sobre as estratégias didáticas de formação e de serem “julgados” por processos de avaliações externas ao contexto escolar, pois somente os docentes são capazes de realizarem as Verificações Reais de Aprendizagem (VERA) das formações e de seus alunos. **10º** A universidade deve proporcionar pesquisa-formação e atividades de extensão que apontem para a democratização do espaço universitário, contribuindo de forma significativa na solução coletiva dos problemas sociais e educacionais da escola pública, “adotando” coletivos docentes em horários flexíveis.

Princípios estes que vem orientando nosso mergulho, tanto nesta pesquisa como nos estudos que acontecem dentro do Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório Sertão das Águas. Então, o que tenho feito é isso: mergulhar. Estou mergulhando nas águas que sinto que conheço, mas que ainda não as compreendo totalmente. Águas estas que são escuras e salgadas, mas que trazem um vigor para minha pele incomparável. Águas que me fazem lembrar da querida Praia Grande, em Salvaterra na Ilha do Marajó.

Nesta praia mergulhei como uma menina curiosa e inexperiente, mas com muita sede de viver, de conhecer, de me aprofundar. Nela tive minhas primeiras paixões, meus primeiros enfrentamentos, meus primeiros medos. Hoje retorno a esta



praia de outras águas, com um outro corpo, em um mergulho mais seguro e ainda curioso, como mulher, professora, alfabetizadora, pesquisadora. Posso dizer um pouco mais experiente, mas com muito mais sede de viver e aprender.

Neste mergulho pude testar meus limites e objetivos dentro desta vivência com a indução profissional. E como quem coleciona os bole-boles<sup>14</sup> encontrados na praia grande, encontro-me e coleciono meu objetivo geral e específicos dentro da pesquisa:

Figura 26 – Objetivo geral da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

<sup>14</sup> A semente de mucunã também conhecido como olho de boi, nasce de uma planta chamada cientificamente de *dioclea grandiflora* que é um cipó. E geralmente dá as margens de rios, córregos e banhados. Muitas pessoas acreditam que ela traz sorte (ver mais em Marcos Kim: <https://youtu.be/jFGdHBLssoc>). Além disso, é usada atualmente no artesanato e principalmente como uma brincadeira, onde as crianças catam na praia e brincam como se fosse peteca. Entre os marajoaras, esta brincadeira é uma das favoritas.

Figura 27 – Objetivos específicos da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Quando iniciei meu processo de aprender a navegar nas águas de Salvaterra, desde o momento em que adentrava o navio, a balsa, ou a lancha no terminal hidroviário de Belém (navio ou lancha) ou no porto de Icoaraci (balsa), aprendi a ter respeito pelo caminho que iria percorrer, mesmo que não soubesse o que fosse encontrar durante.

Respeito este que começa antes do sol nascer, afinal, viajar de tarde é para quem não tem medo do balanço ou quem não tem outra opção. Um ritual. Um encantamento. Uma conexão que se estabelecia desde o momento que decidimos viajar. Como uma forma de valorizar cada paisagem que estaria por vir, pois independente do que encontramos, todos nós levamos ao mesmo lugar: ao porto do Camará, na ilha do Marajó.

Mas isso não quer dizer que a paisagem tanto importa, pelo contrário, é durante o percurso que vamos nos formando, nos constituindo para que a gente se

perceba e sejamos percebidos nessa chegada. O porto pode ser o mesmo, mas a forma como chegamos nele depende do percurso.

E ousou dizer que nem sempre o porto é o mesmo. Assim foi quando, após tantos anos de idas e vindas ao Porto Camará, chegamos com o corpo de meu avô falecido. Aquele porto, aquele percurso nunca mais foram os mesmos.

Isto necessariamente não significa que ver o porto com outros olhares e outras paisagens que de nada se valeu a travessia. Aprendemos constantemente. Como diz Paulo Freire (1989, p. 39) “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

Com este olhar de ser aprendente e dançante, estamos vivenciamos o processo de indução profissional docente na alfabetização da PA, com foco na alfabetização. O qual tem como farol guia de metodologia da pesquisa-formação Nóvoa (2004) e Josso (2004), a pesquisa narrativa Clandinin e Connelly (2015) e a documentação narrativa fundamentada em Suárez (2017).

De acordo com a pesquisa-formação (Lucio, 2016), corroboramos com Nóvoa (2004, p. 14, grifo do autor) ao entendermos que “a nossa matéria são as ‘pedras vivas’, as pessoas, porque neste campo os verbos conjugam-se nas suas formas transitivas e pronominais: *formar* é sempre *forma-se*”. E nesse ato de ser formador eu também me formo e transformo.

Josso (2004, p. 126) em sua obra nos profere que “A participação do formador dentro da pesquisa-formação (Lucio, 2016) mostra que [...] o trabalho sobre o seu próprio processo de formação e de conhecimento torna sua sensibilidade mais apurada para pressentir as dinâmicas dos outros e questionar as suas articulações”. Estamos e friso o verbo estar como nosso ato de viver a pesquisa, construindo coletivamente nosso percurso fluido de formação de professores alfabetizadores na indução pedagógica.

#### 4.1.3 O caminhar com as vozes: autores-sujeitos da pesquisa.

O verbo estar nesta pesquisa é muito mais do que um simples verbo transitivo indireto. Aqui, ele demarca pessoas e ações. Estar é conjugado como “estamos”. E então quem faz parte desse nós? Quem são as pessoas que povoam a escola neste projeto de formação? Quem são os sujeitos de saberes que se unem a nós neste

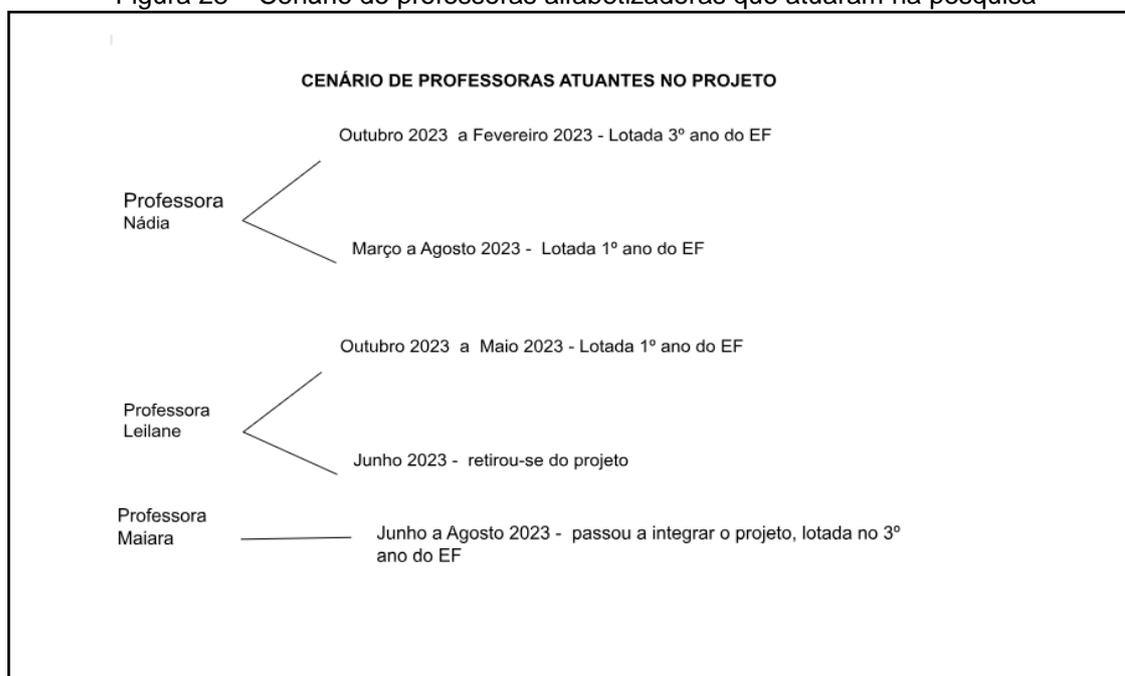


projeto formativo? São essas pessoas, essas vozes, esse coletivo de autores-sujeitos que vou apresentar.

Ao todo, estiveram envolvidos nesta pesquisa 15 pessoas: 11 estudantes da graduação em pedagogia, 2 professoras alfabetizadoras da Educação Básica, 1 professora orientadora e 1 professora pesquisadora<sup>15</sup>.

No ano de 2023, tivemos uma alteração de professora da Educação Básica e ano de atuação do projeto. Devido ao afastamento para a pós-graduação, a professora L.P precisou se retirar do projeto em meados de junho de 2023, assumindo então a professora M.X, lotada no 3º ano. E a professora N.P, passou a ser lotada no 1º ano do Ensino Fundamental, compondo então este cenário:

Figura 28 – Cenário de professoras alfabetizadoras que atuaram na pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Esboçar tais mudanças, ou melhor, movimentações, faz-se necessário devido a dois fatores primordiais ao se desenvolver uma pesquisa baseada na concepção narrativa (Clandinin; Connelly, 2015), que são o provisório e o contexto.

Segundo os autores, o senso de provisório se faz presente durante o desenvolvimento da pesquisa, pois o que sabemos, sabemos por causa do lugar e

<sup>15</sup> A estes graduandos em pedagogia chamamos de autores-sujeitos, sendo eles: Ma, Tha, Da, Le, Xi, An, Pri, Er Let e Da, nosso foco central deste projeto. As professoras da Educação Básica, lotadas a priori no 1º e 3º ano do ciclo de alfabetização/EF, chamam-se L.P e N.P, respectivamente. A professora orientadora e coordenadora desse projeto dá-se pelo nome de Elizabeth e a profa. mestranda, co-coordenadora e pesquisadora sou eu, Jessika Assiz, na configuração de 2022.

local que nos posicionamos, se mudarmos de posição, o conhecimento também muda. Do mesmo modo, porque as coisas se transformam e por isso, nossos lugares e atitudes nela também mudam.

E o segundo ponto, trata-se do contexto. Conforme Clandinin e Connelly (2015, p. 59), “no pensamento narrativo, o contexto faz diferença”. Para eles:

No pensamento narrativo, o contexto está sempre presente. Isso inclui noções tais como contexto temporal, espacial e contexto de outras pessoas. O contexto é necessário para dar sentido a qualquer pessoa, evento ou coisa. [...] a pessoa em contexto é o que interessa (Clandinin; Connelly, 2015, p. 65-66).

Não é somente um dado, um ponto, uma situação, ou exclusivamente. É a pessoa em contexto. É compreender aqueles ou aquelas diante o contexto ou contextos que estão inseridos e que afetam a constituição do mesmo. Ao iniciarmos nosso projeto, o contexto e as pessoas que estavam nele se apresentaram de uma forma. Ao termos mudanças nessas pessoas, o contexto mudou. Ao mudar o contexto, essas pessoas também mudaram.

A exemplo, N.P entrou sendo uma pessoa em um contexto do 3º ano. Tempos depois, N.P se tornou outra pessoa porque seu contexto mudou, agora ela já estava inserida no 1º ano. Muito provavelmente, a professora N.P do 3º ano não é exatamente igual a professora N.P do 1ºano. E essa mudança, nos afeta no compreender da práxis docente.

A troca de professoras já altera significativamente o contexto. E ainda mais por se tratar também da troca de ano, essa alteração torna-se ainda mais acentuada. Com a saída da professora L.P e a entrada da professora Maiara, mesmo que ao final do projeto, mudaram as pessoas, mudaram-se os contextos e vive-versa.

Tamanhas mudanças nos afetaram enquanto navegantes e co-autores desta pesquisa, deste projeto. Imergirmos em um contexto, que estava sendo construído e mostrado por meio de pessoas, em específico na figura destas 3 professoras. Estabelecemos relações, que foram construídas a partir do perfil e identidade de cada uma. Muda-se a identidade, mudam-se as relações.

Para além disto iniciamos, conceitualmente falando, com o projeto focado em uma conexão entre a alfabetização do 1º ano e alfabetização do 3ºano, após as



mudanças, nosso objetivo passou a ser de estabelecer correlação entre turmas do 1º ano. Muda-se o ano, mudam-se os objetivos.

Bem como, a formação que estava sendo prevista neste processo de indução, busca oportunizar vivências entres os pesquisadores e os autores-sujeitos que contemplassem o maior número possível de experiências formativas dentro da narrativa pedagógica coerentes com o contexto vinculados à prática-teoria-prática. Muda-se o contexto, mudam-se as experiências, muda-se as formações.

Assim, de maneira relevante, precisávamos interpretar nossos contextos e nossas pessoas em contextos. Por isso, ressaltamos como esse conjunto de navegantes (graduando de pedagogia e as professoras da Educação Básica) se encontram conosco (profa. orientadora e profa. pesquisadora). Por meio de um edital público chamado Programa de Residência Pedagógica<sup>16</sup>, o qual em conformidade com o site da CAPES:

[...] é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura (PROGRAMA..., 2018, não paginado).

Um encontro entre a Educação Básica e o Ensino Superior, entre a formação inicial e a formação continuada, entre os anos finais da graduação e os anos iniciais da docência. Encontro entre professores. E sobre encontros, recordo-me do que acontece de forma exuberante em nossas águas amazônicas: na foz do rio Amazonas, litoral do nosso Estado do Pará e no rio Mearim, no Estado do Maranhão, acontece um encontro de águas que vira um verdadeiro espetáculo, provocando também uma trilha de renovação, retirando muitas árvores. A este fenômeno chamamos de pororoca.

---

<sup>16</sup> O mesmo tem como objetivos fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; contribuir para a construção da identidade profissional docente dos licenciandos; estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores; valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a sua futura atuação profissional; induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula. O programa funciona via edital, onde a instituição de ensino superior divulga a abertura do edital para que seus institutos, na figura dos docentes, criem suas propostas de projetos institucionais, de acordo com as referências contidas no edital vindo do PRP, participem da seleção. É vital que o projeto esteja articulado com as redes de ensino e com as escolas públicas de educação básica (PROGRAMA..., 2018).



Posso dizer que como uma grande pororoca destes autores-sujeito e nós, nos encontramos: pesquisadora, coordenadora, escola, graduandos, professoras e a pesquisa, e o projeto. Nesta composição, aquilo que acontecia apenas como passagem diante de meus olhos, tornou-se chão e céu para mim.

De forma pioneira, pela primeira vez na Escola de Aplicação da UFPA, o programa de residência pedagógica estava no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano) graças às pesquisas sobre formação docente na alfabetização feitas pela Profa. Dra Elizabeth Orofino.

Tal façanha aconteceu devido a aprovação em segundo lugar do subprojeto “Saberes tecidos em escritas e leituras: projeto interdisciplinar de residência pedagógica” UFPA/2022<sup>17</sup>. Com esta aprovação, conseguimos conhecer os autores-sujeitos da pesquisa. A partir disto, profa. Elizabeth e eu, passamos a construir de forma co-autoral e inédita, um projeto experimental de indução pedagógica na alfabetização EAUFPA.

Estamos de forma imersa, temos como âncora deste navio uma perspectiva de formação docente alicerçada em Lucio (2019, p. 152):

A concepção de formação, entendida como encontro, é fundadora de discursividade e implica abrir mão de uma formação centrada na aplicabilidade do aprendido pela valorização da troca de experiências, pela elaboração dos processos de ensino e estratégias de formação. Trata-se de ter a consciência de que os sujeitos alteram concepções, lógicas e pressupostos de ensino e aprendizagem.

Por isso, nossa pesquisa de indução pedagógica, contempla esta formação como encontros formativos (Lucio, 2016) e os participantes como autores-sujeitos, pois eles não apenas vivenciaram a formação, como também, a partir de suas concepções, opiniões, formas de aprendizagem, alteraram o percurso metodológico e os saberes construídos por nós.

---

<sup>17</sup> Subprojeto “ Saberes tecidos em escritas e leituras: um projeto interdisciplinar de residência pedagógica”, edital nº 02/2022 do Programa de Residência Pedagógica da UFPA. Este projeto foi concebido pelas professoras doutoras Elizabeth Orofino, do Instituto de Educação/UFPA e Célia Zeri, do Instituto de Letras/UFPA. Por se tratar de um projeto interdisciplinar entre o curso de Pedagogia e o curso de Letras, a profa. Elizabeth dedicou-se à formação dos graduandos de pedagogia na alfabetização (EAUFPA) e a profa. Célia a formação dos graduandos de letras no ensino médio (escola campo-Jarbas Passarinho). Após um certo período, duas novas professoras do ICED passaram a integrar a formação de outros graduandos de pedagogia na educação infantil (EMEI Wilson Bahia). Ao total, este projeto fomentava a formação de 34 graduandos (Letras e Pedagogia da UFPA).



Aqui, o sentido de participantes está para além de uma mera participação observação-passiva, pelo contrário, esses participantes são praticantes ativos desta pesquisa, autores de sua jornada formativa, de maneiras individuais e coletivas, na concepção de educadores alfabetizadores dentro de uma formação permanente no campo da indução pedagógica, pois os vemos sob a luz do olhar da Pesquisa Narrativa baseada em Clandinin e Connelly (2015).

## **4.2 As vozes da pesquisa narrativa: o lugar entre eu, você, e nós.**

Enxergar os autores-sujeitos lembrou-me do olhar com que fui recebida por Jaiara ao me (re) encontrar com ela pelo chão da escola. Um olhar onde há espaço para o eu, você e nós. Espaço este que também senti e percebi ao ouvir quando Jaiara me contou um pouco da sua história, de seus familiares, de seu avô radialista, da sua avó experiente, de sua professora inteligente, de seu tio encantador de palavras, de seu outro tio encantador de histórias, da bibliotecária dona de enciclopédias, e das terras marajoaras, e de sua aventura em se tornar uma professora alfabetizadora e pesquisadora.

### **4.2.1 A pesquisa narrativa e a experiência**

Ouvir narrativas e compreendê-las vai ao encontro do que Clandinin e Connelly (2015, p. 27) dizem: “[...] a narrativa tornou-se um caminho para entender a experiência. [...] Nessa perspectiva, experiências são as histórias que as pessoas vivem. As pessoas vivem as histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias”. A narrativa aqui é entendida como fonte oficial da construção de saberes, de conhecimento e experiências.

Assim, a pesquisa narrativa de acordo com os autores, está dentro da pesquisa qualitativa e tem como forte característica o fato de receber demandas significativas de [...] docentes, pesquisadores e discentes de diversas áreas do conhecimento (Linguística Aplicada, Artes, Educação, Matemática, Administração, Psicologia, entre outras” de várias instituições nacionais e internacionais (Clandinin; Connelly, 2015, p. 7).

Para além disto, tem sua grande influência no pedagogo e filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952), pois ele acreditava que estudar sobre a



experiência era a grande virada de chave para se entender a Educação. E ao passar dos anos, com vários estudos sobre sua perspectiva, a experiência, especialmente na área da Educação, passou a ganhar destaque para um processo formativo mais significativo e coerente.

Em uma das relevantes contribuições deweyanas para a pesquisa narrativa, Clandinin e Connelly (2015, p. 22) expressam que:

Educadores estão interessados em vidas. Vida, pegando emprestada a metáfora de John Dewey, é Educação. Educadores estão interessados na aprendizagem e no ensino e no como esse processo ocorre; eles estão interessados em saber lidar com as vidas diferentes, os valores diferentes, as atitudes diferentes, as crenças, os sistemas sociais, as instituições e estruturas e no como eles estão todos unidos para aprender e ensinar. Pesquisadores da área de Educação são, primeiro, educadores e estamos também interessados nas pessoas.

Na pesquisa e no pensamento narrativo, as pessoas vem na frente da pesquisa, da ciência, da objetividade, do distante, do quantitativo sem interpretação. Isso porque, “[...] para Dewey, Educação, experiência e vida estão inextricavelmente interrelacionadas. [...] Aprendemos sobre Educação pensando sobre a vida, e aprendemos sobre a vida pensando em Educação. [...]” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 22). É sob essa perspectiva, nessa tríade Educação-experiência-vida, que abraçamos o legado de Dewey.

Os autores também demonstram que a pesquisa narrativa possui evidências em vários outros estudiosos e pesquisadores (Mark Johnson, Alasdair Macintyre, Clifford Geertz, Mary Bateson, Bárbara Czarniawskan, Robert Coles e Donald Polkinghorne), pois onde cada um traz sua contribuição peculiar e modos de desenvolver a pesquisa narrativa, que apesar de possui uma unidade, também possui modos autênticos de existência.

Essa existência da pesquisa narrativa e notoriamente de seus pesquisadores (e aqui nos incluímos) é compreendida por eles por meio da experiência, com foco no estudo narrativo, pois é uma forma de escrever e pensar sobre ela. Ou seja, “[...] o método narrativo é o fenômeno e também o método das ciências sociais” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 48). A pesquisa narrativa sendo método e fenômeno de estudos simultaneamente, abre portas e maiores opções de interpretações, análises e conhecimentos.



Conhecimento vindo da experiência de se viver este conhecimento, às vezes expressos em forma de saber científico e outra de saber popular, como era o caso de minha avó Maria. Uma inserção de saberes que merecem ser experienciados ao longo do tempo. E sobre tempo, uma das características centrais da Pesquisa Narrativa é a temporalidade:

[...] Não estamos, no entanto, preocupados com a vida como ela é experienciada aqui e agora, mas como a vida é ao ser experienciada em um continuum- as vidas das pessoas, as vidas institucionais, as vidas das coisas. [...] (Clandinin; Connelly, 2015, p. 50).

Pensar narrativamente e desenvolver a pesquisa narrativa é expressar as histórias de pessoas que são vividas e contá-las, ao mundo e a estas próprias pessoas. É maneira de compreender a existência que estamos inseridos, tanto o pesquisador quanto o participante, ao longo de um tempo, que mistura presente, passado e futuro, é uma colaboração entre vidas (Clandinin; Connelly, 2015).

Essa colaboração que encaro como o espaço tridimensional da pesquisa narrativa mencionada pelos teóricos, pois “[...] como pesquisadores, confrontamos no passado, no presente e no futuro” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 96). E aqui a palavra confronto soa-me dentro do pensamento narrativo, de forma muito respeitosa. Confronto porque não são coisas iguais, mas de certo modo, são coisas que coexistem em um espaço criado por elas e para elas, a partir do espaço que cada uma já possui.

Nessa tessitura, minha mente recorda do movimento comunicativo que acontece entre o radialista, a informação e os ouvintes. Recordo, com amorosidade, de meu avô, um grande radialista que fez e deixou seu legado com a primeira rádio da Ilha do Marajó, a qual continua até hoje a conectar pessoas e histórias com o comando do meu tio Janney.

Compreendo um locutor de rádio como um ponto do presente. As informações que traz como um ponto do passado. E os ouvintes que a escutam como um ponto do futuro. O locutor precisa estar atento a vida que acontece no contexto que está inserido e para além. Essa vida é feita pelas pessoas que o ouvem, e que geram informações que são produzidas e compartilhadas por ambas. E com os equipamentos, acontece uma espécie de simbiose entre eles.



#### 4.2.2 A pesquisa narrativa e a simbiose de nós

Assim vejo a pesquisa narrativa e seus pesquisadores, acontece uma simbiose também entres eles, ao ponto de que, “[...] a pesquisa narrativa tem se tornado tão integral em nosso trabalho que não podemos imaginar sermos pesquisadores de outra forma. [...]” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 51).

Este é o sentimento que passei a ter ao desenvolver a pesquisa de forma narrativa. Resignificar a forma como aprendi a fazer pesquisa na graduação não foi uma escolha nem ação fácil, mas também, não me vejo fazendo de forma diferente. Claro, esse movimento não foi do dia para noite, nem mesmo de forma tranquila. Houve conflito, atrito, dúvidas e tensões.

Algo que os autores já sinalizavam que acontece quando pesquisadores mergulham dentro da pesquisa narrativa e começando, no meio acadêmico e científico, a pensar narrativamente no território intelectual:

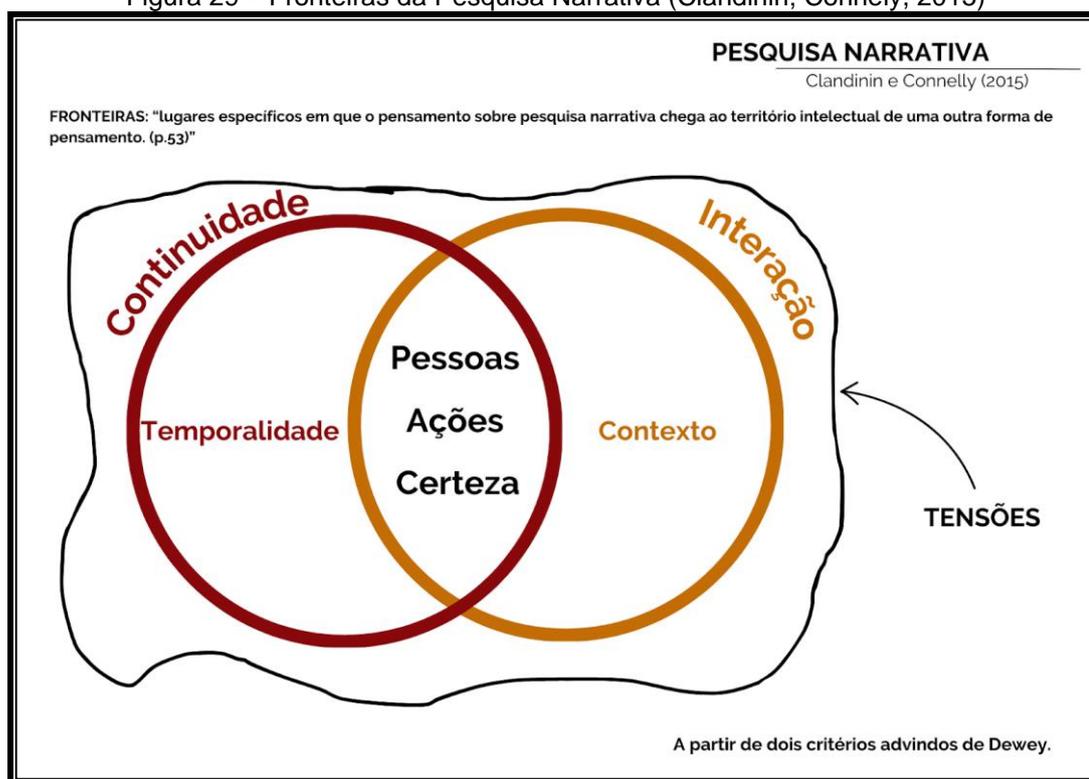
[...] começamos a explorar lugares específicos em que o pensamento sobre pesquisa narrativa chega ao território intelectual de uma outra forma de pensamento. Chamamos esses lugares de fronteiras,[...] Os dois critérios de experiência de Dewey, continuidade e interação, provêem uma estrutura teórica para identificar as tensões nessas fronteiras. As tensões pertencentes à continuidade, trazidas pelas experiências descritas, neste capítulo, são temporalidade, pessoas, ação e certeza. As tensões pertencentes à interação são o contexto, pessoas, ações e certeza (Clandinin; Connelly, 2015, p. 53).

Observo que essas tensões existem de forma natural. Uma água que segue seu curso, mesmo estando em seu habitat natural, certamente precisa encontrar formas de continuar avançando e passar pelo obstáculo colocado por uma pedra. Que nem sempre significa que está ali para ser um obstáculo, e sim, para que essa mesma água, que já sabe seu curso, perceba uma nova forma de segui-lo. Isso também a torna experiente, metaforicamente falando.

Da mesma forma somos nós e nossos conhecimentos científicos na pesquisa narrativa. Quando os autores falam sobre esses pontos de tensões, percebo que dos 5, 3 são pontos de interseção. Ou seja, mesmo onde há tensão, há interseção. Assim, explico melhor na figura abaixo:



Figura 29 – Fronteiras da Pesquisa Narrativa (Clandinin; Connelly, 2015)



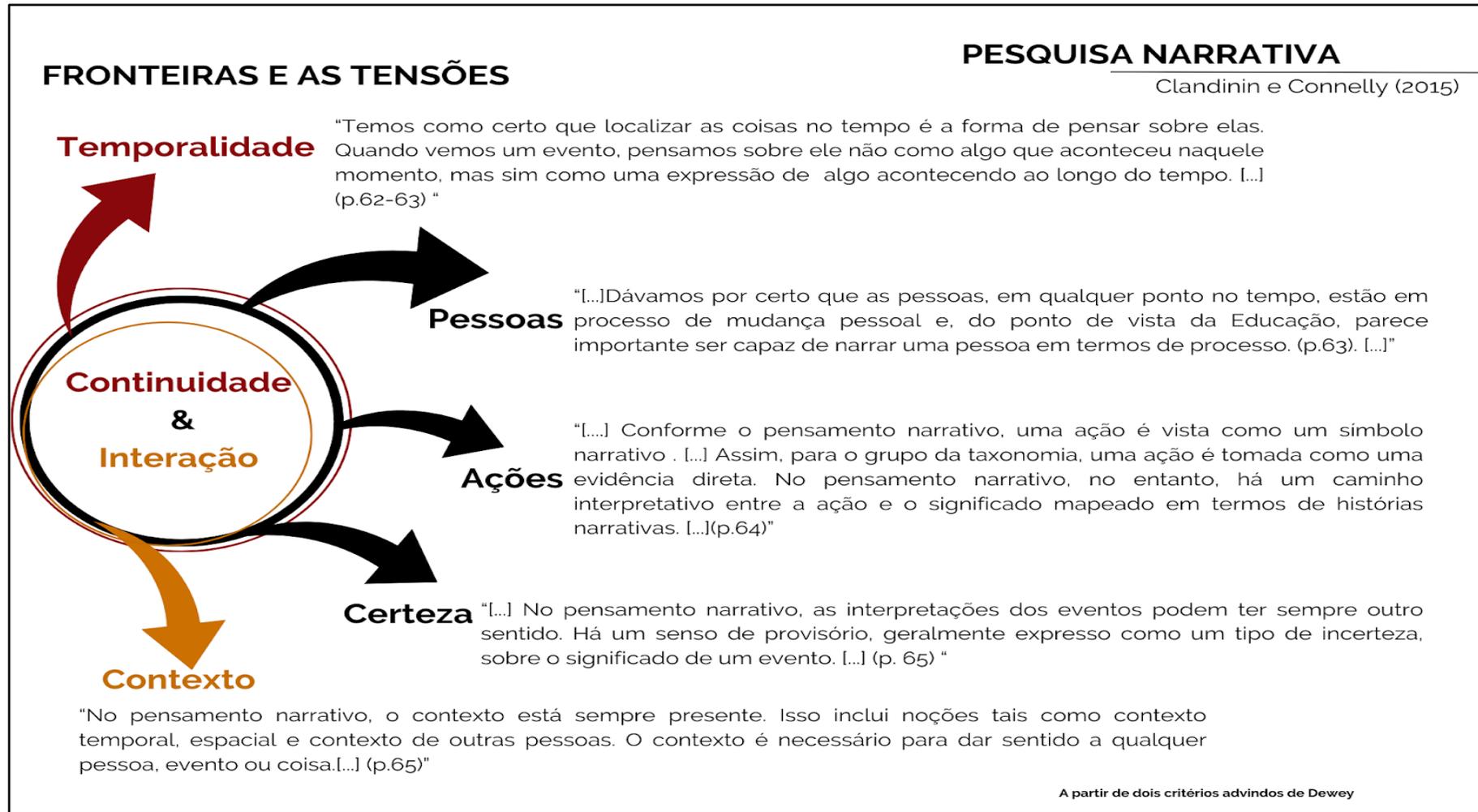
Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Como dito anteriormente, as ideias de John Dewey exercem grande influência sobre a concepção de experiência entendida na pesquisa narrativa, por isso, é central trazer, conforme os autores, esses dois critérios para debate. Pois ao desenvolvermos uma pesquisa narrativa, na maioria das vezes nos deparamos com eles.

De forma geral, o que vemos sobre essas tensões, está representada na figura a seguir:



Figura 30 – Fronteiras e tensões da Pesquisa Narrativa (Clandinin; Connely, 2015)



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Apresento e destaco as tensões acima mencionadas pelos autores como um argumento central para tentar se compreender mais sobre a pesquisa narrativa dentro do cenário de pesquisas científicas. Alguns teóricos, de vertente reducionista e formalistas, possuem embates com a pesquisa narrativa por a verem como apenas um relato descrito de histórias de vidas. Como se não houvesse cientificidade e seriedade no desenvolvimento delas. Essas tensões estão aqui justamente para mostrar o contrário.

Pessoas, ação e certeza são os pontos que trago como interseção das fronteiras que envolvem a continuidade e interação. Ao analisarmos os trechos que cito por Clandinin e Connelly (2015) verifico algo que une essas tensões: mudança e significado. A pessoa está sempre em processo de mudança, uma ação é tomada a partir de um significado gerado por meio de uma interpretação, e a certeza dá lugar a incertezas, ao provisório, outras interpretações e assim, novos significados. E ao falarmos de temporalidade (ligada a continuidade) e contexto (ligado a interação), percebo na fala dos autores que é importante situar as coisas dentro do tempo que aconteceram para refletir sobre elas. Mas não posso findá-las nesse tempo. O tempo das coisas é algo que está acontecendo ao longo do tempo. Ou seja, um acontecimento reverbera para além de seu tempo de origem.

Com os argumentos trazidos pelos autores, aqui eu evidencio o contexto, seja ele temporal, espacial e de outras pessoas, como algo importante para que haja sentido aos eventos e as próprias pessoas. E quando trazemos esses dois pontos mais específicos para a Educação, conforme Clandinin e Connelly (2015), é uma virada de chave para se compreender o processo de ensino e aprendizagem.

Ter de forma clara estes pontos, ou melhor, conceitos, feito o abraço que recebi de Jaiara a se despedir de mim, sinto que isso conecta de forma mais intensa os pesquisadores narrativos e a pesquisa narrativa, porque ao desenvolvermos qualquer pesquisa, esses pontos serão contemplados de acordo com essa perspectiva, o que tornará a nossa pesquisa-experiência, de acordo com os autores, mais significativa. Para além disso, constato que compreender e desenvolver uma pesquisa do tipo narrativa não é tão simples. Porém, delimitar e vivenciar seus lugares de tensões e características, transformam o desenvolvimento menos árduo. E nesse aspecto, exprimo as tensões que são criadas quando a experiência de vida, como objeto de pesquisa, encontra-se com fronteiras teóricas, reducionistas e



formalistas, apresentadas pelos autores: o lugar e equilíbrio da teoria, as pessoas e o lugar do pesquisador.

Chamo a atenção para o fato dos autores utilizarem a palavra “lugar” para iniciar essas tensões. Como se, dentro da minha interpretação, esse lugar precisa-se ser demarcado de forma irônica para os formalistas e reducionistas, e ser reconhecido pelos pesquisadores narrativos, pois apesar de não estar apresentado no formato conhecido pela pesquisa tradicional, a teoria, as pessoas e os pesquisadores existem na pesquisa narrativa.

Essas tensões são mais frequentes do que se possa imaginar, segundo os autores. Cada uma delas, possui pontos que foram elaborados e discutidos pelos mesmos, durante seu processo de construção dessa perspectiva (e não definição) de pesquisa narrativa<sup>18</sup>. Neste cenário, os autores alegam existir “[...] algo similar em nosso trabalho com pesquisadores narrativos iniciantes, quando eles também se prendem à exposição de construtor teórico para posicionar e começar as suas pesquisas. [...]” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 74). Ser um pesquisador narrativo requer duas coisas importantes: se ressignificar e lidar com a tensão gerada por essa ressignificação.

#### 4.2.3 A pesquisa narrativa: experienciar ou não experienciar?

Inevitavelmente ninguém nasce pesquisador narrativo, e muito menos chega a esse processo de forma tranquila. A peça “A tragédia de Hamlet”, de William Shakespeare, possui a seguinte frase “Ser ou não ser, eis a questão”<sup>19</sup>, ecoa em meu pensamento sobre esse entrelugar de deixar de ser uma pesquisadora para ser uma pesquisadora narrativa. Existem algumas interpretações coletivas e individuais sobre o que esta frase quer dizer, mas irei me apropriar de uma, que para mim, enquanto pesquisadora a se tornar narrativa, melhor me contempla: “entre ser ou não ser, você deve ser você mesma”. A pesquisa requer isso de nós: autenticidade e

---

<sup>18</sup> Fato que eles demarcam ser um dos objetivos centrais do livro “Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa”, onde trazem esse apanhado geral de como o pensar narrativo acontece em várias áreas do conhecimento.

<sup>19</sup> Datada entre 1599 e 1601, a frase (em inglês, *To be or not to be, that is the question*) é a famosa frase dita por Hamlet durante o monólogo da primeira cena do terceiro ato na peça homônima de William Shakespeare. E sem dúvida, uma das frases mais célebres da literatura mundial.



identidade diante das tensões. Assim, esboço de forma mais ilustrativa, o que os autores apresentam sobre estes aspectos:



Figura 31 – Tensões criadas quando a experiência vira objeto de pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Clandinnin e Connelly (2015) rascunham de forma leve e simples como se inicia a pesquisa narrativa, que normalmente tem a autobiográfica do pesquisador como norte de partida e orientação. Assim, a pesquisa segue se desenvolvendo ao que chamam de puzzle (enigma) ou problema ou questão de pesquisa, como outros pesquisadores.

Após isso, outros elementos são incorporados durante a escrita que trazem a marca tanto da temática quanto da identidade do pesquisador aliados a experiência e a teoria. Mas eles ressaltam que independente do ponto da escrita ou da pesquisa, a tensão sobre a teoria existe e persiste.

Claramente vistas, quando revisão teórica aparece em forma de conversa entre teoria e as histórias de vida que estão presentes na pesquisa, ao invés do modelo estrutural. Pois a maioria dos pesquisadores não tem um capítulo específico isolado para a fundamentação teórica, ela ocorre durante toda a escrita na busca pela conexão incessante a teoria e prática (Clandinin; Connelly, 2015).

Os autores ainda ressaltam que a tensão também aparece nas contribuições ou resultados da pesquisa narrativa, porque “[...] está mais no âmbito de apresentar uma nova percepção de sentido e relevância do tópico de pesquisa, [...] pois oferece ao leitor o lugar para imaginar seus próprios usos e aplicações” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 75-76). Isto faz com que o leitor não seja meramente um receptor de informações, e sim um leitor parceiro e reflexivo sobre aquilo que se está lendo.

O que vai de encontro ao que alguns afirmam sobre a pesquisa narrativa não ser suficientemente teórica”, pois os acontecimentos da vida são encarados por eles apenas como uma ilustração dos referenciais teóricos. Fato não característico do pensamento narrativo, pois as histórias de vida aqui são permeadas de interpretações analíticas (Clandinin; Connelly, 2015), com base teórica e práxis reflexiva, são vistas como materialização da própria teoria e fonte para ela.

Desta forma, pesquisador e teoria não caminham de forma separada e calma. E esse lugar do pesquisador é importante ressaltar, pois dentro dele mora a própria tensão, segundo os autores:

[...] Quase todos nós- é quase inimaginável que não fizéssemos isso- vamos para a pesquisa narrativa com diversas versões de histórias de pesquisa formalista e reducionistas. Isso é tão verdade que estamos sempre nos debatendo com tensões pessoais ao continuarmos nossa pesquisa narrativa. [...] (Clandinin; Connelly, 2015, p. 80).



Acredito que é desse conflito interno que se torna externo, que viver a pesquisa narrativa é chamada pelos autores de pesquisa-experiência. Para os autores, “[...] os pesquisadores narrativos precisam reconstruir sua própria narrativa de histórias de pesquisa e estarem alertas para possíveis tensões entre aquelas histórias narrativas e a pesquisa narrativa que desenvolvem” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 80). Tensão que aparece na própria escrita do pesquisador.

Reconstruir é uma palavra muito utilizada de forma oral e escrita pelos pesquisadores. Mas no sentido de reflexão, de movimento, de ponderações, e não no sentido de descartável. Reconstruímos porque sabemos que o conhecimento, assim como nossa pesquisa, não é findável e obsoleta. É por enxergarmos a construção do presente, do passado e do futuro interligados, da fluidez e conexão dos eventos, que entendemos os contextos sociais, culturais e história da concepção da sua criação, que não contempla o seu tempo de reflexão. A pesquisa narrativa é concebida por muitos e refletida por todos.

Especialmente por isso, conforme os autores, “[...] pessoas, claro, têm lugar especial na pesquisa narrativa, mas, apesar disso, pessoas estão no coração de todas as pesquisas em ciências sociais” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 81). E esta, para os autores, é uma das tensões mais fortes e sempre presentes, pois:

[...] Na pesquisa narrativa, as pessoas são vistas como a corporificação de histórias vividas. Mesmo quando os pesquisadores narrativos estudam narrativas institucionais, como as histórias da escola, as pessoas são encaradas como vidas compostas que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais. [...] (Clandinin; Connelly, 2015, p. 77).

Reflico atentamente sobre esta última frase “ as pessoas são encaradas como vidas compostas que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais”. E nesse processo reflexivo minha mente e meu coração me levam de volta á Salvaterra, a Ilha do Marajó, ao meu tempo de menina e aventureira; e me trazem de volta à Belém do Pará, ao meu tempo de mulher e professora; e me levam para fora do chão que já conheço, mas que ainda não pisei, ao meu tempo de senhora e doutora. Todas são pessoas e estão cercadas por pessoas.

Habitei e hábito ainda nas pessoas que fazem parte da minha formação pessoal e profissional. Entre o meu ser e o delas, existe o nosso. Às vezes preenchidos, às vezes apenas com vazio, outros que ganharam novas formas de serem ocupados. E há aqueles, que jamais serão reocupados. Espaços permeados



por sentimentos, pensamentos, e histórias, independentemente de como ele esteja sendo ocupado, pois “[...] O que queremos dizer com isso é que contamos histórias lembradas de nós mesmos, sobre épocas antigas, assim como histórias atuais. Todas essas histórias fornecem roteiros possíveis para nossos futuros” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 96).

Não me sinto sozinha nesse espaço, nessa pesquisa, embora em certos momentos estivesse assim. Por isso que também acredito e vivo a potência da pesquisa narrativa nessa história de vida que compartilho com vocês, uma vez que “[...] o que parece se tornar aparente, ao trabalharmos em nosso espaço tridimensional, é que, como pesquisadores narrativos, não estamos sozinhos nesse espaço. Esse espaço envolve a nós e àqueles com quem trabalhamos” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 96).

Os teóricos não falam sobre estar e sim, sobre estarmos. No coletivo. Que também faz parte de um individual e parte de um coletivo. Eles nos dizem que “[...] aprendemos mais sobre a pesquisa narrativa fazendo pesquisa narrativa” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 81). E nesta concepção de pesquisa que alcançamos nosso trabalho colaborativo e formativo para os professores alfabetizadores no processo de indução.

#### **4.3 A olaria metodológica da pesquisa: os grafismos do percurso**

Nesse encontro em um mundo que ao mesmo tempo está em nós e se apresenta para nós, entendemos que ali começamos a construir nosso percurso, como se fossemos uma pequena, mas importante olaria de cerâmica, essa que visito e conheço desde criança, mas que com o passar do tempo, tornou-se diferente para mim diante dos meus olhos e das mudanças do mundo, mesmo que determinadas coisas, não mudam. A exemplo, o fato de a argila continuar a ser o material essencial para a fabricação da cerâmica marajoara.

Por isso, compartilho com vocês como foi construir essa pesquisa dentro de uma vivência, que aqui autobiograficamente e narrativamente, chamamos de olaria. A olaria é o local onde se fabricam peças de cerâmica, onde se pratica a técnica ou arte de construir peças a partir da argila, de acordo com o *Dicionário Oxford Languages*. Trago essa metáfora e analogia para explicar a vocês que o fazer de



uma pesquisa e ciência, pode acontecer dentro de uma perspectiva de vida-pesquisa-formação, especialmente dentro de uma escrita autobiográfica.

Por isso, apresentamos a vocês os principais passos metodológicos dessa pesquisa seguindo o fabricar de uma peça de cerâmica marajoara, baseada no vídeo de Mariele Santos no Tutorial de Cerâmica Marajoara (2021).

Após ouvir Mariele Santos (2021), é possível compreender os passos para a fabricação da cerâmica marajoara. Diante disto, nosso entendimento é que existem 8 passos para isso, segundo que alguns podem estar interligados, de acordo com o vídeo, seguem esta ordem:

Quadro 3 – Etapas de fabricação de uma cerâmica marajoara dentro da olaria

ETAPAS DA PRODUÇÃO DA CERÂMICA	
1º Retirada da argila	é o primeiro passo onde o oleiro vai até o campo alagado para procurar uma argila que esteja bem homogênea, normalmente encontradas nas partes mais limpas do campo.
2º Processo de limpeza:	é nele que são retiradas as impurezas que vem junto com a argila. Para isso os artesã utilizam um fio para ir cortando o bloco de argila e assim, irem limpando capim, matos, pedras e outros elementos que ficam preso.
3º Amassar a argila	é aqui que começam a amassar a argila, manuseando várias vezes para que não dê bolhas. Caso isso aconteça, na hora da queima (último passo), acaba prejudicando a peça.
4º Produção da peça	pode ser feita com dois jeitos, um é utilizando um torno que pode ser elétrico ou de chute; e o segundo jeito é manualmente com as mãos, sendo este último o mais utilizado. No produção manual existem duas forma, em forma de placa e de cortelamento. Na placa o oleiro vai esticando a peça em cima de alguma superfície lisa e moldando-a; no cortelamento são feitas cordinhas que vão sendo sobrepostas umas nas outras até ganhar a forma que se deseja
5º Secagem	a peça pode demorar de um dia a uma semana para secar. Neste momento a peça desidratar por completo para que dê estabilidade para a próxima etapa.
6º Acabamento	momento em que é feita a pintura com a tinta extraída da natureza (certas pedras com água-pila) a qual é aplicada com um pincel. Depois, utilizando um caroço de inajá, passo-o na peça para tirar a porosidade que fica nela, dando brilho a mesma.
7º Incisão	também chamada de exciçãõ, é o momento em que são feitos os desenhos personalizados na peça de acordo com os traços e grafismos marajoaras, normalmente utilizando de formas de animais.
8º Queima	por fim, a peça então vai para a queima, onde ela é coloca dentro de um forno feito em fogão a lenha durante o tempo de 10h mais ou menos. Após isso, a cerâmica marajoara encontra-se pronto para ser distribuída, vendida ou presenteada.

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Figura 32 – Mapa mental sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Dentro de nossa olaria metodológica sobre a indução pedagógica na alfabetização e o podcast vozes docentes, o primeiro passo foi realizar uma revisão sistemática da literatura sobre indução pedagógica na alfabetização a nível local, regional e nacional no período de 2013 a 2023 para identificar quantos e quais trabalhos foram publicados neste período.

O segundo passo foi, após esse levantamento, mapear e estudar os trabalhos encontrados dentro da nossa temática a fim de sabermos o que vem sendo discutido e como vem sendo discutido este campo.

O terceiro passo foi, após esse embasamento teórico, começar a pensar e delimitar os primeiros entendimentos acerca da concepção de pesquisa que iríamos desenvolver, não apenas referente a pesquisa de campo, mas a pesquisa de uma forma geral, como a metodologia da pesquisa narrativa e da pesquisa narrativa criativa, pois dentro da nossa visão, todas estão interligadas.

O quarto passo foi de fato começar a vivenciar a que chamamos de pesquisa-experiência (Clandinin; Connelly, 2015) para que no decorrer dela, os encontros formativos fossem pensados e concebidos de acordo com as subjetividades e com a coletividade de se viver a pesquisa dentro de uma perspectiva larrosiana de experiência e da pesquisa narrativa. Assim, foi neste momento que começamos de forma concomitante a experienciar a documentação narrativa por meio das cartas.

O quinto passo, iniciou também durante a pesquisa, porém foi intensificado ao final dela, onde passamos a analisar as cartas para que a partir das narrativas dos autores-sujeitos que vivenciaram a pesquisa, pudéssemos encontrar quais são suas demandas formativas sobressalentes em relação as categorias de formação que apareceriam nas cartas para que com elas, pudéssemos construir nossos podcast.

Assim, para chegarmos à concretude do podcast, como nosso sexto passo, precisávamos realizar uma revisão narrativa da literatura sobre o podcast dentro de 4 diretorias principais selecionadas da revisão sistemática da literatura que fizemos sobre indução docente, para termos minimamente, uma dimensão de como está configurado o cenário do podcast.

Seguindo esta lógica, fomos então para o sétimo passo que trata sobre a confecção do produto educacional escolhido: o podcast vozes docentes. Após mapearmos as temáticas mais evidenciadas como experiência nas cartas, construímos 6 episódios deste produto.



E por último passo, mas tão importante quanto os outros passos, apresentamos a nossa pesquisa escrita em palavras aqui nesta dissertação, baseada na metodologia de escrita chamada pesquisa narrativa criativa (Lucio, 2020, em prelo) para compor cada capítulo e conversa que estabelecemos entre o eu, o nós e a formação.

Por isso, como primeira pessoa, acredito que iniciei um primeiro passo dentro da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015) e dentro da pesquisa narrativa criativa (2020, em prelo) nesta vivência que me faz falar com o passado, com o presente e com o futuro, sendo uma ordem cronológica, mas seguindo uma ordem ideológica.

Viver nesta olaria metodológica produziu não apenas os passos dados por uma pesquisadora, mas a construção de uma pesquisadora. Não tenho como não sair transformada e ressignificada dessa experiência dentro da pesquisa que vivi. Se isso não acontecesse comigo ou contigo então eu ousa, e sinto dizer, que tu não experienciastes e muitos menos desenvolveste uma pesquisa narrativa baseada em Clandinin e Connelly (2015).

É por isso que Jaiara sempre tem algo para me ensinar, assim como a escola e as pessoas que por ela estão. Assim, te digo que estou com uma cuíra de te contar sobre o que vivemos durante a pesquisa de campo na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Então, arredai, pega teu café, que eu vou logo te contar!





# EPISÓDIO 5

UM, DOS , TRÊS, EI SOM,  
TESTANDO: AS NARRATIVAS DE  
INDUÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO QUE  
GUIAM O INÍCIO DO PODCAST  
VOZES DOCENTES

*“E foi me servindo as letras com café  
e batata doce que eu aprendi a ler.”*

*(Nádia Pantoja)*



## EPISÓDIO 5

### UM, DOS, TRÊS, EI SOM, TESTANDO: AS NARRATIVAS DE INDUÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO QUE GUIAM O INÍCIO DO PODCAST VOZES DOCENTES

Os dias que foram se passando na escola tornavam-se mais diferentes e marcantes dentro de mim. Algo me inquietava, gritava e pulsava. Tinha uma voz, mas que não conseguia ouvi-la. Sentia que precisava mudar, que as coisas precisavam mudar e que novas experiências precisavam ter.

Assim, quando eu olhei para o céu, vi alguns urubus voando juntos. Aqui no Pará isso significa que alguma coisa está para acontecer e, normalmente, trata-se de uma mudança de tempo e de clima. A manhã tinha começado bem ensolarada, mas, certamente, não iria permanecer daquele jeito. Enquanto eu continuava a admirar aquilo movimento, uma mão fria e fofa toca a minha mão. Era Jaiara. Ela havia voltado para escola pois queria poder conhecer mais sobre como experienciávamos a alfabetização. Sua mãe a deixou comigo e combinamos de vir buscá-la ao final do dia.

*– Tia, quando eu cheguei à senhora estava com um olhar tão distante, tava aqui mas não estava. O que a senhora tava pensando?*

*– Ah Jaiara, em tantas coisas que ainda estão confusas na minha cabeça, mas que de alguma forma fazem muito sentido para mim. Tenho pensado muito sobre a minha história autobiográfica, sobre a formação docente, sobre ser alfabetizadora em uma escola pública da rede federal de ensino e sobre como os urubus conseguem saber de coisas que eu nem faço ideia.*

*– Tia, quando eu não sei de algumas coisas, eu sempre pergunto para minha professora. Ela me ajuda muito. A senhora não tem uma professora também?*

*– Nossa Jaiara, é verdade, eu tenho sim. Uma professora que chamo de orientadora. Tens razão, vou conversar com ela sobre tudo que tem me inquietado. Quem sabe não descobrimos juntas?!*

*– Ah tia, ela pode se tornar uma aventureira junto com a gente!*



## 5.1 As estrelas d'águas: as vozes que encantam juntas

Após a famosa chuva da tarde em Belém do Pará, iniciei um novo contar de histórias dentro da minha formação docente: em 23 de setembro de 2022 adentrei-me em um navio diferente de todos os que já havia estado: o navio da indução pedagógica na alfabetização. Navio construído a partir da pesquisa narrativa ao entendermos que ela é “[...] uma pesquisa relacional quando trabalhamos no campo, movendo-nos do campo para o texto de campo, e do texto de campo para o texto da pesquisa” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 96). Essa relação que acontece entre a questão problema, as pessoas e nossa escrita, faz com que a gente precise nos encantarmos juntos.

Em busca desses novos caminhos de se viver a formação na indução docente dentro da alfabetização, como grandes aventureiras, em 14 de setembro de 2022, minha orientadora (a profa. Elizabeth Orofino) e eu começamos a nos preparar para a construção do produto educacional *podcast* para a formação dentro indução pedagógica na alfabetização.

Elizabeth Orofino ou professora Elizabeth<sup>20</sup>, como carinhosamente gosto de chamar, vem sendo uma estrela-guia vinda de outro rio que se encontrou com o meu, de forma potente e brilhosa, que chegou no céu do meu rio para “alumiar”. Seus 15 anos de atuação como alfabetizadora no ensino do Rio de Janeiro e sua atuação como professora no Ensino Superior na UFPA, mostram-me caminhos plurais e possíveis dentro da formação docente.

Caminhos que se encontram com os meus<sup>21</sup>, ora misteriosos e profundos,oras calmos e claros, cheios de preciosidades e raridades. Fui alfabetizada na Ilha

---

<sup>20</sup> Seu rio, Rio de Janeiro, traz em suas águas do campo da formação docente uma professora orientadora-guia porque já estive, por muitos anos, navegando ou trilhando o chão e contemplando o céu da educação básica. Frequentou I. E. Carmela Dutra. Estudou Alfabetização na instituição de ensino UFRJ/Urca-RJ. Estudou na instituição de ensino da Universidade de Lisboa. Trabalhou como Professora Alfabetizadora na empresa Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro - Seeduc RJ. Coordenadora de alfabetização no Jardim de Infância do Instituto de Educação Sarah Kubitschek formando professores. Trabalhou como Professora Formadora/ NTE/Teleposto na empresa Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ). Trabalhou como Professora na empresa UFRJ/Urca-RJ e im/UFRRJ. Trabalhou como professora pesquisadora na Universidade de Lisboa. Professora adjunta na Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundadora e coordenadora do Grupo de estudos e pesquisa Laboratório Sertão das Águas. Coordenadora da região norte na Associação Brasileira de Alfabetização. Membro integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas & Experiências (Rede Formad) e Red Iberoamericana de Maestros Y Maestras que Hacen Investigación y Innovación desde la Escuela.

<sup>21</sup> Estudei na Escola Moranguinho (Ananindeua/PA)na pré-escola. Me alfabetizei na escola professora Oscarina Santos (Salvaterra - Ilha do Marajó). Escola Municipal de Ensino Fundamental



do Marajó, em Salvaterra, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Oscarina Santos, na mesma escola em que minha avó trabalhava como merendeira. Conhecer sobre meu rio na formação docente tem sido um percurso cheio de descobertas e possibilidades, de mim e dos outros.

As águas do meu rio e meu céu estrelado nunca mais foram as mesmas após esse encontro fluido e estelar. Reafirmo que, como professora da Educação Básica, foi a partir deste encontro que passei a validar as lindas constelações que existem sob meu céu e as raridades dentro do meu rio.

Uma flor de lótus e uma vitória-régia. Uma orientadora e uma orientanda. Duas pesquisadoras. Duas professoras. Duas alfabetizadoras. Procuramos em nossas raízes aquilo que nos conecta no campo da formação docente, buscamos em nossas águas, aquilo que nos conecta a formação docente na alfabetização.

Fotografia 30 – Flor de Lótus



Fonte: Viva Decora, site Terra (2018).

Fotografia 31 – Vitória-Régia



Fonte: Site Fundação Joaquim Nabuco (2021).

---

União e Fraternidade (Ananindeua/PA). Estudei no Colégio Batista Paraense (Ananindeua/PA). Estudei o Ensino Médio no Colégio Impacto (Ananindeua/PA). Fiz graduação na Universidade Federal do Pará. Trabalho como professora efetiva na Escola de Aplicação da UFPA. Fiz especialização na Escola Superior da Amazônia. Atuo como membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Laboratório Sertão das águas (ICED/UFPA). E sou mestranda no PPGCIMES.



Temos raízes diferentes, formas distintas, mas nos alimentamos de uma mesma fonte: as águas da alfabetização discursiva na formação docente permanente dentro da pesquisa narrativa. E sobre este encontro, nos abraçamos.

Imagem 4 – Revelação do(a) orientador(a) no Acolhimento do PPGCIMES 2022



Fonte: Acervo pessoal da autora do trabalho, Jessika Assiz (2022).

Duas flores nascidas das águas sob a luz de um mesmo luar (a formação docente na alfabetização a partir da indução pedagógica), nossas águas começaram a traçar um caminho nosso: de autoria. De afeto. De embate. De acolhimento. De voz. De escuta. De estudo. De pesquisa. De histórias. De narrativas. De diálogo. De vida.

### *Estrelas d' águas*

*De nossas águas brotam o nosso ser  
De nossas raízes podemos crescer  
De nossas cores viremos a florescer  
De nosso céu conseguimos nos ver.  
Para em um mergulhar de saber  
Nossas narrativas de formação enaltecer.*

*Jessika Assiz, 2024*

Navegar pelos rios da Amazônia nunca é algo fácil. Mas, certamente, é uma



das viagens mais exuberantes e marcantes que podemos ter. E quando estamos sob um navio que possui uma boa estrutura, mesmo que o caminho seja ainda desconhecido, uma segurança em forma de abraço chega até nós. Parecido com o que sinto toda vez que faço a viagem no trajeto Belém - Salvaterra (Ilha do Marajó)- Belém, acompanhada de minha família (de meu pai, irmã e mãe). Não sei ao certo qual era minha idade, pois desde que me entendo por gente, essas águas percorrem meu corpo.

E por essas águas percorrem muitas histórias: dos meus ancestrais, minhas, dos outros e do mundo. Algumas eu não sei como de fato aconteceram, outras eu consigo imaginar. E tem aquelas que eu posso até sentir, como se de alguma forma eu também fizesse parte delas. Foi assim quando minha avó Maria me apresentou a história de memorial ancestral<sup>22</sup> chamada Vitória-Régia<sup>23</sup>.

Esta narrativa fala sobre uma indígena chamada Naiá que se apaixonou por Jaci (Lua) ao crescer ouvindo sobre a história que Jaci vem até Terra e escolhe alguém para transformar em estrela do céu. E nessa busca, após certos acontecimentos, ela acaba por ser transformada em estrela d'água.

Naia acreditava que seu único destino era o céu. Mas a Lua mostrou que podem existir outros, tão inesperados e tão extraordinários. O destino da guerreira está nas águas, que são tão profundas e infinitas quanto o céu. A indígena não deixou de ser estrela, só passou a vivê-la de forma outra. Sendo ainda a flor amazônica das águas calmas e posso dizer, turvas também, estrela das águas, tão bela quanto as estrelas do céu.

Desde pequena eu cresci ouvindo sobre os saberes populares. Sentar-se em frente à casa dos meus avós, no Marajó, ao som dos grilos, cheiro de mato e a luz de lamparina, é uma tradição nossa. Todo dia, quando eu era criança, a luz elétrica ia embora às 18h e só retornava na manhã seguinte. Então, desde às 17h nos organizávamos para nos despedirmos do Sol e da luz elétrica, e dar boas vinda à

---

<sup>22</sup> Os novos estudos no campo da decolonialidade trazem a perspectiva de que não existe lenda. O que existe na verdade são histórias de memórias ancestrais, então são memórias e histórias de um povo. E a lenda, assim como o temor folclore e mito são dados pelo colonizador, que significa que aquilo não existe. Mas como você diz que algo não existe se aquilo é parte da memória de um povo? Então principalmente agora nos estudos decoloniais não se tem utilizado esses termos. Quem ainda usa são as pessoas de origem, como um indígena. Se ele disser que existe uma lenda dentro da comunidade dele. Agora a gente, que estamos fora desse cenário, o termo é memória ou histórias. (entrevista com Lívia Bentes, professora da EAUFGPA, mestra em educação)

<sup>23</sup> Disponível em: [https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/contapraim/livros/versao\\_digital/vitoria\\_regia\\_versao\\_digital.pdf](https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/contapraim/livros/versao_digital/vitoria_regia_versao_digital.pdf)



luz da Lua e da lamparina. E com essas boas-vindas, chegam histórias e pessoas. Era o momento de a voz cocriarem aquele espaço de trocas de experiências. Prática que inclusive fazemos até hoje, regada com muito pão caseiro e café.

Similar a esta memória foi o que senti quando me encontrei com a flor de lótus<sup>24</sup>, vinda de outras águas. Essa flor também é conhecida como lírio d'água e suas raízes estão fincadas na lama e no lodo. Pela noite, suas pétalas se fecham e a flor mergulha dentro da água. Um pouco antes de amanhecer, ela ressurgir das profundezas para a superfície, e então abre suas pétalas.

Duas flores que estão enraizadas sobre as águas, mas que possuem, apesar de semelhantes, modos distintos de reagirem à luz do Luar: uma abre sua flor para transformá-la em nova cor no amanhecer. A outra fecha suas pétalas e mergulha, para no amanhecer, abrir e ressurgir. E neste movimento, entre idas e vindas, sermos quem somos, experienciarmos o que vivermos, pesquisarmos sobre a formação de alfabetizadores dentro da indução docente, emergirmos com o projeto de ensino vozes: narrativas de indução pedagógica na alfabetização.

## **5.2 As experiências enredadas: o que vemos na margem da pesquisa de campo implicada em um projeto de ensino piloto**

Após a minha professora se juntar a mim e a Jaiara na Escola de Aplicação da UFPA, passamos juntas, como a Cobra grande, a lara e a Garça, a pensarmos juntas como poderíamos mudar aquilo que já não fazia mais sentido para nós. Pensar o processo formativo para a indução pedagógica precisaria ter de nós um dos elementos principais: nosso afeto, compromisso e qualidade. Apresentei para a minha professora e para Jaiara as inquietações. Pensamos, conversamos e merendamos, até que horas depois, chegamos a uma ideia.

*– Jessika, minha querida, como podemos pensar nesse processo de indução para que, vivendo a experiência larrosiana, a gente possa então criar uma metodologia que seja inovadora, baseada em Celestin Freinet, Clandinin e Connely?*

Esses nomes eram novos para mim. Mas ao mesmo tempo, familiares.

*– Professora, eu ainda não sei. A forma como me ensinaram a pensar não faz mais tanto sentido. Tem coisas que sim, mas outras não. Quem é Célestin Freinet?*

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://buddhaspa.com.br/blog/qualidade-de-vida/a-lenda-da-flor-de-lotus-e-seus-ensinamentos/>



– *Bom, iras conhecê-lo mais profundamente, mas para te adiantar, ele foi um pedagogo que revolucionou as práticas pedagógicas dentro da educação, especialmente por trazer o texto livre e a rádio escolar.*

Nosso silêncio, de forma suave, mas ao mesmo tempo presente, feito o barulho da estatueta antropomorfa marajoara<sup>25</sup> (parece bole-bole caindo no chão) deu espaço para a voz de Jaiara:

– *Tia, já sei! A rádio é um importante meio de comunicação, esse homem “Celestini” foi um dos que criou uma rádio na escola né? Meu avô é radialista, foi por meio da rádio eu aprendi muitas coisas sobre a Escola de Aplicação da UFPA lá da Ilha do Marajó. E a senhora me disse naquele dia que o seu também era.*

– *Então você quer que eu faça uma rádio aqui na escola?*

– *Não tia, a gente teria que catar muito caroço de bole-bole para isso. A gente pode fazer algo mais prático, acessível, da moda e que envolva o poder das conversas que a gente tanto adora: vamos criar um podcast!*

– *E para isso, podemos desenvolver uma pesquisa de campo onde o projeto piloto de formação na indução pedagógica na alfabetização que, a partir das experiências que vivenciarmos, sejam os conteúdos do que trataremos no nele. - Disse a minha professora Elizabeth.*

– *Pera, deixa vê se eu entendi: então nosso podcast não falara sobre aquilo que achávamos que devemos falar, e sim sobre aquilo que os próprios estudantes dizem sobre a sua formação?! A partir da experiência larrosiana. De forma implicada e não aplicada. De forma autobiográfica e autoral. De forma individual e coletiva. É isso?*

– *Sim.- Disse minha professora*

– *Eu quero!*

– *Eu também quero, tia!*

Assim seguimos as três: Elizabeth, eu e Jaiara. Como a Cobra Grande, que tendo uma presença tão imponente, percorre por vários rios. Como a Lara, que se encanta e encanta nas águas e nas pessoas que conhece. E como a Garça, que voa por cima dos rios e matas e mergulhas neles sempre que precisa. Desta forma, as

---

<sup>25</sup> Instrumento musical marajoara utilizado nos períodos anteriores à colonização na Amazônia. Para ouvir o som, clique aqui: <https://arqueologiamusicalamazonica.blogspot.com/2019/06/estatuetaantropomorfa-registro-220.html>



águas nos guiam e nossa viagem inicia. O que percorremos e mostrarei abaixo, faz parte de um processo formativo que ganhou a força da Curupira ao defender e valorizar aquilo que é da sua terra, da Amazônia, a partir do encontro entre o meu lugar de carreira docente (EAUFPA), o grupo de estudo e pesquisa GEPASEA/LASEA/ICED/UFPA, a pesquisa no PPGCIMES/UFPA e as andanças da minha vida pela Ilha do Marajó.

### 5.2.1 Os rios da cocriação: eu digo sobre coisas do lugar de onde falo.

Nesse processo, ouvi um chamado de Lucio (2016) ao nos convidar a acreditar na força que existe dentro da horizontalidade dos papéis, pois ela “[...] é efetivada na pesquisa-formação, que permite a aprendizagem conjunta entre o ensino superior e os professores do ensino básico” (Lucio, 2016, p. 84). Esta horizontalidade dos papéis que quisemos garantir por meio do processo formativo na indução pedagógica na alfabetização.

Nosso planejamento prévio partiu das experiências formativas que tínhamos e pretendíamos. Escolhemos o que era essencial permanecer e o que seria possível abrimos mão. A exemplo, estudarmos o teórico Freinet era um ponto importante em nosso trabalho do qual investiríamos para permanecer, mas como iríamos estudá-lo com os graduandos era totalmente possível de mudança. Nosso planejamento foi, apesar de inicial, aberto para que as vozes dos outros sujeitos o artesanassem.

Por isto, o que mostraremos a seguir, em sua grande parte, foi construído ao longo e pós processo de 11 meses que vivemos, sendo o primeiro mês (setembro de 2022) dedicado a uma conversa inicial de planejamento entre a professora Elizabeth e eu. E os meses seguintes já com a presença e colaboração deles.

Os três primeiros encontros (um em outubro e dois em novembro 2022) foram baseados no que queríamos vivenciar de acordo com a pesquisa narrativa nesse primeiro chegar. E a partir dali tentamos, por mais breve que fosse conhecê-los para conseguirmos tornar coerente nossas próximas ações ao que eles e nós tínhamos como querências.

Assim, nossa pesquisa de campo visa, entre outras coisas, oportunizar mudanças nas práticas formativas que melhor estejam em sintonia com nosso contexto, nossas riquezas e nossas culturas dentro da indução pedagógica na



alfabetização. Mudança, inclusive, que propomos na nomenclatura estrutural de nosso projeto piloto, como apresentamos abaixo:

Figura 32 – Proposta de novos termos para os itens de um projeto de acordo com o vocabulário paraense e marajoara

PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO	
<i>Projeto Vozes: Indução Pedagógica na Alfabetização</i>	
TÍTULO	LETREIRO
AUTOR	COAUTORIA
FOCO	TIPITI
INTRODUÇÃO	ISPIA!
JUSTIFICATIVA	PORAQUÊ
PÚBLICO	AUTORES-SUJEITOS
LOCAL	IGARAPÉ
PRINCÍPIOS FORMATIVO	PORANGAS FORMATIVAS
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	ALUMIAÇÕES TEÓRICAS
OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS	QUERENÇA GERAL E ESPECÍFICAS
DURAÇÃO	IGAPÓ TEMPORAL
METODOLOGIA	PUÇURÚ
CRONOGRAMA	CÉU DO PROJETO
RESULTADOS	FRUTOS
REFERÊNCIAS	EMBARCAÇÕES TEÓRICAS

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

A escolha por esta mudança está atrelada ao fato de que, embasadas em uma pesquisa dentro da perspectiva autobiográfica, autoformativa e ficcional<sup>26</sup> (Lucio, 2022), aliada às nuances da pesquisa Narrativa (Clandinin; Connelly, 2015), evidenciamos que a cientificidade em caráter de competência também pode ser de forma poética, valorizando e expressando não somente quem somos, mas o lugar de onde falamos. Por isso, os termos criados para esta nova nomenclatura expressa um pouco de quem somos, enquanto professoras vinculadas a Educação Básica e Ensino Superior dentro da Universidade Federal do Pará, nossa regionalidade Amazônica e nossas vivências dentro deste campo na alfabetização dentro desta cultura.

Estamos a muito tempo ofertando o que é nosso e da nossa cultura, para que outros a transformem e assim, parece-me, validarem. Outras vezes, consumimos o que é de fora, como se fosse o único modo possível e existente. Concordamos que

<sup>26</sup> A primeira escrita onde esta metodologia se encontra é na dissertação de Layanne Aviz Reis (2022), orientanda da professora Elizabeth Orofino Lucio, onde a última criou a metodologia para embasar a dissertação, intitulada “Das telas para as narrativas transmidiáticas: uma proposta de ensino de Língua Espanhola na cibercultura”.

a cientificidade requer parâmetros, guias, mas não concordamos que ela requer amarraduras.

Se nossa cultura, nossa identidade Amazônida e nossa Terra são importantes fontes de pesquisas para muitas áreas, porque não podemos então, sendo fonte de tantos saberes preciosos, também dar nome às coisas?! Pois bem, acreditamos que podemos. Assim, algumas das nomenclaturas como “tipiti, Ispia!, Igarapé, Igapó e Puçurú” foram escolhidas a partir da pesquisa realizada no *Glossário de termos e expressões paraenses e marajoaras*<sup>27</sup>. Proseamos contigo abaixo, dizendo um pouco sobre a escolha de cada palavra:

a) *Letreiro*<sup>28</sup>: Sempre ouvi muito de pessoas idosas e “sabidas”, especialmente de minha avó. Por isso, trago como primeira nomenclatura do projeto, aquilo que vem do saber de meus ancestrais.

b) *Coautoria*<sup>29</sup>: Durante o processo formativo que passei a vivenciar, especialmente na escola onde atuo como professora alfabetizadora, fui aprendendo que “sozinho posso ir mais rápido, mas juntos vamos mais longe”. Esse pensamento surgiu por meio de uma coordenadora que tive durante meus primeiros anos de atuação, chamada Josete Leal. Ela vivenciava e fundamentava nossas práticas baseadas na codocência. Palavra que também passei a vivenciar dentro do Grupo de Estudos e Pesquisa Laboratório Sertão das Águas.

c) *Tipiti*<sup>30</sup>: Este utensílio é bastante utilizado por nossas comunidades indígenas e serve para enxugar a massa, retirando toda água, para fazer a farinha, ou seja, retira-se aquilo que não será preciso para fazer o que realmente se quer. Do todo, foca-se em algo. Assim, ficamos com aquilo que é central para nós. Por isso escolhi para substituir a palavra foco.

d) *Ispia*<sup>31</sup>: A introdução é o momento inicial da escrita, onde expressamos nossas primeiras palavras, comentários, impressões e pensamento acerca do que virá. é o momento em que partilhamos e convidamos os leitores a ficarem mais perto

<sup>27</sup> Organizado por Claudiane da Silva Ladislau, Adriana Corrêa de Oliveira, Ana Célia Barbosa Guedes e Jefferson dos Santos Marcondes Leite, do Instituto Federal do Pará – Campus Breve, em 2021. No Glossário, as iniciais significavam: P. M. (Pará e Marajó); M. (Somente no Marajó).

<sup>28</sup> “Inscrição em tabuleta, que serve aos mais diversos tipos de informação (avisos, sinalização de estradas e ruas, especificações de guichês, nomes de estabelecimentos, de profissionais autônomos, propaganda etc.” (Dicionário *on-line*).

<sup>29</sup> “Autoria coletiva; pluralidade de autores ou agentes de um delito, com participação direta e igualmente principal na execução dele; codelinquência” (Dicionário *on-line*).

<sup>30</sup> “P. M. Utensílio de tala, próprio para enxugar a massa pra fazer farinha” (Ladislau *et al.*, 2021, 37).

<sup>31</sup> “P. M. Ressaltar algo, olhar” (Ladislau *et al.*, 2021, p. 22).



do que iremos debater. É o ponto em que situamos eles a entenderem mais sobre o que estamos falando. Por isso, olhar com atenção é importante.

e) *Poraquê?*<sup>32</sup>: A pergunta é algo que sempre me motivou. Sempre fui, inclusive, de fazer muitas perguntas. Pra mim a pergunta, como diz uma grande amiga chamada Lívia, tem poder de movimentar muito mais que as respostas. Por isso costumo chamar de Perguntar Impulsionadoras. E aqui, no lugar de somente justificar, pretendemos impulsionar o porquê e para quê estamos nos propondo a realizar este projeto.

f) *Autores-sujeitos*: Este termo em especial foi me apresentado pela professora Elizabeth Orofino Lucio para retratar o que, de forma impactante (para não dizer tensa) utilizávamos como público-alvo ou público. Aqui, em nossa pesquisa-formação, os sujeitos são autores da sua própria história e desta que também é nossa. Pois, como já dizia Belchior “ *Presentemente, eu posso me considerar um sujeito de sorte. Porque apesar de muito moço, me sinto são, e salvo, e forte.*” Esses autores, independente se estão em sua formação inicial ou não, tem muito a dizer sobre aquilo que vivem.

g) *Igarapé*<sup>33</sup>: Somos permeados aqui em nossa região por igarapés, de varios tipos e tamanhos. Assim como as escolas e nossos lugares formativos. Por se tratar de um espaço bem delimitado e que deve ser vivenciado por nós para se tornar conhecido, sugerimos o nome igarapé em vez de lugar ou lócus da pesquisa.

h) *Porangas Formativas*: A palavra poranga, de acordo com Ladislau *et al.* (2021, p. 33), tem origem paraense e marajoara e significa “iluminação feita com facho de vegetais secos, geralmente usada para iluminar à noite.” Assim, fazendo essa metáfora, temos essa forma de iluminar nossas ações, como nossos princípios e fundamentos neste projeto.

i) *Alumiações*<sup>34</sup> *Teóricas*: Alumiar é uma palavra presente em nosso vocabulário regional enquanto variação de iluminar. Este termo, não sei bem certo quando, passou a ser chamado assim por muitas pessoas, como aconteceu com a palavra Alembro (lembro). Durante nossa pesquisa e estudo, muitas vezes nos

---

<sup>32</sup> Em nosso vocabulário paraense, temos o hábito de às vezes falar tão rápido, que encurtamos ou juntamos certas palavras. E foi justamente isso que aconteceu aqui: uni as palavras por quê e para quê, formando então *poraquê*. Que, por coincidência ou não, é o nome de um peixe muito comum na região amazônica.

<sup>33</sup> “P. M. Canal, córrego ou estreito natural situado entre duas linhas, ou ainda, entre ilha e terra firme” (Ladislau *et al.*, 2021, p. 22).

<sup>34</sup> “Alumiar: dar luz a, iluminar ou ficar iluminado; tornar(-se) claro” (Dicionário *on-line*).



sentimos perdidos ou confusos. E são justamente as teorias, as fundamentações, o aporte vindo do debate daquele que pesquisaram antes de nós sobre determinadas concepções que nos fazem compreender melhor sobre aquilo que estamos, teoricamente, falando, nos propondo a fazer. Eles alumiam nosso pensamento, leitura e escrita dentro da pesquisa.

j) *Querença geral e específicas*: Querença é outra palavra inspirada pelas falanças da Lívia, mas que diferente de como ela diz (querência), aqui trazemos dessa forma, semelhante a querença. Sonhamos com algo e então começamos a pensar sobre isso. Às vezes paramos, outras continuamos. Mas de alguma forma aquilo sempre está ali, seja como a lembrança de algo não realizado/ conquistado, seja como a visualização de algo realizado/ conquistado. Querer é mais que um sentimento ou uma ideia. É os dois e além. Uma vez disseram-me que não conseguiria com que as crianças me respeitassem porque eu dava aula ouvindo o que elas tinham a dizer e fazia questão de que, de alguma forma, sua vontade também fosse realizada. Ouvi e não respondi, mesmo tendo vontade. Minha querença não merecia ser respondida, merecia ser vivida. Então assim fiz. Fui em busca de viver essa querença que não era só para mim, é para nós.

l) *Igapó*<sup>35</sup> *Temporal*: o vocábulo aqui, com referência a uma expressão tanto paraense quanto marajoara, faz referência a uma área que fica alagada apenas durante uma parte do ano. Somos permeados por rios, que sobrevivem debaixo de nossas ruas<sup>36</sup> como ao lado e por cima delas. Mas, alguns deles, apenas existem em períodos específicos, especialmente os que ficam por cima durante o período de fortes chuvas. Por isso, por se tratar de um recorte dentro de um tempo maior, utilizamos esse vocábulo para expressar o tempo em que essa pesquisa caminhou para chegarmos até aqui.

m) *Puçurú*:<sup>37</sup> Expressão tipicamente marajoara, segundo Ladislau *et al.* (2021), remete a algo que nós, paraenses, adoramos: o café. Seja o horário que for, e se o clima está quente ou não, pela casa de praticamente todos os paraenses existe algum objeto que seja utilizado para passar o café. Assim é a nossa metodologia desta pesquisa. Baseada principalmente na pesquisa Narrativa

---

<sup>35</sup> “P. M. Alagado; área que fica alagada por um determinado período do ano” (Ladislau *et al.*, 2021, p. 22).

<sup>36</sup> Inclusive dizem que as ruas da cidade velha, um dos bairros mais antigos de Belém do Pará, seguem o formato dos rios que passam por debaixo das ruas. Outros, dizem que segue o formato da Cobra Grande que vive adormecida ali embaixo. Disque...

<sup>37</sup> “M. Vasilha de barro, tipo bule, usada para ‘passar’ café” (Ladislau *et al.*, 2021, p. 33).



(Clandinin; Connelly, 2015) e na pesquisa formAção (Nóvoa, 2004), a metodologia é um caminho para se chegar até algo, e o caminho que utilizamos aqui é o autobiográfico, autoformativo, e ato pelo próprio ato. Fazemos a pesquisa partindo de nós, com aquilo que nós conhecemos e que faz parte também de nós. Essa metodologia, esse metaforicamente falando, passar de café, perpassa por muitos caminhos, leva um tempo, precisa de materiais e foi acompanhado por nós durante muito tempo. E ainda afirmo, que continua a reverberar em nós e chega até outros, como o cheiro do café, que mesmo depois da água já ter descido toda pelo bule e reostato apenas o pó, a fumaça e o cheiro continuam presentes.

n) *Céu do Projeto*: Nossa sociedade, com nossos ancestrais, utilizavam o seu para se guiarem em suas caçadas, aventuras e descobertas. Olhavam para o céu, e de acordo com a posição do Sol e das estrelas, traçam o tempo e caminhos que levariam para percorrer o que pretendiam. Esta cultura, inclusive, ainda é muito utilizada por pessoas em Salvaterra na Ilha do Marajó. Por isso, fazemos referência no lugar de cronograma, que olhemos para o céu que cobrem nossos tempos, e vejamos como nos guiaremos em nossas atividades por esses elementos da natureza.

o) *Frutos*<sup>38</sup>: De acordo com a denotação biológica, fruto é a parte fértil dos vegetais. Nossa vegetação amazônica origina frutos inimitáveis e incomparáveis, assim como nossas escolas e as pesquisas científicas que realizamos aqui, pelos próprios pesquisadores amazônidas, em especial, os paraenses.

Nosso solo é terra fértil e nossas pesquisas também. Não geramos apenas resultados, advindo de uma somatória de fatores de forma pronta e acabada. Originamos frutos que alimentam nossas pesquisas e também as que estão por vir. Frutos que, até mesmo, tendem a demorar para além do tempo da pesquisa findada, a aparecerem. Uma das características marcantes da pesquisa narrativa.

p) *Embarcações*<sup>39</sup> *teóricas*: Nossa história, gente e cultura se locomovem de diversas formas, porém, as embarcações são as mais características e presentes em nossas vidas amazônicas, porque os rios fazem parte de nós. Elas são as mais diversas possíveis, como canoa, rabeta, voadeira, catraia, lancha, balsa, obidense, recreio, navio, barco, etc. Cada um nos oferece uma experiência de viagem, e

---

<sup>38</sup> “Fruto: estrutura fértil dos vegetais que não se reproduzem por sementes; é ger. um receptáculo de esporos; frutificação” (Dicionário *on-line*).

<sup>39</sup> “Qualquer estrutura flutuante destinada ao transporte de pessoal e/ou carga” (Dicionário *on-line*).



mesmo que sejam parecidas, sempre tem algo que as diferencia. Seu objetivo principal é nos fazer chegar a algum lugar, de forma segura. Assim, são as referências que utilizamos durante a pesquisa. São as mais variadas possíveis, mas todas, nos ajudam a caminhar de forma segura pelas experiências.

Vivenciar este projeto experimental que foi criado para que criássemos os dados para construir nosso *podcast* de modo implicado e contextualizado, no primeiro vislumbre, foi como os respingos que emergem do encontro da força do navio com a água em um atrito impulsionador. Não conseguíamos pegá-los com nossas mãos, mas sentíamos cada respingo em nosso ser. Por menor que fosse, a presença deles era gritante. Esse projeto gritava por nós e nós gritávamos por ele.

Neste atrito impulsionador, ao observar e refletir sobre todas essas paisagens, aprendizagens, pessoas e sentimentos que avistava, lembrei-me da frase: *quando a vida se fizer pergunta, viver é a resposta*. Vivenciar esse projeto, construí-lo e ressignificá-lo junto com o coletivo de estudantes da graduação e professores alfabetizadores, chega até nós como balanço da maré na época de setembro: é forte, dá medo, mas nos deixa ainda mais próximos, fortes e experientes.

### 5.2.2 As narrativas que entoam um projeto experiencial

O que apresentamos a vocês não foi a ideia do que queríamos, foi o que vivemos. Construímos essa proposta a partir daquilo que nós pudemos de fato sentir na prática durante nossa vivência, aquilo que vemos pelos corredores da escola, ouvimos na hora do intervalo, e sentimentos no bater da campa. A escola nos disse. As crianças nos perguntaram. Os professores inquietaram. E nós fomos em busca. A qual aconteceu, principalmente, por meio de conversas.

Não tratamos nossos encontros como entrevistas ou mapeamento de dados, tratamos - o como conversar com alguém próximo a nós, mas com a curiosidade de conhecer algo sobre alguém que nos vimos pela primeira vez. Suárez (2017, p. 195, tradução nossa) nos diz que “conversar com um professor, ou com um grupo de professores, é um convite para ouvir histórias da escola. [...]”. Essas histórias da escola, dos seus autores, estão sendo contadas por nós, mas não foram escritas somente por nós.

Nosso intuito é justamente, com nossos encontros formativos enredados, trazer para a superfície destas águas, aquilo que de fato foi vivenciado entre as



paredes da sala de aula e os muros das escolas. Trazer os discursos sociais, afetivos e pedagógicos que permeiam essa escola e que muitas vezes não são ouvidos (ou não se dão a devida importância):

[...] Alguns destes discursos são oficiais: são ditos e escritos na linguagem técnica, supostamente objetiva, neutra, não afetada pela subjetividade, imposta pelas modalidades dominantes de governação educativa. Outras histórias, no entanto, são contadas, trocam e comunicam de perto as experiências que acontecem nas escolas e fazem parte de sua memória pedagógica silenciada. [...] (Suárez, 2017, p. 194, tradução nossa).

Memória pedagógica silenciada é uma vivência mais presente nas produções acadêmicas intelectuais do que possamos imaginar. Lembro-me uma vez, de ter minha memória silenciada, por outros e por mim, por simplesmente não seguir o padrão que deveria seguir o edital do projeto. E assim, aquilo que era totalmente autoral e identitário, precisei modificar para caber dentro de uma caixa, que infelizmente, metaforicamente, não estava preparada para ser um vaso, mesmo com mais de 60 anos de existência.

Trazemos nossas ilhargas<sup>40</sup> pedagógicas composta pelas vozes, experiências e saberes de nossas vivências. Nossas ilhargas pedagógicas são nós mesmos: professores em formação permanente (seja no período da graduação, da indução, da pós-graduação), crianças no processo de alfabetização, as famílias (responsáveis por um processo alfabetizador afetivo e potente) e a comunidade escolar (composta pela gente que está dentro da escola como o porteiro, a merendeira, a equipe da faxina, entre tanto outros. E aqueles que estão pelo lado de fora, que são afetados positivamente ou negativamente pelas práticas construídas neste chão. A seguir, mostramos a vocês então como nosso projeto está construído de forma geral e detalhada:

---

<sup>40</sup> “P. M. Ao lado, próximo” (Ladislau *et al.*, 2021, p. 22).



Figura 33 – Mapeamento geral da vivência dentro do projeto piloto da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Com isso, apresentamos a vocês a perspectiva dos encontros que tivemos durante esse processo de cocriação do projeto:

### 5.2.3 As narrativas que formam os encontros

Nestes encontros, que conceitualmente intitulamos de encontros formativos conforme Lucio (2016), são momentos em que as trocas de experiências acontecem entre nós. Permitimos que concepções e até certos enraizamentos educacionais sejam dialogados, modificados, questionados, não como invalidação, mas como permissão da presença do outro nessa construção.

Figura 34 – Mapa mental com os eixos do encontro formativo enredado



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

### Entremeio

A palavra entremeio vem ao nosso encontro dita pelas vozes de Clandinin e Connelly dentro da pesquisa Narrativa, fazendo referência ao qual é o lugar do (a) pesquisador(a) durante a pesquisa-experiência narrativa. Eles expressam:

Enquanto trabalhamos no espaço tridimensional da pesquisa narrativa, aprendemos a olhar para nós mesmos como sempre *no entremeio* - localizando em algum lugar ao longo das dimensões do tempo, do espaço, do pessoa e do social. Mas nos encontramos no entremeio também em outro sentido, isto é, encontramos-nos no meio de um conjunto de histórias- as nossas e as de outras pessoas (Clandinin; Connelly, 2015, p. 99).

Iniciamos nossas primeiras conversas trazendo as histórias de nós mesmas. E no decorrer da pesquisa fomos visitando e nos entremeando a outras histórias: da Ruth de Araruna, da Jaiara, dos estudantes da graduação, das professoras alfabetizadoras, das crianças e da escola de Aplicação da UFPA como um todo.

### Entre Alfabetizadoras

Concebemos enquanto guia deste projeto como um todo, que a formação na educação não acontece de forma horizontalizada. Especialmente no campo da alfabetização. Infelizmente, durante muito tempo, as formações feitas sobre alfabetização aconteciam e ainda acontecem de forma hierarquizada e elitista: Alguém, que tenha apenas a experiência do Ensino Superior, vem “formar” os professores da Educação Básica.

Elizabeth Orofino Lucio sempre nos provoca “o que será dos professores da Universidade sem os professores da Educação Básica? Ela, em sua tese, promulgou um conjunto de princípios para se viver a formação docente na alfabetização, e um deles, é a horizontalidade dos papéis (Lucio, 2016)<sup>41</sup>, que consideramos nesta pesquisa. E por isso, nadamos a favor da maré que achamos justa e coerente.

A formação não é *De e Para*, é *Com*, é *Entre* alfabetizadoras. Cada uma trazendo suas experiências, suas formações, o cenário que vivem, seja no Ensino Superior ou na Educação Básica, seja com o título de mestra ou título de doutora tem a contribuir com a formação dentro do campo da indução. Não queremos

<sup>41</sup> Tal princípio é visto primeiramente no projeto FALE Flor do Grão Pará (Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita) criado pela profa.dra. Elizabeth Orofino em 2017 vinculado ao Laboratório Sertão das Águas/UFPA.



igualar as instâncias de saberes e vivências, mas queremos equiparar as oportunidades para elas.

### Coletivos

Coletivo é uma palavra que nos circunda durante os caminhos que percorremos. Ouvimos várias frases utilizando a palavra em suas oralidades e suas escritas, mas sempre nos questionamos “o que de fato torna algo coletivo?”. De acordo com a denominação do dicionário. Coletivo significa “que abrange várias pessoas ou coisas. Que pertence a várias pessoas.” Abranger e pertencer, duas palavras que tentamos evidenciar em nossos encontros formativos. Abranger nos remete a outras palavras, como abraçar e acolher. Pertencer, nos remete a ser e estar.

Quando, enquanto pessoas autoras de um processo de formação individual e coletivo, nos percebemos segurando o que Daniel Munduruku diz ser “a ponta do fio da teia da vida”, compreendemos que os diversos contextos e pessoas, interferem em nosso processo de aprendizagem:

[...]. As pessoas são indivíduos e precisam ser entendidos como tal, mas eles não podem ser entendidos somente como indivíduos. Eles estão sempre em interação, sempre em um contexto social. [...] a aprendizagem individual de crianças quando também entendemos que a aprendizagem ocorre em meio a outras crianças, com um professor, em uma sala de aula, em uma comunidade e assim por diante (Clandinin; Connelly, 2015, p. 30).

Essa compreensão que os autores trazem corrobora com aquilo que, enquanto autoras-sujeitas desta pesquisa, também compreendemos. Esse coletivo é permeado por pessoas que são individuais, mas são coletivas. Aqui, concebemos que as formações são coletivas também, e por isso, a experienciamos desta forma.

### Alfabetizador

Durante nossas caminhadas pelos teóricos da alfabetização, nos encontramos as ideias inovadoras e consideradas por muitos de sua época, até anarquista do pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966). Eu, particularmente falando, fui apresentada a ele, pela primeira vez, nesse projeto.



Ao estudarmos sobre suas práticas educacionais para uma escola outra, de acordo com Lima, Fecchi e Castro (2021) ao revistar as obras do autor, evidenciam seus princípios baseados na cooperação, na livre expressão, no trabalho e na autonomia. Segundo eles:

Do seu lugar de professor, Freinet percebia a importância de viver uma sociedade outra no ambiente escolar, de fazer da escola um lugar potente de convivência com as diferenças, de desenvolvimento de saberes em cooperação, de trabalho significativo e desalienado (Lima; Fecchi; Castro, 2021, p.145).

Percebemos que para ele, a sociedade estava presente no espaço escolar, e não o contrário. Sermos cidadãos, então, é um dos nossos principais papéis na construção de nossas caminhadas. Por isso, a cooperação é um caráter tão importante para essa convivência de diferentes.

Sendo assim, professores em atuação e professores em processo de indução pedagógica, apesar de serem diferentes, necessitam trabalhar de forma colaborativa para que a sociedade seja outra dentro e fora da escola. Assim, escolhemos para esse momento de planejamento pedagógico que acontecia entre as professoras alfabetizadoras e os estudantes no contraturno, visando às melhorias das ações educativas, como encontro alfabetizador.

Aquele que alfabetiza também está sendo alfabetizado. Aquele que forma, também está sendo formado. Esses autores-sujeitos, de forma colaborativa, estavam sendo alfabetizados uns pelos outros, com as trocas que teciam durante as aulas e pós aula. O ambiente, a realidade, o contexto também é o alfabetizador do processo.

### **Brincar**

No decorrer do processo de aprendizagem que se constrói especialmente no período da alfabetização, todos os sujeitos envolvidos chegam até a escola com seus discursos. E é justamente, no momento da aprendizagem educativa, que eles se encontram. Todos ao mesmo tempo, em ritmos diferentes.

Esse encontro muitas vezes se torna um desencontro, porque apoiados por aquilo que acreditamos, de certa forma, acabamos por querer priorizar o nosso discurso em cima do outro. Conflitos são gerados. Soluções precisam ser construídas.



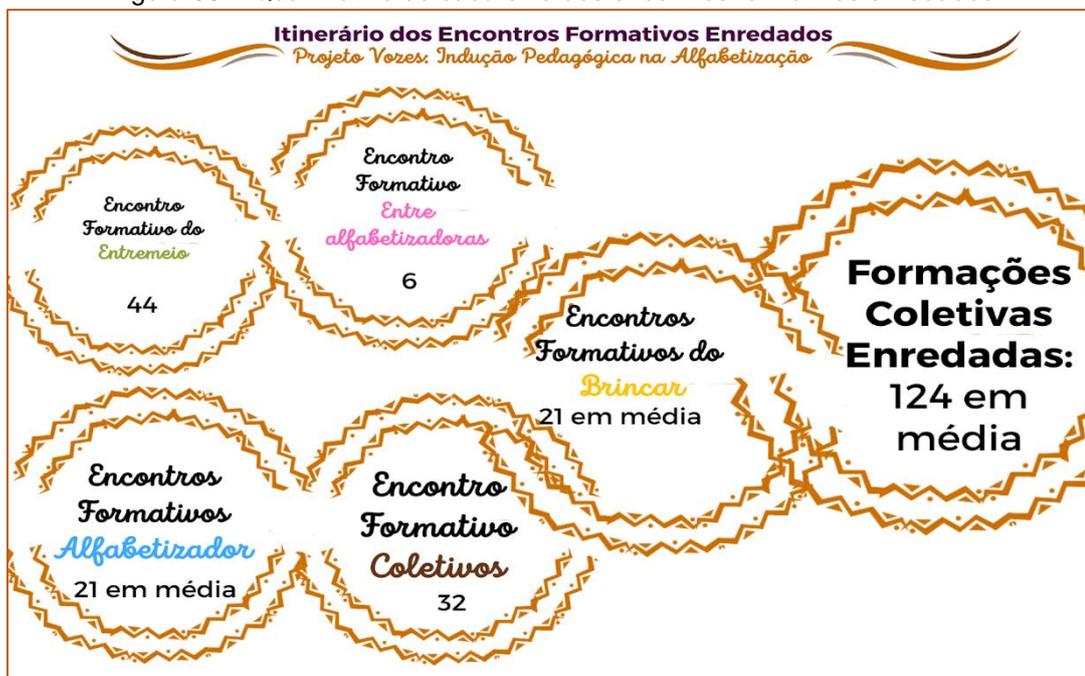
Assim, precisamos dialogar sobre nossos próprios discursos e modos de dizer, pois compreendemos que a alfabetização como processo discursivo, necessita de um trabalho pedagógico que favoreça a oralidade de nossos dizeres, a leitura e a escrita do que pensamos na sociedade, e evidencie a criança como um sujeito de discurso (Smolka, 2012).

E este último ponto, é o principal que nós precisamos considerar em nosso trabalho. A criança dialoga. A criança diz. Criança é discurso. E sua forma mais autoral e genuína de se comunicar é por meio do brincar. Onde a vida no processo de alfabetização pulsa de várias formas.

Durante a brincadeira, negociações de fala e desejos são expostos e atendidos, ou aguardados, é o momento de interação mais evidente da criança com o meio e com os seus. Aqui, estudantes e professores encontram-se com os dizeres das crianças e juntos constroem aqueles que chamamos de nossos.

No apêndice tu podes visualizar um resumo de cada encontro por mês durante a pesquisa-experiência (Clandinin; Connelly, 2015). Encontros que dentro dessa pesquisa, nos resultaram o seguinte céu:

Figura 35 – Quantitativo de cada eixo dos encontros formativos enredados



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Diante de todo o cenário que nos conectou e nos enredou ao longo desses 124 encontros formativos enredados vivenciados, quiséramos nós podermos falar minuciosamente aqui sobre todos. Mas o tempo e nossas mãos não nos permitem.

Fiquei me perguntando quais destes encontros iríamos conversar contigo e percebi que isso não seria tarefa fácil, como certamente não foi para a alfabetizadora Ruth de Araruna quando escrevia suas cartas a seus familiares contando como estava e o que aconteceu durante todo aqueles meses de uma carta para a outra. Escolha que não é fácil, mas que flui, porque quando paramos para sentir e pensar, em nossa mente vem aquilo que nos tocou e nos atravessou diante de todas essas vivências. A experiência para nós será aquilo que nos marcou, como diz Larrosa (2002).

Por isso, contarei em forma de alguns causos para vocês os encontros formativos que viraram experiência para nós. No Pará, especialmente por seus interiores, os caboclos usam a palavra *causo* quando querem contar algo às pessoas. Eu, que cresci ouvindo milhares deles, como boa neta da Ilha do Marajó, tenho causos forjadas na mente, no sangue e na ponta da língua.

Causos para nós, paraenses, significa “caso, fato, anedota<sup>42</sup>” ou seja, é um acontecimento que merece ser contado para que outros possam vivenciar a história por meio de nós. Quem conta, conta porque sabe, porque viu, ou porque ouviu.

### **5.3 Causo 1 – a vivência poronga e as conversas sem fim da entrevista**

Já era tarde da noite quando comecei a organizar os documentos que estavam em cima da minha mesa de trabalho. Parecia que ela era tudo, menos uma mesa de trabalho. Me perguntei, enquanto organizava papel por papel, como conseguia ter tanto papel. Essa palavra, papel, não saía da minha mente e das minhas mãos.

Começou a chover e o frio tomou conta do meu apartamento. Quando me toquei da hora, já havia passado o horário combinado com a professora Elizabeth de conversarmos sobre como foram as rodas formativas nas entrevistas com os estudantes e com as professoras. Liguei o computador e lá no meu *WhatsApp* já estava uma foto dela na sala do *google* com a seguinte frase: “ te aguardando”. Minha Nossa Senhora de Nazaré! Não tinham nem cinco minutos, e senti como se já

---

<sup>42</sup> Disponível em: <https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>. Acesso em: 05 fev. 2024.



tivesse atrasado por horas. Acessei, com o rosto mais breado possível, sorri e ela sorri de volta. Iniciei nossa conversa dizendo:

– *Oi profa, boa noite. Desculpe o atraso, estava organizando meus papéis. Mas já estou aqui. Vamos lá.*

E antes que terminasse a frase, um estrondo: tinha sido um raio seguido de um trovão. Isso nunca me causa uma sensação boa na hora, minha avó sempre nos ensinou a cobrir todos os espelhos em casa e a desligar tudo que fosse possível, nem mexer em nenhum tipo de aparelho eletrônico. E lá estava lá eu, de frente para um computador. Não sabia se era corajosa ou se apenas desafiava o sábio ensinamento de minha avó. Pensei por alguns segundos. Então resolvi continuar a conversa. Até que meus pensamentos foram interrompidos pela fala da professora:

– *Olá, minha querida, tudo bem? Prometo que não vamos demorar muito, esse tempo deixa a gente receoso né? Só que tinha que ser agora, precisamos dar conta disso logo e seguirmos. Como você tá? Tem se alimentado direito? Conseguiu jantar no Restaurante Universitário?*

– *Tudo bem, profa, não consegui. Mas já estou alimentada.*

– *Graças a Deus!*

– *Mas sim profa, deixa eu lhe falar antes que eu esqueça: Eu sempre gosto muito de ler um livro para as crianças chamado “As incríveis Histórias do Caboclo no Pará”, de Walcyr Monteiro (2011). No livro tem um trecho que diz o seguinte:*

Tempos atrás, nos meados do século XX, o radialista Almirante (Henrique Foréis Domingues) espantou o Brasil, via Rádio Nacional, contando um grande repertório de estórias incríveis, fantásticas e extraordinárias. Antes da era da globalização, antecipou, nos primeiros ensaios da mídia, o processo massificador dos valores culturais. Ele recebia de todo o Brasil, relatos que transformava em textos, por vezes dramatizados, que prendiam os ouvintes ganhando enorme audiência que então se media pelas cartas e telegramas, comunicações diretas, na época a melhor avaliação e verificação de sucesso (Salles, 1998).



– *Profa, fiquei imaginando aqui como poderemos, por meio do nosso trabalho, dessa conexão com a rádio e nossas histórias, propagarmos e levarmos ainda mais longe os saberes que estamos construindo, de modo coletivo. Levamos ao mundo os nossos causos. Por isso o que vivenciamos nas rodas de entrevista me tocou tanto: recebemos histórias de muita gente, inclusive pelas suas cartas de intenção. Ouvimos seus relatos, escutamos seus nomes e seus desejos. Foi fascinante! Quero que nosso modo de ensinar e aprender, dentro da Região, também seja ouvido por outras pessoas. Que nossos modos de formar um professor alfabetizador na Amazônia viva também sejam ouvidos. Que nossas vozes amazônidas estejam nas casas de outras pessoas.*

– *Por acreditar que isso é possível, é que estamos aqui, minha querida!*

### 5.3.1 A roda da entrevista formativa com os estudantes

Naquele momento então, passamos a prosear mais ainda sobre isso. Relembramos como iniciamos nosso planejamento. Como vocês não ainda não sabem, é óbvio que não deixaria de lhes contar: em setembro de 2022 iniciamos nosso planejamento prévio para a realização da nossa pesquisa-experiência, e como primeiro ponto de partida, conversamos que trabalharíamos dentro de uma perspectiva de encontros formativos.

Para início, fizemos um card para divulgar este convite, o qual foi idealizado com cores atrativas e lembrando o design de jogos, algo que estivesse mais próximo ao interesse dos estudantes. Divulgamos nas redes sociais, em grupos de *WhatsApp*, nas salas de blocos de aula pela UFPA. Depois começamos a pensar mais diretamente sobre o primeiro encontro formativo: a roda da entrevista formativa. Dialogamos e construímos as bases para que essa entrevista acontecesse de forma mais discursiva possível, e como pontos importantes, tínhamos que compreender o contexto sob o qual estaríamos imersos. Foram três dias de entrevistas no mês de outubro de 2022, sendo 2 destinados ao grupo de estudantes de pedagogia e letras, e o último às professoras alfabetizadoras da EAUFPA.

Naquele período, já havíamos decidido que seria na alfabetização da Escola de Aplicação, pois de acordo com a pesquisa que realizamos em acervos da COPEX – Coordenação de Pesquisa, Ensino e Extensão da EAUFPA, em conversas



com docentes mais antigos, com a direção e secretaria geral da escola, e nos eventos do SICEA – Seminário Nacional de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação, esta seria a primeira vez que um projeto de indução pedagógica na alfabetização seria vivenciado ali.

Assim, os estudantes de pedagogia que tivessem interesse, poderiam sinalizar nas suas cartas de intenção para onde gostariam de ir: para a EAUFPA (Alfabetização), para a Wilson Bahia (Educação Infantil). Para os estudantes de Letras, só havia uma opção da Jarbas Passarinho (Ensino Médio). Ponto que levamos com muita consideração e que faz parte do nosso projeto: ouvir as vozes dos sujeitos.

Mas sim, continuando, nosso ponto de partida e primeiro contato com os estudantes da graduação iria acontecer de forma interdisciplinar, agregando o curso de Letras e de Pedagogia, por se tratar da base do projeto Saberes Tecidos em escritas e leituras: projeto interdisciplinar, apresentado anteriormente.

E mesmo que nossos autores-sujeitos fossem apenas do curso de pedagogia que tivessem interesse em participar do projeto na alfabetização, aproveitamos esse momento para dialogar com eles as várias interlocuções que permeiam a vivência escolar e o processo de alfabetização, afinal, na escola, nos encontramos com diversas formações.

Assim, para fundamentar essa interlocução e interação, trazemos em nossa roda o filósofo e linguístico russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, com o caráter de dialogismo e alteridade. Minha consciência sobre mim se forma também no diálogo com o outro e na interação com o meio, por meio do princípio da escuta ativa. Para além disso, nos apoiamos na concepção de alteridade do autor, onde eu me constituo na relação com o outro.

Dentro desta perspectiva bakhtiana, temos os seguintes objetivos:

[...] identificar pontos de vista dos entrevistados; reconhecer aspectos polêmicos (a respeito de que não há concordância); provocar o debate entre os participantes, estimular as pessoas a tomarem consciência de sua situação e condição e a pensarem criticamente sobre elas [...] (Kramer, 2007, p. 66).

Uma tomada de consciência crítica de si e da situação, em uma espécie de objetivar o eu e a vida foi o que pretendemos na entrevista, sem ignorar o humano e sem ignorar a seleção. Também nos debruçamos também em Thompson



(2002, p. 258) quando nos diz que em “[...] uma entrevista deve ser revelar as fontes do viés, fundamentais para a compreensão social [...]. Por isso, as perguntas são fontes importantíssimas”. Perguntas aqui alicerçadas não como coleta ou geradores de dados, mas como fontes de conhecimento sobre o outro e contextualização da realidade do outro.

Desta forma, construímos cinco perguntas norteadoras e impulsionadoras nos seguintes momentos:

Quadro 4 – Organização da entrevista por meio de perguntas

MOMENTO	NATUREZA	PERGUNTAS
1º momento	Apresentação	<i>De antemão, vocês tem alguma dúvida ou comentário que gostariam de iniciar sobre o encontro?</i>
2º momento	Individual	<i>a) Como vocês chegaram até o curso de pedagogia ou letras? b) Como vocês chegam até essa entrevista? Quais pensamentos, sentimentos e opiniões ressoam em vocês?</i>
3º momento	Interdisciplinar	<i>c) Vocês sabem o nome do projeto? O que chama a atenção de vocês no nome do projeto? d) O que vocês esperam desse primeiro encontro com o trabalho na escola?</i>
4º momento	Específica (por curso)	<i>e) Como vocês esperam contribuir com o projeto?</i>
5º momento	Até logo	Agradecimento e momento de conversa livre sobre informações.

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Todos os momentos trouxeram para nós aprendizagens diferenciadas, mas queremos destacar para vocês o 4º, tendo em vista que ele trouxe um debate aflorado, democrático e participativo durante a entrevistas.

- 4º momento: Natureza específica (por curso)

No quarto e penúltimo momento, integramos eles agora por curso. Então formou-se um grande grupo de letras e um grande grupo de pedagogia. Nesta última parte, criaram uma nuvem de palavras, com a quantidade e formato que escolhessem para representar suas escritas sobre a pergunta “e) *Como vocês esperam contribuir com o projeto?*”. Mas, quando cada um escolhesse sua palavra,



deveria dizer em voz alta para todos explicando o porquê da escola, se todo o grupo ou maioria concordasse, a palavra entraria.

Abaixo, por se tratar de dois dias, foram construídas três nuvens de palavras: uma do curso de Letras (no primeiro dia) e duas do curso de pedagogia (uma no primeiro dia e outra no segundo dia). O grupo de estudantes de pedagogia do primeiro foi diferente do grupo de estudantes do segundo dia.

As três nuvens trazem muitas reflexões, porém, como nosso foco são os autores-sujeitos do curso de pedagogia, não refletimos sobre a nuvem do curso de Letras minuciosamente. Sendo assim, escolhemos a nuvem que mais chamou nossa atenção, a qual foi a do primeiro dia elaborada pelo grupo de pedagogia.

Inovação, recursos, criatividade, vontade, ludicidade, planejamento, habilidades, paciência, desenvolvimento, estímulo, aprendizagens, dedicação e diálogo povoam esta nuvem. Neste grupo, eles escolheram primeiro a quantidade de palavras, depois o formato, e depois as palavras. Teve um líder, o qual a medida que cada um ia falando, ela ia escrevendo e controlava o tempo de fala para cada um, para que assim todos pudessem se manifestar.

Aqui, em especial, o debate foi bem intenso. Pois, cada um defende sua palavra como se estivesse defendendo algo muito precioso. Percebemos que não se tratava “apenas” de uma palavra, se trata de histórias, de aprendizagens, que fazem parte de uma formação pessoal e profissional deles, como um dos estudantes mencionou.

Na palavra *aprendizagens* houve um debate, pois, a priori a entrevistada tinha escolhido *aprendizagem*. O que para o grupo, seria o mais adequado, pois dentro da escola, aprendemos várias coisas, em vários momentos com várias pessoas. Especialmente na alfabetização.

*Inovação e criatividade* apareceram juntas no primeiro momento, pois para a estudante, não havia separação entre elas. Mas o grupo opinou que mesmo interligadas, ambas tinham seu espaço. Por isso, decidiram colocá-las separadas. ]

E por fim, destacamos a palavra *diálogo*, que para eles não está no final da nuvem, e sim no início. Essa inclusive foi a palavra que pensaram juntos em escrever na nuvem, pois para eles, toda base do processo de ensino-aprendizagem requer diálogo.

Com isso, percebemos pontos semelhantes no que Kramer (2007, p. 75) conclui sobre as entrevistas coletivas que fizera:



[...] (i) as narrativas sobre histórias de formação são mais densas e substanciais; (iii) os relatos parecem mais autênticos, porque as demonstrações de vaidade pessoal ou as intenções de impressionar o entrevistador desaparecem diante do grupo; (iv) as pessoas aprendem umas com a experiência das outras e descobrem situações, problemas, iniciativas e realidades que nunca antes puderam imaginar existir [...].

Estes três pontos foram evidenciados por nós no decorrer de toda a entrevista. No início, percebemos olhares desconfiados uns com os outros, pois acreditavam que seria uma entrevista individual. A maioria se sentiu bem à vontade e com vontade de falar sobre suas experiências formativas, mesmo aqueles que tinham mais timidez. E as reações esboçadas por eles, no diálogo uns com os outros, ouvindo sobre as histórias, expressam atenção, surpresa e admiração pelo que ouviam.

De fato, esta entrevista foi concebida por nós como um momento formativo para ser vivenciado entre os autores-sujeitos e nós. As respostas que emergiram desta troca foram as mais diversas possíveis, mas, ao nosso olhar, a que mais marcou foi quando iniciaram o debate sobre o que era experiência. Um dos estudantes disse que gostaria de entrar no projeto para ter experiência e outros disseram que gostariam de somar suas experiências ao projeto. Então algumas perguntas se formaram:

Quadro 5 – Trechos das vozes durante a entrevista (diálogo)

Nº	Trechos das vozes durante a entrevista (diálogo)
1	<p>– <i>Mas como eu vou contribuir com minha experiência se eu quero entrar no projeto justamente pra ter experiência? (estudante 1)</i></p> <p>– <i>Mas e tudo que tu já viveste, não te trouxe nenhuma experiência? Eu não concordo, acho que uma coisa é ter experiência em uma área da vida, isso não significa que vai me dar experiência para outras áreas, não é mesmo? (estudante 2)</i></p> <p><i>Então do que adianta a gente ir vivendo as coisas se ao final só poderemos contar o que foi experiência em caso? (estudante 1)</i></p> <p>– <i>O que cabe dentro da experiência?” (Jessika)</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

O debate seguiu com os grupos interagindo entre si, e a estudante permaneceu defendendo sua ideia de que o fato dela ter experiência e querer contribuir com isso, não significava que ela precisa menos do que os outros que julgavam não ter experiência no projeto. Pelo contrário, o que aparentava naquela situação era que ela estava tendo de mostrar que independentemente de onde estamos, eles também tinham sim suas experiências para somar. Ela lembrou:



Quadro 6 – Trechos das vozes durante a entrevista (diálogo)

Nº	Trechos das vozes (diálogo)
2	– Teve um grupo ali que disse assim nas perguntas anteriores “À luz da nossa interação, compreendemos que tecido tem a ideia de construção, de tessitura em linhas, o que dialoga com o processo de ensino-aprendizagem, posto que ele não se realiza sozinho mas envolve várias “linhas”, as quais abrangem o professor, o aluno, a estrutura familiar, a infraestrutura escolar, a metodologia de ensino e toda a realidade que o cerca. (Grupo 2 - Tecido e interdisciplinaridade). Eu acredito que sou uma dessas linhas e que posso contribuir com o que sei e com o que vou aprender.

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Ao analisarmos essa fala, concebemos então, que essa integração dialógica, que ao nosso olhar, partindo das próprias palavras deles, envolve “várias “linhas”, as quais abrangem o professor, o aluno, a estrutura familiar, a infraestrutura escolar, a metodologia de ensino e toda a realidade que o cerca.”. Percebemos aqui uma visão holística deste processo de aprendizagem, onde compreendemos [...] “que vale a pena atuar junto, dividir com o outro, ter um espaço para expor diferentes pontos de vista” (Kramer, 2007, p. 74). Essa é forma plural que encontramos na escola.

Estas perguntas não somente quiseram encontrar respostas individuais, mas sim, fazê-los refletir a partir da fala de cada um: “como entender o outro? Por que ele age dessa maneira?” (Amorim, 2001). Pensamentos que fazem o outro sair do seu lugar e conhecer o lugar do outro, não em forma de julgamento, mas em forma de compreensão, de proximidade.

Um momento que é individual também é coletivo. O que da vida do outro eu também encontro na minha? O da vida do outro é estranho a minha? E como podemos aprender juntos com elas? são reflexões que nos propomos a fazer durante essa escuta ativa, compreensiva e próxima entre eles.

Abaixo, temos o registro fotográfico do momento das duas entrevistas, que de forma distintas, marcaram nossas atividades naqueles dias.



Fotografia 32 – Encontro formativo durante a entrevista na UFPA



Fonte: Acervo pessoal da autora deste trabalho, Jessika Assiz (2022).

Não chegamos a uma resposta definitiva, mas conseguimos construir significados coletivos e individuais.

### 5.3.2 A roda da entrevista formativa com as alfabetizadoras

Aprender com a experiência de vida do outro pode nos marcar tanto quanto a nossa própria. Foi exatamente isso que sentimos ao ouvir as histórias de duas professoras alfabetizadoras da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará que receberiam e formariam esses estudantes. No primeiro momento, fizemos o acolhimento semelhante aos graduandos, incluindo o termo de autorização.

Preferimos fazer a entrevista com elas em sua própria escola, dentro de uma sala de aula, visto que este é um ambiente formativo potente dentro da alfabetização como já dizia Freinet. Este espaço da sala de aula, que houve e constrói muitas histórias, especialmente das crianças e de seus docentes. Esse espaço que acolhe tantas memórias, queríamos que também acolhesse a memória e história destas duas alfabetizadoras. Somado a isto, por esse ser o principal espaço formativo do projeto e a imersão na realidade do contexto escolar é um dos pilares deste nosso projeto de indução pedagógica na alfabetização.

A roda formativa com as professoras aconteceu em outro momento, e apenas com elas e nós. Nosso cuidado também estava relacionado ao que viveríamos ali. De acordo com Kramer (2007, p. 34-35):

[...] a entrevista no âmbito da pesquisa qualitativa de cunho sócio-histórico tem a particularidade de ser compreendida como uma produção de

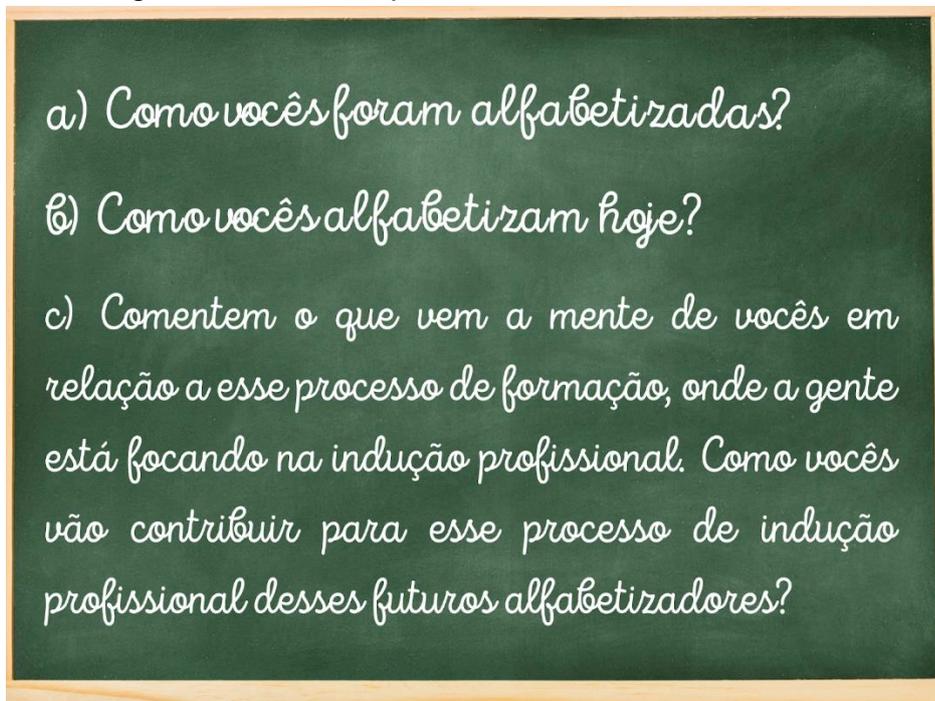


linguagem. A entrevista acontece entre duas ou mais pessoas: entrevistador e entrevistado (s) numa situação de interação verbal e tem como objetivo a mútua compreensão. [...] De fato, o que constitui um enunciado é justamente o fato de dirigir-se a alguém e de estar voltado para o seu destinatário. Na situação da entrevista compreender ativamente o enunciado de outrem significa orientar-se para o outro [...].

Queríamos para além de ouvi-las irmos em direção a elas, as suas subjetividades, suas formas de se expressar, compreender ativamente o que compartilhariam conosco. Um enunciado repleto de vida e marcas, que as constituírem como pessoas e como professoras.

A princípio, compreendemos que as professoras, com suas marcas e histórias de vida também povoam suas práticas pedagógicas durante o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização. Processo, que ao nosso entendimento, está permeado por memórias, que mesmo de forma inconsciente, em muitas situações acabam por vir à tona sem que possamos entender o sentido exato da sua presença. Assim, construímos estas três perguntas para orientar nessa constituição:

Figura 36 – Perguntas realizadas para as alfabetizadoras durante as entrevistas



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Por fazer uma entrevista em tom de conversa mesmo, não estipulamos tempo nem direcionamos momentos. À medida que elas iam falando, elas mesmas tinham



o tino de encerrar sua fala para seguirmos com as perguntas. Elas também falavam na ordem que queriam, uma era primeira, depois era a outra. E assim seguiam o fluxo.

Como as falas foram bem extensas, traremos trechos que nos chamaram a atenção e comentaremos sobre eles. É importante destacar aqui que estamos com duas pessoas. Com histórias e modos de se expressar diferente. Ao final dos relatos, soltaremos nossas vozes para que encontrem com as vozes das alfabetizadoras:

a) Como vocês foram alfabetizadas?

Quadro 7 – Trechos das vozes das alfabetizadoras

Nº	Trechos das vozes das alfabetizadoras (pergunta a)
3	<p><i>“Eu fui alfabetizada nas cartilhas de alfabetização [...] Era muito comum que as crianças já fossem para a escola sabendo ter esse contato inicial com as letras, era bem fragmentado, era como se fosse um degrau, ‘a escada da leitura: a letra, a sílaba, a palavra, a frase e o texto’. Mas eu lembro que achava bem chato, muito repetitivo. A minha mãe me disse que ela perguntava onde estava a letra, apontando, e eu dizia ‘ah, tá por aí, mãe’, apesar de eu ter aprendido a ler cedo, com 4 anos. Na época a Educação infantil era mais precarizada a oferta, e eu não tive acesso a ela. Já iniciei no Ensino Fundamental.” (alfabetizadora L.P)</i></p>
4	<p><i>“Bom, essa pergunta mexe muito comigo, porque eu não tive a oportunidade de ser alfabetizada. Com 1 ano de idade minha mãe teve que me levar para morar no interior com um tio meu, para ela poder trabalhar na cidade. Minha mãe é empregada doméstica. E eu morei de 1 ano até os 5 anos, depois fui morar com minha mãe dos 5 pro 6 anos. É justamente nessa idade que a criança passa pela pré-escola. Então com 7 anos a minha mãe me matriculou em uma escola pública e eu fui pra primeira série sem saber nada, sem ter e fazer leitura de mundo. [...] Então eu sempre fui uma criança muito retraída, sentia muita dificuldade na sala de aula e por conta disso eu expressa isso no meu comportamento: muito sapeca em sala, dava muito trabalho aos professores. E na segunda série eu tive que repetir de ano porque não me apropriei no Sistema de escrita alfabética. Ou seja, da primeira para segunda eu passei sem saber ler e escrever. Eu me lembro que ela me colocou na aula de reforço e nessa aula de reforço eu aprendi a ler. Eu me lembro da professora me ensinando as letras no método tradicional de ensino, mas pra mim aquilo era tão maravilhoso que marcou pra mim. A minha professora de reforço marcou meu processo de alfabetização porque era na casa dela, tinha todo aquele ambiente familiar, eu lembro dela no final da tarde da café com batata doce pra gente merendar. Então da escola, infelizmente, eu não tenho boas recordações. Eu lembro inclusive de na primeira série uma professora me causar um trauma muito grande porque eu fui levar o caderno pra ela ver o que eu tinha escrito e ela me envergonhou na frente da turma. Disse que a minha letra tava muito feia, que eu tinha que melhorar. Enfim, isso marcou. Eu tenho trauma desse meu período de infância porque eu não fui alfabetizada. E hoje como professora alfabetizadora eu aprendo muito com as minhas crianças. Eu aprendi muito com essa minha história de vida, eu procuro não reproduzir na sala de aula esse trauma vivido na infância, não quero que eles sintam o que eu senti.” (alfabetizadora N.P)</i></p>

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Ao ouvir e ouvir novamente, me emocionei como se tivesse os ouvindo pela primeira vez. As respostas que ambas compartilharam expressam marcas desse processo de forma similar e peculiar. Mas o que podemos dizer, é que revisitar



essas memórias mostra que para as duas professoras, foi um período marcante. O que torna, para mim, ao ouvi-las, também marcante.

Clandinin e Connelly (2015, p. 107) enfatizam que nesse movimento dentro do espaço tridimensional, “relembramos histórias passadas que influenciam nossas perspectivas presentes através de um movimento flexível, que considera o subjetivo e o social e que os situam em um dado contexto. Essas memórias não vagam pelo espaço e nem se perdem dentro dele, a marca desse processo ainda é viva no tempo atual.

Percebemos que existem pontos em comuns e peculiares para elas durante essa vivência. No ponto em comum, temos o fato de que, independentemente de como tenha sido ou não tenha sido, esse período da alfabetização marcou suas vidas.

A mãe, inclusive, é figura importante para elas. Trazidas à tona nesse processo, as mães desempenham um papel de, talvez possa assim dizer, validadoras dessa história e contribuidoras desse processo, porque mesmo que as mães não se lembrem, as duas professoras se lembram do que aconteceu, afinal, a experiência desse processo foi o que lhes marcou porque elas vivenciaram mais de perto. E ao ouvir a devolutiva negativa das mães que não se lembram, reafirmam que elas se lembram.

Ambas não participaram da Educação Infantil e foram direto para o Ensino Fundamental, um fato que trouxeram à tona durante suas falas. O que para elas, também teve sua influência, de modo negativo podemos dizer, que interferiu nesse processo de alfabetização. L.P tinha, aparentemente, uma estrutura melhor para aprender durante a alfabetização, mas isso não foi o suficiente para garantir que esse processo fosse mais fácil e atrativo. Aprendeu pelo método das cartilhas que, na sua individualidade de aprendente, era chato.

E N.P, sem ter as condições estruturais financeiras para isso, também não viveu esse processo de forma fácil, ou melhor, nem viveu esse processo, pois como fala, ela não foi alfabetizada pela escola. E sim pela sua professora de reforço, onde o ambiente alfabetizador de lá, contribuiu para seu processo. Não somente o contexto, mas como ambiente alfabetizador interferem em nossos processos educativos.

E o contexto, interfere também como enxergamos e lidamos com certos processos. Por exemplo, L.P era ensinada pelos métodos tradicionais e achava



aquilo extremamente chato e totalmente desmotivador. Já N.P, que não teve a oportunidade anterior de se alfabetizar, quando teve, mesmo que fossem pelos métodos tradicionais, achava aquilo fascinante.

Narrativas que nos remetem que “na construção de narrativa de experiências vividas, há um processo reflexivo entre o viver, contar, reviver e recontar de uma história de vida” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 108). Não consigo aqui narrar detalhadamente como os corpos das professoras se motivaram à medida que iam lembrar esse contar, o que sentia e como expressam, mas percebemos que todo seu ser, revivia junto com elas aquelas histórias.

Assim, podemos perceber com essa e as demais perguntas que virão a seguir, o que Clandinin e Connelly (2015, p. 85) chamam de as quatro direções de qualquer investigação:

[...] focando no que designamos de as quatro direções de qualquer investigação: introspectiva, extrospectiva, retrospectiva, prospectiva. Por introspectiva, queremos dizer em direção às condições internas, tais como sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais. Por extrospectiva, referimo-nos às condições existenciais, isto é, o meio ambiente. Por retrospectiva e prospectiva, referimo-nos à temporalidade-passado, presente e futuro. Escrevemos que experienciar uma experiência-isto é, pesquisar sobre uma experiência- é experienciá-la simultaneamente nessas quatro direções, fazendo perguntas que apontam para cada um desses caminhos. [...].

N.P, em específico, em uma pergunta sobre seu passado, traz o seu presente ao narrar que hoje tenta não reproduzir o que viveu na escola com aquela professora em particular que falou sobre sua letra, com as crianças de suas turmas.

Pois enfatizou que hoje, ela aprende com as crianças nesse processo de ser alfabetizadora, e que não se esquece de quem lhe alfabetizou servindo as letras com café e batata doce. Foi assim, que ela aprendeu a ler.

b) Como vocês alfabetizam hoje?

Quadro 8 – Trechos das vozes das alfabetizadoras (pergunta b)

Nº	Trechos das vozes das alfabetizadoras (pergunta b)
5	<p><i>“Hoje eu alfabetizo muito por meio da leitura diária de textos, de diversos gêneros textuais, e eu gosto de iniciar o nosso primeiro momento fazendo a leitura de um livro, de uma história. E essa leitura nem sempre é feita por mim, a gente faz tipo uma rodada: eu inicio, e depois outros alunos vão lendo, ele levam o livro pra casa e retornam. E no início do ano também é interessante porque como é criança do 1º ano, de seis anos né, eles ficam com aquele medo ‘tia, eu não sei ler, eu vou levar o livro pra casa eu não sei ler, o que eu vou fazer?’.</i></p> <p><i>‘A primeira coisa é que todo mundo tá aprendendo, eu também tô aprendendo outras coisas e tô aprendendo também com vocês. E a leitura de um livro ela é feita também por meio das</i></p>



	<p><i>imagens, então a gente pode entender que nessa etapa, a gente tá lendo as imagens'. [...] E aí a gente tem um espaço que a gente organizou junto, e ainda tem isso, eu gosto de organizar com as crianças, esse processo de escolher o livro pra levar, os brinquedos como a gente organiza, a sala a gente tinha organizado de um lado depois foi para o outro. Então é muito nesse processo. [...] E aí eu lembro que quando eu entrei como professora do 1º ano em 2009, recém concursada, eu não tive prazer, eu tive angústia demais, porque eu não sabia o que aquele aluno que escrevia só rabisco queria dizer [...] E a reflexão que eu fiz é que eu tava reproduzindo a forma de alfabetizar que eu fui alfabetizada. [...] E aí foi quando eu fiz um curso de letramento e formação de professores na UEPA que me ajudou bastante a entender essa leitura a partir dos gêneros textuais, não que eu vá descartar a sílaba, mas hoje eu não vou trabalhar a silabário do B, do C, do D, não menosprezo porque eu acho que isso também tem um valor mas eu gosto muito de trazer o significado, que faça sentido.” (alfabetizadora L.P)</i></p>
6	<p><i>“Esse ano de 2022 eu estou lotada no 3º ano, mas em 2023 pretendo ir para o 1º ano novamente. E cada ano tem suas especificidades desse processo de alfabetização. No 1º ano, eu lembro quando cheguei aqui, eu já vim com essa ideia do texto, porque eu não acredito em coincidência, mas a minha monografia da educação foi sobre leitura e escrita mas na educação infantil. A gente trabalhava com sequência didática, então a gente passou a incluir os textos porque como uma sugestão minha, e eu lembro da fala de uma professora que disse ‘mas Nadia, eles não sabem ler’, a professora falou isso na época que tava lotada comigo. E eu disse ‘pois é, eles ainda não sabem o ler o texto, mas a gente lê para eles, eles vão compreender, nós vamos ser os leitores, os escribas deles, vamos escrever os textos para eles, porque eles produzem textos orais’. E no primeiro bimestre a gente seguiu a temática brincadeira que surgiu das crianças porque na época dos encontros educativos on-line elas sinalizaram que querem retornar pra brincar na escola, pra ter esse acolhimento mais envolvente, que oportunizassem esse brincar livre. Então a partir do tema a gente vai buscar uma literatura. [...] A partir desse livro eu levei eles para área livre, para observarem as nuvens do céu logo no início da manhã. Então nesse dia foi meio que espontâneo, eu senti vontade, porque quando eu era criança eu gostava muito de imaginar as nuvens pelo céu. Então eu disse ‘bora fazer que nem o menino rico faz? que brinca com as nuvens do céu’. ‘Brincar com as nuvens do céu, como assim tia?’. ‘Vocês nunca brincaram com as nuvens do céu? vou já ensinar pra vocês’. Então é muito voltado para o texto né, onde a criança reflete sobre os sentidos das palavras, dos significados, brinca com a linguagem, muito baseado também nas leituras que a gente faz no grupo de pesquisa sobre a perspectiva discursiva de Smolka, o GEPASEA, então a gente tenta trazer, se aventurar a trabalhar numa perspectiva discursiva apesar de muita insegurança, porque a gente sempre tem aquela ideia de que precisa de uma receita, e não existe receita para alfabetizar, com o tempo a gente vai aprendendo isso. [...]” (alfabetizadora, N.P)</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Ao perguntarmos “como vocês alfabetizam hoje” não significa que estamos à procura de respostas certas ou erradas, ou então em busca de receitas que deram para replicarmos nos contextos escolares. Ao ouvirmos as professoras queremos refletir sobre os processos que envolvem as práticas alfabetizadoras, expandindo nossos conhecimentos, enquanto leitores e professores, sobre este processo multifacetado. Smolka (2012, p. 11-12) nos diz que :

[...] O foco das discussões se deslocou de uma preocupação mais circunscrita aos métodos de ensino e aos processos de aprendizagem das crianças para as práticas de letramento, a história da alfabetização, da leitura e da escrita. Esse deslocamento, por sua vez, pode ser tomado como indicativo da necessidade de compreender as especificidades dessas práticas no bojo das mudanças historicamente produzidas, em face do



desenvolvimento das chamadas novas tecnologias; e indicativo também da importância de se conhecer, objetivar e analisar as implicações e as novas condições que essas tecnologias impõem aos sujeitos das práticas em uso e em transformação.

As práticas nos interessam não pelo seu caráter isolado, mas porque, a partir das escolhas de cada uma, compreendemos que elas não se esgotam somente ali, as práticas aqui, adquirem um papel de transformação, de mudança, de movimento durante e após suas realizações. Por exemplo, é notório que para ambas as alfabetizadoras, a prática pedagógica discursiva (Smolka, 2012) se faz presente em suas ações no dia a dia da sala de aula. Sejam em momentos de interação direta com o livro de literatura infantil, seja em práticas em que o texto é texto vida, dentro do que chamam de (com)texto, com significado.

O que corrobora com o pensamento de Smolka (2012, p. 26-27) ao enfatizar o uso da literatura infantil nas práticas alfabetizadoras em que :

Surgiu assim a proposta de trabalhar com as professoras em sala de aula, estudando e buscando com elas novas alternativas de ensino. Nossa proposta pedagógica era fazer isto enquanto brincávamos, líamos, escrevíamos e encorajávamos as crianças a lerem e escreverem de diversas formas, em contato com vários materiais e recursos. Nossos procedimentos incluíam a literatura infantil como uma das alternativas centrais de articulação do trabalho com as crianças.

Quando N.P, por exemplo, ao trazer o texto do “O menino rico” e brincar com as crianças com as nuvens, do texto do papel, por uma brincadeira, ganha vida no contexto em que elas estão aprendendo. L.P, por sua vez, com o poema de Paulo Freire “Escola é lugar de quê?!", enaltece que a escola é lugar de interações, de relações. Não se trata da criança lendo ou escrevendo, se trata de NÓS vamos ler e escrever juntos.

A exploração do livro em todas as nuances possíveis como fazem, mostra para as crianças que o contato com a palavra viva pode acontecer de diversas formas, é o encorajamento que muitas crianças precisam e elas fazem sempre que podem. Pois, o que aparece em ambas as falas das professoras, é que as próprias crianças e os próprios professores sentem a insegurança de que o ler apresenta apenas a única forma pré-estabelecida de junções de fonemas e grafemas.

O que é revelado na crítica de Smola (2012) a escola busca que a criança leia e escreva “com sentido” na decodificação e codificação das palavras, mas que o sentido vem como última etapa no processo de alfabetização. Em suas palavras, “a



escola não trabalha o ser, o constituir-se leitor e escritor. Espera que as crianças se tornem leitoras e escritoras como resultado do seu ensino. [...] (Smola, 2012, p. 128). Como então, se a comunidade escolar não oportuniza práticas educativas significativas, discursivas e dialógicas, a escola espera alcançar esses objetivos? No mínimo torna-se incoerente.

O que já não percebemos nas falas de L.P e N.P. As duas compreendem, dentro da perspectiva discursiva, que o ato de ler não é somente isto. Concordam que sim, é preciso sistematizar e oportunizar para as crianças o contato com o Sistema de Escrita Alfabética, mas que isso não é o foco, e que não é feito sem sentido e significado. O que Smolka (2012, p. 95) afirma:

[...] a alfabetização não implica, obviamente, apenas a aprendizagem da escrita de letras, palavras e orações. Nem tampouco envolve apenas uma relação da criança com a escrita. A alfabetização implica, desde a sua gênese, a *constituição do sentido*. Desse modo, implica, mais profundamente, *uma forma de interação com o outro* pelo trabalho de escritura. [...].

O *outro*, no processo de alfabetização, está relacionado a um *eu*, a um *nós*, a *palavra* e ao *contexto*. Essa interação é o que gera o sentido de se aprender a ler e a escrever. Por exemplo, quando L.P traz a chamada invertida para que as crianças façam entre elas, aquilo sai de apenas um ato mecânico de pegar a ficha com o nome e vai para o reconhecimento de palavras entre *nós*.

Como N.P menciona que a escrita é uma convenção social, complementamos e expandimos que a linguagem é uma prática social, conforme nos diz recordamos de Smolka (2012, p. 13) dizendo que ela é construção e resultado da atividade humana em interação, busca compreender “o dinâmico e complexo processo de elaboração coletiva de conhecimento- da língua, da linguagem, do mundo; da leitura e da escrita, da literatura; dos modos de ensinar a ler e escrever”.

As professoras, em suas práticas mencionadas, buscam essa interação neste processo coletivo, o qual inclusive, também faz conexão com seus tempos passados, tanto no seu período de ser alfabetizada quanto em suas formações iniciais. L.P revela que quando trouxe o poema de Paulo Freire, quis enfatizar que a escola não precisa ser lugar chato, de tarefas chatas, poderia ser um lugar e período divertido, para não reproduzir o que sentia durante a sua alfabetização.



Mas que, talvez de forma inevitável, quando se formou em pedagogia e iniciou sua docência, sentiu o desespero por não conseguir identificar os “rabiscos” da criança. E então percebeu que estava alfabetizando na ideologia que foi alfabetizada. E no encontro com os gêneros textuais, durante sua formação continuada, seus horizontes para a perspectiva discursiva se abriram.

N.P também busca na sua experiência da “não alfabetização” e na sua formação continuada dentro de um grupo de estudos e pesquisas chamado Laboratório Sertão das Águas, a não reproduzir práticas que a afetaram negativamente, e a expandir com o GEPASEA, seus conhecimentos teóricos e práticos para uma alfabetização com sentido.

Inclusive, Nadia ressalta este ponto de forma bem enfática:

*Então, muito baseado na perspectiva discursiva que orienta a gente sempre a estar com esse olhar sensível, porque o que as crianças estão trazendo é significativo. A gente aproveita tudo que ta em evidência, pra trazer as práticas de alfabetização, práticas de leitura, práticas de escrita, prática de oralidade.*

São esses momentos de experiências de interlocução que possibilitam o surgimento da coautoria na história de vida uns dos outros, seja individualmente ou coletivamente (Smolka, 2012). Elas reconhecem as crianças, se reconhecem nelas, e se reconhecem uma na outra. Compreendo que esse processo envolve muitas práticas e muitas vozes.

c) Comentem o que vem à mente de vocês em relação a esse processo de formação, onde a gente está focando na indução profissional. Como vocês vão contribuir para esse processo de indução profissional desses futuros alfabetizadores?

Quadro 9 – Trechos das vozes das alfabetizadoras (pergunta c)

Nº	Trechos das vozes das alfabetizadoras (pergunta c)
7	<i>“Eu acho fantástico assim, e a contribuição vai ser tanto das minhas experiências que eu já acumulei nas questões teóricas, quanto nas questões práticas, e as que tem por vir, que a gente ainda vai estudar outras, outros assuntos, outros textos que vão contribuir para esse olhar. E eu tenho certeza que nesse processo não são só eles que vão aprender, que vão sair formados, mas eu também. Vou aprender, vou ressignificar bastante muitos elementos, vou aprofundar essa questão do grupo de pesquisa de vocês na alfabetização com esse método discursivo.” (alfabetizadora L.P)</i>
8	<i>“Eu vejo o projeto um ganho pra todos nós, levando em considerando que na graduação a gente não tem mergulho tão profundo, é muito superficial o que a gente discute e reflete sobre esse processo de alfabetização. E eu, particularmente não lembro de ter tido essa imersão nesse campo e foi bem superficial ao ponto de eu chegar na escola e me insegura</i>



*de conduzir um processo que é primordial para um professor que está se formando para ser professor dos anos iniciais do ensino fundamental. Eu penso que todo professor do ensino fundamental I precisa ser um professor alfabetizador porque em qualquer ano de ensino, seja no primeiro, no segundo ou terceiro, quarto ou quinto ano, ele vai ter, em algum momento, algum aluno que ele vai precisar alfabetizar ou então consolidar esse processo. Juntos com eles, estar ressignificando nossa prática na sala de aula, com a colaboração deles, com o olhar deles sobre a nossa prática, nos ajudando a perceber essa diversidade que é a sala de aula. Porque a gente precisar ter esses olhares sensíveis, atentos, mas por conta de sermos sozinhos em sala de aula, muitas vezes passamos despercebidos por certas situações. E eles com a gente na sala vão ser mais olhares, e juntos vamos poder construir um ambiente alfabetizador, enriquecedor e significativo, que as crianças também vão poder ganhar.” (alfabetizadora, N.P)*

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Nossa última pergunta trouxe em evidência a contribuição que cada uma acreditava que daria durante o decorrer do projeto. A pergunta foi individual, mas a resposta foi coletiva. De forma enfática, ambas as alfabetizadoras L.P e N.P afirmaram que a contribuição seria tanto delas para com eles, como deles para com elas. Tal prerrogativa nos remete a uma fala expressa por Smolka (2012, p. 13) sobre olharmos a alfabetização como um processo discursivo :

*Quando, há três décadas, argumentei sobre o modo de conceber a alfabetização como processo discursivo [...] destacava, nessa proposta, três pontos principais: os modos de participação das crianças na cultura; os diversos modos de apropriação da forma escrita da linguagem pelas crianças; as relações de ensino.*

Pois, conforme Smolka (2012, p. 38), a “[...] A relação de ensino parece se constituir nas interações pessoais”. Aqui, a relação que será estabelecida aparentemente, se constitui como um canal onde todos vão ensinar e aprender juntos, assim, todos ganham. Uma relação de ensino que destaca a formação inicial das professoras, pois L.P aponta que irá contribuir com suas experiências teóricas e práticas já acumuladas e as que estão por vir, ou seja, nota-se que essa relação de ensino também é de aprendizagem. E N.P, problematiza a formação inicial que, durante sua experiência na graduação, não teve uma imersão assim na realidade escolar. Então essa relação de ensino também é formação.

Assim, vemos que a teoria e prática, ambas evidenciam como um importante ponto a ser relacionado durante a docência, indissociando uma da outra. Pois é na busca dessa formação outra, de práticas alfabetizadoras outras, que o processo de ensino e aprendizagem se torna coerente com a vivência das crianças, dos estudantes e delas mesmas. Essa situação de coaprendizagem, ressalta em nossa mente as palavras de Smolka (2012, p. 57) sobre como o conhecimento se constrói:



Quando a professora soletra as palavras e mostra as letras do alfabeto, ela está destacando, apontando e nomeando elementos do conhecimento para a criança, e indicando uma forma de organização deste conhecimento. Quando a criança fala, pergunta ou escreve, é ela quem aponta para a professora o seu de perceber e relacionar o mundo. Nessa relação, o conhecimento se constrói.

Percebemos que as professoras não fazem uma listagem de como irão contribuir nesse processo formativo dentro dessas relações de ensino que serão estabelecidas. Pelo contrário, o que elas fazem é apontar para nós e para vocês leitores, sua reflexão sobre essa experiência de formação. Apontam como enxergam essa possibilidade de também se formarem nesse contexto dentro da indução docente. E também esperam que os estudantes da graduação, apontam para eles seus modos de compreender a alfabetização, quando por exemplo, Nadia diz:

*Por conta de sermos sozinhos em sala de aula, muitas vezes passamos despercebidos por certas situações. E ele com a gente na sala vão ser mais olhares, e juntos vamos poder construir um ambiente alfabetizador, enriquecedor e significativo, que as crianças também vão poder ganhar.*

A professora usa a palavra *sermos*. Poderia ter usado: *estamos, ficamos, tivemos etc.* Mas usa a palavra que deriva do verbo ser. Isso nos chama atenção porque começamos a nos indagar “O que vem acontecendo nas escolas, para que essas, que deveriam ser relações de ensino entre a comunidade escolar”, acabam por fazer os professores se sentirem sozinhos? Existe de fato, até que ponto essas relações como interações pessoais?

Sentimento de solidão nos atravessa pela fala de N.P como um sentimento que virou pertencimento. Ser sozinho e não estar sozinho, nos remete a uma prática que passou de ser esporádica na escola e começou a ser permanente. E sentimentos, normalmente e infelizmente, devem ser abafados, silenciados ou negligenciados de acordo com o discurso produtivista de muitas pessoas na escola: gestão, famílias e comunidade.

Professores sentem. Em sua mente, em seu corpo, e na sua alma. Somos bombardeados por muitos deles durante nosso processo de formação inicial, de indução, de atuação na docência. Quando L.P diz que sente “empolgação e felicidade em fazer parte disso” ouvimos como: eu estou aqui, cheia de vida para contribuir, com o que exatamente, não sei, mas estou aqui. E como ela mesma diz: “disposta”.



Somos, antes de docentes, pessoas. Que temos sonhos e metas em todos os âmbitos de nossa vida, e que essas metas influenciam nossas escolhas profissionais e por elas também são influenciadas. Perguntamos a elas como iriam contribuir, mas elas também quiseram dizer o que tem vontade que acontece com ela também, que no caso é aprofundar seus estudos dentro da perspectiva discursiva com o GEPASEA e a aprender e ressignificar bastante elementos de suas práticas alfabetizadoras.

N.P acentua, por exemplo, que todo professor do ensino fundamental precisa ser um professor alfabetizador, pois em algum momento, pode receber uma criança que precisa ser alfabetizada, por isso que mesmo que a pergunta seja individual, a resposta também se torna coletiva.

Smolka (2012) nos mostra que os grupos sociais em interação elaboram transformações nas práticas educativas, especialmente voltadas para a leitura e escrita de forma constante e contextual em um processo dinâmico de experiências. O que Leliane corrobora ao dizer que com o projeto terá um coletivo maior para pensar a alfabetização, com vistas a desenvolver essa colaboração com eles

Imagem 5 – Foto das alfabetizadoras durante a entrevista na EAUFPA



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Optamos por realizar a “entrevista” no próprio local de trabalho das professoras, afinal, a imersão na realidade do contexto escolar é um dos pilares



deste nosso projeto de indução pedagógica na alfabetização. Foram trocas de vivências únicas, em um resgate da memória.

#### **5.4 Causo 2 – a vivência igrarite e a rádio escolar anunciam novos tempos**

Saber sabendo, sabendo meeeesmo como as coisas acontecerão só quem tava lá pra saber. Mas, como não podemos fazer desfeita, da feita que convidamos a saber, é melhor contar o que sabemos. Por isso queremos que vocês prestem muita atenção no que está por vir. Com toda certeza, coisa parecida não tem como existir.

Queremos que todes, todos e todas, embarquem conosco nessa aventura cheia de saudades, de uma vez por todas! Preparem seu coração pras coisas que vamos contar, viemos do Norte do Brasil e podemos não lhe agradecer, mas certamente, nossas memórias têm muito a encantar.

Trazemos para vocês um pouco desse caminhar. No diálogo com a professora Elizabeth, após as entrevistas formativas, resolvemos nos debruçar. Um novo encontro então, marcamos com imensa rapidão. Para nossos objetivos então traçar e um projeto de indução pedagógica na alfabetização realizar.

No início de novembro de 2022, na sala do grupo de estudos e pesquisas Laboratório Sertão das Águas (Gepasea), marcamos de nos encontrar. Pós chuva da tarde, às 14h, lá estávamos nós de verdade. Foram horas a fio dialogando, avaliando, pensando por onde iríamos começar. Até que no ouvir da rádio escolar, Freinet passou a nos falar.

Trilhamos o primeiro dia, daquele que seria nossa maior aventura: um projeto de indução na alfabetização na e com a escola vivenciar. Passeamos por nossas experiências, nossos sentimentos, nossas aulas. Até que conseguimos uma proposta de encontro finalizar.

Convidamos, a cada um, para apreciar.

##### **5.4.1 Caros ouvintes, é hora de um inovador anarquista conhecer. Com vocês, Freinet**

Amados ouvintes, nossas boas-vindas a todos vocês! Eu sou Jessika Assiz, a porta voz de um coletivo. E estamos aqui para contar um pouco do que nossa escola vivenciou em um dia muito especial. Dia este que veio carregado de tantos outros, principalmente de um encontro que aconteceu entre as professoras, N.P e L.P, para



construirmos, a partir da sugestão que fizemos, o primeiro planejamento pedagógico prévio para o projeto.

O encontro aconteceu na sala do grupo de estudos e pesquisas LASEA/GEPASEA no instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. Neste dia, as professoras trouxeram quais suas metas, anseios e contribuições para uma formação docente dentro da indução profissional. E nós, compartilhamos a perspectiva de formação docente neste campo que estávamos iniciando a partir dos nossos estudos e envolvimento dentro da pesquisa-formação, da indução docente, da pesquisa e documentação narrativa, e da alfabetização discursiva.

Fotografia 33 – Primeiro encontro formativo entre alfabetizadoras na sala do GEPASEA/ICED/UFGA



Fonte: Acervo pessoal da autora deste trabalho, Jessika Assiz (2022).

Para nos embasarmos durante o projeto, utilizamos as obras de Célestin Freinet (1896-1966) para nos guiar neste percurso formativo. A escolha por este autor deu-se em razão das suas importantes contribuições dentro de práticas pedagógicas consideradas, inclusive, inovadoras em um contexto social e político de sua época totalmente adverso. Assim, nesta época, Freinet passa a ser considerado anarquista francês e um inovador pedagógico, por muitos da sociedade.

A pedagogia de Freinet chama-se Escola Moderna. Enquanto educador ele questionava a eficiência das normas rígidas: filas, horários, programas oficiais, etc. Ficou claro para ela após observações que o que interessava às crianças estava



fora da sala de aula: nos animais, na água do rio, no sol, etc. (Vídeo Coleção de Grande Educadores – Célestin Freinet)

Mas dentro da classe não havia nada que motivasse as crianças. Assim surge a experiência da Aula Passeio. Além desta, como outras práticas pedagógicas de grande valia para o processo de aprendizagem e ensino tem: correspondência escolar, texto livre, rádio escolar, o jornal, livro da vida etc. (Coleção de Grande Educadores – Célestin Freinet). O que chamou bastante atenção dos autores-sujeitos durante a vivência.

Como uma de suas obras mais conhecidas, temos o primeiro livro intitulado A imprensa na escola. Neste livro tem um quadro com os seguintes itens: eu proponho; eu critico; eu felicito. Outros livros também são grandes referências para educadores: ensaio de Psicologia Sensível, e Escola do Povo e Educação do Trabalho, conforme o vídeo.

A autora Resende (2002) nos traz uma reflexão importante diante do contexto histórico, social e político que vivenciamos recentemente e continuamos a vivenciar, especialmente no que tange às questões educacionais repletas de opressões e retrocessos, como escola sem partido, ataques a autonomia docente e livre expressão. Segundo a autora, mais do que nunca, as contribuições de Freinet se fazem necessárias neste momento. E nisso nós concordamos.

Resende (2002) diz que Freinet durante toda sua trajetória pessoal e profissional, lutou contra a escola escolástica que, de acordo com a autora, possuía uma série de complicadores, onde enfatiza as “[...] normas educacionais rígidas, seus manuais escolares descontextualizados e desinteressantes, [...] e a luta ensurdecidora para manter o silêncio, a atenção, a obediência, a ordem e a passividade das crianças [...]” (Resende, 2002, p. 16).

A autora traz uma importante análise sobre as contribuições e concepções inovadoras que Freinet tinha para o seu século ao longo de quatro décadas que ao olharmos para o hoje, conseguimos verificar que elas são de extrema importância, pois:

[...] teve como ponto de partida a urgência de modernizar os instrumentos e equipamentos da escola, transformando a sala de aula num verdadeiro canteiro de obras com suas oficinas, ferramentas e técnicas de trabalho, como a aula passeio, o texto livre, a imprensa na escola, a correspondência interescolar, o jornal escolar, o fichero escolar, as técnicas de avaliação, e tantas outras que promovessem a expressão profunda e a comunicação viva das crianças e dos envolvidos (Resende, 2002, p. 17-18).



Dentre essas novas proposições pedagógicas, ressaltamos a escolha de Freinet para nos embasar nesta pesquisa, pois ele foi o criador da rádio escolar, um importante meio de expressão e comunicação dentro do campo educacional e fora dele. Conforme Lima, Fecchi e Castro (2022, p. 145), “Freinet ensinou a importância de aprender a expressar-se livremente, estabelecer debates respeitosos, ouvir e ser ouvido”. Expressar-se na escola é um princípio ativo em nossas práticas, ouvirmos uns aos outros também.

Além disso, o trabalho em cooperação para o bem comum diante das diferenças sociais, econômicas, e culturais que temos, são princípios que nos servem para o contexto atual. Assim, compreendemos que este anarquista como era chamado por muitos, percebeu e desenvolveu uma escola outra com base em princípios que fortalecem a democracia e coletividade.

E na busca deste fortalecimento que escolhemos trabalhar com este autor. Lima, Fecchi e Castro (2022, p. 145) ainda complementam que Freinet “[...] defendia as práticas da leitura e da escrita a serviço da vida”. Práticas que propomos e desenvolvemos entre nós.

A temática educação pelo trabalho abordada por Freinet também traz possibilidades para que a criança aprendesse de forma ativa, com sua mente e seu corpo. Ele ressalta que é indissociável a teoria da prática, pois em uma classe freinetiana sempre estão trabalhando, ou melhor, fazendo alguma coisa concreta. Também tece uma das principais críticas ao sistema educacional referente ao número de alunos em sala de aula. (Coleção de Grande Educadores – Célestin Freinet).

Diante disso, fundou o tempo livre em sala de aula, um tempo em que a criança tem para brincar, para se divertir, para fazer o que quiser, um tempo para ser criança. Além disso, estipulou nas invariantes pedagógicas um conjunto de cerca de 30 princípios sobre as práticas pedagógicas em sala de aula.

Freinet, em nosso projeto, encoraja problematizar uma formação que não seja aplicada e sim, implicada por estes sujeitos que são autores e pesquisadores do processo de ensino e aprendizagem. É vivenciar a ação de formação.



#### 5.4.2 Ouvindo o chamado da rádio escolar, Freinet nos faz chegar na EAUFPA

Assim, ouvindo o chamado de Freinet pela rádio escolar, com grande alegria, no dia 17 de novembro de 2022, tivemos nosso Encontro Formativo Coletivo na Escola de Aplicação da Universidade Federal, o primeiro da escola. Ele buscou a imersão na realidade escolar com a primeira experiência dos autores-sujeitos na EAUFPA em “Uma aula-passeio com Freinet”.

Fotografia 34 – Aula passeio do 1º encontro formativo coletivo baseada em Freinet na EAUFPA



Fonte: Acervo pessoal da autora deste trabalho, Jessika Assiz (2022).

Neste dia, fizemos um acolhimento com eles no corredor de entrada da EAUFPA<sup>43</sup>. Esperamos a maioria chegar e depois nos direcionamos para uma das salas de aula que estava reservada para nós, onde iniciamos com a leitura da “Carta aos Estudantes”, escrita pela professora Elizabeth Orofino. Depois, tivemos a explanação das orientações para uma boa convivência na escola e dicas auxiliares para a elaboração de textos acadêmicos<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Entregamos a eles um caderno de anotações personalizado, um crachá, um folder e uma caneta.

<sup>44</sup> Esta apresentação contou com contribuições dos documentos orientadores da coordenação de estágio da escola e do grupo de estudo e pesquisa LASEA, tendo em vista que a escola nem a Coordenação de Ensino Fundamental tem um documento próprio voltado aos residentes e algumas das orientações que são para os estagiários, servem para os residentes. Mas nem todas.



Depois, fizemos a Aula Passeio pela EAUFPA baseada em Freinet no educador Célestin Freinet, onde perguntamos aos autores-sujeitos quais espaços da escola conhecem ou gostariam de conhecer, bem como por onde gostariam de começar. Assim, à medida que íamos conhecendo o espaço, seguimos para outro escolhido na hora pelo grupo. Eu e as duas outras professoras conduzimos este momento, onde, ao chegar em nosso espaço, nossa primeira pergunta foi: “O que vocês sabem ou imaginam que aconteça aqui?”.

Na continuação, tivemos um diálogo sobre a proposta de cronograma de formação para nossos encontros. Nesse debate, apresentamos as propostas e deixamos que eles pensassem se seguiríamos, o que adaptaríamos. A partir das demandas apresentadas, como por exemplo não conhecerem nada sobre Freinet, fizemos algumas alterações em nosso planejamento.

Assim, estabelecemos de forma coletiva e democrática que nossos encontros formativos aconteceriam pelo turno da tarde, toda quarta feira ou quinta-feira do mês, na EAUFPA ou na UFPA, garantindo a dupla entre Educação Básica e Ensino Superior. Caso fosse necessário, podemos remarcar o dia da semana por meio do nosso grupo do *WhatsApp*.

Nossa principal proposta para eles é que começassem a vivenciar a sala de aula a partir do dia 6 de março de 2023, a data que iniciava o ano letivo de 2023 e estaríamos com as duas professoras no primeiro, tendo em vista que a professora N.P passaria a atuar no primeiro ano. Bem como, para que pudéssemos de novembro de 2022 a março de 2023 nos debruçar intensamente nas teorias, especialmente de Freinet, indo no fluxo contrário ao hábito que muitas escolas têm de simplesmente os docentes assumir a turma sem ao menos se sentirem preparados como professores e pesquisadores.

Escolha que foi de comum acordo para todos e que, particularmente falando, me emocionou, pois ativou minha memória do primeiro ano de atuação na docência na alfabetização nesta escola. Pois, quando me apresentei em 2014 a coordenação do ensino fundamental, fui colocada para assumir uma turma sem ter a mínimo conhecimento sobre como está a realidade daquele contexto escolar.

Ao chegar na sala de aula e ser apresentada como a professora que veio para substituir (apresentação que até hoje me causa desconforto), a docente que era regente na turma do 1º ano do EF, simplesmente disse :



– *Seja bem vinda. Crianças, essa é a nova professora de vocês. Vocês ficaram com ela a partir de agora. Beijinhos*

Saiu e a porta se fechou. As crianças e eu paralisamos. Talvez tenha entrado em choque. É, entrei em choque. E sem saber o que fazer, o silêncio e meu medo são interrompidos pela voz de uma criança:

– *Olha, é a tia da brinquedoteca<sup>45</sup>, a que brincava com a gente de um monte de coisa. Eu lembro da senhora.*

Aquilo foi o suficiente para mim. A voz daquela criança não só me trouxe de volta para aquele espaço, como trouxe a professora Jessika de volta. Instantaneamente, relembrei as experiências que tinha, e na mesma hora pensei *“Eu tenho experiências, eu sei como posso fazer, eu sou capaz”*. E como na vida tudo tem seu jeito próprio de ser, a brincadeira que fizemos foi da rádio. Acessei aquilo que era mais forte e presente em mim. E continua sendo. Depois disso, outras atividades construímos juntos e o primeiro dia, finalmente, acabou.

Mas apesar de tudo ter finalizado bem, o que senti naquele dia e nos próximos (me desdobrando em muitas para dar conta sem ao menos conhecer onde eu estava, de fato, pois a escola vive suas fases e se transforma com ela), é algo que não desejo para nenhum docente. Por isso essa imersão na escola antes dos autores- sujeitos estarem em sala de aula vem como um abraço para a Jessika lá de 2014, que se encontra com a voz desses autores:

Quadro 10 – Trecho da voz de um graduando de pedagogia (autor-sujeito da pesquisa)

Nº	Trecho da voz de um graduando de pedagogia (autor-sujeito da pesquisa)
9	<i>“O dia 17/11/2022 foi muito importante e significativo para todos nós, pois estávamos ansiosos com a chegada desse momento, o primeiro, no local onde viveremos uns dos nossos melhores dias da nossa prática docente, tanto para vocês preceptoras e professoras como também para nós em formação. Fomos recebidos com muito afeto e amor. Um encontro com perspectiva de acolhimento e interação para nos sentirmos em ‘casa’. A professora Elizabeth Orofino, com muita facilidade nos envolveu com a contação do livro Fios da autora Chris Nóbrega e em uma breve reflexão pude perceber e identificar que podemos construir juntos laços importantes nessa caminhada que estamos iniciando, levando-os para toda nossa vida. Nos conhecemos, conhecemos nossa escola, os espaços</i>

<sup>45</sup> Iniciei meu percurso dentro da EAUFPA no ano de 2008 e desde lá estou correndo e percorrendo o chão desta escola admirando seu céu. Comecei com o estágio curricular 1 e 2, depois fui bolsista de projeto, bolsista de sala de aula, professora substituta, e agora, professora efetiva. Vivencia o tempo integral de cada coisa e de forma sucessiva de uma para outra, sem pausas. Posso dizer, que conheço mais da escola do que eu mesma sei.



<p><i>dela e como ela está organizada, não tivemos contato diretamente na sala de aula com os alunos, porém houve a oportunidade de nos encontrarmos em outros locais da escola e só esse pouco deixou uma expectativa de querer o próximo encontro. Confesso para você que eu gostaria de ter estudado o ensino fundamental por lá, pois achei bastante interessante os diversos espaços educacionais e culturais da escola. [...]” (autor-sujeito L.)</i></p>
---

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Esta vivência com a aula-passeio baseada em Freinet veio ao encontro do que Silva (2022) aborda como o momento em que a aula ganha vida. As paredes da sala são quebradas, e as crianças, que no nosso caso são os graduandos, passam a observar a vida que tem presente ao nosso redor.

Assim, ao finalizar nosso encontro no dia 17/11/2022, os autores-sujeitos escreveram no folder (síncrono) e uma carta (assíncrono), quais suas percepções sobre este dia. Para encerrar, explicamos que as cartas seriam a nossa forma de documentação narrativa dentro do projeto, então fizemos um sorteio para quem seria a escrita a carta referente ao encontro que tivemos. Desta forma, sempre abrimos nossas formações com a leitura das cartas sobre o encontro passado. Porque assim, o texto que eles escreveram tem sentido e significado.

“Pois tudo aquilo que estava registrado era real, estava do lado de fora da sala, foi vivenciado e observado por eles [...]” (Soares, 2022, p. 267). “Utilizam a [...] língua uma forma viva, contextualizada e socialmente situada, diferentemente da proposta da escola tradicional [...]” (Soares, 2022, p. 271). Nossa proposta de alfabetização e formação era outra, pois compreenderam que se eles primeiro vivessem os caminhos da escola poderiam também tecer reflexões mais próximas à realidade local das crianças e as duas durante a formação na indução.

Buscariolo (2022) mostra que nessa perspectiva da aula-passeio (que inicialmente Freinet chamava de passeio), os professores se conectam a aquilo que intriga as crianças de forma tão atraente para fora do confinamento da sala de aula. Conexão que buscamos ter com os graduandos nesse momento, pois desde a carta de intenção e da roda de entrevistas, os dizeres de muitos esboçam suas curiosidades por estar na EAUFPA.

Como as crianças, que com a técnica da aula-passeio de Freinet, pouco a pouco iam “[...] se encorajando e passaram a escrever suas próprias histórias e a ocupar esse lugar de autoria” (Buscariolo, 2022, p. 172), pretendemos que o que mesmo acontecesse com os autores-sujeitos nesse projeto.



Percorrendo pelos espaços e caminhos da escola, que pudessem sentir em seus ritmos, seus passos, a forma como cada um, mesmo que de forma coletiva, iria construir o seu processo de autoria e coautoria na formação dentro da indução pedagógica na alfabetização.

Imagem 6 – Primeira foto com alguns dos estudantes de pedagogia no primeiro encontro formativo coletivo na EAUFPA



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2022).

Tanto que ao final do nosso encontro, muitos disseram que apesar de não estarem em contato com as crianças, sentiram a presença delas porque viveram aquele momento como elas, entregues, desbravadores de novos caminhos, conhecendo os espaços que sentirão no decorrer da vivência com as crianças e que por meio, agora poderiam fazer uma nova leitura da escola e deles mesmo.

Quem diria, que todo aquele medo, nervosismo, enjoo e talvez até desespero fossem ressignificados em felicidade e satisfação de estar por estas águas a navegar. É vivendo o caminho que o conhece. “E se o caminho é meu, deixa eu caminhar, deixa eu”, como diz o samba da cantora e compositora Dona Ivone Lara. O caminho é nosso.

Ele não é da Jessika, da Elizabeth, da N.P ou de qualquer outra pessoa de forma isolada e individual. Esse caminho é de um mosaico de pessoas que acreditam em uma formação outra, em uma alfabetização discursiva entrelaçada na



perspectiva histórico-cultural para uma formação coerente com as demandas e vivências escolares, locais e nacionais.

### **5.5 Causo 3 – a vivência cuíra e a codocência**

Se contar de um até dez, terá que me procurar. Se eu dizer Vivo ou Morto, abaixado ou levantado você tem que ficar. Com uma bola nos pés ou nas mãos, posso pela escola caminhar. Façam rápido suas apostas, o primeiro que chegar é quem vai ganhar. Com matos e um pouquinho de água, minha cozinha posso inventar. Rápido, rápido, rápido, senão você vai me pegar.

Pira alta, pira alta, pira cola, prestenção, minha senhora, para a pergunta de agora: O que é, o que é? Tenho asas, mas não posso voar. Tenho gargalhada, mas as vezes me manda calar. Tenho sonhos que dizem que não vou realizar. Imagino coisas sem parar. E acredito que com o outro eu posso aprender e brincar?! Prazer, eu sou criança. Espero que comigo vocês sempre possam estar, especialmente a sua interior, que você nunca esqueça de abraçar.

5.5.1 Tia, brinca comigo? Professora, eu também posso? E que tal todos brincarmos?

O grande marco desta vivência foi o início da relação que se estabeleceu entre as professoras, os autores-sujeitos e as crianças das turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. Como falamos anteriormente, a professor Nadia saiu do 3º ano e foi lecionar no 1º ano novamente no ano letivo de 2023. Assim, os estudantes de pedagogia foram organizados em grupos: um com a professora N.P e outro com a professora L.P.

A dinâmica é que fossem uma vez por semana, das 7h30 até 12h, de março até agosto de 2023, para atuarem na codocência junto às professoras, e assim, planejem e participem de uma manhã inteira na escola. Caso houvesse alguma situação específica, eles poderiam se dividir em dois dias nesta vivência. Assim, com base nos horários das professoras e dos graduandos, montaram os grupos com dias e horários que cada um iria. Normalmente, ficava um graduando por dia, e os mesmos, acompanhavam inclusive a sala ambiente das crianças, caso houvesse.

Nossa intenção com esta vivência era sintonizar mais enfaticamente, a guiança formativa da imersão na realidade escolar. Estar atuando em uma sala de



aula não significa estar confinado às paredes dela, pelo contrário, nós professores compreendemos que a vida na docência acontece antes, durante e pós aula. Mas de fato, é neste momento em específico de trocas com as professoras e crianças, que percebemos os entraves e potencialidades do processo de alfabetização.

De acordo com a perspectiva discursiva de alfabetização (Smolka, 2012) que acreditamos nesta pesquisa e que coaprendemos neste projeto, o objetivo desta vivência era, seguindo a concepção da autora, destacar os três pontos principais: “os modos de participação das crianças na cultura; os diversos modos de apropriação da forma escrita da linguagem pelas crianças; as relações de ensino” (Smolka, 2012, p. 13). Obviamente, outros olhares tínhamos, mas os principais eram em torno desses.

No decorrer desta vivência, conseguimos perceber que esses objetivos não foram exclusivamente para as crianças, também tentamos observar junto às professoras, como os próprios graduandos se percebiam e se manifestaram neste percurso.

Sobre os modos de participação na cultura, nós (professoras, graduandos, pesquisadoras, e crianças) mergulhamos em especial, no momento histórico que a escola estava vivendo em 2023: os seus 60 anos de existência. Assim, para o acolhimento do ano letivo correspondente, a temática de nossas memórias e ancestralidades com a própria escola e infância, foram destacadas neste período. Construimos o baú de memórias e o livro da vida (baseado em Freinet).

No que tange aos diversos modos de apropriação da forma escrita da linguagem, este ano em específico, nos deparamos como uma turma curiosa, com interesse em aprender e que já tinham as bases para iniciar o processo de alfabetização, que segundo a professora são:

Quadro 11 – Trecho da voz da alfabetizadora sobre o processo de leitura e escrita

Nº	Trecho da voz da alfabetizadora sobre o processo de leitura e escrita
10	<p><i>“O que eu chamo de bases são crianças que já sabem diferenciar letras de símbolos, de números, crianças que reconhecem as letras do alfabeto, que sabem associar letra a palavra, que já escrevem e reconhecem as letras do seu nome, muitas vieram com essa base da educação infantil da escola, e pelas próprias crianças, que tinham muita curiosidade e vontade de aprender. Então eles sempre se mostravam curiosos, interessados, faziam perguntas, eram ativos e perceptivos. O que eu chamo de bases são crianças que já sabem diferenciar letras de símbolos, de números, crianças que reconhecem as letras do alfabeto, que sabem associar letra a palavra, que já escrevem e reconhecem as letras do seu nome, muitas vieram com essa base da educação infantil da escola, e pelas próprias crianças, que tinham muita curiosidade e vontade de aprender. Então eles sempre se mostravam curiosos, interessados, faziam perguntas, eram ativos e perceptivos. Então o processo de alfabetização não foi difícil</i></p>



*iniciar com elas, por incrível que pareça, apesar de todas as demandas específicas de comportamento das crianças, foi uma das turmas que mais me realizei como alfabetizadora, digamos assim, porque fluiu de uma forma tão leve, pra mim e pra eles esse aspecto de apropriação, que nossa, foi uma experiência muito rica, desde o início do ano. Nós tivemos uma experiência que deu muito certo, e que inclusive eu posso dizer que é uma metodologia de alfabetização. Estavam iniciando por palavras significativas, que no caso, é o nome próprio da criança, então depois de muito explorar os nomes, teve um dia que eu levei o nome deles, só o nome, sem o sobrenome e coloquei no caderno. E pedi pra que eles tentassem encontrar dentro do nome uma palavra. Aí dei o exemplo do meu: NADIA, que tem a palavra DIA. Foi uma atividade tão simples mas que gerou, no ano todo, essa curiosidade . Eu dei o nome para esse momento de DESCOBERTAS. A gente brincou de descobrir palavras dentro de palavras. Então isso se tornou uma prática na sala: brincar de descobrir o pedaço da palavra que tem na outra, o começo dessa é igual a outra. E teve uma criança que descobriu: olha tia, no meu nome tem ES, na escola tem ES, e no estudante tem ES, meu nome é Ester. Então foi um processo de alfabetização que eles aprenderam brincando com as palavras.” (alfabetizadora N.P)*

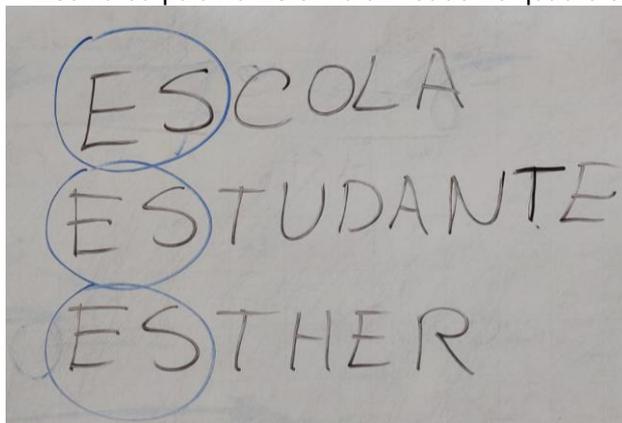
Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024)

Neste relato, observamos que essa prática corrobora com que a Smolka nos diz ser algo para além do ato de meramente ensinar a escrita no sentido de transmissão. A professora, como disse na entrevista, aproveita o que está em evidência trazidas pelas crianças, para torna-se práticas de leitura, escrita e oralidade, ou seja, ela aproveita a linguagem do brincar das crianças, para aprenderem sobre o Sistema de Escrita Alfabética e do processo de alfabetização como um todo, o que a autora diz ser:

[...] “mas de usar, fazer funcionar a escrita como interação e interlocução na sala de aula, experienciando a linguagem nas suas várias possibilidades. No movimento das interações sociais e nos momentos das interlocuções, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano (Smolka, 2012, p. 60).

A seguir, trazemos a imagem da descoberta feita pela criança Ester, onde a professora foi sua escriba:

Fotografia 35 – Escrita da palavra Ester na atividade no quadro da sala de aula



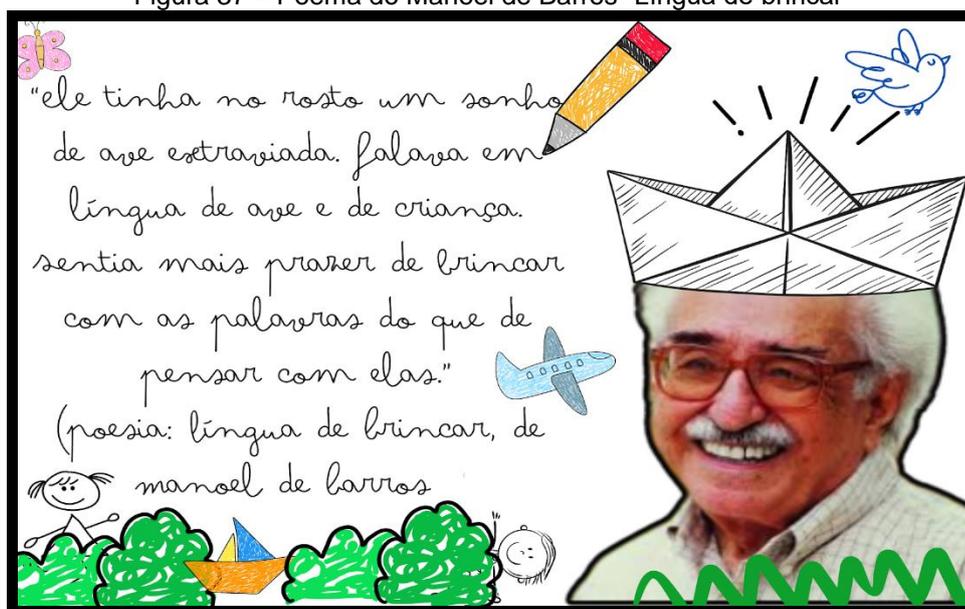
Fonte: Acervo pessoal da professora (2023).

Apesar de Esther, ainda não saber ler e escrever seguindo os padrões, a escrita e leitura não lhe foram negadas durante esse processo. Pelo contrário, oportunizou-se a ela, a partir inclusive de seu próprio caminho de autoria e percepção alfabéticas, que elas pudessem nesse momentos de interações e interlocuções criar suas próprias hipóteses de leitura e escrita.

O que exemplificam um pouco, sobre essas relações de *ensino-aprendizagem*, como nos diz Smolka (2012). E por fim, as relações de ensino, foram baseadas em muita cumplicidade de ambas as partes, como menciona a professora N.P. Fato que foi construído mediante as situações de brincadeira, interesse, escuta responsiva, dialogicidade e afetividade entre eles, bem como as situações atípicas da própria turma e por se tratar do segundo ano letivo após isolamento social ocasionado pela covid-19. A escola, de um modo geral, agora que começava a se reencontrar pedagogicamente após o primeiro ano de volta do isolamento (ano de 2022).

Essa relação de ensino baseado na cumplicidade, gerou o fato de que todos poderiam brincar juntos nesse carrossel que chamamos de indução pedagógica na alfabetização. Os graduandos aprenderam a falar sua língua, seus modos de dizer, como poderiam contribuir e também aprender. Mas principalmente, aprender a língua das crianças, que poeticamente, trago o trecho escrito por Manoel de Barros:

Figura 37 – Poema do Manoel de Barros “Língua de brincar”



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Nessa brincadeira de vivenciar a sala de aula, com palavras, sentimentos e emoções, crianças, professoras e graduandos aprendiam a se comunicar, aprendiam a interagir uns com os outros. Ter uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo em nível acentuado e outras demandas emocionais das crianças, como crises de ansiedade, e outras cognitivas como TDAH, o nervosismo dos graduandos em, apesar da euforia, imergiram na sala de aula, e as expectativas dos professores com essa nova vivência, tornaram esse processo ainda mais integrativo entre eles.

Aprenderem a falar com as palavras a linguagem que vem do coração, que vem da vivência e da entrega. Aprenderem a se olhar e nessa troca sentir o que cada um precisava dizer. Aprenderam a sentir o que os olhares lhe diziam. Pois agora, convidamos vocês para fazerem o mesmo: a falar com o coração, a olhar com o sentir do corpo, e a sentirem o que os olhares falam. Fechem os olhos e contem de um até 10. Na brincadeira do pira-se esconde, chamem pelo nome, que certamente alguém responde.

### 5.5.2 Na casinha de papelão, cabe eu, você e a nossa imaginação

Um dos momentos marcantes nesse processo foi a construção da casinha de papelão, ou casinha da leitura e por fim, casinha literária. Como já percebemos na entrevista formativa, a perspectiva discursiva permeava as práticas alfabetizadoras de ambas as professoras. E em específico, a professora nos compartilhou sobre um momento bem importante envolvendo a literatura:

Quadro 12 – Trechos da voz da alfabetizadora sobre literatura

Nº	Trechos da voz da alfabetizadora sobre literatura
11	<p>“Eles gostavam de manusear os livros que ficam no cantinho da leitura na sala., tanto que fiz uma casinha de papelão e eles adoravam ficar nela conversando, folheando os livros. Ela se tornou a casinha literária, porque num diálogo deles, eles sugeriram: ‘tia, porque a gente não chama de casinha da leitura?’ Na verdade, eles deram essa sugestão e aí eu que trouxe essa questão da literatura: ‘ - Que tal a gente especificar que é uma casinha literária, que a gente entra pra fazer leitura literária?’. E aí expliquei pra eles a diferença do texto literário, (é claro que na linguagem deles), para outro tipo de gênero textual. Eles gostavam muito, tinham muita curiosidade. Sempre ficavam muito à vontade para irem quando quisessem. Os que começavam a ler, já iam folheando, liam e traziam pra mim: ‘olha tia, já consegui ler essa palavra aqui’. Então, de um modo geral, eles tinham contato com o acervo literário na sala de aula. Mas eu não deixava todos expostos por causa do espaço que não dava. Eu tenho uma caixa cheia de livros, que fica no armário, então às vezes deixava também a caixa exposta, eles ficavam loucos, usavam muito, espalhavam no sentido de manusearem bem. Aí depois a gente recolhia, porque nem todos cabiam no varal.” (alfabetizadora, N. P)</p>

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



É interessante perceber como os momentos de apropriação da linguagem puderam ser construídos nessa prática, e não meramente atividade pedagógica. Quando a professora diz que as crianças iam para casinha para conversarem e folhear livros, destacamos o que Smolka (2012, p. 35, grifos da autora) traz em suas análises sobre a Teoria da Enunciação e Análise do Discurso:

[...] Porque a Teoria da Enunciação e Análise do Discurso nas considerações de questões pedagógicas? Primeiro, porque, para mim, a alfabetização implica *leitura e escritura* que vejo como *momentos discursivos*. Segundo, porque o próprio processo de *aquisição* também vai se dando numa *sucessão de momentos discursivos*, de interlocução, de interação.

Momentos discursivos, com sucessão deles, em interlocução e interação estão presentes nessa prática alfabetizadora, que por mais que não tenha sido iniciada com essa intencionalidade pedagógica, após observar o próprio interesse das crianças, que verbalizam sobre isso, passaram então a estabelecer da casinha, um ambiente inclusivo de prática alfabetizadora discursiva.

Fotografia 36 – Criança com Transtorno do Espectro do Autismo na casa literária



Fonte: Acervo pessoal da professora (2023).



Fotografia 37 – Crianças na casa literária



Fonte: Acervo pessoal da professora (2023).

As fotos acima retratam um pouco deste processo dentro da casinha literária que foi vivenciado pelas crianças durante esse período. A casinha tornou-se espaço acolhedor e inclusivo, tanto para crianças com deficiência (fotografia 36) quanto para crianças sem deficiência (fotografia 37). Se tornou um espaço de interação e interlocução da palavra escrita (percebemos o nome de algumas crianças escrito, como da Esther) e de desenhos, a primeira linguagem escrita das crianças conforme alguns autores.

O outro acontecimento pedagógico sobre o qual queremos falar, refere-se a quando a prática pedagógica é planejada previamente por meio da literatura. E foi o que aconteceu com a oficina, assim intitulada pela professora, a partir da literatura com o livro *Kabá Darebu*<sup>46</sup> (de Daniel Munduruku).

---

<sup>46</sup> “Nossos pais nos ensinam a fazer silêncio para ouvir os sons da natureza; nos ensinam a olhar, conversar e ouvir o que o rio tem para nos contar; nos ensinam a olhar os voos dos pássaros para ouvir notícias do céu; nos ensinam a contemplar a noite, a lua, as estrelas...” (Munduruku, 2002, p. 18). *Kabá Darebu* é um menino-índio que nos conta, com sabedoria e poesia, o jeito de ser de sua gente, os Munduruku. Disponível em: <https://www.livrariamaraca.com.br/produto/kaba-darebu-daniel-munduruku/>

Fotografia 38 – Crianças do 1º ano na sala de aula com o livro Kabá Darebu de Daniel Munduruku



Fonte: acervo pessoal da professora (2023).

Ao trazer essa história, as crianças, com seus modos de dizer, sugeriram que eles também construíssem seus próprios brinquedos. A partir dessa interlocução, a professora foi em busca, e não encontrando o que procurava, resolveu não apenas impor nova atividade, mas expor para as crianças a situação e deixar que eles mesmo decidissem sobre o que queriam fazer.

Isto tornou a prática dialógica e discursiva (Smolka, 2012) e marca um ponto importante dentro da pesquisa narrativa que é sobre negociar (Clandinin; Connelly, 2015) onde com o outro, eu também posso ir negociando quais serão nossos papéis e modificações nossas ações a partir daquilo que fomos vivenciando. Baseado em Freinet, partiram então para vivenciar uma aula-passeio na escola em busca dos elementos da natureza que ajudassem a construir esta atividade pedagógica, conforme mostra a figura abaixo.

Fotografia 39 – Crianças e o graduando na aula passeio a partir da história literária



Fonte: Acervo pessoal da professora N.P (2023).

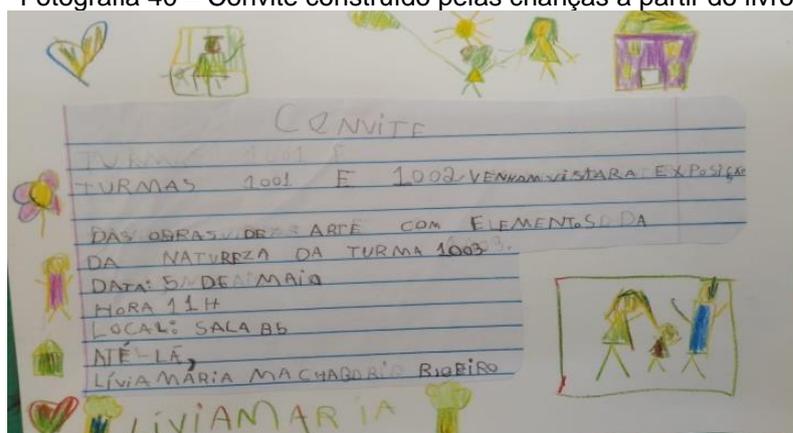


Esta aula passeio foi depois transformada em escrita, pelos protagonistas da atividade (crianças, professora e graduandos). Com base no que vivenciaram, nos elementos que encontraram, na compreensão do porquê estavam ali, inclusive, neste ponto, a professora destaca a prática pedagógica do graduando onde o mesmo, de forma colaborativa, orientou as crianças em como eles poderiam buscar esses elementos. Assim, a escrita ganhou vida; se tornou uma palavra-vida, como diz Lucio (2019, p. 269-270):

[...] Práticas essas que ressaltem a necessidade de contar palavras , ou seja, trazer à existência palavras docentes e discentes e levá-las em conta, ou seja, considerá-las, divulgá-las, revelá-las, propagá-las, proferi-las, pois são palavra-vida. É a palavra-vida que conta uma “palavra outra”, no sentido da alteridade, uma palavra da diferença não indiferente, palavra singular que se dá na escuta, no cotidiano da escola, que se fundamenta na perspectiva de formação discursiva bakhtiniana e que traz a centralização do professor e do aluno na formação leitora e escritora, afirmando a grande revolução bakhtiniana que é a centralização do outro no espaço formativo, ou seja, o outro aluno e o outro professor.

A palavra-vida aqui ganhou forma outra prática de gênero textual, agora tem forma de convite , onde a professora e graduandos, ainda sendo a escribas deles, construíram coletivamente uma mensagem convidando as outras turma para participarem de exposição de suas obras de arte, conforme foto abaixo:

Fotografia 40 – Convite construído pelas crianças a partir do livro



Fonte: Acervo pessoal da professora N.P (2023)

Fotografia 41 – Atividade com desenhos de folhas a partir do livro



Fonte: Acervo pessoal da professora N.P (2023).

Fotografia 42 – Crianças, graduandos e professora no encerramento da atividade na sala de aula



Fonte: Acervo pessoal da professora N.P (2023).

Corroborando com a fala da própria professora N.P, vemos e sentimos que essas duas práticas pedagógicas, embora com características e intencionalidades distintas, marcaram a vivência Cuíra destes autores-sujeitos que estão no processo de indução pedagógica na alfabetização, das crianças e da professora. Uma marca que é coletiva, mas que também é individual.

E o que ambas têm em comum é a perspectiva discursiva com a literatura que permeia essas práticas, como nos diz Smolka (2012, p. 111):

Buscando, então, transformar algumas condições e procedimentos de ensino nas escolas, começamos a usar, como uma das formas de articulação das atividades e de constituição da interdiscursividade, a literatura infantil. Além da literatura procurávamos implementar as várias formas de linguagem (plástica, corporal, etc.) possíveis e viáveis nas situações escolares. E por que a utilização da literatura? Porque a literatura, como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social; ao mesmo tempo, instaura e amplia o espaço interdiscursivo, na medida em que inclui outros interlocutores - de outros lugares, de outros tempos- criando novas condições e novas possibilidades



de troca de saberes, convocando os ouvintes/ leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece.

Percebemos que o discurso social presente nesta prática, em todas as suas instâncias, perpassa pelo eu, pelo outro e por nós. Pois de acordo com Oliveira e Dias (2020) participar e interferir de uma experiência que é compartilhada também pelo outro não acontece da mesma forma para todos, ela tem variados formatos e tempos diversos, inclusive de maturidade teórica para se compreender tudo o que vivenciado.

Fatores como área de formação, composição experiencial e temporal na docência interferem nesse processo de apropriação da sua própria formação. Ou seja, tais experiências estão reverberando em cada um dos sujeitos mesmo após a conclusão da mesma.

Assim, é importante que consigamos perceber o que ainda vem ressoando em cada um de nós, por isso agora, tornou-se ainda mais forte, expressar a minha voz. Como coautora desse projeto, convido vocês a me escutarem. Chamo cada um pelo nome e ouço tua voz. Que história dessa vez, chega até nós?

## **5.6 Causo 4 – a vivência nem te conto! e o narrar de quem estamos sendo**

Era uma vez...(não, não)

Em um reino tão, tão distante.... (também não)

Em um tempo bem distante... (ainda não)

Essa história é baseada em fatos reais.(Agora sim... quer dizer, peraí!)

Ei manos, nem conto pra vocês, esse babado aconteceu de verdade lá na rua da minha casa! (Bem melhor!!!!)

Sim, deixa eu contar logo sobre essa história antes que eu me esqueça ou ela arreie logo aqui (a chuva da tarde). Vocês acreditam, que lá pelas tantas do dia 31 de agosto de 2023, o nosso grupo diferenciado de professoras alfabetizadoras, estudantes de pedagogia, crianças e a comunidade se aglomeram tudinho no Bosquinho da escola para presenciar um acontecimento h- i- s- t- ó- r- i- c- o na cidade de Belém do Pará, a mais conhecida como cidade das mangueiras.



E num é que foi mesmo! Ali pras bandas da TF (bairro da Terra Firme), na avenida perimetral, fica a ma-ra-vi-lho-sa Escola de Aplicação da UFPA, te mete! Lá foi o chão das mais variadas histórias que nós, quando nos reunimos, resolvemos inventar, disque! Foi o evento nacional, maninho. Pena que não passou no Jornal Nacional.

Mas sim, nesse dia, eu ainda não sei como, a gente se reuniu tudinho para comemorar, encerrar e apresentar o projeto que foi construído com eles durante os 11 meses. Foi muito estirão percorrido nesse tempo, haja fôlego! Sorte que apesar de ter muita vegetação pela escola, os carapanas não se meteram a besta com a gente no dia da comemoração, que em off falando aqui, foi tão bom quanto açaí com farinha de baguda.

Huuuu, cheirosos, eu sei que me desembestei a falar e não comecei a contar o que de fato vim contar, não vou deixar vocês esperando, mas quando! To mais ‘aguniada” que vocês, porque tudo o que vivemos, É-G-U-A, foi muito firme! Tão bom quanto ouvir uns bregas marcantes, na Ilha do Mosqueiro, ou tomar aquele banho na Ilha do Combu. Pior, é tão bom quanto viajar para a Ilha do Marajó.

Espiem só o que rolou nesse dia...

#### 5.6.1 Ao Pôr-do-sol, eu vou te dizer<sup>47</sup>...

Foram muitas vivências e aprendizagens que percorremos nessa jornada intensa que foi desfrutar na presença de cada um, o projeto de indução pedagógica na alfabetização. No dia 31 de agosto de 2023, nos reunimos, no chão da escola de Aplicação da UFPA, para celebrarmos a realização deste projeto. Convidamos toda a comunidade escolar para que juntos, e por acreditarmos que a alfabetização se constrói em parceria, compartilhamos mais este momento.

Professores, os autores-sujeitos do projeto, eu, Elizabeth, professoras alfabetizadoras, a comunicação da EAUFPA, amigos docentes e as crianças estiveram presentes nesta manhã. Nosso encontro, em especial, foi pensado e destinado para que as crianças participassem e atuassem neste momento. Foi uma manhã ímpar e inesquecível para nossos corações.

Basicamente, nosso encontro ficou organizado em momentos:

---

<sup>47</sup> Referência ao brega paraense chamado “Ao Pôr do Sol”, composta por Firmo Cardoso e Dino Souza. E interpretada por Teddy Max, em 1980.



Figura 38 – Planejamento do encontro de encerramento do projeto piloto na EAUFGA



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

De acordo com nosso planejamento, organizamos para que pudessem nos dividir nas atividades de modo mais coerente para cada um de nós. Mas o objetivo principal era proporcionar, principalmente para as crianças, as professoras e os estudantes da graduação, um momento afetivo e celebrativo. E também, poder oportunizar um contato meu mais de perto com as crianças.

Por isso, eu fiquei corresponsável em mediar a maior parte das atividades. Algo extremamente prazeroso para mim, pois foi neste momento, que de forma mais intensa eu senti o que é estar no entremeio que Clandinin e Connelly (2015) falam. Naquele momento, todas as minhas vivências se misturavam em mim: a alfabetizadora, a professora, a contadora de história, a pesquisadora, e a vivente, que apesar de tudo, estava ali vivendo tudo aquilo de forma única.

E para viver este momento, tivemos que nos preparar: as professoras com as crianças escreveram junto cartas entre as turmas: uma sobre como foi ter os estudantes em sala. A outra escreveu como desejava que fosse o encontro da nova turma com eles. E outra, escreveu como estava ansiosa para recebê-los.

Os estudantes e nós nos mantivemos na elaboração dos banners de apresentação, onde em duplas, eles deveriam escrever em forma de carta para algum destinatário de sua escolha, como foi esse processo no projeto, tendo os seguintes eixos: contextualizar, vivenciar e considerar.

Para além disso, considerando que todo ambiente pode ser alfabetizador, as professoras e eu nos focamos também em como seria a organização desse Bosquinho para encontro. Trouxemos nossa cultura em evidência, as cartas e fotos dos momentos, os livros de literatura lidos, o livro da vida construído por eles, etc.

Pensar uma socialização narrativamente nos leva a um lugar onde entendemos que “[...] o trabalho de Dewey sobre a experiência é nossa referência criativa para nos lembrar de que, em nosso trabalho, a resposta para a pergunta ‘por que narrativa?’ é: por causa da experiência” (Clandinin; Connely, 2015, p. 85). A vemos como algo que pode ser vivido e investigado, porque é justamente nossas experiências que nos levam a pensar assim.

Não queríamos simplesmente marcar este dia como um momento festivo, mas sim como um dia histórico, narrativo, resistente e cheio de aprendizagens. Não apenas convidamos ou pensamos nas crianças em nossas atividades, mas fizemos com que interagem dentro da pesquisa acadêmica.

Normalmente vemos Seminários, palestras, relatórios, e afins para finalizar um período de pesquisa ou projeto sobre a Educação Básica: há uma plateia ( que normalmente são outros professores e outros estudantes), professores e estudantes da graduação e só.

Não há comunicação para que a família, as crianças e demais pessoas da comunidade escolar estejam presentes e participando ativamente, para que também vivam esse momento como coautores desse processo. Por isso, seguimos outros ventos, ouvimos outros cantos, sentimentos e outras texturas: a escola.

Nosso encontro foi para que a escola, lugar de conhecimento e produção científica, fosse ouvida pela Universidade. E onde a Universidade, lugar também de conhecimento e produção científica, pudesse dizer na língua das crianças. Assim, nossos termos dentro da concepção narrativa são:



[...] *pessoal e social* (interação); *passado, presente e futuro* (continuidade); combinados à noção de *lugar* (situação). [...] Utilizando esse conjunto de termos, qualquer investigação em particular é definida por este espaço tridimensional: os estudos têm dimensões e abordam assuntos temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares (Clandinin; Connely, 2015, p. 85).

Nossa socialização foi o momento inicial de contarmos uns aos outros (professores, crianças, graduandos, família e comunidade escolar) o que vivemos e construímos de forma mais marcante nesse espaço tridimensional, que certamente, apesar de coletivo, também foi vivido de forma peculiar para cada um. E aqui também está o grande equilíbrio ao se pensar construir um momento formativo, narrativo e integrativo como esse: o nosso espaço tridimensional.

Com as falas de Clandinin e Connely (2015, p. 96) tecemos que a “[...] a pesquisa narrativa é uma pesquisa relacional quando trabalhamos no campo, movendo-nos do campo para o texto de campo, e do texto de campo para o texto da pesquisa”. E é justamente isto que nos propomos a apresentar a vocês nas páginas a seguir.

O escrever desta história segue um caminho que foi, desde o princípio, permeado por muitas vozes, e de fato, isso é transformador. Mas nesse processo relacional, chega um ponto que também precisamos ouvir o que a nossa própria voz tem a dizer.

### 5.6.2 Eu estava na beira da praia ouvindo a sereia cantar<sup>48</sup>

Dizem que o canto de uma sereia é mais forte que um estrondo de trovão. Particularmente eu não me atrevo a duvidar não. Em nossas águas, mora um canto, de uma sereia que habita o corpo de toda mulher amazônida, ele vem do canto da lara, ou da Mãe d'água como alguns costumam acreditar.

Às vezes mais difícil do que fazer os outros escutem nosso próprio canto, é conseguir, nós mesmos, o ouvi-lo. Como diz nossa história ancestral sobre lara<sup>49</sup>,

<sup>48</sup> Referência ao Carimbó “Pesca do Siri” do mestre Damasceno (Damasceno Gregório de Santos), que é cantor, compositor, diretor, escritor de autos juninos e pescador marajoara, tem mais de , 400 composições, 4 álbuns lançados, além de estrelar os documentários “Mestre Damasceno – O Resplendor da Resistência Marajoara” e “O Boi-Bumbá de Salvaterra e suas Comunidades Quilombolas”, ambos dirigidos pelo produtor e amigo de longa data, Guto Nunes. Damasceno é o criador do Búfalo-Bumbá, a brincadeira junina que iniciou como boi-bumbá, e em homenagem à força e a tradição de criação de búfalos em terras marajoaras, ganhou o atual nome.



muitos homens tentam diariamente silenciar a voz que vem de uma mulher, ainda mais com ela, ou melhor, elas resolvem fazer ciência.

Escutei um chamado que veio das águas, era minha lara pedindo licença para cantar. Eis que então percebo que chegou o meu momento de entoar. Aqui minha voz é somente minha, ninguém tem o achismo de me dar. Busco nos meus próprios cantos, a força que existe para caminhar, mergulhar e navegar.

Busquei por essas águas da indução pedagógica uma nova forma de viver a formação. E assim, posso dizer que consegui. Saio lavada por essa águas, e com ela, um novo ser se renova em mim. Escuto, na beira da praia, a minha sereia cantar.

Mostro a vocês, os rios que mais me tocaram durante este nosso último encontro. Com as fotografias, que não servem meramente para ser registradas, mas sim, como cenas que falam para a escola e suas condições no momento (Clandinin; Connelly, 2015), espero que vocês possam contemplar as paisagens que me fizeram cantar. Vejam, observem e escutem, antes de tudo, quais narrativas estas imagens lhes dizem.

a) Entre o céu, o rio e o chão acontece a formação: os ambientes alfabetizadores

---

<sup>49</sup> Para saber em detalhes sobre a memória ancestral da história da lara, acesse: <https://portalamazonia.com/amazonia-az/lenda-da-iara>



Imagem 7 – Montagem com fotos do encerramento do projeto na EAUFPA sobre o ambiente alfabetizador



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Pensar sobre o que essas imagens nos dizem está para além do que vi nelas. Cada fotografia apresentada, expressa uma perspectiva de alfabetização enquanto um processo contínuo, não linear, coletivo, subjetivo e multilinguístico. Optei por esse pequeno recorte de imagens referente ao nosso último encontro com as crianças, os graduandos e as professoras no chão da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, para que vejam ser possível alfabetizar para além das paredes da sala de aula.

Minha concepção enquanto ambiente alfabetizador está no plural: ambientes alfabetizadores. Durante esses meus 10 anos de docência na escola pública como alfabetizadora, procurei expandir e amadurecer meus conhecimentos sobre a prática alfabetizadora. Assim, por meio do meu encontro com o Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório Sertão das Águas/ LASEA-GEPASEA/UFPA, coordenado pela Profa. Dra. Elizabeth Orofino, passei a compreender o que é a alfabetização e formação docente dentro da perspectiva discursiva e narrativa, em 2019.

Assim, minha concepção de ambientes alfabetizadores são espaços educativos presentes especialmente na escola, mas também fora dela, que oportunizem experiências de práticas sociais, culturais e afetivas de leitura e escrita na interação entre eu, o outro e nós. De forma a potencializar e significar a apropriação e produção de saberes feitos pelas crianças, pelos docentes em formação inicial e/ou contínua, principalmente na relação com a literatura infanto juvenil.

Acredito que ambientes alfabetizadores podem ser a sala de aula, o parquinho, o refeitório, o ginásio, o complexo de artes, o salão cinza, a cantinha, o Bosquinho, etc. Tendo em vista que esses ambientes precisam ser previamente organizados pelos professores e pelas crianças, para que a partir de uma escolha coletiva e uma intencionalidade pedagógica, o ambiente seja favorável às práticas discursivas.

Mas tais concepções que construíram em mim a partir de outras referências fundamentais sobre o ambiente alfabetizador. A primeira delas, é o que Ana Teberosky, em uma entrevista no dia 28 de novembro de 2008 para um site, diz ser:

*É aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos digitais ou em papel, um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que*



*usa a todo momento esses escritos, que faz circular as ideias que eles contêm, é chamada alfabetizadora.*

A autora na citação acima, já expressava sobre a importância disso ser uma cultura de textos que permeiam nosso espaço social, ou seja, aquilo que está exposto e produzido pela sociedade. A escola não pode se conceber como um espaço isolado do mundo, pelo contrário, diante da alfabetização, principalmente, necessita dentro de sua autonomia educativa, evidenciar o que está pelo mundo que seja relevante para a educação de cidadãos críticos e reflexivos, como já mencionava Paulo Freire.

Outra perspectiva importante para esse diálogo, também referente ao ambiente alfabetizador, está presente nas falas de Teberosky e Colomer (2003, p. 37) “faz referência às condições materiais e sociais em que se desenvolve a alfabetização”, assim trata-se de um conjunto de elementos e as ações sobre e com eles nesse espaço, fato que influencia na produção dos conhecimentos. Desta forma, segundo as autoras, “o ambiente não é importante por si só, mas para e pelo sujeito. [...]” (Teberosky; Colomer, 2003, p. 104), pois, para elas, cada criança vive aquele ambiente de forma subjetiva.

Assim, é de extrema relevância que esses ambientes alfabetizadores oportunizem que as próprias crianças atribuam significados para aquilo que está escrito, criando, assim, um contexto de cultura (Teberosky; Colomer, 2003). Para as autoras, ao se pensar nesse ambiente alfabetizador imerso em um contexto de cultura escrita, alguns pontos devem ser levados em consideração, como:

- a) *inventário dos portadores e suportes escritos* (que tipo de material é o mais apropriado para a intencionalidade e o interesse da turma?);
- b) *os tipos de linguagem escrita* (disponibilizar livros, jornais, revistas, escritos da vida cotidiana, dicionários, atlas, etc.);
- c) *localização e disponibilidade do material na sala de aula* (que sejam variados e em boas quantidades, e principalmente que estejam na visão e no alcance das crianças para elas possam manusear segundo sua autonomia);
- d) *qualidade do material para a criança* (ofertar materiais que aguçam o interesse e proporcionem a compreensão pelas crianças);
- e) *tempo de exposição do material* (que o tempo expresse o desenvolvimento de uma atividade e a criação de uma outra nova).



Deixo claro que minha concepção e nossa concepção de alfabetização aqui expressada e vivenciada não é construtivista e sim, discursiva. Porém, como educadores, devemos sim, evidenciar as contribuições cognitivas, sociais e afetivas das diversas correntes pedagógicas que influenciam a dinâmica escolar, especialmente dentro da alfabetização. Por isso, reafirmo que a concepção que narro para vocês de ambiente alfabetizador, também tem suas conexões a outras concepções teóricas.

Dito isto, pensamos então, em como vivenciar o ambiente alfabetizador no último dia de encontro do projeto. A principal ideia era que as crianças, as professoras, os graduandos e nós, que ao longo do ano vivemos a aprendizagem em diversos espaços, também assim o fizemos neste dia.

Foi conversado com as crianças que todo espaço da escola, em condições adequadas, é lugar de aprender. Aqui, as condições adequadas a que me refiro são, a exemplo: não estar muito quente, ou chovendo sem alguma cobertura, ter um ninho de animais peçonhentos, muito barulho, um lugar sujo, etc.

Ao conversar com as crianças e os lugares sugeridos, o Bosquinho<sup>50</sup>, apresentou-se pela maioria delas, como sendo o lugar adequado para isso, pelo valor afetivo e coletivo que se criou ali, afinal, este nome foi dado pelas próprias crianças e assim, tornou-se conhecido por todos da EAUFPA.

Construímos então, uma narrativa de aprendizagem a céu aberto, entre o rio que passa por baixo da escola e o no chão que as crianças tanto brincam, agora seria também o nosso espaço de brincar com as palavras, para que assim possamos, como diz Lucio (2019), atravessar das palavras alheias para as palavras próprias, pois acredito em:

uma alfabetização como acolhimento da palavra do outro, que favoreça o processo de transformação da palavra alheia em palavra própria, em que a expressão verbal e não verbal comece a perder a característica de discurso alheio, pois a palavra do sujeito começa a se consolidar como uma réplica à palavra do outro (Lucio, 2019, p. 272).

---

<sup>50</sup> Bosquinho é o nome do espaço que possui na escola permeado por árvores, terra de chão batido e flores. É um espaço que faz muita sombra, então mesmo no horário do intervalo estar bastante sol (10h), as crianças conseguem brincar tranquilamente ali. Além de ser um ponto estratégico, pois fica bem em frente ao salão vermelho (refeitório), educação infantil, sala de informática, coordenação de estágio e alguns blocos de sala de aula.



Diante disso, organizamos o espaço para evidenciar as práticas vivenciadas durante esse projeto, como: o livro da vida (baseado em Freinet), a atividade de elementos da natureza (a partir do literatura infantil o Kabá Darebu), as escritas das crianças sobre o que significa carta para elas, as cartas que as crianças escreveram e receberão sobre este dia, o chapéu dos narradores, as fotografias das vivências neste período, e as obras de literatura infantil experienciadas em sala de aula, principalmente aquelas onde os graduandos fizeram a roda literária com as crianças.

Ao trazermos as literaturas infantis, quisemos evidenciar que “o contexto também serve para aprender o sentido da relação entre ilustração e texto; [...] para facilitar a aprendizagem, evitando a separação entre a vida e a escola” (Teberosky; Colomer, 2003, p. 105). Bem como:

Na formação docente, também é preciso “desvendar os véus” desse desafio, trazendo o trabalho com os gêneros do discurso e a literatura infantil e juvenil como forma de valorizar o lugar docente de leitor e escritor. Igualmente, valorizar a compreensão docente dos conteúdos construídos e trabalhados nos eventos de formação, mostrando a face de um processo formativo que se preocupa com as necessidades reais dos professores e dos alunos das escolas públicas, inaugurando um novo dizer [...] (Lucio, 2019, p. 269).

Assim, durante este dia de formação docente na indução pedagógica da alfabetização, destacamos que os docentes que compreendem a importância de uma organização do ambiente alfabetizador não disponibilizam materiais reais, sejam eles escolares ou presentes na sociedade (Teberosky; Colomer, 2003).

Por isso, este ambiente alfabetizador não contém apenas as histórias contidas neles, mas as histórias que foram construídas quando os graduandos vivenciaram a dinâmica escolar, enaltecendo que “todos são sujeitos do conhecimento e constroem conhecimento sobre a leitura e a escrita, antes mesmo de um ensino sistemático” (Campos *et al.*, 2011, p. 2). Por isso, vivenciar as práticas sociais de leituras e escrita são fundamentais, e reconhecer o lugar de todos é o que faz a diferença.

Assim, durante a presença desses livros no Bosquinho, reafirmamos para as crianças que, os modos de dizer, são reconhecidos e valorizados por nós, o que reforça a própria formação docente.



b) As histórias contadas e encantadas por muitas vozes.

Imagem 8 – Montagem com fotos do encerramento do projeto na EAUFPA sobre o história contadas e encantadas



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Um dos nossos grandes momentos, era que crianças e graduandos, pudessem juntos, contar sobre o que vivenciaram durante este período. Assim, foi pedido aos graduandos que confeccionassem um banner dentro do gênero carta, em duplas, onde expressariam o que mais lhes tocou (no sentido larrosiano) durante esses 11 meses, em especial, no convívio direto com as crianças. Nós, coordenadoras e professoras, ajudaríamos eles nas orientações para aprimoramento da escrita.

Nosso intuito foi inovar no que se refere às apresentações de culminâncias de projetos formativos dentro da escola. A prática comum é: os graduandos vivenciam a Escola Básica e apresentam seus resultados na Universidade, longe daqueles que construíram o saber com eles: professoras, e especialmente crianças. Nosso ponto de atenção em si, não é pelo fato de ser na Universidade, e sim, pelo fato da não presença e participação dos coautores durante a socialização e dos modelos engessados de formações.

Assim, conforme Lucio (2016) destaca em sua tese, esses modelos “que, em grande parte, reproduz outros modelos escolarizados com densas aulas expositivas, palestras, oficinas entremeadas de um modelo transmissivo de conteúdo e que dificilmente dialogam com os sujeitos alfabetizadores” foram o perfil de formação que não quisemos proporcionar.

Desta forma, corroboramos com a autora quando diz que “os professores de todos os níveis de ensino são formadores, pois estes têm conhecimentos e saberes a compartilhar [...]” (Lucio, 2016, p. 48). E aqui, vamos para além dos professores, reconhecemos que as crianças também, nos seus modos de dizeres, tem algo a compartilhar e ensinar.

Isto posto, ao sentirmos e analisarmos os cinco banners construídos pelos graduandos em forma de carta, a qual, deveriam dedicar para alguém. Então, dentro dos eixos contextualizar, vivenciar e considerar, evidenciamos os dizeres que mais ressaltaram para eles nessa experiência formativa no eixo vivenciar:

- **Priscila e Xisto:** Imersão na sala de aula que possibilita vivenciar as práticas discursivas (Smolka, 2012) da professora N.P com diálogos, narrativas de histórias, desenhos, escrita e na interação social das crianças. Bem como o trabalho com a literatura e a livre expressão (Freinet, 1979), como por exemplo do livro “ Kabá Darebu”, do autor Daniel Munduruku.



- **A e E:** Uma aula-passeio baseada em Freinet (1979) na própria Escola de Aplicação da UFPA e no Instituto de Educação do Estado do Pará – IEEP. Destacam o momento de observação das crianças como forma de potencializar o processo de aprendizagem.
- **A e L:** trouxeram em forma de imagens os momentos que foram mais marcantes para eles, sendo: formação sobre educação inclusiva (UFPA-profa. Ms Bianca Pantoja), formação sobre alfabetização discursiva (auditório do PPGCIMES/NITAE/UFPA), atividades diárias de escrita com as crianças (turma 1ºano/EAUFPA), aula-passeio minha história com a EAUFPA (espaços da EAUFPA).
- **D e L:** destacaram as práticas discursivas da professora L.P no dia a dia da sala de aula (chamadinha, roda de conversa, leituras literárias, escuta das crianças, e atividades advindas da literatura). Dois momentos também foram marcantes: a leitura do livro dos “Três porquinhos” que gerou uma peça de teatro, outro foi o relato que as crianças fizeram do livro de "CHOPIN" de Anna Obiols, por meio de desenhos e criaram um novo título para sua história. E por último, o encontro formativo com a profa. ms. Bianca Pantoja sobre "Tecnologia a favor da Inclusão" nos ensinando sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) .
- **D e T:** destacam o fato de conhecerem por meio do projeto Célestin Freinet (1974), o cotidiano da sala de aula com professora N.P com as práticas discursivas baseadas em Smolka (2012) e Lucio (2016), o encontro teórico entre os autores com o livro da vida, as leituras de livros literários, os momentos de diálogo e conversação, na produção de narrativas a partir das ilustrações do livro, o desenho livre e as rodas de conversa. A leitura literária e a roda dialógica nos levaram para diversas reflexões sobre o poder da escuta e da palavra.

Assim, apresentamos abaixo as temáticas que foram evidenciadas por eles, seguindo uma ordem de menção, com a quantidade de vezes que cada uma foi citada:



Figura 39 – O que mais os graduandos destacaram no eixo vivenciar?



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Percebemos então, que a alfabetização discursiva nas práticas pedagógicas das professoras alfabetizadoras, o trabalho com a literatura infantil, e as contribuições do pedagogo Freinet, são os mais evidenciados pelos graduandos. Este fato reforça inclusive, quando eles expressam que conheceram o teórico por meio do projeto.

Esta evidência nos chama atenção pois o pilar era também trazer essas temáticas para os encontros formativos de forma mais acentuada, porém, uma coisa é aquilo que nós pretendemos, outra é como isso chegará e reverberar neles. Assim, trazemos abaixo , um trecho de suas vozes sobre o projeto:



Figura 40 – Relatos dos graduandos no encerramento do projeto piloto na EAUFPA



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Em ambos os banners as fotografias se fizeram presentes dentro de suas narrativas, expressas e organizadas de acordo com que cada dupla achava mais interessante, e nem todas se repetiram, frisando o que a última diz que mesmo as vivências têm sido coletivas, e apresentação do banner também, cada um teve uma

experiência subjetiva neste processo, pois a forma como cada um as interpreta e deixa ser atravessado por elas, é singular.

Assim, concordamos que:

Tais ações possibilitaram que os docentes articulassem suas experiências ao processo formativo e estas fossem convertidas em aprendizagem individual e coletiva, intrinsecamente vinculada aos princípios de desenvolvimento da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (Oliveira; Rios, 2020, p. 240).

Docentes aqui que concebemos como os que estão dentro da indução docente de Nogaro, Kuhn e Moreira (2021) e os docentes em atuação profissional. Pois, ainda conforme Oliveira e Rios (2020), de que ao tomarmos consciência de que a experiência compartilhada também cria o movimento de se construir conhecimentos, isso interfere diretamente na transformação das práticas pedagógicas.

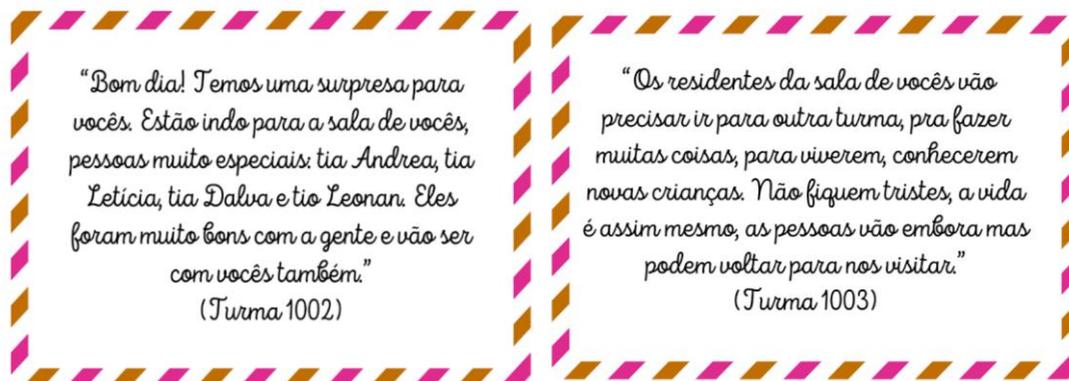
Por isso, essa transformação não afeta somente os graduandos e professores, mas também as crianças, tendo em vista que as práticas pedagógicas também são feitas para elas e com elas. Assim, para este momento formativo, também pedimos para as crianças apresentarem suas opiniões sobre o processo vivido. Elaboraram uma carta coletiva, sendo as professoras suas escribas, onde expuseram sobre este momento e a criança que se sentisse à vontade, apresentaria a carta para nós.

Pois acreditamos que “[...] falar da própria experiência e torná-la espaço de reflexividade a partir do contato com outras experiências [...]” (Oliveira; Rios, 2020, p. 240). E quando os graduandos compartilharam suas experiências, tudo foi feito em linguagem adequada para elas, de forma que a comunicação que fosse estabelecida, contemplasse também as crianças.

Assim, as crianças escreveram uma carta entre elas sobre o que estava acontecendo. As professoras foram as escribas das mesmas, então, após muito diálogo, elas conseguiram coletivamente, resolver como ficaria a mensagem que escrevem na carta. E com suas palavras disseram:



Figura 41 – Cartas escritas entre as crianças no encerramento do projeto na EAUFPA



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Constatamos que para as crianças, o que mais interessava em comunicar umas para as outras, não era de fato o que faziam na sala, o que poderiam fazer, quais atividades poderiam desenvolver. No subjetivo de cada turma, o que era mais importante naquele momento era expressar uma mensagem afetiva e amorosa sobre as pessoas que estavam falando. Com isso, destacamos que o processo de aprender durante esse período de indução pedagógica dos graduandos, também teve efeito nas próprias crianças, ao dizer que é importante destacar:

[...] o caráter histórico, subjetivo e ideológico na formação, enfatizando o horizonte de possibilidades que a constitui, uma vez que diferentes estratégias didáticas podem incentivar a *escuta amorosa* na formação do docente e do aluno, bem como trazer à luz a importância da escrita docente na formação e o debate sobre o processo de escolarização das práticas de leitura e escrita que possibilite aos alunos tornarem-se *responsivamente* críticos (Lucio, 2016, p. 95).

Estudantes que verbalizam e registram o seu pensamento, de modo a torná-lo sua própria consciência responsiva diante do acontecimento. As crianças, ao entenderem o processo que vivenciaram, podem escolher de forma crítica, aquilo que querem dizer, mesmo que outras pessoas as digam o contrário ou pior, tentem invalidar e calar suas vozes.

As crianças, durante nosso encontro, foram convidadas a expressarem suas dúvidas, seus comentários sobre o que ouviram e viveram. Sobre inclusive, o espaço que estávamos usufruindo ali. Quando perguntei se elas haviam gostado do que tínhamos organizado no Bosquinho, a maioria sinalizou que sim, e uma, depois de certo tempo, chegou comigo e expressou: – *Tia, eu gostei muito, porque tudo que a gente fez tá aqui, então é como se a gente tivesse ajudado também. Essas coisas*

*a gente fez quando era pequeno, agora a gente já tá maior, mas continuamos crianças mas eu ainda lembro de tudo isso, porque fui muito bom. Fiquei feliz de não terem jogado fora e de ter ajudado vocês. Eu gostei do dia de hoje e de todos vocês”.*

Aquilo me marcou, me tocou, me atravessou e ficou em mim. A criança se reconheceu naquele ambiente, se viu em suas atividades, olhou para sua trajetória, reconheceu sua prática, se viu atuante mesmo quando o ato já estava feito.

Dessa forma, salientamos que:

Aqui a experiência, [...] passa a ser concebida de um outro lugar, quando se coloca em jogo o que se fez e os sentidos e significados que dela originaram, sendo esse movimento possibilitado ao provocar quem narra, a partir do narrado, em meio a um coletivo que vive e experiencia situações cotidianas que favorecem este lugar da aprendizagem como conhecimento sensorial (Oliveira; Rios, 2020, p. 240).

Não foi simplesmente ouvir. Foi excepcionalmente ouvir. Cada voz, cada sentido, e cada dizer. Crianças, graduandos e professoras, em especial, tornarem voz de um coletivo que aprendeu, dentro do modo subjetivo de cada um, a dizer o que lhes tocaram, lhes atravessaram, e lhes permaneceram, enquanto *um*, enquanto *nós*. Pois, aprenderam a ser como Borboletas:

Figura 42 – Segundo poema de Manoel de Barros “Borboletas”



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

c) A pesquisadora, a professora, e a narradora: o entremeio de muitas.

Imagem 9 – Montagem com fotos do encerramento do projeto na EAUFPA pesquisadora, a professora, e a narradora



Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Imagem 10 – Montagem com a foto de Jessika Assiz e o poema no encerramento projeto piloto na EAUFPFA



Para quem não me conhece  
eu vou logo me apresentar  
Me chamo Jéssika Assiz,  
sou professora desta escola  
e me dedico a alfabetizar.

Uma história para vocês  
eu vim contar.  
Que não foi escrita só por mim,  
Tem vozes de pessoas  
que estão comigo do início ao fim.  
É sobre o que vivemos nesta escola  
que falaremos para vocês  
feito uma vitrola.

Tudo registrado em nossas cartas  
Iniciamos essa escrita feito lagartas  
Para que um dia, feito borboleta,  
a gente pudesse transformá-las  
Em um lindo registro,  
cheio de grandes aventuras mágicas

Vemos na alfabetização  
nossa grande inspiração.  
e enxergamos com vocês,  
crianças, nossa verdadeira admiração  
Obrigada por nos acolherem  
com todo os seus corações  
Este momento é nosso, queridos anfitriões.



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Dizer e ouvir o que vivenciei como pesquisadora, professora e narradora nesse processo é algo tão complexo como a alfabetização. Sei dos caminhos, sei o que senti, sei o que aprendi, mas cantar para o mundo e para eu mesmo requer um

mergulho autoral e comunicativo intenso. Como fazer com o que o outro compreenda e quiças, sinta um pouco do que vivi? É o que tentarei fazer a seguir.

Enquanto planejávamos, pensei, em diversos momentos, qual seria o lugar que deveria ocupar neste último encontro. E até cheguei a me questionar se haveria um lugar específico. Foi então que olhei para tudo que vinha construindo e aprendendo durante esse processo. E ao invés de ser apenas uma , quis ser muitas, assim como sou na vida. Pude então, ao vivenciar esse encontro, especificamente, pude trazer à luz as muitas educadoras que me constituem, dentro de um passado, um presente e um futuro.

Por isso, aprendo a cantar a melodia dita por Clandinin e Connelly (2015, p. 97) ao emanarem que:

[...] O contar sobre nós mesmos, o encontro de nós mesmos no passado por meio da pesquisa deixa claro que, como pesquisadores nós, também, somos parte da atividade. Nós colaboramos para construir o mundo em que nos encontramos. Não somos meros pesquisadores objetivos, pessoas na estrada principal que estudam um mundo reduzido em qualidade do que nosso temperamento moral o conceberia, pessoas que estudam um mundo que nós não ajudamos a criar. Pelo contrário, somos cúmplices do mundo que estudamos. Para estar nesse mundo, precisamos nos refazer, assim como oferecer à pesquisa compreensões que podem levar a um mundo melhor.

Cumplicidade, como a professora N.P já mencionou sobre sua relação com os graduandos, foi o que senti nas relações que estabeleci durante essa formação. Cumplicidade que em primeiro instante precisei fazer como mesma: a Jessika pesquisadora no passado precisava dar espaço e abrir caminho para Jessika pesquisadora narrativa. Houveram tensões, mas houveram reconhecimentos e encontros. Encontrei-me como pesquisadora dentro da academia, seguia o fluxo que haviam me ensinado não porque gostava de pôr ali navegar, mas porque acha que não existiam outras formas de se nadar.

Reconheço a importância que outras formas de pesquisa têm, mas enalteço que dentro daquilo que acredito ser o mais significativo na minha concepção de educação e no meu subjetivo, a pesquisa narrativa tornou-se a principal maneira de me mostrar pesquisadora.

Uma aparição e cantar nem tão harmônicos assim. No início, ainda sem conseguir chegar às notas, acreditava que talvez não fosse dar conta. Cantar uma melodia já conhecida, por mais que às vezes não seja tão emocionante, se torna o



caminho mais fácil e confortável de seguir. Mas cantar algo que verdadeiramente emociona a mim e aos outros é o que tento fazer pessoalmente e profissionalmente, na vida, e na Academia. Por isso, mesmo não alcançando as notas, com a garganta um pouco arranhada, e sem conhecer a letra por completo, me permitir cantar. Assim, a pesquisadora narrativa emerge, pois de alguma forma, ela sempre esteve ali.

E o momento que pude sentir fortemente foi durante este encontro, que era um encontro de muitos outros e uma propensão para futuros. Encontros que contam também sobre minha história, quando trago a professora e narradora para eles, subjetividades de uma pesquisadora narrativa.

Assim, olho para minhas histórias e encontro-me em confronto-me com meu passado, neste presente, vislumbrando um futuro. Canto histórias de mim mesma, tanto em um período passado como no presente atual. E essas histórias de mim mesma, possibilitando que novas histórias sejam construídas no futuro (Clandinin; Connelly, 2015).

A narradora que eu fui ao ingressar na carreira docente, de alguma forma, emerge ali, mas agora, de outro jeito, com outros tons, alçando novas notas. É como se pudesse viver a *memória do futuro*, dita por Lucio (2016) em sua tese. Memória de algo que sei que é possível de acontecer, porque minhas memórias passadas e atuais possibilitam esse movimento. Elas tornam-se visíveis, para mim e para os outros.

Clandinin e Connelly (2015), autores e educadores que vem me ensinando a pensar na perspectiva narrativa, que assim como qualquer outro processo de aprendizagem, não está acontecendo de forma linear, acalanto minha angústia quando me confronto comigo mesma, pois

Às vezes, isso significa que nossas histórias sem nome, e talvez secretas, vêm à luz assim como aquelas de nossos participantes. Esse confrontar de nós próprios em nosso passado narrativo torna-vos vulneráveis como pesquisadores, pois transforma histórias secretas em histórias públicas. Na pesquisa narrativa, é impossível (se não impossível, então obrigatoriamente decepcionante) como pesquisador ficar silencioso ou apresentar um *self* perfeito, idealizado, investigativo, moralizante (Clandinin; Connelly, 2015, p. 98).

Meu objetivo aqui com vocês não é mostrar-me como uma perfeita educadora do ponto de vista narrativa, nem definir ou apresentar como se deve vivenciar uma



pesquisa narrativa dentro do processo de formação na indução pedagógica. E sim, como eu vivenciei a perspectiva narrativa, como a pesquisadora, a professora e a narradora coexistiram dentro de mim nesse encontro, o que isso reflete e refletiu na minha prática educativa. Para que assim, compartilhando isto, outros também possam encontrar seu próprio tom para cantar.

Com isso, também quero dizer que:

A experiência documentada e compartilhada transpõe para o mundo do texto a possibilidade do com-partilhamento entre quem escreve e os leitores aspectos que antes estavam no subconsciente do narrador, em que o ato experienciado, imprime por intermédio da política de sentido que é constituída nesse movimento de pensar coletivamente a sua experiência individual e dessa forma se propõe a também deixar no outro a possibilidade de também reconstituir suas próprias políticas de sentido dada às suas experiências (Oliveira; Rios, 2020, p. 241).

Compartilhar com vocês este processo, ativa dentro mim, reflexões antes adormecidas em meu subconsciente. Assim, dentro dessa experiência coletiva, consegui visualizar minha experiência subjetiva. E a primeira delas, foi meu reencontro com a prática docente ativamente, mas agora como uma pesquisadora narrativa.

O efeito que causou em minha formação durante este encontro me fez perceber, por exemplo, o quanto estar em ambientes alfabetizadores demanda de mim uma imersão profunda no conhecimento de mim, dos interesses das crianças, e da própria lógica de funcionamento escolar que acontece antes, durante e depois.

Pois, como estou de licença para escola neste período, precisei acessar minhas antigas experiências e somar com as novas experiências que estava tendo, para então, chegar a um lugar onde as crianças e as professoras pudessem compreender o que eu cantava. Tendo em vista que, aquilo que estava me disponibilizando a viver com todos, chegava em meio a outras histórias que já estavam sendo vivenciadas por eles, em suas salas de aula, escola e comunidade (Clandinin; Connelly, 2015).

Assim, a pesquisadora chama a professora e a narradora para também se fazerem presentes. Minha forma de entremear nessas histórias já vivenciadas foi essa. Não sei dizer em que ponto cada subjetividade minha inicia ou termina, mas sim, quando cada uma está mais ativa que a outra.

O que significa que “ao construir a trama da experiência narrada, os(as) professores(as) narradores(as) assumiam para si e para a configuração textual uma



dimensão outra do que significava o tempo, na forma de conceber a experiência [...]” (Oliveira; Rios, 2020, p. 245). Com isso, consigo olhar para essa experiência não apenas como a conclusão de uma pesquisa, mas como um processo formativo possível de se vivenciar na escola.

Outro ponto de reflexão minha, diz a respeito que meu papel ali não era maior ou melhor do que nenhum outro. Ter tomado a iniciativa de poder mediar aquele encontro de forma mais intensiva, foi para que, eu contribuísse para que professoras, crianças e graduandos viveram aquele momento sem uma pressão grande, e como também, forma de agradecer por eles terem me permitido entrar em suas vivências.

Não me via como a formadora que estaria ali para formar crianças e adultos. Me via como a professora, que chegava para aprender, a narradora, que chegava para encantar, e a pesquisadora, que chegava para vivenciar.

Estávamos todos, nos ensinando e aprendendo uns com os outros, visto que o propósito também seria de contribuição, colaboração, cooperação entre o processo de ensino e aprendizagem, “refletindo que sempre existem um *eu* e *outros* que *pensam, planejam, escrevem* e *vivem* a formação docente. Ambos compreendem a historicidade constitutiva do sujeito, da linguagem, da própria sociedade [...]” (Lucio, 2016, p. 97). É reconhecer que o outro não apenas existe, mas que eu ao me relacionar com ele, também construímos nossos processos formativos.

Dito isto, eu, aprendi muito ao ouvir os graduandos dizerem o quanto a alfabetização discursiva (Smolka, 2012) e as práticas inovadoras de Freinet (1974), e todos os 121 encontros formativos que tiveram contribuíram para seu processo de formação tanto pessoal, quanto pessoal.

Aprendi quando a criança, que dentro da sua indecisão de apresentar-se na frente ou não, olhou para sua professora e disse: “tia, vem comigo?”. E ela respondeu: “Claro, meu amor”. Quando a outra criança, sem indecisão, levantou-se e disse “eu quero falar, tia”. Independentemente de como cada uma crianças chegaram a frente para falar, ambas falarem. Ambas entoaram sua voz e cantarem suas notas, em seus tons. Evidenciando que, no processo de ensino-aprendizagem, somos coautores desse processo.

E aprendi quando as professoras expuseram que vivenciar a formação, de forma integrada, na perspectiva narrativa, dentro da indução pedagógica na



alfabetização, pela primeira vez, se sentiram de fato vivendo a codocência, uma utopia em muitas situações passadas. E quando, mesmo com pouco tempo de caminhada conosco, sua vontade de aprender mais sobre práticas discursivas de alfabetização, já faziam muito mais sentido em sua formação.

Nesta tessitura, acredito que o trazer essas vozes para minha formação, assume um papel de potência e não de silenciamento. Assim, a voz da narradora em mim se faz necessária, para, ao olhar de fora e ao mesmo tempo de dentro diante deste *entremeio*, posso dizer *sobre mim e por mim*, no mesmo movimentos que digo *com os outros e para os outros*. E nesta teia, também *dizer para mim*.

Reflico por tanto, que não apenas pesquiso, narro, ensino, e assim *experencio*. Desta forma, conseguir visualizar as mudanças que tentei vivenciar dentro da minha formação no final da graduação e início da minha atuação docente, que infelizmente, não consegui. Onde a teoria se sobrepõe à prática, sem uma conversa dialógica entre elas.

A realidade escolar que conhecia pela teoria era muito diferente da que encontrei. Como alfabetizar crianças que chegam à escola com fome? Como alfabetizar crianças que, devido a demandas emocionais e psicológicas, não conseguem ver propósito em estudar? Como alfabetizar crianças que, por questões familiares, não se sentem acolhidas dentro do seu próprio lar?

Como alfabetizar crianças, que de forma involuntária, possuem dificuldades de aprendizagens que elas e nem seus familiares sabem lidar? Como alfabetizar crianças com deficiência tendo que dividir com as inúmeras outras demandas inclusivas? Como alfabetizar quando você mesmo é subjulgado por seus colegas diariamente? Como alfabetizar, se às vezes, nem você mesmo, consegue ver alfabetizando diante de tudo isso?

Estas são reflexões que trago para nós no intuito de pensarmos sobre. Não no intuito de respondê-las (pelo menos não agora). Elas precisam ecoar em nossas práticas, em nossos pensamentos e em nossos sentimentos. Precisamos ouvir o que ela tem a nos dizer, e não apenas sobre o que dizem. Cada um aqui, encontrará seu próprio tom para respondê-las, ou melhor, vivê-las.

Por essa razão, enlaço-me com as palavras de Lucio (2016, p. 95) ao dizer que o meu zelo com e para vocês é poder:



[...] registrar a vivência de uma formação que construiu a mudança de estratégias formativas por meio das inter-relações e interlocuções entre professores da educação básica e professores formadores pesquisadores universitários, sobretudo, quando a escola básica e a universidade entrecruzam-se na dialogia da formação continuada docente.

Nesse entrelaçamento que vivemos dentro da formação a que eu, eles e vocês, se dispuseram a entender, acredito ser possível uma forma outra de educação fazermos. Pois, fio-me que “[...] ora o formador é co-produtor da formação ora o professor é co-produtor da formação, mas são sempre produtores de conhecimentos alicerçados no terreno da formação” (Lucio, 2016, p. 56-57). Construimos juntos, a partir do que sabemos, e do que cada um sabe. Todos nós, de formas distintas, temos algo a aprender e algo a ensinar.

Ensinamos para nós mesmos. Assim acredito que fiz comigo, quando conseguir desnudar o meu fazer e refletir sobre os impactos e alterações dentro do meu viver, no “entrecruzamento das ideias e das possibilidades formativas que as experiências apresentam” (Oliveira; Rios, 2020, p. 245). Um ato difícil, mas totalmente possível. Como quando planejei que as crianças iriam olhar para cada espaço durante 20 min, e elas quiseram olhar por 30 minutos o espaço do Bosquinho.

Canto, então, que para ser docente alfabetizadora, preciso entender o que é ser pesquisadora narradora. E que ser pesquisadora narradora requer uma fruição no tempo e no espaço, uma vivência participativa, e não meramente um estado de observação, é um estado de *observância*<sup>51</sup>, ou seja, *eu observo aquilo que vivo, e vivo aquilo enquanto eu observo*.

Assim, a forma que escolhi cantar traz a narrativa também autobiográfica pois “[...] como perspectiva de vida, de pesquisa e formação envolve uma escolha ética, política, metodológica e epistemológica, também poética, artística e afetuosa. Traz o si de uma forma profunda, histórica, sensível” (Morais, 2024, p. 17). Que nas palavras do autor significa que:

[...] Expõe amores, sabores, fraturas, horrores, temores, desejos. Mas também condiz com uma aventura nas quais revela-se encantadora, desafiante, não comum. Lida com a subjetividade, com o que é singular e certamente irrepetível, até porque a pessoa pode narrar tantas quantas forem as vezes, mas nunca uma história se repete do mesmo modo, com as mesmas palavras, nem com os desfechos, acontecimentos e histórias

<sup>51</sup> Na brincadeira de inventar palavras, observância chega até mim.



envolvidas, contadas, narradas. Nem acontece com as mesmas emoções, sentimentos, afetos e sensibilidades promovidos e praticadas na arte de narrar (Morais, 2024, p. 17).

A arte de narrar para mim é canto da vida, da formação, da alfabetização discursiva, da experiência larrosiana, da pesquisa narrativa e da pesquisa narrativa criativa. E neste canto autobiográfico escolho-o como arte de narrar pois, em sintonia com Moraes (2024, p. 21), componho também os três princípios essenciais para nesta escrita, que tem como primeiro que ela potencializa o dizer como dispositivo de autoria, pois “[...] nas escritas de si, esse potencial se desabrocha de forma muito mais grandiosa e enriquecedora”. A segunda fala sobre a relação da consciência de si, a historicidade e reinvenção de si, o que possibilita ter em novos projetos “[...] uma filosofia de vida que faça sentido para si” (Morais, 2024, p. 21). E a terceira enfatiza sobre uma nova forma de escrita científica e acadêmica, onde sentimentos e emoções fazem parte dessa escrita como fazem parte da vida.

O que para o autor pode ser concretizado de forma implicada, ao:

[...] se autorizar para se expor e permitir que suas sensibilidades extrapolem do plano do pensamento ao plano da ação de escrever sobre si, como do que sente, acredita, lhe move ou sonha. Enfim, uma escrita em que as energias fluídas sejam reverberadas, refletidas e interpretadas no processo de narração de histórias, e, principalmente, que faça sentido, produza efeitos e cause impactos, (trans)formações e mecha com o corpo, alma, espírito e coração (Morais, 2024, p. 22).

Por isso, com essas energias fluídas, aprecio as certezas e emoções das práticas que vivi, nesse (re)encontro com pessoas, que mesmo próximas a mim, também são distantes, de entender com meu lugar ou meus lugares nessa vivência formativa, entendo que a indução pedagógica na alfabetização é não somente um entre-lugar, uma margem no rio, é as profundezas desse próprio rio, é um *entre-existir*, de mim e de muitos. Sabendo que dentro desse período, dos dois últimos anos até os cinco primeiros anos de atuação profissional (Nogaro; Kuhn; Moreira, 2021), eu coexisto e *entre-existo* dentro da alfabetização.

Por isso, criei este poema, uma das coisas que mais adoro fazer enquanto contadora de histórias e professora, trazer a poesia sob os ventos:



Figura 43 – Poema sobre o encerramento do projeto piloto EAUFPA



Para quem já me conhece  
 não preciso mais me apresentar  
 porém, ainda há coisas que preciso falar.

E uma delas é que dentro da formação  
 vi ser possível a colaboração  
 Dentro da indução  
 vi ser possível a democratização  
 E dentro da alfabetização  
 vi ser possível a humanização.

Construí um projeto de indução pedagógica na alfabetização  
 Cocriado por mim e pela professora Beth em parceria com muita gente  
 Os chamados autores-sujeitos dessa formação  
 Que fizeram os conhecimentos aparecerem de forma emergente.

Essa experiência também trouxe uma grande transformação  
 De uma professora pesquisadora que agora se via narradora  
 Com a pesquisa narrativa, compreendi minha autoformação  
 Visualizando a educação de uma forma inspiradora

Com Smolka e Freinet na observância,  
 outras práticas docentes apresentamos  
 Enquanto alfabetizadora vejo a grande importância  
 De termos na experiência, nossa grande formação.

E atuando em uma escola pública federal,  
 Acredito na aprendizagem de modo visceral  
 Unindo aquilo que sei com aquilo que sou  
 Para a na docência entender o que me atravessou

Por fim, experienciei a Universidade e a Educação Básica  
 Em uma colaboração formativa  
 Como se tocássemos uma linda música  
 Sendo importante, que cada um de nós traga a sua narrativa.

Por Jessika Assiz

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Imagem 9 – Foto com todos do projeto piloto no dia do encerramento na EAUFPA



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

## 5.7 As vozes que chamam o podcast: uma conversa entre nós

Durante esta vivência, especialmente em nosso encontro no Bosquinho, a lembrança e a presença de Jaiara se fizeram constantes em mim. Lembrei-me do seu olhar curioso, do seu sorriso leve, de seus passos empolgados e de suas palavras firmes ao caminhar comigo pela escola. Lembrei-me da flor. Lembrei-me da carta. Lembrei-me de Júlia Ruana. De minha professora alfabetizadora. Lembrei-me de mim.

Jaiara teria amado viver aquele encontro, ou melhor, toda a experiência. Assim eu acredito. Mas Jaiara precisava estudar, tanto porque ela queria se sentir alfabetizada como queria ser professora alfabetizadora um dia. E justamente no dia do Bosquinho, ela teve um compromisso familiar, e não pode estar presente fisicamente. Mas era curioso como sempre vinha uma garça branca sobrevoando o Bosquinho. Então, quem sabe, de alguma forma, ela não tenha vivido, pois esta menina reativou em mim o poder que temos de entoar nossa voz. Ao vivenciar todo este projeto piloto com os autores-sujeitos dessa pesquisa, ouvia também a voz dela e de tantas outras crianças que habitam a escola comigo, que habitaram e que ainda vai habitar.

Assim, tive a ideia de que Jaiara poderia viver conosco outra experiência dentro da escola. Passados alguns dias, consegui contato com elas e as convidei novamente para virem à escola. Como sua mãe precisava trabalhar, perguntou se Jaiara poderia passar uma manhã comigo na escola. Com tudo autorizado, Jaiara e eu novamente nos reencontramos.

Só que dessa vez, Jaiara trouxe consigo um desenho que fez. E disse que gostaria que uma pessoa muito importante também vivenciasse a escola conosco: Júlia Ruanna.

*– Tia, a Ruth de Araruna foi professora que nem a senhora, então pode ser que a gente encontre algo sobre ela. E se a gente não encontrar, pelo menos ela vai poder visitar a escola com a gente.*

*– Égua, excelente ideia! Ruth de Araruna foi professora alfabetizadora, como hoje eu sou também. Sua presença na escola também será mantida por nós.*



*Agora sim, faremos uma bela aula-passeio, e para isso, vamos fazer como um cara muito esperto me ensinou, Celestin Freinet, lembra dele?*

*– Ah tia, lembro mais ou menos. Só daquilo que tua professora disse pra gente naquele dia. Acho que foi semana passada né?!*

*– Não menina, faz alguns meses já. Ele foi um grande educador, que trouxe muitas práticas legais e inovadoras para construirmos na escola. As que eu mais gosto, particularmente, são o livro da vida e a rádio escolar. Inclusive deixa eu te mostrar esse livro da vida que a turma do 1º ano, com a professora alfabetizadora N.P, construíram ano passado aqui na escola:*

Fotografia 43 – Livro da vida confeccionado pela professora e pelas crianças



Fonte: Acervo pessoal da autora deste trabalho, Jessika Assiz (2024).

*– Que lindo tia, a gente pode fazer um também? quando eu começar a estudar aqui um dia?!*

*– Claro sim, vamos anotar isso dentro do nosso bloquinho nas memórias do futuro.*

*– Tia, a sua professora vem hoje também?*

*– Infelizmente não, ela estava navegando por águas distante hoje, mas deixou esse áudio e esse caderno para gente. Acho que vai ser difícil nos perdemos rsrs.*



Assim, começaram a aula- passeio pela escola. Em uma passada de vento, Jaiara disse:

– *Ah tia, eu também gosto muito de rádio, porque lembra meu avô, meu tio e minha avó, lá do Marajó.*

– *Eu também gosto muito de rádio, principalmente porque também me lembra muito a minha família. Em especial, o meu vizinho.*

Respiração funda. Olhos cheio de lágrimas. E coração cheio de emoção. Continuaram então, a seguir o caminho. Durante o trajeto fomos percebendo sons que habitam na escola: o barulho da campa, dos carros, das crianças brincando, dos professores falando, dos passarinhos cantando, do quero-quero no parquinho, dos passos andando e correndo no piso vermelho da escola. Escutamos o vento passar. E aí nos olhamos, e na mesma hora perguntei: que vozes aqui na escola, mas tens ouvido? Jaiara ficou um silêncio, pensando. E depois disse:

– *Som de escola, tia.*

– *E a senhora tia, que vozes ouve aqui?*

– *Som de pessoas, professoras, crianças, porteiros, serventes, merendeiros. Sons de gente. Ah, e falando nisso, quero te mostrar algo que fizemos aqui na escola, lembra das cartas da Júlia Ruanna que tu trouxestes naquele dia? Pois é, um grupo de estudantes de pedagogia lá da UFPA, vieram aqui para estudar e experienciar sobre a docência na alfabetização. E inspirada no que tu me mostraste, passamos a escrever cartas sobre o que vivemos. Foram muitas, mas gostaria de te mostrar.*

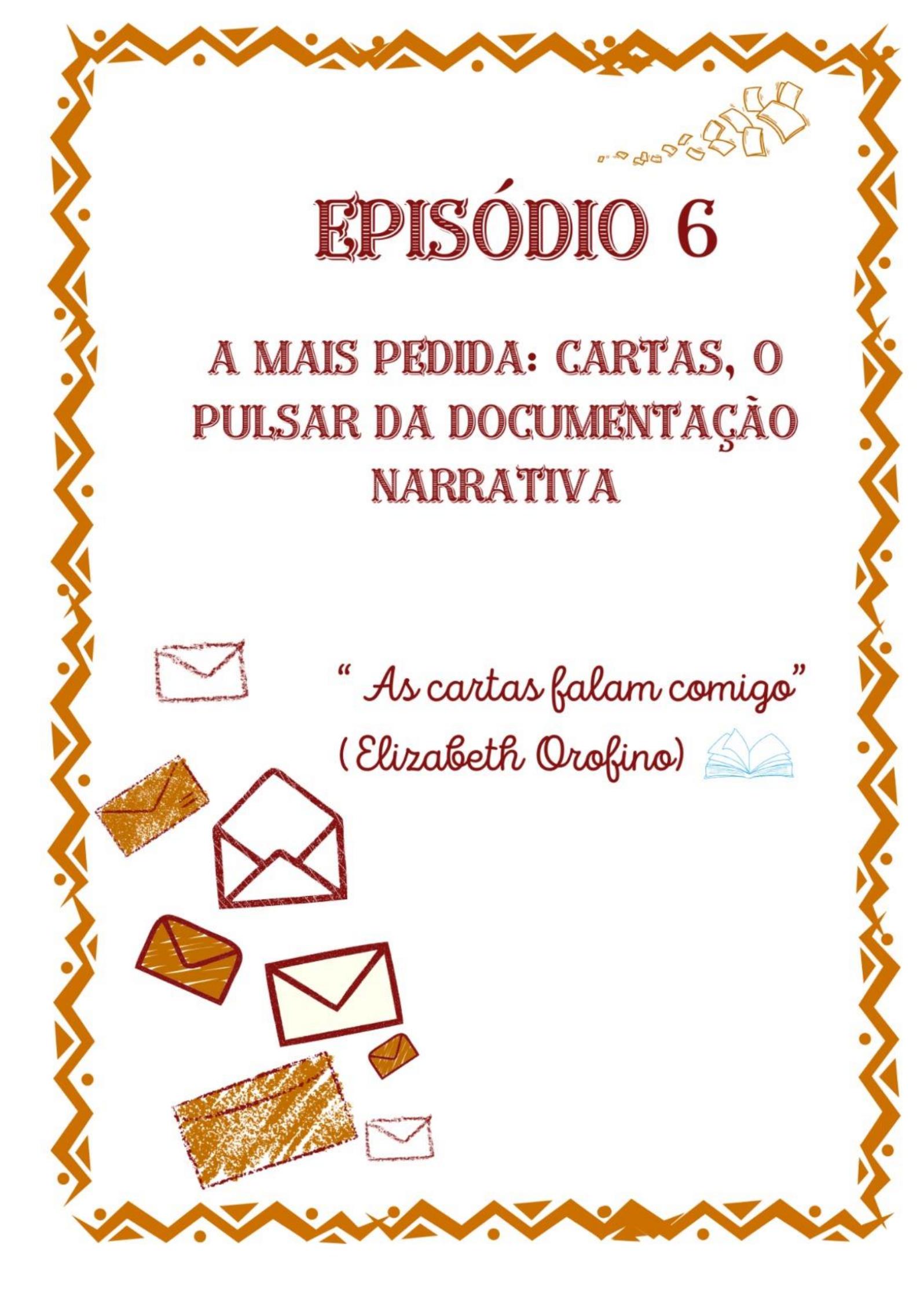
Chegamos na sala de aula, onde a caixa estava guardada dentro do armário, com todas as cartas juntas. E aí eu disse:

– *Essas são as vozes que mais tenho pedido para ouvir, que tem falado comigo e me atravessado e me “avessado”<sup>52</sup>. Deixa eu te contar sobre elas...*

---

<sup>52</sup> Virado do avesso. Uma das brincadeiras que mais gostava quando criança, era criar palavras que achava que não existiam.





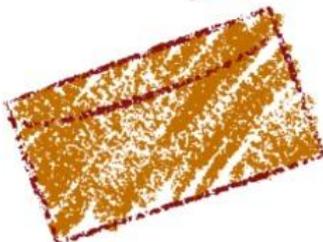
# EPISÓDIO 6

## A MAIS PEDIDA: CARTAS, O PULSAR DA DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA



*“As cartas falam comigo”*

*(Elizabeth Orofino)*



## EPISÓDIO 6 A MAIS PEDIDA: CARTAS, O PULSAR DA DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA

Escutar as vozes que permeiam nossos pensamentos, nossas crenças e nosso cotidiano é muito mais que apenas ouvir o barulho que fazem. Para além disso, é permitir que aquilo dito por elas nos atravessem e nos avessem de tal modo que não podemos mais ser como éramos antes. É sentir no âmago de quem somos, quem são aqueles que nos dirigem seus pensamentos, suas crenças e seu cotidiano. E assim, também afetam nossas aprendizagens.

Assim, dentro desse programa pioneiro de indução pedagógica na alfabetização, coordenado pela Profa. Dra. Elizabeth Orofino e por mim, a narradora desta história, profa. mestrandia Jessika Assiz, temos como objetivo registrar e documentar aquilo que foi experiência dentro do que os graduandos vivenciaram, a partir da concepção que estamos alicerçados em Larrosa (2002), pois é a experiência de vida dentro desse projeto de indução que me traz o que é relevante.

Assim, para melhor entender essas vozes que nos atravessaram durante a nossas experiências nesses 11 meses, encontramos na documentação narrativa, o abraço mais duradouro para esta pesquisa dentro da perspectiva narrativa. (Clandinin; Connelly, 2017).

Deste modo, Suárez (2003, 2005, 2007, 2011) encontra-se comigo metaforicamente. Em sua bagagem, vindo da Argentina, traz a documentação narrativa<sup>53</sup>, a qual, segundo ele, é modalidade de investigação e ação pedagógica que busca reconstruir, publicizar, interpretar os significados que são produzidos pelo docente e que conseguem perceber quando escrevem, leem, refletem e falam entre outros professores sobre as experiências educativas que os atravessam.

Assim, neste meu conhecer da documentação narrativa, este grande teórico argentino, atina que esta estratégia pedagógica de investigação - ação tende detalhar de forma profunda os mundos escolares, as práticas educativas que neles acontecem, as pessoas que os habitam e os fazem, e os entendimentos que são produzidos e recriados pelos educadores (Suárez, 2007).

Então, a documentação narrativa não apenas registra de qualquer modo esses mundos e as complexidades que a fomentam, seu intuito também que as

---

<sup>53</sup> Sua origem como narrativas de experiências escolares está ligada a um projeto curricular que destaca as práticas docentes que fora implementado no Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia da República Argentina nos anos de 2000 e 2001 (Suárez, 2003).



leituras que forem realizadas possam acontecer de forma dinâmica e produtiva sobre as experiências acontecidas nos contextos institucionais, territoriais e históricos. Assim, é preciso que seus trabalhos estejam alicerçados ao percurso individual e coletivo das tessituras pedagógicas, com os textos feitos pelos próprios professores, a fim de criarmos uma cooperação de escrita (Suárez, 2007).

Por isso, não é simples documentar narrativamente o que se passa na escola, mas “[...] compreender em termos pedagógicos ‘o que acontece’ e ‘o que acontece com’ os atores educativos nos espaços escolares [...]” (Suárez, 2007, p. 1). Assim, vemos que,

[...] Ao contar suas histórias de ensino, os professores autores descobrem significados pedagógicos parcialmente ocultos ou ignorados, questões pedagógicas ainda sem nome ou nomeadas de forma inadequada. [...] Portanto, no movimento de ‘dar para ler suas histórias pedagógicas’, os professores narradores entregam suas próprias leituras sobre o que aconteceu na escola e o que aconteceu com eles como professores, educadores e pedagogos (Suárez, 2007, p. 13).

Com isso, conseguimos visualizar as situações que emergem dentro do próprio contexto escolar. Vindo então, como uma forma de inovar nos modos em que os educadores se sentem desafiados e chamados para reorganizar a memória educacional dos contextos escolares (Suárez, 2007).

Inovação que parte da premissa de que, documentar uma pesquisa narrativa, precisa acontecer de forma narrativa, e não conforme os modelos tradicionais, onde os autores escrevem na terceira pessoa, afastados de suas próprias histórias, engessados por objetivos determinados, tornando-se assim, não autores de suas histórias, mas reprodutores da prática cientificada (Suárez, 2007). A documentação narrativa nos convida a olhar para cima do muro e pelo muro da rigidez.

Assim, nosso querido hermano Suárez (2007) nos faz refletir ao dizer que os textos que são produzidos dentro da documentação narrativa, não acontecem meramente de forma desleixada, totalmente livre e sem conexões. Segundo ele, os sujeitos, ao pesquisarem sobre sua realidade escolar e gerarem seus textos pedagógicos, o fazem “[...] em condições bastante específicas e no quadro de um dispositivo de trabalho que visa regular os tempos, os espaços e os recursos teóricos e metodológicos para a sua produção” (Suárez, 2007, p. 15). Neste enredo, ele também complementa dizendo que:



[...] Na verdade, como narrativas que mostram as interpretações pedagógicas construídas ao nível da experiência a partir da perspectiva de seus produtores, são materiais documentais densamente documentados significativos que incentivam a reflexão, a conversa informada e a discussão horizontal entre professores. E como documentos pedagógicos que podem ser desenvolvidos em espaços institucionais próximos às escolas e divulgados entre os professores, mostram potencial inédito para investigação e reconstrução da memória pedagógica da escola (Suárez, 2011, p. 396).

A documentação narrativa da alicerces densos para as pesquisas educacionais, pois são construídas *por, entre e para* educadores. Trazendo não apenas o ineditismo, mas o potencial criativo de se viver e aprender com a escola diante daquilo que nos atravessa e nos avessa.

Por isso, destacamos que no decorrer da documentação narrativa, estamos para além de registrar os momentos e as experiências vividas, mas especialmente, registrar aquilo que estamos sendo neste percurso enquanto educadores em processo formativo contínuo. Enquanto *pessoas aprendentes*. Enquanto sujeitos ativos de nosso próprio conhecimento.

Conhecemos então a escola, por nós mesmos, um olhar que parte de quem é de dentro, mas também é fora de nós: nossos companheiros de docência, de planejamento, de práticas, de formação. Nos formamos com a experiência do outro, e com a nossa própria, no movimento cíclico de nos aproximarmos de nós mesmos e nos distanciarmos de nós mesmos.

Nisto, dizemos nosso “até daqui mais um pouco” ao camarada Suárez (2007, p. 19), ao conseguirmos contemplar que o ato e efeito de documentar narrativamente as experiências pedagógicas:

[...] não é apenas escrever, muito menos escrever sozinho e isoladamente. Envolve sempre a constituição de um grupo de professores autores de histórias pedagógicas e, fundamentalmente, o exercício reflexivo de leitura, conversação e interpretação pedagógica em conjunto com outros colegas, com o objetivo de reconstruir narrativamente os saberes pedagógicos postos em jogo nas experiências educacionais que os tem como um de seus protagonistas. Portanto, esta modalidade particular de trabalho visa combinar, por um lado, a geração de condições políticas, pedagógicas e institucionais para que seja possível a sistematização narrativa da prática pedagógica e, por outro, a disponibilização das condições de tempo, espaço e recursos para escrever, ler, ouvir, pensar e falar entre professores. E para isso se apoia em abordagens teóricas e estratégias metodológicas que se distanciam das mais convencionais.



Muitos dizem que a escola e seus protagonistas produzem saberes, de diversas esferas. Mas sempre nos perguntamos quem de fato para para ouvi-los? Não como quem resolve escutar o músico que toca enquanto vai em direção ao seu objetivo. Mas sim, como quem acorda, sabendo que quer escutar o som dos passarinhos.

Aqui, somos todos passarinhos.

Nesta perspectiva, Suárez (2017) traz uma enunciação que complementa de modo significativo e relevante que a documentação narrativa possui dentro da pesquisa-formação, pois mostra o grande potencial que existe em compreendermos o mundo escolar a partir das histórias pedagógicas de seus protagonistas. Aqui compreendemos e defendemos que os professores da educação básica são os autores da construção do conhecimento científico em parceria com os professores do Ensino superior.

Assim, por isso, deixamos como lembrança deste encontro significativo com Daniel H. Suarez, o poema de Manoel de Barros, outro grande camarada nosso:

*A gente foi criado no ermo igual ser pedra.  
Nossa voz tinha nível de fonte.  
A gente passeava nas origens.*

*Bernardo conversava pedrinhas com as rãs de tarde.  
Sebastião fez um martelo de pregar água na parede.  
A gente não sabia botar comportamento nas palavras.  
Para nós obedecer a desordem das falas  
infantis gerava mais poesia do que obedecer as regras gramaticais.  
Bernardo fez um ferro de engomar gelo.  
Eu gostava das águas indormidas.  
A gente queria encontrar a raiz das palavras.*

*Vimos um afeto de aves no olhar de Bernardo.  
Logo vimos um sapo com olhar de árvore!  
Ele queria mudar a Natureza?*

*Vimos depois um lagarto de olhos garços  
beijar as pernas da Manhã!  
Ele queria mudar a Natureza?  
Mas o que nós queríamos é que a nossa  
palavra poemasse.  
(A Turma, 2013, Manoel de Barros<sup>54</sup>)*

<sup>54</sup> Em novembro de 2013, a editora LeYa publicou uma edição do livro "Poesia Completa", de Manoel de Barros, com o último poema de autoria do escritor poema, cujo título é "A Turma", Barros volta à sua infância, lembrando os amigos Sebastião e Bernardo, em meio à natureza do Pantanal, onde



O que Manoel de Barros descreve em seu poema sobre algumas de suas memórias de infância não diz respeito somente a ele, mas sim ao “nós”. Noa diz respeito a tudo que vivenciou, mas sim aquilo que mais foi marcante para ele, que lhe atravessa e nos avessam em forma de palavras.

Por isso, a experiência que destacamos na documentação narrativa não é tudo que foi vivido, como colocam Clandinin e Connelly (2015), e sim o que diz Larrosa (2002), que a experiência é aquilo que é marcante, que os tocaram, e por isso constituem-se como importantes unidades narrativas para o trabalho de indução pedagógica na alfabetização.

Tendo esclarecido isso, buscamos responder, enquanto nossa pergunta impulsionadora: “quais são as experiências relevantes para a indução no campo da alfabetização de acordo com esses autores-sujeitos?”. Nós poderíamos responder isso pela racionalidade técnica, mas nossa pesquisa é implicada. Por isso, se faz necessário ouvir as vozes desses sujeitos em formação docente na alfabetização, autores e coautores dessa trajetória formativa.

### **6.1 Cartas: as vozes que nos atravessam e nos avessam**

Deixar ser atravessado e “avessado” não é algo trivial, mas é algo revolucionário. Por isso, também inspiradas nas cartas que a professora alfabetizadora Ruth de Araruna enviava para sua família sobre seus primeiros passos na então Escolinha Primária da Universidade Federal do Pará, escolhemos a carta para que essas vozes reverberassem em nós, pois elas “[...] desenvolvem-se, consolidam-se e se transformam em função de uma série de injunções sócio-culturais e históricas [...]” (Silva, 2022, p. 50). As cartas, aqui entendidas, retratam não apenas um contexto, mas vários, tecidos e entremeados uns com os outros.

Por isso, conforme Silva (2002, p. 52), “na história das práticas comunicativas mediadas pela escrita, a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas a distância [...]”. Ou seja, construções que não

---

cresceu. Bernardo é um personagem recorrente na obra do escritor, citado nos livros "Cantigas por um Passarinho à Toa" (2003), "Menino do Mato" (2010) e "Escritos em Verbal de Ave" (2011). O personagem é baseado em um Bernardo real, um rapaz que cuidava da tia de Barros, quando o poeta era criança, e a quem o escritor passou a considerar como irmão, mantendo contato com ele até sua morte, em 2003. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/11/13/em-seu-ultimo-poema-manoel-debarros-lembra-amigos-de-infancia-no-pantanal.htm>



são findadas exclusivamente no contato presencial, que podem continuar a serem estendidas independente da distância de seus autores e interlocutores.

Dito isto, durante esta pesquisa de campo que durou 11 meses, as cartas atravessaram um tempo e espaço que foi socialmente e historicamente construído por nós, após cada vivência que tivemos. Concebemos então que, para além de práticas comunicativas, as cartas também a nossa documentação narrativa escolhida nesta história.

Desta forma, com base nos dizeres de Oliveira e Rios (2020, p. 246), conseguimos visualizar que, por meio das cartas, é possível “[...] desencadear processos (auto)formativos e de construção de autoria e autonomia docente [...]”, um dos pontos centrais da documentação narrativa para os autores. Os autores ainda reforçam:

O movimento de narrar para os seus pares as experiências que marcam seu percurso formativo é o princípio básico da construção do trabalho com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. Por partir dos preceitos da investigação-formação-ação, estes professores (as) que participam do processo na condição de narradores tem a possibilidade de ampliar os conhecimentos e reflexionar por intermédio de suas práticas, as experiências que marcam o seu percurso. [...] Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas é constituída por um universo de possibilidades para a pesquisa e o campo da formação. A discussão que está presente na composição do dispositivo é muito mais significativa para o processo e contribui diretamente para que ocorra a constituição de uma dimensão de pesquisa que envolve a universidade, os procedimentos acadêmicos e os colaboradores (as) como centralidade do processo (Oliveira; Rios, 2020, p. 234).

O que se é construído por meio das cartas na documentação narrativa evidencia o processo de aprendizagem, de reflexão, de colaboração e também de debates que permeiam o chão da Escola Básica e o chão da Universidade. E ao trazermos para a realidade pública, onde tantos outros fatores e subjetividades, de modos intrínsecos e extrínsecos são afetados e afetam esse processo, percebemos que o que sobressai é o que a parceria entre esses dois campos nos dizem durante o processo de formação.

Assim, para nos guiar nesta escuta responsiva e afetiva, apresentamos, em forma de carta, como foi o início deste processo análise:



Belém do Pará, 2024

De : Jessika Assiz

Para : preciosos Leitores

Oi preciosos leitores,

Que felicidade poder compartilhar com vocês como foi esse processo de escuta responsiva e afetiva que vivenciei ao ler cada carta que os autores-sujeitos (graduandos) desta pesquisa narraram. Espero que vocês possam sentir um pouco da emoção que vivi, e compreenderam como essa experiência aconteceu.

Quando conversarmos com eles sobre a importância de escrevermos as cartas uns para os outros no início da nossa jornada, a qual de fato começou em novembro de 2022, a empolgação tomou conta do meu ser por, além de resgatar uma prática que sempre gostei e ainda continuo a fazer (mesmo que raramente), imaginar o que aprenderia com eles em cada relato.

Para que vocês possam entender melhor, as cartas foram o meio que utilizamos dentro da documentação narrativa para responder e compreender a pergunta que nos fizemos : quais categorias ou unidades narrativas são mais expressas pelos graduandos durante seus processos formativos dentro do projeto de indução pedagógica na alfabetização da EAUFPA?

Nosso projeto com eles de fato iniciou em 17 de novembro de 2022 na Escola de Aplicação da UFPA, quando tivemos nosso primeiro encontro formativo coletivo na escola. Mas, como buscamos compreendê-los dentro do seu processo formativo como um todo durante este período, também lemos as cartas de intenção que os mesmos escreveram para a inscrição no processo seletivo. Mesmo que elas de fato, não tenham sido solicitadas por conta do projeto, e sim, por conta do edital o qual ele foi submetido.



Nosso intuito em utiliza-las é porque, dentro da vivência que estávamos (Poranga) precisávamos captar como eles chegaram até nós, e esse como significa : que expectativas, anseios, opiniões, identidades eles traziam para nós? Para conhecermos um pouco daqueles que caminhariam conosco.

Assim, as cartas como escolha autoral de documentação narrativa deste projeto de indução pedagógica na alfabetização, foi solicitada a eles no dia 17 de novembro de 2022 e sendo finalizadas no dia 31 de agosto de 2023.

Mas, antes de começar a lê-las efetivamente, um filme passou pela minha cabeça lembrando os momentos mais marcantes que tivemos nessa construção. O que me remeteu a frase dita pela professora Elizabeth Orofino em sua tese : “a organização dos dados de pesquisa é sempre um desafio pessoal, metodológico e epistemológico, pois é revelador de quem somos e de como pensamos.” (Lucio, 2016, p. 92).

Complemento que para além de quem somos e como pensamos, é também de como pesquisamos e como enxergamos a pesquisa, seus sujeitos e as informações geradas. De fato, é um desafio.

E na proposta desse desafio, seguimos então para apresentar os dados que encontramos. Por isso, analisamos as cartas produzidas de setembro de 2022 a agosto de 2023, para identificar quais as categorias de formação que mais estão presentes durante a experiência das 4 vivências, aquelas categorias que aparecem em todas elas.

E com isso, trazermos quais são as temáticas que mais se sobressaem para a formação dentro da indução pedagógica na alfabetização, aquelas que enquanto experiência larrosiana, são as mais marcantes e a partir delas, construir as temáticas de diálogo dentro do produto educacional desta pesquisa.

Bom, para entendermos as informações e assim, pode apresentá-las a vocês, tivemos como primeiro passos seguintes passos abaixo:



1º passo- Organizar as cartas por vivências;

2º passo- Ler na íntegra todas as cartas

3º passo- Identificar quais cartas expressam mais a opinião e autoria dos graduandos;

4º passo- Mapear, nas cartas que expressam a opinião e autoria dos graduandos, quais são as temáticas que cada parágrafo ou parágrafos, mostram;

5º passo- Nomear, nos trechos destacados, as categorias formativas a que se referem;

6º passo- Releer os trechos e categorias para melhor apresentá-los, pois aqueles trechos dentro de cada carta que são similares, foram aglutinados em apenas um;

7º passo- Construir um quadro para colar as categorias que foram aparecendo;

8º passo- Criar uma legenda em cores (diferentes) para cada categoria que apareceu.

9ª passo- Contabilizar quantas vezes a categoria se repetiu naquela vivência;

9ª passo - Produzir um quadro organizando as categorias de acordo com a quantidade de vezes que aparece naquela vivência, começando da que mais apareceu, para a que apareceu só uma vez, sem se repetir.

10ª passo- Unificar em um único quadro todas as quatro vivências e todas as categorias que aparecem nelas.

11ª passo- Construir um novo quadro, mapeando quais categorias aparecem em todas as vivências, em três delas, duas e apenas em uma vivência;

12º passo- Identificar, para responder ao nosso objetivo, quais categorias que atravessam durante as quatro vivências do projeto;

13º passo, E como último passo, trazer os autores para dialogarem com a gente sobre as categorias, trazendo também, a nossa voz de pesquisadoras e a voz dos autores sujeitos.



É preciosos leitores, o caminho não foi fácil e foi longo. Mas valeu cada pedra e cada flor que encontrei pelo caminho. Pela minha vida, sempre gostei muito de girassóis, pois segundo a sabedoria popular por meio da botânica, o girassol é uma flor que sempre se volta para a luz do Sol, onde ele estiver. E em momentos de escuridão, voltam-se uns para os outros para buscar essa luz. Assim eu vejo a vida, as pessoas e esta pesquisa.

As cartas que li, representam girassóis para mim, pois ler e enxergar, cada um dos graduandos em suas escritas, foi luz para esta pesquisa, como eu tentei ser ao longo dela para eles, e como eles certamente foram para nós. E como desejo, que quando vocês olharem para esta pesquisa, para as categorias dentro das unidades narrativas que encontramos, também nos vejam como girassóis na vida de vocês.

Desejo um dia, e uma ótima continuação desta leitura, de modo afetuoso, e proveitoso.

Com toda nossa afeição,

Um grande abraço, de uma professora alfabetizadora e pesquisadora.

Jessika Assiz



Figura 44 – Mapeamento Quantitativo da documentação narrativa -cartas- por vivência



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Para cada vivência, escolhemos frases para expressar um pouco mais sobre o que foi lido em cada uma delas. Por estarmos trabalhando com a perspectiva narrativa (Clandinin; Connelly, 2015) nesta pesquisa formação (Lucio, 2016), narrar é palavra-vida, verbo e princípio para nós, especialmente com as cartas. Por isso, cada subtítulo começa com a palavra “narrar”.

Na vivência poranga: narrar, entoar e caminhar, consideramos que por meio das cartas de intenção, o primeiro contato mais pessoal que tivemos com eles, eles puderam expressar suas vozes e para que queriam estar caminhando conosco. Na vivência igarite: narrar, viver e conhecer, acreditamos que, sendo nosso primeiro passo na imersão na realidade escolar, eles puderam viver para então conhecer sobre onde estariam caminhando.

Na vivência cuíra: narrar, acompanhar e ensinar, ponderamos que é no encontro com as crianças e no acompanhamento com eles que coerentemente conseguem ensinar. E, por fim, na vivência nem te conto: narrar, aprender e formar, reflexionemos que para formar o outro ou se autoformar, só podemos fazer isso mediante ao processo de aprendizagem que nós mesmos temos.

Assim, se vocês perceberem, todas as palavras escolhidas para nosso subtítulo, estão como verbos também, pois concebemos que o processo formativo na perspectiva narrativa e discursiva, acontece por meio da ação, da prática, do ir e vir em um ato de ser, de estar, de viver.

Assim, em nosso ato de existência do projeto, as três primeiras vivências, as cartas foram escritas de forma individual por cada praticante da pesquisa, incluindo os residentes, professoras e coordenadoras do projeto. Na quarta e última vivência, as cartas foram escritas de forma mais coletiva, em duplas, para a finalização deste projeto de indução pedagógica na alfabetização da Escola de Aplicação da UFPA.

É incrível como cada carta representa um conjunto de momentos únicos e pessoas únicas que vivenciaram este processo. Lembro-me do som que chegou até meu ouvido quando li a primeira carta. De forma concomitante ouvi o barulho de sua bicicleta, sua voz baixa, mas com sotaque próprio e o som de suas canetas balançando dentro da mochila. Nesta escrita, ainda não conhecia o autor dela, mas foi surpreendente que ao lê-la agora, consegui vê-lo em cada frase. E assim, foram seguidas as demais cartas que li, dia após dia, noite após noite.

Passei novamente a enxergar aqueles, que junto comigo, experienciaram este processo de indução pedagógica na alfabetização, pois, conforme Cardoso (2000), as cartas nos ajudam a construir memórias, as quais estas se transformam também em críticas, que formulavam novas cartas, que criam outras memórias. Pois, a leitura que faço hoje delas, me trazem cenas e sentimentos, alguns já conhecidos por mim e outros ainda não. E assim será a cada vez que for revisitá-las.

Mas neste processo de leitura e análise, semelhante ao que pensava e sentia quando lia as cartas da professora alfabetizadora Ruth de Araruna, nascida na Ilha do Marajó e docente na Escola Primária da Universidade Federal do Pará na década de 60, era o que me atravessava quando lia as cartas dos praticantes.

E como um cheiro de óleo de capim limão que, de forma silenciosa, mas presente, se instala pelo ar, cheiros e sons invadem minha mente e meu corpo sobre o que diz respeito à formação docente na alfabetização. Ruth de Ararua estava tão viva, tão presente, que seus questionamentos são empunhados de forma atemporal.

São os indícios que fazem ver a unidade narrativa, pois as cartas falam comigo e eu falo com as cartas. Assim, ao analisar estas cartas, sopra-se em minha mente as três perguntadoras impulsionadoras: a) *Quais categorias temáticas na*



formação dentro da indução pedagógica na alfabetização são apresentadas nas cartas? b) Quais experiências no sentido larrosiano que atravessaram e tocou esses coautores-sujeitos no projeto? c) E quais foram suas percepções sobre as guianças da base teórica, imersão na realidade e autoria científica que lhes passaram dentro deste projeto? Ouço novamente a voz de Ruana, quando em sua carta escrita no dia 07 de março de 1965 para seus familiares, destacou o seguinte trecho:

*Por isso, preocupo-me sim, com aqueles que virão depois de mim. Jovens professores, sonhadores de uma prática docente humanizada, experienciada, dialógica e engajada que serão oportunizadas pelas experiências que tenham no campo acadêmico, pessoal e profissional. É indispensável exercer sua função ao mesmo tempo que a vivência, o que Larrosa (2002) declara ao dizer que somos 'sujeitos de experiência'.*

Desta forma, parti então em busca do que as cartas lidas, sentidas e analisadas tinham a me dizer.

## 6.2 As cartas falam comigo

Após esse primeiro mapeamento de quantos textos escritos foram produzidos e aqueles que se enquadraram dentro do gênero carta, passei a ler minuciosamente cada uma das cartas produzidas. A ordem feita foi lendo por vivência. Ao ler uma carta, destacava em seu interior os trechos importantes e nomeava as categorias às quais pertenciam, para identificar quais unidades narrativas estavam presentes de forma majoritária neste processo.

Após isso, em um documento, transcrevi os trechos escritos pelos praticantes, com o nome das categorias que eu nomeei. Em seguida, em uma nova leitura, reformulei novamente os nomes das categorias nos trechos e aquelas que fossem similares umas com as outras, aglutinar para não ficar repetitivo na mesma carta. Assim, foi aparecendo um novo mapeamento, agora com as categorias surgindo.

Para isso, fiz de por vivência, utilizando cores, para identificá-las, conforme mostro a seguir:



Quadro 13 – Modelo de categorização dos trechos das cartas

**1ª Vivência Poranga: narrar, entoar e caminhar – cartas de intenção**

**A:** Identidade docente e cotidiano escolar (categoria)

*“Me manterei imerso em situações pedagógicas que me renderam as situações e vivências necessárias para, futuramente como um profissional formado, um respaldo para lidar com as mais diferentes situações do cotidiano na educação.”*

Experiência (categoria): *“Além disso, posso afirmar, com total honestidade, que este projeto me faz ver essa possível experiência como uma jornada divertida, já que eu basicamente procuro me divertir em tudo que aprendo em sala de aula, sempre que possível, claro.”*

Relação trabalho e formação (categoria): *“Sendo assim, posso afirmar que fiquei realmente animado com a possibilidade de atuar onde e com o que me agrada e ainda conseguir manter meu sustento a partir disso”.*

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Após isto, iniciei uma tabulação para identificar as categorias temáticas presentes em cada uma das vivências, indicando-as por cores. A cada categoria nomeada, uma cor foi utilizada. Isso proporcionou uma melhor análise quantitativa das categorias predominantes<sup>55</sup>. À medida que ia escolhendo a cor para cada categoria, íamos construindo uma legenda para identificar.

### 6.2.1 Os contextos entremeados nas cartas

As categorias que foram surgindo, de acordo com as cartas de cada graduando dentro de cada vivência, expressavam não apenas um resultado, mas sim, contextos entremeados. Dentro da subjetividade de cada um, podemos montar o quadro abaixo, iniciando das categorias que apareceram mais vezes para as que apareceram apenas uma vez. Com isso, temos os quatro quadros a seguir:

<sup>55</sup> As cores foram escolhidas de modo aleatório, sem nenhum significado por trás. O principal intuito era poder trazer uma melhor visualização e diferenciação das categorias.



Quadro 14 – Categorias dentro da Vivência Poranga: narrar, entoar e caminhar

QUANTIDADE DE VEZES QUE CADA CATEGORIA APARECE NAS CARTAS			
4 vezes	3 vezes	2 vezes	1 vez
Experiência	Cotidiano escolar	Alteridade	Formação docente na pesquisa
Teoria-prática	Processo de ensino e aprendizagem	Trabalho e formação	Saber popular e científico
	Pessoal e profissional	Afetividade	Oralidade, leitura e escrita
	Formação e Trajetória Acadêmica	Comunidade e Universidade	Concepção de alfabetização
	Covid e ERE	Escrita e leitura	Concepção de pessoas
		Estudante- Docente- Estudante	
		Formação continuada;	
	Práticas pedagógicas		

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

**Total de categorias: 20**



Quadro 15 – Categorias dentro da Vivência Igarite: Narrar, viver e conhecer

QUANTIDADE DE VEZES QUE CADA CATEGORIA APARECE NAS CARTAS							
12 vezes	9 vezes	6 vezes	5 vezes	4 vezes	3 vezes	2 vezes	1 vez
Afetividade	Estudante- Docente- Estudante	Teoria- prática	Conhecer escola a	Leitura e Escrita	Literatura InfantoJuvenil	História com escola a	Identidade docente
		Pessoal- profissional	Estudante- Docente- Estudante	Comunidade e Universidade	Experiência	Planejamento organização pedagógica e	Escrita e oralidade
		Carta		Teoria e FREINET		Formação e Trajetória acadêmica	Família e escola
						Políticas públicas	Construção do conhecimento
						Processo de ensino- aprendizagem	Oralidade
						Prática Pedagógica	Concepção de Alfabetização

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

**Total de categorias: 23**



Quadro 16 – Categorias dentro da Vivência Cuíra: narrar, acompanhar e ensinar

QUANTIDADE DE VEZES QUE CADA CATEGORIA APARECE NAS CARTAS				
6 vezes	4 vezes	3 vezes	2 vezes	1 vez
Afetividade	Estudante – Docente- Estudante	Práticas Pedagógicas	Pessoal-profissional	Teoria-Prática em Freinet
	Educação Inclusiva-TEA	Processo de ensino- aprendizagem	Experiência	Estudante- Estudante      Docente-
		Autoria e autonomia discente	Literatura Infanto Juvenil	Atividade de diagnose
			Planejamento e organização pedagógica	Alfabetização e escrita
			História com a escola	Identidade docente
			Recursos Pedagógicos	

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

**Total de categorias: 17**



Quadro 17 – Categorias dentro da Vivência Nem te conto: narra, aprender e formar

QUANTIDADE DE VEZES QUE CADA CATEGORIA APARECE NAS CARTAS					
7 VEZES	5 VEZES	4 VEZES	3 VEZES	2 VEZES	1 VEZ
Experiência	Teoria- Prática	Literatura Infanto Juvenil	Afetividade	Carta	Conhecer a escola
	Práticas pedagógicas		Estudante- Docente- Estudante	Rotina escolar	Transição Educação Infantil e Ensino Fundamental
	Concepção de alfabetização		Leitura e escrita		Oralidade, leitura e escrita
			Teoria-prática Freinet		Processo de escrita
			Identidade docente		Múltiplas Linguagens

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

**Total de categorias: 18**



Quadro 18 – Legenda do mapeamento das categorias por cor

LEGENDA para mapeamento por cor das categorias
Alteridade
Cotidiano/ Rotina escolar
Experiência
Trabalho e formação
Covid e ere- ensino remoto emergencial
Teoria-prática
Processo de ensino e aprendizagem
Pessoal e profissional
Comunidade e Universidade
Formação e Trajetória Acadêmica
Leitura e escrita
Formação continuada
Práticas pedagógicas
Carta
Afetividade
Estudante - Docente- Estudante
Planejamento e organização pedagógica
Conhecer a escola
Leitura e escrita Acadêmica na Universidade
Literatura Infante Juvenil
Políticas públicas
História com a escola
Teoria-Freinet
Autoria e autonomia discente
Educação Inclusiva- TEA
Recursos pedagógicos
Concepção de alfabetização
Significa que apareceu apenas 1 vez na carta dentro da vivência, não se repetiu em outras cartas da mesma vivência.

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Ao olharmos para os quadros construídos com as categorias que emergiram após a leitura e análise das cartas, verificamos que a vivência poranga (a primeira) foi a que menos vezes as categorias aparecerem em outras cartas, tendo como o máximo de 4 vezes que a categoria que alguma categoria apareceu, sendo elas a experiência e teoria-prática.

Já a vivência igarite (segunda) foi a que mais vezes as categorias apareceram em outras cartas, tendo o máximo de 12 vezes que a categoria apareceu, sendo ela: amorosidade. Sem contar ainda que esta vivência foi também a que mais teve variações de vezes que as categorias apareceram (8 no total), onde as demais tinham em média 5.

Sobre a vivência igarite, ainda destacamos que nela foi onde apareceu o maior quantitativo de categorias comparado às outras (23 categorias). Aqui, tivemos o início do nosso processo formativo dentro da indução pedagógica na alfabetização na imersão na EAUFPA, fato que dentro da nossa análise, potencializou as visões dos estudantes por ser esse momento de descobertas.



Mas, ao olharmos para o quantitativo de todos, de modo geral, percebemos que não houve uma discrepância em relação às variações quantitativas de categorias, suscitando então que, de alguma forma, as temáticas presentes estão sendo atravessadas neles de modo coletivo também .

Um fator interessante é que, em todas as vivências, tiveram categorias que apareceram apenas uma vez em cada vivência. Tal resultado mostra que, apesar das vivências estarem sendo vividas pelo mesmo coletivo de autores-sujeitos, o fato de as categorias serem semelhantes não determina a criação do mesmo quadro para todos, pois as categorias e a quantidade de vezes que cada uma aparece, são subjetivas, assim como esse processo formativo também foi para cada um deles.

Diante disso, evidenciamos os pontos que dentro de nossa análise nos afloraram reflexões mais fortes em cada vivência. Para uma melhor compreensão, trazemos a vivência, a categoria e os trechos das falas de nossos autores-sujeitos e nosso comentário em seguida, sendo eles:

Quadro 19 – Trechos das falas dos autores-sujeitos sobre a categoria Covid-19 e ERE

Nº	Categoria	Trechos das falas dos autores-sujeitos
12	Covid-19 e Ensino Remoto Emergencial	<p>“Dentre os quais três semestres, infelizmente, devido a pandemia, foram cursados via ERE (Ensino Remoto Emergencial) [...] e que apesar dos grandes esforços não apenas meus, mas também dos meus professores nesse período em nos repassar seus conhecimentos, ficaram algumas lacunas em nossa formação principalmente no que diz respeito aos estágios em que alguns foram feitos de forma remota.” (autora-sujeita A.)</p> <p>“Vivenciei a disseminação de uma nova doença: Covid 19. Foram anos difíceis para a comunidade acadêmica na qual teve que se adequar ao ERE - Ensino Remoto Emergencial - e restabelecer o desenvolvimento das atividades.” (autor-sujeito D.)</p> <p>“Dificuldade que tivemos durante o programa, no qual era um momento complicadíssimo mundialmente, que foi o período da Pandemia, tivemos vários momentos de aprendizagem, virtualmente e poucos presenciais, algo que era de vital importância no momento em que vivíamos.” (autora-sujeita P.)</p>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Em nossa reflexão sobre a leitura das vozes acima, pontuamos que para todos, de um modo geral, este período do isolamento social ocasionando pela covid-19 afetou de forma negativa não apenas nossa vida social, mas como o desenvolvimento de nossa aprendizagem, especialmente aqui no período da formação inicial desses estudantes de pedagogia.

Destacam o caráter importante da prática presencial no aprimoramento da formação docente. Quais os benefícios de se ter um estágio curricular, etapa tão



relevante para a formação dentro da prática docente, de modo remoto? Não encontramos resposta para isso, e nem estamos aqui julgando a escolha de ter acontecido dessa forma, pelo contrário, os professores fizeram o que poderiam e davam conta de fazer. Nosso comentário foca na importância do presencial para desenvolvimento de uma prática pedagógica significativa. O que faz toda a diferença no processo formativo.

Quadro 20 – Trechos da voz do autor-sujeito sobre a categoria família-escola

Nº	Categoria	Trechos das falas dos autores-sujeitos
13	Família e Escola	“Mas eu observei uma cena, que até a professora nos falou na roda de conversa, que foi uma criança compartilhar a merenda da escola com os pais. No caso, foi um prato de sopa que a criança tomava e ao mesmo tempo com a colher colocava na boca dois pais ali presentes. Bom, eu fiquei emocionado pois não sabemos a necessidade de cada um, mas pude observar o amor real expressado em forma de afeto.” (Autor-sujeito D.)

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Na vivência Igarite, destacamos a categoria família e escola apresentada na primeira carta de Daniel. Para ele, presenciar essa situação em que ele acredita ser com os pais da criança, faz pensar naquilo que está para além dos conteúdos de sala de aula, ou nos documentos oficiais obrigatórios.

Quais são os elementos que afetam o processo educacional na alfabetização? Será que os fios tecidos nas relações familiares afetam esse processo escolar? Na fala de Daniel, aquela situação lhe trouxe emoção e uma reflexão, levando ao lugar de pensar como é o contexto social econômico das famílias que constituem a escola.

Essa cena aconteceu em nosso primeiro dia na escola, “sem as crianças em sala de aula”, pelo período da tarde<sup>56</sup>. Mas escola de alfabetização sem criança, não existe. Fomos apresentados com a presença deste menino, que ali mostrou não apenas para o Daniel, mas para nós, que a escola é lugar de relações de aprendizagens.

<sup>56</sup> Na EAUFPA as aulas ,dentro da carga horária normal estabelecida pelos órgãos institucionais, funcionam somente pelo período da manhã até o 5º ano. O período da tarde é destinado para reforço escolar com os mesmos e projetos com eles e com a comunidade.



Quadro 21 – Trecho da voz do autor-sujeito sobre a categoria Atividade de diagnose

Nº	Categoria	Trechos da voz dos autores-sujeitos
14	Atividade de diagnose	“Nessa observação, junto à preceptora N.P, as crianças escrevem tanto os números quanto as letras ao contrário, chamado de escrita espelhada. A criança que escreve em espelho não tem uma representação estável dos traços componentes dos grafemas e possui apenas parte da informação, por isso, produz uma confusão e uma escrita em espelho. Com auxílio da preceptora N.P, observou-se a necessidade de atividades de diagnose para as crianças, pois algumas estão com dificuldade para assimilar e escrever números e palavras. Com a avaliação diagnóstica, é possível identificar as dificuldades específicas de cada aluno na assimilação do conteúdo, a fim de conhecer a realidade de cada criança e analisar o grau de domínio sobre as competências e habilidades.” (Daniel)

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Na vivência Cuíra, o momento em que os graduandos passam a ter contato direto com as crianças em sala de aula pelo turno da manhã, situação que amplia a visão formativa dos deles. Percebemos pela fala do Daniel que ele inicia explicando a situação que aconteceu em sala referente ao processo de escrita. Destacamos na fala dele, duas vezes a palavra observação.

Essa observação feita pelo Daniel não foi longe e distante da criança, pelo contrário, entendemos que foi realizada tanto próximo a ela quanto à professora (que ele chama de preceptora). Após este momento, ele então conceitua e explica a importância de se realizar uma atividade de diagnose no processo de alfabetização. Aqui então, verificamos a forte relação entre prática-teoria-prática expressa dentro da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015).

Quadro 22 – Trecho das vozes dos autores-sujeitos sobre a categoria Múltiplas linguagens

Nº	Categoria	Trechos das falas dos autores-sujeitos
14	Múltiplas linguagens	“Dois momentos foram muito marcantes: a leitura do livro dos “três porquinhos” que gerou uma peça de teatro com máscaras dos porquinhos, o lobo e as casas confeccionados pelas crianças. O resultado dos ensaios e apresentação foi um sucesso! Os pais participaram como plateia e as crianças desempenharam o papel com muito frisson.” (Dalva e Letícia)

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Na última vivência, a Nem te conto! acentuamos a categoria das múltiplas linguagens trabalhadas com a literatura infanto juvenil dentro do processo da alfabetização discursiva, que neste caso, foi a linguagem teatral. As duas graduandas destacam essa atividade como sendo um momento muito importante dentro da experiência formativa na indução pedagógica na alfabetização.



Por meio da exploração de uma história infantil, com o livro, a turma desenvolveu uma peça de teatro, tendo o material confeccionado pelas próprias crianças. A família, na qual elas nomeiam como “pais” participou da atividade como expectadores, e as crianças desenvolveram tudo com muita animação. Ou seja, a experiência com a literatura infantojuvenil levou as crianças a estimularem outras aprendizagens, que contou com a participação da família de certo modo.

Não se trata apenas de mostrar para as crianças o livro ou de ler para elas, e sim, dar sentido e significado para aquilo que estão lendo e ouvindo. é explorar o potencial criativo e as múltiplas linguagens que podem estar associadas a literatura, ampliando assim, o conhecimento das crianças, a prática docente e a presença da família.

Com isso, após analisarmos as categorias dentro de cada carta, nas vivências, foi a hora de fazermos o mapeamento de todas elas dentro das quatro vivências, conforme o quadro a seguir:



Quadro 23 – Mapeamento geral das categorias nas 4 vivências

<b>MAPEAMENTO GERAL DAS CATEGORIAS NAS 4 VIVÊNCIAS</b>				
<b>QTD POR CARTA A</b>	<b>VIVÊNCIA PORANGA (20 categorias)</b>	<b>VIVÊNCIA IGARITE (23 categorias)</b>	<b>VIVÊNCIA CUIRA (17 categorias)</b>	<b>VIVÊNCIA NEM TE CONTO! (18 categorias)</b>
12 x	-	Afetividade	-	-
9 x	-	Estudante - Docente- Estudante	-	-
7 x	-	-	-	Experiência
6 x	-	Teoria-prática Pessoal-profissional Carta	Afetividade	-
5 x	-	Conhecer a escola Estudante - Docente- Estudante	-	Teoria- Prática Práticas pedagógicas Concepção de alfabetização
4 x	Experiência Teoria-prática	Leitura e Escrita acadêmica na Universidade Teoria e Freinet	Estudante - Docente-Estudante Educação Inclusiva- TEA	Literatura Infanto Juvenil
3 x	Cotidiano escolar; Processo de ensino e aprendizagem; Pessoal e profissional; Trajetória e formação acadêmica; Covid e ERE;	Literatura Infanto Juvenil Experiência	Práticas Pedagógicas Processo de ensino- aprendizagem Autoria e autonomia discente	Afetividade Estudante - Docente-Estudante Oralidade, leitura e escrita: Leitura e escrita Teoria-prática Freinet Alteridade
2 x	Alteridade; Trabalho e formação; Afetividade; Comunidade e Universidade; Oralidade, leitura e escrita: leitura e escrita Estudante - Docente- Estudante;	História com a escola Planejamento e organização pedagógica Trajetória acadêmica Políticas públicas Processo de ensino- aprendizagem Práticas Pedagógicas	Pessoal-profissional Experiência Literatura Infanto Juvenil Planejamento e organização pedagógica História com a escola Recursos Pedagógicos	Carta Cotidiano/Rotina escolar
1 x	Formação docente na pesquisa; Saber popular e saber científico; Oralidade, leitura e escrita: oralidade Concepção de alfabetização; Concepção de pessoas	Alteridade Oralidade, leitura e escrita: Escrita e oralidade Família e escola Construção do conhecimento Oralidade, leitura e escrita: Oralidade Concepção de Alfabetização	Teoria-Prática em Freinet Estudante - Docente-Estudante Atividade de diagnose Alfabetização e escrita Alteridade	Conhecer a escola Processo de escrita Transição Educação Infantil e Ensino Fundamental Oralidade, leitura e escrita: Oralidade Múltiplas linguagens Educação Inclusiva TEA

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Assim, a partir da elaboração e análise deste quadro, podemos então verificar, como as categorias se organizavam dentro de cada vivência. Nosso objetivo então passou a se encontrar quais categorias apareciam em todas as vivências, em somente 3, em apenas duas e por fim, só aparecia em uma vivência. Tal resultado, apresentamos a vocês no quadro abaixo:



Quadro 24 – Quantitativo geral das categorias presentes nas cartas ao longo do processo da pesquisa

<b>QUANTITATIVO GERAL DAS CATEGORIAS PRESENTES NAS CARTAS AO LONGO DO PROCESSO DA PESQUISA NARRATIVA (11 MESES)</b>			
<b>Aparece nas 4 vivências</b>	<b>Aparece em 3 vivências</b>	<b>Aparece em 2 vivências</b>	<b>Aparece em 1 vivência</b>
Experiência; Alteridade; Afetividade; Estudante- Docente- Estudante;	Teoria-prática; Processo de ensino-aprendizagem; Pessoal-profissional; Oralidade, leitura e escrita; Concepção de alfabetização; Teoria e Freinet; Literatura InfantoJuvenil; Práticas Pedagógicas;	Cotidiano/ Rotina escolar; Trajetória e formação acadêmica; Carta; Estudante- Docente- Estudante; Conhecer a escola; História com a escola; Planejamento e organização pedagógica; Educação Inclusiva-TEA;	Covid e ERE; Trabalho e formação; Comunidade e Universidade; Formação docente na pesquisa; Saber popular e saber científico; Concepção de pessoas; Acadêmica na Universidade; Políticas públicas; Família e escola; Construção do conhecimento; Autoria e autonomia discente; Recursos Pedagógicos; Atividade de diagnose; Alfabetização e escrita; Processo de escrita; Transição Educação Infantil e Ensino Fundamental; Múltiplas linguagens
<b>37 CATEGORIAS NO TOTAL</b>			

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Desta forma, com este quadro, podemos então verificar quais categorias formativas dentro da indução pedagógica na alfabetização, os autores-sujeitos estavam evidenciando no processo. Assim, com este quadro, conseguimos então verificar e mapear quais e quantas categorias apareceram (sem se repetir). Como resultado tivemos então 37 categorias temáticas que emergiram dos coautores-sujeitos nesse processo formativo, conforme o quadro acima.

Entre estas categorias suscitadas acima, enfatizamos a princípio as categorias: a) *oralidade-leitura-escrita*; e b) *relação estudante-docente-estudante*. Durante a leitura das cartas, foi possível identificar e compreender que os estudantes, apesar de mencionarem leitura e escrita, leitura e oralidade, oralidade e escrita, escrita e leitura, leitura e escrita, suas compreensões não as representam de modo separado, mesmo que compreendessem a característica peculiar de cada uma.

Assim, dentro da concepção discursiva de alfabetização que estamos alicerçadas e que o projeto se constituiu, baseada em Smolka (2012),



compreendemos que essa tríade acontece de forma conjunta, por isso, ao referirmos essas categorias no quadro acima, interpretamos que elas merecem ficar juntas, pois assim é mais coerente com aquilo que desenvolvemos dentro da alfabetização discursiva neste projeto.

O segundo ponto de destaque, e que portanto, devemos antecipar que é algo de grande relevância para nós em toda essa história, é a categoria que criamos relação *estudante-docente-estudante*. Bem próximo do que aconteceu com a categoria oralidade-leitura-escrita, percebemos no decorrer da leitura das cartas, que esta categoria, perpassa todas as vivências e todas as outras categorias.

A nomeamos desta forma pois, de acordo com os estudos desta pesquisa, com as experiências ressaltadas pelos coautores sujeitos e com nossa base teórica dentro da horizontalidades de papéis (Lucio, 2016), concebemos que esse estudante se refere ao graduando de pedagogia e também as crianças na alfabetização. E esse docente refere-se tanto ao estudante da graduação que oras se vê como docente, como a própria professora que horas também se vê como estudante dentro de um processo formativo.

E essa própria criança, que ao dizer para a professora ou para o estudante “tia, mas a gente faz desse jeito”, também está ensinando e aprendendo neste papel docente. Com isso, vemos que essa relação não se trata exclusivamente de saber qual é meu papel ou qual minha função, mas que ela é também o próprio *entremeio* (Clandinin; Connelly, 2015) do processo de ensino e aprendizagem na alfabetização.

Assim, utilizamos o símbolo do infinito para representar esta relação, que sabemos que tem início, tem um meio, mas nunca sabemos exatamente onde é o sem fim.

Figura 45 – Categoria Relação estudante-docente-estudante



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Compreendemos que nesse entremeio de atuar e viver o processo de formação na alfabetização, seja pelo viés dos estudantes ou dos professores, cada um, a partir de seus traços, apresenta seus modos de coexistirem neste espaço, que para além de ser físico, é afetivo e *aprendidativo*.

Como mencionei, gosto de brincar com as palavras e criar novas, assim como faço com as crianças na alfabetização. Aqui o termo “*aprendidativo*”<sup>57</sup> significa que *aprender é um espaço criativo e convidativo*. Essa dissertação faz parte de um mestrado dentro de um programa de criatividade e inovação por isso concebo, a partir das leituras feita no programa, que a criatividade é a capacidade de criar coisas que me impulsiona a sair do lugar e ir, seja para viver outras coisas, seja para ressignificar o lugar onde estou. E isso, fazendo de um modo que não sinta ser cansativo e exaustivo, mas sim subjetivo (por isso criativo).

E entendendo que ninguém dá o primeiro passo para aprender se não se sentir atraído para aprender, não tem como (pelo menos assim vejo), que a aprendizagem possa ter chance de realmente acontecer, pois interpreto que memorização é diferente de aprendizagem. Assim, seja pela voz da professora, da família, da escola, da sociedade, ou do seu eu interior, a aprendizagem precisa ser um chamado encantado (por isso convidativo).

Por isso, chamamos Freire (1996) quando ele diz que não existe uma docência sem a discência. Mas que com isso não está dizendo que ambas são a mesma coisa (e nem nós), cada uma possui suas peculiaridades e ambas se explicam, mas que mesmo sendo diferentes essas são correlatas, pois “[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender [...]” ( Freire, 1996, p. 23). O que mais a frente ele ratifica ao dizer:

[...] Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos, mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso-trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. [...] (Freire, 1996, p. 24).

A experiência de aprender se conflui com a experiência de ensinar. Assim, mergulhamos no termo apresentado por Antônio Bispo dos Santos, *confluência*, ao narrar que: “[...] a confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se se ajunta se mistura, ou

---

<sup>57</sup> Termo criado por mim, nas minhas muitas brincadeiras de inventar palavras.



seja, nada é igual” (Santos, 2015, p. 89). Ou seja, aprender e ensinar podem se juntar, mas são a mesma coisa.

E o fato de não serem a mesma coisa, não quer dizer que não podem ter objetivos semelhantes. Assim, podemos crer que, durante o processo educativo, lidamos com muitas divergências, especialmente no que concerne essa relação entre esses sujeitos. A forma como um docente se relaciona pode ser como docente, mas não é igual para todos os estudantes e vice-versa.

Desta forma, acreditamos que “um dos meios necessários para chegarmos a esse lugar é transformarmos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências” (Santos, 2015, p. 91). Nossas divergências podem existir, para existirmos diante e com ela também, dentro do contexto que a relação estudante-docente-estudante pressupõe. E mais ainda, que o próprio processo formativo interpõe.

#### 6.2.2 A potência das vozes e das cartas: as categorias de indução pedagógica

Assim, dentre essas diversidades de categorias que emergiram, destacamos as quatro que aparecem em todas as vivências, sendo elas: *Experiência*, *Alteridade*, *Amorosidade* e *Relação Estudante-Docente-Estudante*.

Nosso olhar se volta para elas pois percebemos que de alguma forma, todas estão interligadas. Por exemplo, na relação estudante- docente, os conceitos Bakhtinianos se fazem presente com amorosidade e alteridade. Bem como a categoria experiência larrosiana, também encontramos vivências dentro da relação estudante-docente- estudante, amorosidade e alteridade.

Ao observá-las, identificamos dois princípios da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015) onde um dos seus princípios é *temporalidade* e a *continuidade* (Ribeiro; Souza, 2016). Assim, segundo a *temporalidade*, os autores dizem:

No pensamento narrativo, a temporalidade é uma questão central. Temos como certo que localizar as coisas no tempo é a forma de pensar sobre elas. Quando vemos um evento, pensamos sobre ele não como algo que aconteceu naquele momento, mas sim como uma expressão de algo acontecendo ao longo do tempo (Clandinin; Connelly, 2015, p. 62-63).



Assim, as quatro categorias formativas escolhidas não apareceram apenas em um momento e depois sumiram. Elas continuam reverberando ao longo do tempo diante dos anseios, aprendizagens e práticas dos graduandos no projeto.

No princípio *continuidade*, Ribeiro e Souza (2016, p. 144) mostram que:

A continuidade no campo permite ao pesquisador narrativo olhar para si mesmo e indagar-se, reconstruir seus modos de ver e compreender, de recompor-se a todo momento, com o outro, na interlocução. Assim, estamos diante [...] de uma pesquisa com um caráter singular, próprio, por isso muito colada à experiência enquanto força que atravessa e transforma. Quiçá uma pesquisa de experiência?

Olhar e entender o que essas categorias formativas, e principalmente esta, querem dizer, nos faz compreender, como pesquisadoras, o que está em evidência no processo formativo deles. E também nos faz entender como nós pensamos esse processo formativo com o outro. Para além disso, conseguimos refletir em como essas categorias também nos formam, nos atravessam e nos transformam.

#### 6.2.2.1 As vozes das cartas: para onde nos convidam a ir?

O diálogo aqui é entremeado por vozes: dos autores-sujeitos, nossas e dos teóricos, importantes constelações que nos ajudam a guiar esta travessia. Assim, para tecermos esta conversa, convido o autor Jorge Larrosa (2017) e os próprios sujeitos do campo em suas falas, para costurarem comigo, a narradora e pesquisadora de história, os fios desse tecido feito há muitas mãos e muitas vozes.

Assim, convido primeiro os coautores-sujeitos. É necessário ouvir as vozes daqueles que vivenciaram ao longo deste percurso, um processo de formação docente dentro da indução pedagógica na alfabetização de acordo com as temáticas que, de forma coletiva, se fizeram mais presentes durante essa formação, que ao mesmo tempo que foi individual foi também coletiva. Aqui, deixo meu abraço a todos eles: Er, Pr, An, LeT, Da, Ma, Le, Al., Xi, Th, Da, e as professoras N.P, L.P e M.X.



Imagem 12 – Fotografia com os autores-sujeitos da pesquisa no encerramento da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Aqui optamos por não evidenciar os seus rostos, que de certa forma, já até foram conhecidos por vocês. Mas, nosso querer, é enfatizar as vozes que vocês ainda não conhecem desses autores-sujeitos.

Assim, as cartas novamente falaram conosco. Após identificarmos as categorias que perpassa por entre as quatro vivências, voltamos então ao documento para lermos e fazer o recorte das falas que remetem às categorias escolhidas, criando assim, um novo documento.

Seguindo o fluxo de nossa escuta, passamos então a compreender que dentro dessas categorias, havia também temáticas que permeavam os seus discursos, ou melhor, havia temáticas que formavam os seus discursos. Em cada trecho de voz, percebemos que dentro daquela categoria, que agora já estava apresentada em outras vozes, tinham subjetividades sobre aquela temática. Então passamos a fazer um outro mapeamento de quais temáticas e subjetividades dentro daqueles trechos estão presentes em seus dizeres.



Desta forma, inspiradas na obras literárias de Freire (1996), em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, e de Clandinin e Connelly (2015), em *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*, criamos perguntas para expressar as cenas vividas, escritas e contadas pelos graduandos.

A intenção não é responder as perguntas, mas inquietar-nos, refletir-nos, compreender-nos e movimentar-nos com ela. São as perguntas impulsionadoras, que nos fazem ir além de onde estamos. Não estamos dizendo que ter respostas não é importante, pelo contrário, também nos movimentamos quando as encontramos.

O que estamos dizendo é que, como boa perguntadeira que somos, como a menina Jaiara e a maioria das crianças são, perguntar para viver tem sido nosso propósito nesta jornada. E que por isso, as respostas, tanto aqui, como na vida que nos atravessa, nem sempre vem escritas respeitando a gramática, as pontuações e o número mínimo de linhas.

Às vezes, elas vem em espaço em brancos, que esperam ser preenchidas por nós, outras, vem em um dialeto que ainda não conhecemos e que passamos a conhecer. E algumas, as mais raras, vem em forma de texto escrito em nossa língua materna. Por isso, ao criarmos essas perguntas, encorajamos que vocês primeiro as sintam, deixem se movimentar por elas e brinquem com as nuvens como a professora N.P fez com os graduandos e as crianças. Para então, descobrir o que tem por trás das nuvens.

Quadro 25 – Quadro com as categorias encontradas em todas as 4 vivências

<b>Quadro com as categorias encontradas em todas as 4 vivências</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Perguntas impulsionadoras</b>
<b>Experiência</b>	<p>Experiência pode ser uma jornada divertida?            Experiência é “experiências”?            Experiência é formação?            Experiência é busca?            Experiência é compartilhar, é entrelaçar, e formar?            Experiência é irrepitível?            Experiência remete a vida?            Experiência demanda sentimento?            Experiência é forma-se no encontro com o outro, com a sala de aula e com a escola?            Experiência necessita aproximar a práxis pedagógica e a teoria com a comunidade escolar?            Experiência requer atividades afetivas e significativas: cartas e literatura</p>



	<p>infantojuvenil? Experiência é “experiências”?</p>
<b>Alteridade</b>	<p>Alteridade encontra-se no tempo futuro? Alteridade é sentimento? Alteridade requer tempo de preparação? Alteridade se constrói no chão e com as pessoas da escola? Alteridade na alfabetizadora precisa de escuta responsiva? A relação teoria-prática pode fomentar a alteridade na alfabetização?</p>
<b>Afetividade</b>	<p>Afetividade é um caminho para formação? Afetividade é uma oportunidade de proximidade? Afetividade acontece em conversa descontraída e em lugar de querença no processo de formação? Afetividade move o conhecimento? Afetividade é a memória do que sentimentos e aprendemos? Afetividade se constrói no chão da escola? Afetividade constrói atividades significativas e próximas? Afetividade promove a intimidade com a escola? Afetividade é compartilhar sentimentos e aprendizagens pela Literatura? Afetividade pode ser vista em uma aula passeio? Trajetória acadêmica também é constituída de amorosidade? Afetividade encontra-se na relação entre família, escola e políticas públicas? Afetividade se faz presente na construção do conhecimento? Prática docente pode ser vivida com amorosidade? Afetividade contribui para uma relação de ajuda mútua no processo de formação? Afetividade acontece em conversa descontraída e em lugar de querença no processo de formação? Afetividade permeia a alteridade? Afetividade nutre a prática docente? A documentação narrativa com as cartas promove a afetividade?</p>
<b>Relação Estudante- Docente- Estudante</b>	<p>Estudante-docente-estudante é relação de incentivo? Estudante-docente-estudante é relação de proporcionar? A relação estudante-docente-estudante é construída na troca de experiências, diálogos e amorosidade? A relação estudante-docente-estudante é reconhecer-se no e com o outro? A relação estudante-docente-estudante requer proximidade? A relação estudante-docente-estudante necessita de confiança docente na autoria discente? A relação estudante-docente-estudante é fortalecida pela afetividade? A Literatura contribui para a aproximação da relação estudante-docente-estudante? A relação estudante-docente-estudante se constitui na coerência entre palavras, atos e afetos? A relação estudante - docente - estudante requer escuta responsiva?</p>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Quando nos deparamos com essas perguntas, percebemos que este resultado encontrado necessita, inclusive por se tratar de uma pesquisa de mestrado, um aprofundamento. Assim, tendo em vistas as conjecturas que



fazemos, conseguimos perceber que existem similaridades entre essas perguntas, cada uma em sua categoria.

E, entre elas e as categorias, como por exemplo, na categoria amorosidade temos a pergunta “amorosidade permeia a alteridade?”. Destacamos duas falas contidas nas cartas que, para nós, expressam esse sentido: “*Venho até vocês contar um dos momentos mais incríveis nisso decorrer da minha graduação, se formar docente é querer pertencer e se engajar no seu lugar de trabalho, é amar os estudantes, é querer sempre fazer algo mais para a melhoria deles*” (autor-sujeito A.) e “*Tudo bem com você? Espero que sim. Comigo está muito corrido, elaboração de TCC, trabalhos, seminários, estágio em escola, relatórios, fora os compromissos de casa rsrsr... imagino que com vc também já que somos dona de casa também*” (autora-sujeita D.). Diante disto, resolvemos então conglutinar as perguntas que são similares entre si, conforme o quadro abaixo:

Quadro 26 – Conglutinação das perguntas similares dentro das 4 categorias selecionadas

CATEGORIA-EXPERIÊNCIA
<b>Experiência é ato irrepitível?</b> Experiência remete à vida? Experiência pode ser uma jornada divertida? Experiência é busca? Experiência demanda sentimento? Experiência é “experiências”?
<b>Experiência é ato de compartilhar, entrelaçar e formar?</b> Experiência é relevância, é formação? Experiência é forma-se no encontro com o outro, com a sala de aula e com a escola? Experiência necessita aproximar a práxis pedagógica e a teoria com a comunidade escolar? Experiência requer atividades afetivas e significativas: cartas e literatura infanto juvenil?
CATEGORIA-ALTERIDADE
<b>Alteridade encontra-se no tempo futuro?</b> A Alteridade requer tempo de preparação?
<b>Alteridade se constrói no chão e com as pessoas da escola?</b>
<b>Alteridade alfabetizadora precisa de escuta responsiva?</b> A relação teoria-prática fomenta a alteridade na alfabetização? Alteridade é sentimento?
CATEGORIA-AMOROSIDADE
<b>Amorosidade é um caminho para formação?</b> Amorosidade acontece em conversa descontraída e em lugar de querença no processo de formação? Amorosidade contribui para uma relação de ajuda mútua no processo de formação? Amorosidade move o conhecimento? Amorosidade é a memória do que sentimos e aprendemos? Amorosidade se faz presente na construção do conhecimento?
<b>Amorosidade promove a intimidade com a escola?</b> Amorosidade é oportunidade e proximidade? Amorosidade se constrói no chão da escola? Amorosidade constrói atividades significativas e próximas? Amorosidade encontra-se na relação entre família, escola e políticas públicas? Amorosidade promove a intimidade com a escola?



**A prática docente pode ser vivida com Amorosidade?** Amorosidade nutre a prática docente? A documentação narrativa com as cartas promove a Amorosidade? Amorosidade é compartilhar sentimentos e aprendizagens pela Literatura? Amorosidade pode ser vista em uma aula passeio? Amorosidade permeia a alteridade? Amorosidade nutre a prática docente? A documentação narrativa com as cartas promove a amorosidade?

#### CATEGORIA-RELAÇÃO ESTUDANTE-DOCENTE-ESTUDANTE

**A relação Estudante-Docente-Estudante necessita de confiança docente na autoria discente.** A relação estudante-professor-estudante requer proximidade? A relação estudante-professor-estudante é fortalecida pela amorosidade? A relação estudante-professor-estudante é reconhecer-se no e com o outro?

**A relação estudante-professor-estudante se constitui na coerência entre palavras, atos e afetos.** A Literatura contribui para a aproximação da relação estudante-professor-estudante? A relação estudante-professor-estudante requer escuta responsiva? A relação estudante-professor-estudante é construída na troca de experiências, diálogos e afetividade?

**Estudante-professor-estudante é relação de incentivo?** Estudante-professor-estudante é relação de proporcionar?

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024)

Por se tratar de um estudo inicial dentro da pesquisa de mestrado, optamos por focar na categoria *experiência* dentro do sentido larrosiano que embasa nossa pesquisa, e duas perguntas impulsionadoras desta categoria que mais expressam aquilo que vivenciamos de forma intensa nesta pesquisa-experiência (Clandinin; Connelly, 2017).

#### 6.2.2.2 Categoria Formativa Experiência: a paragem com Jorge Larrosa<sup>58</sup> e as Vozes

Larrosa( 2002, 2017) chega até nós como uma brisa quentinha do raiar do sol em dias de frio. Na imagem abaixo temos a foto do autor, seu respectivo nome e a categoria que nos ajudou a entender com base em seus pensamentos:

<sup>58</sup> Jorge Larrosa é licenciado em Pedagogia e Filosofia, doutor em Pedagogia e pós-doutor pelo *Institute of Education* da Universidade de Londres e no Michel Foucault Centre da Sorbonne em Paris. Em 2022, obteve o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de San Luis (Argentina). Até sua aposentadoria, foi professor de Filosofia da Educação no Departamento de Teoria e História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Barcelona. Foi professor visitante e ministrou cursos e palestras em diversas universidades europeias e latino-americanas. Seus temas principais abordam a relação entre experiência, linguagem e subjetividade, bem como a forma e a materialidade dos dispositivos artísticos, culturais e educacionais. Ler mais em: [https://online.pucrs.br/professores/jorgelarossa#:~:text=Jorge%20Larrosa%20%C3%A9%20licenciado%20em,de%20San%20Luis%20\(Argentina\).](https://online.pucrs.br/professores/jorgelarossa#:~:text=Jorge%20Larrosa%20%C3%A9%20licenciado%20em,de%20San%20Luis%20(Argentina).)



Imagem 13 – Fotografia de Jorge Larrosa



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Apresentamos a foto de seu rosto porque sua voz, para muitos, já é conhecida há um certo tempo. Mas, por acreditarmos na coautoria e que todos, de modos e intensidades diferentes, temos algo a compartilhar e potencializar na formação, trazemos então o encontro entre tantas vozes. Assim, apresentaremos primeiro, de forma breve, o que Larrosa (2002, 2017) nos conta sobre a experiência, para depois então, entrarmos em nossas perguntas impulsionadoras.

Em seus estudos e discursos e experiências sobre a experiência, Larrosa (2002, 2017) costuma trazer o debate sobre como essa, que aqui estamos chamando de categoria formativa, nos explicando e não conceituando, sobre as implicações que permeiam o sentido da palavra experiência. Palavras que, para ele, trazem um sentido antes de uma denotação. Fato que também observamos em Smolka (2012), Freire (1996) e Bakhtin (2010, 217) sobre as palavras e seus sentidos de existência.

Com isso, Larrosa (2002, p. 20) nos convida a pensar a conexão entre experiência e sentido de uma forma outra, como ele mesmo fala “[...] digamos que mais existencial(sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista) [...]”, desta forma, conseguirmos visualizar a obra que pode ser criada com as palavras, pois segundo ele, uma palavra não é somente a palavra. Ela constrói sentidos, realidades e subjetivações.

E aqui, subjetivação, é também um dos nossos focos primordiais, pois, para Larrosa (2002), subjetivação, basicamente, é o processo de tornar-se sujeito. Assim como a noção de sujeito, esse termo está ancorado em diferentes perspectivas nas ciências humanas. Subjetivação é o ato de produzir subjetividades.



Assim, o autor vai nos mostrando que a experiência não é simplesmente o fato de existir. É como existimos, como vemos que existimos, como nos entendemos nesse existir e como podemos transformar o ato de existir. Não de modo genérico, mas de modo ativo e subjetivo.

Desta forma, o autor nos banha com suas palavras ao dizer que:

[...] As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (Larrosa, 2002, p. 21).

Em nossa pesquisa lutamos pela palavra própria como nos diz Lucio (2019). Pela palavra que nos é acolhida, direcionada e refletida. Pela palavra de um, mas pela palavra de muitos. Pela palavra assertiva, mas que também é afetiva. Pela palavra que criativa, mas também é elementar. Pela palavra que é experiência. Pela palavra que fomos, estamos sendo e que seremos.

Portanto, Larrosa (2002, p. 21), em suas triviais e complexas palavras, narra que “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...]”. Um passar de vida que às vezes são vistas, as vezes são sentidas, mas raramente são refletidas. E nosso intuito aqui, é justamente trazer as experiências que tocaram os coautores sujeitos nesse processo formativo de forma contextualizada, assertiva, autoral e refletida.

Assim, dentre as perguntas que emergiram após a leituras das cartas, mapeamento das categorias, e novas leituras a partir do olhar da categoria experiência, iremos discorrer mais sobre as duas perguntas desta categoria, que são:



Figura 46 – Perguntas impulsionadoras da categoria experiência



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

#### a) *Experiência é ato irrepitível?*

Pensaremos de antemão o que é repetível e não repetível. Posso dizer que ao sermos aprovados em determinada posição em um concurso público podemos repetir este feito, na mesma posição em outro concurso público? E se isso, ainda sim acontecer, podemos então dizer que para além do concurso, repetirei a mesma festa de comemoração?

Quando, por exemplo, orientamos aos responsáveis que, dentre as características vivenciadas naquele ano, é melhor que a criança repita porque não atingiu os objetivos mínimos, será que expor aquela criança, ao mesmo professor, a mesma sala, as mesmas metodologias, aos mesmos saberes, garantirá que ela não repetirá novamente?

Perguntas aqui, que novamente, não buscamos respostas. Buscamos pensamentos e reflexões, para então, depois, mas só bem depois, entendimentos. Começamos então com as vozes daqueles que muito nos disseram e muito ainda tem a dizer sobre a formação dentro da indução pedagógica na alfabetização.



Quadro 27 – Trechos das vozes dos autores-sujeitos nas cartas sobre experiência como ato irrepitível

Nº	Trechos das vozes dos autores-sujeitos nas cartas
15	<i>“Além disso, posso afirmar, com total honestidade, que este projeto me faz ver essa possível experiência como uma jornada divertida, já que eu basicamente procuro me divertir em tudo que aprendo em sala de aula, sempre que possível, claro. Mas sim, encontrei o Xisto e a professora N.P, e então conheci as crianças e vi como aquela sala, que eu costumava ir pela tarde quando não havia aula, tem tanta vida pela manhã.” (autor-sujeito A)</i>
16	<i>“No entanto, já observamos que tudo vivenciado no projeto será único e devemos aproveitar cada momento, cada aprendizado, cada experiência e cada conhecimento compartilhado para cada vez mais termos propriedade sobre nossas práticas futuras.” (Le)</i>
17	<i>“As fases, as vivências e os ciclos foram diferentes na visão de cada residente que vos escreve, pois tivemos contato com diversas crianças na turma.” (Ds e Th)</i>
18	<i>“Na aula passada, o Ítalo mordeu uma delas e tentou bater em todo mundo. A professora N.P chorou com a situação das crianças e chamou a antiga professora dele para tentar controlar as emoções. Está sendo um dia bem agitado e fora do normal, pois sempre o dia começa com sorrisos, mas hoje foi um pouco diferente.” (Ds)</i>
19	<i>“Sinto na pele a importância de cederem oportunidades para os estudantes do noturno... além de engrandecer no meu currículo, queria essa grande oportunidade, pois vou segurar ela como um forte abraço e cativá-la diariamente.” (Let)</i>
20	<i>“O cotidiano na sala de aula é uma experiência fantástica para quem pretende ser um educador, é cansativo, mas ao mesmo tempo é prazeroso ter a oportunidade de vivenciar junto com a criança o seu processo de construção em busca da aprendizagem no processo da leitura e da escrita.” (Al e E)</i>
21	<i>“Creio eu que o nosso segundo encontro será de novas descobertas e perspectivas a respeito do projeto, pois a cada dia que passa sinto que estou no caminho certo. O caminho do conhecimento!” (Ds.)</i>
22	<i>“Eu e mais meus colegas fomos para uma reunião na Escola de Aplicação da UFPA, mas para mim sempre será NPI. Que emoção! Voltar à minha querida e inesquecível escola que saí no final de 1998. Nunca me imaginei voltando a ela dessa forma.” (An)</i>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Percebemos que nesses trechos, pequenos recortes de grandes colchas de retalhos, dois pontos fundamentais saltam aos nossos ouvidos. O primeiro é que sendo a experiência um ato irrepitível, ela está intrinsecamente carregada de subjetivação. E o segundo é que o mesmo ambiente, a mesma vivência, não será nem o mesmo ambiente, nem a mesma vivência quando experienciados por sujeitos cheios de subjetivação.

A respeito do primeiro ponto, entendemos que com as falas, podemos ter a mesma escola, mas teremos outro chão, outro objetivo, outro sentimento, então uma nova escola como vemos na fala de An. Que essa experiência formativa, ao olhar do Al, pode ser uma jornada divertida, pois ele procura viver assim a sua vida.



Para Le, o processo de alfabetização torna-se irrepitível porque é vivido com a criança, e cada criança também é um sujeito singular, por isso, cada alfabetização é singular também, nas falas de Al e Er. E por fim, que ao aproveitarmos tudo isso, estamos não só nos apropriando do saber, mas como de nós mesmos nesse processo formativo. Quem eu sou enquanto me formo? Assim Le nos ajuda a pensar.

Assim, essa palavra experiência, enraizada pela subjetivação, nos mostra potencialidade que existe no processo formativo quando deixamos que algo nos aconteça (Larrosa, 2002). O deixar aqui não é o permitir, é o permitir. Deixar que as coisas sejam o que são, para que eu sendo quem sou, possa então ser uma outra coisa além de mim.

O outro ponto diz respeito a que o mesmo ambiente nunca é o mesmo, justamente por estar repleto de subjetivação. Al mostra sua surpresa e reflexão quando percebe que a mesma sala, com pessoas diferentes, causam sensações diferentes. Daniel complementa que a mesma rotina, mesma sala e mesmas crianças, nunca será o mesmo dia, assim, ele e Thayna ainda reforçam que pode ser a mesma vivência, mas as experiências serão diferentes.

Por fim, Letícia e Daniel nos mostram que a realidade, sendo esta diferente, e as oportunidades também, a forma como lidamos com a experiência também será. Afinal, teremos novas descobertas, novas formas de aprender, diferente de ontem, mas quem sabe semelhantes no hoje, mas jamais iguais. O que Larrosa (2002, p. 27) nos enuncia ao dizer que “[...] Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência”. A experiência então é tão singular e subjetiva, que não tem como ser repetido por outras. Apenas observada quando dita.

Por isso, nos voltamos a Larrosa (2002, p. 28), ao mostrar que:

[...] a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pre-ver’ nem ‘pré-dizer’.



Nessa tessitura, vemos então que mesmo diferente, as experiências formativas dentro do projeto tocarem os coautores-sujeitos fazendo emergir em cada um, suas subjetivações dentro do prisma da coletividade. Assim, nosso entendimento primário aqui é que essa experiência foi pensada sim, de forma coletiva, com vistas a atender as demandas coletivas de formação, mas não visualizamos e nem poderíamos, como cada um passaria ou melhor, seria tocado com este projeto.

### **b) Experiência é ato de compartilhar, entrelaçar e formar?**

Entre muitos trechos lidos nas cartas, vimos que a leitura literária que foi feita, pela professora Elizabeth Orofino com o livro Fios dos autora Chris Nóbrega com ilustrações de Gabriel Dutra, em nosso primeiro dia na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, nos conectou de uma forma que mesmo não visto, é sentido, é aprendido, é experienciado.

Esse fio que nos conectou diante de um processo formativo ainda novo para nós e para os outros, que apesar dos medos, receios e obstáculos, fazem parte da nossa escolha em sermos formadores de nós mesmos, dos outros, com a vida, com a escola, com as crianças e com a Universidade.

Assim, diante de tantas conexões tecidas, puxadas e repuxadas, bordamos suas falas:

Quadro 28 – Trechos das vozes dos autores-sujeitos nas cartas sobre experiência como ato de compartilhar

Nº	Trechos das vozes
23	<i>“Com intuito de buscar experiências pedagógicas, enriquecer meus conhecimentos e aprendizado na área da Pedagogia, experienciar e cooperar com os alunos atendidos e enriquecimento, assim o gosto dos alunos pela leitura e escrita.” (Xisto)</i>
24	<i>“Desde antes, incluindo a entrevista, nossos encontros sempre foram formativos, com referencial teóricos de Freinet e na alfabetização como processo discurso de Ana Luiza Smolka. O qual contribuiu para a formação da teoria-prática.” (Priscila e Xisto)</i>
25	<i>“Nos propiciou experiências importantes para nossa formação, nos ajudando a consolidar conteúdos que ainda estavam vagos no decorrer da faculdade. O projeto é essencial na formação de professores. Pois observamos a importância de um projeto que dê ênfase na formação de professores, alicerçando teoria-prática, contribuindo grandemente para nosso desenvolvimento docente alfabetizador.” (Dalva e Letícia)</i>
26	<i>“Além disso, a preceptora N.P vivencia a perspectiva discursiva cotidianamente com os alunos por meio de diálogos, narrativas de histórias, nos desenhos, na escrita e na interação social das crianças, proporcionando aos sujeitos que participam e se apropriam do conhecimento.”</i>



	(Priscila e Xisto)
27	<i>“Início esta carta desejando que neste período você absorva muito conhecimento, acredito que para você é novo e importante, que as inseguranças que viram sejam superadas pela sua capacidade de enfrentar os desafios e mostrar suas habilidades. Conte comigo, estou torcendo por você para que sua trajetória acadêmica e profissional seja de sucesso, e com muito aprendizado.” (Letícia)</i>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Nesse bordado, identificamos que não vale apenas a trajetória e a formação profissional, a pessoal também é importante, que a teoria sem prática e a prática sem teoria, não se complementam, se anulam. Assim, entendemos que “[...] O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (Larrosa, 2002, p. 26).

Mas o autor ressalta que este conhecimento e vida aqui interligados não condizem com a denotação que costumamos ter, pois hoje, o conhecimento se resume apenas na ciência e na tecnologia, algo objetivo, impessoal, infinito, que está posto para fora de nós e que devemos nos utilizar. E a vida, nessa mão, está reduzida ao campo biológico, de uma forma a estar para que a gente satisfaça as necessidades imposta pela sociedade para a sobrevivência da espécie. Assim, indo na contramão desse significado, entendemos que essa relação do saber da experiência perpassa por uma frase que nos dá outro entendimento de conhecimento e vida, de um autor desconhecido, mas que nos leva a refletir “Você é o projeto mais importante da sua vida”.

Ser o projeto mais importante da sua vida não se trata de egocentrismo ou egoísmo, mas de aceitar, merecer e viver que somos seres de inacabamento (Freire, 1996) e sujeitos de experiência (Larrosa, 2002). Assim, é possível entender que em nosso processo formativo, a experiência se faz essencial para a realização da conexão entre teoria e prática, que nesta pesquisa também a nomeamos de prática-teoria-prática.

Se eu compreendo que a experiência é aquilo eu me toca, se eu compreendo que para que ela me toque, eu preciso deixar que o tempo passe e que algo me aconteça, eu entendo então que a prática me oportuniza viver a teoria para que entoa eu construa, melhore, ou permaneça com práticas que são adequadas ao contexto que me formou e que eu formo.



Vimos com Xisto e Priscila que enriquecer os conhecimentos e aprendizagens, podem acontecer antes mesmo do tempo estipulado por aqueles que só podem começar a partir dali. Quem disse que a entrevista, por exemplo, não é um encontro formativo? Nós e os autores que nos embasamos dizemos que sim. E isso nos é possível porque compreendemos que a vida é formativa.

Posto isso, Dalva e Letícia nos chamam para olhar a formação inicial do alfabetizador: será que falta mais conteúdo ou falta mais vida entre a carga horária das disciplinas? Como podemos viver a teoria sem, muitas vezes, não temos nem tempo para viver?

Portanto, eles, em todos os seus modos de dizer, nos gritam para vivermos a teoria e teorizarmos a vida. E como isso é possível? Bom, eles mesmos nos mostram um caminho possível: a perspectiva discursiva (Smolka, 2012). Se este é o certo, o mais adequado, ou melhor, não afirmamos.

Mas reiteramos que, como professores alfabetizadores, situados em um contexto do ensino básico e do ensino superior, é que tem nos ajudado a chegar até aqui de forma mais coerente, significativa e afetuosa. Pois, dentro dessa perspectiva de alfabetização discursiva que retroalimenta nossas práticas docentes, potencializamos não apenas os discursos dos outros, mas os discursos de nós mesmos com esses outros.

E nesses discursos que são construídos, vemos então que a “[...] lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. [...] ou melhor, trata-se mais de uma dialogia que funciona heterologicamente do que uma dialogia que funciona homologicamente” (Larrosa, 2002, p. 28). Assim, nesta lógica, surgem então, por meio da dialogia que produzimos anteriormente, duas novas perguntas após esse nosso diálogo, que são:

*----- Se a experiência é ato irrepetível , mas ao mesmo tempo, é ato compartilhado, como construir uma relação entre estudante-docente-estudante embasada nesta concepção?*



Quadro 29 – Trechos das vozes sobre a relação estudante-docente-estudante na categoria experiência

Nº	Trechos das vozes
28	<i>“Entre algumas fofocas que contávamos eu e Xisto, pude ver a professora N.P trabalhando os encontros vocálicos com as crianças e nós, residentes em sala, pudemos contribuir com sugestões. A minha contribuição veio em uau, no que eu depois pude ir ao quadro e apresentar a palavra luau. Lembro que, ao escrever o L e perguntar que letra era aquela, uma das crianças disse que era o “L de Lula, tio!”, então fizemos o sinal da letra L juntos e eu escrevi a palavra luau. Pois bem, conversei com a professora N.P sobre abordar o livro e fazer uma espécie de caça ao tesouro, onde o tesouro seriam algumas palavras contidas na história espalhadas escondidas pela sala. Para ambientar mais ainda eu virei fantasiado de pirata, com as vestimentas que eu já tenho desde o último carnaval onde fui de pirata para o Circuito Mangueirosa.” (A1)</i>
29	<i>“Incentiva aos discentes serem pesquisadores, escritores, leitores, profissionais que estão sempre em busca da melhora em sua profissão. Na minha formação será de grande valia, pois junto com esse time de professores que me ajudaram a me tornar uma profissional melhor, a pensar crítico e reflexivo.” (Letícia)</i>
30	<i>“Com isso, as sugestões que podemos inserir aos futuros alfabetizadores que irão trabalhar a leitura e a escrita nos Anos Iniciais é: ouçam as vozes das crianças. O poder da palavra e da escuta é necessidade nos dias atuais, pois assim a alfabetização se torna mais prazerosa para quem ensina e para quem aprende. Ouvir as vozes das crianças e o que elas têm a dizer com todo o prazer, nos fazem ser mais firmes no processo de alfabetização, pois é ouvindo as crianças que entendemos o seu verdadeiro eu e as suas dificuldades em relação à leitura e escrita.” (Daniel e Thayna)</i>
31	<i>“Ser professor alfabetizador requer rever sua práxis, de forma a melhor proporcionar às crianças espaços de discussões, de elaboração de ideias próprias que venham favorecer e fortalecer o processo de crescimento e apreensão da linguagem escrita, aproveitando o saber pré-existente das mesmas tornando-se sujeitos que ensinam e sujeitos que aprendem.” (Priscila e Xisto)</i>
32	<i>“As crianças me falaram que o Vitor havia se batido num tronco e eu trouxe ele para a sala, pedi para ele sentar e fingi estar fazendo uma espécie de cirurgia para curar o batido. Então ele, que estava chorando, passou a rir e se divertir, com todos os amiguinhos ao redor.” (A1)</i>
33	<i>“E aqui é a parte onde eu tive, pela milésima vez, a sensação que me dá a certeza de que eu estou na área de atuação que mais poderia me fazer feliz, pois, ao me despedir da turma, as crianças vieram me abraçar todas ao mesmo tempo, quase me levando ao chão no ato, me fazendo sentir todo o carinho que uma criança pode oferecer. Amigos, se for assim todo dia, eu vou chorar todo dia emocionado após o fim de cada aula.” (A1)</i>
34	<i>“Ressaltamos, principalmente, o que diz respeito a atuação da professora N.P, nossa preceptora no projeto na turma 1003 do 1o ano do Ensino Fundamental da EAUFPA, nos ensina a sermos pessoas capacitadas, como futuros professores, sempre muito dedicada e responsável, faz uso da proposta de uma alfabetização enquanto processo discursivo baseada no referencial teórico de Ana Luiza Bustamante Smolka (2012), apresentado pela profa. Dra. Elizabeth Orofino, professora orientadora deste projeto. Podemos falar que cada dia é uma experiência gratificante em fazermos parte deste processo de alfabetização com as crianças e na Escola de Aplicação da UFFA.” (A1 e E)</i>
35	<i>“Por fim, mas não menos importante (rs), ocorreu um lanche coletivo, onde pudemos conversar e desfrutar da presença de cada um que ali estava.” (M)</i>
36	<i>“Com isso, as sugestões que podemos inserir aos futuros alfabetizadores que irão trabalhar a leitura e a escrita nos Anos Iniciais é: ouçam as vozes das crianças. O poder da palavra e da escuta é necessidade nos dias atuais, pois assim a alfabetização se torna mais prazerosa para quem ensina e para quem aprende.” (D e T)</i>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Baseados nos trechos das vozes acima lidas, podemos acreditar que uma relação entre *estudante-docente-estudante* focada na experiência pode ser construída com base na *confiança na autoria discente* e na *coerência entre palavras, atos e afetos*.

Para a confiança na autoria discente, destacamos antes a palavra confiança e sujeito de experiência. Confiar é um verbo curto, porém mais complexo do que imaginamos. Acreditamos que não se trata de dar a autoria, mas de ter confiança na autoria que se é construída e que é pertencente ao discente, que em nosso caso, faz relação com os estudantes da graduação e com as próprias crianças.

Confiança que necessita ser vista dentro deste processo de se expor também ao outro. Quando nos expomos e dizemos nossas vozes, estamos dando ao outro, um pouco de nós. Então, confiar, também requer exposição. Assim, vemos que “[...] é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’” (Larrosa, 2022, p. 25).

Esta exposição leva-o ao próprio processo de transformação, que requer do docente, a confiança de que isso pode acontecer e que quando aconteça, a reconheça. Pois então, a confiança leva-o a enxergar o sujeito da experiência.

Estes sujeito, portanto, dentro da sua autoria discente, e da suas experiencia formativa, vê-se que “[...] seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define [...] por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (Larrosa, 2022, p. 25).

O sujeito da experiência tem sua autoria pois ao internalizar que a experiência é esse lugar de encontro com aquilo que experimento, que provo, coloca o saber neste lugar. Se põe e expõe de forma como se estivesse “[...] atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (Larrosa, 2022, p. 25), assim como fez Al no trecho 14.

E esse confiar dentro do processo de autoria discente, recai também para o próprio discente, entendendo que sua presença é uma e singular neste processo, bem como seu saber da experiência. E que ambos devem ser desfrutados, como diz Ma, por todos. A forma de se fazer presente para os outros também se mostra dentro do seu próprio processo de autoria, e não somente para os outros, mas especialmente para si.



Desta forma, vemos que com o saber da experiência neste sujeito da experiência que confiar em sua autoria e ver que outros também confiam nela, pode então ter a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (Larrosa, 2002). E isto ele justamente consegue fazer porque se vendo dentro da existência individual ou coletiva, enxerga que possui a autoria para produzir seus saberes. E esta produção também é possível porque seguimos a concepção da coerência entre palavras, atos e afetos.

Evidenciamos a palavra coerência, porque em uma das suas grandes críticas ao que se tem posto por muitos em relação a experiência, é o que Larrosa (2002) chama de antiexperiência ou inimigos mortais da experiências, os quais estão permeados de incoerências. Para o autor, o excesso de informação, de opinião, de trabalho e a falta de tempo, fazem com que a experiência seja impossível de ser sentida.

Em seus diálogos, o teórico nos ajuda a pensar e a refletir. E dentro deste processo dinâmico, nos perguntamos então: como a experiência pode acontecer se, inundados de informações constantemente sendo substituídas por novas a cada segundo, arrogantes em nossos julgamentos sobre o que é certo ou errado, cheio de trabalho a cumprir, mas que não temos tempo para experienciar? Nesta, respondemos que, para nós, não há como.

Assim, a autoria discente aqui não representa um grande acúmulo de informação. Por isso, não quisemos assim que iniciamos o projeto, que os coautores sujeitos fossem direto para a vivência de sala de aula. A escola, por si só, diariamente nos encharca de informações.

Por isso, optamos para que eles primeiramente sentissem a atmosfera da escola, dos estudos teóricos, para que quando essa imersão ganhasse novas camadas, suas bases teóricas e de autoria, estivessem mais sólidas. Logo, corroboramos com Larrosa (2002) em seu pronunciamento de que informação não tem a ver com aprendizagem.

Prosseguindo, vamos então ao termo palavra. Aqui, fazemos o sentido da palavra enquanto ato de se pronunciar verbalmente para si e para o mundo. O que está distante de nós em relação a opinião, visto que, como Larrosa (2002, p. 23) diz “[...] Esse “opinar” se reduz, na maioria das ocasiões, em estar a favor ou contra”. Ou seja, essa palavra mal-entendida como opinião, nada mais é que um próprio



juízo sobre algo que me impõe a dizer sobre. Não sobre algo que realmente dizemos.

Palavra aqui não é opinião, ela é um discurso dito com sentido. A partir do modo que escolhemos dizer nossa própria palavra ao outro e a nós mesmos, quando ela está permeada pela subjetivação na formação, quando por exemplo, Daniel e Thayná dizem “[...] *o poder da palavra e da escuta é necessidade nos dias atuais, pois assim a alfabetização se torna mais prazerosa para quem ensina e para quem aprende*” (trecho 22). Assim, chegamos ao ponto do afeto.

Afeto, para nós, dentro da perspectiva de experiência larrosiana, significa tanto que somos afetados por algo ou alguém e afetamos a algo a alguém, já que ao entendermos que “[...] incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (Larrosa, 2002, p. 25). O afeto é um princípio de experiência para nós.

Neste entendimento, Larrosa (2013, p.10) explica que “[...] a experiência é uma relação em que algo passa de mim a outro e do outro a mim. E nesse processo, tanto eu como o outro, sofremos alguns efeitos, somos afetados”. Assim, deixar-se afetar e afetar requer pausa, tempo, distanciamento e retomada.

Precisamos deixar que o tempo aconteça, para que a experiência também apareça. O afeto, seja ato ou sentimento, é coerente com isso. Uma resistência atualmente, onde tudo é rápido demais, depressa demais, para ontem ou para amanhã, e raramente para o hoje.

Fato que também observamos, quando vamos analisar os currículos escolares, Larrosa (2002, p. 23) enfatiza que “[...] e na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece”. Especialmente os currículos de alfabetização, como por exemplo, os que constam na Base Nacional Curricular Comum. Como deixar que a experiência me afete diante da urgência do outro sobre mim?

Por isso, vemos que incentivamos deste modo com que tanto as crianças, como os estudantes de pedagogia, e nós professores, nos tornemos sujeitos que “[...] tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca [...], mas nada nos acontece. E nesse nada acontece, a falta de silêncio e memória nos levam para um não afetar da experiência” (Larrosa, 2002, p. 23). Ou melhor, como diz o autor, “acabam



com a possibilidade de existência da experiência” (Larrosa, 2002, p. 23).

Complementando:

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (Larrosa, 2002, p. 23).

Por isso também, as cartas são importante documentação narrativa destas experiências educativas como vimos com Suárez (2017) e como nos contemplam também Clandinin e Connelly (2017) no que tange a característica pessoal e conversacional. Algo que nos liga diretamente com a subjetivação que se constrói com a experiência. Assim, chegamos ao ponto do... Talvez vocês possam estar se perguntando: mas isso o ato?

Bom, propositalmente ele está entre palavra e afeto, porque ele é um e os dois são ele ao mesmo tempo. Palavra é ato de dizer quem sou, o que penso, o que sinto. Afeto é ato de dizer como lido com aquilo que me atravessa e me toca na experiência. Dito isto, chegamos à segunda pergunta:

*----- Se a experiência é ato irrepitível, mas, ao mesmo tempo, é ato compartilhado, como a relação estudante- docente- estudante pode ser potencializada neste processo?*

Quadro 30 – Trechos das vozes sobre a potencialidade da relação estudante-docente-estudante

Nº	Trechos das vozes
37	“Quando você relatou sua trajetória e experiências como professora me somou logo. Claro, fiquei imaginando logo minha trajetória também. O seu sorriso cativador, seu jeitinho alegre me encantou, comecei a imaginar como será tecer meus fios com o de vocês e o de vocês com os meu.” (Da)
38	“Como já vivenciei alguns dias com eles, senti que os alunos sentem minha falta, pedem minha ajuda, compartilham seu dia anterior e isso é muito importante para mim.” (Le)
39	“Olá, Dalva, hoje estive pensando o que nos move para estarmos aqui? Quantos percalços e quantas pedras superamos em nossos caminhos neste ano? Pois é amiga, nosso ano não foi fácil, né? Trabalhar, estudar, descansar, ah descanso, que palavra gostosa, mas difícil do universitário/trabalhador usa, né?” (Xi)



40	<i>“Essa atividade me lembrou do que faço todos os dias quando estou em casa ou quando eu chego, verificar se tenho correspondência na caixa do correio. Muito difícil ter alguma coisa kkkk. Sempre falo para meu filho: sinto falta de receber uma carta, acho que vou escrever para mim mesmo ou vamos escrever um para o outro kkkkk e com isso dou uma gargalhada com vazío da falta de surpresa e da expectativa de como é bom receber uma carta.” (Dalva)</i>
41	<i>Desejo que esteja tudo bem, primeiramente gostaria de agradecer pela sua disponibilidade e bondade em me ajudar com meu cadastro na plataforma da CAPES, já estava nervosa, risos e risos. A professora Jessika explicou as “orientações aos residentes”, ela desde quando passei para integrar no projeto está sendo uma pessoa receptiva e dedicada.” (Letícia)</i>
42	<i>“Durante o projeto, poder contar o processo por meio das cartas, mesmo que de forma breve sobre os momentos vividos, acabam por nos trazerem lembranças que, quando escritas, podemos ter o prazer de mostrá-las pelas nossas memórias. Alguns momentos ficarão marcados para sempre. Obrigada por trazerem o gênero carta à tona. [...]” (Daniel e Thayna)</i>
43	<i>“Apesar de estarmos tratando de algo tão caro e sério quanto a produção de conhecimento, isso definitivamente deve ser feito com carinho e paixão pelas pessoas envolvidas nisso. Pois paixão é uma das sensações que movem a pedagogia.” (Al)</i>
44	<i>“Te disse que foi uma emoção adentrar os portões do NPI, ne? Mas passear novamente por aqueles lugares me trouxe tantas lembranças boas, o parquinho onde mesmo sendo já grande eu e minha amigas nos balançamos, conhecemos algumas salas da educação infantil onde vamos fazer nossa residência, fomos ao salão vermelho onde cansei de correr e deslizar pelo piso com meu tênis e a lanchonete da inesquecível D.Rosa, conhecemos uma área que não tinha no meu tempo e que se assemelha pequeno teatro e achei bem interessante, olhamos de longe a quadra coberta, mas também vi os alunos brincando naquele sol de rachar e só lembrei de mim que fazendo sol ou chuva estávamos brincando de vôlei e por isso minha farda sempre voltava suja pra casa. Foram ótimas lembranças.” (An)</i>
45	<i>“Um encontro com perspectiva de acolhimento e interação para nos sentirmos em ‘casa’. A professora Elizabeth Orofino, com muita facilidade nos envolveu com a contação do livro Fios da autora Chris Nóbrega. E em uma breve reflexão pude perceber e identificar que podemos construir juntos laços importantes nessa caminhada que estamos iniciando, levando-os para toda nossa vida.” (Le)</i>
46	<i>“Oi, Pr, como vai? Espero que esteja confortável, hidratada e com seus cabelos bem sedosos e bonitos, como de costume. Venho lhe falar sobre a última quarta-feira, que tivemos uma riquíssima tarde de aprendizado e conversa descontraída, que foi justamente a primeira vez que pisei na Escola de Aplicação da UFPA, local que sempre quis estar, desde que entrei na pedagogia. E lembro-me principalmente da sensação que é estar fazendo algo que passa longe de parecer um trabalho/obrigação.” (Al)</i>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Diante de suas falas, ambas aqui, de modo geral, nos levam a pensar sobre alteridade e amorosidade. Nos perguntamos, por exemplo, se a alteridade é algo que se constrói no chão e com as pessoas da escola? Para se construir, ela necessita de uma escuta responsiva? E dentro desta relação permeada pela alteridade, a amorosidade pode se fazer também presente como um caminho outro para a formação e a prática docente? Bom, o que tentaremos a seguir, é, junto com vocês, refletir sobre isso.



Larrosa (2013) traz reflexões da experiência mas intensamente dentro da dimensão da educação. Anteriormente, o que dialogamos com vocês foi sobre esse entendimento trivial da experiência e do seu sujeito da experiência, pois, ao falarmos sobre formação, ainda mais dentro do campo da indução pedagógica na alfabetização na perspectiva de Nogaro, Kuhn e Moreira (2017), precisamos conhecer sobre estes dois pontos que de fato, vivem e constrói a escola. Assim, não podemos deixar de esquecer que a escola é povoada por gente.

Dito isto, vamos nos empenhar então para entender esses sujeitos dentro do campo da escola. Assim, tanto a alteridade quanto a amorosidade, categorias que também emergiram das cartas, se fazem fundamentais neste processo. Logo, vamos a alteridade.

Diante da concepção que estamos trabalhando que a experiência “é isso que me passa”, conforme Larrosa (2013), nos perguntamos o que é esse “isso”? Para o autor:

A experiência supõe, em primeiro lugar, um acontecimento ou, dito de outro modo, o passar de algo que não sou eu. E “algo que não sou eu” significa também algo que não depende de mim, que não é uma projeção de mim mesmo, que não é resultado de minhas palavras, nem de minhas ideias, nem de minhas representações, nem de meus sentimentos, nem de meus projetos[...]. ‘Que não sou eu’ significa que é ‘outra coisa que eu’, outra coisa do que aquilo que eu digo, do que aquilo que eu sei, do que aquilo que eu sinto, do que aquilo que eu penso, do que eu antecipo, do que eu posso, do que eu quero (Larrosa, 2013, p. 4).

Perante esta análise, Larrosa (2013) chama então de princípio da alteridade, da exterioridade, ou da alienação. Como estamos falando sobre alteridade diante da concepção de experiência larrosiana, focaremos nela. Para o autor este princípio da alteridade “[...] é porque isso que me passa tem que ser outra coisa que eu. Não outro eu, ou outro como eu, mas outra coisa que eu. Quer dizer, algo outro, algo completamente outro, radicalmente outro” (Larrosa, 2012, p. 6). “Outra coisa que eu” é a frase que destacamos.

Quando Dava fala da sua relação com a professora. Menciona que a trajetória da professora somou a sua e ela então logo se lembrou da sua própria trajetória, identificamos que essa “outra coisa que eu” se faz presente em seu discurso. Dalva não anulou ou extinguiu quem era, muito menos a professora, mas reconheceu que esse outro a ela, era presente, e que ela era presente a esse outro. Situação que também vemos na fala de Letícia e Xisto.



Let fala da sua relação com as crianças, no dia a dia do processo de alfabetização. Enfatiza que quando as crianças pedem sua ajuda e sentem sua falta, aquilo, que é para além dela, é importante para ela. Poderia ter dito que se percebe muito importante para as crianças, mas não, Letícia desse outro volta-se para si. E nesse movimento, enxergamos também o nós.

Assim, como Xisto traz em suas reflexões o nós. Que não é a transferência, mas sim a confluência de quem somos neste processo. Existe um eu, existe o outro e existe um nós, que não deixa de ser quem, mas que passa a também ser um nós. Outra coisa, diferente do que é. Aprender tem um pouco disso, ainda mais na alfabetização, onde o texto-vida ganha espaço na vida da criança e dos professores.

As cartas também nos trazem esse princípio da alteridade. Quando Dalva mostra que as de uma atividade com as cartas ela lembrou-se do quanto sente falta de receber. Algo que lhe passou, lhe tocou. Algo que era externo a ela, mesmo continuando sendo externo, também viu em si. E ainda sendo de sua vontade receber uma carta, a experiência não pode ser vivenciada por ela, mas ainda sim, algo lhe toca, pois na experiência a mesmidade é alteridade (Larrosa, 2013).

E neste tocar em mim, vemos a paixão. Al nos diz que, apesar dos desafios, nossas práticas devem ser vividas com carinho e paixão, pois a paixão é algo que nos move dentro da pedagogia. Nesta tessitura, Larrosa (2013, p. 26) exemplifica que:

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. [...] Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.

Para o autor, a paixão tem vários sentidos, bem como suas influências. Assim, essa paixão recai sobre uma responsabilidade com o outro que vem permeada por liberdade e autonomia de modo diferente daquela que compreendemos quando olhamos o sujeito de forma isolada. A paixão nos move em direção a nós, e principalmente a aquilo que é exterior a mim.

Desta forma, dentro desse processo da experiência formativa, a paixão possui uma “[...] liberdade dependente, determinada, vinculada, obrigada, inclusa, fundada não nela mesma mas numa aceitação primeira de algo que está fora de



mim, de algo que não sou eu e que por isso, justamente, é capaz de me apaixonar” (Larrosa, 2013, p. 26). Eu vou em direção a algo que está para além de mim e aceito isso.

Ser um sujeito passional dentro da experiência como paixão, é aceitar que algo pode me atravessar, pode me tocar, pode me padecer no ato de viver, de experimentar, aceitar e assumir (Larrosa, 2013).

E essa paixão que me move como sujeito passional na experiência larrosiana, demonstra que este ser “[...] tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. [...]” (Larrosa, 2013, p. 26). Quando Le narra que fez sua reflexão, ao perceber e identificar pontos sobre esse processo formativo. Aqui, ele assume o seu próprio saber. Vai em direção a ele.

E vou, vamos ou vai, porque nesse ato me apaiono e nos apaixonamos. Por isso, a paixão também abre portas para a afetividade. Assim, falaremos um pouco mais sobre afeto na relação estudante-docente-estudante. Mas agora, nossa conversa ganhará uma nova voz, familiar para mim e acredito para muitos. Jorge Larrosa convida Paulo Freire para dar uma palavrinha.

Freire (1996) já nos diz que não há docência sem discência. E vice-versa. Por que então retomamos a isso? Porque para nós, dentro de um projeto docente formativo na focado na indução pedagógica na alfabetização o que nos propomos a construir e vivenciar, a relação dentro da categoria estudante- docente-estudante, perpassa e atravessa todo o projeto. Trazendo consigo suas próprias implicações e gerando novas.

E diante do que narramos até aqui, este projeto que tem como guia a imersão na realidade escolar, a base teórica e a autoria científica, se constitui por meio desta relação entre seus principais protagonistas. E uma das implicações que mais recaem sobre ela é como essa relação deve acontecer dentro e fora do ambiente escolar.

Por isso, como compreendemos que a prática-teoria-prática também nos forma, como professores e estudantes, nos indagamos como essa experiência pode acontecer. Ou melhor, como essa experiência pode acontecer para nós. E para nós, o que fez sentido foi vivê-la com afeto/afetividade.

Assim, Freire (1996, p. 145-146) conta a Jorge Larrosa e a nós:



[...] como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.

O autor diante disto, nos mostra que a prática educativa requer esse equilíbrio entre a afetividade e a cognoscibilidade. Portanto, que a afetividade não é contrária ou deve estar separada da seriedade. Assim, viver a prática como essa prática educativa afetiva é o que Ds, An, Le e Al nos dizem, cada um em sua subjetividade. Pois, a afetividade não nos assusta e nem assusta eles, não temos medo de expressá-la, como menciona Freire (1996).

Em suas palavrinhas, o autor nos diz que a prática docente junto com a discente é uma experiência alegre por natureza. Não podemos entender que ensinar e aprender está fora da procura, fora da boniteza, fora da alegria. Pelo contrário, essa força cumpre seu papel de forma amorosa (Freire, 1996).

Nossa forma amorosa, contemplando a afetividade, nos faz viver a amorosidade. Quando visualizamos o outro nessa relação de alteridade, devo então tratá-lo com amorosidade, pois reconheço, especialmente, que ele é gente. Mesmo outro a mim e de mim, ele é gente.

E como Freire (1996, p. 144) fala:

[...] o nosso trabalho é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando [...] Lido com gente e não com coisas. [...] Não posso negar minha condição de gente. [...] Por nos vermos gente, respeitamos esses sujeitos como coautores desse processo.

Vemos a experiência de ser docente entremeada com a experiência de ser estudante, alfabetizadores, pesquisadores, ser gente. Uma gente que não está em algum lugar, em algum momento, em algum acontecimento. É uma gente que está em *um lugar*, em *um momento*, em *um acontecimento*, e em *um atravessamento*. Portanto, em uma experiência. Entremeada *com, pelo e no* mundo.

Ponto que Larrosa (2021), em sua palestra no 3º Congresso Internacional do Laboratório Inteligência de Vida (LIV Virtual), contribui dizendo que:

[...] Paulo Freire utiliza, de um jeito muito interessante, a palavra admiração. Ele diz que a educação tem a ver com emergir do mundo no qual você está submerso, e ser capaz de olhar para esse mundo a distância. Então, a



essa distância, ele chama essa distância da possibilidade de assimilar o mundo. Não sobreviver no mundo, mas assimilar o mundo. [...] Por isso, quando a gente fala das matérias de estudo, eu falei dessa citação de Paulo Freire, de que as pessoas educam-se entre elas pela mediação do mundo. [...] que quer dizer que o mundo está no meio, isto é, o mundo não é meu, nem seu, nem de ninguém, mas está no meio.

Larrosa (2021) relembra algumas das palavrinhas de Paulo Freire em sua palestra. Conversa com o autor como conversa conosco. E aqui, também o chamou para conversar conosco. Por isso, admiramos. Não somente essa conexão, essas palavrinhas, mas esse ato de ser e estar no meio. Vocês, que aqui leiam também essas palavras conosco, estão em nosso meio, em meio a nossos pensamentos, sentimentos e mundos. Assim, por sabermos que vocês também estão aí, assim como estão aqui, queremos que nossas vozes cheguem ainda mais perto de vocês.

### **6.3 Nós falamos por meio das cartas: o que atravessou em nós e o que deixamos para ti?**

O ato de falar, de dizer e expressar quem se é, de onde veio, onde esta para onde quer ir, é um dos compromissos primordiais da nossa conversa. Falo não apenas para dizer tudo isso, mas para nos aproximar cada vez mais de vocês, para que assim, possam conhecer, mesmo um pouco, de quem somos.

Desta forma, a carta tornou-se nosso modo de dizer. Nosso modo de falar, nosso modo de existir e resistir diante da formação dentro da indução pedagógica na alfabetização. Por isso, as vozes que chegam até vocês agora percorram um caminho ou pouco mais longo do que nosso último encontro.

Após 08 meses do nosso último encontro que foi a finalização do projeto, escrevi uma carta (que poder ser lida na íntegra no Apêndice X desta dissertação) entrando em contato com os estudantes de pedagogia, para saber como eles tem passado durante esse tempo. Tal iniciativa foi baseada em Larrosa (2002) na experiência é preciso deixar que o tempo passe. Por isso, o tempo precisava passar para ele ser e ter sentido.

Diante disto, após os cumprimentos iniciais, fiz duas perguntas para eles, sendo: a) *Passado bastante tempo desde lá, quero muito saber de vocês, da forma como escolherem me dizer como esse projeto atravessou cada um? Perceberam alguma mudança em relação a formação, a alfabetização? Se não perceberam, tudo bem, podem contar da mesma forma;* b) *Esse projeto de nossa autoria, a indução*



*pedagógica na alfabetização tem como princípios a base forte teórica, a imersão na realidade, e a autoria científica. Assim, a segunda coisa que quero muito também saber de vocês, é: como vocês se sentem diante destes três princípios? Por exemplo, vocês por acaso, chegaram a produzir e ter algum trabalho aprovado sobre o nosso projeto? Caso sim, por favor me digam aqui. Caso não tenham, também pode mencionar. Me digam o que vocês quiserem dizer.* De 11 autores sujeitos da pesquisa, 9 responderam em forma de carta para mim.

Assim, ao final de cada carta recebida, organizei as vozes que cada um expressou sobre esta experiência. Abaixo mostro como nós falamos por meio das cartas:

a) Passado bastante tempo desde lá, quero muito saber de vocês, da forma como escolherem me dizer como esse projeto atravessou cada um? Perceberam alguma mudança em relação a formação, a alfabetização? Se não perceberam, tudo bem, podem contar da mesma forma.

Quadro 31 – Trechos das vozes sobre o que atravessou cada um durante a pesquisa

Nº	Trechos das vozes
47	<i>“Agora, respondendo suas perguntas digo-lhe que estou, apesar de tudo muito bem, ainda não formei, pelas contas me formaria em dezembro, mas como sou da pandemia, sou vou me formar em julho do ano que vem, se Deus quiser, meu TCC está na primeira fase ainda, mas pretendo defendê-lo em dezembro. Como você sabe sou de poucas palavras e tenho dificuldades em lembrar o nome das pessoas, mas quero agradecer a você por tudo. Não estranhe a localização da carta, é que neste momento estou em Currallinho<sup>59</sup>, como a Universidade está em greve, eu estou trabalhando pra ter liberdade para estudar durante o período que eu deveria estar trabalhando aqui”. (XISTO)</i>
48	<i>“Senti um misto de sentimentos quando iniciei a leitura da sua carta, chorei e comecei a lembrar desde o início da minha inscrição, leitura do edital, entrevista, lista de seleção. Ser escolhida para fazer parte do Projeto de Indução Pedagogia na Alfabetização da EAUFPA foi uma das melhores coisas que aconteceu na graduação. O projeto não apenas atravessou minha vida, mas vai ficar sempre nela com todas os aprendizados, afetos e uma visão nova do trabalho docente em especial na área da alfabetização. Que valioso poder vivenciar a realidade da sala</i>

<sup>59</sup> Município localizado na Ilha do Marajó. Conforme o site da Prefeitura Municipal de Currallinho, “o território do atual município de Currallinho está situado no nordeste do Estado do Pará, na zona fisiográfica do Marajó e Ilhas. Primitivamente, fora uma fazenda particular, cujos proprietários dispunham de muitas relações comerciais. Naquela época, o lugar constituía-se num porto de parada obrigatória das embarcações e dos famosos regatões, que subiam o rio. Pela sua localização e, também, à largueza dos donos das terras, inúmeras pessoas ligadas aos proprietários, para lá se dirigiram, e, em pouco tempo, estava ali formado um núcleo populacional de relativa expressão. Com isso, a localidade prosperou, e, em 1850, adquiriu categoria de Freguesia sob a inovação de São João Batista de Currallinho. Quinze anos depois obteve categorias de Vila e município, cuja instalação deu-se em 1870. Em 1856, a Vila então criada teve sua sede transferida para onde, está atualmente erigido o município”. Disponível em: <https://pmcurrallinho.pa.gov.br/o-municipio/historia/>



	<i>de aula para atuar de forma categórica no ambiente escolar”. (Let)</i>
49	<i>“Com certeza me transformou, me fez ver a realidade de sala de aula, de como as formações são importantes para o nosso crescimento como discente e futuro profissionais da educação, ampliando e desenvolvendo cada vez mais o conhecimento em prol de ser um educador. Eu me formei no último dia 09/04/2024 a solenidade foi realizada no Auditório Benedito Nunes, e este Auditório que só me trazem lembranças boas, pois lá também foi o Congresso Brasileiro de Alfabetização (Conbalf), evento nacional lindo, nossa como isso me marcou.” (Er)</i>
50	<i>“É um prazer pode escrever para você e ainda mais sobre algo tão importante que aconteceu na minha vida acadêmica como também trouxe saldos positivos para o meu convívio social. Bom...como esse projeto me atravessou? Inicialmente, confesso, era somente pela bolsa oferecida e não imaginava nada além mais do que cumprir com a carga horária estabelecida pelo programa. A partir dos primeiros encontros que contribuíram para o desenvolvimento de nossas atividades pude perceber o quanto seria marcante e significativo esse projeto para a minha formação. Foram momentos, nos mais variados espaços, de ensino e aprendizagem, acolhimento, compreensão, parceria e se pararmos para analisar as contribuições não se acabavam por agora. E, portanto, a forma que entrei no programa é totalmente diferente da que estou saindo, porém em relação a alfabetização entendo que foi o que mais me modificou. Nesse sentido, me sinto mudado a tudo que envolve a alfabetização, pois quebrei paradigmas, que eu tinha, durante nossos encontros para estudos como também durante o convívio com as próprias crianças a qual estavam diretamente envolvidas nesse processo”. (LEOAM)</i>
51	<i>“O projeto foi muito importante para a minha vida pessoal e profissional. Pessoal, pois tive um contato muito próximo com os colegas de curso e com as professoras em relação ao projeto e isso me incentivou a continuar. Profissional pois aprendi muito sobre os autores que estudávamos nos encontros formativos, que me fazem relacionar sobre o conceito de alfabetização e suas ramificações.” (DANIEL)</i>
52	<i>“Sinto muita saudade do local, das crianças da turma da professora N.P e que eu acompanhei depois, com outra professora, quando eles passaram de ano. Sinto saudades da merenda também. O refeitório sempre foi um dos meus locais favoritos na escola. No último dia que tivemos aula, eu me despedi das crianças e muitas delas choraram muito. Davi me disse: ‘Égua, tio Al, eu não tô plepalado plo senhor ir embola’. Eu não chorei na frente delas... fiz isso somente depois, no banheiro, claro.” (Al)</i>
53	<i>“Em resposta sobre a minha experiência na alfabetização, tudo foi novo pra mim, poder acompanhar uma turma.” (Pr)</i>
54	<i>“Foi a forma de interação com as crianças, agora consigo me soltar mais, interagir mais com elas, além disso, me sinto mais segura pra falar e “tomar a frente” das situações do dia a dia, das intercorrências que acontecem em sala, ou até mesmo nas regências que fizemos.” (Th)</i>
55	<i>“Todas as experiências que passei, as novidades, as descobertas, o aprendizado marcou-me profundamente na minha formação profissional e saber que eu fazia parte de uma pesquisa e em saber também era uma sujeita da pesquisa rsrsrs bagunçava a cabeça, mas ao mesmo tempo era um verdadeiro desafio ao desconhecido, simplesmente fantástico! Sinto saudades de tudo que nos envolveu nessa grande experiência, saudades dos nossos encontros, das nossas cartinhas, tínhamos sempre que pensar e descrever para o outro as nossas experiências de cada aula e isso fazia aprender mais o que tínhamos conhecido naquela semana. O projeto traçou nosso caminho, mas a construção desses fios em meu tear se formou pela presença marcante de cada um nessa trajetória do mundo da formação alfabetizadora e de como podemos contribuir para uma sociedade com uma educação emancipadora como diz nosso saudoso Paulo Freire (1987).” (Da)</i>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Diante destas narrativas, conseguimos perceber que todos expressam a categoria da afetividade em relação aos outros, principalmente na relação estudante-docente-estudante, evidenciando uma vivência que melhorou o convívio social para além do conteúdo da pesquisa.

Cinco graduados mostram que adquiriram novas percepções em relação a prática-teoria-prática, principalmente no agir docente em sala de aula. 3 deles apontam para a necessidade do ambiente formador, que está tanto relacionado aos espaços dentro da escola, como a sala de aula e o refeitório, como espaços para além, como ao campus da universidade.

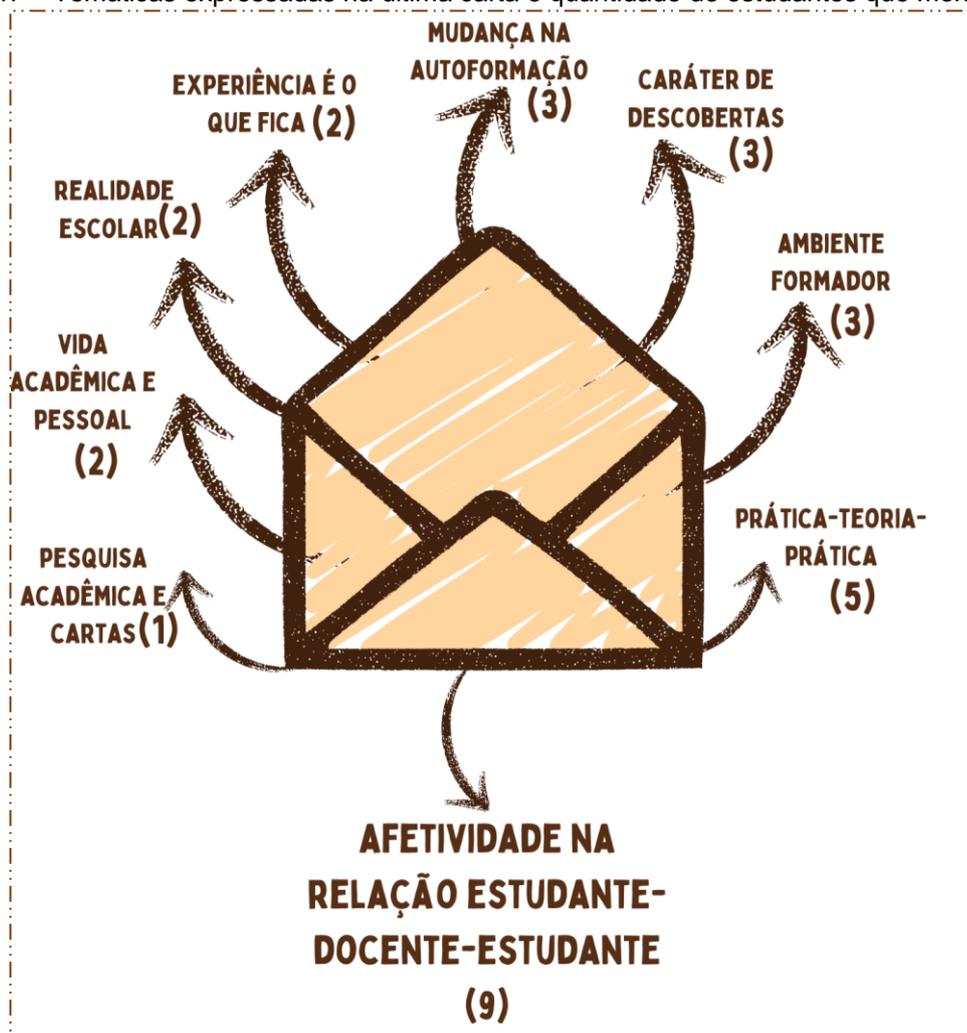
Outros 3 destacam o caráter de descobertas, de novidades e convite ao desconhecido que vivenciaram por meio da pesquisa, que estimula também o agir dentro da formação. E 3 estudantes ainda revelam a mudança que perceberam na sua autoformação, especialmente por se enxergarem dentro de uma autonomia docente.

Dois deles mostram a importância da realidade na formação por estarem em sala de aula vivenciando a escola. Assim como outros dois também ressaltam que a experiência é algo que fica para eles. E outros dois também enfatizam a importância da vida pessoal e acadêmica para esse contexto formativo.

E por último, um deles explana sobre esse encontro dentro da formação com a pesquisa acadêmica, sendo uma sujeita de pesquisa, algo que bagunça, mas que ao mesmo tempo é instigante. Assim como as cartas, que foi algo motivador e impulsionador do seu processo de aprendizagem. Tais temáticas são representadas abaixo:



Figura 47 – Temáticas expressadas na última carta e quantidade de estudantes que mencionaram



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

b) Esse projeto de nossa autoria, a indução pedagógica na alfabetização tem como princípios a base forte teórica, a imersão na realidade, e a autoria científica. Assim, a segunda coisa que quero muito também saber de vocês, é: como vocês se sentem diante destes três princípios? Por exemplo, vocês por acaso, chegaram a produzir e ter algum trabalho aprovado sobre o nosso projeto? Caso sim, por favor me digam aqui. Caso não tenham, também pode mencionar. Me digam o que vocês quiserem dizer.



Quadro 32 – Trechos das vozes sobre os princípios formativos da pesquisa

Nº	Trechos das vozes
56	<p><i>“Não consegui ainda escrever nenhum artigo sobre o projeto, pois infelizmente meu tempo é de estudo e trabalho, mas pretendo um dia publicar algo sobre, só ainda não sei o que. Sobre a imersão na realidade, eu consegui entender um pouco sobre a realidade das escola onde trabalhei e dos alunos que por mim passaram, o que mais me chamou a atenção foi como podemos nos apegar as crianças e as crianças a nós, sentir o abraço das crianças do primeiro ano quando me despedi deles foi uma sensação de que de alguma forma eu marquei minha presença na vida daquela crianças, no terceiro ano não foi diferente, que delícia é ser professor, nossa base não poderia ser tão forte como estudar os teóricos que estudamos foi uma experiência que me deixou ainda mais empolgado para trabalhar a educação infantil e a alfabetização”. (XI)</i></p>
57	<p><i>“Como esse projeto foi e é significativo na minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Além disso, produzi um trabalho e apresentei juntamente com a Dalva no XII Seminário de Instituto, Colégios de Escolas de Aplicação (SICEA). Você e a professora Elizabeth destacaram a importância da práxis, Smolka e Freinet passaram a ser um dos meus autores preferidos”. (Let)</i></p>
58	<p><i>“Devido a vários compromissos não conseguir continuar no grupo de pesquisa GEPASEA e isso me deixou muito triste, a responsabilidade com o trabalho, os estudos, os estágios, a residência tudo isso entrelaçados a uma vida de estudante casada e responsável pela parte doméstica de uma casa. Eu e Al tivemos um trabalho aprovado no qual apresentamos no SICEA dia 25/11/2023, falamos da nossa prática dentro da sala de aula com a turma que iniciamos a nossa experiência, e falamos bastante de Ana Luiza Smolka e Celestian Freinet que estudávamos para repassar este processo de alfabetização voltado para a perspectiva discursiva. Atualmente eu sou professora da educação infantil em uma creche privada, trabalho com crianças de 3 e 4 anos, já na prática da profissão que escolhi, não é fácil, vida de professor requer muito trabalho e dedicação, mas estou feliz por ter alcançado tantas coisas nestes 4 anos e meio.” (Er)</i></p>
59	<p><i>“A relação entre estudos e práticas foi algo essencial para a percepção do quão grandioso era o que estávamos fazendo. Nesse viés, o projeto, não digo que é mudança, mas agregou para a nossa formação e de forma positiva, pois no dia a dia da sala de aula percebemos tudo o que envolve os seus fenômenos, que somente com a nossa formação inicial não conseguimos ter. Infelizmente, não conseguir concretizar isso tudo em uma autoria científica, mas entendo a importância e a grandiosidade disso. Portanto, consegui desenvolver essa relação entre teoria e prática é essencial, mas ser produtor para que seja dado a continuidade disso é necessário também.” (Le)</i></p>
60	<p><i>“Não fiz nenhum artigo sobre o processo de alfabetização ou sobre indução pedagógica. Eu e a Thainá estávamos, logo após a nossa intervenção, em agosto de 2023, pensando em fazer um artigo sobre A Livre Expressão No Desenho alicerçado a Celestin Freinet, que foi o cara que estudamos e que eu me identifiquei de uma forma nada igual, pois levo ele comigo até hoje no Projeto PIBIC<sup>60</sup>. Mas por outras circunstâncias, prioridade e tempo, optamos por não escrever. Mas soube que outros colegas escreveram sobre seus trabalhos e fizeram poster em eventos na UFPA, o que me deixou muito feliz. A cada dia, a cada passo e a cada mergulho, sou uma pessoa totalmente diferente e melhor após a experiência na Eaupfa. Essa semana tive uma lembrança de 1 ano na sala da N.P, que agora é mestranda, das atividades que fazíamos em sala, roda de conversa, socialização sobre alguma atividade e etc. Sinto saudades: das pessoas, dos encontros e dos afetos. Desejo tudo de mais maravilhoso para você, foi um prazer te conhecer e deixar registrado na história que um dia eu fiz essa história acontecer.” (Ds)</i></p>

<sup>60</sup> Significa Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e participa deste programa por um projeto de autoria da professora doutora Elizabeth Orofino Lucio na EEEF Rosa Gattorno, no bairro do Guamá em Belém do Pará.



61	<p><i>“Estudar sobre a pedagogia de Freinet me fez ver a abordagem de educação de outra forma, pois, assim como ele, eu também tenho algumas limitações de saúde e isso me preocupou pelo fato de achar que minha saúde física poderia não me permitir produzir aquilo que minha mente e criatividade gostariam. Mas, foi justamente das limitações de Freinet que vieram suas abordagens revolucionárias e, se hoje eu não vejo estas minhas limitações com temor, mas sim como a oportunidade de criar minhas próprias formas de atuar na educação, só foi possível graças a ter podido participar dessa experiência com vocês. No momento há ofertas de revistas para publicar o nosso escrito produzido por mim e a Er, postados nos anais do evento do XI SICEA, eu só não tenho dinheiro pra pagar ainda. Apresentar este trabalho no SICEA, numa manhã de sábado, ao final do ano passado, foi um momento único, pois eu havia perdido meu melhor amigo há poucos dias e, apesar de ser um desafio preparar minha primeira apresentação de um artigo produzido e aceito em evento, falar sobre esses momentos que tivemos foi um lembrete de que a vida continua e, fazendo o que amamos e sabemos que fazemos honestamente, é a melhor maneira de honrarmos as pessoas que tanto amamos. Levarei para sempre está experiência e vocês no coração. Se hoje eu adoro escrever e procuro eventos com submissões de trabalho para ver se produzo algo para divulgar meu parecer sobre educação, isso despertou neste processo com vocês. Muito obrigado por isso!” (Al)</i></p>
62	<p><i>“No que se refere aos princípios, eu aprovei 2 trabalhos durante esse tempo, um foi sobre o 1º ciclo, com as práticas Freinetianas, já o outro estava mais relacionado com a intervenção que eu fiz em conjunto com o meu colega Daniel. Infelizmente não consegui produzir mais por conta das disciplinas, aulas, trabalhos, etc. Agradeço ao projeto, que foi essencial pra nossa formação, trazendo autores que até hoje fazem parte da minha perspectiva como futura professora. Muito obrigada!” (Th)</i></p>
63	<p><i>“Hoje já estou graduada e cursando uma pós-graduação em neuropsicopedagogia, ainda não estou trabalhando e continuo no GEPASEA. Como você citou em sua carta Larrosa (2002) que com o passar do tempo vamos ter e sentir o sentido do tempo, na saudade e no marco do aprendizado que ficou, não tenho outro pensar sobre alfabetização se não for no processo discursivo de Smolka (2012). O projeto “indução pedagógica na alfabetização “ me fez e faz sentir-me segura para o caminhar alfabetizador, tê-las como referência em minha jornada me a firma com segurança e gratidão.” (Da)</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Como nossas perguntas envolviam os três princípios formativos aqui, vamos expor por eles:

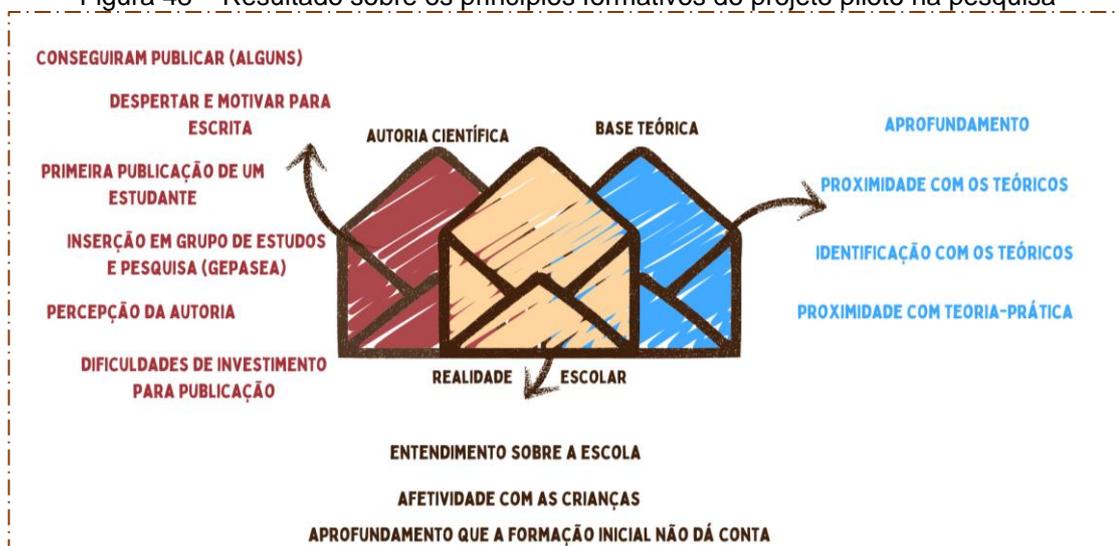
- a) **Autoria científica:** 5 estudantes mencionaram que conseguiram publicar trabalhos sobre o que vivemos em parceria (duas duplas e um individual) sendo que para um deles foi a primeira vez que havia publicado e apresentado em um evento. Tanto para esse que apresentou como para outros 4 que não conseguiram publicar, foi despertado o interesse e motivação para a autoria científica, passando a se verem diferente nesse processo e um fica feliz com o fato de ver também seus colegas publicando, mesmo que ele ainda não tenha conseguido. Uma residente entrou em um grupo de pesquisa (GEPASEA), mas precisou sair por demandas profissionais e pessoais, e outros dois ainda permanecem. Um deles se vê como coautor dessa história. E dois esboçam sobre as dificuldades pessoas e



financeiras de se conseguir publicar, pois o investimento é alto comparado a realidade financeira.

- b) Relação com a realidade escolar:** dois estudantes esboçaram pontos muito relevantes sobre a realidade escolar (a qual vimos também ser mencionada na primeira pergunta), pois além de entenderem sobre a escola, também se entenderem com as crianças, onde o afeto se fez presente constantemente. Para além disto, percebem que agregou na sua formação de forma positiva pois somente a formação inicial não daria conta.
- c) Base teórica:** neste aspecto, eles ressaltaram o aprofundamento; a proximidade e identificação com os teóricos; e a proximidade com a teoria-prática. Sobre o primeiro, um estudante menciona que analisou como forte a base teórica estudada. Sobre a proximidade e identificação com os teóricos eles passaram a ser um dos seus teóricos favoritos e até hoje os levam em suas escritas e repertório. No campo da identificação, dois deles se identificaram bastante com Celestin Freinet, um continua dialogando com ele dentro do PIBIC e o outro se reconheceu inicialmente devido os problemas de saúde que ambos têm, e na inspiração das práticas criadas pelo autor, viu que ele também poderia ser capaz. E por fim, na proximidade com teoria-prática, para um deles marcou o campo conceitual da alfabetização como processo discursivo, uma está atuando como docente, outra se formou e faz uma pós-graduação e com a vivência na pesquisa, se sente com autonomia para atuar na docência.

Figura 48 – Resultado sobre os princípios formativos do projeto piloto na pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Assim que terminei de contar sobre elas. Jaiara subitamente me disse:

*– Tia, a senhora me disse no início que ia me contar sobre as cartas, mas na verdade, depois de tudo que a senhora falou, leu, escreveu e sentiu, verdadeiramente foram as cartas que contaram sobre vocês, e não o contrário.*

Caímos na gargalhada

*– É Jaiara, tens toda razão. Obrigada por me ensinar a olhar com teus olhos.*

E ainda há quem diga que criança não nos ensina. Depois, recolhemos todas as cartas e percebemos que a hora da manhã já havia se passado. Já esta quase na hora de sua mãe vir lhe buscar. Organizamos tudo e seguimos. A mãe de Jaiara chegou e antes que pudesse dizer algo, Jaiara logo falou:

*– Mãe, eu posso voltar aqui amanhã? Como estão em período de greve, não esta tendo aula, então a professora pode me ensinar e me mostrar mais coisas daqui, se a senhora quiser, posso até fazer uma carta pra senhora dizendo meus motivos, mas vai ter muito desenho e letra, então a senhora vai ter que ler assim, porque eu to aprender a escrever assim.*

A mãe de Jaiara riu e respondeu:

*– Minha filha, você primeiro perguntou para a professora se ela poderá lhe receber amanhã?*

Eu respondi:

*– Estou aqui. Estarei aqui. Sempre são bem vindas. Jaiara tem me ensinado muita coisa também, é um prazer estarmos juntas. A escola é feita por e para vocês. Só nos organizamos direitinho dentro da nossa agenda, que conseguimos sim!*



– *Viu mãe, eu sabia.*

– *Jaiara, vou sugerir o seguinte para tu e a tua mãe: o que acham de, enquanto sua matrícula na escola não sai e o período de greve permanece, porque você não vem aqui comigo pela manhã todos os dias? Assim podemos aprender juntas.*

– *Professora, se a Jaiara concordar eu também concordo.*

– *Eu quero tia.*

– *Combinado entoa, até amanhã!*

Seguindo o dia, as cartas ainda estavam me atravessam, mas de uma forma que eu não conseguia entender. Quando foi no outro dia pela manhã, já tendo avisado a coordenação e a direção sobre a presença de Jaiara, o silêncio da sala é cortado por uma voz sonolenta:

– *Bom dia tia, eu acho que esse negócio da manhã tá muito cedo.*

– *Bom dia Jaiara, bom dia Janette. Sejam bem-vindas. Jaiara, se tu ainda estiveres com sono, deita-se ali no cantinho da leitura, depois te chamo.*

Jaiara correu e se jogou. A mãe se despediu. E meu silêncio continuou. Depois de um certo tempo, Jaiara despertou e já acordou dizendo:

– *Tiaaaaaaaaaaaaa, ontem eu fiquei pensando muito no que vi e parece que eu conheci esses estudantes da FEPEA<sup>61</sup> (UFPA) que fizeram essas cartas. Mas eu acho que o mundo precisa conhecer eles também, porque eu conheço, a senhora conhece, as outras crianças conhecem, a escola conhece, eles se conhecem, mas e o mundo tia? O mundo também merece conhecer eles. Quem sabe até a professora Ruth de Araruna de alguma forma ou alguém da*

---

<sup>61</sup> É assim que a filha de uma amada amiga e dinda do auau Lio diz. Seu nome é Yasmin Mendes e foi ela quem fez alguns dos desenhos que aqui estão e me lembrou da magia em ser criança.



*família dela conhece. Acho que está na hora da gente construir o nosso podcast.*

*– Nossa, Jaiara, que ótima ideia.*

*– E como a gente vai fazer, tia?*

*– Que tal vemos o vento passar e o mundo acontecer? Lembra do Larrosa (2021) que também estava nas cartas ontem? Ele disse o seguinte:*

[...] na escola, o que está no centro, não é o aluno nem o professor, mas o mundo. [...] E a força da beleza dessa matéria, é que produz todos os movimentos, sempre que a escola e o professor sejam capazes de mostrar essa beleza. [...] Toda professora, todo professor, sabe que a tabela periódica dos elementos, um teorema, um extrato, uma montanha, uma etimologia ou um pedaço de cerâmica são capazes de revelar o mundo. [...] (Larrosa, 2021).

*– Vamos, Jaiara, enquanto estamos no meio do mundo, ver o que ele nos revela.*

*– Ta tia, bora! E eu acho que a gente deve começar a pesquisar lá na biblioteca sobre a história da escola enquanto o mundo se revela pra gente.*

*– Bora!*

Nossa pesquisa durou alguns dias, e muita coisa nos foi revelada. Especialmente, sobre como a escola era antigamente. Em nossas pesquisas, coisas importantes vimos e ouvimos. Uma delas, foi eu ter ido ao Centro de Memória da Amazônia<sup>62</sup> – UFPA. As fotos que tiramos abaixo, são de lá. Conversei com pessoas, olhei documentos, vi uma parte da história da Universidade Federal do Pará e da minha escola, a EAUFPA, diante dos meus olhos e das minhas mãos. Tudo pronto, vamos recordar de tudo:

---

<sup>62</sup> O Centro de Memória da Amazônia- UFPA (CMA UFPA) é um centro cultural, criado em 31 de janeiro de 2007, em parceria do Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJE/PA) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), e reformado em 13 de Abril de 2012. O CMA emitiu uma nota de autorização dos usos das imagens.



– *Jaiara, nessas minhas andanças dentro da pesquisa sobre a história da alfabetização da Escola de Aplicação da UFPA desde a sua fundação como Escolinha Primária da UFPA, muita coisa eu encontrei e sei que ainda tenho muita coisa para encontrar. Tem mais de dois anos que venho me dedicando a isto, desde 2022 junto com minha amiga de trabalho N.P e minha professora orientadora, Elizabeth Orofino, que pesquisa sobre a história da alfabetização do Pará desde 2017. Nessas caminhadas, tivemos o prazer de encontrar algo bem precioso e valioso para nós. E quero te mostrar isso primeiro.*

– *Mas tia, desculpa te perguntar, mas porque pra senhora é importante pesquisar sobre essa coisa do passado? Ele já não aconteceu? Serve de alguma coisa?*

– *Sim, meu bem, ele não só serve como nos ensina muita coisa. A escola que faço parte, o chão que caminho, muitas nuvens já passaram por lá e muitas raízes já ficaram por lá. A escola tem 60 anos de existência, já foi uma das escolas referencias no Brasil, e aqueles que vieram antes de mim, precisam ser homenageadas. Olha essa foto, da primeira turma de alfabetização da Escolinha com o nome e algumas professoras alfabetizadoras da época, inclusive com a primeira direto, Osmarina de Melo Fortuna:*



Imagem 14 – Primeira turma de alfabetização da Escolinha Primária da UFPA em 1963

**1ª TURMA DE ALFABETIZAÇÃO DA ESCOLINHA PRIMÁRIA DA UFPA, DÉCADA DE 60.**



**SEM NOME DO AUTOR DA FOTO**

*“Essa foto é da primeira turma de alfabetização genuinamente da escolinha. O ano é 1963. Estamos lá, eu, Vera Cascaes, Silvia Braga, Luís Cláudio Lobo, Miguel Bitar, Lilian Mendes, Artur Nobre Mendes e muitos outros. As turmas anteriores haviam passado por outras escolas antes.”*

*(Tito Barata, grupo do facebook da Escolinha Primária da Universidade Federal do Pará, 2023)*

*“Osmarina de Melo Fortuna, a primeira diretora da Escolinha Primária, é a primeira da direita para a esquerda” (Tito Barata, entrevista no whatsapp por Jessika Assiz, em 2024).*

*“ Na alfabetização, tivemos a professora Cleia Faciola e a professora Ruth , eu nao lembro o sobrenome dela”. (Tito Barata, entrevista no whatsapp por Jessika Assiz, em 2024).*

*“Sim, Ruth é minha cunhada e está com 79 anos e mora e trabalha como fonoaudióloga no Rio de Janeiro. O nome dela é Ruth Bompert de Araújo e foi nossa professora na alfabetização.” (Adelino Oliveira, um dos estudantes da foto acima, e que é genro do vice-reitor do Dr. Silveira Neto, entrevista no whatsapp por Jessika Assiz, 2024)*

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

As 20 primeiras professoras da escolinha fizeram e fazem parte da escola. Ela é o que é hoje, porque também é reflexo de suas escolhas do passado e das pessoas que ali trabalhavam. Conhecer e valorizar a história é um abraço que me conecta a sabedoria da ancestralidade. E isso me faz entender que tem coisas que achamos ser inovadoras, que já eram feitas a muito tempo antes de nós. A vida, a



aprendizagem e ensinar são construções. E essas construções ficam gravadas no tempo.

Imagem 15 – Posse do terreno do Núcleo Pedagógico Integrado (Avenida Perimetral, déc.70)

**POSSE DO TERRENO DO N.P.I NA AVENIDA PERIMETRAL, SEM DATA.**



**FOTO DE LURDINHA RODRIGUES**

**POSSE DO TERRENO DO N.P.I NA AVENIDA PERIMETRAL, SEM DATA.**



**FOTO DE LURDINHA RODRIGUES**

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Imagem 16 – Espaço do Núcleo Pedagógico Integrado visto por fora e por dentro (déc. 80)

**VISTA PELA AVENIDA PERIMETRAL DO N.P.I A ESQUERDA E A RUA QUE FICA EM SEU LADO DIREITO**



**FOTO DE LURDINHA RODRIGUES, SEM DATA.**

**PALESTRA DE PAULO FREIRE SOBRE ALFABETIZAÇÃO PARA A VIDA NO AUDITÓRIO DO N.P.I**



**FOTO DE LURDINHA RODRIGUES, DÉCADA DE 80.**

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Imagem 17 – Áreas internas do Núcleo Pedagógico Integrado

**VISTA AO ENTRAR NO N.P.I , A ESQUERDA ESTÁ O "SALÃO VERMELHO"**



**FOTO DE LURDINHA RODRIGUES, SEM DATA.**

**CRIANÇAS BRINCANDO NO PARQUE DO N.P.I**



**FOTO DE LURDINHA RODRIGUES, SEM DATA.**

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



## Imagem 18 – Espaços internos do Núcleo Pedagógico Integrado

**N.P.I RECREIO****FOTO DE ARTHUR QUATORZE, 14 SET 94****SALA DE LEITURA DO NPI DO 1º GRAU****FOTO DE LURDINHA RODRIGUES 06.04.89****N.P.I 1º GRAU/BIBLIOTECA/ BRINQUEDOS****FOTO DE ARTHUR QUATORZE, 14 SET 94****N.P.I RECREIO****FOTO DE ARTHUR QUATORZE, 14 SET 94****N.P.I RECREIO****FOTO DE ARTHUR QUATORZE, 14 SET 94**

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Entre tantos sentimentos, tantas sensações, tantos pensamentos, uma foto me reluz cores que já conhecia diante daquelas imagens em preto e branco:



Imagem 19 – Montagem da área externa do N.P.I chamado Bosquinho (antigamente e atualmente)



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Imagem 20 – Fotografia da área do Bosquinho atualmente no encerramento da pesquisa (2023)



Fonte: acervo pessoal da autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Trinta e quatro anos separam, ou melhor, unem uma fotografia a outra (a mesma idade que completarei este ano). Mostrei para a Jaiara com o mesmo entusiasmo que mostro a vocês. Ela, imediatamente, me disse:



*– Tia, é o Bosquinho! O lugar que as crianças da escola deram o nome. Onde aconteceu a comemoração do projeto que a senhora e as cartas dos estudantes me contaram. Tia, o mundo precisa saber disso. A senhora tem que contar pra todo mundo, do país e do planeta inteiro! Quem sabe um dia a gente consiga que até a professora Ruth de Araruna ou alguém da família dela escute, que outros estudantes e professores ouçam e aprendam. Eu sempre aprendi ouvindo muito o que meu avô, minha avó, meus pais, meus tios, a professora alfabetizadora lá do Marajó, a bibliotecária, o tio do lanche, enfim, eu sempre aprendo com quem eu ouço e com quem me ouve. Pode ser assim aqui também!*

Jaiara então despertou em mim o que estava adormecido: as vozes que habitam em mim. A minha, a dos outros, e do mundo.

*– Égua! É isso! Já temos o material que precisamos para construir nosso podcast. Afinal, toda essa experiência que vivemos foi pensada para que criamos os episódios do nosso podcast. E ele será feito por cartas e por histórias escritas, contadas e vividas por gente.*

*– Tiiiiia, ótima ideia! Inclusive, no ônibus, eu e meus pais sempre escutamos muito jovens, adultos e idosos falando do podcast. Que ele é uma espécie de nova rádio.*

*– Calma, não é bem assim... acho que antes de qualquer coisa, vamos aprender mais sobre podcast. Por isso, deixa eu te falar sobre a chuva da tarde, o que ela traz e o que tem a ver com o podcast...*





# EPISÓDIO 7

## NOVAS FREQUÊNCIAS SINTONIZADAS: A CHEGADA DO PODCAST VOZES DOCENTES

*“Passarinho não me deixe, que eu não vou me acostumar. Se tu for, tu volta logo, que a saudade é de apertar. Oh menina não se avexe, porque o mundo é meu lugar. Minhas asas coloridas tem histórias pra contar”  
(Livia Maria Bentes)*



## EPISÓDIO 7

### NOVA FREQUÊNCIA SINTONIZADA: FEITO CHUVA DA TARDE, CHEGA O PODCAST VOZES DOCENTES

Nós, paraenses, sempre sabemos quando nossa famosa chuva da tarde está para chegar. Nem sempre sabemos a hora exata que ela vai cair (os mais sábios, e os interioranos, eu acredito que sim, minha avó pelo menos, sempre sabe), mas sabemos que ela está chegando e que vai cair. Nós temos duas ações: se encolhe, esperando-a cair, ou se agita organizando tudo, esperando-a cair. De uma forma ou outra, a gente sempre espera por ela. E nesse esperar, muita coisa se passa por nós, mas nem tudo toca em nós.

E a frase que mais ouvimos é: “Lá vem ela”. Podemos estar onde quer que seja, fazendo o quer que seja, mas quando ouvimos essa frase, algo em nós para, pense e sente. Isso é escutar. Isso é ouvir. Por isso, precisamos sinalizar que nossa formação docente não implica em dar a voz e sim em ouvir a voz, pois ela é presença viva no processo de aprendizagem, ensino e formação.

Quando iniciamos nossa pesquisa com os coautores - sujeitos dentro deste projeto de indução pedagógica na alfabetização, nosso princípio foi de, tentarmos, antes de qualquer coisa, ouvir o que eles tinham e ainda tem a dizer. Que anseios lhe causavam medo nesse processo, que sonhos lhe causavam motivação, que perspectivas lhe causavam luta neste processo.

Processo de, enquanto escuta responsiva, já apontada por Larrosa (2002), fazemos dessa nossa experiência não um método, mas a nossa forma de vivenciar a formação docente dentro da indução na alfabetização. Forma que nós escolhemos baseada no diálogo, onde dizemos e ouvimos (Bakhtin, 1997). Explicamos e perguntamos. Sentimos e pensamos. Fomos aprendemos a nos ouvir, de forma subjetiva e coletiva.

Entendendo nossas linguagens e modos de dizer, e quando digo nós, somos todos os que participaram deste pioneiro projeto de indução pedagógica na alfabetização da Amazônia: crianças, estudantes de pedagogia, professoras pesquisadoras da EAUFPA e UFPA. Então, peço que agora ouçam novamente a minha voz.



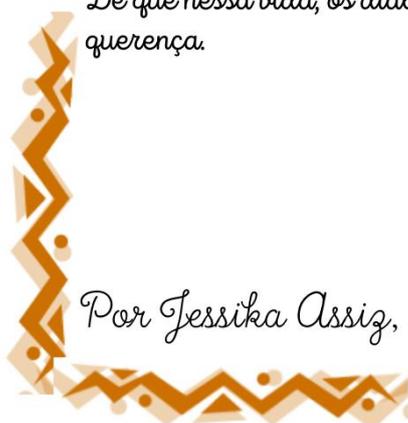
Para quem ainda não me conhece,  
e mais uma vez eu vou me apresentar.  
Me chamo *Jessika Assiz*  
e a história de um produto para vocês eu vim contar.

Mulher no estado *Pará*,  
Menina na cidade de *Belém do Grão Pará*,  
Da *Ilha do Marajó* sou neta  
Da *praia do Caripi* sou bisneta  
Tenho em minha ancestralidade *nordestina e marajoara*  
Uma força rara  
Pois sou *paraense de nascença*  
e *marajoara de existência*.

Com meu avô *Getúlio*, uma rádio aprendi a amar.  
Sonoros publicidade, a pioneira no *marajó*, tive a honra de me encantar.  
Com ela entendi que uma boa conversa posso começar.  
E nessa troca sem fim, vida estaremos a entrelaçar.  
Quem diria que um dia, a menina que ouvia a rádio falar  
um dia estaria aqui com vocês a prostrar.  
Pois com a mulher que me tornei, novas coisas aprendi a amar.  
Durante meu processo de autoconhecimento, um podcast aprendi a escutar.  
E com ele percebi muitas formas de aprendizagem e ensino esperar.

Apesar da diferença,  
a rádio e o podcast trazem em mim uma presença.  
De que nessa vida, os diálogos são tecidos com  
querença.

Por *Jessika Assiz*, 2024



## 7.1 Lá vem ela, ops, ele: as coisas que ouço sobre podcast

Talvez agora vocês também possam estar se perguntando: “mas antes de chegar na gente, o *podcast* chegou nela. Será que também foi feito chuva da tarde?”. Eu respondo que sim. Tempos chuvosos, são sempre tempos mais introspectivos e subjetivos.

Assim, enquanto aprendia a compreender o fluxo do autoconhecimento, por meio de uma amiga que considero criativa, Lívia Bentes, o *podcast* me foi apresentado. A partir de então, passei a pesquisar e ouvir os mais variados tipos de conteúdo desta ferramenta. Fiquei perplexa com a quantidade que encontrei, os estilos e formatos também.

Passei a ouvi-lo mais do que ouvia a rádio ou assistia à televisão. Em pequenos espaços de tempo, sempre aproveitava para algum *podcast* escutar. Até que em um determinado momento, percebi que, de fato, ele estava consumindo bastante tempo comparado a outras plataformas de áudio. Com isso, a curiosidade e interesse despertaram em mim. Então, precisei conhecer mais sobre o que é o *podcast*.

Pesquisar sobre algo que temos interesse, despertar em nós um mix de sentimentos: alegria, medo, empolgação, ansiedade, entre outros. O *podcast*, que até então tinha uma relação mais empírica comigo, passa a ter também uma relação de estudo, análise e pesquisa.

### 7.1.1 Um chuvisco de Revisão Narrativa da Literatura sobre *podcast*

Comecei pesquisando se tinha algum trabalho que já havia feito uma revisão de literatura envolvendo esta ferramenta. Encontrei o trabalho de Crepaldi e Ferreira (2022, p. 1), que objetivaram:

[...] traçar um panorama do uso da tecnologia digital podcasts no ensino superior brasileiro. A busca desse material foi feita no Portal de Periódicos CAPES e no Google Acadêmico e considerou os trabalhos completos, em português e publicados entre 2015 e 2020. Encontrou-se 76 registros, destes 20 compuseram o corpus dessa pesquisa.

Os autores seguiram sua busca dentro do panorama das universidades brasileiras, orientados pela seguinte pergunta: “Quais são as possibilidades dos usos de podcasts no ensino superior? Tendo como hipótese o não uso dos podcasts



em todas as suas possibilidades” (Crepaldi; Ferreira, 2022, p. 2). A resposta encontrada foi que os “[...] podcasts originais são os mais usados; comumente aplicado de modo suplementar, para o acesso de material complementar à aprendizagem de conteúdo; o uso, em muitos casos, não supera o modelo tradicional de educação” (Crepaldi; Ferreira, 2022, p. 2).

Assim, os autores conseguiram compreender que professores e estudantes precisam ser corresponsáveis pelos meios em que o conhecimento será construído. Pois, diante da sua pesquisa:

E um modo disso acontecer é com a inserção dos podcasts de maneira criativa, permitindo a colaboração e estimulando a autonomia da comunidade universitária. Além disso, este estudo evidenciou um acentuado crescimento da produção científica sobre a inserção de podcasts no ensino superior, de modo geral, nos últimos três anos e, em especial, em 2020, por conta das medidas de distanciamento social necessárias durante a pandemia (Crepaldi; Ferreira, 2022, p. 11).

Assim, a partir de tais dados, iniciei minha pesquisa sobre eles em duas instâncias: a primeira sobre quantas produções acadêmicas tinham sido publicados nos quatro diretórios da minha escolha, (afinal, Jaiara também precisava desse retorno o mais rápido possível, então não poderia demorar tanto) e o segundo quantos podcast estão postados na plataforma *Spotify*.

Assim, fiz essa trivial revisão da literatura:



Quadro 33 – Revisão da literatura narrativa sobre o podcast dentro da indução pedagógica na alfabetização

REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O PODCAST DENTRO DA INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO				
QUANTIDADE DE RL?	TIPO DE RL	PERGUNTA NORTEADORA	DESCRITORES	DIRETÓRIOS
1- Produções acadêmicas a nível nacional e regional sobre podcast na indução pedagógica na alfabetização	narrativa	Quantos trabalhos tem publicados que envolvem , a nível nacional e regional, sem data delimitada, a temática do podcast sobre a indução profissional docente na alfabetização?	Podcast Podcast e formação Podcast e indução profissional docente Podcast e alfabetização	1) Anped- associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação- região norte 2) Congresso brasileiro de alfabetização - conbalf 3) Btdt - biblioteca digital de teses e dissertações ufpa 4) Banco de dados programa de pós-graduação em criatividade e inovação em metodologias do ensino superior/ ppgcimes/ufpa_dissertações
2- Podcast sobre indução pedagógica na alfabetização armazenados na plataforma de áudio <i>Spotify</i>	Narrativa	Quantos podcasts produzidos sobre a temática indução pedagógica na alfabetização tem disponível no <i>Spotify</i> ?	Podcast Podcast e formação Podcast e indução profissional docente Podcast e alfabetização	<i>Spotify</i>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Para realizar essa pesquisa, fundamentei meu mapa dentro do tipo de revisão da literatura chamada “Revisão Narrativa”. De acordo com o site do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), este tipo de revisão se caracteriza por não utilizar:

[...] critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos (Instituto de Psicologia da USP, biblioteca).

Diante disto, por ser tratar de nossa busca inicial dentro deste tempo de mestrado, acredito que mesmo não seguindo os parâmetros estabelecidos com as estratégias meticulosas da Revisão Sistemática da Literatura como fiz sobre a temática anterior apresentada da indução profissional docente na alfabetização, vejo



a potencialidade, otimização e validação deste tipo de revisão para o objetivo inicial que precisei traçar aqui.

Para complementar a justificativa dessa escolha, Cordeiro *et al.* (2007, p. 429) dizem que “a revisão da literatura narrativa [...] apresenta uma temática mais aberta; [...] não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica [...]”. Tal característica se fez pertinente ao âmbito desta pesquisa introdutória. E iniciei de fato, a primeira instância desta pesquisa.

1ª Instância: Revisão Narrativa da Literatura: produções acadêmicas a nível nacional, regional e local

Assim, esta revisão narrativa que tracei tentando encontrar em duas instâncias, sendo elas: a) Produções acadêmicas a nível nacional e regional sobre *podcast* na indução pedagógica na alfabetização; b) *Podcast* sobre indução pedagógica na alfabetização armazenados na plataforma de áudio *Spotify*, partiram com duas perguntas impulsionadoras, sendo elas respectivamente:

- a. Quantos trabalhos tem publicados que envolvem , a nível nacional e regional, sem data delimitada, a temática do *podcast* sobre a indução profissional docente na alfabetização?
- b. Quantos *podcasts* produzidos sobre a temática indução pedagógica na alfabetização tem disponível no *Spotify*?

Feito isso, estipulei para a pesquisa de primeira instância, 4 diretórios que para mim são essenciais dentro desta pesquisa: 1) Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (região Norte) – ANPEd; 2) Congresso Brasileiro de Alfabetização – CONBALf; 3) Biblioteca Digital de Teses e Dissertações-BDTD; 4) Banco de Dados Programa de Pós-graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior/ PPGCIMES\_dissertações.

Todos os diretórios que pesquisei na revisão sistemática da literatura são essenciais para a pesquisa, bem como outros que, devido ao tempo, não teriam condições de colocar. Porém, como preciso fazer esse recorte mais específico, para ter uma panorama mais geral e não tão detalhado neste primeiro momento, fiz esta escolha.



Recorri para esse estudo inicial, estas quatro, que mesclam o caráter nacional, regional e local. É preciso ouvir o que aqueles que estão para além de nós, dizem. Mas também não podemos nos esgotar neles, também precisamos ouvir o que tem em nós. O que me lembra o poema abaixo:

#### O RIO E O OCEANO

*Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre.*

*Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. Você pode apenas ir em frente. O rio precisa se arriscar e entrar no oceano.*

*E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece. Porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano. Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento.*

*(Rajneesh Chandra Mohan Jain (1931-1990), também conhecido como Bhagwan Shree Rajneesh ou Osho)*

Mesmo com este receio, enquanto rio ainda, mergulhei nesse oceano. O primeiro, de muitos, certamente. Seguindo a orientação de pesquisar pelo título do trabalho, depois em suas palavras-chave e depois lendo os resumos. E ao emergir deste primeiro mergulho, encontrei os seguintes resultados:



Quadro 34 – Revisão da literatura narrativa da ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação- REGIÃO NORTE

<b>ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação- REGIÃO NORTE</b>			
	<b>GRUPO TRABALHO</b>	<b>PUBLICADOS</b>	<b>ENCONTRADOS</b>
<b>1ª REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED NORTE- OUTUBRO DE 2016- BELÉM DO PARÁ</b>	GT8 - Formação De Professores	27	0
	GT 10 - Alfabetização, Leitura E Escrita	não aparece	----
<b>2ª REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED NORTE- RIO BRANCO (AC)- OUTUBRO DE 2018</b>	GT8 - Formação De Professores	25	0
	GT10/GT 13 - Alfabetização, Leitura e Escrita e Educação Fundamental	8	0
<b>3ª REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED NORTE- PALMAS (TO) - MARÇO 2021</b>	GT8 - Formação De Professores	31	0
	GT10/GT 13 - Alfabetização, Leitura e Escrita e Educação Fundamental	6	0
<b>4ª REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED NORTE- MACAPÁ (AP) NOVEMBRO 2022</b>	GT8- Formação De Professores	23	0
	GT 07/GT 13 - Educação Infantil e Ensino Fundamental	19	0
<b>TOTAL</b>		112	0

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Quadro 35 – Revisão da literatura narrativa do Congresso Brasileiro de Alfabetização – Conbalf

CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO – CONBALF			
	EIXO/ MODALIDADE	PUBLICADOS	ENCONTRADOS
III CONBAIf 2017	Alfabetização e formação de professores	47	0
IV CONBAIf 2019	Volume 1- Alfabetização e formação de professores	68	0
	Volume 2 - Alfabetização, cultura escrita e outras linguagens	28	0
V CONBAIf 2021	Alfabetização e formação inicial e continuada de professores	64	0
	Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens	28	0
VI CONBAIf 2023	Alfabetização e formação inicial e continuada de professores	371	0
	Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens	28	0
<b>TOTAL</b>		634	0

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Quadro 36 – Revisão da literatura narrativa da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPA

BDDT – BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES UFPA			
TIPO DE DOCUMENTO	PUBLICADOS	DESCRITORES	ENCONTRADOS
DISSERTAÇÕES	7657	<i>Podcast</i>	1
		Alfabetização (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		Indução docente (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		indução pedagógica (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		Formação docente (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
<b>TOTAL SOBRE A TEMÁTICA</b>			0

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).



Quadro 37 – Revisão da literatura narrativa do Banco de dados do Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior/PPGCIMES/UFGA

<b>BANCO DE DADOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO EM METODOLOGIAS DO ENSINO SUPERIOR/ PPGCIMES_ Dissertações</b>			
<b>ANO</b>	<b>PUBLICADO</b>	<b>DESCRITORES</b>	<b>ENCONTRADOS</b>
<b>2019</b>	17	<i>Podcast</i>	0
		Alfabetização (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		Indução docente (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		indução pedagógica (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		Formação docente (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
<b>2020</b>	14	<i>Podcast</i>	1
		Alfabetização (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		Indução docente (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		indução pedagógica (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		Formação docente (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
<b>2021</b>	12	<i>Podcast</i>	0
		Alfabetização (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		Indução docente (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		indução pedagógica (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		Formação docente (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
<b>2022</b>	16	Podcast	0
		Alfabetização (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		Indução docente (relacionando com o <i>podcast</i> )	0
		indução pedagógica (relacionando com o <i>podcast</i> )	0



		Formação docente (relacionando com o podcast)	0
<b>2023</b>	17	Podcast	0
		Alfabetização (relacionando com o podcast)	0
		Indução docente (relacionando com o podcast)	0
		indução pedagógica (relacionando com o podcast)	0
		Formação docente (relacionando com o podcast)	0
<b>TOTAL</b>	<b>PUBLICADO: 76</b>		<b>1</b>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

No mergulho, farei como o percurso de um rio acontece<sup>63</sup>, mas de forma inversa. Nosso primeiro encontro é com a grande foz Anped – Regional Norte. Esta associação reúne as mais diversas pesquisas no âmbito da pós-graduação e das pesquisas em educação, sendo uma referência nacional. É onde a maioria das pesquisas desaguam e formam novas pesquisas.

Por estarmos falando de uma pesquisa dentro da Amazônia na região Norte e não apenas falando sobre, mas vivenciando neste chão, o recorte dentro da Anped na região Norte foi o mais coerente para nós neste momento. Foram 112 trabalhos publicados e nenhum dentro da nossa temática, dentro do recorte que fizemos nos GT8/GT10/GT13 (Formação de professores, Alfabetização leitura e escrita, e Educação Fundamental) . É importante ressaltar aqui a inexistência do GT10 de forma independente, pois é um retrato da região.

Nosso próximo mergulho encontramos com o afluente Congresso Brasileiro de Alfabetização, o qual alimenta todas nossas pesquisas sobre alfabetização. O congresso reúne professores, pesquisadores e alfabetizadores de todo o Brasil, um evento, ou melhor uma associação que marca a importância e legitimidade de pesquisas em alfabetização serem feitas não apenas por professores das universidades, mas pelos próprios alfabetizadores. Assim, diante dos 634 trabalhos publicados somados no II, IV,V e VI congressos (os quatro últimos), não encontramos nenhuma trabalho publicado sobre podcast na indução pedagógica na alfabetização.

<sup>63</sup> Para saber mais, acesse: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/partes-um-rio.htm>



Escolhendo os últimos quatro anos de pesquisas mais recentes, como os quatro anos encontrados na ANPEd, tive como resultado 634 trabalhos publicados, e nenhum sobre a nossa temática. Assim, fizemos um mergulho mais próximo de mim, dentro da margem Biblioteca Digital de Teses e Dissertações UFPA – BDTD, onde escolhi focar nas dissertações, por ser o tipo desta pesquisa que desenvolvo aqui. Na BDTD, encontramos as pesquisas de vários ambientes, nesse encontro entre água e terra.

Não teria como falar de todas as margens, por isso, especifico as margens das dissertações que emergem nesse encontro. Diante disto, até o presente mês de maio de 2024, 7657 dissertações apareceram, e nenhuma sobre a nossa temática. Apareceu uma dissertação que envolve a temática *podcast* e o ensino religioso<sup>64</sup>.

Seguimos então, para nosso último mergulho no momento, e encontramos a nascente Programa de Pós-graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias ativas no Ensino Superior. A pesquisa desenvolvida faz parte deste programa nasceu também com este programa, originando assim o curso d'água que traçamos nesta dissertação.

Assim, fiz uma pesquisa mais detalhada, envolvendo os cada um dos descritores. Neste mergulhar, encontrei 76 dissertações até o ano de 2023, onde apenas no descritor *podcast* que encontrei uma dissertação de autoria do mestre Willian Teixeira Gonçalves, dissertação intitulada “O *podcast* como recurso pedagógico para professores de Ensino Religioso”, no ano de 2020, a mesma que apareceu na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPA. Mas sobre a temática da pesquisa, nenhuma apareceu.

Com isso, temos o seguinte quadro abaixo:

---

<sup>64</sup> Autoria do mestre Willian Teixeira Gonçalves, dissertação intitulada “O *podcast* como recurso pedagógico para professores de Ensino Religioso”, PPGCIMES/NITAE/UFPA, ano de 2020.



Quadro 38 – Resultado geral da revisão da literatura narrativa sobre *podcast*

<b>RESULTADO GERAL ENCONTRADO DE TODOS OS DIRETÓRIOS PESQUISADOS</b>			
<b>DIRETÓRIOS</b>	<b>DETALHAMENTO</b>	<b>PUBLICADOS</b>	<b>ENCONTRADOS</b>
ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação-REGIÃO NORTE	1ª, 2ª, 3ª e 4ª REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED NORTE (2016/ 2018/ 2021/ 2022) gt 8 formação de professores gt 10 - alfabetização, leitura e escrita gt10/gt 13 - alfabetização, leitura e escrita e educação fundamental gt 07/gt 13 - educação infantil e ensino fundamental	112	0
CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO	III, IV, V e VI CONBAIf (2017/ 2019/ 2021/ 2023) Alfabetização e formação de professores Alfabetização, cultura escrita e outras linguagens Alfabetização e formação inicial e continuada de professores Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens	634	0
BDTD – BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES	DISSERTAÇÕES	7657	0/1
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO EM METODOLOGIAS DO ENSINO SUPERIOR/ PPGCIMES	DISSERTAÇÕES (2019/ 2020/ 2021/ 2022/ 2023)	76	0/1
<b>TOTAL</b>		<b>8.479</b>	<b>0</b>

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Concluo então, que dos 8. 479 trabalhos publicados, envolvendo os quatros diretórios a nível nacional, regional e local , não temos trabalhos que envolvam a temática de nossa pesquisa sobre *podcast* e indução pedagógica na alfabetização, considerando assim, este como pioneiro em sua execução, e como estudo que visa contribuir e esperar em novos trabalhos.

Dando continuidade, a próxima revisão envolve a pesquisa referente ao *podcast* disponibilizado na plataforma de áudio *Spotify*.



## 2ª Instância: plataforma de áudio *Spotify*

A minha segunda busca foi tentar encontrar na plataforma do *Spotify*, *podcasts* referentes a temática da indução pedagógica na alfabetização. A escolha pela plataforma aconteceu porque é nela que pretendemos hospedar o nosso *podcast*. Uma aventura bem longa e desafiadora, que me proporcionou bastante reflexão. Tendo então, a confecção do quadro abaixo

Quadro 39 – Resultado geral na plataforma de áudio *Spotify*

PLATAFORMA DE ÁUDIO SPOTIFY	
DESCRITORES	POSTADOS – <i>podcast</i> e programas
Formação docente	967
Indução docente	800
indução pedagógica	794
Alfabetização	994
Indução pedagógica na alfabetização	781

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Refiz esta pesquisa diversas vezes, e sempre os números davam diferentes, acontecia um aumento deles e diminuição a cada vez que pesquisava. Assim, os dados acima mencionados não refletem com exatidão a pergunta que quero responder, mas me dão indicativos de novas respostas e novas perguntas. Pois os dados, refletem uma situação bem específica em um tempo bem específico, mas nos ajudam a pensar sobre eles em outros contextos.

Quando iniciei a pesquisa, tive que contar um por um dos *podcasts* e fui até o último mostrado pelo aplicativo. Busquei tanto pelo aplicativo no celular quanto pelo aplicativo instalado no computador. Ao acessar o *Spotify*, cliquei em “buscar” e coloquei os descritores, um de cada vez. Após a pesquisa, identifiquei e concluí que:

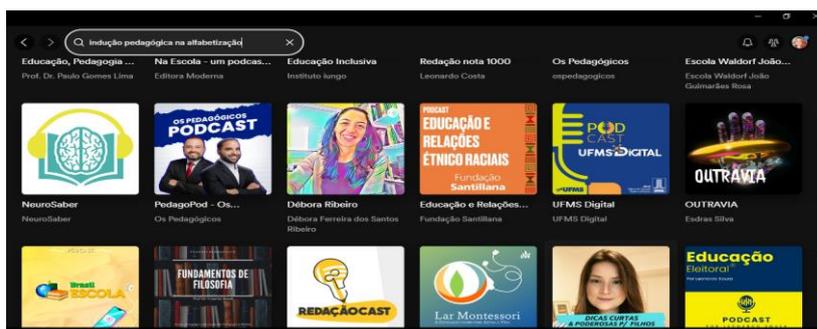
- a. O *Spotify* não disponibiliza um filtro adequado para informar com maior precisão o resultado da busca, inclusive em números;



- b. Mesmo clicando em *podcast* e programas, após inserimos os descritores no espaço “busca”, ela também nos mostra os episódios que tem a temática que buscamos;
- c. O aplicativo não mostra o resultado total de *podcast* e programa disponíveis em seu servidor;
- d. Quando clicamos no *podcast de nosso interesse*, ele nos mostra informações mais detalhadas, como por exemplo: data do primeiro ep., data do último ep., vínculo, produtores do conteúdo, descrição, link, distribuidor, duração, sobre download etc., aspecto que, para uma pesquisa futura, nos dá um embasamento melhor;
- e. Por não existir esse filtro preciso, muitos programas se repetem no painel e alguns nem fazem parte de fato da categoria específica que estamos procurando, conforme a imagem abaixo:

Imagem 21 – Montagem com os prints da tela de pesquisa de *podcast* no Spotify





## Indução pedagógica na alfabetização

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Desta forma, a partir de tais resultados, reflito diante de três aspectos que considerado cruciais nesta pesquisa:

- 1º) Acredito que o aplicativo nos oferece o maior número possível de possibilidades de *podcast* e programas para que, de forma mais expansiva, tenhamos o maior repertório possível para procurar e ouvir, tendo em vista as especificidades de cada ouvinte;
- 2ª) Apesar da pergunta impulsionadora não ter sido respondida de modo exato, considero que não importa exatamente quantos *podcast* existem sobre indução pedagógica na alfabetização, e sim que eles existam. Pois os objetivos são propagar de forma qualitativa as experiências formativas que vivenciamos nesse período e oportunizar que outras pessoas também possam aprender e se formarem conosco neste processo;
- 3ª) Continuo a acreditar, diante desta busca infinita, que este *podcast* é valioso, criativo, inovador e com uma identidade amazônica pois é feita dentro de uma escola pública localizada na periferia de uma cidade nortista, cercada pela urbanização e na natureza, bem como seus sujeitos atuantes são pessoas amazônicas que residem nesta realidade e em uma instituição de ensino superior localizada aqui se formam;

Tudo que vivemos, o que aprendemos, e o que escrevemos em nossas cartas, não podem ser copiadas, mas servem como aprendizagem e formação para tantas outras realidades, pois podem ser inspirações para novas experiências com outros coautores sujeitos no processo de formação dentro de seus próprios contextos. Talvez essa seja nossa maior aprendizagem, criatividade e inovação: fazer com que a formação aconteça no diálogo com o seu contexto local e regional. Quem sabe, estamos dando o primeiro passo agora em um *podcast* sobre esta

perspectiva, e daqui a um tempo, outros tantos também já existam. Como diz Larrosa “o mundo está sobre a mesa”. E é hora de olhar para isso.

Assim, a querença é que as vozes, de alguma forma ou de outra, tenham a oportunidade (palavra às vezes tão rara) de estar dialogando com vocês. Por isso, ao finalizar estas primeiras reflexões, volto a conversar com vocês em terceira pessoa, porque a partir daqui o nós se fez vida, áudio e acesso.

### 7.1.2 Chuvas e chuvaradas: as TDICs e os *podcast*

Compartilhei esta pesquisa com a Jaiara, afinal, somos parceiras nesta aventura. Confesso que fiquei apreensiva com sua reação, afinal, ela tinha muitas expectativas. Mas, como sempre, seu sorriso acolhedor foi revigorante.

*– Entendi a tia, então é isso que temos, e eu acho ótimo. Já aprendi muito só de ouvir e ver tudo que a senhora me mostrou. Agora, vamos para o próximo passo da nossa aventura. Inclusive, eu fiz uns desenhos da gente sendo duas aventureiras pesquisadoras, mas eu esqueci. é bom que agora vou fazer outros desenhos sobre essa pesquisa também. Para onde vamos agora?*

*– Bom minha flor, agora é hora de entendermos um pouco mais a fundo sobre o que são TDICS e o *podcast*.*

*– Tidi... o quê? A senhora espirrou, tia?*

*– Não meninas, desculpa, TDICs significa Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Vou te explicar melhor:*

De acordo com Kenski (2007, p. 18-19),

a educação também é um mecanismo poderoso de articulação das relações de poder, conhecimento e tecnologias. [...] são novamente definidas as relações entre o conhecimento a ser ensinado, o poder do professor e a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem aos alunos.

Relações que também são a priori estabelecidas e organizadas pela própria escola e pelos órgãos governamentais.



Desta forma, as tecnologias não estão apenas como símbolo de utilização, elas também possuem significado e significância em sua utilização. Fato que pode gerar em muitos docentes afinidade ou resistências por ela. Mas, para a autora, conceituar as novas tecnologias é algo que depende do contexto e das variáveis, mesmo que em muitas ocasiões ainda se confunda com inovação.

Fato é que não podemos confundir tecnologia com inovação, pois com a aceleração da produção das tecnologias, não sabemos ao certo o tempo limite para considerar algo como novo. Importante ressaltar que neste trabalho, compreendemos a criatividade alicerçada em Amabile (2012) no embasamento que a criatividade surge a partir da motivação intrínseca de uma pessoa na confluência com o domínio de conhecimentos e habilidade no pensar criativo dentro de um ambiente que a impulse.

Um ponto importante destacado por Kenski (2007, p. 27) é sobre as tecnologias de informação e comunicação (TICs) e as novas Tecnologias de informação e comunicação (NTICs), tendo em vista que “[...] com a banalização do uso dessas tecnologias, o adjetivo ‘novas’ vai sendo esquecido e todas são chamadas de TICs, independentemente de suas características [...]”. Mas então o que são elas? Para a autora,

o processo de produção industrial da informação trouxe uma nova realidade para o uso das tecnologias da inteligência. [...] Novos meios de comunicação ampliam o acesso a notícias e informações para todas as pessoas. Jornais, revistas, rádio, cinema, vídeo, etc. são suportes midiáticos populares [...] (Kenski, 2007, p. 27).

Tais suporte midiáticos já são conhecidos pela maioria da população, desde há muito tempo. Eram vistos, antes, apenas como aparelhos. Mas agora, conhecemos e sabemos que eles estão para além desta definição.

Assim, “[...] baseados no uso da linguagem oral, da escrita e da síntese entre som, imagem e movimento, o processo de produção e o uso desses meios compreendem tecnologias específicas de informação e comunicação, as TICs” (Kenski, 2007, p. 28). No entanto, nesta pesquisa, estamos falando de um tipo de tecnologia da informação mais específica: as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs).

Para Afonso (2002, p. 169), o termo mais adequado para nos referirmos a essas tecnologias é TDICs, “pois as tecnologias de informação e comunicação



existem desde tempos imemoriais, mas suas formas digitais são um fenômeno que se consolidou na última década do século XX”. Assim, nos debruçamos sobre esse entendimento.

Começaremos pela conceitualização da linguagem digital. De acordo com a autora, esse tipo de linguagem está articulada com as tecnologias eletrônicas da informação e comunicação. Pois:

[...] é uma linguagem de síntese, que engloba aspectos da oralidade e da escrita em novos contextos. A tecnologia digital rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempos e pessoas diferentes (Kenski, 2007, p. 31-32).

Disto isto, a autora interpõe que essa nova linguagem digital aliada as TICs criam uma nova cultura, modo de saberes e de nos expressarmos, mudanças que ela considera radicais no acesso à informação, a cultura e ao entretenimento, chamado de Cibercultura (Lévy, 2010). Assim, as TICs consideram que, “por meio das tecnologias digitais, é possível representar e processar qualquer tipo de informação” (Kenski, 2007, p. 33). Pois elas expandiram consideravelmente a “velocidade e a potência da capacidade de registrar, estocar e representar a informação escrita, sonora e visual” (Kenski, 2007, p. 34). Tal situação provoca ou estimula, conforme a autora, uma maior interação, inclusive mais pessoal e dinâmica, entre aqueles que a utilizam.

Neste sentido, a autora compreende que educação e tecnologias não se separam, inclusive vendo esta relação sob a ótica da socialização da inovação. Complementa dizendo que “[...] além de seu criador, a nova descoberta precisa ser ensinada. A forma de utilização de alguma inovação, seja ela um tipo novo de processo, produto, serviço ou comportamento, precisa ser informada e aprendida [...]” (Kenski, 2007, p. 43). Assim, ambos estão uns para o outro. Tal fato marca uma revolução não apenas na forma como nos comunicamos, mas também nas formas como aprendemos:

[...] Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. A dinâmica e a infinita capacidade de estruturação das redes colocam todos os participantes de



um momento educacional em conexão, aprendendo juntos, discutindo em igualdade de condições, e isso é revolucionário (Kenski, 2007, p. 47).

Revolução de comunicação, informação, conexão e aprendizagem. Queremos que as experiências também ganhem uma faceta virtual. Que a aprendizagem, também se conecte a imagem e sons. Que as pessoas, em seus espaços e lugares de aprender, possam conhecer formas outras de ensinar, aprender e se conectar. E mesmo que esse mundo não seja perfeito, sem problemas, também encontramos novas formas de solucionar e resolver os problemas. Queremos que as experiências também sejam outras.

Desafio que estamos dispostos a enfrentar tendo em vista as significativas contribuições que as TDICs trazem para o campo educacional, especialmente quando pensamos que os estudantes de hoje já não são mais aqueles em que a escola, quando foi projetada, buscava atender. Tendo uma intensa propagação das tecnologias digitais nos anos finais do século XX (Prensky, 2001).

Para o autor, precisamos estar atentos aos novos modos de aprender das crianças e dos jovens da graduação, pois eles já nasceram imersos a essa cultura das tecnologias digitais, o que ele chama de *Nativos Digitais*, pois eles em sua maioria são “falantes nativos dessa linguagem digital” (Prensky, 2001, tradução nossa).

Assim, aqueles que não nasceram já imersos nessa cultura das tecnologias digitais, mas que em determinado ponto da vida, fomos apresentados e inseridos nela, e ainda mostram certa resistência ao tentar utilizar (os chamados *Imigrantes Digitais*), precisam adequar-se a essa nova postura de pensamento, linguagem e ação (Prensky, 2001). Por isso não somente a escola precisa se ressignificar, mas os docentes, suas opiniões, pensamentos e práticas também.

De acordo com Valente (2014) destaca que muitas salas de aula e escolas ainda utilizando métodos do século passado, como centralidade em tudo que é externo ao meio cultural dos estudantes. Portanto, a linha que se encontra esse trabalho é Inovações Metodológicas no Ensino Superior (INOAMES) orientada à incorporação de inovações metodológicas e tecnológicas na prática docente, enfatizando o uso de diversos métodos e técnicas: metodologias ativas, recursos pedagógicos e tecnológicos, de modo a potencializar a capacidade do futuro mestre em desenvolver metodologias inovadoras em sala de aula. E aqui, não estamos culpabilizando os docentes, pelo contrário, estão trazendo pontos de reflexão que



estarão para além do docente, pois nossa visão é omnilateral, holística e discursiva dentro do processo de formação.

Para que o docente mude suas práticas, não basta apenas que queira, é preciso ter condições políticas e estruturais para isso. Assim como, para que as práticas mudem, o docente precisa estar aberto para mudar e aprender. O ponto aqui é: essa mudança só poderá acontecer de forma significativa se houver a colaboração de vários setores, como políticas públicas, formações, melhoria na qualidade do trabalho, aproximação entre família e escola, relação estudante-docente-estudante, entre outros.

Neste debate, Valente (2014, p. 144) reforça que:

Portanto, a questão fundamental no processo educacional é saber como prover a informação, de modo que ela possa ser interpretada pelo aprendiz que passa a entender quais ações ele deve realizar para que a informação seja convertida em conhecimento. Ou seja, como criar situações de aprendizagem para estimular a compreensão e a construção de conhecimento. Uma das soluções tem sido o uso das TDICs. Porém, se tais tecnologias não forem compreendidas com um foco educacional, não será, simplesmente, o seu uso que irá auxiliar o aprendiz na construção do conhecimento.

Por isso não estamos dizendo que as TDICs, de forma isoladas e independentes, darão conta dos processos educacionais. Elas são vistas por nós como um suporte para que os estudantes consigam transformar a informação em conhecimento com a nossa mediação.

Tal fato contribui para o que Valente (2014, p. 145) afirma ser um “[...] um dos mais poderosos meios de troca de informação e de realização de ações cooperativas”. O que torna ainda mais fascinantes os processos educativos que envolvem as TDICs.

Outro aspecto importante sinalizado pelo autor faz referência ao lado emocional e afetivo no trabalho com as TDICs, que por muitos tem sido deixado de lado ou não reconhecido. Fato que é, para ele, visualmente expressado com a produção de narrativas digitais, as quais oportunizam que as pessoas manifestem seus sentimentos.

Desta forma, tendo em vistas todas as contribuições das TDICs dentro do cenário formativo, escolhemos por contar nossas histórias com o uso das narrativas mediante ao *podcast*. Para Valente (2014, p. 153):



[.. .] O uso de narrativas na Educação não é novo. O novo é o fato de as narrativas, que eram tradicionalmente orais ou escritas, agora serem produzidas por intermédio de uma combinação de mídias, o que pode contribuir para que essa atividade seja muito mais rica e sofisticada do ponto de vista da representação de conhecimento e da aprendizagem.

Dito isto, enquanto professoras, pesquisadoras, e formadoras, entendemos que as narrativas expressadas por meio das TDICs, mostram o caráter singular, autoral e subjetivo do seu fazer docente, viver a docência e estimular o processo educativo. Enquanto pesquisadoras narradoras, o ato de narrar nos leva para dentro de nós mesmos, de nossas experiências e vivências. é a oportunidade que temos de ir para além de onde nós fomos.

Assim, para Assunção (2015) a inserção das TDICs nas instituições de ensino não é apenas uma escolha, e sim uma necessidade urgente diante do cenário cultural, social e histórico que estamos vivendo, oportunizando diversas formas de aprender e ensinar. Com isso, para Moran (2006), integrar as tecnologias de forma inovadora no contexto educacional é algo que o docente pode fazer, combinando as tecnologias disponíveis, como as telemáticas, audiovisuais, textuais, orais, musicais, lúdicas, corporais.

Por isso, conseguir ter novos olhares ao que já foi vivido, contribuindo para aquilo que ainda viveremos é primordial neste processo. O que Bruner (2001) revela que na escolha de narrar a experiência, o registro da memória sobre as vivências diárias no ambiente social são acessadas, de forma subjetiva e coletiva ao grupo, podendo visualizar os significados que forma atribuído pelas pessoas durante sua vivência, de modo interativo e intersubjetivo.

Neste enredo, Valente (2014, p. 154) contribui dizendo que:

Assim, a narrativa não é uma construção livre, uma vez que ela envolve o saber, a identidade e a racionalidade sobre como as pessoas constroem o conhecimento do mundo ao seu redor, a compreensão de si e a interlocução com outras pessoas. [...] Elas podem ser utilizadas tanto para investigar o conhecimento que as pessoas expressam, quanto para auxiliar processos de construção de conhecimento. Por exemplo, no contexto da investigação, são realizadas a análise de biografias, autobiografias, histórias de vida. As narrativas são utilizadas também como metodologia de investigação na Educação, bem como no desenvolvimento profissional de educadores.

Por isso, nossas narrativas expressas por meio do *podcast*, tenta levar não somente nós, mas vocês, caros leitores e ouvintes, a conhecer um pouco mais, ou



quicá muito mais, daquilo que entendemos e sabemos sobre as experiências dentro da indução pedagógica na alfabetização.

Não queremos dar um passo a passo a seguir, pelo contrário, “[...] é importante que cada docente encontre sua maneira de sentir-se bem, comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar os alunos a aprender melhor” (Moran, 2006, p. 32). Assim, o *podcast* também é a forma como nós, enquanto professoras, nos sentimos bem para comunicar o que experiências dentro dos nossos encontros formativos.

Desse modo, compartilhamos com vocês o que ouvimos quando escutamos sobre o *podcast*, a começar, que rádio e *podcast* não são a mesma coisa. Segundo Pereira (2021), a rádio ainda continua sendo um importante meio de comunicação para todos, inclusive de forma acessível, mesmo que outros meios já tenham surgido. A autora diz que:

Ao analisar a introdução da mídia rádio, originária da segunda década do século XX, e de uma atual, que aproveita a linguagem radiofônica (*podcast*) como ferramenta de integração no meio educacional, a relevância dessa integração pode ser confirmada por suas aplicações, acesso e repercussão. [...] Busca-se apresentar aqui rádio e *podcast*, como tecnologias distintas que são, adotando como critério uma reflexão a respeito de suas diferentes implicações nesse sentido (Pereira, 2021, p. 10-11).

Assim, não podemos dizer que ambos são as mesmas coisas, porém, ambos podem se complementar. (Pereira, 2021). E embasados na perspectiva dessa interlocução, nossa trajetória com o *podcast* está, de certa forma, ligada à trajetória da rádio dentro da vivência autobiográfica.

Assim, parto então em busca de outros entendimentos. O segundo deles é que, como boa inventora de palavras, vou atrás do significado do termo. Nessa pesquisa, encontrei de forma interessante que Godwin-Jones (2005, p. 10, tradução nossa) não fala primeiro no termo *podcast* e sim no termo *podcasting*, o qual “refere-se ao download automático de arquivos de áudio MP3 para um computador e, na maioria dos casos, posteriormente para um MP3 player móvel”. O autor ainda complementa que houve um aumento que ele considera fenomenal no ano de 2004 registrado no país<sup>65</sup>.

<sup>65</sup> Parte do que explica o repentino interesse no *podcasting* é o fato de que tantos consumidores compraram tocadores de MP3, especialmente o Apple iPod (que dá nome ao *podcasting*), que se integra perfeitamente ao software de música da Apple, o iTunes, permitindo fácil sincronização de iPods com um computador Windows ou Macintosh. Originalmente, o *podcasting* era do interesse de um pequeno público de entusiastas do Mac, uma atividade esotérica de geeks de informática para



Em uma dessas pesquisas, encontrei no *blog HostGator* o surgimento do termo *podcast*, o qual apareceu pela primeira vez no jornal *The Guardian* e são eles quem detêm a autoria do termo. De acordo com o *blog*, a palavra tem a junção de *iPod* (onde *Pod* tem o significado traduzido do inglês por sob demanda), com *broadcast*, que significa radiodifusão.

Agora, porque será que neste ano de 2004, teve esse aumento tão considerável? A resposta está ligada ao processo de criação dele. Ainda é bem complexo quem de fato criou o *podcast* nas configurações que o conhecemos. Porém, os principais nomes enquanto criadores/padrinhos dele são *Adam Curry* e *Dave Winer*. Segundo o *blog*, antes só se podia ouvir os conteúdos se acessássemos os sites dos produtores, uma logística bem trabalhosa por sinal.

Imagem 22 – Criadores do *podcast*



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Até que em 2004, *Adam Curry* (ex-VJ da MTV), criou um mecanismo chamado de “agregador de *podcast*”, onde conseguimos encontrar uma grande variedade de assuntos produzidos e publicados na *internet* com a diferença de que podíamos ouvir, sempre que possível, nas plataformas tanto nacionais quanto internacionais. *Dave Winer* incluiu o *enclosure*, um elemento na especificação RSS

---

outros geeks de informática. Na verdade, o processo originalmente era complexo e exigia scripts executados apenas em um Mac. Mas os últimos seis meses demonstraram um apetite incrível por parte dos consumidores convencionais por podcasts, a tal ponto que um estudo recente da Pew mostra que um terço das pessoas que possuem um leitor de MP3 portátil descarregaram podcasts. “[...] Existem vários diretórios de podcasts (como *iPodder*, Digital Podcast, *Podcastalley* ou audio.weblogs) que os classificam em categorias. [...] Originalmente um fenômeno nos EUA, os podcasts se tornaram internacionais, com podcasts disponíveis em diversos idiomas e sites dedicados a podcasts em diferentes idiomas, como alemão ou francês” (Godwin-Jones, 2005, p. 10, tradução nossa)



2.0 que diferenciou o *podcast* dos *audioblogs*, *vlogs* e *blogs*, permitindo que o conceito fosse utilizado, de acordo com o *blog Summer Comunicação*<sup>66</sup>.

O agregador mais famoso é o *Podcast*, da própria *Apple*, além do *Google Podcasts*, *WeCast*, *Overcast*, *Podcast & Rádio Addict*, entre outros. Assim, em 2004 o *Digital Minds* foi lançado como o primeiro *podcast* no Brasil por Danilo Medeiros que abordava sobre tecnologia, porém hoje não existe mais (*Blog Summer Comunicação*).

Imagem 23 – Primeiro *podcast* no Brasil



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Atualmente, a forma mais prática de se ouvir um *podcast* é por meio das plataformas de *streaming* como *SoundCloud*, *Spotify* e *Deezer*. O que precisamos fazer é procurar pelo *podcast* e ouvi-lo. E para além disso, hoje temos a possibilidade de baixar o episódio em nosso aparelho celular ou em site no computador e ouvi-lo *offline*, o que não gera um consumo nos dados móveis. Então, seja com a utilização de dados móveis ou não, o *podcast* pode estar presente em nossas vidas (*Blog Summer Comunicação*).

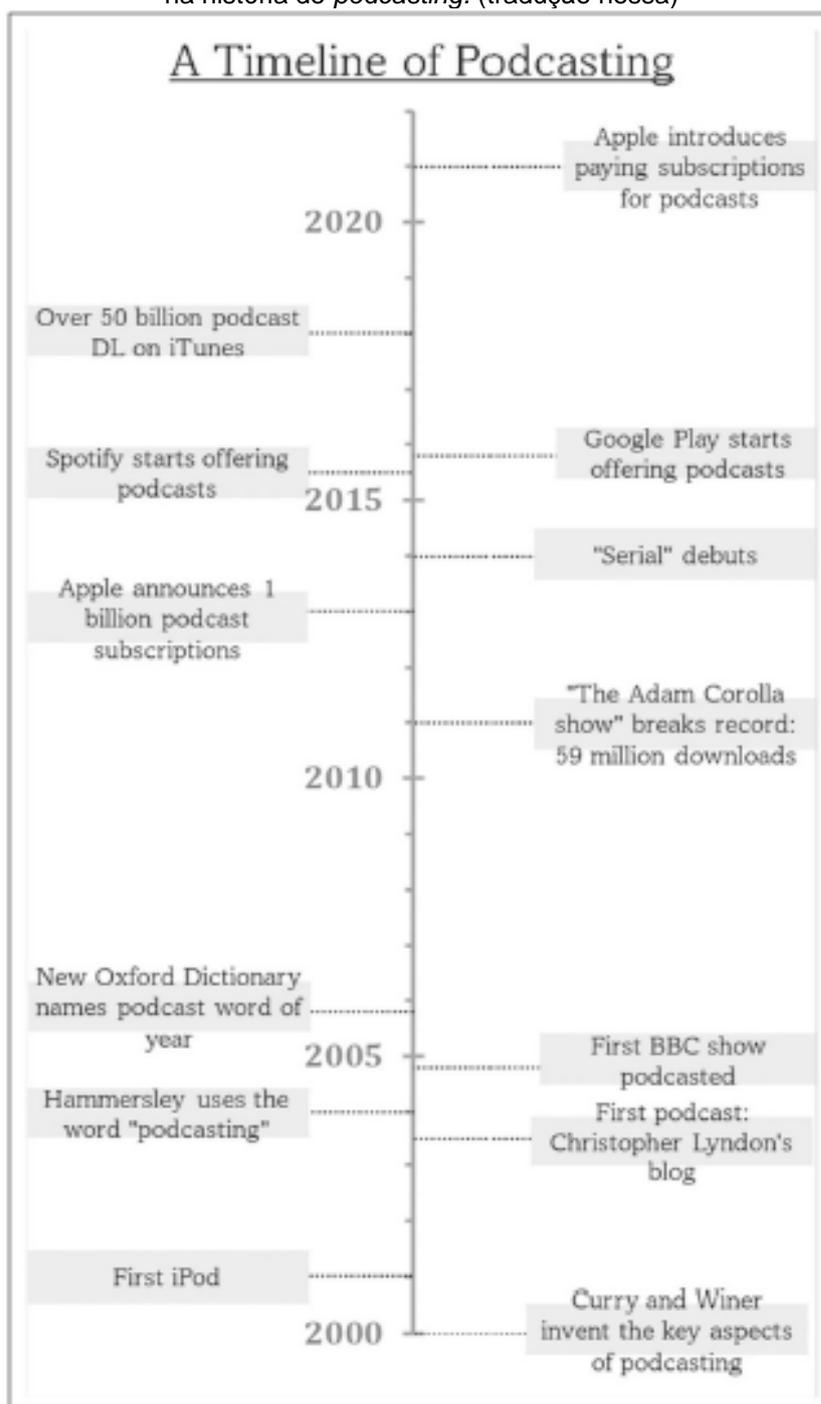
A história e variedade do *podcast* no decorrer da sociedade, levando-nos a compreensões mais coerentes dentro daquilo que passamos a conhecer sobre ele. De acordo com Rime, Pike e Collins (2022, p. 1261), “olhar para o passado e o

<sup>66</sup> Ver mais em: <http://summercomunicacao.com.br/blog/curiosidade-de-onde-surgiu-o-podcast/>

presente do *podcasting* deve nos dar uma perspectiva suficiente para postular o que é um *podcast*, além de simples requisitos técnicos”. Assim, o *podcast* é mais que algo técnico, é uma mudança social de comunicação, linguagem e interatividade.

Abaixo, Rime, Pike e Collins (2022, p. 1266) apresentam das datas mais importantes que envolvem o processo de evolução do *podcast*.

Figura 49 – Linha do tempo do *podcasting*, mostrando as principais datas geralmente reconhecidas na história do *podcasting*. (tradução nossa)



Fonte: Adaptado de Rime, Pike e Collins (2022).

Barreto (2023) aponta um conjunto de reflexões sobre o *podcast* que se fazem necessárias trazermos aqui, sendo elas:

1ª) Em suas pesquisas sobre a categorização dos *podcasts*, constatou que os de autoajuda são categorizados como *podcasts* educativos, o que lhe causa bastante preocupação;

2ª) Ressalta ser importante ouvir o que os estudantes compreendem como *podcast* educativo, vendo o que eles percebem enquanto informação e educação por meio dos *podcasts*, situação que aponta ser importante para estudos futuros.

3ª) Salienta, com cuidado, a influência dos parceiros comerciais nas estruturas dos *podcast*, pois as plataformas de áudio não monetiza os *podcasts*, e portanto, seus *podcasters* (criadores do programa), fato que pode levar o podcast ao estabelecer essas parcerias comerciais, a ficar preso a ideologia mercadológica e não a concepção educacional de sua utilização.

4ª) Ao realizar a revisão da literatura, percebeu que a maioria das teses e dissertações focam seus resultados na “eficácia do uso e da produção dos podcasts” (p.106). Algo que a desperta para a importância de oportunizar debates sobre as tecnologias, mídias e educação no contexto educacional, não apenas suas produção e utilização.

Suas reflexões se tornam nossas reflexões também. Pois nesse processo de entender mais sobre podcast, não podemos apenas vir aqui e defini-lo conceitualmente, precisamos compreender seus mecanismos de funcionamento e reverberação no contexto social, cultural e educacional.

Assim, entendo um pouco sobre essa trajetória, trazemos outra concepção de sobre podcast, a qual refere que:

O podcast é uma ferramenta/produto midiático cuja principal função é disponibilizar conteúdos de diversos formatos para os mais distintos meios e plataformas digitais. Atualmente, está vinculado a conteúdos essencialmente sonoros, sendo considerado a junção do rádio tradicional com as possibilidades de difusão de conteúdo da internet (Bruck; Costa, 2016, p. 284).

Neste sentido, compreendemos que o *podcast*, enquanto uma ferramenta e um produto, pode produzir conhecimentos e ser construídos por eles Apesar de ainda não ter conseguido enumerar a quantidade exatas de *podcast*, devido a infinidade, quando passei a escutar alguns desses encontrados, a situação que



ficava muito clara é: a maioria, se não quase todos, ou possuem uma linguagem extremamente informal e carregado de gírias, ou possui uma linguagem extremamente formal, com uso de palavras bem rebuscadas.

Mas o centro da questão é que: de uma forma ou de outra, ouvi-los era cansativo. Sem mencionar que um *podcast* com identidade multicultural, voltado para a nossa realidade dentro da metrópole amazônica, ribeirinha, como povo amazônica, envolvendo contexto marajoara, também não foi encontrado. Assim, em contato com os graduandos que estavam em formação pela Escola de Aplicação da UFPA onde trabalho, percebi por meio de nossos diálogos, que muitos tem afinidade e interesse em *podcast*, alguns, em sua maioria, não haviam pensado utilizar como uma fonte de formação, outros já escutavam também para esta finalidade.

Por isso, a partir da narrativa da minha história autobiográfica, desde a história do meu avô Getúlio Assiz com a rádio aliando ao fato do *podcast* também possuir características semelhantes a rádio, pelo processo de afinidade com a ferramenta, pela sua aplicabilidade, difusão e versatilidade, acredito no *podcast* voltado para a indução pedagógica docente na alfabetização como uma excelente ferramenta de formação.

Segundo Santos (2014, p. 22):

[...] o *podcast* é uma ferramenta com capacidades e potencial considerável para ser utilizado no ensino, diversas formas de utilização em sala de aula, promove a discussão, o trabalho colaborativo e a produção de material didático por parte dos alunos, além de ser capaz de promover aprendizado através dos níveis cognitivos de forma escalar e progressiva.

Tal capacidade e potencial considerável podem ser visto no fato de que com eles “[...] o ouvinte pode conhecer e/ou se aprofundar em determinado assunto ou conhecimento de seu interesse de acordo com sua disponibilidade e de forma contextualizada sobre diversos temas [...]” (Silva-Junior; Silva; Bertolo, 2020, p. 43). Promovendo desta forma, uma nova forma de compreender determinados assuntos.

Os autores ainda complementam, que o *podcast*, tanto dentro quanto fora do ensino, “é um recurso que se utiliza de múltiplos gêneros textuais e tipos, de acordo com seus objetivos, finalidades e público-alvo, de modo que a linguagem utilizada nessa modalidade oral é atrativa e facilmente compreensível” (Silva-Junior; Silva; Bertolo, 2020, p. 43). Justificando que :



[...] os podcasts estão presentes no cotidiano de muitos de nossos alunos e fazem parte de suas vivências de linguagem em diferentes modalidades de ensino. Ignorá-los e anulá-los como possível recurso de ensino é se posicionar contrário às inovações que invadem a vida desses estudantes e, por vezes, os afastam das rotinas educacionais impostas pela escola (Silva-Junior; Silva; Bertolo, 2020, p. 45).

Nessa tessitura, o *podcast* como uma ferramenta de comunicação atual possibilita que ao mesmo tempo, em diferentes lugares e de forma coletiva e individualizada, as vozes sejam efetivamente ouvidas, como aborda Goodson (2013) ao afirmar que no processo de desenvolvimento docente o que está em falta é a voz do professor. Não falta diálogo sobre professores, falta diálogo entre professores e futuros professores.

Retomando aos estudos Crepaldi e Ferreira (2022), os mesmos afirmações, após sua revisão sobre os *podcast* nas universidades, que mesmo com a intensificação no ano de 2020, o *podcast* não tem sido vivenciado de modo a explorar todas as suas possibilidades, sendo para muitos apenas como um recurso complementar na educação, pois os estudantes ainda não estão de forma ativa como protagonistas desse processo.

Com isto, nosso objetivo é trazer as vozes dos coautores sujeitos por meio das cartas coletivas, escritas com trechos das vozes de cada um deles, diante das experiências que tivemos.

## **7.2 Lá vem ele: o chegar do *podcast* vozes docentes**

Assim, nosso *podcast* foi criado de forma implicada com as vivências formativas experienciadas com os coautores sujeitos desde o início de nossa jornada (outubro de 2022 a novembro de agosto de 2023), envolvendo os encontros os cinco tipos de encontros formativos que tivemos, para que haja uma oportunidade de que aconteçam diálogos formativos cruciais e horizontais nesta aprendizagem docente.

Aprendizagem está que tanto é centrada no professor quanto no estudante, pois segundo Freire (1996) para existirmos temos que dialogar. Esta é nossa exigência existencial, ou seja, a medida em que dialogamos uns com os outros construímos de forma dialética nossas relações com o mundo e com os seres.



### 7.2.1 *Podcast*: um produto educacional dialógico e implicado

Estes dois pontos se tornam de extrema relevância para nossa jornada pois são as bússolas que nos orientam diante desta navegação, pois além de todas as paisagens que percorre em si, de ser um recurso pedagógico formativo é também um produto educacional.

De acordo com Brasil (2019a, p. 16), o produto educacional é :

[...] o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associados ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. Pode ser produzido de modo individual (discente ou docente) ou coletivo. A apresentação de descrição e de especificações técnicas contribui para que o produto ou processo possa ser compartilhável ou registrado.

Assim, este *podcast* visa, dentro do processo criativo que foi vivenciado nos 11 meses coletivamente entre docente da universidade, docentes da educação básica e discentes da graduação de pedagogia, responder à questão problema que nos impulsionou nesta trajetória.

Dentro disso, de acordo com Rizzatti *et al.* (2020, p. 5), este produto educacional é caracterizado dentro da tipologia 1 como Material didático/instrucional, sendo uma mídia educacional, pois ela engloba “propostas de ensino, envolvendo sugestões de experimentos e outras atividades prática [...]”. Assim, ainda conforme a autora verificamos que dentro das dimensões do produto, o *podcast* possui 6 conceitos, como mostra o quadro abaixo:



Quadro 40 – Dimensões conceituais do *podcast* como produto educacional

Dimensões de avaliação do produto educacional (Rizzatti <i>et al.</i> , 2020, p.10)		
Conceitos	Descrição	<i>Podcast</i>
COMPLEXIDADE	Compreende-se como uma propriedade do produto/processo educacional relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação. Na Área de Ensino, entende-se que a complexidade é uma dimensão do PE a ser contabilizada no Qualis Educacional a partir do modelo de avaliação desenvolvido pela Área para ser emitido pela banca de dissertação ou tese.	Consideramos alta, pois envolve a parceria com outros profissionais e técnicas de captação e edição de áudio.
REGISTRO	Refere-se a uma catalogação do PE, na qual podem fornecer informações sobre direitos autorais, propriedade intelectual, ou ainda, sigilo (ISBN, ISSN, registro em bibliotecas, licença <i>Creative Commons</i> e outras).	Avaliamos que podemos registrar este produto dentro da plataforma de áudio selecionada.
IMPACTO	Considera-se nesse quesito a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. Esse dado será avaliado pelas bancas de defesa de dissertação ou tese a partir do modelo de validação proposto para a Área de Ensino, objetivando a compreensão do motivo para a criação do PE, a relevância, o foco de aplicação do Produto, permitindo, com efeito, avaliar em qual área a mudança pode ser percebida. É importante reconhecer se a demanda foi espontânea ou contratada e qual é a área impactada pela proposição (educacional, cultural, de saúde ou CT&I).	Acreditamos que possui um alto impacto, pois ele possui um bom alcance, trata da realidade formativa no contexto amazônico, é criado a partir das próprias narrativas dos sujeitos de modo implicado dentro do cenário educacional.
APLICABILIDADE	Relaciona-se à facilidade de acesso e propriedade de aplicação do PE, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas. A propriedade de aplicação refere-se ao processo e/ou artefato (real ou virtual) e divide-se em três níveis: 1) aplicável (quando o PE tem potencial de utilização direta, mas não foi aplicado); 2) aplicado (quando o PE foi aplicado uma vez, podendo ser na forma de um piloto/protótipo); 3) replicável (o PE está acessível e sua descrição permite a utilização por terceiros considerando a possibilidade de mudança de contexto de aplicação). Compreende-se, portanto, que para o curso de MP, o PE deve ser aplicável e é recomendado que seja aplicado. Enquanto para o DP, o Produto deve ser aplicável e ter sido aplicado e, é recomendado que seja replicável. Para a área de Ensino, esse conceito será avaliado a partir de dois critérios no Qualis Educacional, a saber: acesso e aplicabilidade (avaliado a partir do modelo de validação a ser emitido pela banca).	Ponderamos que o acesso fácil e aplicabilidade é alta pois o <i>podcast</i> é uma ferramenta que possui versatilidade e flexibilidade de construção de seis materiais e conteúdos, podendo desta forma, expressar a realidade de onde ele está sendo criado.
ADERÊNCIA	Compreende-se como a origem do PE a fim de apresentar origens nas atividades oriundas das linhas e dos projetos de pesquisas do PPG stricto sensu em avaliação. Como considera-se na área de Ensino a produção do docente de maneira integral, eventuais PE elaborados em conjunto com discentes de PIBIC, PIBID, Residência Pedagógica, ou ainda de outras tipologias, a partir	O <i>podcast</i> desta dissertação esta alicerçado na linha de pesquisa em Metodologias de Ensino-Aprendizagem. Linha de Pesquisa: Inovações Metodológicas do Ensino



	de suas origens, que poderão não atender a esse critério em sua totalidade, pois não terão obrigatoriamente aderência às linhas e aos projetos de pesquisa do programa de pós-graduação <i>Stricto sensu</i> .	Superior, foi pensado para ser construído mediante uma metodologia inovadora de ouvir sobre o que o público ouvinte do <i>podcast</i> versa sobre sua formação.
INOVAÇÃO	Considera-se a amplitude desse conceito. A área de Ensino define-o a partir das práticas cotidianas, assumindo-se como um PE elaborado a partir de algo novo, ou da reflexão/modificação de algo já existente revisitado para a/em prol da realidade estudada (Bessemer; Treffinger, 1981). A propriedade de inovação refere-se ao processo ou ao artefato (real ou virtual) e divide-se em três níveis, conforme proposto no Relatório Inovação e Transferência de Conhecimento (Brasil, 2019d): 1) PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento inovador); 2) PE com médio teor inovador (combinação/compilação de conhecimentos pré-estabelecidos); 3) PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento existente). Esse dado será avaliado pelas bancas de defesa de dissertação ou tese, a partir do modelo de validação proposto para a área de Ensino.	Reflexionamos como de alto teor inovador.

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

A escolha pelo desenvolvimento de um *podcast* como produto educacional advindo de um processo educacional nesta pesquisa, tem em seu nascedouro os seguintes benefícios e elementos abaixo:

a) Com a Revisão Sistemática da Literatura verificou-se a escassez de produções teóricas em relação ao tema da indução docente;

b) A horizontalidade de papéis e relevância de cada autor sujeito no processo formativo apontada por Lucio (2016) faz necessário e urgente no cenário educacional;

c) O diálogo em parceria entre a Universidade e Educação Básica, valorizando a autoria docente de professores da educação básica, especialmente de alfabetizadores, trate-se de uma mudança que já estamos trilhando, com base em Lucio (2016);

d) A autoria é vista nesse *podcast* como um caráter presente nos professores alfabetizadores, como nos professores do ensino superior e nos estudantes da graduação;



e) A experiência no sentido aquilo que nos toca e nos atravessa, de acordo com Larrosa (2002) vivenciada durante o processo formativo elabora heterogeneidade, assim, cada sujeito a vivência de forma coletiva, mas também individual, o que faz surgir cada episódio deste *podcast*.

f) O que é conteúdo formativo no *podcast* surge não por meio de quem diz saber o que acontece na escola básica, mas por aqueles que vivenciaram o chão da escola básica.

g) A implicação deste *podcast* remota ao fato de que, nas cartas apresentadas, cada uma foi tecida como uma grande colcha de retalhos com as vozes dos próprios estudantes da graduação dentro da indução;

h) A horizontalidade dos papéis é vista quando, em cada episódio, o teor formativo é dito de estudantes para estudantes diante da sua formação na indução.

Por isso, o *podcast* poderia ter nascido roteirizado antes das nossas experiências. Poderia ter sido roteirizado com duas ou cinco vivências formativas, mas o **nosso** *podcast*, que nasce origina uma metodologia inovadora e criativa dentro de um projeto piloto, não poderia. Assim, é importante nos perguntarmos o quê entendemos sobre criatividade.

### 7.2.2 Criatividade e o *podcast*: a podcriatividade

Ser criativo e inventivo dentro de uma sociedade extremamente veloz e efêmera, é uma das tarefas mais conflitantes que possuímos. Durante muito tempo, vários elementos designaram o que era criatividade dentro da sociedade moderna, que com o passar do tempo, foram tornando-se obsoletas diante de tantas substituições.

Buscar a criatividade dentro deste processo de vida-pesquisa-formação não se trata de correr atrás de algo preestabelecido por outros dentro de uma competição desumana. Trata-se de viver a criatividade dentro das miudezas da vida para compreender uma pesquisa contextualizada diante de um processo de formação educacional. Assim, pensamos na podcriatividade: a união de nosso *podcast* com a criatividade.



Desenho 14 – Anagrama da palavra *podcast*

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Pensando o podcriatividade por meio das palavras popular, orgânico, diversificado, comunicativo, acessível, social e tecnológico, nos apoiamos na Teoria Componential da Criatividade criada por Teresa Amabile no ano de 1983 (2012) para refletirmos sobre criatividade, a qual significa ser :

a produção de uma resposta, produto ou solução nova e apropriada para uma tarefa em aberto. [...] Em última análise, uma resposta ou produto é criativo na medida em que é visto como criativo por pessoas familiarizadas com o domínio em qual foi produzido (Amabile, 2012, p. 1).

Esta resposta como forma de produto ou solução está relacionada com as pessoas que vivenciam aquele contexto para qual ela foi pensada e criada. Nesta perspectiva, a teoria enfatiza dois pontos importantes que estão presentes na criatividade: o primeiro é que existe um continuum da criatividade tanto nas atividades diárias quanto nas atividades mais performáticas, invencionistas etc. E a segunda é que existe algo de criativo, mesmo em níveis diferentes, no trabalho de qualquer indivíduo (Amabile, 2012).

Portanto, para a autora, criatividade perpassa e está presente nesses dois mundos: não são apenas os grandes gênios que podem desenvolver a criatividade, e ela, muito menos, somente aparece neste mundo. Ela está no cotidiano também das pessoas que vivem, de certo modo, sua criatividade. Ela se encontra nestes dois mundos.

Assim, a criatividade sofre influência de três componentes (Amabile, 2012):



- a. A experiência (competências relevantes para o domínio): nessas competências, conhecimento, experiência, habilidades técnicas e talento no domínio específico são algumas das características deste componente da criatividade, segundo a autora.
- b. Os processos que levam ao pensamento novo (cognitivos e de personalidade): é um estilo cognitivo que desenvolve e põe à mostra a independência da pessoa no ato de escolher e agir, onde a mesma passa a assumir os riscos e tomar novas decisões diante dos conflitos, é que faz acontecer a geração de ideias.
- c. A motivação da atividade (relacionada exclusivamente com o âmbito intrínseco de interesse): a autora intitula a motivação como a paixão da tarefa. Pois, para ela, aqui é o que de fato leva a pessoa ser criativa, ou seja, a desenvolver sua criatividade, o que faz com que ela queira de fato realizar a tarefa. E neste ponto, ressalta a importância de ser algo intrínseco e não exclusivamente extrínseco, tornando-se pessoas mais criativas.

Estes três elementos ou componentes possuem o caráter intra-individuais. Porém, existe um componente de caráter externo, que é o ambiente social no qual o indivíduo faz parte. Neste ponto, a autora ressalta que o ambiente interfere e influencia sim na criatividade, também faz parte dela, porém os aspectos presentes nesse ambiente podem tanto ser empecilhos quanto estimuladores. Assim, para Amabile (2012) todos esses componentes interferem e constituem a criatividade.

Para uma melhor compreensão sobre a criatividade o que ela é, a autora pontua que dentro da criatividade, nesta resposta ou solução adequada para uma questão em aberto, que necessita ser resolvida, cada um dos elementos precisa estar em sintonia uns com os outros.

A teoria especifica que a criatividade requer uma confluência de todos os componentes; a criatividade deve ser mais elevada quando uma pessoa intrinsecamente motivada, com elevado domínio de conhecimentos e elevada habilidade em pensamento criativo, trabalha num ambiente com elevado apoio à criatividade (Amabile, 2012, p. 2).

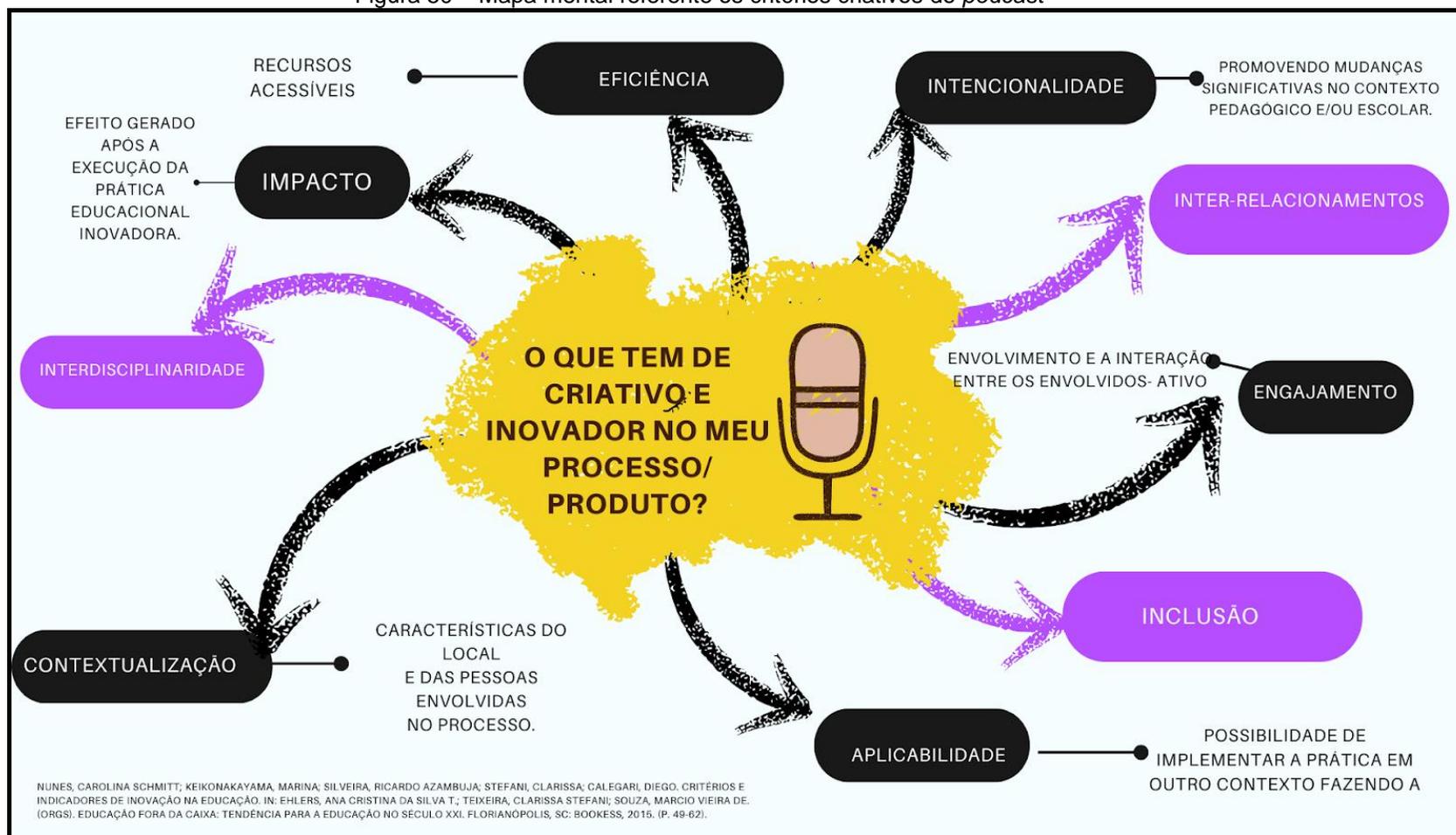
Precisamos promover ambientes criativos, e para isso, nós precisamos ser criativos, um ciclo de criatividade. Assim, Morán (2015, p. 18) diz que “[...] se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas



possibilidades de mostrar sua iniciativa”. Neste caminho, a utilização do *podcast* traz possibilidades de ressignificar a formação docente a partir da criatividade e das metodologias ativas.

Desta forma é primordial ter a consciência de que mudanças nas práticas de formação também acarretam mudanças nas práticas de ensino. Conforme Braun, Fialho e Gomez (2017), é preciso ir além do que se tem ido. E a criatividade apresenta-se como uma importante impulsionadora disto. Ela, especialmente dentro da sala de aula, nos impulsiona enquanto sujeitos a modificar nossas relações de ensino e aprendizagem uns com os outros (Braun; Fialho; Gomez, 2017). Reverberando por estes caminhos da criatividade e inovação dentro de um processo ou produto educacional, enfatizo abaixo alguns motivos que considero criativos e inovadores dentro do *podcast* vozes docentes:



Figura 50 – Mapa mental referente os critérios criativos do *podcast*

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Este mapa mental foi elaborado para elucidar de forma mais clara o que de inovador e criativo tem na produção do *podcast*. Mensurar isto a partir de critérios essenciais, que são “[...] fatores qualitativos que caracterizam um determinado processo, ação ou atividade” (Nunes *et al.*, 2015, p. 54-55). Segundo os mesmos, esses critérios também são dimensionados a partir dos indicadores, os quais trazem melhores resultados para o produto.

Os autores apresentam por meio de um quadro intitulado Critérios e Indicadores Essenciais para a Inovação na Educação, sendo eles: impacto, contextualização, eficiência, aplicabilidade, engajamento e intencionalidade. Para além desses seis critérios essenciais, os autores mencionam mais três como critérios desejáveis para a prática, sendo Interdisciplinaridade, Inter-relacionamentos e Inclusão (Nunes *et al.*, 2015).

Em relação ao impacto, este *podcast* é inovador pois ele traz mudanças dentro da ação pedagógica ao centralizar um processo de formação docente que, inicialmente, compreenda quem é este sujeito que está se tornando docente, fomentando sua tríade prática-teoria-prática e não apenas um professor tarefista, e sim, um professor pesquisador (Lucio, 2016). Dito isto, este *podcast* traz as vozes dos sujeitos no processo de indução pedagógica no campo da alfabetização.

No que diz respeito à contextualização, ele é criado a partir da realidade vivenciada pelos próprios estudantes de pedagogia e professoras alfabetizadoras em um contexto escolar específico que é uma escola federal pública da periferia de Belém, uma metrópole da Amazônia. A eficiência é constatada pois os recursos que precisam ser utilizados são acessíveis e diversos. Hoje em dia, existem muitas plataformas gratuitas que fazem a conversão em *podcast* para submeter a outras plataformas de armazenamento e acesso.

Sua aplicabilidade é verificada e visualizada em outros ambientes formativos, pois ao trazer como foco a realidade docente vivida pelo docente dentro da indução pedagógica na alfabetização, outros também podem se inspirar a partir das aprendizagens que terão por meio da partilha dessas vivências, e assim, fazer as suas próprias.

O engajamento é perceptível pois este *podcast* tem como princípio o diálogo horizontal entre as alfabetizadoras, as pesquisadoras e os estudantes de pedagogia, pois as temáticas surgem a partir do interesse apresentados por eles durante suas vivências escolares, as quais sempre tem muito a nos dizer.



E por fim, possui intencionalidade pois apresenta uma forma outra de formação docente, aliada às TICs e a linguagem digital, trazendo o protagonismo das falas e saberes desses coautores sujeitos, onde a narradora, é a mensageira dessas grandes vozes. Assim, de uma forma não hierarquizada e de forma horizontal, todos nós temos um papel fundamental dentro dessa narrativa.

Ainda afirmo que também possui os outros três critérios desejáveis pois a interdisciplinaridade está apresentada na integração de vários conteúdos que podem surgir como temáticas de formação no *podcast*, tem inter-relacionamentos pois além dos residentes e preceptores, podemos chamar outros sujeitos também importante para a formação docente como a coordenação, os responsáveis e as crianças, e demais convidados.

E por último, traz a inclusão no sentido de estarmos atentos às especificidades educacionais presentes no âmbito formativo, porque não trabalhamos com o padronizado, e sim, com o autoral, independente das características sociais e físicas que tenham os sujeitos, além de ser um bom recurso para as pessoas com deficiência visual e baixa visão.

Dito isto, são muitas as vantagens consideradas com a utilização do *podcast*, tais como: interfaces ricas e fáceis de usar; bom custo-benefício, amplo armazenamento e distribuição, livre acesso compartilhado; participação individualizada ou em grupo; armazenamento online ou offline; incentivo a socialização; criação do material próprio, entre outros (Santos, 2014).

O *podcast* sendo essa ferramenta pedagógica auxilia na modernização e aproximação das práticas sociais e culturais vivenciadas por estes professores em início de carreira docente, afinal, de um modo geral, é facilmente verificado que os jovens utilizam ou já ouviram falar de um *podcast*. Sendo assim, transformá-lo ou melhor, utilizarmos faz com que a formação docente dentro da indução pedagógica na alfabetização seja potente.

Desta forma, sobre produtos educacionais, Rizzatti *et al.* (2020, p. 14) nos dizem que “[...] precisamos refletir sobre o impacto deles para a formação de professores/profissionais, na produção de pesquisas voltadas para diferentes contextos, além da mudança de postura sobre o processo de construção do conhecimento na sala de aula ou em espaços não formais”.

A escolha e utilização do *podcast* no ambiente escolar contempla uma nova perspectiva de produção e compartilhamento de saberes pertencentes à sala de



aula, ao mesmo tempo em que acompanha a nova era educacional tecnológica que se expande com o passar dos tempos. Cada vez mais precisamos nos conectar como seres e não como máquinas, em uma troca onde o humano ainda se sobressai pela máquina.

Deste modo, conforme Figueiredo Felix e Faria Lisboa (2018, p. 2) o uso de TIDIC deve criar situações que ressaltem a interação entre os sujeitos “[...] sendo necessário que cada indivíduo seja construtor, protagonista de sua própria aprendizagem, e não receptor de informações”. A utilização do *podcast* viabiliza este diálogo horizontal protagonizado por todos os agentes envolvidos ao enfatizar a troca de experiências, possibilitando assim a construção de novos saberes.

E justamente por reconhecer esses sujeitos protagonistas, que este *podcast* é criativo e inovador, pois quebra com o mistério que foi construído em torno de como surge algo novo. De acordo com Ashton (2016, p. 15), “[...] o mito da criatividade implica que poucos indivíduos podem ser criativos, que qualquer criador bem-sucedido experimentará grandes clarões de ideias e que criar tem mais a ver com magia do que com trabalho”.

O autor critica essa concepção mágica que existe em torno do processo criativo, como acontecesse dentro de um cenário encantado, onde por um lapso de magia, a ideia surgisse dentro de um grande resplendor e somente os escolhidos poderiam ser abençoados pelos deuses para ver, criar e contemplar a sua criação. Segundo Ashton (2016, p. 18), “criar não é magia; é trabalho”. Complementando, o autor diz que “[...] os criadores passam quase todo o tempo perseverando, apesar da dúvida, do fracasso, do ridículo e da rejeição, até conseguirem realizar algo novo e útil” (Ashton, 2016, p. 18).

Então a criatividade está para as pessoas como as pessoas estão para a criatividade. As pessoas mais criativas que conheço são as pessoas que caminham comigo, que são resilientes e amorosas perante os desafios, que são perseverantes e entusiasmadas perante a solitude, que são estudiosas e generosas perante os erros. Meu avô, minha mãe, minha família, meus amigos, eu, e o coletivo dos residentes e professores, somos criativos.

E uma criatividade que não nos é dada, e sim, trabalhada. Por isso, acredito ser necessário oportunizar aos docentes da Educação Básica e aos discentes da graduação no Ensino Superior, experiências formativas para um diálogo horizontal e potente com o uso do *podcast*. Pois assim, como nos diz Antunes (2012), a



motivação e interesse requer primeiro partir de alguém, seja o professor ou seja o estudante. E nesse caso, parte de todos nós, que somos seres incompletos e ao mesmo tempo cheios de possibilidades.

### 7.2.3 Criar e roteirizar

E dentro delas, começamos então a pensar sobre quais seriam as temáticas dos episódios do *podcast*, diante de toda a riqueza que vivenciamos nestes onze meses de projeto. Foi então, que a partir das pesquisas, verificamos que alguns elementos precisavam ser considerados e compreendidos antes de criarmos de fato o roteiro do *podcast*.

De acordo com o *blog HostGator*, a primeira coisa que precisamos saber é que existem dois tipos de *podcast*: os *talk shows* (*podcasts* de conversa) e os *podcasts* de *storytelling* (*podcasts* de contação de história) e para ambos a criação de um roteiro é fundamental. Porém, o formato é diferente.

No estilo *talk shows*, por se tratar de uma conversa mais livre, sem grandes amarrações sobre determinada temática, o roteiro é construído em tópicos. Delimitando os assuntos centrais que serão abordados durante a conversa, independente da ordem (Hostgator, 2023).

Já o *storytelling*, como será contado uma história, que necessita de um início, meio e fim, para sua compreensão, o roteiro precisa ser muito bem delimitado, com as falas, perguntas, totalmente roteirizado para que o assunto seja abordado da forma mais explorada possível. Nesse roteiro incluem-se também os sons, pausas, músicas, que facilitarão a edição e condução do apresentador. Sendo este modelo inclusive, o mais próximo de como aconteciam as gravações de rádio antigamente, de acordo com o *blog Hostgator*.

Pelas características apresentadas, o modelo que mais é coerente com esta pesquisa com foco na metodologia da documentação narrativa e pesquisa-formAÇÃO, é o *podcast* estilo *storytelling*.

Após termos isso definido, antes de iniciar a construção deste o roteiro, o *blog HostGator* informa que é importante pensarmos nos seguintes itens: audiência, tema, equipamentos, perguntas e convidados.

Sobre a audiência é necessário pensar quem irá ouvir nosso *podcast*, para que a linguagem utilizada seja a mais clara e atrativa para este grupo de pessoas.



Sobre o tema é fundamental que ele esteja bem nítido para o público e que todos os episódios do *podcast* tenham a ver com este tema, podendo organizar em tema e subtemas. Por isso, o apresentador/ condutor precisa ter afinidade e domínio sobre o que falará para despertar a curiosidade e interesse amplo do público (Hostgator, 2023).

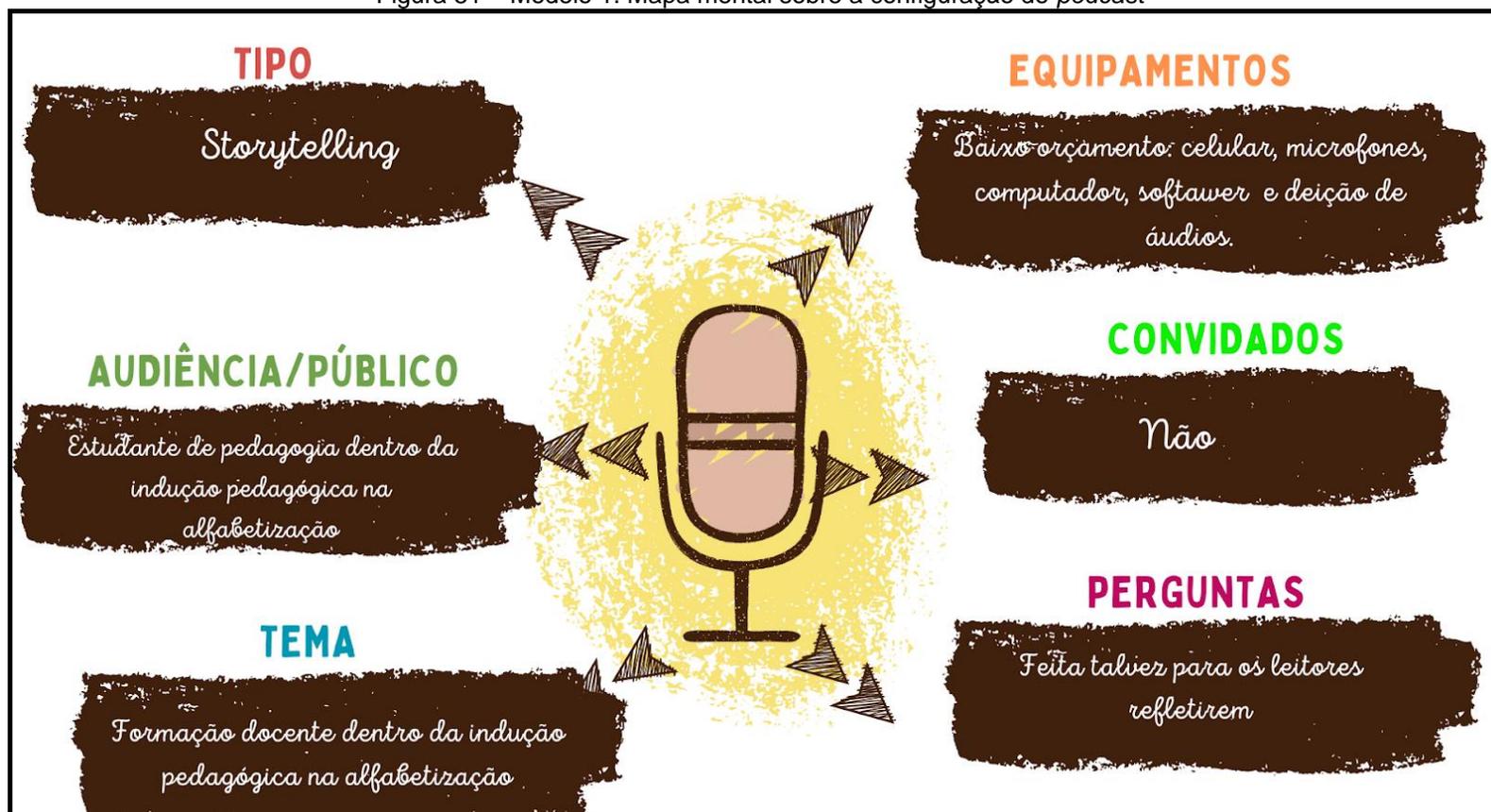
O terceiro elemento para o *blog* refere-se aos equipamentos. Existem os mais diversos tipos e custos de materiais e podemos construir um *podcast* sobre três tipos de setup: baixo orçamento, médio orçamento e alto orçamento. O importante é que em todos incluem-se microfone, computador (*desktop ou laptop*), *software* de gravação, edição de áudio e fone de ouvido (Hostgator, 2023).

Outros equipamentos também poderão ser necessários futuramente como iluminação, câmeras e cenários. Mas o ponto central é: a qualidade dos equipamentos pode interferir diretamente na qualidade do *podcast*. Em relação às perguntas, o quarto elemento, podemos fazer estruturas mais ou menos fixa de acordo com o *blog*. Mas o ideal é que tenhamos sempre à mão, como uma carta na manga, perguntas prontas para utilizarmos quando acharmos necessárias. O formato ping-pong com as perguntas funciona bem (Hostgator, 2023).

Como quinto e último elemento, pensar se o *podcast* terá convidados. Isso não é uma regra, de acordo com o *blog HostGator*, e não requer que em todos os episódios os tenha, mas caso desejemos convidar, é importante fazer uma pesquisa sobre a vida desta pessoa, minimamente. Isso traz um ambiente mais afetivo, lembrando-se sempre de ter cuidado com quais assuntos abordará. Por isso, uma estratégia, é também compartilhar com o convidado um breve esboço do roteiro.

Compreendido tudo isto, trazemos dois modelos de estruturação do *podcast*. O primeiro segue os elementos apontados no Hostgator (2023) e o segundo segue o de Carvalho *et al.* (2008b), pois este último traz pontos importantes para compreender a estruturação do roteiro de um *podcast*. Sendo assim, entendemos que os dois, de forma conjunta, trazem uma boa visão do nosso *podcast*:



Figura 51 – Modelo 1. Mapa mental sobre a configuração do *podcast*

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Figura 52 – Modelo 2. Mapa mental sobre a configuração do *podcast*

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Após conversar com Jaiara sobre tudo isso, ela me disse:

– *Tia, eu to passada aqui, o podcast é muito mais do que eu pensava, eu achava que era só clicar e pronto. A senhora fez uma boa pesquisa! Mas agora, acho que a gente já pode pensar em como vai ser o nosso né?!*

– *Concordo, minha flor, bora lá escrever e pensar no nosso...*

Nosso ponto de partida então será na estruturação fundamental do *podcast*. Ele é composto por 6 episódios, de em média 15 minutos cada um. O primeiro é um episódio de apresentação e os outros cinco são a partir das temáticas mais destacadas nas análises das experiências que foram vivenciadas dentro da concepção de Larrosa (2002) no decorrer desses onze meses de projeto de indução pedagógica na alfabetização.

A fonte de dados são as cartas que foram escritas pelos coautores sujeitos sobre essas experiências. Assim, cada episódio é uma carta única e aberta para vocês, nossos queridos ouvintes e leitores. Ou seja, são cinco cartas, uma para cada episódio. Essa carta é composta com os trechos das vozes escritas nas cartas de cada um. Assim, cada trecho de voz compõem a voz coletiva do *podcast* vozes docentes, em uma carta aberta para todas, onde eu, Jessika Assiz, sou a narradora.

Nosso produto, como mencionado anteriormente, não dará voz às pessoas, e sim, propagará a voz das pessoas. E terá a carta como um importante meio de comunicação, de autoria, de fonte oficial de memórias, de identidade, de subjetividades, de sentimentos e humanidade.

A carta, como documentação narrativa (Clandinin; Connelly, 2015; Suárez, 2017), se faz presente em todo desenvolvimento desta pesquisa, porque diante de sua versatilidade, podemos mostrá-la sendo apresentada a partir de diversas dimensões: a carta da professora alfabetizadora da década de 1960, a carta dos graduandos de pedagogia, a carta para os graduandos, a carta das crianças, e a carta no *podcast*.

Assim, como uma comunicação, acreditamos na carta enquanto um documentação pedagógica da experiência e um registro oficial da memória de um povo. Este coletivo na indução docente dentro alfabetização por meio de suas



cartas, registrou enquanto documento pedagógico, o processo que estamos vivenciando.

Para embasar a criação dos nossos roteiros de cada episódio deste *podcast* utilizamos o disponibilizado no site *Spotify for Podcasters*, pois ela torna mais acessível e compreensível a execução dele, o qual segue a seguinte organização com os seguintes elementos:

Introdução: uma mensagem curta que recebe o público, fala sobre você (e outros possíveis apresentadores) e informa o assunto em poucas palavras.

Apresentação do convidado: explicação curta sobre quem é o convidado e por que essa pessoa vai participar do seu programa.

Interlúdio/transição: uma frase ou efeito sonoro que indica um novo segmento do episódio.

Resumo: uma descrição breve do que foi discutido no episódio.

Encerramento: uma mensagem que marca o final do episódio, pode ser um 'Valeu por escutar' ou um bordão que você criou.

Call-to-action (CTA): ações que você quer que os ouvintes façam, como se inscrever, avaliar o programa, deixar comentários ou compartilhar nas redes sociais.

(COMO escrever roteiros para podcasts: dicas e modelos para estruturar seus episódios, 2022, não paginado).

Assim, nosso *podcast* será formado por esses elementos em sua estrutura:

- Vinheta de abertura;
- Apresentação da apresentadora (episódio de abertura) e apresentação do tema de cada episódio;
- Música de transição;
- Carta aberta;
- Música de transição;
- Resumo do episódio;
- CTA e;
- Música de encerramento.

Por isso, como um verdadeiro *pout pourri* de memórias, trazemos em alto e bom som, nosso *podcast*.



### 7.3 Com vocês, no ar, os episódios do *podcast* vozes docentes: na escola, entre o céu e o chão, acontece a formação!

Demos juntas o mergulho em busca de um *podcast* que fosse construído alicerçado na autobiográfica, na experiência larrosiana, na pesquisa narrativa e na pesquisa narrativa criativa dentro da indução pedagógica na alfabetização. E desse mergulho, emergimos nosso *podcast*, o qual, se apresenta para ti:

Figura 53 – Logo do *podcast* Vozes



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

A escolha do nome **VOZES** veio em nós baseada na perspectiva de vida e educacional que acreditamos: somos povoadas pelo nosso eu e por todos, aqueles que vieram antes e por aqueles que virão depois. Somos sujeitos que constroem atos e afetos, e por eles também somos constituídos. E nossa voz representa o barulho, as marcas e as mudanças que fazemos no mundo. Nesse

sentido, a palavra voz ultrapassa o caráter biológico, e está mais ligada a forma como deixamos nossa presença.

Em consonância a isto, trazemos novamente o trecho da carta de Ruth ao dizer que, baseado em Goodson (2013), a voz do professor é o que está em falta. Então nossa premissa é que no plural, no coletivo, em comunidade, ouçam as vozes que vivem a educação, que dentro de uma escuta responsiva, compreendam o que elas têm a dizer e a mostrar. E que estas mesmas vozes que lutam para serem ouvidas por outros, também as ouçam entre si.

Para além disto, entremeadas pelo horizonte da pesquisa narrativa (Clandinnin; Connely, 2015), dentro de uma pesquisa sobre histórias de vida, as vozes coexistem em mim, Jessika, de várias maneira, especialmente na sua materialização em forma de rádio vinda de meu avô, e em forma de saber da experiência vinda de minha avó. Partindo do nome, concebemos então paleta de cores:

Figura 54 – Paleta de cores da logo do *podcast* vozes



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Cada cor aqui foi pensada e escolhida para que, da forma mais contemplativa possível, abarcasse um pouco daqueles que caminharam e caminham conosco neste projeto, que não somente para a pesquisa de mestrado, e sim , para a formação permanente.

Dito isto, a cor terracota representa duas coisas: a ancestralidade que vem do barro e os sujeitos que criam e recriam os processos de saberes. Assim, ela representa as histórias ancestrais familiares do meu processo formativo vindo das minhas experiências no Marajó e os estudantes da graduação em pedagogia que vivenciaram conosco este projeto.

A cor marrom representa o porto seguro deste projeto: o Laboratório Sertão das Águas – LASEA/UFPA, na figura da professora Elizabeth Orofino. A qual, se preparou para aprender a mergulhar nessas águas barrentas e misteriosas que nutrem nosso estado Pará.

A cor azul representa a co-autora deste trabalho, que com vocês, tem dialogado sobre toda esta grande aventura: eu. Azul celeste é minha cor favorita, não somente por representar o maior do Norte, Paysandu, mas também porque lembra-me da paz, da força, e afeto vindo da espiritualidade refletidos nos olhos azuis de meu avô.

A cor verde representa esse chão que tanto admiro e honro, onde a pesquisa está sendo desenvolvida e onde dei meus primeiros passos de vida: Amazônia. Representa a potência de sermos quem somos, de estarmos onde estamos, e de voar para onde queremos. É de onde vem nosso ar, onde habitam parte de nossa fauna e nossa flora. Representa nossas árvores, matas e plantas que nos dão abrigo e ensinamentos sobre a coexistirmos.

A cor rosa representa as professoras alfabetizadoras, em especial uma, que tem como está, sua cor favorita, a profa. N.P. Escolho esta pessoa pois ela, de colega de trabalho, passou a ser amiga e parceira de trabalho no processo formativo da alfabetização e da vida. Aquela que escolhe ser, diariamente, professora alfabetizadora, abraçando-se em várias perspectivas, principalmente, a discursiva (Smolka, 2012).

E por fim, a cor amarela. Simboliza o motivo principalmente de estarmos fazendo o que nos propomos a fazer: as crianças. Como raios solares, as crianças desenham os motivos de fazermos um projeto de indução pedagógica voltado para a alfabetização. Também por isso escolhemos que cada cor do nome VOZES fosse representada por cores diferentes.

A alfabetização é um processo multifacetado e multiexperenciado. O que nos empenhamos a fazer, de mãos dadas, é para de alguma forma, contribuir com o processo de aprendizagem de cada uma delas. Só somos alfabetizadores porque as



crianças nos mantêm alfabetizadores. Elas escrevem também essa história conosco. Por isso também preferimos que nossa tipografia utilizasse duas fontes:

A primeira, contida na palavra vozes, busca a inspiração do tipo “letras de barco”<sup>67</sup>, no estilo oleado, tipografia identitária dos barqueiros que percorrem os rios do Pará em movimento de existência. Afinal, nossa pesquisa pretende enaltecer e valorizar aquilo que é nosso. E assim, sinto-me mais perto das inúmeras viagens de barco que percorri na vida e na pesquisa.



E a segunda, contida no descritivo que faz parte da identidade visual, expressa pela frase “Indução Pedagógica na Alfabetização”, procura aproximar-se do processo de leitura e escrita que ocorre durante a alfabetização, onde se há a apresentação de um novo modelo de letra: a cursiva (tipo *Intro script*).



Processo que para a maioria das crianças traz nervosismo e entusiasmo, onde o mesmo não acontece em um passe de mágica e deve ser feito com respeito. Assim como a formação entre professores. Por isso, na palavra *Alfabetização* por exemplo, a letra z ainda está em formato de bastão ou letra de forma, refletindo esse e tantos outros processos de aprendizagem que as crianças vivem durante a esse período.

Aliado a isso, criamos então nossa logo, apresentada com muita alegria a vocês anteriormente. Os elementos que também a compõem são um círculo aberto e uma linha com traços marajoaras pelo meio. A escolha por tais elementos, bom, como devem imaginar, parte também da escolha metodológica da pesquisa narrativa criativa (Lucio, 2020, no prelo) em três dimensões (autobibliográfica, autoformativa e ficcional, nessas grandes tranças de fio que formam esta conversa. Por meio dos traços marajoara enfatizo minha experiência na alfabetização no Marajó e minha vivência afetiva e ancestral familiar nesta terra, reforçando nossa perspectiva narrativa (Clandinin; Connelly, 2015). Além do mais, os traços marajoaras demarcam

<sup>67</sup> Criada pelo design Rafael Godim da Silva.



um dos aspectos centrais deste projeto: a cultura regional e seu contexto que afetam e são afetados durante o processo de ser docente na região Amazônica. Ademais, a escolha pelo formato do semelhante a um círculo aberto conversa com nossa ancestralidade, onde os povos originários, em seus grandes eventos e em suas moradias, coexistiram e coexistem em círculo, para que cada uma possa se ver.

Assim como também deve acontecer no processo formativo. Bem como este formato de círculo aberto, evidenciamos que esse processo não acontece de forma linear, nem a base de coerção. Ele possui entrada e saída, fluidez. Momentos de início, pausa e retomada. E o fato de ter duas linhas formando-o, uma de frente para a outra, reforça a convergência de saberes que existe ao compartilhamos uns com os outros.

E a linha com traços marajoara feita de uma mais forte e outra mais clara por trás, refere-se a essa união do entre e com lugar, pois ao unir as duas palavras, “origina-se entre-lugar do ponto de vista linguístico e semântico. Mas do ponto de vista didático-pedagógico, da experiência formativa, profissional, há muito mais densidade a ser explorada, representa muito mais do que a junção de dois termos” (Nogaro; Kuhn; Moreira, 2021, p. 2). Densidade está que nem sempre é quantificável ou perceptível, mas que existe e ocupa seu lugar.

E por fim, como essa margem de rio, esta linha ao meio também representa o entre-lugar como um terceiro espaço, que é um espaço de conexão entre o lado de lado e o lado de cá, mas que por si só, também é um espaço, um tempo de passagem (Bhabha, 1996). Espaço que é visível, mas nem sempre todos compreendem suas nuances. Como as águas da Baía do Guajará, ora calma, ora agitada, que apesar de muitos a verem, nem todos têm a oportunidade, a coragem e o privilégio de percorreram. Ainda bem que por essas águas, eu naveguei.

Diante da pesquisa que estamos desenvolvendo (pois ela não se finda com a dissertação), para o tema do nosso primeiro episódio do *podcast*, analisamos as primeiras cartas escritas pelos residentes e pelas preceptoras para verificar qual a temática estava mais comum nessas escritas. Entre as temáticas apresentadas, encontramos os desafios na formação docente, a relação e história com EAUFGPA, a prática da leitura literária, a trajetória da formação docente, etc.



Quadro 41 – Organização geral dos episódios do *podcast* vozes docentes

<b>Organização dos episódios</b>				
Criação, redação e locução: Jessika Assiz Revisão textual: Elizabeth Orofino Captação de áudio: Danilo Ferreira Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará Edição de áudio: João Victor Estácio (criador, técnico e produtor de áudio da Estácio LAB)				
	<b>Temática</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>	<b>Duração</b>
<b>1º Episódio</b>	Conhecer sobre o <i>podcast</i> . Inspirado no <i>podcast</i> Rádio Novelo porque foi criado? quem são as histórias contada por quem	“ <i>Podcast</i> Vozes Apresenta: De onde falo, tu me escutas?”	Narra de forma contextualizada, sobre quem eu sou, e como caminhei para chegar até aqui, trazendo dentro das características da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015) e da pesquisa narrativa criativa (Lucio, 2022) a dimensão autobiográfica, autoformativa e ficcional para enredar a história destes episódios e do que se trata este <i>podcast</i> sobre o que é a indução pedagógica na alfabetização.	12 min.
<b>2º Episódio</b>	A primeira experiência na Escola de Aplicação da UFPA	“O que passa e se passa pelos muros e grades da escola?”	Narra de forma emocionante a primeira vez que este grupo de coautores sujeitos pisaram dentro da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará para vivenciar o processo formativo da indução pedagógica na alfabetização.	12 min.
<b>3º Episódio</b>	O dia que nos encontramos pela primeira vez com as crianças e com o processo de alfabetizá-las.	“E agora, por onde eu começo a alfabetizar?”	Narra o primeiro encontro entre os principais personagens desta experiências: crianças, estudantes da graduação e professoras alfabetizadoras para iniciar, no dia a dia da escola, o processo de alfabetização com as crianças.	12 min.
<b>4º Episódio</b>	Estar na escola é poder vivenciar todas as experiências que ela nos proporciona, e com isso, ressignificar a prática docente e a formação dentro da indução pedagógica	“Na alfabetização, os dias são sempre de bons trabalhos?”	Narra um dos desafios presentes na prática docente: o processo de aprendizagem e ensino dentro da educação inclusiva, especialmente quando está relacionado com crianças que possuem deficiência. Não é fácil, mas é possível.	12 min.
<b>5º Episódio</b>	A perspectiva discursiva de alfabetização e o	“A história que eu conto também acontece em outro	Narra a experiência formativa com o teórico Celestin Freinet e principalmente com a autora	12 min.



	trabalho com a literatura infantil alicerçam a relação teoria-prática-teoria	canto?”	Ana Luiza Smolka dentro da perspectiva discursiva de alfabetização por meio da literatura infantil juvenil, especialmente trazendo autores indígenas.	
<b>6º Episódio</b>	Contar o que experienciamos é muito mais do que usar palavras. Contamos o que sentimos, pensamos e aprendemos. As palavras para isso, nós ainda estamos inventando.	“Ao passar pelo portão da escola, será que a alfabetização sai de mim?”	Narra o encontro entre a Educação Básica, o Ensino Superior e a Pós-graduação por meio do encontro formativo no auditório do Programa de Pós Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior. E de forma autoral e resumida, mostrando no sentido Larrosiano, as experiências que os tocaram e atravessaram durante esses onze meses.	12 min.

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

Para materializar e socializar este *podcast*, que também é um projeto de formação, plano de trabalho, estudo, sonho e uma homenagem, ele ficou organizado como mostra o quadro acima. Para ler o roteiro na íntegra de cada episódio, basta ir à seção de apêndice desta dissertação

Como procedimentos metodológicos para a criação dos conteúdos, o primeiro passo foi, por meio da análise das cartas, escolher os assuntos que mais foram sobressalentes e conectados com nossos propósitos durante a pesquisa. Como se trata de um *podcast* inicial e piloto, e também pela questão do tempo, não teria como trazermos todas as experiências vivenciadas ao longo destes onze meses, mas escolhemos trazer, como uma amostra inicial, aqueles que nos atravessaram e nos tocaram diante da formação na indução pedagógica na alfabetização.

Depois, o segundo passo foi, por meio das cartas, selecionar os trechos de cada uma que versavam sobre estas temáticas. O terceiro passo foi organizar, no documento, os trechos mais relevantes de acordo com o tempo estabelecido. O quarto passo foi construir a organização da concepção estrutural do *podcast*. O quinto passo foi criar os roteiros de cada episódio do *podcast*, e sua, o qual foi baseado em Barbosa (2023) e também em Gonçalves (2020).

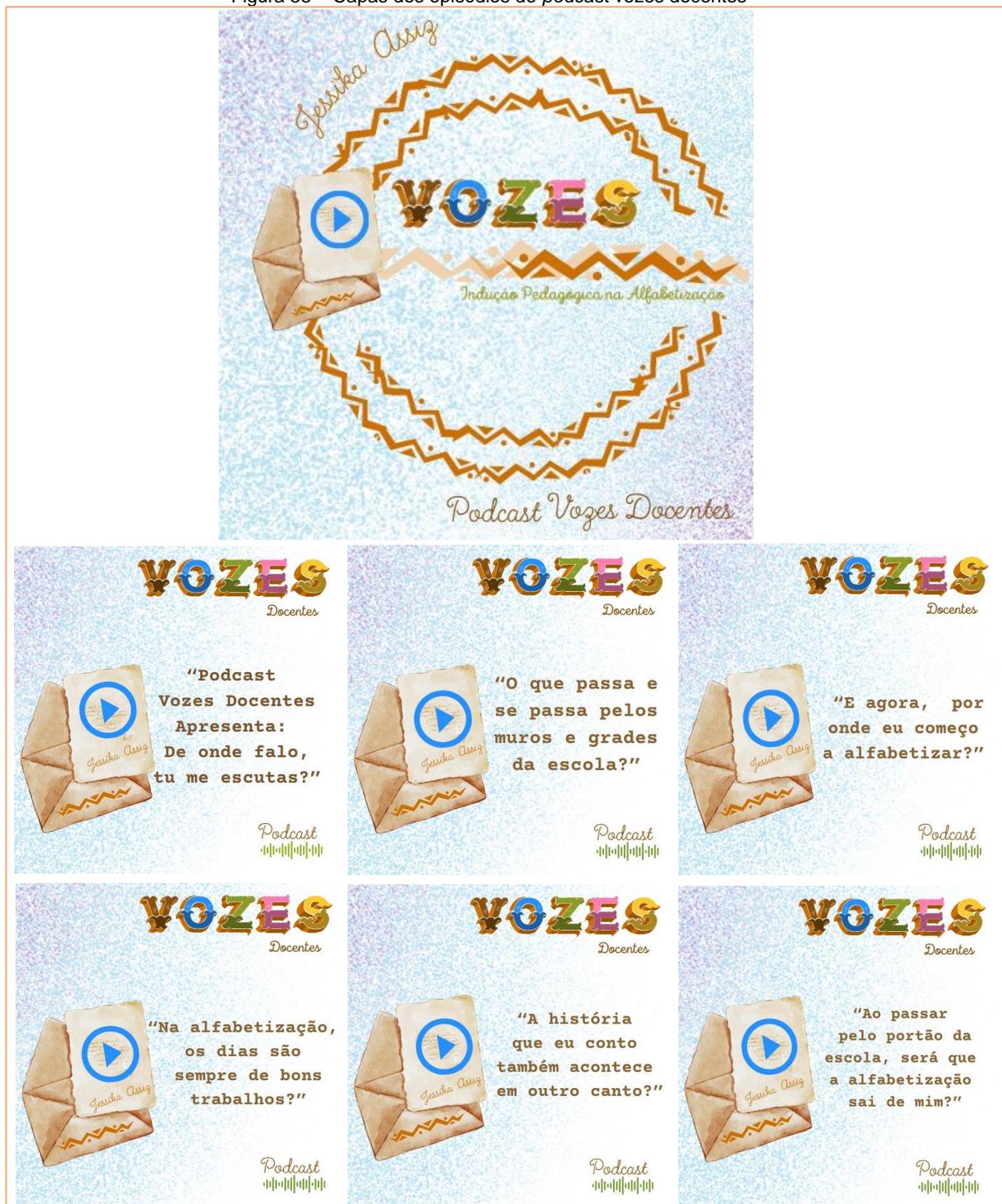
O sexto passo foi fazer a captação ou gravação dos episódios no Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará. O sétimo passo foi



fazer a edição do áudio, que ficou sobre comando de João Estácio (LAB Estácio), para então, enfim, ter o produto educacional *Podcast Vozes Docentes*: narrativas de indução pedagógica na alfabetização. E último passo será o armazenamento e distribuição na plataforma do *Spotify*.

Desejo que vocês também apreciem, pois eu estou aqui para falar das experiências do chão da escola, do chão da sala de aula. E quem irá falar sou eu, aquela que esteve lá, que se formou lá, que ouviu o que a escola tem a dizer e com ela conversou. Por isso, tire seu sapato, pise no chão da escola. Abra seus braços e acolha o que acontece na alfabetização. Atenção, a história vai começar. A porta está aberta, vamos entrar?



Figura 55 – Capas dos episódios do *podcast* vozes docentes

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

O *podcast*, ao menos para mim, não apenas me conecta com outras pessoas, me conecta principalmente comigo mesma. No sentido de autoconhecimento, autoformação na autobiografia. Competências fundamentais para o processo de aprendizagem e de ensinagem. Conhecer sobre si interfere sobre como me relacionar com o outro. Pois, como menina aprendi que o tempo atravessa e ensina. E como mulher, aprendi que o tempo atravessa e marca.

Então que esse *podcast* atravessasse, ensine e toque vocês. Assim, eu te convido a se perguntar: o que tens deixado te atravessar?

Jaiara, assim como eu ( e assim como esperamos que vocês também tenham feito) escutou até o último episódio do nosso *podcast*. Repetia sem parar: “te encontro do outro lado da margem do rio” e sua mente assim como sua boca, começaram a fervilhar com novas ideias:

– *Tia, nos próximos episódio eu já sei o que a gente pode fazer.*

E saiu falando. Sua empolgação e felicidade eram grandes, assim como as minhas. Após ela terminar de falar, eu senti o vento passar. E ele me falou certas coisas. Então, com voz calma e suave eu respondi para Jaiara:

– *Minha flor, um dia, continuaremos todas essas nossas ideias, as suas e as minhas, e vamos colocar em prática. Mas lembra aquilo que eu te disse uma vez sobre ouvir e ver o tempo passar? Esse é o momento para isso. Muitas nuvens passaram por nós e muitas raízes ficaram em nós. Precisamos compreender e refletir o que cada uma delas significa para nós, especialmente para mim, neste processo. E para aqueles que também nos ouve. Temos que nos perguntar, o que vem nos atravessando e o que fica em nós como diz Larrosa (2002).*

– *Ta bom, tia, vou esperar o vento passar e ver o que ele tem pra me dizer. Mas a senhora pode compartilhar comigo o que tens escutado desde então?*

– *Claro, podes pegar aquele envelope em dentro daquela caixa? Dentro dele contém nosso próximo episódio, ele foi especialmente para nós.*





# EPISÓDIO 8

## ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO

*“Eu estou mudando. Transformando.”*

*(Camila Mendes)* 



## EPISÓDIO 8

### ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO

Belém do Pará, 31 de maio de 2024

Salve a formação!

Salve a indução!

Salve a alfabetização!

Estimades leitores e ouvintes,

Desde cedo passei a navegar pela Baía do Guajará e encontrei no solo da Ilha do Marajó, minha terra de afeto. Com búfalos brinquei, mangas catei e cerâmicas pintei. Já ouvi a Matinta cantar, senti o cheiro de querosene queimar e pão caseiro a me deliciar. Abacaxi, café, peixe, caranguejo e queijo do marajó, em nossa mesa nunca podem faltar.

Ouvia meu avô na rádio falar, minha avó na cozinha a prosear, e os vizinhos na frente de casa a contar : histórias do povo salvaterrense, do povo marajoara, do povo de resistência que sabe sua vida trilhar. Meus pés por essas terras caminham e meu coração nesta terra se criou. Nas águas de seus igarapés e praias me banho desde pequena, e mulher adulta não me canso de repetir essa cena.

E eu estou aqui para falar das experiências do cotidiano da escola-vida. E quem irá falar sou eu, aquela que está na escola, que se forma a partir do que ouve e conversa com ela. Por isso, te convido a tirar seu sapato e a pisar no chão da escola. Abra seus braços e acolha o que acontece na alfabetização. Atenção, a história vai começar. O navio vai zarpar. A rampa está esticada, vamos entrar?



De todas as histórias que eu ouvia quando eu era criança, aquelas que eu mais gostava, eram as histórias de gente de verdade. Gente assim, que nem a gente sabe?! Por exemplo, a minha mãe, o meu avô, o seu pai, o seu tio, a minha avó, o seu irmão, a sua irmã. Essas histórias, nem sempre tem princípio, meio e fim. As vezes nem é assim perfeitinha, sabe. Mas eu gostava, ô. E gosto até hoje, porque a vida, a vida mesmo, ela é assim (Ester Sá<sup>68</sup>, 2020).

Para quem já me conheceu, eu vou mais uma vez me apresentar, mas de um jeito diferente, te convido a se chegar. Eu me chamo Jessika Assiz e a minha história para ti eu vou contar. É a história de uma menina de pele bem branca, branca como a raiz da mandioca<sup>69</sup>. Ela mora em uma casinha que é rodeada por água e isso faz com que possa ir para o Norte e para Sul, para o Leste e para o Oeste, a hora que ela quisesse.

Essa menina é livre. Ama andar descalça, comer manga, pegar jambo, tomar banho de igarapé, rio e praia, dançar, escrever, égua, quanta coisa ela ama fazer!

Mas tem uma coisa que ela ama mais que tudo fazer, a mais especial. Tu sabes qual é? Eu te digo: é conhecer caminhos e viver histórias. A cada nascer do sol, ela via lá da sua casinha, raios brilhando, como aquelas histórias que os avós sempre contavam.

A mãe e a irmã toda vez perguntavam:

– *Que tu vês de tão especial nisso, menina?*

E ela sempre respondia:

– *Tchaaaa, caminhos.*

Alguns meses depois chegou um belo forasteiro que quis ficar. E logo saiu a contar as histórias que tinha visto ao caminhar. Ele começou a contar que os caminhos por esse mundo são infinitos, como a quantidade de estrelas no céu. Tu sabes quantas são? Eu nem consigo imaginar. A menina então começou a pensar sobre aquilo.

<sup>68</sup> Ester Sá é natural da cidade de Belém do Pará. É atriz, contadora de histórias, encenadora e cantora.

<sup>69</sup> É uma planta.



O tempo foi passando, as coisas foram mudando, se transformando. De menina ela se tornou uma mulher. E um dia ela resolveu se arrumar. Comprou uma passagem de navio e foi navegar. Ela não sabia o que iria encontrar, nem por quais águas ela iria passar. Mas deixou a natureza lhe guiar. Foi guiada pelo vento, pelo perfume das flores ... e até pelo cheiro forte de mato queimado.

Ela não estava mais ansiosa e nem preocupada pelo que iria encontrar, o que ela queira, ou melhor, tinha aprendido, era apreciar: a beleza do vento, o toque das flores, da água, do fogo e do chão. Sabe o chão que sempre está ali esperando que a gente pise e caminhe por ele?! Então para quem ainda não entendeu, eu vou logo dizer: essa menina, essa mulher sou eu.

Trago nas veias do meu sangue, nas raízes da minha alma e nas teias do meu coração a Ilha do Marajó e Belém do Pará. Sou mulher nortista, filha de uma cidade repleta de mangueiras, neta de uma ilha cercada por cerâmicas marajoaras, e bisneta de uma terra cheia de balões de São João. Nortista de Belém do Pará com muito orgulho e marajoara com muito afeto! Eles trazem a força e leveza na morada dos dois dentro do meu ser.

Este meu ser que também abriga uma criança, uma alfabetizadora, uma pesquisadora, uma narradora e uma servidora pública. O entremeio de muitas, que me fazem ter, para além de um compromisso educacional com responsabilidade social, política, epistemológica, metodológica e afetiva.

Nestes meus 10 anos de docência no serviço público federal na alfabetização da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFP), onde nos últimos 5 anos deles me enxerguei e me tornei uma professora alfabetizadora com o Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório Serião das Águas (GEPASEA/UFP) e que marca meu início dentro da pesquisa e dentro da acadêmica com autoria docente, encontro-me com a pesquisadora e narradora mestranda no Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior (PPGCIMES/UFP).



Todas essas identidades que também possui suas conquistas e buscas, mas que também possuem seus bloqueios e entraves. E isso acontece porque eu também estou aprendendo, formando e me formando, pois me coloco e me reconheço nesse lugar de ser uma “sujeita da experiência”, que se permite aprender com as experiências vivenciadas, seja de forma inicial, transitória ou constante.

Assim, um bloqueio iniciou quando me encontro com a metodologia de escrita tecida com vocês aqui chamada Pesquisa Narrativa Criativa, de autoria de Elizabeth Orofino no ano de 2020 (no prelo). Um bloqueio, uma confusão, uma parada brusca, igual barco que fica ilhado em um banco de areia, me senti assim diante desta metodologia. Eu conseguia enxergar que tinha tudo para sair daquele estado, via água ao meu redor, via as paisagens que me cercavam, mesmo que de forma não nítida, e os cursos d'água que me levariam a outros lugares, mas não consegui sair.

Foi então que ao longe, ouvi um chamado. Uma voz. Dita por duma voz diferente mas com conteúdo familiar. A voz de uma mulher, da minha orientadora Elizabeth Orofino, que dizia uma chamada de rádio, lembrou-me de meu avô. E assim, o navio desencalhou, ou melhor, a escrita avançou. Foi por meio do dispositivo metodológica da escrita autobiográfica que hoje, tudo aquilo que foi compartilhado contigo pode ter sido escrito.

Escrever nesta metodologia que esta alicerçada em 3 dimensões (a autobiográfica, a autoformativa e a ficcional criativa), não é apenas uma escolha de escrita, que por si só já é muita coisa, mas também é uma escolha de pesquisa, de ato, de entendimento formativo e de vida. Escrever na metodologia da pesquisa narrativa criativa requereu de mim, ou melhor, de nós<sup>70</sup>, um novo olhar sobre a forma de se viver nossas pesquisas e nossas aprendizagens.

---

<sup>70</sup> Esta dissertação é a terceira que escreve dentro desta metodologia que foi criada pela Profa. Dra. Elizabeth Orofino para o PPGCIMES. A primeira é de autoria de Layanne Aviz sob o título “Das telas para as narrativas transmidiáticas: uma proposta de ensino de Língua Espanhola na cibercultura” (2020) e a segunda de autoria de Natália Lameira, intitulada “Inovar, criar e narrar: ensino e aprendizagem intercultural Waro” (2023), ambas abordando o campo da linguagem dentro da língua espanhola. Portanto, essa minha dissertação torna-se a primeira dentro do campo da alfabetização e

Assim, no encontro com esta pesquisa e especialmente com esta metodologia cobrou de mim atitudes importantes: manter aquilo que me cabia agora como pesquisadora e abandonar aquilo que não me cabia como pesquisadora, sair da minha zona de conforto e entrar em uma zona de desconforto, explorar o desconhecido e refletir sobre o conhecido, respeitar quem eu era e abraçar quem estou me tornando, desconfiar do processo para confiar na minha autoria docente e me perder na pesquisa para me encontrar com ela. Me provocou a um ressignificar da Jessika, da alfabetizadora, da servidora, narradora e pesquisadora.

O que posso, com toda afetividade dizer para ti, caro leitor e ouvinte, é que isso não foi um processo fácil, mas foi revolucionário para mim, ao ponto de que hoje, até consigo me ver fazendo pesquisa de outra forma, mas não é o que eu quero. E como a pesquisa narrativa me ensinou: da feita que o pesquisador se encontra, ele consegue se ver de outra forma que não seja como se vê agora. A pesquisa narrativa criativa, no entanto, me fez ver para além disso: consigo me ver como outra, consigo me ver desenvolvendo com outra pesquisa, mas ainda sim não quero. E isso para mim, diz tudo.

Por isso, diante desta abertura essencial dentro da minha formação docente que me encontro. A minha abertura essencial é aprender. Escolha que apesar de muito valerosa não é fácil. Assim, como uma menina perguntadeira e desbravadora que sempre fui, me lanço ao diante do conhecido-desconhecido por mim. E neste processo, deparo-me com a indução profissional docente na alfabetização.

Após realizar como uma verdadeira caça ao tesouro uma Revisão Sistemática da Literatura em 9 diretórios no recorte temporal de 2013 a 2023, a qual durou 11 meses, nos mostrou a seguinte paisagem: dos mais de 2.559 trabalhos publicados, 23 e falam sobre indução profissional docente. E deste 23 apenas 3 falam sobre a indução docente na alfabetização, sendo um do ano de

---

da indução pedagógica que escreve com base nesta metodologia. Um passo importante para mim e para aqueles que virão depois de mim, como professora Elizabeth costuma dizer.

2022 na região sudeste e dois no ano de 2023 na região norte, sendo que estes dois últimos são de autoria minha com a orientadora desta dissertação. Fatos que me fazem perceber a relevância da efetivação e desenvolvimento do *podcast* e do projeto piloto vozes docentes: narrativas de indução pedagógica na alfabetização.

Inicialmente, ressalto o fato de sermos pioneiros neste percurso foi desafiador e transformador, pois pela primeira vez que dentro da Escola de Aplicação da UFPA, construímos de forma autoral um conjunto de experiências formativas dentro dos encontros enredados que foram vivenciadas dentro da indução pedagógica na alfabetização em duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental.

Por considerarmos este viver tão necessário e único dentro da formação humana docente é que propomos esta viagem, ou melhor, pesquisa. Viagem que volta ao passado para honrar suas raízes e compreender o presente. Que se atenta ao presente como o tempo de agir e mudar. E que vislumbra no futuro uma possibilidade de renovação e formação dentro da indução pedagógica na alfabetização. Isso me lembra a menina Jaiara e a alfabetizadora Ruth de Araruna, que se encontraram comigo com esta finalidade, assim pelo menos eu acredito.

Desta forma, ao considerar a pesquisa desta maneira, nossa questão problema ou pergunta impulsionadora, sendo-a: “De que forma é possível construir um processo formativo de indução pedagógica no campo da alfabetização alicerçado na experiência e na perspectiva discursiva?” vem até mim novamente, com um vislumbre do passado e uma recordação de um futuro. Para isso, nos cadernos que certa menina escreveu, encontro mais uma vez com o objetivo que nos propiciou responder até esta pergunta: construir um projeto inicial de formação docente dentro da indução pedagógica na alfabetização. Algo que se tornou possível de ser realizado e vivenciado.



Principalmente por termos nos agarrado feito tirador de açaí no referencial teórico baseado em: Nogaro, Kuhn e Moreira (2021) que versam sobre a concepção de indução docente para qual este projeto está voltada (período dos dois últimos anos da graduação até os cinco primeiros anos pós formação inicial); Larrosa (2002) sobre o conceito de experiência sendo aquilo que nos toca e nos atravessa, e não tudo aquilo que nos acontece; Smolka (2012) com a alfabetização discursiva, especialmente no trabalho com a literatura infantojuvenil para a inserção da criança no mundo da cultura escrita; Clandinin e Connely (2015) com a metodologia da pesquisa narrativa e Lucio (2020, no prelo) com a metodologia de desenvolvimento da pesquisa narrativa criativa e Morais (2024) com a escrita autobiográfica como dispositivo metodológico de vida, formação e pesquisa.

Não apenas grandes inspiradores teóricos, mas incomparáveis companheiros de viagem. Em cada porto que paramos, cada um deles foi subindo nesta viagem. Tu já viajaste para Breves ou Muaná na Ilha do Marajó? Para chegar lá, o trajeto é longo, e mesmo que cada um faça parte da mesma Ilha, os portos são diferentes em cada um. Em nosso projeto não embarcaram apenas um grupo característicos, nela tem espaço e foi feito para comportar: docentes do Ensino Superior, docentes alfabetizadores da Educação Básica e estudantes de licenciatura do curso de pedagogia que estão no final da sua graduação.

Com isso, vimos ser importante e necessário traçarmos nosso farol dentro do projeto, que teve como elementos principais:

- d) Nomenclaturas que valorizem e expressem o vocabulário regional com palavras paraense e marajoaras;
- e) Foco na indução pedagógica na alfabetização;
- f) Autores-Sujeitos da pesquisa em parceria com as alfabetizadoras, crianças e professores do ensino superior;
- g) Quatro princípios formativos:



- h) Período temporal expansivo (de acordo com a pesquisa narrativa)
- i) Quatro tipos de vivências formativas: poranga, igarité, cuira e nem te conto!
- j) Cinco tipos de encontros formativos enredados (entremeio, entre alfabetizadoras, alfabetizador, coletivos e do brincar)
- k) Metodologia de pesquisa alicerçada na Narrativa (Clandinin; Connelly, 2015) e na Narrativa Criativa (Lucio, 2020, no prelo), sendo a autobiografia, a ficcional e a autoformativa dimensões de escrita e pesquisa desta última;
- l) Registro de acordo com a metodologia da pesquisa: documentação pedagógica narrativa;

Por isso, somente navegar não se torna amplamente satisfatório, também precisamos registrar e compartilhar o que vivemos. Assim, nossa comunicação que iniciou pela rádio, também se encontra com as cartas como documentação pedagógica narrativa e neste porto encontramos com Suárez (2017). Foram ao total 89 cartas escritas neste percurso, sendo as 9 últimas, escritas após o tempo da experiência larrosiana ter acontecido e nos atravessado.

Carta que comunicação a palavra subjetiva de um ser que se pronuncia de modo misterioso e ativo para o mundo, para os seus. Que versam experiências subjetivas, mas que são coletivas, que versam memórias de uma vida vivida que se torna eterna, que é lida de uma forma, e nunca mais lida desse jeito. Lembrei-me das cartas de Ruth de Araruna, das cartas para Julieta, das cartas de protestos, das cartas de saudade e, das cartas abertas. As cartas falaram conosco e nós falamos por meio das cartas, o nosso pulsar da documentação narrativa.

E neste nosso modo de dizer o que vivemos e registrá-lo, conseguimos ao ler cada uma das 80, identificar que as categorias formativas que mais estavam presentes nos discursos dos estudantes de pedagogia durante o período

de indução pedagógica na alfabetização foram: experiência, afetividade, alteridade e relação estudante-docente e estudante. Foram 37 categorias diferentes expressadas, mas estas 4 permearam e atravessaram os 4 tipos de vivências que tivemos durante nossa jornada. E dentro delas, ressaltamos como a experiência, categoria fundante de nosso projeto de acordo com Larrosa (2002) se manifestou em seus escritos.

Ao sentir as últimas nove cartas que foram trocadas entre eu e os estudantes da pedagogia após 8 meses que cada um desceu em seu porto e seguiu sua viagem, muitos nos mostram o quanto o projeto foi importante para a formação pessoal e profissional, especialmente porque somente a graduação não daria conta.

Ressaltaram que a imersão na realidade escolar fez toda a diferença para lhes trazerem mais segurança e autonomia na prática docente e na relação com as crianças, que as trocas dialógicas entre eles foram o principal incentivador para continuarem a viagem, que a alfabetização na perspectiva discursiva e o trabalho com a literatura infantojuvenil oportuniza práticas mais contextualizadas e correntes com o processo de aprendizagem de cada criança que é ouvida e atendida;

E que a base teórica forte, especialmente antes de adentrar a sala de aula com as crianças, ressaltando os teóricos Celestin Freinet e Ana Luiza Smolka, sendo o primeiro conhecido por eles e por mim, mediante a pesquisa de campo, tornou-os mais seguros em suas práticas e escritas acadêmicas; E por último, apesar de nem todos terem conseguido publicar artigos neste período, é evidente, como mostram em suas escritas, as que foi fomentado e desenvolvido a autoria científica de cada, do seu jeito e no seu tempo.

Mas toda viagem passa por marés calmas e turbulentas. E sobre as turbulentas, também preciso mencionar. Por se tratar de uma viagem dentro do mestrado, o tempo para percorrê-la por ele mesmo já exige de nós bastante entrega, especialmente pelo seu tempo limitado. E como o percurso da viagem



foi extenso, precisei, pela primeira vez pilotando um navio, ganhar experiência, familiaridade e habilidade com a roda do leme desta embarcação, a qual é feita da metodologia narrativa, da pesquisa narrativa criativa, da indução pedagógica, temas novos e que conheci durante este percurso.

Além disso, o fato de os estudantes estarem vivenciando o período final da sua graduação, também trouxe demandas acentuadas para eles, o que requeria constantemente um contato e lembrança minha para que nossas trocas de cartas não fossem perdidas. Somado a isto, tanto a questão do tempo, as demandas e o equilíbrio de agenda com outros profissionais para a gravação do *podcast*, não consegui apresentá-lo em sua versão final para que os estudantes avaliassem de modo mais preciso, porém, ainda irei fazer isto.

E infelizmente, devido as próprias demandas do mestrado e da vida, não consegui me aprofundar na metodologia da pesquisa narrativa com adensamento teórico mais profundo e nem acompanhar as vivências que eles tiveram na turma com as crianças de modo mais enfático. E por fim, o *podcast*, nosso produto educacional, não consegui que em tempo hábil eles me dessem os seus posicionamentos sobre como ficou e fazer um episódio inteiro dedicado a Clestin Freinet. Mas de forma alguma, tais águas turbulentas fizeram desta uma viagem rasa, pelo contrário, como dizem, mar calma nunca fez bom marinheiro, e no caso, marinheira.

Tenho aprendido muito nesta minha jornada e sei que ainda tenho muito a aprender. E dentre essas singelas e impactantes coisas que aprendi, é que saber ouvir e dizer são duas coisas extremamente importantes. Mas, não somente ouvir e dizer, e sim como ouvir e como dizer por meio de nossas vozes.

Voz...vozes...ecos...escolhas...posicionamentos.

O que será a voz? Será que a voz ouvida é a mesma da voz falada? E a voz escrita, onde ela se encaixaria? Escuto sempre uns discursos que nesta jornada aprendi a problematizar “estamos dando a voz as crianças”, “vamos dar a voz as mulheres”, “vamos dar voz ao povo” “pode dizer, eu deixo você



falar". "Tudo bem, sua fala não me atinge?" Como alguém pode pensar que a voz é algo que se dê, se permita o outro ter ou não seja tocado por ela de algum modo? Mas, lembre-se, estou falando de uma voz que vai para além do seu ato funcional biológico.

Por isso, indago-me a pensar: do que será constituída essa voz que aparentemente muitos tem poder sobre ela? Será a voz algo que pertence ao outro e não a si mesmo? Ou pertence a si mesmo porque também pertence ao outro? Será que a voz, de modo genuíno, é apenas uma forma de comunicação ou uma forma de existir?

Diante destas reflexões, considerado a voz como nossa forma de ser e estar neste mundo. Um voz composta por um eu, um nós e um mundo. Repleta de política, sentido, atos, afetos e desafetos. Impressa com a subjetividade que carrego dentro de mim, em um entremeio daqui que fui, sou, estou sendo e serei.

Aprendi, nesta jornada ainda simples, mas com extraordinárias aprendizagens que a minha voz é como um grande mosaico de outras vozes que estão em mim. Onde então eu percebo a minha voz? No resplendor de traços e cores únicos criado por este mosaico. E é este resplendor que aprendi a ouvir e a dizer. Por isso, escolhi trazer a vocês minha voz como pessoa, professora, alfabetizadora e pesquisadora.

Como pessoa, passei a valorizar minha história autobiográfica como valorização da minha ancestralidade familiar marajoara mas e como dispositivo da minha formação. Como professora a compreender meus dizeres e aquilo que de fato necessita de olhar para dentro do campo educacional e da formação docente, onde debruço-me a estudar. E assim, expandir minha voz com autoria docente que tenho, especialmente no serviço público federal.

Como alfabetizadora a afirmar que dentro da perspectiva discursiva é que minha práxis está fortemente ligada, pois a percebo como um tempo-espaço dentro da formação da criança que oportuniza experiências educacionais onde a oralidade, a leitura e a escrita são impulsionadoras do desenvolvimento de



seus saberes, de forma afetiva, literária, autoral e subjetiva, pois sendo ato político, coletivo e individual, a alfabetização proporciona que a criança esteja dizendo e escrevendo sua própria voz.

E como pesquisadora, ao entender que não existe pesquisa aplicada e sim implicada, que existe uma relação de horizontalidade entre a Universidade e a Educação Básica, que no processo formativo durante a pesquisa é necessário estar imerso na realidade que se pesquisa, conforme que Lucio (2016) já preconizava.

Além disto, como pesquisadora, aprendi que pesquisar sobre a minha prática docente e publicá-la é necessário, tanto por mim como pelos outros, que possuo coautoria nas pesquisas que também dizem sobre isso, que um título não me garante como pesquisadora e sim como me constituo durante este período, as conexões teóricas que passo a fazer, e o aprofundamento teórico que faço durante a caminhada. É o ato de ser pesquisadora que me dá o título, e não o contrário.

Assim, para ser pesquisadora precisa de tempo, compromisso e qualidade. Preciso estar em um lugar que observo e reflito ao mesmo tempo que estou no lugar que atuo e pratico. Que busco uma interlocução não com sujeitos ou público alvo, mas que os vejo como praticantes da pesquisa, pois por mais que seja eu a conduzir o leme, sei que, durante a formação, outros também poderão se tornar capacitados a conduzir seus próprios lemes.

Diante dessas alumiações, pretendo sim continuar a navegar, por novas águas e outros cursos d'águas, mas ainda dentro do navio da indução pedagógica na alfabetização, pois quero, seguindo a maré, em conjunto :

- a) Fazer uma revisão sistemática da literatura e um estado da arte a nível internacional sobre esta temática;
- b) Implementar dentro da instituição UFPA e EAMFPA, o projeto de ensino que precisa ser finalizado via edital público;



- c) Adentrar nas águas do doutorado, especialmente com publicações de artigos e apresentação de trabalhos de forma mais frequente;
- d) Trazer o *podcast* de forma mais ativa e frequente como um projeto de ensino-pesquisa-extensão-inovação para a formação docente na alfabetização discursiva na EALFPA em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório Sertão das Águas e a UFPA;
- e) Experenciar mais de perto as práticas dentro da indução pedagógica com as crianças e com os estudantes da pedagogia;
- f) Atuar também dentro do ensino e da pesquisa na Universidade pública.
- g) Submeter e implementar projetos formativos via editais públicos ofertados pela CAPES que aborde sobre a autobiografia como processo formativo;
- h) Ter carga horária disponível como docente federal para atuar no Ensino Superior e na Educação Básica, como já acontece em tantas outras escolas e colégios de aplicação;
- i) Me portar e ser reconhecida como professora, alfabetizadora e pesquisadora dentro do serviço público federal.

Os dias estão se passando e eu continuo a navegar, às vezes orientada pelo sol, outras pela luz do luar, que apesar da escuridão, muito tem a me ensinar. De pôr do sol em pôr do sol continuo a apreciar. Até que então, chego ao porto final desta viagem.

Neste nosso último episódio, aquele que marca o ponto de chegada de uma jornada e a possibilidade de ponto de partida para uma nova, começo a rememorar as aprendizagens vivenciadas e a tecer os vislumbres de uma próxima jornada, que é individual, mas também é coletiva. Uma jornada traçada por um navio que é povoado por gente.

E dentro do meu navio, o rádio continua a tocar porque junto com ele tem gente, tem vida, tem histórias, tem memórias e tem afetos. E o *podcast*



também continuo a ouvir, porque junto com ele tem sonhos, tem experiência, tem coletivo, tem formação, tem indução, tem alfabetização e tem a minha presença. Mas as vezes, durante a viagem, o silêncio também continua a estar porque nele tem tempo, tem aprendizagem, tem amadurecimento, tem atravessamento e tem sentimento.

Assim, conecto-me com a epígrafe desta pesquisa, que diz sobre mim e sobre o lugar de onde falo e tu me escutas: “para quem não me conhece, eu vou logo me apresentar. Me chamo Jessika Assiz, e a história de uma professora da rede pública de ensino, eu vou falar. Como pessoa e professora eu aprendi a me reinventar. Além de professora e narradora, passei a me enxergar como alfabetizadora e pesquisadora. Com a Ilha do Marajó e Belém do Pará, construí minha experiência. Com a EAUFPA e o GEPASEA, encontrei minha autoria docente durante a vivência. E com o PPGCIMES uma pesquisa, para fora da caixinha, experimentei dentro da ciência”.

Obrigada por me acolherem se ao menos me conhecerem. Eu pude mostrar um pouquinho quem eu escolhi ser e como a vida tem me ensinado a viver. Ah, e essa história eu ouvi na rádio, ouvi da minha família, ouvi de um livro, em um *podcast*. Mas o principal é que essa história eu ouvi ser contada e escrita por mim. Então para ti que agora um pouco me conhece, como Assiz que sou, eu digo: na escola, entre o céu e o chão, acontece a formação.

Com afeto,  
Jessika Assiz, a narradora, alfabetizadora e pesquisadora

.  
. .  
.



Em um abraço fraterno, Jaiara e Jessika se abraçaram. E o silêncio foi interrompido por uma voz, doce, um tanto baixa, mas ainda sim imponente:

– Com licença, eu estou procurando por algumas pessoas, em especial três, que construíram um *podcast* chamado vozes docentes. Disseram para minha filha e eu, que poderia encontrá-las aqui. Eu me chamo Ruth Butantã de Araruna.

Imagem 24 – Ilustração da Ruth Butantã Araruna, possivelmente chegando a EAUFPA



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024).

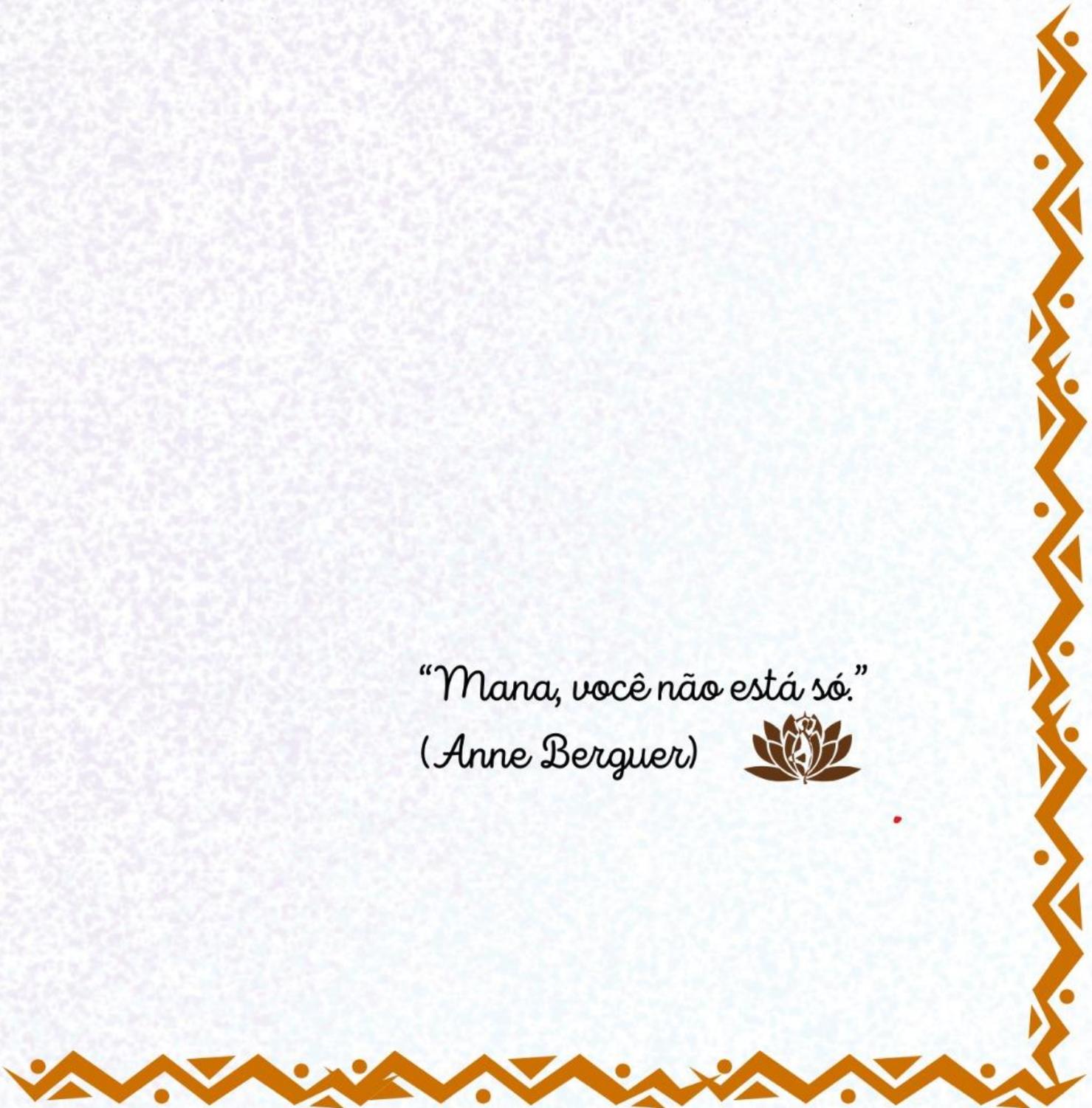




# REFERÊNCIAS

*“Mana, você não está só.”*

*(Anne Berquer)*



## REFERÊNCIAS (INTERLOCUTORES)

A HISTÓRIA do rádio: um veículo de tradição e eficiência. **Senac Rio de Janeiro**. 23 ago. 2017. Disponível em: <https://www.rj.senac.br/noticias/comunicacao/historia-do-radio-um-veiculo-de-tradicao-e-eficiencia/#:~:text=O%20r%C3%A1dio%20%C3%A9%20um%20ve%C3%ADculo,de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20de%20massa%20mundialmente>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ABC do Abridor. **Letras que flutuam**. Pará. [202-]. Disponível em: <https://www.letrasqflutuam.com.br/c%C3%B3pia-abc-do-abridor>. Acesso em: 2 nov. 2023.

AFONSO, Carlos. A. Internet no Brasil: alguns dos desafios a enfrentar. **Informática Pública**, v. 4, n. 2, p. 169-184, 2002. Disponível em: [http://www.pbh.gov.br/informaticapublica/ANO4\\_N2\\_PDF/ip0402afonso.pdf](http://www.pbh.gov.br/informaticapublica/ANO4_N2_PDF/ip0402afonso.pdf). Acesso em: 8 jan. 2023.

AJUSTES na digitalização do UFPA 20 anos. Foto de Osmarina. **Laboratório Virtual – FAU ITEC UFPA**, 11 jul. 2012. Disponível em: <https://fauufpa.org/2012/07/11/ajuste-na-digitalizacao-do-ufpa-20-anos/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

AMABILE, Teresa M. **Componential theory of creativity**. Working Paper 12-096. Boston: Harvard Business School, 2012.

AMBIENTE alfabetizador: entrevista com Ana Teberosky. 26 nov. 2008. Disponível em: <http://ambientealfabetizadorprofessor.blogspot.com/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

AMORIM, Marília. Temática da alteridade. *In*: AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2001. p. 23-91.

ANTUNES, Celso. **Na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ASHTON, Kevin. **A história secreta da criatividade**. Tradução Alves Calado. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

ASSIS, Jaime Corrêa de. **Menina moça**: um perfil de Salvaterra em Marajó. Belém: Graficentro, 199-.

ASSUNÇÃO, Maria Ângela Lima. TDICs e mediação no processo educativo. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO, 13., 2015, Pernambuco. **Anais** [...]. Pernambuco: SESC, SENAC, 2015. Disponível em: <https://intranet.pe.senac.br/dr/ascom/congresso/anais/2015/arquivos/pdf/comunicacao/oral/TDICs%20E%20MEDIA%C3%87%C3%83O%20NO%20PROCESSO%20EDUCATIVO.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BAKHTIN, MikhailM. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.



BARATA, Tito. Alfabetização na escola primária da UFPA no ano de 1963. [Entrevista cedida a] Jessika de Assiz da Silva. **Whatsapp**, abr. 2024.

BARBOSA, Carolina. Aprenda na prática como fazer um roteiro de podcast que funcione. **4revops Mkt4Edu**, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://www.mkt4edu.com/blog/como-fazer-um-roteiro-de-podcast-que-funcione-na-pratica> Acesso em: 26 nov. 2023.

BARRETO, Cíntia Costa. **Podcasts: o que os torna educativos?** 2023. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/62056/62056.PDF>. Acesso em: 1 mar. 2024.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENINCÁ, Elli. A formação continuada. *In*: BENINCÁ, Elli; CAIMI, Flávia Eloísa (orgs.). **Formação de professores: um diálogo entre teoria e prática**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 99-109.

BEZERRA, Juliana. Biblioteca de Alexandria. **Toda matéria**. [20–]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/biblioteca-de-alexandria/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

BIBLIOTECA. **Instituto de Psicologia da USP**. 2024. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/biblioteca/revisao-de-literatura/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. Podcast em educação: um contributo para o estado de arte. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL GALEGO PORTUGUÉS DE PSICOPEDAGOXÍA, 9., 2007, Corunha. **Anais [...]**. Corunha: Universidade de Corunha, 2007. p. 837-846. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7094/1/pod.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. Recomendações para produção de podcasts e vantagens na utilização em ambientes virtuais de aprendizagem. **Prisma.com**, Porto, n. 6, p. 125-140, 2008. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/3217/2916>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRANDÃO, Roberta. Do quilombo paraense para a Sapucaí: quem é Mestre Damasceno, o criador do Búfalo-Bumbá. **Nonada Jornalismo**, 20 mar. 2023. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2023/03/do-quilombo-paraense-para-a-sapucaí-quem-e-mestre-damasceno-o-criador-do-bufalo-bumba/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

BRASIL. **Decreto n.º 5.773, de 9 de maio de 2006**. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. 9 maio 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/decreton57731.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.



BRAUN, Jan Raphael Reuter; FIALHO, Francisco Antonio Pereira; GOMEZ, Luiz Salomão Ribas. Aplicações da criatividade na educação brasileira. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 575-593, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.17.052.AO03>. Acesso em: 27 jan. 2021.

BRONI, Thiago. **Escola de Aplicação 60 anos**: histórias, memórias e parcerias, 2022. Disponível em: <https://www.eaufpa60anos.com>. Acesso em: 29 dez. 2022.

BRUCK, Mozahir Salomão; COSTA, Clara Isabel de Andrade. Podcast serial: notas sobre acontecimento e processos de mediação. **Culturas Midiáticas**, v. 9, n. 17, p. 282-297, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/articloe/view/32051/16598>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BUSCARIOLO, Ana Flávia Valente. Texto livre e a livre expressão. *In*: ARENA, Adriana Pastorello Buim; RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda de (orgs.). **Diálogos com a Pedagogia Freinet**: fundamentos e práticas em movimento. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 171-196.

CAMPOS, Leidiane Rocha Leodoro; LAURINO, Claudia Maria Sahade; DIAS, Vera Lúcia Catoto; OLIVEIRA, Anamaria da Silva Martin Gascón. A construção do ambiente alfabetizador no ensino fundamental de nove anos. *In*: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 15., ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 11., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade do Vale do Paraíba, 2011.

CAPES. Programa de residência pedagógica. **Gov.br**: Ministério da Educação. 1 mar. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. **Ordenamentos de Documentos em Bibliotecas**: tipologia. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v. 29, n. 2, p. 125-144, abr./jun. 2019.

CARVALHO, Ana Amelia; AGUIAR, Cristina; MACIEL, Romana. Taxonomia de podcasts: da criação à utilização em contexto educativo. *In*: CARVALHO, Ana Amélia A. (org.). **Actas do encontro sobre podcasts**. Braga: CIEd, 2009. p. 96-109.

CARVALHO, Tamiris; ARMANI, Carlos Henrique. Renúncia de Jânio Quadros nas páginas dos jornais última hora (Porto Alegre) e a razão (Santa Maria). *In*: XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2012, Rio Grande. **Anais [...]**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2012.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.



COHEN, Líliam Cristina Barros; VENTURIERI, Leonardo Vieira. **Arqueologia musical amazônica**: catálogo de instrumentos tapajônicos e marajoaras pré-cabralinos do Museu Paraense Emílio Goeldi/ Museu Nacional. Belém: Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021. 91 p. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1029>. Acesso em: 10 fev. 2024.

COMO criar um roteiro para podcast? **HostGator**. 17 fev. 2023. Disponível em: <https://www.hostgator.com.br/blog/criar-roteiro-podcast/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

COMO escrever roteiros para podcasts: dicas e modelos para estruturar seus episódios. **Spotify for Podcasters**. 18 mar. 2022. Disponível em: <https://podcasters.spotify.com/resources/learn/create/how-to-write-podcast-scripts>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Glória Maria de; RENTERÍA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos Alberto. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cir.**, v. 34, n. 6, p. 428-431, nov./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/>. Acesso em: 19 set. 2023.

CORREIA, Evelline Soares. Colégios de aplicação pedagógica: sua história e seu papel no contexto educacional brasileiro. **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**, v. 9, n. 17, p. 116-129, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/download/619/pdf/1761>. Acesso em: 14 mar. 2023.

CREPALDI, Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva; FERREIRA, Sueli Heloisa Doriguetto. As possibilidades do uso de podcast no ensino superior: uma breve revisão. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/36113>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CURIOSIDADE: de onde surgiu o podcast? **Summer Comunicação**. 23 out. 2014. Disponível em: <http://summercomunicacao.com.br/blog/curiosidade-de-onde-surgiu-o-podcast/>. Acesso em: 2 mar. 2023.

DANTAS, Tiago. Web 2.0. **Brasil Escola**. 20---. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/web-20.htm>. Acesso em: 6 jan. 2024.

DOCUMENTÁRIO o Boi-Bumbá de Salvaterra e suas Comunidades Quilombolas. Dir. Guto Nunes. Marajó: [s. n.], 2023. 1 vídeo (54 min). Publicado pelo canal Gutunes Produções, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MEVyZurqrpK>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ESCOLA de Aplicação da UFPA: aparência. **World Orgs**. 2022. Disponível em: <https://br.worldorgs.com/cat%C3%A1logo/bel%C3%A9m/escola/escola-de-aplica%C3%A7%C3%A3o-da-ufpa>. Acesso em: 17 fev. 2023.

ESCOLINHA da Universidade Federal do Pará. Grupo de Guajará. **Facebook**. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/sconduru>. Acesso em: 10 fev. 2023.



FELIX, Carla Fernan Figueiredo; LISBOA, Patrícia Faria. Tecnologias digitais de informação e comunicação, prática docente e formação continuada de professores. **CIET: EnPED**, São Carlos, jun. 2018. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/726>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Aos que fazem a educação conosco em São Paulo. **Diário Oficial do Município de São Paulo**, São Paulo, v. 34, n. 21, 1 fev. 1989. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1027>. Acesso em: 1 fev. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação omnilateral. *In*: CALDART, R. *et al.* (orgs.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 267-274.

GEOGRAFIA africana em sala de aula é tema de debate na UFMG. **Universidade Federal de Minas Gerais**. 16 maio 2017. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/005773.shtml>. Acesso em: 14 jan. 2023.

GODWIN-JONES, Robert. Skype and Podcasting: disruptive technologies for language learning. **Language Learning & Technology [online]**, v. 9, n. 3, p. 9-12, 2005. Disponível em: <http://lt.msu.edu/vol9num3/emerging/default.html>. Acesso em: 1 nov. 2023.

GONÇALVES, William Teixeira. **O podcast como recurso pedagógico para professores de Ensino Religioso**. 2020. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão, Universidade Federal do Pará, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/13001/1/Dissertacao\\_PodcastRecursoPedagogico.pdf](https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/13001/1/Dissertacao_PodcastRecursoPedagogico.pdf). Acesso em: 11 fev. 2024.

GONTIJO, Cláudia. Verbete sobre alfabetização. **Revista Sede de Ler: Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE)**, v. 1, n. 1, p. 3, nov. 2010. Disponível em: <https://sededeler.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/11/sede-de-ler-digital-n-011.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2024.

GONZAGA, Luiz; FERNANDES, José. **Olha pro céu**. RCA Victor. 1951. 1 CD, faixa 6. Disponível em: <https://www.musicasesuashistorias.com.br/blog/olha-pro-c%C3%A9u-1951>. Acesso em: 11 fev. 2023.

GOODSON, Ivor. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In*: NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 2013. p. 63-78.



GOVERNADOR inspeciona porto e orla em Salvaterra, Marajó. **Agência Pará**, 20 jan. 2019. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/galeria/1288/governador-inspeciona-porto-e-orla-em-salvaterra-no-marajo>. Acesso em: 29 jan. 2023.

HISTÓRIA. **Prefeitura Municipal de Salvaterra**. [20–]. Disponível em: <https://prefeituradesalvaterra.pa.gov.br/o-municipio/historia/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

HISTÓRICO e estrutura. **UFPA: Universidade Federal do Pará**. 2019. Disponível em: <https://portal.ufpa.br/index.php/universidade>. Acesso em: 11 jan. 2023.

HISTÓRICO. **Escola de Aplicação [da] Universidade Federal do Pará**. 26 abr. 2022. Disponível em: <https://ea.ufpa.br/historicohttps://ea.ufpa.br/historico>. Acesso em: 12 out. 2023.

HISTÓRICO. **Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará**. 26 abr. 2022. Disponível em: <https://ea.ufpa.br/historico>. Acesso em: 17 fev. 2023.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KENSKI, Vania Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. (Coleção Papirus Educação).

KIM, Marcos. O pé da semente olho de boi. **YouTube**. Publicado pelo canal Marcos Kim. 31 ago. 2019. 1 vídeo (ca. 6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jFGdHBLssoc&t=102s>. Acesso em: 5 fev. 2023.

KRAMER, Sonia. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. *In*: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia (orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 57-76. (Coleção questões da nossa época, v. 107).

KRAMER, Sonia. Verbete sobre alfabetização. **Revista Sede de Ler- Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE)**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 2-3, nov. 2010. Disponível em: <https://sededeler.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/11/sede-de-ler-digital-n-011.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2023.

LADISLAU, Claudiane da Silva; OLIVEIRA, Adriana Corrêa de; GUEDES, Ana Célia Barbosa; LEITE, Jefferson dos Santos Marcondes (orgs.). **Glossário de termos e expressões paraenses e marajoaras**. Breves-PA: Instituto Federal do Pará, 2021.

LARROSA, Jorge Bondía. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LARROSA, Jorge. Experiencia y alteridad en educación. *In*: SKLIAR, Carlos; LARROSA, Jorge (orgs.). **Experiencia y alteridad en educación: pensar la educación**. Rosario, Argentina: Homo Sapiens, 2013. p. 13-44. (Escuela didáctica, educación e integración, n. 3).



LARROSA, Jorge. Como o afeto e a experiência afetam a educação? **3ª Conferência Internacional do Laboratório Inteligência de Vida**. 4 nov. 2021. Disponível em: <https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/jorge-larrosa/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução J. W. Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? *In*: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 53-80.

LIMA, Cinthia Vieira Brum; FECCHI, Pollyanna Garcia Geraldo; CASTRO, Viviani Domingos. Turma, vamos fazer uma roda? Trabalhando no princípio da livre expressão no Ensino Fundamental. **Cadernos CEDES**, v. 42, p. 143-153, 2022.

LUCIO, Elizabeth Orofino. **A palavra conta, o discurso desvela: saberes docentes na formação continuada de professores de leitura e escrita**. 2016. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/teses/2016/tElizabethOrofino.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2023.

LUCIO, Elizabeth Orofino. Literatura, palavra-vida na experiência da alfabetização: das palavras alheias às palavras próprias. *In*: LACERDA, Mitsi Pinheiro de; RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmem Sanches (orgs.). **Alfabetização sem cartilha: gestos, experiências e narrativas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019. p. 1-288.

LUCIO, Elizabeth Orofino. **Tecendo os fios da rede: o programa pró-letramento e a tutoria na formação continuada de professores alfabetizadores da educação básica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

LUCIO, Elizabeth Orofino. Transvendo a docência na alfabetização das águas. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, v. 1, n. 9, p. 149-166, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/338>. Acesso em: 12 jan. 2023.

MONTEIRO, Walcyr. **As incríveis histórias do Caboclo do Pará**. 4. ed. Belém: Smith Produções, 2011.

MORAIS, Joelson de Souza; BRITO, Antonia Edna; SOARES, Francisco Marcos (orgs.). **Escritas autobiográficas sobre ensino, pesquisa e formação de professores(as)**. Curitiba-PR: Bagai, 2024. *E-book*.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. *In*: MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T.;



BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 11-66.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, C. A. de.; MORALES, O. E. T. (orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania**: aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. (Coleção Mídias Contemporâneas, v. 2). Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf). Acesso em: 23 jan. 2021.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOREIRA, Walter. Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Lorena, v. 1, n. 1, p. 21-30, 2004. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/19/o/Revis\\_\\_o\\_de\\_Literatura\\_e\\_desenvolviment\\_o\\_cient\\_\\_fico.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/19/o/Revis__o_de_Literatura_e_desenvolviment_o_cient__fico.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.

NASCIMENTO, Maria Angélica. Qual a diferença da universidade federal, estadual e particular? **Ensino**: guia de educação. 2018. Disponível em: <https://canaldoensino.com.br/blog/qual-a-diferenca-da-universidade-federal-estadual-e-particular>. Acesso em: 19 mar. 2023.

NEVES-PEREIRA, Mônica Souza; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. A Educação no século XXI e o seu papel na promoção da criatividade. **Revista Psicologia e Educação On-Line**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2018. Disponível em: <http://psicologiaeeducacao.ubi.pt/Files/Other/Artigos%20OnLine/2018/V1N1%20online/1.%20V1N1online2018.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2021.

NOGARO, Arnaldo; KUHN, Martin; MOREIRA, Vivian Martinez Mendes. Indução profissional de professores: o entre-lugar de constituição da identidade docente. **Revista Cocar**, v. 15, n. 31, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3733>. Acesso em: 4 fev. 2023.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

NÓVOA, Antonio. Prefácio. *In*: JOSSO, M. C. (org.). **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 11-17.

NÓVOA, Antonio.; MARCELINO, Fernando.; RAMOS-DO-Ó, Sérgio Niza. **Escritos sobre educação**. Lisboa: Tinta da China, 2012.

NUNES, Carolina Schmitt *et al.* Critérios e indicadores de inovação na educação. *In*: EHLERS, Ana Cristina da Silva T.; TEIXEIRA, Clarissa Stefani; SOUZA, Marcio Vieira de (orgs.). **Educação fora da caixa**: tendência para a educação no século XXI. Florianópolis, SC: Bookess, 2015. p. 49-62.

O FAROL de Alexandria, o maior porto do mundo antigo. **EX Blog**. 16 set. 2018. Disponível em: <http://www.edvarximenesce.com.br/index.php/8-news/9972-o-farol-de-alexandria-o-maior-porto-do-mundo-antigo>. Acesso em: 2 fev. 2023.



OLARIA. In: *Oxford Languages*. [S. l.]: Oxford University Press, 2024.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesine de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. Campinas, SP: Papirus, 2002.

PARÁ. Secretaria de Estado de Turismo. **Polo Marajó**. 27 out. 2016. Disponível em: <http://www.setur.pa.gov.br/polo-marajo#:~:text=O%20Polo%20Maraj%C3%B3%20C3%A9%20constitu%C3%ADdo,da%20Boa%20Vista%20e%20Soure>. Acesso em: 7 fev. 2023.

PEREIRA, Andréa. **Rádio e podcast na educomunicação**. 2021. 73 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2021.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 24. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo: Cortez, 1996.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica Déa Ribeiro Fenelón. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, jan./jun. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>. Acesso em: 1 fev. 2023.

PORTINARI, Candido. Os retirantes. **Google Arts & Culture**, 1944. Disponível em: [https://artsandculture.google.com/asset/northeastern-migrants/rwE\\_FvmjjW5QDg?hl=pt-BR](https://artsandculture.google.com/asset/northeastern-migrants/rwE_FvmjjW5QDg?hl=pt-BR). Acesso em: 30 jan. 2023.

PRAIA Grande de Salvaterra. **Tripadvisor**, 2022. Disponível em: [https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2429581-d2429667-i106886140-Praia\\_Grande\\_de\\_Salvaterra\\_Beach-Ilha\\_do\\_Marajo\\_State\\_of\\_Para.html](https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2429581-d2429667-i106886140-Praia_Grande_de_Salvaterra_Beach-Ilha_do_Marajo_State_of_Para.html). Acesso em: 11 fev. 2023.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the horizon**, Lincoln, v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001. Tradução Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2024.

PROGRAMA de residência pedagógica. **Gov.br**, 1 mar. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PROJETO Nova Cartografia Social da Amazônia. **Série**: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. FASCÍCULO 7 – Quilombolas da Ilha de Marajó. Belém, janeiro de 2006.



QUADROS, Ronaldo. **Nova orla da Praia Grande de Salvaterra – Marajó.** Facebook: @orgulhodeserparaense. 24 dez. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/OrgulhodeSerParaense/posts/3364872533622559/>. Acesso em: 24 dez. 2020.

REIS, Layane Aviz dos. **Das telas para as narrativas transmidiáticas:** uma proposta para o ensino de língua espanhola na cibercultura. 2022. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-graduação Criatividade e Inovação em Metodologias, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

REIS, Renan Nascimento. A Universidade Federal do Pará em tempos de ditadura: memória da criação, modernização e resistência (1957-1973). **Revista Espacialidades**, v. 15, n. 01, p. 75-101, 2019.

RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda de. A Escola moderna de Freinet. *In*: ARENA, Adriana Pastorello Buim; RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda de (orgs.). **Diálogos com a Pedagogia Freinet:** fundamentos e práticas em movimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2002. p. 13-29.

RICHARDSON, Will. **A evolução da escola.** Publicado pelo canal UNO educação. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (31m15s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KIBP7psvKwU>. Acesso em: 20 jan. 2021.

RIME, Jemily; PIKE, Chris; COLLINS, Tom. What is a podcast? Considering innovations in podcasting through the six-tensions framework. **The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 28, n. 5, p. 1-23, jun. 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13548565221104444>. Acesso em: 14 dez. 2023.

RIZZATTI, Ivanise Maria *et al.* Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020.

RODRIGUES, Manoel Ednaldo; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. História da rádio em Santarém-Pará. **Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – ALCAR.** Universidade Federal do Pará – Belém, PA – 12 e 13 de novembro de 2012. Disponível em: [https://www.alcarnorte.com.br/wp-content/uploads/alcar\\_2012\\_historia\\_do\\_radio\\_em\\_santarem\\_para.pdf](https://www.alcarnorte.com.br/wp-content/uploads/alcar_2012_historia_do_radio_em_santarem_para.pdf). Acesso em: 20 set. 2023.

SALVATERRA (Município). Biblioteca Pública Municipal de Salvaterra Prof. Jaime Corrêa de Assis. **Publicações.** Facebook: @biblioteca.jca. 27 set. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/BIBLIOTECAJCA/>. Acesso em: 2 jan. 2023.

SANTA MARIA DO PARÁ. **Lei n.º 2.460, de 29 de dezembro de 1961.** Cria novos municípios no território do Estado e dá outras providências. Santa Maria do Pará: Câmara Municipal, 1961. Disponível em: <https://camarasantamariadopara.pa.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Lei-Estadual-2.460-Cria-o-Munic%C3%ADpio-de-Santa-Maria-do-Par%C3%A11.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.



SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombo**: modos e significados. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, Fábio Ferreira dos. **Um modelo de aplicação pedagógica de uso de podcast (MAPP)**: um estudo de caso de aplicação em contexto educacional. 2014. 69 f. Monografia (Graduação em Computação) – Instituto de Ciências Exatas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9033/1/2014\\_FabioFerreiradosSantos.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9033/1/2014_FabioFerreiradosSantos.pdf). Acesso em: 20 jan. 2021.

SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS Cristiane Pires. Apresentação: a imensidão de um arquipélago. *In*: SCHAAAN, Denise Pahl; MARTINS Cristiane Pires (orgs.). **Muito além dos campos**: arqueologia e história na Amazônia Marajoara. 1. ed. Belém: GKNORONHA, 2010.

SILVA JÚNIOR, Edvargue Amaro da; SILVA, Cristiane Freitas Pereira da; BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. Educação em tempos de pandemia: o uso da ferramenta podcast como estratégia de ensino **Tecnia**, v. 5, n. 2, p. 31-51, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/tecnica/article/view/994/803>. Acesso em: 5 mar. 2024.

SILVA, Fernanda Duarte Araújo. As técnicas freinetianas, a livre expressão e as possibilidades de trabalho com a escrita. *In*: ARENA, Adriana Pastorello Buim; RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda de (orgs.). **Diálogos com a Pedagogia Freinet**: fundamentos e práticas em movimento. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 31-54.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 2002. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2002.

SILVA, Luiz Antonio da; MIRANDA, Waldeci Pena. A migração nordestina para Salvaterra. *In*: SCHAAAN, Denise Pahl; PACHECO, Agenor Sarraf; BELTRÃO, Jane Felipe (orgs.). **Remando por campos e florestas**: memórias & paisagens dos Marajós. Rio Branco: GKNORONHA, 2011. p. 27-30.

SILVA, Maria das Graças. Saberes e práticas socioculturais inscritas nos modos de vida ribeirinho. *In*: CAMELO, Marco Antônio da Costa *et al.* (orgs.). *In*: **Sociedade e Saberes da Amazônia**. Belém: EDUEPA, 2018. p. 234-251. ISBN 978-85-8458-037-8

SILVA, Thiago. Podcast: o que é e como fazer um de qualidade em 5 passos [+ exemplos]. **Resultados Digitais**, Florianópolis, 10 ago. 2022. Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/como-criar-um-podcast/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.



SOARES, Cristine. Metodologias ativas como proposta didática: técnica ou concepção pedagógica? *In*: SOARES, CristineC. **Metodologias ativas**: uma nova experiência de aprendizagem. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2021. p. 70-101.

SOARES, Raquel Pereira. Biblioteca de trabalho e fichário escolar: usos e possibilidades na escola. *In*: ARENA, Adriana Pastorello Buim; RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda de (orgs.). **Diálogos com a Pedagogia Freinet**: fundamentos e práticas em movimento. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 263-298.

STAMM, Marco. Salvaterra completa 61 anos com shows de mestre Damasceno e Super Pop. **Notícia Marajó**: informação diária e com credibilidade. 10 mar. 2023. Disponível em: <https://noticiamarajo.com.br/marajo-2/salvatererra-completa-61-anos-com-shows-de-mestre-damasceno-e-super-pop/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SUÁREZ, Daniel H. Docentes, narrativas e indagación pedagógica del mundo escolar: hacia otra política de conocimiento para la formación docente y la transformación democrática de la escuela. **e- Eccleston: formación docente**, v. 3, n. 7, p. 1-30, 2007. Disponível em: <http://www.eemn1tsas.edu.ar/Autoevaluacion/Suarez%20-%20Narrativas%20docentes.pdf>. Acesso em: 7 set. 2023.

SUÁREZ, Daniel H. Gestión del currículum, documentación de experiencias pedagógicas y narrativa docente. *In*: OBSERVATORIO Latinoamericano de Políticas Educativas del LPP-UERJ, 2003. p. 1-18.

SUÁREZ, Daniel H. Indagación pedagógica del mundo escolar y formación docente: la documentación narrativa de experiencias pedagógicas como estrategia de investigación-formación-acción. **Revista Del IICE**, v. 30, n. 142, p. 17-30, 2011. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/iice/article/view/142>. Acesso em: 5 dez. 2023.

SUÁREZ, Daniel H. Relatar la experiencia docente: la documentación narrativa del mundo escolar. **Revista Teias**, v. 18, n. 50, p. 193-209, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30500/21619>. Acesso em: 19 fev. 2023.

SUÁREZ, Daniel H. Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 387-416, abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/zWJ9DCWHfgXkpWxWg8RKKYb/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 2 fev. 2024.

SUÁREZ, Daniel; OCHOA, Liliana. **La documentación narrativa de experiencias pedagógicas**: una estrategia para la formación de docentes. Buenos Aires: MECyT/OEA, 2005.

SUJEITO de sorte. Compositor e intérprete: Belchior. *In*: **Alucinação**. Intérprete: Belchior. São Paulo: Philips, 1976. 1 disco vinil, lado 1, faixa 4 (ca. 3 min). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/sujeito-de-sorte-belchior-analise/>. Acesso em: 8 fev. 2023.



TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

THOMPSON, Paul. Entrevista. *In*: THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra: 2002. p. 254-278.

TUTORIAL de Cerâmica Marajoara. Pará: [s. n.], 2021. 1 vídeo (11 min). Por: Mariele Santos. Publicado pelo canal Conexão Arari. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ruZTTHoVga4>. Acesso em: 1 dez. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Regimento geral. **Diário Oficial do Estado do Pará**, 29 dez. 2006. Disponível em: [https://portal.ufpa.br/images/docs/regimento\\_geral.pdf](https://portal.ufpa.br/images/docs/regimento_geral.pdf). Acesso em: 29 jan. 2021.

VALENTE, José Armando. A Comunicação e a Educação baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. **Revista UNIFESO: Humanas e Sociais**, v. 1, n. 1, p. 141-166, 2014. Disponível em: <https://revista.unifeso.edu.br/index.php/revistaunifesohumanasesociais/article/view/17>. Acesso em: 23 out. 2023.

VISTA da frente da EAUFGPA (Avenida Perimetral). **Google Street View**, set. 2023. Disponível em: [https://www.google.com/maps/@-1.4460335,-48.4471314,3a,90y,214.71h,82.43t/data=!3m6!1e1!3m4!1s3\\_PMGcgRxymiuizitarBiTA!2e0!7i16384!8i8192?coh=205409&entry=ttu](https://www.google.com/maps/@-1.4460335,-48.4471314,3a,90y,214.71h,82.43t/data=!3m6!1e1!3m4!1s3_PMGcgRxymiuizitarBiTA!2e0!7i16384!8i8192?coh=205409&entry=ttu). Acesso em: 10 set. 2023.

VOZES do vale: produção de podcast. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2022. Disponível em: <https://www.ufmg.br/mostra/2022/wpcontent/uploads/2022/01/Manual-dePodcast.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

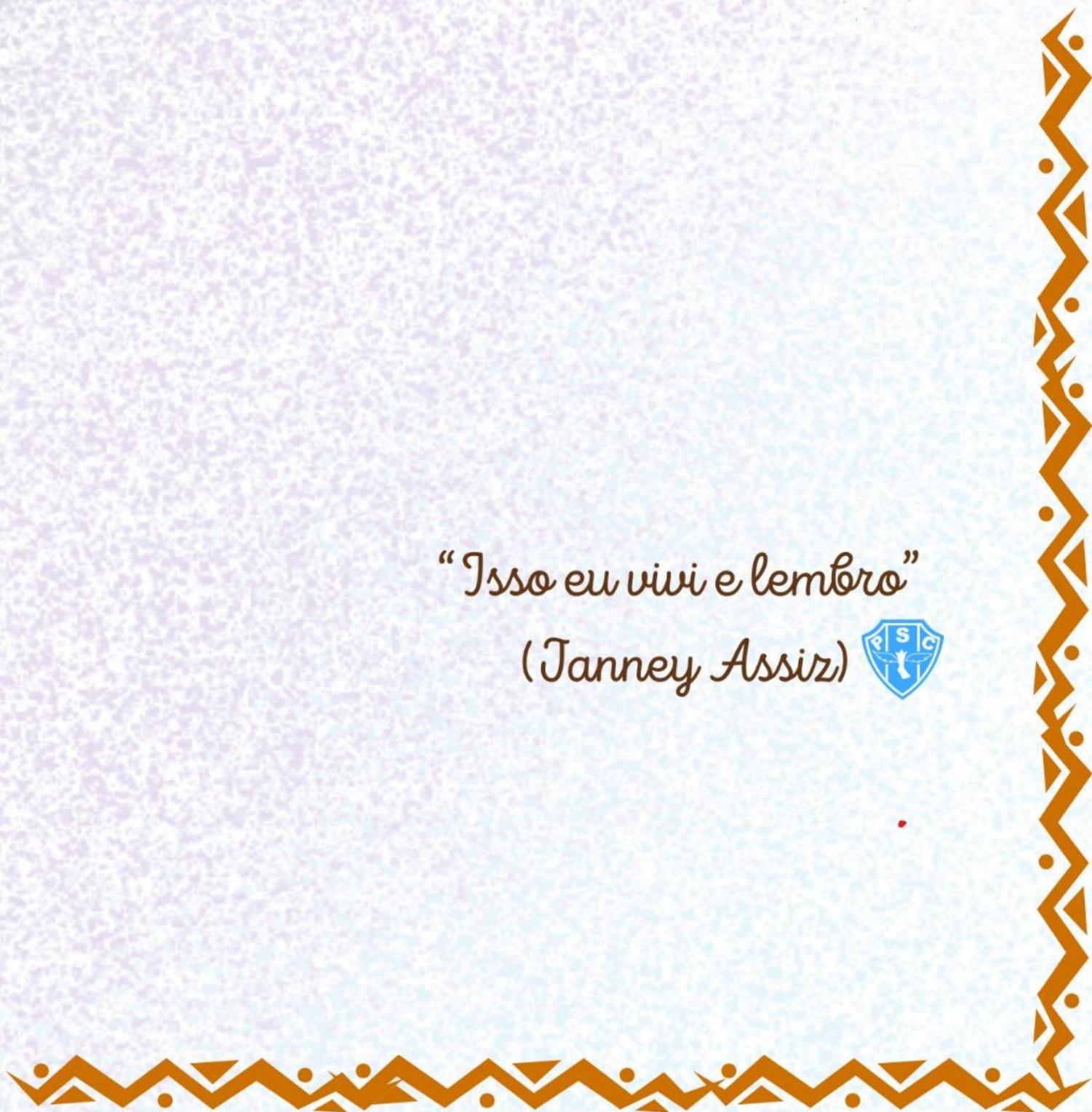




# APÊNDICE

*“Isso eu vivi e lembro”*

*(Janney Assiz)*



## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) de uma pesquisa científica para meu relatório de qualificação e dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Este TCLE é referente ao projeto de pesquisa “NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO E O *PODCAST* VOZES DOCENTES: uma conversa entre a Ilha do Marajó e Belém do Pará”. Para confirmar sua participação você precisará ler e assinar este Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE). O objetivo desta pesquisa vivenciar um processo educacional e construir um produto educacional chamado *podcast* a partir das vivências que serão realizadas na pesquisa de campo.

Caso aceite participar da pesquisa você deverá:

- 1) Assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).
- 2) Autorizar a utilização de seus dados (nome e imagem), e das suas cartas produzidas durante esta pesquisa na escrita do relatório de qualificação e dissertação de mestrado da pesquisadora, em apresentações de trabalhos em eventos acadêmicos e na produção de artigos científicos, com os devidos créditos.
- 3) Estar ciente de que poderá ser solicitado futuramente, caso necessário, a participar da etapa de testagem do produto educacional, a responder um questionário e/ou participar de uma entrevista, podendo não participar, caso assim deseje.
- 4) Caso venha a publicar algo referente ao período que estaremos juntos ( novembro de 2022 a agosto de 2023), solicitar a participação dos mesmos na coautoria do trabalho e referenciar na escrita e na publicação.

Sua participação nesta pesquisa será voluntária e de grande importância. Você poderá se retirar do estudo a qualquer momento, mediante uma justificativa para nos deixar ciente do acontecido. Além disso, você não terá despesas pela participação na pesquisa.

Eu, Jessika de Assiz da Silva, serei responsável pela condução desta pesquisa, sob a orientação da profa. Dra. Elizabeth Orofino Lucio.

Agradeço sua colaboração desde já e estou à disposição para quaisquer esclarecimentos,

Contatos: Telefone/Whatsapp: (91)98086-4393 E-mail: [jessikaassiz@ufpa.br](mailto:jessikaassiz@ufpa.br)

Tendo em vista os itens acima apresentados, de forma livre e esclarecida, concordo voluntariamente em participar da pesquisa.

Belém, 04 de novembro de 2022.

Nome: \_\_\_\_\_

Curso/ Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_



## APÊNDICE B – O CÉU DAS ATIVIDADES VIVENCIADAS DURANTE O PROJETO

<b>PROJETO DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO</b>	
Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará em parceria com o Laboratório Sertão das águas/UFPA, o Programa de Residência Pedagógica e o Programa de Pós-graduação em Criatividade Inovação em Metodologias do Ensino Superior-PPGCIMES/UFPA- Setembro de 2022 a Agosto de 2023 (11 meses)	
MESES	ATIVIDADES
<b>SETEMBRO 2022</b>	<p><b>Início da Vivência Poranga</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo do entremeio: Cocriação do planejamento prévio do projeto entre as professoras Elizabeth Orofino e Jessika Assiz (4 vezes por mês)</li> </ul>
<b>OUTUBRO 2022</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Início dos Encontros Formativos Coletivos: roda dialógica da entrevista com os estudantes de Letras e Pedagogia da UFPA, no Instituto de Ciências da Educação/ Faculdade de Pedagogia/ UFPA;</li> <li>• Encontro formativo entre alfabetizadora: roda dialógica da entrevista com as professoras alfabetizadoras da EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo do entremeio: Cocriação do planejamento prévio do projeto entre as professoras Elizabeth Orofino e Jessika Assiz a partir dos dados gerados nas entrevistas formativas- UFPA (4 vezes por mês);</li> </ul>
<b>NOVEMBRO 2022</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo coletivo: apresentação geral do projeto aos candidatos aprovados;</li> <li>• Chamada convite para os novos integrantes do projeto na EAUFPA (VÍDEO VIA EMAIL): realizamos a leitura das cartas de intenção, onde tentamos considerar em primeiro plano aqueles que expuseram querer vivenciar este percurso na alfabetização da EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> </ul> <p><b>Início da Vivência Igarite</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo coletivo: Imersão na realidade escolar com a primeira experiência dos autores-sujeitos na EAUFPA em “Uma aula-passeio com Freinet”;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Como eu leio textos acadêmicos? - UFPA;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: O que eu entendo sobre trabalho docente? Discussão em grupo e participação na palestra sobre a temática- UFPA;</li> </ul>

<b>DEZEMBRO 2022</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> <li>• Recesso para os estudantes da graduação;</li> <li>• Encontro formativo entre alfabetizadoras: Como formar professores alfabetizadores?-UFPA</li> </ul>
<b>JANEIRO 2023</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retorno das atividades formativas coletivas;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Vida e obra de Freinet- EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Debate sobre o texto “ Turma, vamos fazer uma Roda”, por Freinet.-EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Aula passeio em “O que esse espaço me diz? Ouvindo os sons que percorrem a escola”- EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo entre alfabetizadoras: “Freinet: é possível planejar?-EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Freinet me diz: o que cabe em vários livros da vida? -EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> </ul>
<b>FEVEREIRO 2023</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo coletivo: A vivência da Aula passeio no Instituto de Educação Estadual do Pará (IEEP)- Atividade de coavaliação do primeiro ciclo de imersão na realidade;</li> </ul> <p><b>Início da Vivência Cuíra</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo coletivo: Eu planejo e tu planejas. Mas nós sabemos o que é planejamento? - EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> <li>• Recesso de final de ano letivo da escola;</li> </ul>
<b>MARÇO 2023</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo coletivo: Qual a minha história com a EAUFPA? - EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: participação no XIV Fórum de Pesquisa e Extensão 2023- EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo do brincar: início do processo de imersão na sala de aula com as crianças;- EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo entre alfabetizadoras: coavaliação da Vivência Igarite e próximas ações.- UFPA;</li> <li>• Encontro formativo alfabetizador: início do planejamento pedagógico coletivo no contraturno da sala de aula;</li> <li>• Encontro formativo coletivo (assíncrono): Orientações sobre o Relatório de Relato de experiências;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Que memórias nos habitam? Construção da linha do tempo das vivências no projeto-UFPA;</li> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> </ul>
<b>ABRIL 2023</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo do brincar: 4 vezes por mês.</li> <li>• Encontro formativo alfabetizador: planejamento pedagógico coletivo no contraturno da sala de aula;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: sobre inclusão escolar com a profa.mestra Bianca Pantoja a partir das altas demandas de sala de aula.</li> <li>• Encontro formativo coletivo (assíncrono): entrega parcial do Relatório de Relato de experiências Referente aos 6 primeiros meses de programa (nov de 2022 até abril de 2023) para contribuições nas escritas;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> </ul>
<b>MAIO 2023</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo do brincar: 4 vezes por mês;</li> <li>• <b>Início da Vivência Nem te conto!</b></li> <li>• Encontro formativo coletivo: Devolutiva sobre o relatório , introdução do estudo sobre o livro Alfabetização na Perspectiva Discursiva e informes sobre o VI CONBALF- Sala Criativa/ PPGCIMES/ UFPA</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Qualificação da profa. mestranda Jessika Assiz cuja pesquisa é sobre o projeto de indução pedagógica na alfabetização na EAUFPA.</li> <li>• Encontro formativo coletivo (assíncrono): Entrega final do Relatório de Relato de Experiência para a CAPES/UFPA</li> <li>• Encontro formativo alfabetizador: planejamento para as orientações da Roda Literária com as crianças (regência);</li> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> </ul>
<b>JUNHO 2023</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo do brincar: 4 vezes por mês;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Por uma história da alfabetização na EAUFPA- conhecendo o arquivo- EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo coletivo (on line): primeiras orientações sobre o VI CONBALF</li> <li>• Encontro formativo coletivo: trocas de experiências sobre o VI CONBALF</li> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> </ul>
<b>JULHO 2023</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Férias escolares</li> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> </ul>
<b>AGOSTO 2023</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontro formativo do brincar: 4 vezes por mês;</li> <li>• Encontro formativo entre alfabetizadoras (on line): coavaliação da Vivência Cuíra e Nem te conto, bem como as próximas ações para a Roda Dialógica Literária e Socialização das vivências;</li> <li>• Encontro formativo coletivo (on line): orientação sobre a socialização e VI CONBALF.</li> <li>• Encontro formativo entre alfabetizadoras: Coavaliação da Roda Literária e Definições Socialização das vivências;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Prática docente com a Roda Literária pelos estudantes;</li> <li>• Encontro formativo coletivo: VI Congresso Brasileiro de Alfabetização/UFPA 2024 (Organização, participação, monitoria e apresentação de trabalhos). (Cinco dias- 2 organização, e 3 de evento)</li> <li>• Encontro formativo coletivo: Socialização das vivências do projeto de indução pedagógica na alfabetização da EAUFPA;</li> <li>• Encontro formativo do entremeio: reflexões sobre o processo das atividades-UFPA (4 vezes por mês);</li> </ul>



## APÊNDICE C – ROTEIRO DO PODCAST VOZES DOCENTES

### ROTEIRO DO PODCAST VOZES DOCENTES: NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO

<b>VINHETA DE ABERTURA 40”</b>	<b>barulho de rádio tentando sintonizar + barulho de celular + música brega marcante + “podcast vozes docentes/narrativas de indução pedagógica na alfabetização/ um novo jeito de experienciar a formação/ E para quem não me conhece, eu vou logo me apresentar/ Me chamo Jessika Assiz, e uma história sobre indução pedagógica na alfabetização eu vim contar// E como assiz que sou, eu digo: na escola, entre o céu e chão, acontece a formação./ + música de brega marcante</b>
--------------------------------	--

### ROTEIRO DO EPISÓDIO DE APRESENTAÇÃO

Criação	Redação e Apresentação	Revisão de texto	Edição de áudio	Episódio	Tema	Objetivo
Jessika Silva Lago de Assiz e Elizabeth Orofino Lucio	Jessika Assiz	Elizabeth Orofino	William Teixeira Gonçalves	Apresentação do Podcast	Conversando com você	Contextualizar o ouvinte sobre qual é a temática deste podcast envolvendo reflexões por meio de perguntas impulsionadoras

TÉCNICA	VOZ
SOBE VINHETA DE ABERTURA 40”	
<b>LOC 1</b> (SOBE MÚSICA AO FUNDO COM SOM DE NATUREZA)  sfx: efeito sonoro	COM GRANDE ALEGRIA E MAESTRIA/ESTOU AQUI PARA INICIAR CONTIGO O NOSSO PODCAST// (sfx.SALVA DE PALMAS)// E ANTES QUE TU COMECE A TE PERGUNTAR QUEM EU SOU, EU VOU FAZER LOGO MINHA AUDIODESCRIÇÃO: SOU MULHER/ TENHO CABELOS LONGOS, PASSANDO OS OMBROS// NA COR RUIVO E ONDULADOS/ TENHO UM ROSTO ARREDONDADO/ OLHOS, NARIZ E BOCA MEDIAMOS/ E QUANDO SORRIO / APARECEM DOIS FURINHOS NA MINHA BOCHECHA/ TENHO A PELE BRANCA E ESTATURA MEDIANA/ (EFEITO SONORO)

BOM, E QUEM EU SOU? OU MELHOR, QUEM EU ESTOU SENDO? QUEM É ESTA PESSOA QUE DIANTE DE TUDO QUE VEM VIVENDO E PESQUISANDO, RESOLVEU COMPARTILHAR SOBRE ISSO?// NÃO SE AFOBE QUE JÁ JA COMEÇO A TE CONTAR. E MEU COMEÇO VEM DE ONDE EU VIM , POIS FOI ISSO QUE TAMBÉM ME AJUDOU A CHEGAR ATÉ AQUI.//

EU SOU FILHA DA DONA JANETTE ASSIZ E DO SEU JOSÉ AFONSO / NETA DE GETÚLIO ASSIZ / O PRIMEIRO RADIALISTA DE SALVATERRA NA ILHA DO MARAJÓ/ E NETA DA DONA MARIA DE LOURDES / A MELHOR DANÇARINA DA ILHA!//

NASCIDA E MORADORA DE BELÉM DO PARÁ / TENHO EM MINHAS VEIAS AS RAÍZES DO NORTE E DO NORDESTE // DESDE CEDO PASSEI A NAVEGAR PELA BAÍA DO GUAJARÁ / MEU DESTINO ERA NA ILHA DO MARAJÓ CHEGAR. FOI NELA QUE ENCONTREI MINHA TERRA DE AFETO// COM BÚFALOS BRINQUEI / MANGAS CATEI / E CERÂMICAS PINTEI / JÁ OUVI A MATINTA CANTAR / SENTI O CHEIRO DE MATO MOLHADO/OUVI A LAMPARINA QUEIMAR/ E PÃO CASEIRO A ME DELICIAR/ ABACAXI, CAFÉ, PEIXE E QUEIJO DO MARAJÓ, EM NOSSA MESA, NUNCA PODIAM FALTAR //.

OUVIA MEU AVÔ NA RÁDIO FALAR / MINHA AVÓ NA COZINHA A PROSEAR / E OS VIZINHOS NA FRENTE DE CASA A CONTAR HISTÓRIAS DO POVO SALVATERRENSE / DO POVO MARAJOARA / DO POVO DE RESISTÊNCIA QUE SABE SUA VIDA TRILHAR //

MEU PÉS POR ESSAS TERRAS CAMINHAM / E MEU CORAÇÃO NESTA TERRA SE CRIOU / NAS



	<p>ÁGUAS DE SEUS IGARAPÉS E PRAIAS ME BANHO DESDE PEQUENA / E HOJE / MULHER ADULTA / NÃO ME CANSO DE REPETIR ESSA CENA // ASSIM, ME ENXERGO COMO BELENENSE DE NASCENÇA E MARAJOARA DE EXISTÊNCIA (2min e 30s)</p>
<p>SOBE MÚSICA AO FUNDO COM SOM DE CRIANÇAS</p>	
<p><b>LOC 2</b></p>	<p>EM CADA MERGULHO EM DIVERSAS ÁGUAS DURANTE ESTA JORNADA, FUI ME TORNANDO UM SER QUE SE APAIXONA PELA VIDA, EM SUAS MAIS DIVERSAS FORMAS / PORÉM/ A VIDA EM FORMA DE GENTE É QUE ME FASCINA/ POR ISSO, ME TORNEI SERVIDORA PÚBLICA FEDERAL, PROFESSORA, ALFABETIZADORA E PESQUISADORA // ATUO COMO ALFABETIZADORA NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ DESDE 2014/ SOU PESQUISADORA NO LABORATÓRIO SERTÃO DAS ÁGUAS-LASEA/ COORDENADO PELA PROFA.DRA. ELIZABETH OROFINO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ DESDE O ANO DE 2017/ E ATUALMENTE/ NESTE ANO DE 2024/ ME TORNEI MESTRA EM ENSINO NO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO EM METODOLOGIAS DO ENSINO SUPERIOR-PPGCIMES, PELA TAMBEM UFPA// SOU UMA PPGCIMERS, COMO GOSTAMOS DE NOS CHAMAR, DA T22, A TURMA 2022 DO MEU CORAÇÃO. ESSES ENCONTROS DE ÁGUAS ME FIZERAM CHEGAR ATÉ AQUI, ATÉ TI, E ATÉ ESTE PODCAST.</p> <p>DIANTE DE TUDO QUE VENHO PERCORRENDO, TEM TANTA COISA QUE EU PODERIA FALAR/ MAS TEM ALGO QUE SEMPRE ME INQUIETOU E É SOBRE ISSO QUE QUERO RESSALTAR: A MINHA TRAJETÓRIA COMO PESQUISADORA COM AUTORIA DOCENTE TEVE INÍCIO NO MEU INGRESSO DENTRO DO LABORATÓRIO SERTÃO DAS ÁGUAS-LASEA/ NO ANO DE 2019 / ONDE COMECEI A</p>



	<p>NAVEGAR POR UMA ÁGUA AINDA NÃO CONHECIDA: A PESQUISA CIENTÍFICA// ÁGUA ESTA QUE ME IMPULSIONOU E ME POSSIBILITOU A CONSTRUIR ESTE PODCAST JUNTO COM O PPGCIMES, O LASEA E A ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA..</p> <p>ÁGUAS QUE AGORA SÃO CONHECIDAS, EXPERENCIADAS E PRÓXIMAS DE MIM. E POR ISSO, QUERO COMPARTILHAR CONTIGO AS EXPERIÊNCIAS DO CHÃO DA ESCOLA, VIVENCIADAS POR AQUELES QUE SÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DA UNIVERSIDADE// E EU, CAROS OUVINTES, SOU A PESSOA QUE ESTÁ NA ESCOLA, QUE ESTÁ NA UNIVERSIDADE/ QUE SE FORMA LÁ / E QUE CONVERSA COM ELAS, PERCEBE SEUS SONS, SENTE SEUS CHEIROS E SONHA COM O QUE ESTÁ DENTRO E PARA ALÉM! /</p> <p>POR ISSO, TE CONVIDO A FAZER ESSA VIAGEM COMIGO/ E JÁ TE ADIANTO: AQUI A VIDA NÃO TEM PRESSA, SÓ TEM VONTADE DE EXISTIR E SE OUVIR. POR ISSO, ESCUTA-ME AOS POUÇOS, SEM AGONIA, SEM AFOBAÇÃO, SEM ACELERAÇÃO. ESCUTA O VENTO PASSAR, TIRA O TEU SAPATO E A PISA NO CHÃO DA ESCOLA/ ABRA SEUS BRAÇOS E ACOLHA O QUE ACONTECE NA ALFABETIZAÇÃO/ ATENÇÃO, A HISTÓRIA VAI COMEÇAR./ A PORTA ESTÁ ABERTA, VAMOS ENTRAR? // ( 2m30)</p>
<p>SOBRE MÚSICA DE TRANSIÇÃO 5</p> <p>DESCE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p>	<p>-----</p> <p>(MÚSICA ANIMADA, TAMBORES, DE COMO SE UM SHOW FOSSE COMEÇAR)</p>
<p><b>LOC 3</b></p>	



(SOBE E FICA SOM DE ESCOLA,  
PASSAROS, ALGO ASSIM , CAFÉ,  
NAVIO, ÁGUA)

BELÉM DO PARÁ, 15 DE MAIO DE 2024 /

SALVE A FORMAÇÃO! SALVE A INDUÇÃO! SALVE A ALFABETIZAÇÃO!!

ESTE PODCAST NARRA SOBRE A INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO/ NOME COMPRIDO MAS COM SIGNIFICADO IMPORTANTE/ O QUE TU ACHAS DE COMPREENDER JUNTO COMIGO O QUE ISSO SIGNIFICA?/ BORA LÁ?!/

COMO BOA BRINCANTE E INVENTORA DE PALAVRAS/ VOU COMEÇAR POR CADA UMA// VAI LA, PEGA TEU CAFEZINHO, BEM QUENTINHO E APRECIA O QUE TENHO PARA TE CONTAR. VOU COMEÇAR PELA PRIMEIRA: INDUÇÃO (SOM DE NOTIFICAÇÃO)

INDUÇÃO É UM TERMO QUE ENCONTRA-SE EM MUITAS ÁREAS/ COMO NA SAÚDE/ NA SOCIOLOGIA/ NA ENGENHARIA/ ENTRE OUTRAS/ E NA EDUCAÇÃO ELE TAMBÉM ESTÁ PRESENTE/ /

VÁRIOS CONCEITOS ABRANGEM ESSA PALAVRA/ MAS NOSSO PODCAST ESTÁ ALICERÇADO NA CONCEPÇÃO DE NOGARO, KUHN E MOREIRA (2021)/ OS QUAIS ENTENDEM QUE ESTE É O PERÍODO ENTRE OS DOIS ÚLTIMOS ANOS DA GRADUAÇÃO ATÉ OS CINCO PRIMEIROS ANOS DEPOIS DA FORMAÇÃO INICIAL/ É O QUE ELES CHAMAM DE "ENTREMEIO DE DOIS MUNDOS"/ COMO A MARGEM DE UM RIO/ QUE CONECTA MUNDOS DISTINTOS MAS QUE SE COMPLEMENTANDO/ E QUE AINDA SIM, EXISTE SENDO O SEU PRÓPRIO MUNDO//

CONSEQUISTES ENTENDER? ESPERA MAIS UM POUCO QUE AGORA QUE CHEGAMOS NA



SEGUNDA PALAVRA: PEDAGÓGICA // (SOM DE NOTIFICAÇÃO)

PEDAGÓGICA FAZ REFERÊNCIA A ÁREA EM QUE SOU FORMADA/ CURSO DE PEDAGOGIA/ A PALAVRA PEDAGÓGICA SE REFERE AO TERMO PEDAGOGIA/ ESSE TERMO VEM DO GREGO “PAIDOS”/ QUE SIGNIFICA “DA CRIANÇA” E “AGEIN”,/ QUE CONSISTE EM “CONDUZIR”.// O CURSO DE PEDAGOGIA FORMA UM PROFISSIONAL MULTIDISCIPLINAR/ CAPAZ DE ATUAR NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM/ TANTO PARA ALFABETIZAR CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS/ QUANTO PARA ATUAR NO CORPO ADMINISTRATIVO DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL// ME FORMEI NO ANO DE 2014/ NA PRÓPRIA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/ E ATUALMENTE AINDA É UM DOS CURSOS QUE MAIS FORMA PROFESSORES ALFABETIZADORES/ ESPECIALMENTE AQUI NA REGIÃO NORTE//

AGORA MELHOROU NÉ?// INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO/ ENTÃO SO FALTA ALFABETIZAÇÃO// (SOM DE NOTIFICAÇÃO)

A ALFABETIZAÇÃO/ MEU LUGAR DE PESQUISA E ESTUDO/ É , TAMBÉM, MEU LUGAR DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL E SOCIAL// SOU ALFABETIZADORA HÁ DEZ ANOS NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/ E POSSO DIZER QUE PELO CÉU QUE JÁ OLHEI/ MUITAS NUVENS VOAREM POR MIM/ E PELO CHÃO QUE CAMINHEI, MUITAS RAÍZES FICARAM EM MIM// POR ISSO, COMPREENDO A ALFABETIZAÇÃO COMO UM TEMPO-ESPAÇO DENTRO DA FORMAÇÃO DA CRIANÇA QUE OPORTUNIZA EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS ONDE A LEITURA E A ESCRITA SÃO AS IMPULSIONADORAS DO DESENVOLVIMENTO DE SEUS SABERES, DE FORMA AFETIVA, LITERÁRIA, AUTORAL E SUBJETIVA. POIS, SENDO ATO POLÍTICO, COLETIVO



E INDIVIDUAL, A ALFABETIZAÇÃO PROPORCIONA QUE A CRIANÇA ESTEJA DIZENDO E ESCRREVENDO SUA PRÓPRIA VOZ. SUA PRÓPRIA MANEIRA DE SER, VER E ESTAR NO MUNDO //

TA, ATE AI TU PODES ESTAR TE PERGUNTANDO: MAS PORQUÊ FALAR SOBRE ISSO?/ BEM, EU TE DIGO, COM TODO MEU CORAÇÃO, QUE O CAMPO DA FORMAÇÃO DOCENTE NA ALFABETIZAÇÃO É TERRA FERTIL QUE PRECISA SER REGADA E VALORIZADA PRINCIPALMENTE POR AQUELES QUE PLANTAM ALI (METAFORICAMENTE FALANDO)/ E QUE TEM O DIREITO DE SER VALORIZADA POR AQUELES QUE POR ALI PASSEIAM. FALAR CONTIGO ESPECIFICAMENTE SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE SEMPRE FOI UM QUERER MEU, MAS QUANDO CONHECI O CAMPO DA INDUÇÃO E VI A POTENCIALIDADE, ESPECIFICIDADE E PERTINÊNCIA DESTE TEMA, MINHA VOZ SE ENCONTROU COM SEU DIZER.//

E TE DIREI SOBRE ESSAS COISAS POR MEIO DE CARTAS, ESCRITAS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS DURANTE A PESQUISA E QUE ESTARÃO PRESENTE EM TODOS OS CINCO EPISÓDIOS. CARTAS ESCRITAS PELAS MUITAS NUVENS E RAÍZES QUE ME ATRAVESSARAM E ME AVESSARAM NESTA PESQUISA//

AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS QUE SERÃO COMPARTILHADAS FORAM VIVENCIADAS DURANTE OS ONZE MESES DA PESQUISA DE CAMPO/ COM OS 11 ESTUDANTES DE PEDAGOGIA E TRÊS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS NA EAUFPA PARA A CONSTRUÇÃO DA A MINHA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTITULADA “ NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO E O PODCAST VOZES DOCENTES: uma conversa entre a Ilha do Marajó e Belém do Pará//



	<p>TA, MAS SE TU AINDA NÃO ESTAIS TE PERGUNTANDO PORQUÊ CARTAS, EU TE DIGO MESMO ASSIM: (5m10)</p>
<p>EFEITO SONORO</p>	
<p><b>LOC 4</b> (SOBE UM SOM DE ABRIR UM ENVELOPE)</p>	<p>A CARTA É UMA FORMA AUTORAL, AFETIVA E PRÓXIMA DE ESTABELECERMOS NOSSA RELAÇÃO/ É A FORMA COMO PASSAREMOS A NOS CONHECER DIANTE DE NOSSAS VOZES/ A CARTA EMBALA A REDE DE CONHECIMENTO E AFETIVIDADE QUE ESTAMOS CONSTRUINDO NESSE PODCAST E FOI NOSSA MELHOR MANEIRA DE REGISTRAR AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS PELOS ESTUDANTES E A FORMA DE CONECTAR OS ACONTECIMENTOS DURANTE A ESCRITA DA DISSERTAÇÃO//</p> <p>ASSIM/ RETOMO O QUE UMA DAS COAUTORAS-SUJEITAS DA NOSSA PESQUISA DISSE SOBRE O ATO DE ESCREVERMOS CARTAS PARA REGISTRAR AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM NOSSA VIVÊNCIA DO PROJETO VOZES DOCENTES/ NAS PALAVRAS DE DALVA : “ESSA ATIVIDADE ME LEMBROU DO QUE FAÇO TODOS OS DIAS QUANDO ESTOU EM CASA OU QUANDO EU CHEGO/ VERIFICAR SE TENHO CORRESPONDÊNCIA NA CAIXA DO CORREIO/ MUITO DIFÍCIL TER ALGUMA COISA/ SEMPRE FALO PARA MEU FILHO: SINTO FALTA DE RECEBER UMA CARTA/ ACHO QUE VOU ESCREVER PARA MIM MESMA OU VAMOS ESCREVER UM PARA O OUTRO / E COM ISSO DOU UMA GARGALHADA COM O VAZIO DA FALTA DE SURPRESA E DA EXPECTATIVA DE COMO É BOM RECEBER UMA CARTA.” //</p> <p>‘É DALVA, SINTO O MESMO...</p>



A ESCOLHA PELA LEITURA DE CARTAS PEDAGÓGICAS TAMBÉM ACONTECE POIS/ BASEADA NO ESTUDO DE SUAREZ (2017) A CARTA É UMA DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA QUE TRAZ AS VOZES E HISTÓRIAS DOS PRÓPRIOS PROFESSORES,/ POIS EXPRESSA AS EXPERIÊNCIAS QUE FORMAM OS DOCENTES POR MEIO DE SUAS PRÓPRIAS VIVÊNCIAS/ NÃO É FALAR DE OU SOBRE PROFESSORES/ É FALAR COM PROFESSORES, PELOS PRÓPRIOS//

A CARTA, DESDE ANTIGAMENTE, É UMA IMPORTANTE FONTE HISTÓRICA SOCIAL/ COM UM CARÁTER SUBJETIVO, AUTORAL E ÚNICO/ RESSALTANDO A MEMÓRIA INDIVIDUAL, MAS QUE TAMBÉM É COLETIVA/ ASSIM, ME AGARRO/ FEITO TIRADORA DE AÇAÍ/ NAS PERSPECTIVAS DA PESQUISA NARRATIVA (CLANDININ E CONNELLY 2015)/ NA INDUÇÃO DOCENTE (NOGARO, KUHN, MOREIRA 2021) / E NA ALFABETAÇÃO DISCURSIVA (SMOLKA 2012). PARA TRILHARMOS ESTÁ PROSA //

*(EFEITO SONORO)*

COMO SEMPRE FUI UMA MENINA PERGUNTADORA, AS PERGUNTAS ME IMPULSIONAM. // POR ISSO, COMPARTILHO E TE INSTIGO A SE PERGUNTAR: E AGORA, SERÁ QUE EXISTE UM OUTRO JEITO DE EU TAMBÉM APRENDER E ME FORMAR? //

A FORMAÇÃO DOCENTE NA INDUÇÃO DENTRO DA ALFABETIZAÇÃO POSSUI SEUS DESAFIOS E ENCANTOS/ POR ISSO, TU, ESTUDANTE DO CURSO DE PEDAGOGIA/ QUE ME ESCUTAS NO ÔNIBUS, NO CARRO, NA FILA DE ALGUM BANCO, NA PARADA, CONTEMPLANDO O CÉU OU SE ESTRESSANDO COM A CHUVA, ENTRE UM AUTOR E UMA SONECA, UM ARTIGO E UMA SÉRIE/ VEM COMIGO VIVENCIAR A FORMAÇÃO DOCENTE DE UM JEITO BEM DIFERENTE.(3m30)



<p>SOBRE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p> <p>SOBE MÚSICA DE FUNDO</p>	<p>-----</p>
<p><b>LOC 5</b></p>	<p>ESTE É O NOSSO EPISÓDIO DE APRESENTAÇÃO/ VOLTE AQUI SEMPRE QUE TU QUISESSES SE LEMBRAR DE QUEM EU SOU E COMO NAGUEI PARA CHEGAR ATÉ AQUI.//</p> <p>ESTE PODCAST É TAMBÉM UMA HOMENAGEM A ALGUMAS PESSOAS: AO MEU AVÔ GETÚLIO ASSIZ, QUE ME INSPIROU E ME ENCANTOU COM O PODER DE UMA RÁDIO SONOROS PUBLICIDADE NO MARAJÓ, E DO AFETO/ MINHA AVÓ MARIA DE LOURDES, QUE ME MOSTROU A ARTE DA EXPERIÊNCIA/ AO MEU TIO JANNEY ASSIZ / QUE COM SUA POSTURA, ME MOSTROU O QUE É HONRAR AOS SEUS.//</p> <p>A MINHA MÃE, JANETTE ASSIZ E AO MEU PAI JOSÉ AFONSO/ QUE SEMPRE INVESTIRAM NA MINHA EVOLUÇÃO ESPIRITUAL E EDUCAÇÃO.//</p> <p>A TODOS DA MINHA FAMÍLIA ASSIZ/ QUE ME FAZEM SENTIR ADMIRAÇÃO DE CARREGAR ESTE SOBRENOME//</p> <p>AO PROGRAMA PPGCIMES QUE ACREDITOU NESTA VIVÊNCIA, PESQUISA E PRODUTO EDUCACIONAL IMPULSIONANDO A PERSPECTIVA INOVADORA, CRIATIVA E HUMANA DA PESQUISA CIENTÍFICA//</p> <p>A PROFESSORA ELIZABETH OROFINO/ QUE JUNTO AO PROGRAMA, FEZ DE UM SONHO MEU UM SONHO TAMBÉM SEU. E ISSO DIZ MUITO//</p>



	<p>AO LABORATÓRIO SERTÃO DAS ÁGUAS-LASEA, QUE ME AJUDA A NAVEGAR POR ESTAS ÁGUAS COM TANTA COLETIVIDADE, HUMANIDADE, QUALIDADE E AUTORIA DOCENTE//  E A TI, QUE FARÁ DESTE PODCAST O PRINCIPAL MOTIVO DELE EXISTIR//  E NÃO TE ESQUECE, VENHAS SEMPRE QUE PUDES/ A PORTA ESTÁ ABERTA//</p> <p>E COMO ASSIZ QUE SOU, EU DIGO: NA ESCOLA, ENTRE O CÉU E O CHÃO, ACONTECE A FORMAÇÃO/ ATÉ O NOSSO PRÓXIMO EPISÓDIO.// (2m)</p>
<p>DESCE MÚSICA DE FUNDO E SOBE MÚSICA DE ENCERRAMENTO</p>	<p>-----</p>
<p><b>LOC 6</b> (MÚSICA DE ENCERRAMENTO AO FUNDO)</p>	<p>VOCÊ OUVIU O PODCAST “VOZES DOCENTES”.//</p> <p>PESQUISA/ ROTEIRO/ APRESENTAÇÃO E PRODUÇÃO://</p> <p>JESSIKA SILVA LAGO DE ASSIZ .//</p> <p>ORIENTAÇÃO://</p> <p>PROFESSORA DOUTORA ELIZABETH OROFINO LUCIO//</p>



EDIÇÃO DE ÁUDIO E LOCUÇÃO DE ENCERRAMENTO://

WILLIAM TEIXEIRA DA SILVA GONÇALVES.//

TRILHA SONORA DA VINHETA DE ABERTURA://

“CAMINHONEIRO” E “AVENTUREIRO”/ DE ROBERTO VILLAR/ COM SOLO INTERPRETADO POR AMOM CRUZ.// DISPONÍVEL NO CANAL AMOM CRUZ NO YOUTUBE.//

TRILHA SONORA DO EPISÓDIO://

“SOLO DE CRAQUE”/ POR ALDO SENA/ EXTRAÍDO DO ÁLBUM ALDO SENA LANÇADO PELA GRAVADORA SOM LIVRE NO ANO DE 1983.//

“LACHAIM” / “FARM” E “MANOR” / POR KEVIN MACLEOD/ DISPONÍVEL NO SITE INCOMPETECH.COM.//

“SOME SOUL” / POR JOI VEER/ DISPONÍVEL NO SITE FREEPLAYMUSIC.COM.//

O PODCAST “VOZES DOCENTES” É UM PRODUTO EDUCACIONAL CRIADO E IMPULSIONADO PELA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE JESSIKA ASSIZ DA SILVA A PARTIR DAS VIVÊNCIAS FORMATIVAS NA ESCOLA BÁSICA E INTEGRA A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO EM METODOLOGIAS DE ENSINO SUPERIOR / O



PPGCIMES.//

O PROGRAMA É UMA SUB-UNIDADE DO NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS A ENSINO E EXTENSÃO/ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.//

SEGUNDO GONÇALVES (2020)/ EGRESSO DO PROGRAMA:// “O PPGCIMES BUSCA FORMAR RECURSOS HUMANOS COM COMPETÊNCIA PARA PROPOR SOLUÇÕES CRIATIVAS E INOVADORAS PARA PROBLEMAS E DIFICULDADES NO ÂMBITO DO ENSINO-APRENDIZAGEM EM DIFERENTES ÁREAS DA FORMAÇÃO NO NÍVEL SUPERIOR.//

PARA SABER MAIS SOBRE ESTE PROGRAMA CRIATIVO E INOVADOR/ ACESSO O SITE OFICIAL DO PROGRAMA://

[WWW.PPGCIMES.PROPESP.UFPA.BR.//](http://WWW.PPGCIMES.PROPESP.UFPA.BR.//)

ESTE PODCAST É UMA PROPOSTA DE EXPERIENCIAR A FORMAÇÃO DOCENTE/ DENTRO DA INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO/ DE UM JEITO EM QUE AS VIVÊNCIAS DA ESCOLA SEJAM AS PROTAGONISTAS E AUTORAS DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.//

UMA FORMAÇÃO IMPLICADA AO CONTEXTO EDUCACIONAL.//

O PODCAST VOZES DOCENTES TE CONECTA COM AQUILO QUE É VIVENCIADO NA ESCOLA.//

Fonte: Produzido pela autora do trabalho, Jessika Assiz. Adaptado de William Teixeira Gonçalves (2020).



ROTEIRO DO EPISÓDIO nº 1						
Criação	Redação e Apresentação	Revisão de texto	Edição de áudio e locução de encerramento	Episódio	Tema	Objetivo
Jessika Silva Lago de Assiz e Elizabeth Orofino Lucio	Jessika Assiz	Elizabeth Orofino	William Teixeira Gonçalves	O que passa e se passa nos muros e grades da escola?	O primeiro encontro formativo com a escola na alfabetização	Socializar com o ouvinte sobre como foi o primeiro encontro formativo no chão da escola básica dentro do campo da indução pedagógica na alfabetização

TÉCNICA	VOZ
SOBE VINHETA DE ABERTURA 40'	-----
<b>LOC 1</b>	<p>PARA ESTREAR COM MUITA CURIOSIDADE, PAVULAGEM E RESPEITO DA MESMA FORMA QUE FAZEMOS AO ENTRAR NA MATA,/ INICIAMOS NOSSO PRIMEIRO EPISÓDIO/ (SOM DE TAMBOR)/ O LETREIRO DESTE EPISÓDIO DIZ O SEGUINTE / “O QUE PASSA E SE PASSA PELOS MUROS E GRADES DA ESCOLA?”//</p> <p>O QUE PERPASSA PELA ESCOLA ENQUANTO CAMINHAMOS POR ELA? / O QUE PERPASSA EM NÓS, QUANDO ESTAMOS DIANTE DELA? / QUE SONS, SENTIMENTOS E PENSAMENTOS</p>



	<p>NOS ATRAVESSAM? / QUAIS DESAFIOS, ENCANTOS E DEVANEIOS NOS FORMAM A PARTIR DELA? // TALVEZ EU NÃO TENHA COMO ELUCIDAR TODAS AS RESPOSTAS APENAS NESTE EPISÓDIO./ MAS QUERO TE INSPIRAR A PENSAR SOBRE COM A NOSSA PRIMEIRA CARTA ABERTA. // (EFEITO SONORO)</p> <p>ELA IRÁ NARRAR SOBRE PRIMEIRA VIVÊNCIA DE UM GRUPO DE ESTUDANTES / DENTRO DA INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA/ E QUE EXERCERAM COMO ATO POLÍTICO, AFETUOSO E RESISTENTE/ O SER DOCENTE ALFABETIZADOR.//</p> <p>POR ISSO, TE CONVIDO A FAZER ESSA VIAGEM COMIGO/ TIRA O TEU SAPATO E A PISA NO CHÃO DA ESCOLA/ ABRA SEUS BRAÇOS E ACOLHA O QUE ACONTECE NA ALFABETIZAÇÃO/ ATENÇÃO, A HISTÓRIA VAI COMEÇAR./ A PORTA ESTÁ ABERTA, VAMOS ENTRAR? // (1m30)</p>
<p>SOBRE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p> <p>DESCE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p>	<p>-----</p>
<p><b>LOC 2</b></p> <p>(SOBE E FICA SOM DE ESCOLA, PASSAROS, ALGO ASSIM , CAFÉ, NAVIO, ÁGUA)</p>	<p>BELÉM DO PARÁ, 16 DE MAIO DE 2024 /</p> <p>SALVE A FORMAÇÃO / SALVE A INDUÇÃO / SALVE A ALFABETIZAÇÃO! //</p> <p>CARO, CARA E CARE OUVINTE/ ESCRREVEMOS ESTA CARTA PARA CONTAR O QUE VEM</p>



ACONTECENDO CONOSCO DESDE NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO DE FORMAÇÃO NA ESCOLA/ NÃO PODEMOS DEIXAR DE EXPRESSAR O SENTIMENTO DE GRATIDÃO POR TERMOS VIVENCIADO ESSE ENCONTRO / O QUAL ACONTECEU DE FORMA TÃO INTENSA, AFETUOSA E ATIVA, EM UMA DAS ESCOLHAS MAIS CULTIVADAS POR NÓS: A ALFABETIZAÇÃO. //

O DIA 17 DE NOVEMBRO DE 2022 FOI MUITO IMPORTANTE E SIGNIFICATIVO PARA TODOS NÓS / POIS FOI QUANDO CHEGAMOS À ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA PARA INICIAR NOSSA PRÁTICA DOCENTE / A ANSIEDADE ERA GRANDE MAS A VONTADE DE APRENDER E ENSINAR TAMBÉM! / SABEMOS QUE TEMOS MUITO A APRENDER, ASSIM COMO A ENSINAR, POIS COMO DISSE PAULO FREIRE: “ NÃO HÁ SABER MAIS OU SABER MENOS, HÁ SABERES DIFERENTES”./ E POR ESSES SABERES DIFERENTES, QUE PRECISAMOS OUVIR O QUE A ESCOLA NOS DIZ.//

UM ENCONTRO COM PERSPECTIVA DE ACOLHIMENTO E INTERAÇÃO PARA NOS SENTIRMOS EM “CASA” FOI O QU7E TIVEMOS./ NA OPORTUNIDADE, A PROFESSORA LEU PARA NÓS O LIVRO “FIOS” DA AUTORA CHRIS NÓBREGA/ UMA VOZ SUAVE E CHEIA DE EXPERIÊNCIAS QUE NÃO CANSAMOS DE OUVIR / EM SEGUIDA LEU UMA CARTA CHEIA DE AMOR / FOI FORMIDÁVEL/ MEUS OLHOS ESTAVAM ESTATELADOS, ARREGALADOS E CORAÇÃO ACELERADO COM TODAS AS NOVIDADES,// E EM UMA BREVE REFLEXÃO PUDE PERCEBER E IDENTIFICAR QUE PODEMOS CONSTRUIR JUNTOS LAÇOS IMPORTANTES NESSA CAMINHADA QUE ESTAMOS INICIANDO/ LEVANDO-OS PARA TODA NOSSA VIDA. //



	<p>UM OUTRO MOMENTO EMPOLGANTE E ESPECIAL FOI PODER CONHECER ALGUNS ESPAÇOS DA ESCOLA / EM NOSSA AULA PASSEIO PELA ESCOLA / BASEADA NO TEÓRICO CELESTIN FREINET QUE CONHECEMOS POR MEIO DESTE PROJETO/ FORAM NELES QUE ATUAMOS, PESQUISAMOS, CONHECEMOS OUTRAS REALIDADES E SINGULARIDADES / CONVIVENDO, CONSTRUINDO E ADQUIRINDO NOVAS EXPERIÊNCIAS QUE FORAM TRANSFORMADORAS PARA NOSSA VIDA PROFISSIONAL.//</p> <p>PORÉM, RESSALTAMOS QUE OS DIAS FORAM TRABALHOSOS E EXIGIRAM MUITO DE NÓS, A NÍVEL PROFISSIONAL, PSICOLÓGICO E EMOCIONAL. / AFINAL, NO ANO DE 2022, TIVEMOS QUE NOS RECOMPOR DE QUASE DOIS ANOS DE DISTANCIAMENTO E ISOLAMENTO DEVIDO A PANDEMIA DA COVID 19 / NÃO FOI FÁCIL, MAS VALEU A PENA CADA APRENDIZAGEM.//</p> <p>NÃO TIVEMOS CONTATO DIRETAMENTE NA SALA DE AULA COM AS CRIANÇAS NESTE PRIMEIRO DIA/ POIS SABÍAMOS QUE PRECISÁVAMOS NOS PREPARAR ANTES DE MERGULHARMOS NA ROTINA DA SALA DE AULA / MERGULHO ENTRE A PRÁTICA-TEORIA-PRÁTICA QUE CONTINUA DURANTE TODO O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.// (2M40)</p>
EFEITO SONORO	
<b>LOC 3</b>	<p>MAS UMA COISA NOS CHAMOU BASTANTE ATENÇÃO/ DURANTE NOSSA AULA PASSEIO PELA ESCOLA / FOMOS ATÉ O COMPLEXO DE ARTE / ALI EXISTE UMA GRADE /E APÓS ESSA GRADE UM IMPONENTE MATAGAL./ QUANDO OLHAMOS, HAVIA UM GAROTINHO, DE APROXIMADAMENTE UNS 7 ANOS DE IDADE / QUE PASSAVA EM UMA VELOCIDADE</p>



SURPREENDENTE POR DEBAIXO DE UMA ABERTURA ENTRE A GRADE E UMA VALA SECA QUE TINHA ALI / PERGUNTAMOS O PORQUÊ DE ELE ESTAR ALI / E ELE, CALMAMENTE, RESPONDEU QUE RESOLVEU PASSEAR PELA ESCOLA / MAS QUE JÁ ESTAVA VOLTANDO PARA A SALA / POIS AFINAL O PASSEIO JÁ HAVIA ACABADO. //

MAIS TARDE, NO REFEITÓRIO, VIMOS O MESMO MENINO MERENDANDO JUNTO A DOIS ADULTOS / A CRIANÇA COMPARTILHAVA SEU ÚNICO PRATO DE SOPA COM ELES/ ELA TOMAVA E AO MESMO TEMPO, COM A MESMA COLHER IA EM DIREÇÃO A BOCA DOS DOIS / ALIMENTANDO-OS //

UMA SIMPLES MAS RICA CENA QUE NOS FEZ PENSAR QUE A ALFABETIZAÇÃO ESTÁ PARA ALÉM DE CUMPRIMENTOS DE CONTEÚDOS. // AQUELE MENINO / COM AQUELAS PESSOAS / E COM AQUELE SIMPLES PASSEIO / DEIXOU REFLEXÕES QUE PERDURAM EM NÓS ATÉ HOJE. //

E AGORA, TE CONVIDAMOS A SE PERGUNTAR/ O QUE TU ACHAS QUE TEM POR TRÁS DOS MUROS DA ESCOLA? / SERÁ QUE A FORMAÇÃO PASSA PELAS GRADES DA SOCIEDADE?/ SERÁ QUE ANTES DE ALFABETIZAR EU TENHO QUE CONHECER OS MÉTODOS OU A CRIANÇA? /

UM ABRAÇO AFETUOSO/ DE UM GRUPO DE PROFESSORES DENTRO DA INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA FEDERAL. /



	NOSSO ATÉ LOGO, COM CHEIRO DE PATCHOULI AO SOM DE UM BREGA MARCANTE. //
SOBE MÚSICA DE TRANSIÇÃO	-----
<b>LOC 4</b> (MÚSICA DE FUNDO)	<p>ESTA CARTA TEM A VOZ ESCRITA E NARRADA DE MATEUS, ALEX, LEONAM, DANIEL, XISTO, DALVA, PRISCILA, THAYNAH, LETICIA, ANDREA, NADIA, LEILANE, ELIZABETH E EU, JESSIKA.</p> <p>//</p> <p>DESEJAMOS QUE ESTA CARTA TENHA AJUDADO, AINDA QUE SINGELAMENTE, TU QUE ME ESCUTAS, A ENTENDER QUE A ALFABETIZAÇÃO É UM RIO QUE SEGUE SEU PRÓPRIO CURSO/ E CADA SER OU ELEMENTO QUE CONTÉM NELE, É ÚNICO/ ASSIM COMO SUA FORMAÇÃO/ ELA JAMAIS SERÁ IGUAL A OUTRA PORQUE POR UM MESMO RIO, NÃO CORRE SEMPRE COM A MESMA ÁGUA/ E QUE BOM QUE NÃO CORRE...//</p> <p>NOS PRÓXIMOS EPISÓDIOS, AS CARTAS EXPRESSARAM NOSSAS VOZES NA PRIMEIRA PESSOA, / POIS COMO FORMAMOS UM COLETIVO ENCANTADO DE PROFESSORES NARRADORES DA REGIÃO NORTE / CONSTRUÍMOS NOSSA PRÓPRIA UNIDADE NARRATIVA / NOSSO MODO DE DIZER/ SENDO MUITOS E AO MESMO TEMPO, SENDO UM /</p>
SOBRE MÚSICA DE TRANSIÇÃO	-----
<b>LOC 5</b> (SOBE MÚSICA DE FUNDO)	<p>ESTE EPISÓDIO É DEDICADO A ESTE MENINO / QUE NÃO APENAS PASSOU PELAS GRADES / MAS QUE PASSOU POR MIM E DEIXOU ALGO DE SI / QUE LEVOU CONSIGO MEU OLHAR /E DEIXOU EM MIM VÁRIAS COISAS PARA PENSAR //</p>



	POR ISSO, EU TE CONVIDO A SE PERGUNTAR /SERÁ QUE EU REALMENTE SEI O QUE É PRECISO SABER PARA ALFABETIZAR?
DESCE MÚSICA DE FUNDO	-----
<b>LOC 6</b> (MÚSICA DE ENCERRAMENTO AO FUNDO)	<p>VOCÊ OUVIU O PODCAST “VOZES DOCENTES” .//</p> <p>PESQUISA/ ROTEIRO/ APRESENTAÇÃO E PRODUÇÃO://</p> <p>JESSIKA SILVA LAGO DE ASSIZ.//</p> <p>ORIENTAÇÃO://</p> <p>PROFESSORA DOUTORA ELIZABETH OROFINO LUCIO//</p> <p>EDIÇÃO DE ÁUDIO E LOCUÇÃO DE ENCERRAMENTO://</p> <p>WILLIAM TEIXEIRA DA SILVA GONÇALVES.//</p> <p>TRILHA SONORA DA VINHETA DE ABERTURA://</p> <p>“CAMINHONEIRO” E “AVENTUREIRO”/ DE ROBERTO VILLAR/ COM SOLO INTERPRETADO POR AMOM CRUZ.// DISPONÍVEL NO CANAL AMOM CRUZ NO YOUTUBE.//</p> <p>TRILHA SONORA DO EPISÓDIO://</p>



	<p>“SOLO DE CRAQUE”/ POR ALDO SENA/ EXTRAÍDO DO ÁLBUM ALDO SENA LANÇADO PELA GRAVADORA SOM LIVRE NO ANO DE 1983.//</p> <p>“FARM” E “MANOR”/ POR KEVIN MACLEOD/ DISPONÍVEL NO SITE INCOMPETECH.COM.//</p> <p>“SOME SOUL”/ POR JOI VEER / DISPONÍVEL NO SITE FREEPLAYMUSIC.COM.//</p> <p>“PODCAST VOZES DOCENTES/NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO/ UM NOVO JEITO DE EXPERIENCIAR A FORMAÇÃO//</p>
--	--

Fonte: Produzido pela autora do trabalho, Jessika Assiz. Adaptado de William Teixeira Gonçalves (2020).



ROTEIRO DO EPISÓDIO nº 2						
Criação	Redação e Apresentação	Revisão de texto	Edição de áudio e locução de encerramento	Episódio	Tema	Objetivo
Jessika Silva Lago de Assiz e Elizabeth Orofino Lucio	Jessika Assiz	Elizabeth Orofino	William Teixeira Gonçalves	“E agora, por onde eu começo a alfabetizar?”	A construção do processo de alfabetização no primeiro contato com as crianças em sala de aula	Apresentar ao ouvinte reflexões do trabalho docente na alfabetização com as crianças em sala de aula

TÉCNICA	VOZ
SOBE VINHETA DE ABERTURA 40”	-----
LOC 1	<p>HOJE, VENHO ATÉ TI, CONTAR UM DOS MOMENTOS MAIS INCRÍVEIS NO DECORRER DA MINHA GRADUAÇÃO:/ O ESTAR COM AS CRIANÇAS. EM NOSSO SEGUNDO EPISÓDIO, O LETREIRO NOS DIZ “ E AGORA, POR ONDE EU COMEÇO A ALFABETIZAR?”/</p> <p>O PRIMEIRO DIA, O MAIS ESPERADO, AGUARDADO E ATÉ TEMIDO PARA ALGUNS (TEM GENTE QUE TEME MAIS DO QUE TEME A MATINTA PEREIRA). E É O DIA MAIS AMADO, IGUAL COMO MUITA GENTE AMA AÇAI POR AQUI.</p>



	<p>DURANTE OS PRIMEIROS 04 MESES DO PROJETO (OUTUBRO DE 2022 A FEVEREIRO 2023) / TIVEMOS DIVERSOS ENCONTROS, CURSOS DE FORMAÇÃO, CONVERSAS E ESTUDOS PARA TER ALGUNS CONHECIMENTOS PRÉVIOS ANTES DE INICIAR O ANO LETIVO DE 2023 NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA (EAUFPA) COM A TURMA DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.//</p> <p>NESSE PRIMEIRO DIA MUITA COISA PENSAMOS, SENTIMENTOS E DIZEMOS. POR ISSO, VEM COMIGO, TE PROMETO QUE SERÁ LEGAL. ESTAR NA TURMA DO 1º ANO DA EAUFPA FOI UMA EXPERIÊNCIA SEM IGUAL! A EXPERIÊNCIA PARTE DA PERSPECTIVA DE LARROSA (2002)/ QUE ME TOCARAM E ME ATRAVESSARAM / DURANTE ESSE NOSSO PERÍODO FORMATIVO DENTRO DA INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO. /</p> <p>POR ISSO, TE CONVIDO A FAZER ESSA VIAGEM COMIGO/ TIRA O TEU SAPATO E A PISA NO CHÃO DA ESCOLA/ ABRA SEUS BRAÇOS E ACOLHA O QUE ACONTECE NA ALFABETIZAÇÃO/ ATENÇÃO, A HISTÓRIA VAI COMEÇAR./ A PORTA ESTÁ ABERTA, VAMOS ENTRAR? //</p>
<p>SOBRE MÚSICA DE TRANSIÇÃO DESCE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p>	<p>-----</p>
<p><b>LOC 2</b>  MUSICA AO FUNDO (TAKE ON ME)</p>	<p>*BELÉM DO PARÁ, 17 DE MAIO DE 2023/</p> <p>SALVE A FORMAÇÃO / SALVE A INDUÇÃO / SALVE A ALFABETIZAÇÃO! //</p> <p>LEMBRO-ME DE TER FEITO ALGUNS VÍDEOS DO MEU PERCURSO DE BICICLETA ATÉ À ESCOLA E TAMBÉM JÁ ESTANDO NELA. / EDITEI TUDO,/ COLOQUEI COMO MÚSICA DE FUNDO</p>



A *TAKE ON ME* DA BANDA NORUEGUESA A-HA, E POSTEI//

FINALMENTE CHEGUEI NA PORTA DA SALA DE AULA./ TIVE O ACOLHIMENTO DA PROFESSORA QUE LOGO EM SEGUIDA ME DEU AS ORIENTAÇÕES NECESSÁRIAS PARA AUXILIÁ-LA/ FOI UM MOMENTO MUITO PRAZEROSO / TÍNHAMOS ORNAMENTADO A ENTRADA DO CORREDOR QUE DÁ ACESSO AS SALAS / ENTÃO, ESPERAMOS PELAS CRIANÇAS DO OUTRO LADO E JUNTOS PASSAMOS PELO CORREDOR E FOMOS PARA A SALA DE AULA //

ADENTREI A SALA DE AULA COM UM SORRISO NO ROSTO E COM O CORAÇÃO “NA MÃO”./ E ENTÃO CONHECI AS CRIANÇAS E VI COMO AQUELA SALA/ QUE COSTUMAVA IR PELA TARDE QUANDO NÃO HAVIA AULA / TEM TANTA VIDA PELA MANHÃ.//

A PROFESSORA REALIZOU A LEITURA DO LIVRO “GUILHERME AUGUSTO ARAÚJO FERNANDES” DA AUTORA *MEM FOX* / O QUAL CONTA A HISTÓRIA DE GUILHERME, UMA CRIANÇA QUE MORA AO LADO DE UM ASILO DE IDOSOS, E UMA DESSAS PESSOAS É A MELHOR AMIGA: DONA ANTONIA/ A HISTÓRIA CONTA SOBRE MEMORIA E AFETO/ ALGO LINDO DE SE LER//

AOS POUCOS FUI CONHECENDO CADA CRIANÇA E DIALOGANDO COM ELAS AS SUAS DIFICULDADES, SEJA NA ESCRITA, SEJA NA LEITURA / . TIVE A OPORTUNIDADE DE COMEÇAR MINHA JORNADA COM O ANIVERSÁRIO DE 60 ANOS DA EAUFPA / , O QUAL INICIOU COM UMA COMEMORAÇÃO NA ÁREA EXTERNA DOS BLOCOS DE AULA / COM BOLO E MÚSICA. // MOMENTOS ASSIM TAMBÉM SÃO MARCANTES.



SOBE UM EFEITO SONORO	
<p><b>LOC 3</b></p>	<p>UMA DAS PRIMEIRAS ATIVIDADES QUE FIZ COM AS CRIANÇAS E A PROFESSORA FOI A EXPOSIÇÃO FEITA NO CORREDOR DO BLOCO DE AULAS./ A ATIVIDADE EXPOSTA FOI FEITA EM MASSA DE MODELAR PELAS CRIANÇAS / ONDE CADA UM TEVE QUE RESPONDER O QUE ESPERA DA ESCOLA E O QUE MAIS GOSTA NELA E DEMONSTRAR ISSO POR MEIO DA MASSA DE MODELAR / FORAM MUITAS ESCULTURAS, PAISAGENS E DESENHOS SOBRE O QUE ELES ENTENDIAM DA ESCOLA / ALGUNS DENTRO DO TEMA PROPOSTO, OUTROS NÃO . // MAS ISSO FAZ PARTE...</p> <p>COMO ESTÁVAMOS NA SEMANA DO ACOLHIMENTO E O TEMA DESTE ANO ERA “AS MEMÓRIAS COM A EAUFPA” POR CONTA DO ANIVERSÁRIO DE 60 ANOS / CONSTRUÍMOS UM BAÚ DE MEMÓRIAS / E CADA UM DE NÓS, (CRIANÇAS, EU, E A PROFESSORA) TROUXE SUA SUA HISTÓRIA COM FOTOS, CARTAS E OBJETO COM GRANDE SIGNIFICADO EM NOSSAS VIDAS / FOI EMOCIONANTE PODER OUVIR CADA UMA DAQUELAS HISTÓRIAS. //</p> <p>DEPOIS DISSO / TIVEMOS O RECREIO /O MOMENTO MAIS AGUARDADO POR TODOS / AO BATER DA CAMPA, AS CRIANÇAS SAÍRAM CORRENDO EM DIREÇÃO A PORTA / PARECE PASSARINHOS VOANDO PELO CÉU/ COMO UMA REVOADA/ APÓS OS 20 MINUTOS DE RECREIO, VOLTAMOS PARA A SALA DE AULA. //</p> <p>FOI ENTÃO QUE TIVE A IDEIA DE CONVERSAR COM A PROFESSORA E SUGERI UMA ATIVIDADE (SOM DE LUZ ACENDENDO)</p>



	<p>FALEI SOBRE ABORDARMOS A HISTÓRIA DE UM LIVRO SOBRE PIRATAS / 'O PIRATA DE PALAVRAS" / POIS EU ADORO O TEMA PIRATA / INCLUSIVE ESTOU LENDO NESTE MOMENTO O LIVRO "ILHA DO TESOURO, DO <i>ROBERT LOUIS STEVENSON</i>, / QUE É O LIVRO QUE INFLUENCIOU TOTALMENTE CADA HISTÓRIA, DESENHOS E FILMES DE PIRATA, INCLUSIVE A FRANQUIA 'PIRATAS DO CARIBE". //</p> <p>A IDEIA ERA FAZER UMA ESPÉCIE DE CAÇA AO TESOURO / ONDE O TESOURO SERIAM ALGUMAS PALAVRAS CONTIDAS NA HISTÓRIA ESPALHADAS E ESCONDIDAS PELA SALA / PARA AMBIENTAR MAIS AINDA EU IRIA FANTASIADO DE PIRATA / COM AS VESTIMENTAS QUE EU JÁ TENHO DESDE O ÚLTIMO CARNAVAL ONDE FUI DE PIRATA PARA O CIRCUITO MANGUEIROSA. //</p> <p>A PROFESSORA ADOROU A IDEIA / E ENTÃO MARCAMOS DE COMEÇAR A PLANEJARMOS A ATIVIDADE. / ASSIM, SEGUI PARA O FINAL DAQUELA MANHÃ / NÃO TÃO ENSOLARADA / NEM CHUVOSA, / MAS BEM QUENTINHA E CHEIA DE CALOR HUMANO / PRINCIPALMENTE VINDO DAS CRIANÇAS. // (SOM)</p>
<b>LOC 4</b>	AO ME DESPEDIR DA TURMA / AS CRIANÇAS VIERAM ME ABRAÇAR TODAS AO MESMO TEMPO/ QUASE ME LEVANDO AO CHÃO NO ATO / ME FAZENDO SENTIR TODO O CARINHO QUE UMA CRIANÇA PODE OFERECER./ E AQUI É A PARTE ONDE EU TIVE /PELA MILÉSIMA VEZ A SENSÇÃO QUE ME DÁ A CERTEZA DE QUE EU ESTOU NA ÁREA DE ATUAÇÃO QUE MAIS



PODERIA ME FAZER FELIZ. //

E OLHA, EU PRECISO CONFESSAR UMA COISA PARA VOCÊS: QUANDO EU INICIEI O MEU CURSO DE PEDAGOGIA, EU NÃO ESPERAVA QUE A ALFABETIZAÇÃO SE TORNASSE UM LUGAR TÃO MOTIVADOR PRA MIM./ MAS VIVENDO CADA EXPERIÊNCIA FORMATIVA DESTE PROJETO EU PUDE SENTIR E PERCEBER O QUÃO RICO É O TRABALHO NA EDUCAÇÃO DENTRO DA ALFABETIZAÇÃO/ E ASSIM EU PUDE ME ENCONTRAR COMO UM FUTURO E JA ATUANTE PROFESSOR ALFABETIZADOR.

ESPERO QUE VOCÊS TENHAM SENTIDO E COMPREENDIDO / MESMO QUE BREVEMENTE / O QUANTO ESSA EXPERIÊNCIA DO PRIMEIRO CONTATO COM AS CRIANÇAS EM SALA DE AULA / MARCOU MINHA EXPERIÊNCIA FORMATIVA. //

ASSIM, TE CONVIDO A SE PERGUNTAR / QUE EXPERIÊNCIAS EM CONTATO COM A ALFABETIZAÇÃO E COM AS CRIANÇAS TEM TE ATRAVESSADO E TE MARCADO? / COMO FOI TUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM ELAS? / E SE AINDA NÃO TIVESTES, COMO ESPERAS QUE SEJAS?//

E LEMBRE-SE / QUANDO TIVER ALGUMA DÚVIDA DE POR ONDE COMEÇAR A ALFABETIZAR, INSIRA A CRIANÇA NA CULTURA DA ESCRITA /. E COMO FAZER? / PELO TRABALHO COM A O LIVRO. A ALFABETIZAÇÃO DISCURSIVA E O USO DA LITERATURA TRANSFORMA O TEXTO EM VIDA E A VIDA EM TEXTO, ASSIM COMO NOS ENSINA SMOLA (2012).

UM ABRAÇO E ATÉ A PRÓXIMA CAÇA AO TESOURO, OPS , CARTA.



SOBE MÚSICA TAKE ON ME DE FUNDO DESCE MÚSICA	-----
<b>LOC 5</b> (SOBE MÚSICA DE FUNDO)	ESTE EPISÓDIO É DEDICADO A TODAS AS CRIANÇAS QUE ME ABRAÇARAM QUANDO CHEGUEI NA SALA DE AULA./ AS FAMÍLIAS QUE DEIXAM SEUS FILHOS CONOSCO. / AO PORTEIRO QUE ME DEU BOM DIA. / A PROFESSORA QUE ME ACOLHEU/ A MERENDEIRA QUE SERVIU MEU LANCHE / AO PESSOAL DA LIMPEZA QUE DEIXOU A SALA BRILHANDO QUANDO EU ENTREI // E PARA A PESSOA QUE EU ERA, QUE DE CERTA FORMA, ME FEZ CHEGAR ATÉ AQUI. //
DESCE MÚSICA DE FUNDO	-----
<b>LOC 6</b> (MÚSICA DE ENCERRAMENTO AO FUNDO)	VOCÊ OUVIU O PODCAST “VOZES DOCENTES”://  PESQUISA/ ROTEIRO/ APRESENTAÇÃO E PRODUÇÃO://  JESSIKA SILVA LAGO DE ASSIZ://  ORIENTAÇÃO://  PROFESSORA DOUTORA ELIZABETH OROFINO LUCIO//



EDIÇÃO DE ÁUDIO E LOCUÇÃO DE ENCERRAMENTO://

WILLIAM TEIXEIRA DA SILVA GONÇALVES.//

TRILHA SONORA DA VINHETA DE ABERTURA://

“CAMINHONEIRO” E “AVENTUREIRO”/ DE ROBERTO VILLAR/ COM SOLO INTERPRETADO POR AMOM CRUZ.// DISPONÍVEL NO CANAL AMOM CRUZ NO YOUTUBE.//

TRILHA SONORA DO EPISÓDIO://

“SOLO DE CRAQUE”/ POR ALDO SENA/ EXTRAÍDO DO ÁLBUM ALDO SENA LANÇADO PELA GRAVADORA SOM LIVRE NO ANO DE 1983.//

“TAKE ON ME” POR A-HÁ/ EXTRAÍDO DO ÁLBUM “HUNTING HIGH AND LOW” LANÇADO PELA GRAVADORA WARNER BROS. RECORDS NO ANO DE 1985.//

“FARM” E “WALLPAPER”/ POR KEVIN MACLEOD/ DISPONÍVEL NO SITE INCOMPETECH.COM.//

“SOME SOUL” E “EDGE OF DAY”/ POR JOI VEER / DISPONÍVEL NO SITE FREEPLAYMUSIC.COM.//

“PODCAST VOZES DOCENTES/NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO/  
UM NOVO JEITO DE EXPERIENCIAR A FORMAÇÃO//

Fonte: Quadro Produzido pela autora do trabalho, Jessika Assiz (2024) . Adaptado de William Teixeira Gonçalves (2020).



ROTEIRO DO EPISÓDIO nº 3						
Criação	Redação e Apresentação	Revisão de texto	Edição de áudio e locução de encerramento	Episódio	Tema	Objetivo
Jessika Silva Lago de Assiz e Elizabeth Orofino Lucio	Jessika Assiz	Elizabeth Orofino	William Teixeira Gonçalves	“Na alfabetização, em que momento a vida e o planejamento se entrelaçam?”	O trabalho docente diante dos desafios impostos no cotidiano escolar, em especial, o trabalho com a inclusão	Compartilhar aos ouvintes reflexões acerca do trabalho alfabetizadora no contexto inclusivo de crianças, em específico, crianças com Transtorno do Espectro do Autismo

TÉCNICA	VOZ
SOBE VINHETA DE ABERTURA 40”	-----
<b>LOC 1</b>	ESTAR NA ESCOLA É PODER VIVENCIAR TODAS AS EXPERIÊNCIAS QUE ELA NOS PROPORCIONA/ ISSO SIGNIFICA QUE VAMOS VER OS IPÊS FLORINDO MAS TAMBÉM SENTIR O SOL QUEIMANDO A PELE. NOSSO EPISÓDIO DE HOJE TEM O SEGUINTE LETREIRO “ NA ALFABETIZAÇÃO, EM QUE MOMENTO A VIDA E O PLANEJAMENTO SE ENTRELAÇAM?”// E O QUE VOU NARRAR PARA TI AGORA É SOBRE O PROCESSO ENCANTADOR E DESAFIADOR DE VIVENCIAR A ALFABETIZAÇÃO DENTRO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA / PRINCIPALMENTE COM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA // EXPONDO UM POUCO DO QUE



	<p>SENTIMENTOS QUANDO NOS VIMOS, ENQUANTO RESPONSÁVEIS EM OPORTUNIZAR VIVÊNCIAS EDUCATIVAS PARA TODAS AS CRIANÇAS/ DIANTE DE CRIANÇAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) NA ALFABETIZAÇÃO //</p> <p>POR ISSO TE CONVIDO A NAVEGAR COMIGO/ TIRE SEU SAPATO / PISE NO CHÃO DA ESCOLA/ ABRA SEUS BRAÇOS E ACOLHA O QUE ACONTECE NA ALFABETIZAÇÃO./ ATENÇÃO, A HISTÓRIA VAI COMEÇAR. A PORTA ESTÁ ABERTA, VAMOS ENTRAR? //</p>
<p>SOBE MÚSICA DE TRANSIÇÃO DESCE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p>	<p>-----</p>
<p><b>LOC 2</b> (SOBE E FICA SOM DE ESCOLA, PASSAROS, ALGO ASSIM , CAFÉ, NAVIO, ÁGUA)</p>	<p>*BELÉM DO PARÁ, 18 DE MAIO DE 2024/ SALVE A FORMAÇÃO / SALVE A INDUÇÃO / SALVE A ALFABETIZAÇÃO! //</p> <p>NOSSA MANHÃ COMEÇOU BEM AGITADA/ JÁ SENTIA QUE AQUELE DIA TERIA ALGO BEM PECULIAR NELE / UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO ESTAVA TENTANDO SE AUTORREGULAR APÓS TER QUE LIDAR COM O FATO DE NÃO PODER QUEBRAR AS COISAS EM SALA / ISSO FEZ COM QUE A PROFESSORA TIVESSE QUE MUDAR SEU PLANEJAMENTO DE AULA PARA ATENDER A DEMANDA DAQUELA CRIANÇA QUE ESTAVA PRECISANDO / TAL FATO GEROU UMA AGITAÇÃO NA TURMA COMO UM</p>



TODO/ SÃO CRIANÇAS DE 6 E 7 ANOS/ VOLTANDO DO ISOLAMENTO SOCIAL DE DOIS ANOS / SE NÃO ERA FÁCIL PRA GENTE, PARA ELES MENOS AINDA. //

MAS MESMO A PROFESSORA TENTANDO AUXILIÁ-LO PEDAGOGICAMENTE DE FORMA INCLUSIVA E ADEQUADA / ELE NÃO QUERIA ACORDO E MUITO MENOS INTERAGIR //

NA AULA SEGUINTE ELE AINDA ESTAVA NO PROCESSO DE SE AUTOREGULAR / COMO NÃO É ALGO SIMPLES E FÁCIL PARA ELE, DEVIDO AO TRANSTORNO, SUA FORMA DE REAGIR FOI QUEBRANDO E BATENDO EM ALGUMAS COISAS E PESSOAS / NOSSA PREOCUPAÇÃO AUMENTAVA E ANGÚSTIA COMEÇAVA A TOMAR CONTA, MAS TÍNHAMOS QUE ENTENDER QUE OS PROFESSORES ALFABETIZADORES, NÃO TEM SUPERPODERES / E TEM COISAS QUE NÃO TEMOS COMO RESOLVER. //

QUANDO OLHEI PARA O LADO , A PROFESSORA ESTAVA A CHORAR DIANTE DA SITUAÇÃO / UM CHORO SILENCIOSO / SEUS OLHOS CHEIOS DE LÁGRIMAS/ ALGUMAS, JÁ ESCORREGANDO PELA SUA FACE, CONVERSAVAM COM O QUE SENTIA NO MEU CORAÇÃO./ E ELA SE PERGUNTAVA EM VOZ ALTA, MAS EM TOM SUAVE : O QUE EU POSSO FAZER? COMO EU POSSO AJUDÁ-LO? // (SOM DE AGITAÇÃO)

EU TENTAVA PENSAR EM UMA RESPOSTA MAS NÃO CONSEGUIA / FOI ENTÃO QUE ELA RESOLVEU CHAMAR A ANTIGA PROFESSORA DELE PARA TENTAR LIDAR COM AQUELA SITUAÇÃO/ FICAMOS NA SALA EU E A CUIDADORA DELE/ APÓS BASTANTE TEMPO, ELE CONSEGUIU SE AUTO REGULAR.



	<p>FOI UM DIA BEM AGITADO, FORA DO QUE NORMALMENTE É/ SEMPRE COMEÇAMOS O DIA COM SORRISOS, MAS ESTE, FOI UM POUCO DIFERENTE / E AÍ ME PERGUNTEI: QUANDO EU PASSEI A ACREDITAR QUE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, A VIVÊNCIA DENTRO DA PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA É IGUAL TODOS OS DIAS? / QUANTA INGENUIDADE.. //</p> <p>A ALFABETIZAÇÃO TEM SEU PRÓPRIO JEITO DE EXISTIR/ POVOADA POR CRIANÇAS, NENHUM DIA SE TORNA IGUAL AO OUTRO. E EU, QUE ESTOU ME FORMANDO DENTRO DESTESSE PROCESSO DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA, PRECISO E QUERO ME LEMBRAR DISTO. //</p>
<b>LOC 3</b>	<p>UM PONTO BEM IMPORTANTE PARA COMPARTILHAR CONTIGO / É QUE NÓS TIVEMOS VÁRIOS ENCONTROS FORMATIVOS / AO TOTAL FORAM EM MÉDIA 74 ENCONTROS FORMATIVOS QUE PARTICIPAMOS, QUE INCLUEM NOSSOS ENCONTROS PELA TARDE COM AS COORDENADORAS DO PROJETO PROFESSORA JESSIKA ASSIZ E ELIZABETH OROFINO JUNTO COM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS/ A VIVÊNCIA EM SALA DE AULA COM AS CRIANÇAS E O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICA COM AS PROFESSORAS DE ALFABETIZADORAS DAS TURMAS DO 1º ANO, 1002 E 1003. //</p> <p>MAS TEM UM, QUE FICOU GUARDADO EM MINHA MEMÓRIA DIANTE DE TUDO QUE ESTÁVAMOS VIVENCIANDO: EM UM SÁBADO ANIMADO, PELA MANHÃ / NOS ENCONTRAMOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ PARA UM DIA DE FORMAÇÃO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO/ NESTE DIA, HAVIAM ORGANIZADO UM BELO LANCHE COLETIVO / CADA UM LEVOU ALGO QUE PODIA / NOSSA MESA ESTAVA FARTA! /</p>



ASSIM COMO NOSSA VONTADE DE APRENDER //

INCLUSIVE, DEVO RESSALTAR PARA TI QUE NOSSOS ENCONTROS FORMATIVOS SEMPRE ERAM REGADOS COM COMIDA E CAFÉ, SEMPRE QUE PODÍAMOS. A MERENDA DA ESCOLA ENTÃO, É SÓ CREME! //

MAS SIM, VOLTANDO / NESTE DIA, DIALOGAMOS COM A PROFESSORA MESTRA BIANCA PANTOJA, PESQUISADORA NO LASEA, SOBRE "TECNOLOGIA A FAVOR DA INCLUSÃO" / NOS ENSINANDO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) COM SEU PRODUTO CHAMADO CASULO TEA. / NELE VIMOS A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA SOB A PERSPECTIVA INCLUSIVA E A PARCERIA ENTRE SOCIEDADE, ESCOLA E FAMÍLIA. ELA FEZ SUA DISSERTAÇÃO CHAMADA CASULO TEA, UM APLICATIVO MARAVILHOSO. APROVEITEM E EXPERIMENTEM. //

DIANTE DESTA SITUAÇÕES E INÚMERAS OUTRAS QUE VIVENCIAMOS, COMPREENDI QUE OS PROFESSORES NÃO SÃO OS ÚNICOS RESPONSÁVEIS POR ESSE PROCESSO INCLUSIVO: A PARCERIA DA FAMÍLIA, DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E DA COORDENAÇÃO DE INCLUSÃO E DAS PRÓPRIAS CRIANÇAS SÃO FUNDAMENTAIS.

PRECISAMOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO E MELHOR CONDIÇÕES DE TRABALHO, TANTO A NÍVEL ESTRUTURAL QUANTO EMOCIONAL E PSICOLÓGICO. A CODOCÊNCIA, COM OS PROFISSIONAIS QUE PESQUISAM SOBRE INCLUSÃO SÃO ESSENCIAIS. PRECISAMOS QUE OS CONCURSOS PÚBLICOS, A CONSCIENTIZAÇÃO DA



	<p>CODOCENCIA E OS DIREITOS ÀS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA SEJAM INVESTIMENTO DO GOVERNO, DA COMUNIDADE ESCOLAR, DOS EDUCADORES E DAS FAMÍLIAS, CADA UM EM SUA ESFERA.//</p> <p>POIS NA ALFABETIZAÇÃO, ESPECIALMENTE DENTRO DA INCLUSÃO, NADA PERMANECE COMO EXATAMENTE É, E NADA SE DESFAZ DE UMA FORMA QUE NUNCA TENHA SIDO/. POR ISSO, TE PERGUNTAS: : PARA QUE CONTEXTO DE ALFABETIZAÇÃO, PRÁTICAS INCLUSIVAS E ESCOLAS TENS SIDO LEVADO A OLHAR? UM DIA DESCOBRIREMOS E RESSIGNIFICAREMOS JUNTOS! MAS</p> <p>NÃO ESQUECE, TE ENCONTRO NA PRÓXIMA CARTA.</p>
SOBE MÚSICA DE TRANSIÇÃO	-----
<b>LOC 4</b>	<p>ESTE EPISÓDIO É DEDICADO A TODOS OS ESTUDANTES, FAMILIARES E PROFESSORES ALFABETIZADORES QUE JÁ SE SENTIRAM SOZINHOS E PERDIDOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE FORMA INCLUSIVA/ ESPECIALMENTE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA/ . APESAR DO SENTIMENTO, NÃO ESTAMOS SOZINHOS / O TEU CHORO, TAMBÉM É MEU CHORO/ . A TUA ALEGRIA, TAMBÉM É MINHA ALEGRIA/ A GENTE VIVE UM DIA DE CADA VEZ. E ISSO JÁ É ÓTIMO./</p> <p>E NÃO TE ESQUECE: PRECISAMOS QUE O GOVERNO FAÇA SUA PARTE E NÓS, A NOSSA.//</p>
DESCE MUSICA DE FUNDO	-----



**LOC 6**

(MÚSICA DE ENCERRAMENTO AO FUNDO)

VOCÊ OUVIU O PODCAST “VOZES DOCENTES”.//

PESQUISA/ ROTEIRO/ APRESENTAÇÃO E PRODUÇÃO://

JESSIKA SILVA LAGO DE ASSIZ.//

ORIENTAÇÃO://

PROFESSORA DOUTORA ELIZABETH OROFINO LUCIO//

EDIÇÃO DE ÁUDIO E LOCUÇÃO DE ENCERRAMENTO://

WILLIAM TEIXEIRA DA SILVA GONÇALVES.//

TRILHA SONORA DA VINHETA DE ABERTURA://

“CAMINHONEIRO” E “AVENTUREIRO”/ DE ROBERTO VILLAR/ COM SOLO INTERPRETADO POR AMOM CRUZ.// DISPONÍVEL NO CANAL AMOM CRUZ NO YOUTUBE.//

TRILHA SONORA DO EPISÓDIO://

“SOLO DE CRAQUE”/ POR ALDO SENA/ EXTRAÍDO DO ÁLBUM ALDO SENA LANÇADO PELA GRAVADORA SOM LIVRE NO ANO DE 1983.//

“FARM” / POR KEVIN MACLEOD/ DISPONÍVEL NO SITE INCOMPETECH.COM.//



“SOME SOUL” / POR JOI VEER / DISPONÍVEL NO SITE FREEPLAYMUSIC.COM.//

“PODCAST VOZES DOCENTES/ NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO/ UM NOVO JEITO DE EXPERIENCIAR A FORMAÇÃO/

Fonte: Produzido pela autora do trabalho, Jessika Assiz. Adaptado de William Teixeira Gonçalves (2020).



ROTEIRO DO EPISÓDIO nº4						
Criação	Redação e Apresentação	Revisão de texto	Edição de áudio e locução de encerramento	Episódio	Tema	Objetivo
Jessika Silva Lago de Assiz e Elizabeth Orofino Lucio	Jessika Assiz	Elizabeth Orofino	Willian Teixeira Goncalves	“A história que eu conto também acontece em outro canto?”	O trabalho alfabetizador por meio da literatura infanto juvenil de acordo com a perspectiva discursiva de Smolka (2012)	Mostrar ao ouvinte que é possível realizar um trabalho alfabetizador dentro da perspectiva discursiva de Smolka (2012) por meio da literatura infantojuvenil.

TÉCNICA	VOZ
SOBE VINHETA DE ABERTURA 40”	-----
<b>LOC 1</b>	<p>PALAVRAS VOAM PELO AR AS VEZES MAIS RÁPIDO QUE URUBU EM DIA DE CHUVA. NESSE IR E VIR, A HISTÓRIA GANHA MOVIMENTO E VIDA. E ASSIM, CHEGAMOS NESSE QUARTO EPISÓDIO, QUE TEM COMO LETREIRO “ A HISTÓRIA QUE EU CONTO TAMBÉM ACONTECE EM OUTRO CANTO?”. (EFEITO SONORO)</p> <p>NOSSO PROJETO PILOTO DE FORMAÇÃO DOCENTE NA INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO ESTÁ EMBASADO EM TRÊS PRINCÍPIOS FORMATIVOS: A IMERSÃO NA</p>



	<p>REALIDADE, AUTORIA CIENTÍFICA E BASE FORTE TEÓRICA. E SOBRE ESTA ÚLTIMA, NOS AMPARAMOS PRINCIPALMENTE DOIS AUTORES/ CÉLESTIN FREINET E ANA LUIZA SMOLKA//</p> <p>FREINET, FOI CONSIDERADO O PEDAGOGO ANARQUISTA E INOVADOR DA SUA ÉPOCA POR TRAZER PARA ESCOLA PRÁTICAS EDUCATIVAS BASEADA NA COOPERAÇÃO, COLABORAÇÃO, AUTONOMIA, COMO RÁDIO ESCOLAR E O LIVRO DA VIDA./</p> <p>E A TEÓRICA ANA LUIZA BUSTAMANTE SMOLKA, FILÓSOFA E DOUTORA EM EDUCAÇÃO/ É CONHECIDA COMO A PRECURSORA DA ALFABETIZAÇÃO DISCURSIVA, O ENTRELACAMENTO COM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E ENSINO COM A LITERATURA INFANTOJUVENIL.//</p> <p>ASSIM, VOAMOS FEITO HISTÓRIAS PELO CÉU DE MÃO DADAS COM SMOLKA. E SOBRE O QUE VIMOS E SENTIMOS ENQUANTO VOAMOS COM A ALFABETIZAÇÃO DISCURSIVA PELOS CÉUS DE BELÉM DO PARÁ É O QUE VAMOS NARRAR.</p> <p>E AGORA TE CONVIDO A VOAR COMIGO.TIRE SEU SAPATO /VOE PELO CÉU DA ESCOLA/ ABRA SEUS BRAÇOS E ACOLHA O QUE ACONTECE NA ALFABETIZAÇÃO./ ATENÇÃO, A HISTÓRIA VAI COMEÇAR. A PORTA ESTÁ ABERTA, VAMOS ENTRAR? //</p>
<p>SOBRE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p> <p>DESCE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p>	<p>-----</p>



**LOC 2**

\*BELÉM DO PARÁ, 19 DE MAIO DE 2024/  
SALVE A FORMAÇÃO / SALVE A INDUÇÃO / SALVE A ALFABETIZAÇÃO! //

AO CHEGAR NA ESCOLA DE APLICAÇÃO PELA MANHÃ/ A PROFESSORA NÁDIA PANTOJA ESTAVA JUNTO AOS ALUNOS LENDO O LIVRO ABARÉ NA GRAMA EM FRENTE A SALA DE AULA/ A PROFESSORA EXPLICOU QUE O NOME ABARÉ SIGNIFICA “AMIGO”/ UMA CRIANÇA PROPÔS FAZER UMA FOGUEIRA E ELA RELEMBROU A IDEIA DE LUAU QUE EU HAVIA ABORDADO NA SEMANA PASSADA E QUE PRETENDO FAZER COMO PARTE DA MINHA AULA REGÊNCIA./ AS CRIANÇAS SÃO INCENTIVADAS PELA PROFESSORA A DESCREVER O QUE ELAS VÊEM NAS IMAGENS DOS LIVROS / E PUDE VER JUSTAMENTE O CONHECIMENTO PRÉVIO DAS CRIANÇAS QUANDO ELAS IDENTIFICAVAM AVES, MACACOS E/OU ESPAÇOS COMO MONTANHAS, RIOS E FLORESTAS, NAS IMAGENS DO LIVRO.//

NO SEGUNDO MOMENTO / A PROFESSORA ARRUMOU A SALA PARA DAR CONTINUIDADE DA LEITURA DO LIVRO “ABARÉ/ NESSE LIVRO SÓ TEM IMAGENS DAS PÁGINAS 20 E 21 E SÃO AS PRÓPRIAS CRIANÇAS QUE NARRAVAM A HISTÓRIA / TRABALHANDO A ORALIDADE, O DIÁLOGO, A IMAGINAÇÃO E A ESCRITA/ CONFORME ELES IAM FALANDO/ A PROFESSORA IA ESCRIVENDO NO QUADRO O QUE ESTAVA ACONTECENDO NO LIVRO / POIS, COMO ELES AINDA ESTÃO EM DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO, NÃO SABEM ESCRIVER MUITAS PALAVRAS. //

UM OUTRO MOMENTO MARCANTE FOI UMA AULA NA QUAL A PROFESSORA LEU O LIVRO “ KABÁ DAREBU” DO AUTOR DANIEL MUNDURUKU / QUE FALA SOBRE A INFÂNCIA DOS POVOS INDÍGENAS COM BRINQUEDOS FEITO DE ELEMENTOS DA NATUREZA / ISSO



	<p>DESPERTOU O INTERESSE DA TURMA E USARAM RECURSOS ENCONTRADOS NA PRÓPRIA ESCOLA COMO POR EXEMPLO: GALHOS, FOLHAS, GRAVETOS, FLORES, PEDRAS E ETC./ DEPOIS CADA UM FEZ UMA COLAGEM NA FOLHA A4/ COLOCARAM O TEMA E ESCREVERAM UM CONVITE/ ELES IAM FALANDO E A PROFESSORA ERA ESCRIBA/ ESCRREVENDO NO QUADRO BRANCO E DIALOGANDO PARA CADA UM FAZER A SUA ESCRITA//</p> <p>NESTE MOMENTO A PROFESSORA COMEÇOU A EXPLICAR PARA ELES A ESTRUTURA DE UM CONVITE/ QUE PRECISA TER DATA, HORÁRIO , LOCAL, NOME DE QUEM ESTÁ SENDO CONVIDADO E O MOTIVO DO CONVITE./ TODOS SE EMPENHARAM MUITO EM PARTICIPAR / E COM A AJUDA DA PROFESSORA ELE FOI CONFECCIONADO E ENTREGUE PARA AS TURMAS CONVIDADAS PARA PARTICIPAREM DA EXPOSIÇÃO DE SUAS OBRAS/ ESSA ATIVIDADE FOI BASEADA EM FREINEIT (1979),ONDE A LIVRE EXPRESSÃO LIBERA O PENSAMENTO DA CRIANÇA, FACILITA SUA COMPREENSÃO E A AUTONOMIA. E EM SMOLKA (2012) ONDE É PRECISO INSERIR A CRIANÇA NO MUNDO DA CULTURA ESCRITA//</p>
EFEITO SONORO DE PÁGINA DE LIVRO VIRANDO	
<b>LOC 3</b>	<p>EM UM OUTRO DIA AS CRIANÇAS COMEÇARAM SUAS ATIVIDADES FAZENDO UMA RODA/ E CADA UMA ESCOLHEU UM LIVRO QUE FICA EM UM VARAL NA PAREDE DA SALA PARA LER/ TODOS SÃO INCENTIVADOS A “LER” O LIVRO / POIS COMO ESTÃO EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO / AINDA NÃO CONSEGUEM DECODIFICAR A MAIORIA DAS PALAVRAS NOS LIVROS/ POR ISSO A PROFESSORA FAZ UM TRABALHO PEDAGÓGICO PARA QUE CADA UM</p>



POSSA VER A FIGURAS/, AS CORES E AS EXPRESSÕES DOS PERSONAGENS/ E COM ISSO POSSAM ENTENDER O QUE SE PASSA NA HISTÓRIA./ TODOS CONSEGUEM DE ALGUMA FORMA FALAR ATRAVÉS DAS FIGURAS O QUE SE PASSA NO LIVRO. //

APÓS TODOS LEREM SEUS LIVROS / A PROFESSORA PERGUNTA QUAL DELES QUER CONTAR A HISTÓRIA / E NESSE MOMENTO / MUITOS LEVANTAM AS MÃOS E QUEREM PARTICIPAR, / MESMO OS ALUNOS MAIS TÍMIDOS. / APÓS O TÉRMINO DAS HISTÓRIAS,/ ELES ESCOLHEM UMA PALAVRA QUE CHAMOU A ATENÇÃO NO LIVRO / E A PROFESSORA ESCREVE NO QUADRO A PALAVRA NOVA./ ESSE MOMENTO CAUSA GRANDE AGITAÇÃO E EMPOLGAÇÃO,/ TODOS QUERENDO FALAR AO MESMO TEMPO. / UMA AGONIA SEM FIM/, MAS, NO FINAL, TUDO CONSEGUE SER COMPREENDIDO. //

LEMBRO-ME, INCLUSIVE, DO DIA EM QUE A PROFESSORA ORGANIZOU A SALA DE AULA EM FORMATO DE RODA DE CONVERSA PARA DIALOGAR COM OS ALUNOS SOBRE O ENCONTRO DA LEITURA COM A MATEMÁTICA,/ POR MEIO DO LIVRO “O VALOR DE CADA UM”/, DO AUTOR MARTINS RODRIGUES TEIXEIRA./ A HISTÓRIA É EM QUADRINHO/ E FALA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CADA NÚMERO./ NAQUELA HORA FIQUEI PENSANDO E PERCEBENDO O QUANTO DE COISAS PODEMOS APRENDER, ENSINAR E DESENVOLVER POR MEIO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL./ A INTERLOCUÇÃO DOS DISCURSOS QUE SÃO CONSTRUÍDOS NÃO SE ESGOTAM APENAS NO CONHECIMENTO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA,/ ESTÁ PARA O QUE PAULO FREIRE JÁ SINALIZAVA, SER: A LEITURA DO MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA. //



	<p>UMA OUTRA ATIVIDADE QUE FIQUEI EM CHOQUE FOI QUANDO LEMOS "CHOPIN" EM SALA DE AULA./ NUNCA IMAGINEI QUE UMA ESCRITA DESTE ESTILO PODERIA SER TRABALHADA NA ALFABETIZAÇÃO./ NÓS FIZEMOS UM RECONTO COLETIVO ATRAVÉS DE DESENHO,/ OS ESTUDANTES DESENHARAM REPRESENTANDO A HISTÓRIA/ E TAMBÉM DERAM UM NOVO TÍTULO PARA ELAS. / DO TEXTO ESCOLHEMOS A PALAVRA DO DIA, QUE FOI "PIANO",/ UMA DAS CRIANÇAS ESCREVEU A PALAVRA NO QUADRO DAS PALAVRAS, / COM AJUDA DOS COLEGAS NA PRONÚNCIA DAS SÍLABAS// SE SENTIU A CRIANÇA MAIS INTELIGENTE/ E DE FATO É</p>
<b>LOC 4</b>	<p>A LITERATURA INFANTOJUVENIL NORMALMENTE FAZIA PARTE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS PROFESSORAS,/ POIS ALICERÇADAS NA PERSPECTIVA DISCURSIVA DE ALFABETIZAÇÃO BASEADA EM SMOLKA (2012), CONFORME A FALA DA PRÓPRIA AUTORA, ABRE ASPAS "E POR QUE A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA? PORQUE A LITERATURA, COMO DISCURSO ESCRITO, REVELA, REGISTRA E TRABALHA FORMAS E NORMAS DO DISCURSO SOCIAL; AO MESMO TEMPO, INSTAURA E AMPLIA O ESPAÇO INTERDISCURSIVO, NA MEDIDA EM QUE INCLUI OUTROS INTERLOCUTORES - DE OUTROS LUGARES, DE OUTROS TEMPOS- CRIANDO NOVAS CONDIÇÕES E NOVAS POSSIBILIDADES DE TROCA DE SABERES, CONVOCANDO OS OUVINTES/ LEITORES A PARTICIPAREM COMO PROTAGONISTAS NO DIÁLOGO QUE SE ESTABELECE. (P.111)". //</p>



O TRABALHO COM A LITERATURA NÃO ACONTECIA EM APENAS UMA HORA DO DIA/ ELA PODERIA SER VIVENCIADA EM QUALQUER HORÁRIO DO DIA / POR EXEMPLO, APÓS O INTERVALO, A PROFESSORA RECEBEU OS ALUNOS E EM SEGUIDA TIVEMOS UM MOMENTO DE RODA DE LEITURA, QUANDO A MESMA LEU O LIVRO “BICHOS SÃO TODOS BICHOS” DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS. / DURANTE A LEITURA ELA IA FAZENDO PAUSAS PARA EXPLICAR PARTES DA ESCRITA OU DOS DESENHOS PARA OS ALUNOS, / FAZENDO-OS PERCEBER QUE HÁ PALAVRAS DENTRO DE OUTRAS PALAVRAS,/ A PROFESSORA TAMBÉM EXPLICOU AOS ALUNOS QUE NÃO SE SABOREIA AS COISAS SÓ COM A BOCA, MAS TAMBÉM OS OUVIDOS E OLHOS. //

ISSO DEIXAVA AS CRIANÇAS MOTIVADAS, / DIA APOS DIA, / IAM PERDENDO A VERGONHA E O MEDO DE TENTAREM FALAR. / COMEÇARAM A SE EXPRESSAR MAIS /, TANTO NA ESCRITA QUANTO ORALMENTE. /NESSAS MINHAS ANDANÇAS E VIVÊNCIAS EM SALA DE AULA COTIDIANAMENTE COM AS CRIANÇAS POR MEIO DE DIÁLOGOS, NARRATIVAS, HISTÓRIAS E DESENHOS, / PERCEBO QUE É NA ESCRITA E NA INTERAÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS, QUE PODEMOS PROPORCIONAR AOS SUJEITOS QUE PARTICIPAM E SE APROPRIAM DO CONHECIMENTO.//

E AGORA, EU TE CONVIDO A SE PERGUNTAR: QUE HISTÓRIAS TENS CONTADO PARA TI MESMO SOBRE COMO ACONTECE O PROCESSO DE ALFABETIZAR? //

ESPERO QUE PENSES BEM ANTES DE COMEÇAR A FALAR./ A LITERATURA INFANTO JUVENIL É MUITO MAIS DO QUE CONTAR HISTÓRIAS, É VIVÊ-LAS EM FORMA DE PALAVRA,



	<p>TEXTO, VIDA E EXPERIÊNCIA.</p> <p>TE ESPERO NA PRÓXIMA CARTA./</p> <p>UM ABRAÇO CHEIO DE ASAS...</p>
<p>SOBRE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p>	<p>-----</p>
<p><b>LOC 5</b></p>	<p>ESTE EPISÓDIO É DEDICADO PARA NOSSO QUERIDO ANARQUISTA E INOVADOR CELESTIN FREINET, QUE CONHEÇO POR MEIO DE SUAS IDEIAS E ESCRITAS.//</p> <p>PARA ANA LUIZA SMOLKA, NOSSA QUERIDA FILÓSOFA E AUTORA QUE TIVE O PRIVILÉGIO DE CONHECER E OUVIR NO VI CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO EM AGOSTO DE 2023, REALIZADO PELA PRIMEIRA VEZ NA REGIÃO NORTE E ORGANIZADO PELO GRUPO LEIA E PELO COLETIVO DO LABORATÓRIO SERTÃO DAS ÁGUAS, DA PROFESSORA ELIZABETH OROFINO, O QUAL FAÇO PARTE. ONDE PUDE, BEM DE PERTO, OUVIR AUTORES QUE TANTO ADMIRO.</p> <p>E A TODOS OS TEÓRICOS, AUTORES E ESCRITORES DE LITERATURA INFANTO JUVENIL, PRINCIPALMENTE ESCRITORES INDÍGENAS COMO DANIEL MUNDURUKU E MARCIA KAMBEBA,/ E ESCRITORES PARAENSES, COMO DANIEL ROCHA E ANTONIO JURACI.//</p> <p>AH, E QUANDO PUDEREM, PARTICIPEM DO FARINHADA LITERÁRIA/ EVENTO CRIADO E PROMOVIDO PELO GRUPO DO LABORATORIO SERTÃO DAS ÁGUAS, COORDENADO PELA</p>



	<p>PROFA ELIZBETH OROFINO, NESSE EVENTO FORMATIVO, ENCONTRAMOS OS OUROS NEGROS DA NOSSA LITERATURA PARAENSE.</p> <p>POR ISSO, QUERIDO ESCRITORES OBRIGADA POR NOS DAREM SUAS PALAVRAS, POESIAS E ILUSTRAÇÕES PARA ENCANTAR O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES.</p>
<p><b>LOC 6</b> (MÚSICA DE ENCERRAMENTO AO FUNDO)</p>	<p>VOCÊ OUVIU O PODCAST “VOZES DOCENTES”.//</p> <p>PESQUISA/ ROTEIRO/ APRESENTAÇÃO E PRODUÇÃO://</p> <p>JESSIKA SILVA LAGO DE ASSIZ.//</p> <p>ORIENTAÇÃO://</p> <p>PROFESSORA DOUTORA ELIZABETH OROFINO LUCIO//</p> <p>EDIÇÃO DE ÁUDIO E LOCUÇÃO DE ENCERRAMENTO://</p> <p>WILLIAM TEIXEIRA DA SILVA GONÇALVES.//</p> <p>TRILHA SONORA DA VINHETA DE ABERTURA://</p> <p>“CAMINHONEIRO” E “AVENTUREIRO”/ DE ROBERTO VILLAR/ COM SOLO INTERPRETADO POR AMOM CRUZ.// DISPONÍVEL NO CANAL AMOM CRUZ NO YOUTUBE.//</p>



	<p>TRILHA SONORA DO EPISÓDIO://</p> <p>“SOLO DE CRAQUE”/ POR ALDO SENA/ EXTRAÍDO DO ÁLBUM ALDO SENA LANÇADO PELA GRAVADORA SOM LIVRE NO ANO DE 1983.//</p> <p>“FARM” / POR KEVIN MACLEOD/ DISPONÍVEL NO SITE INCOMPETECH.COM.//</p> <p>“SOME SOUL”/ POR JOI VEER/ DISPONÍVEL NO SITE FREEPLAYMUSIC.COM.//</p> <p>“PODCAST VOZES DOCENTES/NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO/ UM NOVO JEITO DE EXPERIENCIAR A FORMAÇÃO//</p>
--	--

Fonte: Produzido pela autora do trabalho, Jessika Assiz. Adaptado de William Teixeira Gonçalves (2020).



ROTEIRO DO EPISÓDIO nº 5						
Criação	Redação e Apresentação	Revisão de texto	Edição de áudio e locução de encerramento	Episódio	Tema	Objetivo
Jessika Silva Lago de Assiz e Elizabeth Orofino Lucio	Jessika Assiz	Elizabeth Orofino	Willian Teixeira Gonçalves	“Ao passar pelo portão da escola, será que a alfabetização sai de mim?”	Como um até logo, apresentar de forma sintetizada, as experiências formativas que ficaram em nós durante esse projeto	Socializar com o ouvinte as experiências formativas que nos atravessaram durante este projeto

TÉCNICA	VOZ
SOBE VINHETA DE ABERTURA 40”	-----
<b>LOC 1</b> MÚSICA DA VINHETA AO FUNDO	PENSAR NO “JA ME VÚ”, O NOSSO “TCHAU PARAENSE”, É ALGO QUE SEMPRE DA UMA CUÍRA ENORME, UMA AGONIA, EMPOLGAÇÃO, AGITAÇÃO, QUE SÓ QUEM VIVEU ALGO BOM E MARCANTE (COMO OS NOSSOS BREGAS), CONSEGUIE DESCRIVER. MAS EU ESCREVO ESTA ÚLTIMA CARTA PARA TI/ (POR ENQUANTO)/ NO INTUITO DE CONTAR,/ DENTRO DAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS QUE TIVEMOS AO LONGO DESSE PROCESSO/ O QUE TEM NOS ATRAVESSADO/, O QUE FICA EM NÓS,/ E O QUE DEIXAMOS PARA TI.//



	<p>FORAM MOMENTOS INCRÍVEIS E PRODUTIVOS DE APRENDIZAGEM/ COM TROCA DE SABERES E AFETOS QUE PASSAMOS,/ ESPECIALMENTE POR OBSERVAR A IMPORTÂNCIA DE UM PROJETO QUE DÁ ÊNFASE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/, ALICERÇANDO PRÁTICA-TEORIA-PRÁTICA,/ CONTRIBUINDO GRANDEMENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DOCENTE ALFABETIZADOR. //</p> <p>MAS ALGUMAS COISAS EU GOSTARIA DE RELEMBRAR CONTIGO, POR ISSO, TUDO PRONTO, ABRIMOS O NOSSO RELICÁRIO DE HISTÓRIAS E VAMOS RECORDAR DE TUDO .... COMO JÁ DIZIA MEU AMADO AVÓ GETÚLIO ASSIZ//</p> <p>FALEI DAS EXPERIÊNCIAS DO CHÃO DA ESCOLA, DO CHÃO DA SALA DE AULA. E QUEM FALOU FUI EU, AQUELA QUE ESTEVE LA, QUE SE FORMOU LA, QUE OUVIU O QUE A ESCOLA TEM A DIZER E COM ELA CONVERSOU./ POR ISSO, TE CONVIDO A FAZER ESSE ÚLTIMO TRECHO DESSA VIAGEM COMIGO/ TIRE SEU SAPATO / PISE NO CHÃO DA ESCOLA/ ABRA SEUS BRAÇOS E ACOLHA O QUE ACONTECE NA ALFABETIZAÇÃO./ ATENÇÃO, A HISTÓRIA VAI COMEÇAR. A PORTA ESTÁ ABERTA, VAMOS ENTRAR? //</p>
<p>SOBE MÚSICA DE TRANSIÇÃO DESCE MÚSICA DE TRANSIÇÃO</p>	<p>-----</p>
<p><b>LOC 2</b></p>	<p>*BELÉM DO PARÁ, 20 DE MAIO DE 2024/ SALVE A FORMAÇÃO / SALVE A INDUÇÃO / SALVE A ALFABETIZAÇÃO! //</p>



NOSSA VIAGEM ATÉ AGORA TEM SIDO INTENSA, ÚNICA E TRANSFORMADORA. PENSAR NO CAMPO DA INDUÇÃO DOCENTE COMO ESSE LUGAR DE ENTREMEIO É ALGO QUE DE CERTA FORMA, MUITOS ALFABETIZADORES VIVEM NA PRÓPRIA ESCOLA. ESTÃO AQUI E AO MESMO TEMPO LÁ. SENTEM O MARCO DA CONSOLIDAÇÃO DO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA LEITURA DA VIDA E DA PALAVRA. E ISSO É ALGO QUE EXIGE DE NÓS TANTA CAMADAS... ASSIM ME ENXERGO NESSE TEMPO DA INDUÇÃO: ESTOU AQUI MAS TAMBÉM LÁ. ESTÃO FINALIZANDO MINHA FORMAÇÃO INICIAL, MAS TAMBÉM JA ESTOU ATUANDO COMO ALFABETIZADOR.UMA MARGEM DENTRO DE UM RIO COMPLEXO QUE É A ALFABETIZAÇÃO.

NOSSA VIVÊNCIA DENTRO DA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA INICIOU EM NOVEMBRO DE 2022 E FINALIZOU COM ESTE PROJETO DIA 31 DE AGOSTO DE 2023. / DESDE ANTES, INCLUINDO A ENTREVISTAS EM OUTUBRO/ NOSSOS ENCONTROS SEMPRE FORAM FORMATIVOS/ COM REFERENCIAL TEÓRICO DE CÉLESTIN FREINET, QUE DEFENDE A CRIANÇA COMO CENTRO NA ESCOLA (INCLUSIVE TIVEMOS UMA AULA-PASSEIO NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARÁ- IEEP, / LOCAL COM GRANDE LEGADO RELACIONADO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E MOMENTOS HISTÓRICOS RELACIONADOS À EDUCAÇÃO PARA O NOSSO ESTADO. // VIMOS A HISTÓRIA SENDO FEITA E JÁ FEITA!) / NA ALFABETIZAÇÃO COMO PROCESSO DISCURSIVO DE ANA LUIZA SMOLKA,/ E DE LÚCIO (2019) E A HORIZONTALIDADE DE PAPÉIS.” //

UM EXEMPLO DESSE ENCONTRO TEÓRICO ENTRE OS AUTORES É O LIVRO DA VIDA/ AS LEITURAS DE LIVROS LITERÁRIOS/ OS MOMENTOS DE DIÁLOGO E INTERAÇÃO / A



	<p>PRODUÇÃO DE NARRATIVAS A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES DO LIVRO E NOSSA AUTONOMIA DENTRO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO //</p>
<p><b>LOC 3</b></p>	<p>OUTRA FORMAÇÃO QUE NOS ATRAVESSOU FOI A QUE ACONTECEU NO DIA 12 DE MAIO DE 2023, NO NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS A ENSINO E EXTENSÃO (NITAE) / NO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO EM METODOLOGIAS DO ENSINO SUPERIOR/ NO SETOR BÁSICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ./ DEVO RESSALTAR QUE APESAR DE UMA DETALHADA INSTRUÇÃO DAS COORDENADORAS DE COMO CHEGAR AO LOCAL / PELOS MAIS DIVERSOS MEIOS E CAMINHOS,/ EU AINDA ASSIM CONSEGUI ME PERDER. / MAS DEPOIS,/ ENCONTREI.</p> <p>AGORA SIM,/ VAMOS AO ACONTECIMENTOS DESTE DIA/</p> <p>PRIMEIRAMENTE EU ESTAVA DEVERAS ANIMADO POIS SABIA QUE HAVERIA UM LANCHE, /JÁ QUE NÓS E A COORDENAÇÃO HAVIAMOS ORGANIZADO UMA COLETA EM DINHEIRO PARA A COMPRAR OS COMES E BEBES./ INICIAMOS NO ESPAÇO CHAMADO “SALA CRIATIVA”,/ NA QUAL FOMOS CONVIDADOS A EXPLORÁ-LA/ , FICAMOS LIVRES PARA CONHECER A SALA,/ VERIFICAR SEUS OBJETOS,/ SEUS LIVROS, / E PESQUISAR O LOCAL.//</p> <p>EU CONHECI ALGUMAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS QUE EU NEM FAZIA MUITA IDEIA PARA O QUE SERVIA,/ OU O QUE AQUILO TRABALHAVA/ , MAS/ MESMO ASSIM/ ME DEIXOU MUITO INTERESSADO./ ME RECORDO QUE FICAMOS BEM EMPOLGADOS COM OS RECURSOS ALI ENCONTRADOS,/ QUE INCLUSIVE,/ FORAM CRIADOS E CONFECCIONADOS PELOS PRÓPRIOS ESTUDANTES DA PÓS GRADUAÇÃO DO PROGRAMA/ ESSES MATERIAIS FAZEM PARTE DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO E SÃO CHAMADOS DE PRODUTOS</p>



EDUCACIONAIS.//

TAMBÉM PRECISO DESTACAR AS MARAVILHAS QUE EXISTEM DENTRO DO NITAE:/ O LOCAL É SIMPLEMENTE SENSACIONAL,/ COM UM APARATO TECNOLÓGICO / (E AQUI, NEM ME REFIRO A, SOMENTE, AS TECNOLOGIAS DIGITAIS) / QUE, / RARAMENTE, / É ENCONTRADO EM OUTROS LOCAIS DA UNIVERSIDADE/ INFELIZMENTE. / PERCEBI QUE, / COM A UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS QUE ALI ESTÃO DISPOSTAS, / O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES SE TORNA MAIS ATRAENTE E PRAZEROSO, / PELO MENOS PARA MIM FOI.//

DEPOIS, COMEÇAMOS A CONVERSAR SOBRE A REGÊNCIA QUE IRIAMOS FAZER NAS TURMAS/, EM DUPLAS,/ CHAMADA POR NÓS DE “RODA DIALÓGICA LITERÁRIA’, / EM UM DIA ACORDADO COM AS PROFESSORAS/ TRABALHANDO NA PERSPECTIVA DISCURSIVA./ ESSA ATIVIDADE ONDE NÓS IRIAMOS CONDUZIR TODO O PROCESSO, / CONSISTIA EM FAZERMOS AS LEITURAS DO LIVROS QUE FORAM ORGANIZADOS EM CADA SALA BUSCANDO ANALISAR QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE ELES TRAZEM PARA A ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS / E FAZER A LEITURA DO LIVRO DA SMOLKA (2012) “A CRIANÇA NA FASE INICIAL DA ESCRITA (O LIVRINHO AMARELINHO)/ PARA PODERMOS NOS APROPRIAR DO PROCESSO DISCURSIVO DE ALFABETIZAÇÃO. //

TAMBÉM CONHECEMOS UM OUTRO ESPAÇO / O AUDITÓRIO DO NITAE / ONDE TAMBÉM OCORRE AS AULAS E FORMAÇÕES DO PPGCIMES/ AINDA DENTRO DO PRÉDIO DO NITAE/ INICIAMOS COM UMA RODA DE ESTUDOS SOBRE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DISCURSIVA,/ TENDO COMO BASE ANA LUIZA SMOLKA./ LANÇAMOS MÃOS DE



APONTAMENTOS DE SUA TEORIA/ E ARTICULAÇÃO COM AS EXPERIÊNCIAS OCORRIDAS NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA. / MAIS UMA VEZ/ AS RICAS TROCAS DAS EXPERIÊNCIAS/ RELACIONANDO COM AS TEORIAS DA ALFABETIZAÇÃO,/ NOS MOSTRARAM QUE ESTAMOS CAMINHANDO PARA A TRANSFORMAÇÃO DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NESTA INSTITUIÇÃO.//PERSPECTIVA DISCURSIVA QUE VISUALIZAMOS EM TODO PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO EM SALA DE AULA NAS DUAS TURMAS DO 1º ANO COM AS ALFABETIZADORAS NÁDIA PANTOJA E LEILANE PESSOA. ALÉM DA TURMA DA PROFESSORA MAIARA XAVIER.

/ APOS ISSO, / REUNIMOS SOBRE COMO FICARIA NOSSA AGENDA FINAL E PRINCIPALMENTE SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO VI CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO, O CONBALF, / PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALFABETIZAÇÃO (ABALF) E ORGANIZADO PELO LEIA E PELO LASEA- LABORATORIO SERTÃO DAS ÁGUAS, QUE PELA PRIMEIRA VEZ, ESTARIA SENDO REALIZADO NA REGIÃO NORTE, DENTRO DA UFPA, EM AGOSTO DE 2023,/ UM DOS GRANDE MOMENTOS HISTÓRICOS PARA NÓS,/ POIS NÃO APENAS ORGANIZAMOS,/ COMO APRESENTAMOS TRABALHO,/ MEDIAMOS TRABALHO E CONHECEMOS ANA LUIZA SMOLKA FRENTE A FRENTE!/ NOSSO LIVRO AMARELINHO TIVE VIDA!//

POR FIM,/ MAS NÃO MENOS IMPORTANTE (RS), / OCORREU UM LANCHE COLETIVO,/ ONDE PUDEMOS CONVERSAR E DESFRUTAR DA PRESENÇA DE CADA UM QUE ALI ESTAVA./ MANO E MANA, / A MESA ESTAVA FARTA! / EU NÃO SABIA NEM O QUE COMER DE TANTAS OPÇÕES QUE HAVIAM. //



**LOC 4**

PODERIA FICAR AQUI HORAS E HORAS,/ EPISÓDIOS POR EPISÓDIOS, /; MAS COMO DIZEM,/ EM ALGUM MOMENTO PRECISAMOS DAR UM JA ME VU/ MAS QUERO DEIXAR REGISTRADO A EXPERIÊNCIA INCRÍVEL QUE VIVI,/ POIS ACOMPANHAR ESSAS CRIANÇAS QUE ACABARAM DE SAIR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E INICIARAM O PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL/ FOI DESAFIADOR,/ TANTO PARA ELAS COMO PARA NÓS. / E AJUDÁ-LAS COM A ESCRITA E A LEITURA DE SEUS NOMES NO PRIMEIRO SEMESTRE / E TAMBÉM COM O USO DAS LETRAS CURSIVAS FOI BASTANTE TRABALHOSO,/ MAS MUITO PROVEITOSO.//

ESTE PROJETO,/ COORDENADO PELA PROFESSORA DRA. ELIZABETH OROFINO LUCIO JUNTO DA PROFESSORA MESTRANDA JESSIKA ASSIZ NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA / , INCENTIVOU A FORMAÇÃO DOCENTE,/ TANTO NO ENSINO SUPERIOR COMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA./ RESSALTO PRINCIPALMENTE, O QUE DIZ RESPEITO A ATUAÇÃO DA PROFESSORA NÁDIA PANTOJA,/ NOSSA PROFESSORA NO PROJETO NA TURMA 1003 DO 1\* ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EAUFPA,/ QUE NOS ENSINOU A SERMOS PESSOAS CAPACITADAS,/ COMO FUTUROS PROFESSORES, / SEMPRE MUITO DEDICADA E RESPONSÁVEL, E FAZ USO DA PROPOSTA DE UMA ALFABETIZAÇÃO COMO PROCESSO DISCURSIVO BASEADA NO REFERENCIAL TEÓRICO DE ANA LUIZA BUSTAMANTE SMOLKA (2012). //

O COTIDIANO NA SALA DE AULA É UMA EXPERIÊNCIA FANTÁSTICA PARA QUEM PRETENDE SER UM EDUCADOR,/ É CANSATIVO, MAS AO MESMO TEMPO É PRAZEROSO TER A OPORTUNIDADE DE VIVENCIAR / JUNTO COM A CRIANÇA/ O SEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO EM BUSCA DA APRENDIZAGEM NO PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA. / VIVENCIAR A ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS, / TORNA- SE UM MOMENTO DE



DESCOBERTAS/ , POIS CONSIDERO A CRIANÇA COMO SER QUE PENSA,/ QUE SENTE,/ E SIM TEM SUAS OPINIÕES,/ AS QUAIS DEVEMOS E PODEMOS APROVEITAR COMO MEIOS DE CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM. //

ESSE COTIDIANO TAMBÉM NOS PROPICIOU UMA APROXIMAÇÃO DIÁRIA/ , DE NÓS, / ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA COM A PRÁXIS PEDAGÓGICA, / COM AS CRIANÇAS,/ COM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS E TODOS OS OUTROS ENVOLVIDOS./ O PROJETO FEZ EXPERENCIAMOS O QUE REALMENTE ACONTECE EM UMA SALA DE AULA DE ALFABETIZAÇÃO/ E ESSA TROCA DE EXPERIÊNCIAS FAVORECEU A FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE DOCENTES MAIS ENGAJADOS E COMPROMETIDOS EM SEREM PROFESSORES ALFABETIZADORES.//

SER PROFESSOR ALFABETIZADOR REQUER REVER SUA PRÁXIS,/ DE FORMA A PROPORCIONAR ÀS CRIANÇAS ESPAÇOS DE DISCUSSÕES, DE ELABORAÇÃO DE IDEIAS PRÓPRIAS QUE VENHAM FAVORECER E FORTALECER O PROCESSO DE CRESCIMENTO E APREENSÃO DA LINGUAGEM ESCRITA,/ APROVEITANDO O SABER PRÉ-EXISTENTE DAS MESMAS/ TORNANDO-SE,SUJEITOS QUE ENSINA E SUJEITOS QUE APRENDE/

A IMERSÃO NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ NOS PROPICIOU EXPERIÊNCIAS IMPORTANTES PARA NOSSA FORMAÇÃO,/ NOS AJUDANDO A CONSOLIDAR CONTEÚDOS QUE AINDA ESTAVAM VAGOS NO DECORRER DA FACULDADE. / O PROJETO É ESSENCIAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES. / ESTA FOI UMA EXPERIENCIA MUITO PRAZEROSA E SIGNIFICATIVA NO NOSSO PROCESSO PROFISSIONAL E PESSOAL. //



COM ISSO, AS SUGESTÕES QUE PODEMOS INSERIR AOS FUTUROS ALFABETIZADORES QUE IRÃO TRABALHAR A LEITURA E A ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DENTRO DA ALFABETIZAÇÃO É /: OUÇAM AS VOZES DAS CRIANÇAS. / OUVIR AS VOZES DAS CRIANÇAS E O QUE ELAS TEM A DIZER COM TODO O PRAZER, NOS FAZEM SER MAIS FIRMES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, / POIS É OUVINDO AS CRIANÇAS QUE ENTENDEMOS O SEU VERDADEIRO EU E AS SUAS DIFICULDADES EM RELAÇÃO À LEITURA E ESCRITA/ O PODER DA PALAVRA E DA ESCUTA É NECESSIDADE NOS DIAS ATUAIS,/ POIS ASSIM A ALFABETIZAÇÃO SE TORNA MAIS PRAZEROSA PARA QUEM ENSINA E PARA QUEM APRENDE.//

E PODER NARRAR TUDO ISSO, POR MEIO DAS CARTAS, MESMO QUE DE FORMA BREVE SOBRE OS MOMENTOS VIVIDOS,/ ACABAM POR NOS TRAZEREM LEMBRANÇAS QUE,/ QUANDO ESCRITAS, / TEMOS O PRAZER DE MOSTRÁ-LAS PELAS NOSSAS MEMÓRIAS. / ALGUNS MOMENTOS FICARÃO MARCADOS PARA SEMPRE. //

E OLHA, FICA ESPERTO, QUE JA JÁ POR AQUI APAREÇO NOVAMENTE, PARA TE CONTAR OUTROS CAUSOS QUE VIVEMOS EM NOVAS VIAGENS DENTRO DO NAVIO DA INDUÇÃO PEDAGÓGICA DA ALFABETIZAÇÃO. E JA TE ADIANTO, QUE SERÁ TÃO BOM AÇAI DO GROSSO!

TE CONVIDO A ESPERAR NOVAMENTE PELO NOSSO MERGULHO, AGORA EM OUTRO RIO.

UM ABRAÇO CHEIO DE PAVULAGEM, BANHO DE CHEIRO E PATCHOULI.



SOBE MÚSICA DE TRANSIÇÃO	-----
<b>LOC 5</b>	<p>ESSE EPISÓDIO É DEDICADO A TI, QUE ME OUVIU ATÉ AQUI./ OBRIGADA PELA ESCUTA SINCERA E AFETUOSA/ POR ME DAR A OPORTUNIDADE DE CHEGAR ATÉ TI/ E POR ME OUVIR DAQUI DE ONDE EU FALO PRA TI/ , DESSA TERRA DE ENCANTARIAS, COMIDAS SABOROSAS/ POVO BONITO, GENTIL, FALADOR E CALOROSO. //</p> <p>O PODCAST, AO MENOS PARA MIM, NÃO APENAS ME CONECTA COM OUTRAS PESSOAS, ME CONECTA PRINCIPALMENTE COMIGO MESMA. NO SENTIDO DE AUTOCONHECIMENTO, AUTOFORMAÇÃO E AUTOBIOGRAFIA./ COMPETÊNCIAS FUNDAMENTAIS PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DE ENSINAGEM. / CONHECER SOBRE SI INTERFERE EM COMO APRENDO E EM COMO ME RELACIONO COM O OUTRO E COMO ENSINO O OUTRO, AFINAL, ENSINO PORQUE APRENDO./</p> <p>COMO MENINA APRENDI QUE O TEMPO ATRAVESSA E ENSINA/ E COMO MULHER, APRENDI QUE O TEMPO ATRAVESSA E MARCA. / ENTÃO QUE ESSE PODCAST TI ATRAVESSE, TI ENSINE E TI TOQUE, COMO NOS DIZ JORGE LARROSA, AUTOR QUE NOS EMBALOU EM CADA MERGULHO NESSAS EXPERIÊNCIAS.//</p> <p>ASSIM, EU TI CONVIDO A SE PERGUNTAR: O QUE TENS DEIXADO TE ATRAVESSAR?//</p> <p>OBRIGADA, POR TER, JUNTO COMIGO, EXPERIENCIADO UM JEITO NOVO DE VIVER A FORMAÇÃO. TE ENCONTRO DO OUTRO LADO DA MARGEM DO RIO PARA CONTINUARMOS NOSSA JORNADA. ATÉ O PROXIMO EPISÓDIO! //</p>



**LOC 6**

(MÚSICA DE ENCERRAMENTO AO FUNDO)

VOCÊ OUVIU O PODCAST “VOZES DOCENTES”..//

PESQUISA/ ROTEIRO/ APRESENTAÇÃO E PRODUÇÃO://

JESSIKA SILVA LAGO DE ASSIZ//

ORIENTAÇÃO://

PROFESSORA DOUTORA ELIZABETH OROFINO LUCIO//

EDIÇÃO DE ÁUDIO E LOCUÇÃO DE ENCERRAMENTO://

WILLIAM TEIXEIRA DA SILVA GONÇALVES..//



TRILHA SONORA DA VINHETA DE ABERTURA://

“CAMINHONEIRO” E “AVENTUREIRO”/ DE ROBERTO VILLAR/ COM SOLO INTERPRETADO POR AMOM CRUZ.// DISPONÍVEL NO CANAL AMOM CRUZ NO YOUTUBE.//

TRILHA SONORA DO EPISÓDIO://

“SOLO DE CRAQUE”/ POR ALDO SENA/ EXTRAÍDO DO ÁLBUM ALDO SENA LANÇADO PELA GRAVADORA SOM LIVRE NO ANO DE 1983.//

“FARM” / POR KEVIN MACLEOD/ DISPONÍVEL NO SITE INCOMPETECH.COM.//

“SOME SOUL” / POR JOI VEER / DISPONÍVEL NO SITE FREEPLAYMUSIC.COM.//

“ENJOIT” / POR ROGER SUBIRANA MATA.// EXTRAÍDO DO ÁLBUM “POINT OF NO RETURN” /



	<p>GRAVADO NO ANO DE 2008.// DISPONÍVEL NO SITE JAMENDO.COM.//</p> <p>.“PODCAST VOZES DOCENTES/NARRATIVAS DE INDUÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO/ UM NOVO JEITO DE EXPERIENCIAR A FORMAÇÃO//</p>
--	--

Fonte: Produzido pela autora do trabalho, Jessika Assiz. Adaptado de William Teixeira Gonçalves (2020).

